

REVISTA

(TRIMESTRAL)

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO EM 1838

VOLUME 191

ABRIL - JUNHO

1946

Hoc facit ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRETOR
CLAUDIO GANNS



1947

IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO - BRASIL

GENEALOGIA BAIANA

ou o CATÁLOGO GENEALÓGICO de fr. Antônio de S. Maria Jaboatão,
adaptado e desenvolvido por

AFONSO COSTA

(Do Instituto Geográfico e Histórico e da Academia de Letras da
Baía. Da Academia Carioca de Letras e da Associação Brasileira
de Imprensa)

ÍNDICE DE FAMÍLIAS

(Os números seguidos correspondem à ordem em que estão elas no livro)

Aciolis 273
Afonso de Melo 1.164
Aguiar Daltro 372
Aguiar Vilas-Boas 987
Aguilar e Araújo 1.180
Aguirres 458
Albuquerque 32
Amorim Barbosa 535
Amorim Salgado 1.018
Antônio Ribeiro 369
Aragão de Sousa 1.202
Aragões 631
Aranha Pacheco 1.095
Araújo Góis 677
Araújo 220
Argolos 201
Armas 588
Armas de Brum 700
Ávilas 95
Azevedos 96
Baião 865
Baldes Barbosa 601
Baltazar Pereira 393
Barbosa Leal 1.097
Barbosa de Vasconcelos 1.142
Barbudas 308

Bárros Cardoso 1.125
Barros, Fajardos e Mesquitas 1.250
Barros Lôbo e Campos 856
Barros Magalhães 228
Barros Pimentel 324
Bezerras, Côrtes, Delpoços e Campelos 958
Bicudos 292
Bittencourt de Sá 834
Borges de Barros 1.076
Botelho de Oliveira 1.190
Bra 1.157
Brandão Coelho 610
Brito de Castro 847
Brito Freire 388
Bulhões 1.204
Calmons 880
Caramuru 1
Carneiro da Rocha 1.108
Carvalho Pinheiro 500
Casais avulsos 1.277 a 1.405
Cavalcantis 48
Cavalo de Carvalho 383
Coelho de Carvalho 302
Correia de Sande 1.184
Correia de Sousa 1.087
Correia de Vasconcelos 1.147
Costa de Almeida 779

Costa Dória 493
Couros Carneiro 974
Cunha Severim 1.186
Cunha Trinchão 1.006
Delgado Aires 415
Deusdará 832
Dias do Amaral 1.116
Dias de Figueiró 367
Dias de Meneses 1.015
Dormundos 419
Faria de Vasconcelos 407
Feio e Ferreira 556
Fernandes Pacheco 1.121
Fernandes do Rêgo 509
Ferreira de Bittencourt 699
Fiúsa Barreto 1.154
Fonseca Saraiva 461
Fonseca de Siqueira 709
Franca e Barros 372
Freitas 736
Freitas Amaral 524
Freitas Magalhães 582
Garcias 752
Gaspar Pereira 329
Gomes, Ferrão e Argolo 655
Gomes de Melo 319
Gomes de Sá 1.150
Gomes Vitória 404
Guedes de Brito 432
Holandas 61
Homem de Almeida 878
João Serrão 609
Leão Camelo 1.165
Lins 85
Lira de Aguiar 1.256
Lopes Franco 664
Lopes Girão 395
Lopes da Índia e Mendes Bravo 920
Lopes Soeiro 470
Machado Peçanha 1.236
Machado de Sá 941
Machado Velho 1.001
Madeira de Sá 519
Marinho Falcão 1.172
Mendes Bravo e Lopes da Índia 920
Mendes de Oliva 998
Mendes de Vasconcelos 1.144
Moniz Barreto 130

Moniz da Silveira 909
Monteiro de Abreu 1.254
Monteiro de Almeida 293
Moreiras 436
Mouras 191
Negreiros, Franca e Barbalho 477
Nunes Daltro 1.055
Nunes Leal 1.066
Oliveira de Carvalho 97
Pacheco de Castro 745
Pais de Azevedo 621
Pais Florian 953
Paiva e Brito 591
Palhares e Pereira da Silva 706
Paredes 453
Paruá de Brito 596
Pedroso Barbosa 945
Peixoto Viegas 874
Pereira Botelho 1.195
Pereira Coutinho 1.248
Pereira do Lago 933
Pimentel de Almeida 427
Pinto de Faria 1.161
Pires de Carvalho 1.028
Pissarro de Vargas 1.192
Rabelo de Azevedo 669
Rabelo de Macedo 1.103
Rafael Teles 380
Rebelo Falcão 784
Rocha Pita 766
Rocha de Sá 282
Rodrigues Palha 211
Rodrigues Palhete 1.199
Rodrigues da Silva 871
Sodré Pereira 803
Sousa, Espinha e Eça 240
Souto-Maior 723
Sutil de Siqueira 603
Teixeira de Mendonça 916
Troilo de Vasconcelos 287
Unhão Castelo-Branco 1.169
Vargas Cirne 730
Varjão de Faria 1.130
Vaz Sarraxe 540
Velho de Araújo 840
Vieira Ravasco 829
Zorilla 1.241

EXPLICANDO

Não tendo eu ascendentes em situação que possam ser incluídos em quadros genealógicos capazes de publicidade, pois que vergôntea de árvore pelo Destino sempre reduzida à condição rasteira, no entanto me sinto bem de consciência ao dedicar-me a estudos concernentes a pesquisas da genealogia de outros, notadamente dos da terra de meu nascimento, a cuja honra minha humilde labuta intelectual viveu entregue em todos os tempos. Isto pôsto, não esmiúço tais fontes por interesse próprio, nem me atribuo qualidades de genealogista, pois de tê-las me encontro distante, senão por demais ausente.

Em certa época, tendo-me dado a trabalhos de biografia, relativos a vultos e nomes de conterrâneos meus de maior merecimento nos domínios da inteligência, tentei a elaboração do *Dicionário de intelectuais baianos* e pude levantar inúmeros verbetes de referência, infelizmente não continuados e de uma vez por tôdas já agora esquecidos. Nesse tentame senti a necessidade, em tôrno de vários nomes, de buscas a ascendentes e antecedentes seus, para o dirimir de dúvidas aparecidas, quanto à origem deles, à sua identificação, aos seus merecimentos sociais e de inteligência. Um desses nomes, para exemplificar, foi Gonçalo Soares da Franca, religioso franciscano e poeta com gabos de Gregório de Matos, tido por uns como nascido na Baía, por outros no Espírito Santo. Muitos exemplos semelhantes poderia citar em justificativa de buscas a ascendentes e antecedentes, quando da elaboração dos meus labores genealógicos.

Para isso, entretanto, no concernente à Baía, só havia mais completa a obra de fr. Jaboatão, pernambucano e franciscano que beneditinamente viveu ali a cuidar de indaga-

ções e pesquisas tocantes à genealogia local, a mesma que é hoje do Estado. E dessa obra era mais importante e mais próprio o seu *Catálogo genealógico*, vindo a público, uma vez apenas, no volume 52 da *Revista Trimensal* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na convivência do frade amigo passei somados meses, em observações, em consultas, com esmiuçamento de sua obra, principalmente o *Catálogo*, porque de tal maneira este livro se organizou, que é difícil alguém sair dele com a colheita desejada. Por fim, levado no empenho de ser útil a outros, pude elaborar com tais recursos umas *Achegas genealógicas*, por subida gentileza publicadas na *Revista* do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, no vol. 61 (1935) de sua coleção. As *Achegas* obedeceram a método de organização que supus mais acertado, executando o trabalho segundo os casais que ao tempo se formaram, dando-lhes os nomes dos pais e dos filhos e, depois, os dispendo em ordem alfabética na publicação definitiva. Assim, quem quer que tivesse o nome de um cônjuge enumerado, poderia no livro verificar-lhe os ascendentes e descendentes mais próximos, na conformidade dos elementos fornecidos pelo *Catálogo genealógico* do laborioso franciscano. Outros casais baianos incorporei ao trabalho e todos lá ficaram como subsídio, que ainda agora reconheço de proveito, a quantos pretendam informes em volta da família conterrânea. Nas *Achegas* dei minha impressão do *Catálogo*, livro "sem método, do qual não se sabe quando se está no meio, porque se desconhece onde ficam o alfa e o ômega de sua composição". Suas "falhas são imensas, as contradições numerosas, as iterações incômodas à vista da

frequência, os nomes incompletos, errados, mal revistos”...

Mas as *Achegas* induziram alguém a supor que eu tivesse capacidade para tentativas em pesquisas ou, simplesmente, em trabalho de genealogia, ciência, se o quiserem, que depois compreendi ser muito profunda. Por isso ousei a elaboração de outros serviços no próprio *Catálogo genealógico* de fr. Jaboaão. Por que se tratasse de massa em que as minhas mãos obreiras já haviam trabalhado e ainda por ser isso do interesse da Baía, não medi sacrifício no desempenho e atirei-me à empreitada.

Sugeriram-me fôsse feita a atualização do *Catálogo*. Pensei e repensei nessa atualização e senti o vulto das dificuldades postas ao meu caminho. E considerei que atualizar seria pôr o livro em condição do momento, dando às famílias ali contempladas o seguimento até aos nossos dias; ou seria dispô-lo à feição atual para uma leitura à prova das utilidades na consulta; ou ainda, deixando-o como fôra concluído, anotá-lo convenientemente, de maneira a corresponder às necessidades atuais. De qualquer feição, entretanto, ao meu esforço a cometida era de impossível execução, muito além de difícil para o meu valer.

Mas de cogitação em cogitação no sentido de um plano mais ou menos consentâneo, cheguei a concluir o que aí está. Submeti o famoso *Catálogo* à forma que me pareceu aceitável, utilizando-me da sistematização adotada pelo Instituto Genealógico Brasileiro, e assim descrevendo cada família, desde seu estabelecimento na Baía, até a inclusão de seu último descendente, de que eu tivesse notícia verdadeira.

Dêssê proceder, como o livro de Jaboaão só alcançasse, quanto a determinadas individualidades até 1768 (*), ensejo se me ofereceu de recorrer a outros genealogistas no referente a contribuições, publicadas e inéditas, quanto às famílias estudadas, aproveitando-lhes o que

fôsse necessário complementarmente. Tais contribuições, muito me ufano em afirmar, procederam dos distintos conterrâneos Orlando Guerreiro de Castro, Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque, Antônio Pinto de Sousa Dantas, Mário Tôrres, J. Teixeira Barros principalmente, porque elementos outros, mas esparsos, recolhi, em mais das vezes, de publicações do Instituto Genealógico Brasileiro, da Biblioteca Nacional e do Instituto Geográfico e Histórico da Baía. Com o intuito de apresentar trabalho de certo modo completo, sempre que nomes baianos se envolviam com pernambucanos, ou vice-versa, recorri à abundante seara de Borges da Fonseca, através de sua opulenta *Nobiliarquia pernambucana*, posterior ao *Catálogo* de Jaboaão, mas o fiz apenas para o fim de esclarecer ou completar.

Na organização do livro tive em mira dispor as famílias em ordem cronológica, iniciando-as com Diogo Álvares e o seu século, o 16, depois passando aos 17 e 18, mas no desenvolvimento do trabalho, cujos verbetes iam sendo numerados de pronto, para a regularidade da própria sistematização, compreendi não ser possível inteiramente cumprir assim, a ordem numérica, porquanto nomes do século 16 muitas vezes me deparavam quando já fixadas famílias de épocas posteriores. Todavia, algo se fêz nesse propósito. Também as sucessões aqui se deram na representação dos filhos, considerando que as filhas se passavam a completar casais com filhos de outras famílias, e desta sorte, em se querendo buscar a seguida das gerações, bastará a consulta ao índice onomástico geral, para o resultado em vista. Por exemplo: os Pires de Carvalho se iniciaram com Domingos Pires de Carvalho e este se introduziu na família dos Ávilas e passou a ocupar-lhe a preeminência, enquanto a família dos Ávilas se extinguia com a última filha. E porque não era recomendável a inclusão de nomes nos dois grupos de famílias, os de filhos e os de filhas, veio a ser formado o terceiro grupo, composto dos ramos avulsos que não compõem árvore. E assim todos os nomes do *Catálogo genealógico* de Jaboaão estão repeti-

(*) O *Catálogo* ficou encerrado em 1768, como está no frontispício, mas no texto há referência a 1772 (pág. 121,7) e 1775 (página 84,2).

dos no presente livro, como o estão os que consegui acrescentar, para a atualização determinada.

Releva salientar que não sendo o *Catálogo*, nem esta *Genealogia baiana*, obra realmente genealógica, nos termos da ciência, não houve o intuito, do autor de um nem do outro livro, de entrar em indagações relativas a individualidades contempladas, quanto a origem, hábitos, costumes, situação social e intelectual, biografia, enfim, das mesmas, pois o que se fez e se pretendeu fazer foi reunir nomes e os dispor segundo as famílias que se formaram. De tal modo a dispensa, por mim feita, das contribuições insertas no *Catálogo* referentes a procedência portuguesa. Que valeria histórico distendido em volta de certo nome, pensei eu, no tocante às suas distantes origens portuguesas, quando isso se dava apenas para reduzido número dêles, com omissão absoluta da quase totalidade, e ainda quando me faltavam fontes verdadeiras para os buscar, comprovar e reunir?

Nunca alimentei a suposição de que estivesse aqui fazendo genealogia, senão reunindo e somando subsídios genealógicos para genealogistas que se dêem a estudos especiais a respeito de nomes de famílias formadas e desenvolvidas na minha terra.

A tais subsídios eu pediria se adicionassem posteriormente informes capazes de completá-los, solicitados os descendentes das famílias baianas a êsse proceder sobremaneira nobilitante, o de fazer-se a reabilitação histórica da organização da família na terra em que Diogo Álvares se revelou e a revelou, e onde iniciou o povoamento do Brasil. Alguém que se exponha ao sacrifício de ler estas palavras, poderá trazer sua parte nessa contribuição, qualquer mínima informação exata de referência à sua família, corrigindo e completando o que êste livro encerra ou fornecendo elementos em torno de outras famílias baianas. Tivessem eco as minhas palavras e se viria mais tarde a realizar obra de real proveito com êsse objetivo, assegurando feliz resultado para o nome da Baía, senão do Brasil.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que consubstancia a vida histórica mais dilatada e mais difundida do Brasil, inspirada e patrioticamente procedeu no autorizar a publicação dêste livro, pois a sua *Revista Trimestral* é que dera a público, em 1889, o *Catálogo genealógico* de fr. Jaboatão. Ao Instituto e aos seus diretores, minhas homenagens.

Junho de 1946.

FAMÍLIAS CONSTITUÍDAS

O CARAMURÚ

1 — *Diogo Alvares*, o Caramuru, foi o principal povoador do Brasil ou o patriarca da colonização nacional. Na sua ignorância e da própria selvageria a que se habituou, muito produziu para a civilização que aí está. Tendo chegado à Baía, naufrago desembarcado na Mariquita em 1510, passou a viver com a amerígena Guaibimpará, ou Catarina Paraguaçu, com quem veio a ser casado e que muito se lhe afeiçoou e ajudou na obra de civilizar a nova terra. O historiador fr. Vicente do Salvador, que a conheceu, chama-a Luisa Alvares. O rei tinha-o em distinto aprêço, conforme a carta em que lhe recomendava o governador Tomé de Sousa, ao vir para o Brasil. Diogo faleceu a 5 de outubro de 1557 e Catarina a 26 de janeiro de 1583. Com Guaibimpará e outras nativas teve ele êstes filhos:

F 1 Gaspar Alvares, c. c. Maria Rabelo.

F 2 Marcos Alvares, mediador nos momentos de pazes entre nativos e lusitanos, ante solicitações de Garcia de Ávila e de Mem de Sá.

F 3 Manuel Alvares e

F 4 João Alvares, mortos em combate com os nativos de Jequiricá, ao tempo da morte de Fernão de Sá, filho de Mem de Sá.

F 5 Felipa Alvares, c. c. Paulo Dias Adôrno

F 6 Madalena Alvares, c. c. Afonso Rodrigues.

F 7 Helena Alvares, c. c. João Luís.

F 8 Isabel Alvares, c. c. Francisco Rodrigues.

F 9 Catarina Alvares, c. c. Gaspar Dias.

F 10 Brites Alvares, c. c. Antão Vaz.

Tiveram legitimação, nascidos de Catarina Paraguaçu, estas filhas:

F 11 Ana Alvares, c. c. Custódio Rodrigues Correia.

F 12 Genebra Alvares, c. c. Vicente Dias.

F 13 Apolônia Alvares, c. c. João de Figueiredo Mascarenhas.

F 14 Grácia Alvares, c. c. Antão Gil.

2 — F 1 *Gaspar Alvares* c. c. Maria Rabelo, irmã de Lopo Rabelo, o qual, vindo com ela de Arzila, na África, onde morava e perdeu quanto possuía, veio a ser, na Baía, indenizado pelo rei com o cargo de escrivão da alçada. Não consta descendência sua.

3 — *Paulo Dias Adôrno*, citado como fidalgo genovês, passou-se de S. Vicente para a Baía, numa canoa, com o seu amigo Afonso Rodrigues, ambos fugindo aos castigos por terem cometido ali um homicídio. Contando com as graças do casal Diogo Alvares e Catarina Paraguaçu, casou-se com uma sua filha, Felipa Alvares e aí muito trabalhou pela colonização, merecendo o aprêço do rei. Pais de:

F 1 Catarina Dias Adôrno, c. c. Francisco Rodrigues.

F 2 Antônio Dias Adôrno, c. c. Antônia Fogaça.

4 — *Francisco Rodrigues*, do qual não se sabe notícia da origem nem da exis-

tência, é referido como tendo se casado com Catarina Dias Adôrno, filha de Paulo Dias Adôrno e de Felipa Álvares, a 1 de janeiro de 1552, paraninfado o ato pelo governador Tomé de Sousa.

5 — F 2 *Antônio Dias Adôrno* c.c. Antônia Fogaça, filha de Diogo Zorilla e de Catarina Rios. Jaboatão não refere o casamento de Antônio. Consta o seu falecimento por volta de 1583. Pais de:

F 1 Margarida Adôrno, c.c. Álvaro Rodrigues.

6 — *Afonso Rodrigues* era natural de Óbidos e encontrava-se em S. Vicente. Autor de homicídio na parceria de Paulo Dias Adôrno, com êle veio para a Baía e aí recebeu o acolhimento do casal Diogo Álvares e Catarina Paraguaçu, merecendo-lhe a filha Madalena Álvares como espôsa. Pais de:

F 1 Álvaro Rodrigues, c.c. Margarida Adôrno.

F 2 Rodrigo Martins.

F 3 Gaspar Rodrigues.

7 — F 1 *Álvaro Rodrigues*, também chamado o *Caramurú*, como seu avô, era cavaleiro fidalgo, com brasão de armas de nobreza, o hábito da ordem de Avis e quatro léguas de terra, em recompensa dos seus feitos. Filho de Afonso Rodrigues, “um dos primeiros fundadores e povoadores destas terras da Baía”, conforme petições suas de 23 de janeiro de 1593 e 26 de setembro de 1594 mandadas ao rei e que deram ensejo à carta régia de 24 de dezembro de 1607. Senhor de engenho em Cachoeira, aí residia e desenvolvia suas atividades. Seu casamento se teria dado com Margarida Adôrno, filha de Antônio Dias Adôrno e de Antônia Fogaça. Pais de:

N 1 Afonso Rodrigues Adôrno, c. c. Maria Dias de Sousa.

N 2 Maria Adôrno, c. c. Martinho de Ugim.

N 3 João Rodrigues Adôrno.

8 — F 2 *Rodrigo Martins* teria sido capitão de nativos. Gabriel Soares atribue-lhe o levantamento de propriedades em Cachoeira, onde em 1602 se contavam algumas aldeias.

9 — F 3 *Gaspar Rodrigues* foi o instituidor da capela do Iguaúpe, na Cachoeira, onde se casavam os de sua família e se sepultavam os despojos dos parentes. Falecido a 29 de setembro de 1606.

10 — N 1 *Afonso Rodrigues Adôrno* foi para a Índia aí por 1604 e de volta à Baía recebeu a nomeação de capitão e administrador dos nativos nas aldeias de Cachoeira, conforme provisão de 9 de dezembro de 1607 do governador Diogo Botelho. Mereceu ainda nomeação, em 25 de julho de 1639, do governador Conde da Torre. Com Maria Dias de Sousa casou aos 24 de novembro de 1656, na igreja instituída por seu tio Gaspar Rodrigues. Faleceu a 7 de abril de 1665, deixando filhos:

Bn 1 Gaspar Rodrigues Adôrno c. c. Felipa Álvares.

Bn 2 Agostinho Pereira.

Bn 3 João Rodrigues Adôrno.

11 — N 2 *Maria Adôrno* c. c. Martinho de Ugim e faleceu a 23 de novembro de 1667, com sepultura na igreja de Gaspar Rodrigues. Foram testamentários seus o marido e o filho

Bn 4 Afonso Rodrigues de Ugim.

12 — Bn 1 *Gaspar Rodrigues Adôrno* nasceu aos 24 de junho de 1624, c.c. Felipa Álvares, filha de Francisco Dias e Maria Fernandes. Ocupou várias posições na administração e no combate aos nativos. Grande proprietário em Cachoeira, com autoridade que ia de Boipeba ao Itapicuru e Orobó. Dele disse

o governador Conde de Óbidos, em 23 de setembro de 1664: "Não há pessoa mais inteligente, nem a que o gentio bárbaro respeite mais pela tradição e conhecimento que tem de seus avós, que o capitão-mór Gaspar Rodrigues Adôrno". Nas lutas com os nativos foi morto em 1678, ficando-lhe os filhos:

3n 1 João Rodrigues Adôrno, c. c. Úrsula de Azevedo.

3n 2 Maria Adôrno, c. c. Manuel de Araújo de Aragão.

Tn 3 Álvaro Rodrigues Adôrno, batizado a 14 de janeiro de 1654.

13 — Bn 2 *Agostinho Pereira*. Não se lhe citam casamento e descendência. Alguns atos oficiais o dão Agostinho Pereira Bacelar. Teve cargos, posições e riqueza, semelhante aos irmãos. Morreu em 1677 em combate com os nativos. Seu merecimento está referido em documentos públicos.

14 — 3n 1 *João Rodrigues Adôrno* c. c. Úrsula de Azevedo. Por patente de 4 de junho de 1673 foi capitão de ordenanças de Cachoeira, localidade que sempre o considerou um benemérito, tantos os serviços de que a dotara. Com seu pai serviu de testamenteiro de seu avô. Faleceu a 4 de janeiro de 1743.

15 — *João Luís* c.c. Helena Álvares e Catarina Paraguaçu e teve filhos:

F 1 Tomé Luís.

F 2 Antônio Luís, batizado a 13 de novembro de 1558.

F 3 Salvador Luís.

F 4 Inês Luís, c. c. Antônio Rodrigues Prior.

16 — *Francisco Rodrigues* c. c. Isabel Álvares, filha de Diogo Álvares e Catarina Paraguaçu, e teve filhos:

F 1 Henrique, batizado a 3 de abril de 1554.

F 2 Felipe, batizado a 2 de maio de 1557.

F 3 Maria, batizada a 29 de janeiro de 1559.

F 4 Joana Rodrigues, c. c. Gaspar de Melo.

17 — *Gaspar Dias* c. c. Catarina Álvares, filha de Diogo Álvares e de Catarina Paraguaçu, embora Jaboaão alimemente dúvida quanto à procedência do casal. São filhos seus:

F 1 Isabel, batizada a 4 de setembro de 1557.

F 2 Maria, batizada a 7 de maio de 1559.

F 3 Manuel, batizado a 25 de março de 1567.

F 4 João, batizado a 30 de julho de 1568.

F 5 Ana, batizada a 27 de julho de 1579.

18 — *Antão Vaz*, ou Antônio Vaz, c. c. Brites Álvares, filha de Diogo Álvares e de Catarina Paraguaçu, tendo filhos:

F 1 Gonçalo Vaz.

F 2 Jerônimo Vaz.

F 3 Maria Gonçalves, c. c. Baltazar Margalho, de Acupe.

19 — *Custódio Rodrigues Correia*, pessoa nobre, pertencente às primeiras famílias de Santarem, em Portugal, donde era natural, veio para a Baía e aí c. c. Ana Álvares, filha de Diogo Álvares e de Catarina Paraguaçu, tendo filhos:

F 1 Marçal Rodrigues Correia, vigário de Vila Velha.

F 2 André Rodrigues Correia, capitão.

F 3 Paulo Rodrigues Correia, batizado a 15 de abril de 1556.

F 4 Lourenço Rodrigues Correia.

F 5 Jorge Álvares Correia, batizado a 27 de abril de 1558.

F 6 Isabel Rodrigues, c. c. João Amante.

F 7 Maria Correia, c. c. Aires da Rocha Peixoto.

20 — *Vicente Dias*, procedente de Beja, na província de Alentejo, era moço fidalgo da casa do infante D. Luís. Vindo para o Brasil, c. c. Genebra Álvares, filha de Diogo Álvares e de Catarina Paraguaçu, tendo filhos :

F 1 Diogo Dias, c. c. Isabel de Ávila.

F 2 Maria Dias, c. c. Francisco de Araújo.

F 3 Lourenço Dias.

F 4 Belchior Dias.

F 5 Vicente Dias.

F 6 Catarina Álvares, c. c. Baltazar Barbosa de Araújo.

F 7 Andresa Dias, c. c. Diogo de Amorim Soares.

F 8 Francisca Dias, c. c. Antônio de Araújo e Francisco de Aguiar.

21 — F 1 *Diogo Dias* c. c. a viúva Isabel de Ávila, filha de Garcia de Ávila e da amerígena Francisca Rodrigues. Viveu sempre em Itapuã, onde tinha propriedade e onde um penedo ali encontrado tinha o seu nome, para determinar-lhe o domínio. Faleceu a 10 de novembro de 1597, sendo sepultado na igreja da Misericórdia, local em que tivera sepultura a sua mulher, falecida a 18 de outubro de 1593. São filhos do casal :

N 1 Francisco Dias de Ávila, c. c. Ana Pereira.

N 2 Mecia Dias.

N 3 Maria Dias.

N 4 Francisco Fernandes.

22 — N 1 *Francisco Dias Ávila* teve o título de cavaleiro fidalgo. Aos 20 de janeiro de 1621 c. c. Ana Pereira, filha de Manuel Pereira Gago e de Catarina Fogaça. Ana faleceu a 18 de julho de 1645, com sepultura na capela da Tôrre. Teve um filho :

Bn 1 Garcia de Ávila Pereira, c. c. Leonor Pereira.

23 — Bn1 *Garcia de Ávila Pereira* foi capitão de ordenanças e teve o fôro de fidalgo. A 8 de junho de 1642 c. c. Leonor Pereira, filha de Manuel Pereira Gago e de Catarina Fogaça, falecida a 13 de junho de 1686, com jazigo na capela da Tôrre. O casal teve filhos :

Tn 1 Francisco Dias de Ávila, c. c. Leonor Pereira Marinho.

Tn 2 Bernardo Pereira Gago.

Tn 3 Catarina Fogaça, c. c. Vasco Marinho Falcão.

24 — Tn 1 *Francisco Dias de Ávila* era um ousado conquistador de domínios. Foi coronel de expedições contra os nativos, vencendo-os, escravizando-os ou degolando-os, quando os não vencia. Tinha tanta grandeza de terras quanto de prestígio. Casou-se com Leonor Pereira Marinho, batizada a 10 de setembro de 1691, filha de Vasco Marinho Falcão e de Catarina Fogaça, tendo do casal um filho :

4n 1 Garcia de Ávila Pereira, c. c. Inácia de Araújo Pereira.

Com Clara Dias teve os bastardos :

4n 2 Francisca Dias, c. c. Alexandre Gonçalves de Barros.

4n 3 Clemência Dias, c. c. João Vieira de Lima.

4n 4 Albina de Ávila.

25 — 4n 1 *Garcia de Ávila Pereira* teve o fôro de fidalgo cavaleiro concedido pelo rei Pedro 2.^o em 1696, à vista de requerimento de sua mãe, com promessa

de avultadas compensações. Como seu pai, foi coronel de ordenanças. Casou-se com Inácia de Araújo Pereira, batizada a 16 de abril de 1684 e falecida a 29 de setembro de 1773, filha de Tomé Pereira Falcão e de Inácia de Araújo, casamento realizado a 9 de abril de 1707. Houve um filho:

5n 1 Francisco Dias de Ávila, c. c. Catarina Francisca Correia de Aragão.

26 — 5n 1 *Francisco Dias de Ávila* foi mestre de campo do terço da Tôrre, primeiro neste pôsto, teve o fôro de fidalgo cavaleiro e o título de familiar do Santo Offício, antes tendo sido coronel de ordenanças da cidade da Baía. Como seus antecedentes, era rico, poderoso, aventureiro e ambicioso, tudo conseguindo, com dinheiro. A 10 de novembro de 1732 c. c. Catarina Francisca Correia de Aragão, filha de Francisco Barreto de Aragão e de Catarina Correia de Sá, tendo filhos:

6n 1 Garcia de Ávila Pereira de Aragão, c.c. Teresa Cavalcânti de Albuquerque.

6n 2 Leonor Pereira Marinho, c. c. José Pires de Carvalho e Albuquerque.

27 — 6n 1 *Garcia de Ávila Pereira de Aragão*, tal como seu pai e avô, teve títulos, grandeza e opulência, mestre de campo no terço da Tôrre, professo na ordem de Cristo e fidalgo cavaleiro. Casou-se com Teresa Cavalcanti de Albuquerque, filha de Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e de Joana Cavalcanti de Albuquerque, que pouco viveu casada. Não deixou descendentes.

28 — *João de Figueiredo Mascarenhas*, natural da cidade de Faro, fidalgo da casa real, passou para o Brasil quando se fundava a Baía, aos doze anos de idade, acompanhando seu pai Lourenço de Fi-

gueiredo, que no reino havia morto um cônego, seu parente. Grandes serviços prestou ao rei na conquista da capitania e por isso do soberano tinha a estima e recebia carta. Os nativos chamavam-no o *Boatuca*. Foi casado com Apolônia Álvares, filha de Diogo Álvares e de Catarina Paraguaçu, tendo êstes filhos:

F 1 Felipa de Figueiredo Mascarenhas, c.c. Antônio de Paiva.

F 2 Mecia de Figueiredo Mascarenhas, c.c. Manuel Correia de Brito.

F 3 Maria de Figueiredo Mascarenhas, c.c. Sebastião de Brito Correia.

F 4 Grácia de Figueiredo Mascarenhas, c.c. Francisco de Barros.

F 5 Clemência de Figueiredo Mascarenhas, c.c. Bento de Barbuda.

F 6 Catarina, batizada o 21 de dezembro de 1557, na sé.

F 7 Isabel, batizada a 2 de março de 1559, na sé.

29 — *Antão Gil* c. c. Grácia Álvares, filha de Diogo Álvares e de Catarina Paraguaçu, tendo falecido a 31 de outubro de 1603, com sepultura na igreja dos jesuítas. Era natural de Évora. Pais de:

F 1 Catarina Cil, c. c. Gaspar Barbosa de Araújo.

F 2 Maria Gil, c. c. Gonçalo Bezerra de Mesquita.

F 3 Cosme Gil.

F 4 Diogo Álvares.

F 5 Lourenço Barradas.

F 6 Antão Gil.

30 — *Aires da Rocha Peixoto*, natural de Elvas, de uma das principais famílias locais por parte de sua mãe Leonor Gomes Peixoto, veio para a Baía com dezesseis anos de idade, fugindo à prisão por ter cometido crime de morte. Aí casou-se com Maria Correia, filha de Cus-

tódio Rodrigues Correia e de Ana Álvares, tendo, que se saiba, apenas uma filha, da qual provieram os diferentes ramos de Rochas Peixoto, Correias, etc. Sua filha foi:

F 1 Maria Correia Peixoto, c. c. Belchior Velho.

31 — *Belchior Velho* c. c. Maria Correia Peixoto, filha de Aires da Rocha Peixoto e de Maria Correia, e teve filhos:

F 1 Leonor Correia Peixoto, c.c. Baltazar de Aragão de Sousa.

F 2 Maria da Rocha Peixoto, c. c. Belchior de Aragão de Sousa.

ALBUQUERQUES

32 — *Jerônimo de Albuquerque*, 3.^o filho de Lopo de Albuquerque, o Bode, e de sua mulher Joana de Bulhão, era sobrinho de Jorge de Albuquerque, por parte de pai, e irmão de Brites de Albuquerque, que casou com Duarte Coelho, a cujo nome Jaboatão acrescenta Pereira. O rei D. João 3.^o, tendo em conta os bons serviços e a fiel companhia que a Jorge de Albuquerque, capitão na tomada de Malaca, prestara Duarte Coelho, fez a êste doação da capitania de Pernambuco. Ao tempo do regresso a Lisboa, de Jorge de Albuquerque, que se encontrava na Índia, isso em 1527, êste promoveu, e realizou, o casamento do primeiro donatário de Pernambuco com a sua sobrinha Brites de Albuquerque, e por isso, ao vir Duarte Coelho tomar posse e administrar a sua capitania, o acompanhou o seu cunhado Jerônimo de Albuquerque. De tal modo se houve êste em emprêsas e conquistas, segundo o afirma Jaboatão, com esforço e lealdade que andam escritas, quais a de vencer os nativos do monte de Olinda e de aí fundar a povoação que transformara de aldeia, do mesmo modo estabelecer pazes permanentes com os selvícolas e a muitos

converter à fé e à amizade dos portugueses, que lhe fôra dada para mulher a amerígena Arco-Verde, considerada princesa entre os da sua tribo. Batizada, depois, passou esta a ser chamada Maria do Espírito Santo Arco-Verde. Os dois tiveram filhos, posteriormente perfilhados pelo rei Sebastião, a requerimento de Jerônimo, e foram:

F 1 Catarina de Albuquerque, c. c. Felipe Cavalcânti.

F 2 Brites de Albuquerque, c.c. Cibaldo Lins.

F 3 Jerônimo de Albuquerque, c. c. Catarina Pinheiro Feio.

F 4 Simoa de Albuquerque (*), c.c. Jorge Teixeira e Damião Gonçalves de Carvalhosa.

33 — F 3 *Jerônimo de Albuquerque* fôra mandado de Pernambuco, de ordem do rei Felipe, para a conquista do Rio Grande do Norte, seguindo por terra pela Paraíba, onde tomaria mais gente, e daí ao destino, enquanto por mar iria Manuel de Mascarenhas Homem, com gente da Baía. Em chegando ao destino, aos 18 de dezembro de 1597, já aí encontrou a Mascarenhas Homem. Em local da costa da barra construiu uma fortaleza de madeira, venceu os nativos numa extensão de terras de "meia légua da fortaleza pela terra a dentro", deu início à povoação que veio a ser chamada Natal, porque a sua instalação se dera a 25 de dezembro de 1599, e tomou conta de seu govêrno como capitão-mor. Fez igreja matriz, dedicado a N. S. da Apresentação. Em 1602 ainda aí se achava no govêrno, segundo se infere da doação que fizera do engenho Cunhaú, situado nas terras do Uruá, a seus dois primeiros filhos. Depois, foi incumbido da conquista do Maranhão, para onde partiu em 1614, levando socorro. A 3 de novem-

(*) Não era filha de Arco-Verde, embora haja vários outros filhos de Jerônimo de Albuquerque.

bro do ano seguinte, restaurada a cidade de S. Luís, do poder dos franceses, aí permaneceu Jerônimo de Albuquerque como governador, até 11 de fevereiro de 1618, quando faleceu. Em virtude dessa conquista se adicionou ao seu nome o apelativo Maranhão, adotado pelos seus descendentes. C. c. Catarina Pinheiro Feio, filha de Antônio Pinheiro Feio e de Leonor Guardes, e teve filhos:

N 1 Antônio de Albuquerque Maranhão, c.c. Isabel da Câmara. Branco.

N 2 Matias de Albuquerque Maranhão, c.c. Isabel da Câmara.

N 3 Jerônimo de Albuquerque Maranhão (*).

34 — N 1 *Antônio de Albuquerque Maranhão* foi fidalgo da casa real, comendador da ordem de Cristo, tendo acompanhado seu pai à conquista do Maranhão e aí o sucedido, por morte no governo, em cujo cargo permaneceu até abril de 1619, quando lhe veio substituto. Passou-se de seguida a Portugal e tanto se lhe reconheceu no reino o merecimento, que foi logo despachado capitão-mór da Paraíba, onde ficou até o comêço de 1635, pois que à ocupação da cidade pelos holandeses, se passou êle para o cabo de S. Agostinho, onde estava Duarte de Albuquerque Coelho, e transportando-se para Lisboa, veio a ser governador de Mazagão. Em Lisboa c. c. Joana Luísa de Castelo-Branco, a qual, depois de alguns partos que se malograram, deu à luz, a 4 de agosto de 1652, a

Bn 1 Antônia Margarida de Albuquerque, c.c. Bras Teles de Meneses.

Bn 2 Afonso de Albuquerque Maranhão, falecido em 1671, na altura de Pernambuco, quando vinha de Lisboa para a Baía, a empossar-se no governo, Afonso Furtado de Mendonça. Seu ca-

dáver, posto num caixão, foi lançado ao mar, mas as águas o devolveram à terra, à praia dos Meiripes, entre o cabo de S. Agostinho e Recife, sendo recolhido e sepultado na cela que tinha aí D. Francisco de Sousa, por entender ser de pessoa de distinção.

Antônio de Albuquerque Maranhão faleceu em 1667, “com opinião de virtude, pois como tal se notou crescer a cêra que serviu no seu entêrro”.

35 — N 2 *Matias de Albuquerque Maranhão*, fidalgo da casa real, comendador da ordem de Cristo, encontrou-se, com seu pai e irmão Antônio, na luta com os franceses para a conquista da ilha de S. Luís do Maranhão. Concluída a conquista, passou-se com seu primo Jerônimo de Albuquerque Fragoso para o Pará, onde êste iria assumir o governo, em fim de abril de 1618, e no qual permaneceu até o ano seguinte, quando lhe veio a morte. Assume então Matias de Albuquerque o governo, por patente que trazia, datada de setembro de 1619, mas apenas governou vinte dias, por ter sido julgada nula sua provisão. Eleito governador um Custódio Valente, serviu-lhe de adjunto fr. Antônio das Mercês, capucho de Portugal e superior das missões religiosas no Pará. Em 1630 o governador da Paraíba, Antônio de Albuquerque Maranhão, ordenou a seu irmão Matias que viesse, com gente da Paraíba e de Pernambuco, contra os holandeses, e assim esteve êle na estância de S. Amaro, em Olinda, segundo Castrioto, e Duarte de Albuquerque Coelho nas suas *Memórias diárias* da guerra. Com o dito seu irmão foi para Lisboa, passou-se depois para o Rio de Janeiro, onde c. c. Isabel da Câmara, filha dos fidalgos Pedro Gago da Câmara e Isabel de Oliveira, ambos ilhéus de S. Miguel. Por carta de 29 de dezembro de 1656, da regente a rainha D. Luisa, mulher do rei D.

(*) Jaboatão não se refere a êste filho, morto pelos holandeses em 1631.

João 2.º, registrada no ano seguinte no livro da Câmara da Paraíba, se autorizava que à passagem do governador João Fernandes Vieira, da Paraíba para Angola, se aí não estivesse ainda Matias de Albuquerque, nomeado para o dito cargo, que o assumisse o mestre de campo Antônio Dias Cardoso interinamente, e tal se deu. Matias só tomou posse a 17 de outubro de 1657, à vista da carta de 21 de agosto do ano anterior, como se acha no citado livro da Câmara. Ignora-se quanto o tempo de seu governo, mas em 1663 era aí governador João do Rêgo Barros. Deixando o governo da Paraíba, Matias foi viver no seu engenho Cunhaú, em terras do Rio Grande do Norte, onde faleceu. Foram filhos seus:

Bn 3 Antônio de Albuquerque Maranhão, fidalgo da casa real, comendador, mestre de campo em Pernambuco, solteiro.

Bn 4 Lopo de Albuquerque Câmara, c. c. Francisca Clara de Sande.

Bn 5 Afonso de Albuquerque Maranhão, c.c. Joana de Lacerda Cavalcanti.

Bn 6 Catarina Simoa de Albuquerque, c. c. Luís de Sousa Furna.

Bn 7 Joana da Câmara de Albuquerque, c. c. João de Novales y Urrêa.

Bn 8 Bárbara da Câmara de Albuquerque, c. c. Salvador Quaresma Dourado.

Bn 9 Mariana da Câmara de Albuquerque, c.c. Afonso de Albuquerque Melo.

Bn 10 Apolônia da Câmara de Albuquerque, c. c. André Gago da Câmara e Manuel Pimenta de Melo.

Bn 11 Jerônimo de Albuquerque Maranhão, padre jesuita.

Bn 12 Pedro e

Bn 13 Ana Maria, falecidos solteiros.

36 — Bn 4 *Lopo de Albuquerque Câmara*, residente na Paraíba, casou na Baía, por meio de procuração, com Francisca Clara de Sande, filha de Nicolau Aranha Pacheco e de Francisca de Sande. O registro do casamento consta

de livro da freguesia de S. Pedro, e reza assim: “Aos 2 de fevereiro de 1686, com minha licença recebeu o revd. Padre Manuel Coelho Gato a Lopo de Albuquerque Câmara (em sua ausência foi procurador Pedro Fernandes Aranha), filho de Matias de Albuquerque Maranhão e de sua mulher D. Isabel da Câmara, morador na cidade da Paraíba, com D. Francisca Clara de Sande, filha do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco, já defunto, e de D. Francisca de Sande, sua mulher. Foram testemunhas o Padre Antônio Cavalcanti, D. Ana mulher do Dr. Martins Pereira e D. Francisca de Sande. O vigário de S. Pedro—*João Gomes da Silva*”. Lopo foi pai de:

Tn 1 Nicolau Aranha Pacheco, c. c. Madalena Clara Maria.

Tn 2 Matias de Albuquerque Câmara, cônego da sé da Baía, capelão da casa real, que se transferiu para o Rio de Janeiro com o fim de herdar de sua tia Apolônia da Câmara de Albuquerque, aí c. c. André Gago da Câmara.

Tn 3 Francisco de Albuquerque Câmara, c. c. Maria Teresa.

37 — Bn 5 *Afonso de Albuquerque Maranhão*, fidalgo da casa real, capitão-mór de Goianinha e senhor do engenho de Cunhaú, onde viveu, foi c. c. Joana de Lacerda Cavalcanti, filha de Francisco de Barros Falcão e de Mariana de Lacerda.

38 — Tn 1 *Nicolau Aranha Pacheco* c. c. Madalena Clara Maria, filha de João Pereira do Lago e de Bernarda de Siqueira da Silva. Tornou-se louco ao tempo em que exercia o lugar de alferes do mestre de campo. Pai de:

4n 1 *Pedro de Albuquerque Câmara*, c.c. Catarina Francisca Correia de Aragão.

39 — Tn 3 *Francisco de Albuquerque Câmara* foi c. c. Maria Teresa e antes do casamento tivera com ela uma filha,

a Maria Madalena, que passou a ser religiosa no convento do Destêrro. Francisco faleceu a 21 de julho de 1763, com sepultura na igreja de S. Francisco.

40 — 4n 1 *Pedro de Albuquerque Câmara* foi fidalgo da casa real por tradição da família. Membro do senado da Câmara, tabelião com cartório havido de seus primeiros, c.c. a viúva Catarina Francisca Correia de Aragão, filha de Francisco Barreto de Aragão e de Catarina Correia de Sá. Infere-se de documentos que vivera êle com a viúva maritalmente antes do casamento; que depois de casado e com certa mulher solteira tivera os dois filhos seguintes, ambos legitimados e que pretendendo êstes herança do pai, a viúva não se opusera:

5n 1 Manuel José de Albuquerque da Purificação.

5n 2 Clara Madalena de Albuquerque Câmara, c.c. João Batista Santiago Rôbalo Pacheco da Silva.

41 — *Damião Gonçalves de Carvalho*, que era de conhecida nobreza de Portugal, foi o 2.º marido de Simoa de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque e, conforme Jaboatão, de Maria do Espírito Santo Arco-Verde. Aliás o genealogista não trata dêste casamento, do qual nasceram filhos.

42 — *Luís de Sousa Furna*, coronel, possuidor de "grossos cabedais", proprietário dos officios de juiz de órfãos e de escrivão da Câmara da Paraíba, nasceu do casal Antônio Fernandes Furna e Brites de Sousa Abreu. C.c. Catarina Simoa de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara. Teve filhos.

43 — *João de Novalhes y Urrêa* c. c. Joana da Câmara de Albuquerque, filha

de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, não deixando descendentes. Depois c. c. Luísa de Melo Falcão, filha de Pedro Marinho Falcão e de Brites de Melo.

44 — *Salvador Quaresma Dourado*, proprietário do officio de provedor da fazenda real na Paraíba, c.c. Bárbara da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara, tendo filhos:

F 1 Isabel da Câmara de Albuquerque, c. c. Feliciano Dourado, seu primo e poeta.

F 2 Joana da Câmara.

F 3 Josefa da Câmara.

45 — *Afonso de Albuquerque Melo*, coronel, fidalgo da casa real, filho de José de Sá e Albuquerque e de Catarina de Albuquerque, c. c. Ana Maria Falcão, filha de Zenóbio Acioli e de Maria Pereira de Moura. Depois c. c. Mariana da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara. Ainda c. c. Inês Barreto de Albuquerque, filha de Antônio Pais Barreto e de Maria da Fonseca Barbosa, não tendo tido filhos.

46 — *André Gago da Câmara*, filho de Lopo Gago da Câmara e de Úrsula da Silveira, c. c. Apolônia da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara.

47 — *Manuel Pimenta de Melo*, mestre de campo do terço do Rio de Janeiro, c. c. a viúva Apolônia da Câmara de Albuquerque, filha de Matias de Albuquerque Maranhão e de Isabel da Câmara.

CAVALCANTIS

48 — D. *Felipe Cavalcanti*, fidalgo florentino, filho do casal de fidalgos João Cavalcanti e Genebra Manelli, passou-se da Itália para Portugal em 1558 e depois para Pernambuco, à vista da suposição de que se encontrava inseguro na Europa, por motivo da conjuração, de que tomara parte com parentes seus contra o Duque Cosme de Médicis, o 2.^o de Florença e Sena. Em Pernambuco, de tal maneira o considerou em estima Jerônimo de Albuquerque, que o fez casar com sua filha Catarina de Albuquerque, nascida de Maria do Espírito Santo Arco-Verde. D. Felipe Cavalcanti sobreviveu ao sogro por muitos anos, mas falecendo antes de Catarina. Consta que esta faleceu a 4 de junho de 1614, sepultada em Olinda, sua pátria, na matriz do Salvador, capela de S. João, no mesmo túmulo do marido. Do livro velho da sé consta isto e mais que o casal havia feito testamento em comum, que ela ratificara num codicilo. Não há hoje notícia desta instituição, nem da capela de São João, como não há na sé nenhuma d'este túmulo.

De D. Felipe Cavalcanti e Catarina de Albuquerque nasceram:

F 1 Antônio Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Isabel de Góis de Vasconcelos.

F 2 Lourenço Cavalcanti de Albuquerque (3)

F 3 Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque (4)

F 4 Felipe Cavalcanti de Albuquerque, faleceu ainda jovem.

F 5 Genebra Cavalcanti de Albuquerque, c. c. D. Felipe de Moura.

F 6 Joana Cavalcanti de Albuquerque, morta ainda jovem.

F 7 Margarida Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Cosme da Silveira e, depois, com João Gomes de Melo.

F 8 Catarina Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Cristóvão de Holanda de Vasconcelos.

F 9 Felipa Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Antônio de Holanda de Vasconcelos.

F 10 Brites Cavalcanti de Albuquerque, faleceu ainda jovem

F 11 João (*deve ser Diogo*) Cavalcanti de Albuquerque, falecido ainda menor.

49 — F 1 *Antônio Cavalcanti de Albuquerque* foi sucessor de seu pai na administração dos bens da capela de S. João, da matriz do Salvador, em Olinda.

de Vasconcelos e de Felipa Cavalcanti de Albuquerque, que é irmã do tio. O de que aqui se trata fôra mandado de Pernambuco para a Baía, em socorro da cidade invadida pelos holandeses, da parte do governador nomeado, Matias de Albuquerque. Nesse tempo era capitão comandante de companhia, como também, entre companheiros seus, idos igualmente de Pernambuco, o eram — Lourenço de Brito Correia, Francisco de Barbuda, Diogo da Silva, Belchior Brandão e Belchior da Fonseca. Formavam eles um corpo de 450 praças, divididas em seis companhias, de que eram comandantes. Tais feitos então aí obrou Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, a ponto de merecer a investitura de importantes comissões, quais a de coronel, com o governo das armas e na parceria de Antônio Cardoso de Barros, e depois ainda a de alcaide-mór da cidade, com a morte de Duarte Moniz Barreto. Depois da restauração da cidade, mereceu êle a nomeação de governador de Cabo Verde, para onde se passou e onde veio a morrer "sem casar e sem deixar sucessão". O ato do governador Diogo Luís de Oliveira, que o distingue, datado de 24 de agosto de 1624, reza: "...havendo respeito às partes, e qualidades que concorrem em Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, e ao merecimento de sua pessoa, e de presente estar servindo a Sua Magestade, e particularmente nesta ocasião dos holandeses, em que o armei cavaleiro e exercitou o cargo de coronel com a satisfação devida... hei por bem prover ao dito Lourenço Cavalcanti de Albuquerque no cargo de alcaide-mór desta cidade da Baía, que ora está vago por morte de Duarte Moniz Barreto". Como alcaide-mór recebeu êle os ordenados do cargo até julho de 1629, conforme folha referida no vol. 15 dos *Documentos Históricos da Biblioteca Nacional*.

(4) Não se lhe refere, sucessão, nem casamento. Tomou parte nas lutas da Baía contra os holandeses, a mando do governador Matias de Albuquerque e a convite de seu irmão Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, que ali se achava desde o ano anterior.

(3) Reina constante e crescente confusão em torno d'este nome. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, filho de D. Felipe Cavalcanti, tem um sobrinho de igual nome, com feitos públicos de semelhança, filho de Antônio de Holanda

Casou-se com Isabel de Góis de Vasconcelos, filha de Arnau de Holanda e de Brites Mendes de Vasconcelos, tendo filhos: (5).

N 1 Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque. (6)

N 2 Manuel Cavalcanti de Albuquerque. (7)

N 3 Paulo Cavalcanti de Albuquerque. (8)

N 4 Felipe Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Maria de Lacerda.

N 5 Brites Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Francisco Coelho de Carvalho.

N 6 Isabel Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Manuel Gonçalves de Cerqueira e depois com Francisco Bezerra Barriga.

N 7 Maria

N 8 Úrsula e

N 9 Paula, religiosas no mosteiro de S. Clara, em Lisboa.

(5) Na Nob. Pern. I, 45 a descendência do casal é esta:

N.º 1 Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

N.º 2 Jorge Cavalcanti de Albuquerque.

N.º 3 Brites de Albuquerque.

N.º 4 Isabel Cavalcanti.

N.º 5 Maria de Albuquerque.

N.º 6 Joana Cavalcanti.

N.º 7 Úrsula Cavalcanti.

(6) Fidalgo cavaleiro da casa real, professou na ordem de Cristo e foi habilitado em 1634. Tomou parte nas guerras de Pernambuco contra os holandeses e com as gentes que se foram para a Baía êle se incluiu, deixando em Golana, onde era morador, três engenhos de açúcar e o demais que possuía. Foi governador de Cabo Verde, conforme as *Memórias diárias* de Duarte de Albuquerque Coelho. Dele se ocupa a memória de Brito, no liv. 5 n.º 396 e liv. 8 n.º 655. Não consta ter sido casado.

(7) Religioso capucho da província de Santo Antônio do Brasil, professou no convento de Olinda a 9 de novembro de 1608 com o nome de frei Manuel de S. Catarina, pois está no livro antigo das profissões do convento da Senhora das Neves de Olinda o termo de sua profissão no dia referido, com os nomes dos pais aqui repetidos. Enganou-se o padre Cruz, na sua *Biblioteca Lusitana*, dando-o como religioso do convento do Carmo, em Pernambuco.

(8) Professou como religioso capucho de Portugal a 19 de fevereiro de 1632, fazendo nesse dia a sua profissão de fé no convento de S. Antônio de Lisboa. Estudou as letras e foi guardião do Colégio da Pedreira, provincial de sua província eleito a 6 de maio de 1662, visitador da província da Piedade. Compôs a obra a que se refere a *Biblioteca Lusitana* no tomo 3 fls. 519 e faleceu a 3 de fevereiro de 1693.

50 — N4 *Felipe Cavalcanti de Albuquerque* foi cavaleiro fidalgo da casa real e professo na ordem de Cristo, para a qual ficou habilitado em 1638. Serviu nas guerras de Pernambuco contra os holandeses e depois da restauração viveu muitos anos em Ipojuca, onde faleceu. No termo de irmão da Misericórdia, de Olinda, que assinou a 2. de julho de 1657, disse-se solteiro e assim só depois dêste ano se casou com Maria de Lacerda, filha de Antônio Ribeiro de Lacerda e de Isabel de Moura. Entretanto com ela se passara, e com demais gente pernambucanas, para a Baía em 1635 fugindo aos holandeses, e na Baía, a 14 de fevereiro de 1650, êle, sua esposa e sogra serviram de padrinhos de um casamento na igreja da Ajuda, conforme o livro da antiga sé que Jaboatão compulsou. Do casal foram filhos:

Bn 1 Antônio Cavalcanti, que faleceu solteiro. Batizado a 31 de outubro de 1647, sendo padrinhos Cosme Dias da Fonseca e Maria de Moura.

Bn 2 Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda, c.c. Catarina de Vasconcelos.

Bn 3 Isabel de Moura, c.c. Leão Falcão de Melo.

Bn 4 Joana de Lacerda, c.c. Vasco Marinho Falcão.

Bn 5 Felipa de Moura, c.c. Pedro Marinho Falcão.

Bn 6 Mariana de Lacerda, c.c. Francisco de Barros Falcão.

Bn 7 Úrsula Cavalcanti, c.c. D. Francisco de Sousa.

51 — Bn 2 *Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda*, foi fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, para a qual se habilitou em 1680, e capitão-mór de Itamaracá. C.c. Catarina de Vasconcelos, filha de Francisco de Camelo Valcácer e de Catarina de Vasconcelos de Albuquerque, e teve filhos:

Tn 1 Manuel Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda, c. c. Sebastiana de Carvalho.

Tn 2 Ana Cavalcanti, c. c. Felipe Cavalcanti de Albuquerque.

Tn 3 Maria de Lacerda, c. c. José Camelo Pessoa.

Tn 4 Francisca Cavalcanti, c. c. Miguel Carneiro da Cunha.

52 — Tn 1 *Manuel Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda* foi fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo e alcaide-mor de Goiana. Casado com Sebastiana de Carvalho, filha de Manuel Carneiro da Cunha e de Sebastiana de Carvalho, teve filhos:

4n 1 Manuel Carneiro Cavalcanti de Lacerda, c.c. Maria Madalena de Valcácer.

4n 2 José Carneiro Cavalcanti de Lacerda, c.c. Caetana de Melo.

4n 3 Cosma da Cunha Cavalcanti.

4n 4 Maria Sebastiana de Carvalho.

4n 5 Rosa Cavalcanti de Carvalho.

4n 6 Catarina de Albuquerque Cavalcanti.

53 — 4n 1 *Manuel Carneiro Cavalcanti de Lacerda*, fidalgo da casa real, c. c. Maria Madalena de Valcácer, filha de Jorge de Camelo Valcácer e de Maria Ferreira, e teve filhos:

5n 1 Manuel Carneiro de Lacerda.

5n 2 Sebastiana de Carvalho.

54 — 4n 2 *José Carneiro Cavalcanti de Lacerda*, fidalgo da casa real. Tendo penetrado os sertões do Ceará e lá passando a viver, casou-se em Jaguaribe com Caetana de Melo, filha de Miguel Ferreira de Melo e de Maria de Assunção Góis, sem sucessão.

55 — *Cosme da Silveira* veio do Minho e era primo de Cosme Dias da Fonseca. Casou-se com Margarida Cavalcanti de

Albuquerque, filha de D. Felipe Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, e teve filhos : (*)

F 1 Paulo Cavalcanti de Albuquerque.

F 2 Francisca Cavalcanti, c.c. Pedro de Moura Albuquerque.

56 — *Manuel Gonçalves de Cerqueira* era professo na ordem de Cristo, familiar do Santo Offício e administrador da capella de S. Catarina, da Misericórdia de Olinda. Em 1609 ainda vivia. Casado com Isabel Cavalcanti de Albuquerque, filha de Antônio Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Góis de Vasconcelos, teve filhos:

F 1 Manuel Gonçalves de Cerqueira.

F 2 Pedro Cavalcanti de Albuquerque.

F 3 Manuel Cavalcanti de Albuquerque.

F 4 Antônio Cavalcanti de Albuquerque.

57 — *Francisco Bezerra Barriga*, filho de Antônio Bezerra Barriga e de Isabel Lopes, c.c. a viúva Isabel Cavalcanti de Albuquerque, filha de Antônio Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Góis de Vasconcelos, tendo filhos:

F 1 Isabel de Góis.

F 2 Ana Cavalcanti.

58 — *D. Francisco de Sousa*, comendador de S. Eurico da ordem de Cristo, mestre de campo do terço da infantaria paga de Recife, governador de Pernambuco de 11 de fevereiro de 1721 a 11 de janeiro de 1722, quando o sucedeu D. Manuel Rolim de Moura, era filho ilegítimo de D. João de Sousa com Leonor Cabral, filha de Luís Bras Bezerra e de Maria Pais Barreto. Casando-se com Úrsula Cavalcanti, filha de Felipe Caval-

(*) Jaboatão não alude a essa descendência.

canti de Albuquerque e de Maria de Lacerda, teve um filho:

F 1 D. João de Sousa, que se casou com Maria Bernarda de Vilhena, filha de D. Lourenço de Souto-Maior e de Inês de Vasconcelos, sem sucessão.

59 — *José Camelo Pessoa*, cavaleiro da ordem de Cristo, administrador das capelas de N. S. das Angústias, do colégio de Olinda, e da do engenho de S. Pantaleão da Vargem, era capitão-mór em Goiana. Casou-se com Maria de Lacerda, filha de Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda e de Catarina de Vasconcelos e não teve filhos.

60 — *Miguel Carneiro da Cunha*, filho de Manuel Carneiro da Cunha e de Sebastiana de Carvalho, ç. c. Francisca Cavalcanti, filha de Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda e de Catarina de Vasconcelos.

HOLANDAS

61 — *Arnau de Holanda*, filho do barão de Renoburgo, Henrique de Holanda e de Margarida Florência, irmã do papa Adriano 6.^o, era natural de Utrecht e veio para Pernambuco em 1535, na companhia de Duarte Coelho. Aí casou com Brites Mendes de Vasconcelos, filha de Bartolomeu Rodrigues, camareiro-mór do infante D. Luís (filho do rei D. Manuel), casado com Joana de Góis de Vasconcelos. Órfã, sob a proteção do rei, foi Brites mandada com outras órfãs de linhagem para o Brasil, recomendadas ao governo, para que se cassassem bem, com dotes e regalias. Dizem ter Brites vivido cerca de cem anos e, falecida a 19 de dezembro de 1620, em Olinda, teve sepultura na igreja de S. Antônio e São Gonçalo. Do casal nasceram:

F 1 Cristóvão de Holanda de Vasconcelos, c. c. Catarina Cavalcanti de Albuquerque e, depois, com Clara da Costa.

F 2 Antônio de Holanda de Vasconcelos, c. c. Felipa Cavalcanti de Albuquerque e, depois, com Ana Moraes.

F 3 Agostinho de Holanda de Vasconcelos, (*) c.c. Maria de Paiva.

F 4 Adriana de Holanda, c. c. Cristóvão Lins.

F 5 Isabel de Góis de Vasconcelos, c. c. Antônio Cavalcanti de Albuquerque.

F 6 Inês de Góis de Vasconcelos, c. c. Luís do Rêgo Barreto.

F 7 Ana de Holanda, c.c. João Gomes de Melo.

F 8 Maria de Holanda, c.c. Antônio de Barros Pimentel.

62 — F 1 *Cristóvão de Holanda de Vasconcelos* nasceu e viveu em Olinda e aí morreu a 2 de junho de 1614. Casado com Catarina Cavalcanti de Albuquerque, filha de D. Felipe Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, teve filhos:

N 1 Bartolomeu de Holanda Cavalcanti, c. c. Justa da Costa.

N 2 Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Catarina da Costa.

N 3 Felipe Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Antônia Pereira Soeiro.

N 4 Luís Cavalcanti, clérigo.

N 5 João Cavalcanti, religioso de N. S. do Carmo.

Casou-se depois com Clara da Costa, filha de Manuel da Costa Calheiros e de Catarina Rodrigues, e teve filhos:

N 6 Manuel de Holanda Calheiros.

N 7 Ana de Holanda.

63 — F 2 *Antônio de Holanda de Vasconcelos* c.c. Felipa Cavalcanti de Al-

(*) Jaboatão não se refere a este filho de Arnau.

buquerque, filha de D. Felipe Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, e teve filhos:

N 8 Arnau de Holanda de Vasconcelos e Albuquerque, c. c. Maria Lins de Albuquerque.

N 9 Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Úrsula Feio do Amaral e com Isabel de Lima.

N 10 Antônio de Vasconcelos Cavalcanti, c. c. Catarina Soares.

N 11 João de Holanda, religioso.

Casou-se depois com Ana Moraes, filha de Jorge de Camelo Valcácer e de Ana da Silva, e teve filhos:

N 12 Brites de Vasconcelos, c. c. Cristóvão de Albuquerque Melo.

64 — F 3 *Agostinho de Holanda de Vasconcelos* c. c. Maria de Paiva, filha de Baltazar Leitão Cabral e de Inês Fernandes de Góis, tendo filhos:

N 13 Baltazar Leitão de Holanda, c. c. Francisca dos Santos França.

N 14 Antônio Leitão de Vasconcelos, c. c. Catarina de Albuquerque Melo.

N 15 Agostinho de Holanda, c. c. Antônia da Fonseca.

N 16 Adriana de Holanda, c. c. Nicolau Espinelli.

N 17 Joana de Góis, c.c. André Gomes da Costa e Sabastião de Carvalho.

N 18 Ana de Holanda Vasconcelos, c. c. José Soares Cavalcanti.

N 19 Brites Mendes de Vasconcelos, c. c. Felipe Dias Vaz.

65 — N 1 *Bartolomeu de Holanda Cavalcanti*, c. c. Justa da Costa, filha de Manuel da Costa Calheiros e de Catarina Rodrigues. Faleceu êle em Olinda a 6 de junho de 1623, deixando filhos:

Bn 1 Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque.

Bn 2 Bartolomeu de Holanda Cavalcanti.

Bn 3 Ana Cavalcanti.

Bn 4 Isabel Cavalcanti.

66 — N2 *Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque* c.c. Catarina da Costa, filha de Manuel da Costa Calheiros e de Catarina Rodrigues, e teve filhos:

Bn 5 João Cavalcanti de Albuquerque.

Bn 6 Felipe Cavalcanti de Albuquerque.

Bn 7 Francisco Cavalcanti de Albuquerque.

Bn 8 Cristóvão de Holanda Albuquerque.

Bn 9 Joana Cavalcanti.

Bn 10 Leonarda Cavalcanti.

Bn 11 Maria Cavalcanti.

67 — N3 *Felipe Cavalcanti de Albuquerque* c.c. Antônia Pereira Soeiro, filha de Martim Lopes Soeiro e de Ana Pereira, sobrinha do bispo Miguel Pereira. Tiveram filhos:

Bn 12 Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Isabel de Aragão e com Maria de Barros.

Bn 13 Ana Cavalcanti de Albuquerque, c. c. João Peixoto da Silva.

68 — N 8 *Arnau de Holanda de Vasconcelos e Albuquerque* c.c. Maria Lins de Albuquerque, filha de Cibaldo Lins e de Brites de Albuquerque, tendo filhos:

Bn 14 Felipe Cavalcanti de Vasconcelos.

Bn 15 Antônio da Esperança, religioso.

Bn 16 Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

Bn 17 Arnau de Vasconcelos Albuquerque.

Bn 18 Catarina de Vasconcelos de Albuquerque, c.c. Francisco de Camelo Valcácer.

Bn 19 Brites de Vasconcelos, c.c. Manuel Pereira Pacheco.

69 — N 9 *Lourenço Cavalcanti de Albuquerque* foi para a Baía a convite de seu tio Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, filho de D. Felipe Cavalcanti. Por influência do mesmo c.c. a viúva Úrsula Feio do Amaral, filha de Manuel Ferreira e de Maria Feio do Amaral, tendo tido filhos:

Bn 20 Felipa Cavalcanti de Albuquerque, mulher de Bernardo Vieira Ravasco.

Bn 21 Maria Cavalcanti, mulher de D. Francisco Manuel de Melo.

Casou depois com Isabel de Lima, filha de Antônio de Barros Cardoso e de Guiomar de Melo, e teve filha:

Bn 22 Brites Francisca de Lima, c. c. João de Barros Cardoso.

70 — N 10 *Antônio de Vasconcelos Cavalcanti* c.c. Catarina Soares, filha de Pedro Carneiro e de Úrsula Feio do Amaral, na Baía, onde ele viera a servir, a 15 de novembro de 1623. Catarina faleceu a 2 de março de 1626, deixando um filho:

Bn 23 Francisco de Vasconcelos Cavalcanti, c.c. Antônia Lôbo.

71 — Bn 12 *Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque*, coronel e proprietário rico, c. c. Isabel de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Ana de Barros Soeiro, e teve filhos:

Tn 1 Ana de Aragão, c. c. Sebastião da Rocha Pita.

Tn 2 Joana Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Francisco Pereira Botelho, com José de Sá de Mendonça e com Bernardo de Sousa Estrêla.

Tn 3 Antônio Cavalcanti, tido como valente e temerário e por isso assassinado, a tiros, na sua fazenda em Cachoeira, dizendo-se que a mando do próprio pai. Deixou filhos bastardos.

Depois c. c. Maria de Barros, filha de Miguel Fernandes de Barros e de Maria de Barros Soeiro, tendo filhos:

Tn 4 Adriana Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Cristóvão Tavares de Moraes e Sá.

Tn 5 Brites Cavalcanti, c. c. João Alexandre de Aragão.

Tn 6 Úrsula Cavalcanti, c. c. José de Araújo de Aragão.

Tn 7 Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Antônia Francisca de Menezes.

Tn 8 Catarina Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Manuel de Araújo de Aragão.

Tn 9 Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque.

Tn 10 Vitório Cavalcanti de Albuquerque.

Tn 11 Antônio Cavalcanti de Albuquerque.

72 — Bn 23 *Francisco de Vasconcelos Cavalcanti* c.c. Antônia Lôbo, filha de Baltazar Lôbo de Sousa e de Ana de Gamboa, tendo filhos:

Tn 12 Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti, c.c. Antônia de la Penha Deusdará.

Tn 13 Catarina Soares, c.c. Francisco da Fonseca de Siqueira.

Tn 14 Ana Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Domingos Martins Pereira e Pedro Fernandes Aranha.

Tn 15 Antônio Cavalcanti de Albuquerque, padre.

Tn 16 Úrsula da Conceição, religiosa.

73 — Tn 7 *Bernardino Cavalcanti de Albuquerque*, também coronel e abastado proprietário, como seu pai, c.c. Antônia Francisca de Menezes, filha de José Garcia de Aragão e Araújo e de Isabel de Menezes e Aragão, batizada a 19 de setembro de 1697. Casado a 24 de maio de 1724, faleceu a 20 de fevereiro de 1764. Pai de:

4n 1 Maria Francisca de Menezes, c. c. Rodrigo da Costa de Almeida.

4n 2 José Garcia Cavalcanti de Albuquerque.

4n 3 Francisco Cavalcanti de Albuquerque.

4n 4 Isabel Cavalcanti, batizada a 24 de setembro de 1736, religiosa.

74 — Tn 12 *Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti* c. c. Antônia de la Penha Deusará, filha de Simão da Fonseca de Siqueira e de Francisca de la Penha Deusará, e teve filhos :

4n 5 Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Ana Pereira da Silva e Antônia de Argolo de Menezes.

4n 6 Teresa Cavalcanti de Albuquerque, c. c. José Pires de Carvalho.

4n 7 Simão de Vanconcelos, religioso.

4n 8 Antônia do Paraíso, religiosa.

75 — 4n 5 *Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque* c.c. Ana Pereira da Silva, filha de Nuno Pereira da Silva e de Antônia de Sá Barreto, e teve uma filha:

5n 1 Joana Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Depois c.c. a viúva Antônia de Argolo de Menezes, filha de Antônio Moreira de Menezes e de Ana de Argolo.

76 — *Luís do Rêgo Barreto*, filho de Afonso de Barros Rêgo e de Maria Nunes, c. c. Ana de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo e de Adriana de Almeida Lins, e depois com Inês de Góis de Vasconcelos, filha de Arnau de Holanda e de Brites Mendes de Vasconcelos, tendo filhos:

F 1 João Velho Barreto.

F 2 Francisco do Rêgo Barreto.

F 3 Arnau de Holanda Barreto.

F 4 Brites de Góis do Rêgo, c. c. Francisco. Aranha Barbosa e com Antônio Coelho de Carvalho.

77 — *Cristóvão de Albuquerque Melo*, filho de Cristóvão de Albuquerque e de Inês Falcão, c. c. Brites de Vasconcelos, filha de Antônio de Holanda de Vasconcelos e de Ana Moraes, sem descendentes.

78 — *Francisco de Camelo Valcácer*, filho de Francisco de Camelo e de Ana da Silveira, c. c. Catarina de Vasconcelos de Albuquerque, filha de Arnau de Holanda de Vasconcelos e Albuquerque e de Maria Lins de Albuquerque, e teve:

F 1 Catarina de Vasconcelos, c. c. Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda.

79 — *Francisco Manuel de Melo* (D.), homem de altos e vastos conhecimentos, exilado na Baía, enamorou-se aí de Maria Cavalcanti, filha de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e de Úrsula Feio do Amaral, e com ela teve uma filha:

F 1 Bernarda Calvacanti, c. c. Gaspar de Araújo.

Maria Cavalcanti foi levada para Portugal pelo seu sedutor e depois recolhida ao convento das Odivelas, enquanto sua filha, tendo ficado na Baía, à proteção de certa casa opulenta de Cotegipe, veio a casar-se.

80 — *José de Sá de Mendonça*, ouvidor do cível na Baía, c.c. a viúva Joana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Aragão, sendo o ato celebrado em Maragogipe a 5 de maio de 1690. Sá faleceu a 3 de março de 1721.

81 — *Bernardo de Sousa Estrêla* fôra mandado desembargador da Relação da Baía e aí serviu de provedor-mór da fazenda real. C.c. a viúva Joana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Aragão, falecida a 6 de novembro de 1745, enquanto êle veio a falecer em 1759. Nasceram dois filhos, ambos militares, com função em Cachoeira:

- F 1 Antônio Félix de Sousa Estrêla.
 - F 2 Bernardo de Sousa Estrêla.
-

82 — *Cristóvão Tavares de Moraes e Sá* chegou à Baía como desembargador da Relação, tomando posse na mesma a 16 de março de 1700. C.c. Adriana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Barros, tendo filhos:

- F 1 Antônio Tavares de Moraes.
 - F 2 Cristóvão Tavares de Moraes.
 - F 3 Rodrigo José Tavares, c. c. Teresa Sortes.
 - F 4 Caetano Tavares de Moraes, c. c. Rosa Coelho Sortes.
 - F 5 Francisco Tavares Cavalcanti, clérigo.
 - F 6 Ana Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Francisco de Araújo de Aragão.
-

83 — *Domingos Martins Pereira*, cavaleiro professo na ordem do Cruzeiro, capitão de infantaria, senhor do engenho S. Paulo, no recôncavo, cujo nome Jaboação cita como sendo “Dr. Martins Pereira”, c.c. Ana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Francisco de Vasconcelos Cavalcanti e de Antônia Lôbo. Falecido a 9 de novembro de 1661, ficou-lhe um filho:

- F 1 Antônio Cavalcanti de Albuquerque, c. c. Córdula de Sá Barreto.

84 — F 1 *Antônio Cavalcanti de Albuquerque*, c. c. Córdula de Sá Barreto,

filha de Gaspar Maciel de Sá e de Joana de Sousa Barreto, tendo um filho:

- N 1 Pedro Cavalcanti de Sá, padre.

LINS

85 — *Cibaldo Lins* e seu irmão Cristóvão Lins, fidalgos florentinos, parentes em grau não mui remoto do Duque de Florença, embora se diga, igualmente, de sua origem alemã, foram os primeiros Lins que vieram para Pernambuco, ao tempo da colonização de Duarte Coelho. Aí casou-se êle com Brites de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque e de Maria do Espírito Santo Arco-Verde, havendo quem afirme que Brites fôra antes casada com Gaspar Dias de Ataíde, de quem tivera filhos. Cibaldo e Brites foram pais de:

- F 1 Natanael Lins.
 - F 2 Bartolomeu Lins.
 - F 3 Maria Lins de Albuquerque, c. c. Arnau de Holanda de Vasconcelos e Albuquerque.
 - F 4 Cibaldo Lins
 - F 5 Susana Lins.
-

86 — *Cristóvão Lins* era irmão de Cibaldo Lins e de sua origem se disse ao tratar do irmão. Conquistador das terras de Pôrto Calvo, tomando-as dos nativos potiguares, e estendendo-se até o cabo de S. Agostinho, fêz construir sete engenhos de açúcar e uma igreja. Casado com Adriana de Holanda, filha de Arnau de Holanda e de Brites Mendes de Vasconcelos, teve filhos:

- F 1 Bartolomeu Lins de Vasconcelos, c. c. Mecia da Silva Rocha.
- F 2 Inês Lins de Vasconcelos, c.c. Vasco Marinho Falcão.
- F 3 Brites Mendes de Vasconcelos, c. c. Baltazar de Almeida Botelho.

87 — F 1 *Bartolomeu Lins de Vasconcelos* c. c. Mecia da Silva Rocha,

filha de André da Rocha Dantas e de Mecia Barbosa, tendo filhos:

N1 Cristóvão Lins de Vasconcelos, c.c. Brites de Barros Pimentel.

N 2 Cibaldo Lins, c.c. Cosma de Barros Pimentel.

N 3 Constantino Lins de Vasconcelos, c. c. Margarida de Sousa e Maria de Sá de Menezes.

N 4 Cosma Lins, c.ç. Rodrigo de Barros Pimentel.

N 5 Maria Lins, c.c. Manuel Campelo de Quiroga e Clemente da Rocha Barbosa.

N 6 Mateus Lins, c. c. Joana de Carvalho.

88 — N 1 *Cristóvão Lins de Vasconcelos* foi dos primeiros que, com outras pessoas gradas de Pôrto Calvo, seguiram a João Fernandes Vieira na restauração de Pernambuco, tendo o pôsto de capitão, como vindo a ser, depois, cavaleiro da ordem de Cristo, alcaide-mór de Pôrto Calvo e nome dos maiores da capitania. Casado com Brites de Barros Pimentel, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de Jerônima de Almeida, não teve filhos.

89 — N 2 *Cibaldo Lins*, senhor do engenho Maranhão, em Pôrto Calvo, c. c. Cosma de Barros Pimentel, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de Jerônima de Almeida, com filhos:

Bn 1 Cristóvão Lins, c. c. Adriana de Almeida Vanderley.

Bn 2 Jerônima Lins, c. c. João Batista Aioli e Belchior Brandão de Castro.

90 — N 3 *Constantino Lins de Vasconcelos* c. c. a viúva Margarida de Sousa, filha de Duarte Lopes Soeiro e de Maria de Sousa Dormundo, sem sucessão..

Depois c. c. Maria de Sá de Menezes, filha de Antônio Moniz Teles e de Catarina de Sá de Menezes, tendo filhos:

Bn 3 Antônio Moniz Barreto, c. c. Maria da Conceição Menezes.

Bn 4 Bartolomeu Lins de Vasconcelos, c.c. Branca Teles de Menezes.

Bn 5 Francisca Lins de Vasconcelos, c. c. Manuel Teles Barreto.

91 — N 6 *Mateus Lins* (há quem diga Marcos e não Mateus) foi em 1635 para Portugal, como tantos outros brasileiros, evitando os holandeses, e no reino c. c. Joana de Carvalho, filha de João Alves de Carvalho e de Maria de Andrade, não constando sucessão do casal.

92 — Bn 1 *Cristóvão Lins* c. c. Adriana de Almeida Vanderley, filha de Manuel Gomes Vanderley e de Mecia de Barros Pimentel, e teve filhos:

Tn 1 Gonçalo Lins, sacerdote.

Tn 2 Bartolomeu Lins, c. c. Maria Borges.

Tn 3 Cibaldo Lins, c. c. Micaela Coelho Negramonte.

Tn 4 Sebastião Lins, c. c. Inácia Vitória de Barros Vanderley.

Tn 5 Cosma Lins, c. c. Cristóvão de Barros Pimentel.

Tn 6 Helena Lins, c.c. Manuel da Vera Cruz Pimentel.

Tn 7 Teresa de Jesus Lins, c. c. Manuel Álvares de Moraes Navarro.

Tn 8 Mecia de Almeida Lins, c. c. Cristóvão Lins.

93 — Bn 3 *Antônio Moniz Barreto*, c.c. Maria da Conceição Menezes, filha de Jorge Barreto de Vasconcelos e de Apolônia Teles de Menezes. Eram primeiros legítimos e para o casamento Antônio foi a Roma e conseguiu a dispensa pontifícia. Foram filhos seus:

Tn 9 Francisco Moniz Barreto de Vasconcelos.

Tn 10 Josefa,

Tn 11 Clara, ambas recolhidas ao convento do Destêrro.

Tn 12 Rita de Cássia, que morreu criança.

94 — Bn 4 *Bartolomeu Lins de Vasconcelos* c.c. sua prima Branca Teles de Menezes, filha de Jorge Barreto de Vasconcelos e de Apolônia Teles de Menezes, não constando tivessem filhos.

ÁVILAS

95 — *Garcia de Ávila* veio para o Brasil com Tomé de Sousa, que o criara e o protegeu a olhos vistos, fazendo-o almoxarife dos mantimentos da cidade que se construía. Assim, foi o colono que mais prosperou em fortuna, fazendas e riqueza. Homem desimpedido, tanto em negócios quanto em amores, por fim teve que se casar, não muito por suas vontades, com a mameluca Mecia Rodrigues, filha de Branca Lopes. Mesmo casado, continuou êle a ter filhos com outras mulheres. Desta sorte nasceram Isabel de Ávila, de Francisca Rodrigues; João de Ávila, de Catarina Rodrigues; João Homem e mais quantos lhe ficavam em casa como tutelados. Garcia de Ávila morreu a 23 de maio de 1609.

Isabel de Ávila, filha ilustre de Garcia, casou duas vezes. Na primeira com um suposto fidalgo genovês de nome Gil Vicente de Vasconcelos, e da segunda com Diogo Dias, donde a grande família Dias de Ávila, aos nossos tempos.

96 — *Gil Vicente de Vasconcelos* tem origem ainda ignorada. Jobôatão, não lhe sabendo o nome, o supõe fidalgo genovês. C. c. Isabel de Ávila, filha de Garcia de Ávila e de Francisca Rodrigues, depois de ter com ela vivido em consequência de rapto. O casamento fêz-se em 1573, tendo ela a idade de dezoito anos. Gil Vicente foi assassinado pelos nativos, em Itapuã, onde o casal residia, enquanto Isabel, fazendo as segundas

núpcias com Diogo Dias, faleceu a 18 de outubro de 1593.

OLIVEIRA DE CARVALHAL

97 — *Antônio de Oliveira de Carvalho*, o primeiro que veio à Baía, comandando uma armada, em 1551, no pôsto de capitão de mar e guerra, de ordem do rei João 3.^o, como portador da carta de nomeação de alcaide-mór de Vila Velha, na baía de Todos os Santos. Na armada vieram nove órfãs, protegidas da rainha Catarina, para o governador as casar com gente de prol. O alvará do rei, que nomeia Carvalho cavaleiro fidalgo, esclarece-lhe a linhagem, supondo entretanto Jaboatão que Simão de Oliveira, referido nesse documento, fôsse irmão, por parte de pai, de Heitor de Oliveira, citado em certo manuscrito, e ambos filhos de João Mendes de Oliveira. Que êste, casado com Brites de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, alcaide-mór de Évora e Castelo de Vide, seria pai de Heitor de Carvalho, amo da rainha Leonor, mulher do rei João 2.^o, seria pai de Simão de Oliveira e, pois, netó de João Mendes de Oliveira. Na Baía Oliveira de Carvalho c. c. Luisa de Melo de Vasconcelos, filha de Troilo de Vasconcelos e de Iria de Melo. Confessando-se, em 1591, ao inquisidor Furtado de Mendonça, na Baía, Luísa afirmou seu nascimento, em 1530, na ilha Graciosa, em Portugal. Por Duarte Moniz Barreto casar-se com uma sua filha, Carvalho transferiu-lhe a propriedade da alcaidaria-mór da Baía, que o genro passou a exercer e que se continuou nos seus descendentes. Luísa faleceu a 18 de dezembro de 1603. Dela e de Antônio nasceram:

F 1 Manuel de Melo de Vasconcelos, c.c. Francisca de Perada.

F 2 Paulo de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos, c.c. Francisca de Aguiar Espínola.

F 3 Francisco de Melo de Carvalho.
F 4 Helena de Melo de Vasconcelos,
c. Duarte Muniz Barreto.

F 5 Maria de Melo de Vasconcelos,
c. Baltazar Pereira.

F 6 Bartolomeu de Vasconcelos, cônego da sé da Baía, com 32 anos de idade em 1591, conforme sua confissão perante o citado inquisidor.

98 — F 1 *Manuel de Melo de Vasconcelos*, que acompanhou o rei Sebastião na sua famosa viagem, era comendador da Ordem de Cristo, fidalgo da casa real, tendo tomado parte nas guerras holandesas, na Baía, ao tempo dos governos de Francisco de Sousa, Álvaro de Carvalho e Diogo Botelho. O rei Felipe de Castela expediu alvará que lhe é recomendável. Em 1591 encontrava-se êle em Lusitânia, no Peru, naturalmente em pesquisas minerais, conforme o confessou o seu irmão cônego Bartolomeu. Viviu em Congonhas, nas suas propriedades, sendo c. Francisca de Perada, filha de Henrique de Perada e de Francisca de Siqueira Cabral. Pai de:

N 1 Antônio de Melo de Vasconcelos,
c. Maria de Paiva.

N 2 Luís de Melo de Vasconcelos, c.
Maria de Sá, Antônia Garcês de Oliveira, Luisa Dória e Bernarda Coutinho.

N 3 Maria de Melo, c. c. André Carvalho de Carvalho.

N 4 Arcângela de Melo, c. c. Francisco de Bittencourt.

N 5 Henrique de Perada, vigário de São S. do Monte.

99 — F 2 *Paulo de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos*, batizado a 11 de maio de 1557, c.c. Francisca de Aguiar Pinola, filha de Cristóvão de Aguiar Coutinho e de Isabel de Figueiró. Tendo cometido, com o filho Bartolomeu, o bárbaro crime de morte de Francisco de Albuquerque, assistindo fôsse aberto, a matança, de alto a baixo, pelas costas,

Paulo foi condenado à morte e executado, com cadeia nos pés, a 7 de outubro de 1614. Filhos seus:

N 6 Francisco de Carvalho de Oliveira, c. c. Maria de Menezes.

N 7 Bartolomeu de Vasconcelos de Oliveira, c. c. Luisa Pacheco.

N 8 Maria de Vasconcelos, c. c. Gaspar de Aguiar de Góis.

N 9 Catarina de Vasconcelos, c. c. Amador Dias Canal.

N 10 Iria de Vasconcelos, c. c. Paulo Mendes de Escobar.

100 — N 1 *Antônio de Melo de Vasconcelos* c.c. Maria de Paiva, filha de Sebastião Barreto e de Ana da Fonseca. Maria faleceu a 28 de janeiro de 1642 e Antônio a 12 de junho de 1653, ambos com sepultura em Matão. Pai de:

Bn 1 Jorge de Melo de Vasconcelos,
c. c. Isabel Cordeiro.

Bn 2 Inácio de Melo de Vasconcelos,
c. c. Felícia Lôbo de Barros.

Bn 3 Lourença de Melo, c. c. João Lopes de Paiva.

Bn 4 Sebastião de Melo.

Bn 5 Henrique de Melo.

101 — N 2 *Luís de Melo de Vasconcelos*, batizado a 2 de maio de 1585, já em 16 de abril de 1606 c.c. Maria de Sá, filha de Jorge Antunes e de Joana de Bittencourt de Sá, tendo filhos:

Bn 6 Cristóvão de Melo de Vasconcelos, c. c. Antônia Pereira Lôbo.

Bn 7 Bartolomeu de Vasconcelos, c. c. Inácia Pereira Lôbo.

Bn 8 Francisco de Melo de Vasconcelos, c. c. Ângela Soares Barbosa.

Bn 9 Serafiná de Melo de Vasconcelos, c.c. Martim de Freitas de Oliveira.

Bn 10 Inês de Melo.

Bn 11 Felipa de Sá.

Homem de prestígio social, coronel de ordenança, em 3 de julho de 1624

Luís c.c. Antônia Garcês de Oliva, filha de João Garcês e de Vitória de Oliva, tendo filhos:

Bn 12 Luís de Melo de Vasconcelos, c. c. Águeda de Menezes e Margarida Teles de Menezes.

Bn 13 Luísa de Melo, c. c. Pedro de Góis de Araújo.

Bn 14 Felipa de Melo, c. c. Antônio Homem de Almeida.

Bn 15 Joaquim de Melo de Vasconcelos.

Bn 16 Teresa de Melo.

Aos 12 de junho de 1645 c.c. Luísa Dória, filha de Bras da Silva Menezes e de Clemência Dória. Com Bernarda Coutinho, filha de Francisco Pinheiro Coutinho, ainda veio a casar-se e de ambas não teve descendentes. Morto a 28 de fevereiro de 1668, sepultou-se no convento do Carmo.

102 — N 6 *Francisco de Carvalho de Oliveira*, cavaleiro fidalgo, a 4 de julho de 1633 c. c. Maria de Menezes, filha de Gaspar Pereira e de Ângela Lôbo de Mendonça, batizada a 11 de janeiro de 1612. Filhos seus:

Bn 17 João de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos, c. c. Joana Soares.

Bn 18 Paulo de Carvalho de Oliveira c.c. Apolônia Monteiro Pereira.

Bn 19 Gaspar Teles de Carvalho de Menezes, c.c. Margarida de Góis e Benta de Oliva.

Bn 20 Francisca de Menezes, c. c. Lucas Pinto Coelho.

103 — N 7 *Bartolomeu de Vasconcelos de Oliveira* c. c. Luísa Pacheco, filha de Francisco Fernandes Pacheco e de Violante de Araújo. A história de Bartolomeu é trágica. Mancomunado com seu pai, assassinaram, abrindo-o pelas costas, a machado, de alto a baixo, o velho Francisco de Barbuda, cuja morte se

verificou a 11 de março de 1607. Seu pai foi condenado à morte e executado, e Bartolomeu cumpriu pena, ficando-lhe inseparável, como estigma, o apelido *Mapele*. Teve uma filha:

Bn 21 Maria de Vasconcelos, c. c. Mateus de Aguiar Daltro.

104 — Bn 1 *Jorge de Melo de Vasconcelos* c. c. Isabel Cordeiro, falecida, já viúva, a 20 de julho de 1679, com sepulturo na igreja de Matoim. Houve um filho:

Tn 1 Antônio de Melo de Vasconcelos, c. c. Inês Lôbo, Maria da Silva Machado e Isabel Bárbara de Menezes.

105 — Bn 2 *Inácio de Melo de Vasconcelos* era capitão e na igreja do Socorro c. c. Felícia Lôbo de Barros, filha de Manuel Pinheiro de Carvalho e de Maria de Barros Lôbo, e teve filhos:

Tn 2 Antônio de Melo de Vasconcelos, batizado a 14 de fevereiro de 1649.

Tn 3 Maria Lôbo, batizada a 25 de julho de 1650.

Tn 4 Catarina de Melo, c. c. Antônio de Sá Peixoto.

Tn 5 Manuel Pinheiro de Carvalho e

Tn 6 Henrique de Melo, batizados a 24 de novembro de 1654.

Tn 7 Ângela de Melo de Barros, c. c. Domingos Rodrigues.

106 — Bn 6 *Cristóvão de Melo de Vasconcelos*, como seu irmão Bartolomeu passou-se ao Rio de Janeiro, e aí se casaram, ambos, com filhas de Sebastião Lôbo Pereira. Cristóvão com Antônia Pereira Lôbo, tendo filhos:

Tn 8 Sebastião Pereira de Melo, c. c. Luzia da Cruz de Azevedo.

Tn 9 Paulo Pereira de Melo, c. c. Antônia de Menezes Mendonça.

Tn 10 Antônio de Melo.

Tn 11 Pedro de Melo.

Tn 12 Isabel de Vasconcelos.

Tn 13 Serafina de Vasconcelos.

107 — Bn 7 *Bartolomeu de Vasconcelos*, tal qual seu irmão Cristóvão, foi ao Rio de Janeiro e lá se casou com Inácia Pereira Lôbo, filha de Sebastião Lôbo Pereira, tendo um filho:

Tn 14 Manuel de Melo de Vasconcelos.

108 — Bn 8 *Francisco de Melo de Vasconcelos* c. c. Ângela Soares Barbosa, filha de Jácome Barbosa de Amorense e de Isabel Soares, batizada a 1 de novembro de 1627, tendo filhos:

Tn 15 Jácome Barbosa.

Tn 16 Luís de Melo.

Tn 17 Francisco Xavier de Vasconcelos.

Tn 18 João Barbosa.

Tn 19 Águeda de Melo Soares, c. c. Cristóvão Alberto de Castelo-Branco.

109 — Bn 12 *Luís de Melo de Vasconcelos*, também coronel, como seu pai, c. c. Águeda de Menezes, filha de Francisco Barreto de Menezes e de Isabel de Aguiar, batizada a 20 de junho de 1642, tendo filhos:

Tn 20 Luís de Melo de Vasconcelos, nascido a 20 de junho de 1722.

Tn 21 Isabel de Melo.

Depois c. c. Margarida Teles de Menezes, filha de Marcos de Bittencourt e de Ângela de Menezes, o ato realizado em Cotegipe a 2 de maio de 1679. Pais:

Tn 22 Marcos de Bittencourt de Vasconcelos, c.c. Úrsula Teles de Menezes.

Tn 23 Antônia de Menezes de Vasconcelos.

Tn 24 Ângela de Menezes.

Tn 25 Vasco de Melo de Vasconcelos, c. c. Inês Teles de Menezes.

110 — Bn 17 *João de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos*, a 5 de julho de 1649 c. c. Joana Soares, filha de Sebastião Soares Pinto e de Maria Borges. Faleceu a 18 de junho de 1672, deixando filhos:

Tn 26 Fernando Teles de Carvalho, c. c. Águeda de Sousa.

Tn 27 José de Melo, c. c. Maria de Menezes.

Tn 28 Manuel de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos, c. c. Ângela de Menezes.

Tn 29 Brites de Melo de Vasconcelos, c.c. Manuel de Araújo Teles.

Tn 30 Mario de Carvalho de Melo, c.c. João de Almeida, com Tomé Teles de Barbuda e com Francisco de Araújo.

Tn 31 Francisca de Oliveira Melo.

Tn 32 Clara de Melo de Vasconcelos, c.c. Manuel Rodrigues de Menezes.

111 — Bn 18 *Paulo de Carvalho de Oliveira* c.c. Apolônia Monteiro Pereira, filha de Bento Monteiro Freire e de Susana Pereira, batizada a 14 de setembro de 1639, casada a 2 de fevereiro de 1655 e morta a 11 de junho de 1674, com filhos:

Tn 33 João de Carvalho de Oliveira, c.c. Ângela de Menezes.

Tn 34 Francisco Teles de Menezes, c.c. Teresa de Menezes.

Tn 35 Lourenço de Carvalho de Oliveira, c.c. a viuva Leonor Baldes.

Tn 36 José de Carvalho de Oliveira, c. c. Maria Caetana de Vasconcelos.

Tn 37 Antônio

Tn 38 Maria

Tn 39 Marta

Tn 40 Isabel.

112 — Bn 19 *Gaspar Teles de Carvalho de Menezes* c.c. Margarida de

Góis, filho de João de Araújo de Siqueira e de Maria de Menezes. Pai de:

Tn 41 Ana de Vasconcelos, c. c. João de Oliva Garcês.

A 17 de março de 1674, em Cotegipe, c. c. Benta de Oliva, filha de André Cavalo de Carvalho e de Brites de Oliva. Faleceu a 10 de outubro de 1677, sepultado na igreja de S. Francisco. Pai de:

Tn 42 Maria de Vasconcelos de Menezes, c.c. Francisco Teles de Menezes.

113 — Tn 1 *Antônio de Melo de Vasconcelos* c.c. Inês Lôbo, filha de André Monteiro de Almeida e de Vitória de Barros. Sem filhos. Depois c. c. Maria da Silva Machado, filha de Antônio Belo da Silva e de Ana Machado, e teve:

4n 1 Luísa de Melo, c. c. Francisco das Neves a 6 de fevereiro de 1690.

Ainda se c. c. Isabel Bárbara de Menezes, filha de Francisco da Costa Dória e de Clemência Dória, tendo filhos:

4n 2 José de Melo.

4n 3 Antônio de Melo.

4n 4 João de Melo.

114 — Tn 8 *Sebastião Pereira de Melo* c.c. a viúva Luzia da Cruz de Azevedo, filha de Sebastião Pais e de Isabel de Azevedo, sem descendentes.

115 — Tn 9 *Paulo Pereira de Melo* c.c. a viúva Antônia de Menezes Mendonça, filha de Martim Afonso de Mendonça e de Brites Soares, sem filhos.

116 — Tn 22 *Marcos de Bittencourt Vasconcelos* era capitão, a 28 de agosto de 1728, na capela da Conceição, c.c. Úrsula Teles de Menezes, filha de Antônio Moniz Barreto e de Arcângela Girão, sem descendentes.

117 — Tn 25 *Vasco de Melo Vasconcelos* c.c. Isabel Teles de Menezes, filha de Antônio Rabelo de Macedo e de Mariana Teles de Menezes. O casamento a 28 de novembro de 1721 e a morte de Isabel a 29 de maio de 1725, com sepultura na igreja de Matoim, “da grade para dentro”. Pai de:

4n 5 Francisco de Melo de Vasconcelos de Aguiar Daltro, c. c. Inácia de Araújo Góis.

118 — Tn 26 *Fernando Teles de Carvalho* c. c. Águeda de Sousa, filha de Baltazar de Amorim Barbosa e de Ângela de Sousa.

119 — Tn 27 *José de Melo* c.c. Maria de Menezes, filha de Ângelo de Araújo da Mota e de Isabel de Menezes, tendo filha:

4n 6 Isabel de Menezes.

120 — Tn 28 *Manuel de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos*, a 13 de setembro de 1693 c.c. Ângela de Menezes, filha de Ângelo de Araújo da Mota e de Isabel de Menezes, tendo filhos:

4n 7 José de Carvalho de Oliveira.

4n 8 Luzia de Menezes.

4n 9 Apolônia de Menezes Vasconcelos, c. c. André Cavalo de Carvalho.

121 — Tn 33 *João de Carvalho de Oliveira* c.c. Ângela de Menezes, filha de Manuel Pacheco Freire e de Ângela de Menezes de Vasconcelos.

122 — Tn 34 *Francisco Teles de Menezes* c.c. Teresa de Menezes, filha de Manuel Pacheco Freire e de Ângela de Menezes de Vasconcelos.

123 — Tn 35 *Lourenço de Carvalho de Oliveira*, batizado a 16 de agosto de 1672, c.c. a viúva Leonor Baldes, filha de Justo Baldes e de Leonor Barbosa.

124 — Tn 36 *José de Carvalho de Oliveira*, batizado a 13 de janeiro de 1669, c. c. Maria Caetana de Vasconcelos, filha de Matias Barbosa e de Leonor Baldes. Pai de:

4n 10 Francisco Teles de Carvalho de Vasconcelos, c. c. Ana Maria de Jesus.

125 — 4n 5 *Francisco de Melo de Vasconcelos de Aguiar Daltro*, sargento-mór em Pôrto Seguro, foi batizado a 10 de junho de 1725 e a 17 de agosto de 1746 c. c. Inácia de Araújo Góis, filha de Inácio de Araújo Góis e de Maria de Sousa de Góis, batizada a 15 de junho de 1713. Pai de:

5n 1 Francisca de Melo de Vasconcelos de Aguiar Daltro, c. c. Joaquim Vitório Pereira.

126 — 4n 10 *Francisco Teles de Carvalho de Vasconcelos* c.c. Ana Maria de Jesus, bastarda do capitão de infantaria da Baía Ambrósio Álvares Caranha, e teve filho:

5n 2 José Teles de Carvalho.

127 — *Martim de Freitas de Oliva*, capitão, aos 28 de janeiro de 1629 c. c. Serafina de Melo de Vasconcelos, filha de Luís de Melo de Vasconcelos e de Maria de Sá, tendo filhos:

F 1 Francisco de Freitas, capitão de infantaria, morto em desavenças com os Britos de Castro.

F 2 Úrsula de Melo de Vasconcelos, c. c. Antônio de Couros Carneiro.

F 3 Josefa de Melo.

F 4 Francisco de Oliva.

F 5 Martim de Freitas de Oliva, assassinado ainda jovem.

F 6 João de Oliva de Melo.

128 — *Antônio de Sá Peixoto* c. c. Catarina de Melo, filha de Inácio de Me-

lo de Vasconcelos e de Felícia Lôbo de Barros, batizada a 8 de outubro de 1651.

129 — *Cristóvão Alberto de Castelo Branco*, filho de Marcos Alberto e de Antônia Castelo-Branco, nascido em Lisboa aos 27 de novembro de 1686, em Cotegipe, c. c. Águeda de Melo Soares, filha de Francisco de Melo de Vasconcelos e de Ângela Soares Barbosa.

MONIZ BARRETO

130—*Egas Moniz Barreto* veio da ilha Terceira, de Portugal, com a sua esposa, Maria da Silveira, e os seus três primeiros filhos, ao tempo da fundação da cidade da Baía. Foi fidalgo e homem de prol. Faleceu a 4 de novembro de 1582, com sepultura na Ajuda. Seus outros dois filhos nasceram na Baía:

F 1 Duarte Moniz Barreto, c.c. Helena de Melo de Vasconcelos.

F 2 Henrique Moniz Barreto, c.c. Luísa Soares e Leonor Antunes.

F 3 Jerônimo Moniz Barreto, c.c. Mecia Lôbo de Mendonça e Isabel de Lemos.

F 4 Diogo Moniz Barreto.

F 5 Inês Moniz Barreto, c.c. Diogo da Rocha de Sá.

131 — F1 *Duarte Moniz Barreto* foi o 2.º alcaide-mór da Baía, por doação de seu sogro, embora divergência notada na carta régia de 2 de maio de 1554 (*Anais da Biblioteca Nacional*, v. 36, verbete 20.716). C. c. Helena de Melo de Vasconcelos, filha de Antônio de Oliveira de Carvalhal e de Luísa de Melo de Vasconcelos. Falecido a 10 de janeiro de 1618 e Helena a 28 de dezembro de 1630. Pai de:

N 1 Jorge Barreto de Melo, c.c. Maria de Lomba.

N2 Francisco Barreto de Melo, c. c. Maria de Aragão e Águeda de Barbuda.

N 3 Antônio Barreto de Melo.

N 4 Catarina de Menezes, c.c. Manuel Girão.

N 5 Joana de Menezes, c.c. Gaspar dos Reis Pinto.

N 6 Luísa de Melo.

N 7 Maria de Menezes, c.c. Bernardo Pimentel de Almeida.

N 8 Brites de Menezes, c.c. Francisco de Freitas Magalhães.

132 — F2 *Henrique Moniz Barreto*, fidalgo escudeiro, c. c. Luísa Soares. Homem de alto conceito, proprietário em Matoim. Faleceu a 20 de fevereiro de 1620, sepultado no colégio dos jesuítas, sendo testamenteiros o seu filho Diogo e sua mulher Leonor. Pai de:

N 9 Antônia Soares, c. c. Antônio Vaz.

N 10 Maria Soares, c. c. Gaspar Pereira.

Depois c. c. Leonor Antunes, filha de Heitor Antunes e da Ana Rodrigues, ambos de origem judaica. Por êsse casamento os historiadores procuraram negar ou evitar o nome de Henrique. Leonor veio a ser penitenciada pela Inquisição, falecendo a 17 de dezembro de 1644. Pai de:

N 11 Henrique Moniz Barreto, c.c. Maria Soares.

N 12 Antônia de Menezes, c.c. Diogo Lopes Francô.

N 12 Inês de Menezes, c.c. Antônio Coelho Pinheiro.

N 14 Joana Teles, c. c. Nuno Darez

N 15 Diogo Moniz Teles, c. c. Catarina Vitória e Felipa de Almeida.

N 16 Maria de Menezes, falecida a 11 de novembro de 1636.

133 — F 3 *Jerônimo Moniz Barreto*, fidalgo da casa real, grande proprietário e nome respeitável. C.c. Mecia Lôbo

de Mendonça, filha de Francisco Bicudo e de Mecia Lôbo de Mendonça. Teve filhos:

N 17 Egas Moniz Barreto, c. c. Águeda de Lemos, Joana Pereira de Aguiar e Juliana Rangel.

N 18 Angela Lôbo de Mendonça, c. c. Gaspar Pereira.

N 19 Maria de Menezes, c.c. Cristóvão da Costa Dória.

N 20 Francisca de Menezes, c.c. Domingos Barbosa de Amorim.

N 21 Isabel de Menezes.

N 22 Vasco Moniz Barreto.

Depois c. c. Isabel de Lemos, filha de João Rodrigues Palha e de Mecia de Lemos. Jerônimo faleceu a 12 de outubro de 1606, com sepultura na igreja de S. Francisco. Outros filhos seus:

N 23 Miguel Teles de Menezes, c. c. Joana de Sá de Bittencourt.

N 24 Antônio Moniz Teles, c. c. Cristina Coutinho.

N 25 Vicente Moniz Barreto.

N 26 Francisco Moniz de Menezes, c. c. Maria Lôbo de Mendonça.

N 27 Jerônimo Moniz Barreto.

N 28 Joana de Lemos Barreto.

N 29 Ana de Lemos, c. c. Cristóvão Rabelo de Azevedo.

134 — N1 *Jorge Barreto de Melo*, aos 13 de agosto de 1600 c.c. Maria de Lomba, filha de Pedro de Lomba e de Beatriz de Albernaz. Em 1618, por morte de seu pai, foi o alcaide-mór da Baía, até 1638, quando morreu. Maria sobreviveu-o até 11 de setembro de 1647. Pai de:

Bn-1 Francisco Moniz Barreto, c.c. Francisca de Almeida Velória.

Bn 2 Luís de Melo de Vasconcelos, c. c. Leonor Varela.

Bn 3 Duarte Moniz Barreto, c. c. Isabel de Almeida Velória.

Bn 4 Antônio de Oliveira de Carvalho, c.c. Maria de Barros de Magalhães.

Bn 6 Catarina de Menezes, batizada a 24 de agosto de 1614.

Bn 6 Catarina de Menezes, batizada a 24 de Agosto de 1614.

Bn 7 Bartolomeu de Vasconcelos, c. c. Maria da Conceição Cunha.

Bn 8 Pedro Moniz Barreto, c. c. Ângela da Cunha.

Bn 9 Ângela de Menezes de Vasconcelos, c.c. Gaspar Pereira de Menezes e Manuel Pacheco Freire.

Bn 10 Joana de Menezes, c.c. João Garcês.

135 — N2 *Francisco Barreto de Melo*, fidalgo da casa real, proprietário do engenho Mataripe, aos 24 de junho de 1595 c. c. Águeda de Barbuda, filha de Francisco de Barbuda e de Maria Barbosa. Pai de:

Bn 11 Maria de Menezes, c. c. Pedro Camelo de Aragão Pereira.

Bn 12 Joana Barreto de Melo, batizada a 20 de maio de 1603.

Bn 13 Francisco Barreto de Menezes, batizado a 22 de novembro de 1604.

Bn 14 Duarte Moniz Barreto, batizado com Francisco, por serem gêmeos.

Bn 15 Bernardo Moniz Teles, batizado a 19 de agosto de 1606.

Bn 16 Antônio Moniz Barreto, batizado a 27 de maio de 1608.

Bn 17 Bento Moniz Teles, batizado a 4 de junho de 1610.

136 — N 11 *Henrique Moniz Barreto*, fidalgo da casa real, em Paripe, a 1 de setembro de 1659, c.c. Maria Soares, filha de Antônio Vaz e de Antônia Soares. Pai de:

Bn 18 Antônio Moniz Barreto, c. c. Isabel Pimentel.

Bn 19 Antônia de Menezes, c.c. Francisco Furtado.

Bn 20 Jerônima de Menezes, c.c. Marcos de Bittencourt.

Bn 21 Manuel Soares Barreto, c. c. Felipa de Almeida.

137 — N 15 *Diogo Moniz Teles*, escudeiro fidalgo da casa real, casou na sé a 1 de maio de 1610, sendo paraninfos no ato o bispo Constantino Barradas, Henrique Moniz seu pai, Helena de Melo esposa de seu tio o alcaide-mór e Leonor Antunes sua mãe. C.c. Catarina Vitória, filha de Manuel Gomes Vitória e de Branca Serrão. Pai de:

Bn 22 Henrique Moniz Teles, c. c. Isabel de Almeida.

Bn 23 Antônio Moniz Barreto, c. c. Catarina de Sá de Almeida.

Bn 24 Leonor Teles, c. c. João Mendes de Vasconcelos.

Bn 25 Mariana Teles, c. c. Luís Álvares Franco.

Bn 26 Branca Teles, c. c. Amaro Homem de Almeida.

Bn 27 Antônia de Menezes, c.c. Francisco da Rocha de Sá.

Bn 28 Manuel Teles.

Bn 29 Bartolomeu Moniz Teles, c. c. Arcângela de Lomba.

Bn 30 Cosme Moniz Teles.

Depois c. c. Felipa de Almeida, filha de Manuel de Almeida Lobato e de Felipa Cordeiro Aires, falecida a 15 de setembro de 1646.

138 — N 17 *Egas Moniz Barreto*, fidalgo escudeiro, c.c. Águeda de Lemos, filha de João Rodrigues Palha e de Mecia de Lemos. Pai de:

Bn 31 Francisco Barreto de Menezes, c. c. Isabel de Aragão.

Bn 32 Mecia de Menezes, c.c. Paulo de Argolo.

Ainda c.c. Joana Pereira de Aguiar, irmã do vigário de Socorro, Francisco Pereira de Aguiar, tendo filhos:

Bn 33 João Pereira, jesuita.

Bn 34 Antônio Moniz Barreto, sacerdote.

Pela terceira vez c. c. Juliana Rangel, filha de Rafael Teles e de Maria Rangel. Pai de:

Bn 35 Ana de Menezes, c.c. Francisco de Barros Lôbo.

Bn 36 Isabel Moniz Rangel, c. c. Francisco Freire de Andrade.

Bn 37 Maria Rangel, c. c. João Lôbo Marinho.

Bn 38 Diogo Moniz Barreto, c. c. Mecia de Aragão de Menezes.

139—N 23 *Miguel Teles de Menezes*, fidalgo da casa real, c. c. Joana de Sá de Bittencourt, filha de Cristóvão de Sá de Bittencourt e de Francisca Barbosa. Pai de.

Bn 39 Isabel de Lemos, c. c. Domingos Maciel Teixeira e Germano Botelho.

Bn 40 Francisca de Menezes, c.c. Antônio da Fonseca Saraiva.

Bn 41 Madalena de Menezes, c.c. Damião Pinheiro de Mendonça.

140 — N 24 *Antônio Moniz Teles*, batizado a 19 de abril de 1586, fidalgo escudeiro, residindo em Ilhéus, a 10 de agosto de 1633 c.c. Cristina Coutinho. Pai de:

Bn 42 Jerônimo Moniz Barreto, c. c. Maria de Sousa.

Bn 43 Isabel Teles, c. c. Gaspar de Araújo Góis.

Bn 44 Francisca Coutinho, c. c. Pedro Baldes Barbosa.

Bn 45 Maria Teles de Menezes, c. c. Pasqual de Freitas Pimentel e Manuel de Quadros Gregório.

Bn 46 Teresa Moniz Teles, c. c. Geraldo Baldes Leitão.

141 — N 26 *Francisco Moniz de Menezes* foi fidalgo da casa real, tendo falecido a 1 de abril de 1674, com sepultura na capela-mór da Misericórdia, no jazigo de seu avô Francisco Bicudo. C.c. Maria Lôbo de Mendonça, filha de Manuel de Freitas do Amaral e de Vitória de Barros, teve filhos:

Bn 47 Vitória de Menezes, c. c. Vasco de Sousa Dormundo e Jerônimo da Cruz.

Bn 48 Jerônimo Moniz Barreto, c. c. Teresa de Sousa.

142 — Bn1 *Francisco Moniz Barreto*, batizado a 24 de setembro de 1602, foi o 4.º alcaide-mór da Baía e o último deste título na família, por não ter tido descendentes e os seus irmãos não pleitearem o direito à sucessão, após a sua morte a 19 de junho de 1669. Sua nomeação fôra de 2 de outubro de 1647. Em Angola c. c. Francisca de Almeida Velória; irmã do capitão do presídio local, ao tempo em que com outra irmã desta se casava o seu irmão Duarte. O rei Afonso 6.º deu a alcaidaria-mór da Baía a Bernardo de Miranda Henriques, que a vendeu ao famigerado Francisco Teles de Menezes.

143 — Bn2 *Luís de Melo de Vasconcelos*, batizado a 5 de setembro de 1604, c.c. Leonor Varela, filha de Domingos Varela e de Paula Dormundo, tendo filhos:

Tn 1 Antônio Moniz, batizado a 13 de abril de 1631, sacerdote.

Tn 2 Joana de Melo, c. c. João de Cássares de Amorim.

Tn 3 Feliciano de Melo, c. c. Jorge Barreto de Vasconcelos.

Tn 4 Ana de Melo Varela, c. c. Gonçalo de Amorim.

144 — Bn 3 *Duarte Moniz Barreto*, batizado a 14 de julho de 1611, foi para Angola com seu irmão Francisco e lá se casou com Isabel de Almeida Velória, irmã do capitão do presídio local, com ela tendo um filho:

Tn 5 Jorge Barreto de Melo, c. c. Francisca Soares Barbosa, com a viúva Ângela de Sousa e com Antônia Ferreira.

145 — Bn 4 *Antônio de Oliveira de Carvalho*, batizado a 25 de agosto de 1611, c. c. Maria de Barros de Magalhães, filha de Antônio de Barros de Magalhães. Pai de:

Tn 6 Pedro Moniz Barreto, c. c. Maria de Almeida e Luísa de Góis,

Tn 7 Duarte Moniz Barreto.

Tn 8 José de Barros.

Tn 9 Catarina de Barros, c.c. Luís Lopes de Paredes.

Tn 10 Margarida de Oliveira, c. c. Francisco Barbosa de Eça.

Tn 11 Helena de Barros, c. c. João de Barros de Araújo.

Tn 12 Inês de Barros de Oliveira, c. c. Gaspar de Amorim de Passos.

146 — Bn 5 *Manuel Moniz Barreto* c. c. Maria de Aguiar, filha de Antônio de Aguiar Daltro e de Brites Barbosa.

147 — Bn 7 *Bartolomeu de Vasconcelos*, fidalgo cavaleiro, c. c. Maria da Conceição Cunha, filha de João da Cunha e de Ângela da Cunha. Faleceu a 21 de março de 1665, em Pirajá, mas sepultado na igreja do Carmo, na Baía. Pai de:

Tn 13 Jorge Barreto de Vasconcelos, c. c. Feliciano de Melo.

Tn 14 João da Cunha.

Tn 15 Manuel Barreto.

Tn 16 Ângela da Cunha, c. c. Custódio Nunes Daltro.

Tn 17 Bernarda Teles, morta aos 91 anos, solteira.

148 — Bn 8 *Pedro Moniz Barreto* c. c. a viúva Ângela da Cunha, filha de João da Cunha e de Ângela da Cunha. Pai de:

Tn 18 Francisco Moniz.

Tn 19 Antônio Moniz.

Tn 20 Mario de Menezes, c.c. Pedro Duarte.

149 — Bn 21 *Manuel Soares Barreto*, batizado a 1 de janeiro de 1617, fidalgo da casa real, c. c. Felipa de Almeida, filha de Rodrigo de Almeida e de Margarida Pereira de Castro, com filhos:

Tn 21 Henrique Moniz Barreto, c. c. Antônia Soares de Góis.

Tn 22 Maria Soares.

Tn 23 Felipa de Almeida.

150 — Bn 23 *Antônio Moniz Barreto*, cavaleiro fidalgo, senhor do engenho Pirajá, c. c. Catarina de Sá de Almeida, filha de Gonçalo Homem de Almeida e de Maria de Sá, falecida a 27 de fevereiro de 1666, sendo a sua morte a 25 de dezembro de 1657. Pai de:

Tn 24 Manuel Teles Barreto, c. c. Francisca Lins de Vasconcelos.

Tn 25 Maria de Sá de Menezes, c.c. Constantino Lins de Vasconcelos.

Tn 26 Apolônia Teles de Meneses, c. c. Jorge Barreto de Vasconcelos.

Tn 27 Antônia de Menezes, c.c. Ambrósio de Queirós Cerqueira.

Tn 28 Leonor de Menezes.

151 — Bn 29 *Bartolomeu Moniz Teles*, também fidalgo quanto os seus pai e avô, a 17 de abril de 1643 c.c. Arcângela de Lomba, filha de Paulo de Lomba e de Tomásia Barbosa, tendo filhos:

Tn 29 Catarina Moniz, batizada a 17 de março de 1644.

Tn 30 Tomásia Barbosa, c.c. Manuel Teles Barreto.

152 — Bn 31 *Francisco Barreto de Menezes*, batizado a 6 de junho de 1602, escudeiro fidalgo, proprietário do engenho Mataripe, c. c. Isabel de Aragão, filha de Belchior de Aragão de Sousa e de Maria Dias. Faleceu êle em 1669 e Isabel a 19 de maio de 1674. Pai de:

Tn 31 Egas Moniz Barreto, c. c. Inês Barbalho Bezerra.

Tn 32 Mecia de Aragão de Menezes, c.c. Diogo Moniz Barreto.

Tn 33 Águeda de Menezes, c.c. Luís de Melo de Vasconcelos.

Tn 34 Inês de Aragão de Menezes, batizada a 4 de setembro de 1652.

153 — Bn 38 *Diogo Moniz Barreto* c. c. sua sobrinha Mecia de Aragão de Menezes, filha de Francisco Barreto de Menezes e de Isabel de Aragão, batizada a 22 de julho de 1644. Teve filhos:

Tn 35 Antônio Moniz Barreto, c. c. Maria de Menezes e Ana de Almeida.

Tn 36 Leonor Josefa de Menezes, c. c. Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque.

Tn 37 Isabel Moniz Barreto de Menezes, c.c. Antônio Ferreira de Sousa.

Tn 38 Mariana de Menezes, c.c. Pedro Baldes Barbosa e Inácio Barbosa Machado.

Tn 39 Francisco Barreto de Menezes.

Tn 40 Pedro Teles Barreto de Menezes.

154 — Bn 42 *Jerônimo Moniz Barreto*, fidalgo e escudeiro da casa real por alvará de 16 de fevereiro de 1684, c.c. Maria de Sousa, filha de João de Góis de Araújo e de Catarina de Sousa, falecido a 22 de maio de 1650. Pai de:

Tn 41 Teresa Catarina de Sousa, c. c. Nicolau de Carvalho Pinheiro.

Tn 42 Francisca de Menezes.

Tn 43 João de Góis de Araújo.

155 — Bn 48 *Jerônimo Moniz Barreto*, aos 24 de junho de 1663 c.c. Teresa de Sousa, filha de Antônio Ferreira de Sousa e de Antônia Barbalho Bezerra, sendo celebrante do ato, a 24 de junho de 1663, fr. Francisco de Sousa, tio da nubente. Pai de:

Tn 44 Francisca Isabel Barreto de Menezes, c.c. Nicolau Lopes Fiúsa e Francisco Moniz Barreto.

Tn 45 Joana de Sousa Barreto, c. c. João de Aguiar Vilas-Boas.

Tn 46 Eugênia Teresa de Menezes, c.c. João Lopes Fiúsa.

Tn 47 Luísa Josefa de Menezes, c.c. Antônio Galas da Silveira.

Tn 48 Antônia de Menezes, batizada a 25 de abril de 1672.

Tn 49 Catarina Barreto de Menezes, batizada a 8 de março de 1682.

Tn 50 Diogo Moniz Barreto, batizado a 2 de agosto de 1677.

156 — Tn 5 *Jorge Barreto de Melo*, c. c. Francisca Soares Barbosa, filha de Jácome Barbosa de Amorim e de Isabel Soares, batizada a 20 de junho de 1632, tendo um filho:

4n 1 Joaquim Barreto de Melo.

Depois c.c. a viúva Ângela de Sousa, filha de Agostinho Paredes de Barros e de Ana de Sousa, a 3 de setembro de 1665, e mais tarde a matou pela prática de adultério com o primo Bento Monteiro Freire. Teve:

4n 2 Tomé Barreto de Melo.

Ainda c. c. Antônia Ferreira, filha de Simão Ferreira Louçano e de Guio-mar Soares, a 15 de agosto de 1674, tendo filhos:

4n 3 Jerônimo Moniz Barreto.

4n 4 Tomé Borges de Miranda.

157 — Tn 6 *Pedro Moniz Barreto* c. c. Maria de Almeida, filha de Baltazar Lourenço Pacheco, e teve filhos:

4n 5 Egas Moniz Barreto.

4n 6 Maria de Almeida.

4n 7 José de Menezes.

Depois c. c. Luísa de Góis, filha de Lourenço de Sousa Vieira, tendo filhos:

4n 8 Antônio de Oliveira de Carvalho.

4n 9 Maria de Barros.

158 — Tn 13 *Jorge Barreto de Vasconcelos* tinha o fôro de fidalgo escudeiro

por alvará de 31 de janeiro de 1695 e c. c. Feliciano de Melo, filha de Luís de Melo de Vasconcelos e de Maria da Conceição Cunha. Pai de:

4n 10 Leonor de Vasconcelos, c. c. Valentim da Fonseca.

A 29 de outubro de 1674 c.c. Apolônia Teles de Menezes, filha de Antônio Moniz Barreto e de Catarina de Sá de Almeida, tendo:

4n 11 Manuel Teles Barreto, c. c. Luísa Coutinho de Menezes Lacerda.

4n 12 Maria da Conceição Menezes, c. c. Antônio Moniz Barreto.

4n 13 Branca Teles de Menezes, c. c. Bartolomeu Lins de Vasconcelos.

4n 14 Ana da Conceição Menezes, c. c. Vasco Pacheco de Aguiar Espinola.

4n 15 João da Cunha.

4n 16 Antônio Moniz Barreto, que nasceu cego.

4n 17 Bartolomeu de Vasconcelos, morto nas minas.

4n 18 Francisco Xavier de Vasconcelos.

159 — Tn 24 *Manuel Teles Barreto*, fidalgo da casa real, c. c. Francisca Lins de Vasconcelos, filha de Constantino Lins de Vasconcelos e de Maria de Sá de Menezes, tendo filhos:

4n 19 Manuel Moniz Barreto, c. c. Teresa Maria de Jesus.

4n 20 Teresa de Jesus Barreto, c. c. Antônio de Uzeda Aiala e Belchior de Sá Coutinho.

160 — Tn 31 *Egas Moniz Barreto*, batizado a 22 de agosto de 1646, foi coronel, fidalgo escudeiro, grande proprietário. C.c. Inês Barbalho Bezerra, filha de Antônio Ferreira de Sousa e de Antônia Barbalho Bezerra, aos 8 de janeiro de 1678. Pai de:

4n 21 Antônio Ferreira de Sousa, c. c. Isabel Moniz Barreto de Menezes.

4n 22 Francisco Barreto de Menezes, c. c. Isabel da Silva.

4n 23 Egas Moniz Barreto, c. c. Rosa Maria de Sá Souto-Maior.

4n 24 Bento Pereira de Aragão.

4n 25 Isabel Maria de Aragão, c. c. Antônio Machado Velho e Nicolau Lopes Fiúsa.

161 — Tn 35 *Antônio Moniz Barreto*, sargento-mór, fidalgo da casa-real, c.c. Maria de Menezes, filha de Francisco de Barros Lôbo e de Ana de Menezes. Pai de:

4n 26 Diogo Moniz Barreto, c. c. Maria Josefa de Menezes.

4n 27 Mateus Moniz Barreto.

Aos 24 de abril de 1697, tendo como padrinho o governador João de Alencastro, c. c. Ana de Almeida, filha de Domingos Monteiro de Sá e de Juliana de Almeida. Faleceu a 17 de junho de 1730. Pai de:

4n 28 Francisco Moniz Barreto, capitão.

162 — 4n 11 *Manuel Teles Barreto* c.c. Luísa Coutinho de Menezes Lacerda, filha de Francisco de Freitas de Menezes e de Margarida de Lacerda Coutinho. Pai de:

5n 1 João Batista Barreto de Vasconcelos, c. c. Joana de Aragão.

163 — 4n 19 *Manuel Moniz Barreto*, tenente de infantaria, fidalgo da casa real, c. c. Teresa Maria de Jesus, filha de Antônio de Araújo Góis e Ana Úrsula de Sousa, com filhos:

5n 2 Luís Moniz Barreto.

5n 3 João Teles de Menezes.

164 — 4n 21 *Antônio Ferreira de Sousa* foi escudeiro fidalgo, senhor do engenho Mataripe. Em 13 de junho de 1706, na igreja de S. Pedro, na cidade, o vigário Francisco Pinheiro Barreto o casou com Isabel Moniz Barreto

de Menezes, filha de Diogo Moniz Barreto e de Mecia de Aragão de Menezes, tendo filhos:

5n 4 Antônio Ferreira de Sousa.

5n 5 Egas Carlos de Sousa Moniz Barreto de Menezes, c. c. Maria Francisca da Conceição.

5n 6 Diogo Luís de Sousa, c. c. Teresa Josefa Maria de Jesus.

165 — 4n 22 *Francisco Barreto de Menezes*, batizado a 12 de fevereiro de 1686, c. c. Isabel da Silva, filha de Manuel de Matos de Viveiros e de Francisca da Silva, sem descendentes.

166 — 4n 23 *Egas Moniz Barreto*, em Sergipe del-Rei, onde passou a residir, c. c. Rosa Maria de Sá Souto-Maior, filha de Mem de Sá Souto-Maior e de Mariana Cecília Serra. Pai de:

5n 7 Gonçalo de Sá Souto-Maior, padre.

5n 8 Roque Moniz Barreto, capitão.

5n 9 Estácio de Sá Moniz Barreto, c. c. Francisca Xavier de S. José.

5n 10 Egas Moniz Barreto.

5n 11 José Sotero de Sá Barreto, casado em Pernambuco.

5n 12 Nazário da Rosa de Sá Souto-Maior, c. c. Rosa Maria Florentina Barbosa.

5n 13 a 15 Vicente, Vasco e José.

5n 16 Inês Moniz Barreto, c. c. Teodoro Moniz Barreto.

5n 17 Rosa Maria de Sá, c. c. Félix José de Sousa.

5n 18 Maria Sofia de Jesus Maciel, c. c. José Sotero Dantas.

5n 19 Mariana Cecília Bezerra, c. c. Gonçalo de Góis de Amorim.

5n 20 Joana de Sá Menezes, c. c. Francisco Teles de Menezes.

167 — 4n 26 *Diogo Moniz Barreto* c. c. Maria Josefa de Menezes, filha

de Antônio de Faria Severim e de Luzia de Menezes, tendo filhos:

5n 21 Antônio Pedro Moniz Barreto.

5n 22 Maria de Lima Barreto.

168 — 5n 1 *João Batista Barreto de Vasconcelos*, fidalgo da casa real, c. c. Joana Aragão, filha de João de Araújo Pereira e de Antônia de Menezes. Há referências a descendentes seus, não enumerados, porém.

169 — 5n 5 *Egas Carlos de Sousa Moniz Barreto de Menezes*, fidalgo da casa real, c. c. Maria Francisca da Conceição, filha de Antônio Machado Velho e de Antônia Maria de Menezes, e teve filho:

6n 1 Antônio Moniz Barreto de Sousa e Aragão, c. c. Luísa Francisca Severim.

170 — 5n 6 *Diogo Luís de Sousa* c. c. Teresa Josefa Maria de Jesus, filha de José Batista de Carvalho e de Brites de Brito Faria, tendo-se desquitado.

171 — 5n 9 *Estácio de Sá Moniz Barreto* c. c. Francisca Xavier de S. José, filha de João Teles de Menezes e de Maria Bernardina de Mendonça. Pai de:

6n 2 Raimundo.

6n 3 João.

6n 4 Mariana.

172 — 5n 11 *José Sotero de Sá Moniz Barreto*. Consta apenas ter sido casado, em Pernambuco, com Apolinária.

173 — 5n 12 *Nazário da Rosa de Sá Souto-Maior* c. c. Rosa Maria Florentina Barbosa, filha de Manuel Nunes de Vasconcelos e de Catarina Barbosa. Pai de:

6n 5 Manuel, 6n 6 Mário, 6n 7 Augusto, 6n 8 Antônio, 6n 9 Rosa 6n 10 Catarina.

174 — 6n 1 *Antônio Moniz Barreto de Sousa e Aragão*, sargento-mór, fidalgo cavaleiro da casa real por alvará régio de 30 de maio de 1768, aos 24 de janeiro de 1769 c. c. Luísa Francisca-Severim, filha de Luís Coelho Ferreira e de Maria Dias do Vale, falecida a 2 de janeiro de 1835, enquanto Antônio falecera a 31 de agosto de 1812. Pai de:

7n 1 Maria Luísa Moniz Barreto de Aragão, c. c. José Rodrigues de Figueiredo.

7n 2 Antônio Moniz Barreto de Aragão e Menezes, c.c. Ana Ferreira Dias.

7n 3 José Joaquim Moniz Barreto de Aragão, c. c. Josefa Joaquina Gomes Ferrão Castelo-Branco.

7n 4 Joaquim Egas Moniz Barreto de Aragão, proprietário do engenho Tanque.

7n 5 Salvador Moniz Barreto de Aragão de Sousa Menezes, c.c. Teresa Clara Viana.

7n 6 Manuel Inácio Moniz Barreto de Aragão (gêmeo com Salvador) c. c. Francisca de Assis Viana.

175 — 7n 2 *Antônio Moniz Barreto de Aragão e Menezes*, cavaleiro fidalgo da casa real, proprietário do engenho Mataripe e outros, c.c. Ana Ferreira Dias, não deixando descendentes.

176 — 7n 3 *José Joaquim Moniz Barreto de Aragão* nasceu em 1793 na vila de São Francisco. Prestou reais serviços à causa da Independência. Barão de Itapororocas a 12 de outubro de 1828, veio a falecer, na capital da Baía a 2 de abril de 1835. C.c. Josefa Joaquina Gomes Ferrão Castelo-Branco, filha de José Diogo Gomes Castelo-Branco e de Maria Sofia Ferreira Ribeiro, falecida a 26 de março de 1841. Pai de:

8n 1 Emília Augusta Ferrão Moniz de Aragão, c. c. Joaquim Inácio de Aragão Bulcão.

8n 2 Egas Moniz Ferrão de Aragão, falecido solteiro.

8n 3 Maria Amália Ferrão Moniz Barreto de Aragão, c. c. Frutuoso Vicente Viana.

8n 4 Antônio Moniz de Aragão Ferrão, c.c. Maria Adelaide Sodré Pereira.

177 — 7n 5 *Salvador Moniz Barreto de Aragão de Sousa Menezes*, 1.º Barão de Paraguaçu a 12 de outubro de 1848, faleceu na Baía a 5 de julho de 1865. C. c. Teresa Clara Viana, filha de Francisco Vicente Viana e de Clara Caetana do Sacramento Bandeira. Pai de:

8n 5 Francisco Moniz Barreto de Aragão, cônsul em Hamburgo, onde faleceu, solteiro. Por ato de 10 de novembro de 1883 feito Visconde de Paraguaçu.

8n 6 Egas Moniz Barreto de Aragão, c. c. Maria Luísa von Gabb de Massarellos.

8n 7 Pedro Moniz Barreto de Aragão, c. c. Maria Joaquina de Aragão Bulcão e Carlota Lírio Ratton.

178 — 7n 6 *Manuel Inácio Moniz Barreto de Aragão*, fidalgo cavaleiro da casa real, proprietário do engenho Mombaca, e de outros, c. c. Francisca de Assis Viana, filha de Francisco Vicente Viana e de Clara Caetana do Sacramento Bandeira, com filhos:

8n 8 Luís Moniz Barreto de Aragão, falecido solteiro.

8n 9 Francisca de Assis Viana Moniz Barreto de Aragão, c. c. Custódio Ferreira de Viana Bandeira.

179 — 8n 4 *Antônio Moniz de Aragão Ferrão*. Homem de altos merecimentos. Comendador, escritor, filósofo, serviu o cargo de diretor da Biblioteca Pública da Baía. Nasceu a 28 de dezembro de 1813 e faleceu a 31 de julho de 1887.

C.c. a viúva Maria Adelaide Sodré Pereira, filha de Francisco Maria Sodré Pereira e de Maria José Lodi, nascida a 11 de fevereiro de 1808 e morta a 1 de dezembro de 1880. Casados a 20 de abril de 1837. Pai de:

9n 1 Antônio Moniz Sodré de Aragão, magistrado, parlamentar, nascido em dezembro de 1837 e falecido, solteiro, a 16 de janeiro de 1881.

9n 2 Adelaide Letícia Moniz de Aragão, poetisa, nascida em dezembro de 1838 e falecida, solteira, em dezembro de 1873.

9n 3 Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão, c. c. Maria Leopoldina Sodré de Aragão.

9n 4 José Joaquim Moniz Barreto de Aragão, falecido solteiro.

9n 5 Francisco Moniz Ferrão de Aragão, c. c. Laurinda Augusta Freire de Carvalho.

9n 6 Jerônimo Moniz Ferrão, c. c. Cora Pedreira.

180 — 8n 6 *Egas Moniz Barreto de Aragão*, fidalgo da casa imperial, comendador da ordem de Cristo, c. c. Maria Luísa von Gabb, de origem alemã, Pai de:

9n 7 Salvador Moniz Barreto de Aragão, c.c. Maria do Loreto Navarro de Andrade.

9n 8 Egas Moniz Barreto de Aragão, c. c. Maria Francisca Calmon de Noqueira da Gama.

9n 9 Antônio Moniz Barreto de Aragão, c. c. Teresa de Jesus Pires de Carvalho e Albuquerque.

9n 10 Francisco Moniz Barreto de Aragão, c. c. Ana de Lacerda.

9n 11 Maria Teresa Moniz de Aragão, c. c. Otto von Wenden, barão e general alemão.

181 — 8n 7 *Pedro Moniz Barreto de Aragão* nasceu a 17 de agosto de 1827,

na Baía, onde morreu a 20 de abril de 1894. 3.º Barão do Rio das Contas a 30 de abril de 1888. Deputado estadual, proprietário, c. c. Maria Joaquina de Aragão Bulcão, filha de Antônio de Araújo de Aragão Bulcão e de Maria José Moniz Viana. Pai de:

9n 12 Salvador Antônio Moniz Barreto de Aragão, c. c. Maria Bernardina de Lima e Silva.

9n 13 Pedro Moniz Barreto de Aragão.

Depois c. c. Carlota Lírio Ratton, filha de Jácome Próspero Ratton e de Maria Luísa Lírio, tendo filhos:

9n 14 Frutuoso Moniz Barreto de Aragão, magistrado.

9n 15 Teresa Moniz Barreto de Aragão, c. c. Pedro Vicente Viana.

9n 16 Francisco Moniz Barreto de Aragão.

9n 17 Guilherme Moniz Barreto de Aragão, advogado, c. c. Leonor Beaurepaire Rohan.

9n 18 Joaquim Egas Moniz de Aragão.

9n 19 Maria Moniz Barreto de Aragão.

182 — 9n 3 *Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão* nasceu a 1 de fevereiro de 1842, professor da Faculdade de Medicina, morreu a 29 de novembro de 1893. C. c. Maria Leopoldina Sodré, nascida a 6 de junho de 1845 do casal Francisco Pereira Sodré e Cora Coutinho César e falecida a 3 de julho de 1915. Pai de:

10n 1 Maria Adelaide Moniz Sodré de Aragão, nascida a 17 de setembro de 1868.

10n 2 Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, c.c. a viúva Maria da Purificação da França.

10n 3 Maria Leopoldina Moniz Sodré de Aragão, nascida a 21 de abril de 1871.

10n 4 Maria Clementina Moniz Sodré de Aragão, c. c. Antônio Ferrão Moniz de Aragão.

10n 5 Egas Moniz Sodré de Aragão, nascido em 1874 e morto em 1897.

10n 6 Cora Moniz Sodré de Aragão. c. c. Jerônimo Sodré Pereira.

10n 7 Maria Ana Moniz Sodré de Aragão, nascida em 1876.

10n 8 Augusta Moniz Sodré de Aragão, c. c. Manuel Matos Correia de Menezes.

10n 9 Leopoldina Moniz Sodré de Aragão, c. c. José Martins Rosa.

10n 10 Antônio Moniz Sodré de Aragão, c. c. Maria de Teive e Argolo.

183 — 9n 5 *Francisco Moniz Ferrão de Aragão*, nascido em 1850 e falecido em 1914, médico da Armada com o posto de vice-almirante, deputado e senador do Estado, c. c. Leonarda Augusta Freire de Carvalho, filha de Domingos Freire de Carvalho e de Laurinda Cardoso. Pai de:

10n 11 Antônio Ferrão Moniz de Aragão, c. c. Maria Clementina Moniz Sodré de Aragão.

10n 12 Adelaide Moniz de Aragão, c. c. Elias da Rocha.

10n 13 Laurinda Moniz de Aragão, c. c. Geraldo Dias Lima.

184 — 9n 8 *Egas Moniz Barreto de Aragão*, Barão de Moniz de Aragão por ato de 14 de agosto de 1877, nasceu em 1839 e faleceu em 1898, tendo sido advogado e diplomata, moço fidalgo da casa imperial. C. c. Maria Francisca Calmon de Nogueira da Gama, filha de Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama e de Maria Francisca da Silva Cabral, Pai de:

10n 14 Maria Romana Calmon Moniz de Aragão, c. c. Pedro Freire de Bittencourt.

10n 15 Nicolau Antônio Calmon da Gama, nascido em 1869 e morto em 1886.

10n 16 Ana Romana Calmon da Gama nascida em 1871.

10n 17 José Calmon da Gama, nascido em 1872.

10n 18 Bras Calmon da Gama, nascido em 1874.

10n 19 Manuel Jacinto Calmon da Gama, nascido em 1876.

185 — 9n 9 *Antônio Moniz Barreto de Aragão*, nascido a 5 de setembro de 1844, feito Barão de Mataripe a 12 de janeiro de 1884, faleceu a 28 de julho de 1922. Fidalgo cavaleiro de casa imperial. Proprietário. C.c. Teresa de Jesus Pires de Carvalho e Albuquerque, filha de Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e de Ana Maria de S. José e Aragão. Teve filhos:

10n 20 Antônio Moniz Barreto de Aragão, oficial superior da Armada, falecido em 1940.

10n 21 João Moniz Barreto de Aragão, coronel médico do Exército, c. c. Maria Augusta de Castro.

10n 22 Maria Epifânia Moniz Aragão, c. c. Clemente Pinto de Oliveira Mendes.

186 — 9n 10 *Francisco Moniz Barreto de Aragão* nasceu em 1846 e faleceu em 1922, formado em medicina na Universidade de Heidelberg, c. c. Ana de Lacerda, filha de Antônio Francisco de Lacerda e de Angélica de Sampaio Vianna. Pai de:

10n 23 Egas Moniz Barreto de Aragão, c. c. Maria Elisa Lacerda Valente.

10n 24 Maria Angélica Moniz de Aragão, nascida em 1870 e falecida, solteira, em 1935.

10n 25 Francisco Moniz Barreto de Aragão, c.c. Amália Miranda.

10n 26 Maria Teresa Moniz de Aragão, nascida em 1879, solteira.

10n 27 Maria Francisca Moniz de Aragão, nascida em 1881, solteira.

10n 28 José Moniz Barreto de Aragão, falecido em criança.

187 — 10n 2 *Gonçalo Moniz Sodré de Aragão* nasceu a 28 de janeiro de 1870 e faleceu a 1 de junho de 1939. Cientista, professor da Faculdade de Medicina, secretário geral do Estado, filólogo, membro da Academia de Letras, foi c.c. a viúva Maria do Purificação da França, filha de Henrique da França Pinto de Oliveira Garcês e de Maria José Coutinho Sodré. Pai:

11n 1 Luís Moniz Sodré, falecido ainda criança.

11n 2 Alice Moniz Sodré, c. c. Presciliano Silva, notável pintor.

188 — 10n 10 *Antônio Moniz Sodré de Aragão* nasceu a 13 de junho de 1881 e faleceu a 8 de junho de 1940, sendo professor da Faculdade de Direito, orador parlamentar vigoroso, jornalista, autor de obras de Direito, membro da Academia de Letras, com ação e renome de homem público. C. c. Maria de Teive e Argolo, filha de Miguel Teive e Ângelo e de Joviana Crescuma. Pai de:

11n 3 Ofélia de Argolo Moniz Sodré, nascida a 30 de junho de 1908.

11n 4 Sônia de Argolo Moniz Sodré, c. c. Heitor Ferrão Moniz de Aragão.

11n 5 Célia de Argolo Moniz Sodré, falecida aos sete anos.

11n 6 Niomar de Argolo Moniz Sodré, c. c. Hélio Moniz Sodré Pereira.

11n 7 Nígia de Argolo Moniz Sodré, c. c. Evandro Moniz Correia de Menezes.

189 — 10n 11 *Antônio Ferrão Moniz de Aragão* nasceu a 30 de maio de 1875 e faleceu a 5 de janeiro de 1931. Deputado e senador da República, governador do Estado, jornalista, membro da Academia de Letras, professor da Escola Politécnica, advogado, foi c. c. Maria Clementina Moniz Sodré de Aragão, filha de Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão e de Maria Leopoldina Sodré. Pai de:

11n 8 Georgina Moniz de Aragão, nascida a 22 de maio de 1896.

11n 9 Edite Moniz de Aragão, nascida a 2 de maio de 1897.

11n 10 Helena Moniz de Aragão, c. c. Humberto Vicente Viana.

11n 11 Egas Carlos Moniz de Aragão, c. c. Dagmar da Rocha Barros.

11n 12 Francisco Moniz de Aragão, morto ainda criança.

11n 13 Heitor Ferrão Moniz de Aragão, c. c. Sônia de Argolo Moniz Sodré.

11n 14 Margarida Moniz de Aragão, c. c. Frutuoso de Aragão Bulcão.

11n 15 Gilberto Moniz de Aragão, falecido ainda jovem.

11n 16 Diva Moniz de Aragão, nascida a 8 de agosto de 1910.

11n 17 Edmundo Moniz de Aragão, advogado e jornalista.

11n 18 Norma Moniz de Aragão, nascido a 28 de junho de 1915.

190 — 10n 23 *Egas Moniz Barreto de Aragão*, grande poeta (pseudônimo Pethion de Villar), professor da Faculdade de Medicina, membro da Academia de Letras, nasceu a 4 de setembro de 1870 e faleceu a 18 de novembro de 1924. C. c. Maria Elisa de Lacerda Valente, filha de Antônio dos Santos Valente e de Elisa Augusta de Lacerda, poetisa e musicista, tendo filhos:

11n 19 Evangelina Moniz de Aragão, c.c. Armando de Góis de Araújo.

11n 20 Duarte Moniz Barreto de Aragão, c. c. Raquel Ferreira Vilela e Levina Dias de Andrade.

11n 21 Egas Moniz Barreto de Aragão, c. c. Zeneida Freire de Carvalho.

11n 22 Ana Moniz de Aragão, c. c. Didier do Rêgo Maciel.

11n 23 Antônio Moniz Barreto de Aragão, falecido ainda menor.

MOURAS

191 — D. *Felipe de Moura* veio para Pernambuco em 1556, quando sua tia Brites de Albuquerque, irmã de sua mãe Isabel de Albuquerque e ambas filhas de Lopo de Albuquerque, o *Bode*, governava a capitania, em virtude do falecimento do donatário Duarte Coelho, e por ser tutora de seu filho Duarte de Albuquerque Coelho herdeiro donatário da mesma. Homem de prof, de fidalga linhagem da parte dos Mouras, de Portugal, sobrinho da governadora e de Jerônimo de Albuquerque, teve posses e posições. C. c. sua prima Isabel de Albuquerque, filha do mesmo Jerônimo e de Maria do Espírito Santo Arco-Verde, de cujo casal se diz, em várias referências, que teve dois filhos: Leonarda e D. João de Moura, este casado com Luísa Carneiro. Em segundas núpcias teve como espôsa outra sua prima, Genebra Cavalcanti de Albuquerque, filha de D. Felipe Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque. Foram filhos do casal:

F 1 D. Francisco de Moura, homem notável, com serviços na Flandres e na Índia, ocupando altos postos. Veio em ocorro da Baía, tomada pelos holandeses e foi aí capitão-mór e governador. Muitas distinções lhe concedera o rei. Viveu solteiro e não teve descendentes.

F 2 D. Antônio de Moura, que chegou a ser governador de Cabo Verde. Como seu primeiro irmão, não se casou nem teve filhos.

F 3 D. Jerônimo de Moura. Esteve em serviço na Índia. Solteiro, sem filhos.

F 4 D. João de Moura, religioso franciscano.

F 5 D. Paulo de Moura.

F 6 D. Catarina de Moura, c. c. Lourenço de Sousa.

F 7 D. Isabel de Moura, c. c. Antônio Ribeiro de Lacerda.

F 8 D. Mecia de Moura, c. c. Cosme Dias da Fonseca.

192 — F5 D. *Paulo de Moura* teve com sua prima Brites de Melo, filha de João Gomes de Melo e de Margarida Cavalcanti de Albuquerque, uma filha:

N1 Maria de Melo e Moura, c. c. Francisco de Mendonça Furtado.

Falecendo Brites antes de obtida a licença eclesiástica para o casamento, D. Paulo fêz-se religioso franciscano, passando a ser fr. Paulo de S. Catarina, a quem se confiaram várias missões, em Portugal e no Brasil. Sua filha, casando-se em Portugal, teve larga e distinta descendência.

193 — *Lourenço de Sousa*, fidalgo da casa real, c. c. D. Catarina de Moura, filha de D. Felipe de Moura e de Genebra Cavalcanti de Albuquerque, tendo dois filhos, ambos mortos sem sucessão:

F1 Lourenço de Sousa e Moura.

F 2 Manuel de Sousa e Moura.

194 — *Antônio Ribeiro de Lacerda*. “Valeroso capitão”, que à frente de uma esquadra, a 24 de março de 1630, assaltou e tomou aos holandeses, que o retinham, o forte de S. Antônio, ou seja o próprio convento dos franciscanos, em Olinda. Aí, vitorioso mas ferido mortalmente, veio mais tarde a falecer. Filho de Manuel Ribeiro de Lacerda então provedor da fazenda real em Pernambuco, e

de Maria Pereira Coutinho, c. c. Isabel de Moura, filha de D. Felipe de Moura e de Genebra Cavalcanti de Albuquerque, tendo filhos:

F 1 Manuel Ribeiro de Lacerda.

F2 Maria de Lacerda, c. c. Felipe Cavalcanti de Albuquerque.

195 — *Cosme Dias da Fonseca*, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, filho de Pedro Dias da Fonseca e de Maria Pereira Coutinho, irmão materno de Antônio Ribeiro de Lacerda e cunhado de D. Francisco de Moura, que o protegera, c. c. D. Mecia de Moura, filha de D. Felipe de Moura e de Genebra Cavalcanti de Albuquerque. Foram filhos seus:

F1 Pedro de Moura Pereira, c. c. Francisca Cavalcanti.

F2 Felipe de Moura Rolim, c. c. Felipa de Vargas Pissarro e Maria Pimentel.

F3 Antônio de Moura Rolim, religioso.

F4 Manuel de Moura Rolim, c. c. Ana Maria da Silva Pimentel.

F5 Maria Pereira de Moura, c. c. Zenóbio Acióli.

196 — F1 *Pedro de Moura Pereira*, batizado em julho de 1608, tendo como padrinhos seu tio D. Jerônimo de Moura e sua bisavó Catarina de Albuquerque, foi fidalgo cavaleiro e em Pernambuco c. c. sua prima Francisca Cavalcanti, filha de Cosme da Silveira e de Margarida Cavalcanti de Albuquerque. Pai de:

N1 Mecia de Moura, c. c. Antônio de Moura Rolim.

197 — F2 *Felipe de Moura Rolim*, fidalgo da casa real, em 1624 veio com seu tio D. Francisco de Moura à Baía, contra os holandêses. Aí permaneceu e

c. c. Felipa Pissarro de Vargas, filha de Paulo Cardoso de Vargas Pissarro e de Margarida Diniz. Depois c. c. Maria Pimentel, filha de Bernardo Pimentel de Almeida e de Custódia de Faria e batizada a 14 de junho de 1592. Não houve descendentes.

198 — F3 *Antônio de Moura Rolim* foi batizado a 12 de junho de 1611, sendo-lhe padrinhos Lourenço de Sousa, casado com sua tia D. Catarina de Moura e sua bisavó Catarina de Albuquerque. Tornou-se religioso franciscano.

199 — F4 *Manuel de Moura Rolim* foi capitão de infantaria na Baía, para onde se passara com sua mãe. Fidalgo da casa real, c. c. Ana Maria da Silva Pimentel, filha de Antônio da Silva Pimentel e de Joana de Araújo. Faleceu em 1664, deixando filhos:

N2 Antônio de Moura Rolim, c. c. Mecia de Moura.

N3 Cosme de Moura Rolim. Teve um filho bastardo, Antônio de Moura Rolim.

N4 Felipe de Moura Rolim, solteiro.

N5 Mecia de Moura, c. c. Manuel Garcia Pimentel.

200 — N2 *Antônio de Moura Rolim* n. em 1658 e f. na Baía em 1708, tendo sido c. c. Mecia de Moura, filha de Pedro de Moura Pereira e de Francisca Cavalcanti. Era fidalgo da casa real. Mecia n. em 1651. Pais de:

Bn 1 Manuel Garcia de Moura Rolim, n. em 1677 em Pernambuco e lá constituindo família.

ARGOLO.

201 — *Rodrigo de Argolo* era um nobre castelhano que veio para a Baía ao tempo da fundação da cidade. Foi provedor da Alfândega, tendo sido casado com Joana Barbosa Lôbo, uma da

erfãs protegidas da rainha e enviadas ao governador para as casar bem (*). O casal teve:

F1 Paulo de Argolo, c. c. Felícia Lobo.

F2 Inês de Argolo, c. c. Jácome de Raimundo e falecida a 14 de setembro de 1605.

F3 Ana de Argolo, c. c. João de Brito e de Gabriel Soares de Sousa.

F4 Maria de Argolo, c. c. Antônio Ribeiro.

202 — F1 *Paulo de Argolo* c. c. a jovem Felícia Lobo, sua prima, filha de Gaspar de Barros Magalhães e de Catarina Lobo Barbosa de Almeida. Faleceu a 12 de janeiro de 1619, deixando como testamenteiros a sua mulher e o filho desta, Baltazar Lobo. Pai de :

N1 Joana de Argolo, c. c. Francisco Sutil de Siqueira e Sebastião Paruí de Brito.

N2 Paulo de Argolo, c. c. Mecia de Menezes.

N3 Rodrigo de Argolo, c. c. Isabel Pereira de Magalhães.

203 — N2 *Paulo de Argolo*, batizado a sé a 7 de junho de 1601, aos 25 de novembro de 1621 c. c. Mecia de Menezes, filha de Egas Moniz Barreto e de Águeda de Lemos.

204 — N3 *Rodrigo de Argolo*, a 28 de julho de 1642, no Socorro, c.c. Isabel Pereira de Magalhães, filha de André Padilha de Barros e de Maria Rangel. Faleceu em 1665. Pai de :

Bn1 Rodrigo de Argolo, clérigo, batizado em Jaguaripe a 30 de abril de 1643.

Bn2 Francisco de Padilha.

Bn3 Paulo de Argolo, c. c. Inês de Gusmão.

Bn4 Felícia Lobo, batizada a 19 de novembro de 1647.

Bn5 Mariana Pereira, religiosa.

Bn6 Ana de Argolo, c. c. Antônio Moreira de Menezes.

Bn7 Joana Teles de Menezes, c. c. Bartolomeu Soares.

Bn8 Paulo de Argolo, batizado a 20 de agosto de 1654 e morto aos 10 anos.

205 — Bn 3 *Paulo de Argolo*, batizado a 30 de maio de 1646 no Socorro, aos 18 de fevereiro de 1692 c.c. Inês de Gusmão, filha de Miguel Rodrigues de Gusmão e de Maria de Sousa. São filhos do casal :

Tn 1 José de Argolo de Gusmão.

Tn 2 Joana de Argolo de Gusmão, c.c. João Pereira Barbosa de Araújo.

Tn 3 Paulo de Argolo, c. c. Leonor Antônia de Queirós.

Tn 4 João de Teive e Argolo, c. c. Ana Joaquina de Almeida Marques.

206 — Tn 3 *Paulo de Argolo*, batizado a 16 de julho de 1708, cavaleiro fidalgo, proprietário abastado e do engenho Cinco Rios, c. c. Leonor Antônia de Queirós, filha de Antônio Gonçalves da Rocha e de Luísa de Queirós Araújo, falecida no seu engenho S. Lourenço em 1815. Paulo morreu a 21 de julho de 1779. Pai de :

4n 1 Miguel Jerônimo de Argolo e Queirós, nascido em 1756.

4n 2 José Joaquim de Argolo e Queirós, alferes da guarnição da Baía em 1779 e tenente-coronel em 1818.

4n 3 Francisco Antônio de Argolo e Queirós, c. c. Antônia Teresa de Sá Pita.

4n 4 Paulo de Argolo e Queirós, batizado a 5 de agosto de 1760 e morto a 26 de maio de 1816.

(*) No *Jornal do Comércio* de 29 de julho de 1945 estão comentários que muito importam aos Argolos da Baía.

4n 5 Luísa Clara de Argolo e Queirós, c. c. Bernardino Falcão de Gouveia.

4n 6 Francisca Clara de Queirós e Argolo, c.c. Paulo de Argolo Teive.

4n 7 Maria Luísa de Queirós e Argolo c. c. José Joaquim de Teive e Argolo.

4n 8 Inês de Queirós e Argolo, religiosa.

4n 9 Leonor Antônia de Queirós e Argolo, nascida em 1762.

4n 10 Ana Maria do Nascimento.

4n 11 Clara de Queirós e Argolo, religiosa.

4n 12 Antônia de Queirós e Argolo, c. c. Joaquim Bernardino Falcão de Gouveia.

4n 13 Mariana Teresa de Queirós e Argolo, c. c. Gaspar José de Matos Ferreira de Lucena.

4n 14 Maria Rosa de Queirós e Argolo, c. c. Luís de Bittencourt Berenguer César.

207 — Tn 4 *João de Teive e Argolo*, batizado na capela de Cinco Rios a 6 de setembro de 1711, c.c. a viúva Ana Joaquina de Almeida Marques, filha de André Marques e de Isabel de Almeida. Pai de:

4n 15 Paulo de Teive e Argolo.

208 — 4n 3 *Francisco Antônio de Argolo e Queirós*, nascido em 1758 e falecido em 22 de setembro de 1800, a 5 de setembro de 1786, em Matoim, c. c. Antônia Teresa de Sá Pita, filha de Antônio da Rocha Pita e de Inácia Pereira de Macedo. Pai de:

5n 1 Paulo de Argolo da Rocha Pita, nascido em 1790.

5n 2 Antônio Bernardino da Rocha Pita e Argolo, c. c. Maria Luísa da Rocha Pita Moniz Barreto.

5n 3 Josefa Maria Pita de Argolo e Queirós c. c. Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n 4 Maria José Pita de Argolo e Queirós, c.c. José Alves dos Santos Lima.

209 — 5n 2 *Antônio Bernardino da Rocha Pita e Argolo*, ou Antônio da Rocha Pita e Argolo, depois Barão, Visconde e Conde de Passé, teve vários outros títulos dignitários e muitos engenhos e fazendas. Benemérito da Pátria nasceu em 1793 e a 2 de fevereiro de 1833 c.c. Maria Luísa da Rocha Pita Moniz Barreto, filha de Jerônimo Moniz Fiuza Barreto e de Catarina Josefa de Araújo Pita. Faleceu a 8 de fevereiro de 1888 e sua mulher, batizada a 10 de abril de 1810 a 26 de setembro de 1838. Pai de:

6n 1 Francisco Antônio da Rocha Pita e Argolo, c. c. Maria José Martins.

6n 2 Antônia Teresa de Sá Pita e Argolo, c.c. João Maurício Vanderley.

210 — 6n 1 *Francisco Antônio da Rocha Pita e Argolo*, Visconde de Passé em 2 de junho de 1866, c.c. Maria José Martins, filha de Francisco Gonçalves Martins e de Maria da Conceição Pereira. Faleceu a 22 de novembro de 1871, vítima da explosão de uma caldeira de seu engenho Cobé. Pai de:

7n 1 Antônio da Rocha Martins de Argolo, c. c. Clara Luísa Viana.

210-A — *João Maurício Vanderley* (Barão de Cotegeipe) nasceu a 23 de outubro de 1815, no termo da Barra do Rio Grande, do casal João Maurício Vanderley e Francisca Antônia do Livramento. Bacharel em Direito, deputado geral, presidente da Baía, senador do Império, conselheiro de Estado, dignitário de várias ordens honoríficas, presidente de Gabinete, a 26 de junho de 1866 c. c. Antônia Teresa de Sá Pita e Argolo, filha de Antônio da Rocha Pita e Argolo e Maria Luísa da Rocha Pita Moniz Barreto (Condes de Passé), tendo

falecido no Rio de Janeiro a 13 de fevereiro de 1889. Pai de:

F1 Maria Luísa Vanderley, c. c. João Ferreira de Araújo Pinho.

F2 João Maurício Vanderley, falecido em março de 1902, solteiro.

F3 Antônia Teresa Vanderley, falecido em setembro de 1944, solteira.

210 B — *João Ferreira de Araújo Pinho* nasceu no Coração de Maria a 19 de junho de 1851, do casal Felipe Ferreira de Araújo Pinho e Maria Joaquina de Carvalho. Advogado, magistrado, parlamentar, governador do Baía de maio de 1908 a novembro de 1911, em 1878 c.c. Teresa de Melo e teve:

F1 João Ferreira de Araújo Pinho, médico, deputado estadual, intendente municipal de S. Amaro.

Viúvo, c.c. Maria Luísa Vanderley, filha de João Maurício Vanderley e de Antônia Teresa de Sá Pina e Argolo, e teve:

F2 Joaquim Vanderley de Araújo Pinho, c. c. Celina de Lacerda Gordilho.

F3 Felipe Vanderley de Araújo Pinho, c.c. Maria de Carvalho.

F4 José Vanderley de Araújo Pinho, c. c. Maria Estela de Góis Calmon.

F5 Maria Luísa de Araújo Pinho.

F6 Maurício Vanderley de Araújo Pinho, escritor e diplomata, falecido.

F7 Antônio Vanderley de Araújo Pinho, c.c. Virgínia Ottoni Vieira.

RODRIGUES PALHA

211 — *João Rodrigues Palha*, tendo sido dos primeiros que vieram de Portugal para o povoamento do Brasil, teve o fôro de escudeiro fidalgo e na sua propriedade, em Matoim, vivia com a espôsa Mecia de Lemos, filha de Francisco de Lemos, fidalgo cavaleiro português. Pai de:

F1 Constança de Pina, c. c. João Serão.

F2 Vicente Rodrigues Palha, batizado na sé a 28 de janeiro de 1567, sacerdote, doutor pela Universidade de Coimbra, vigário-geral na sé, governador do bispado do Brasil, depois simples frade franciscano, tendo professado em janeiro de 1600. Foi o 7.º custódio de sua ordem, o maior prelado antes de elevada a mesma província. Autor da primeira e importante história do Brasil, que cêrca de quatro séculos depois veio a ser publicada. Vítima dos holandeses ao tempo da invasão, foi êle o fr. Vicente do Salvador, seu nome na ordem, e faleceu na Baía, sua pátria, entre 1636 e 1639.

F3 Isabel de Lemos, c. c. Jerônimo Moniz Barreto.

F4 Maria de Lemos Landim, c. c. Bartolomeu Madeira de Sá.

F5 Felipe de Lemos, c. c. Francisca Barbosa.

F6 Águeda de Lemos, c. c. Egas Moniz Barreto.

F7 Paula de Pina, batizada na sé a 16 de junho de 1581.

212 — F5 *Felipe de Lemos*, batizado na sé a 7 de maio de 1576, escudeiro fidalgo por alvará de 18 de janeiro de 1620, c.c. a viúva Francisca Barbosa, filha de Baltazar Barbosa de Araújo e de Catarina Álvares, tendo filhos:

N1 Vicente Palha de Lemos.

N2 Lourenço de Lemos.

N3 Maria de Lemos.

N4 Águeda de Pina Barbosa, c.c. Lourenço de Oliveira Pita.

CRISTÃOS NOVOS

213 — *Heitor Antunes* era cristão novo puro, judeu com sinagoga em Matoim, onde estavam o seu engenho e demais propriedades. Negociante de largo

comércio, desde os primeiros tempos da colonização e quando fugira à perseguição aos judeus em Portugal. C. c. Ana Rodrigues, a mulher e filhos foram da mesma religião, os genros tal se fizeram e daí o fato das más vontades dos cristãos velhos à família Antunes e ao sacrifício de morte de Ana Rodrigues, numa fogueira, em Portugal, a mando do S. Officio. O casal teve filhos, que Joãoatão evita enumerar:

F1 Violante Antunes, c. c. Diogo Vaz de Escobar.

F2 Nuno Fernandes Antunes.

F3 Leonor Antunes, c. c. Henrique Moniz Barreto.

F4 Álvaro Lopes Antunes, c. c. Isabel Ribeiro.

F5 Beatriz Antunes, c. c. Sebastião de Faria.

F6 Jorge Antunes, c. c. Joana de Bittencourt de Sá.

214 — F6 *Jorge Antunes*, cristão novo dos mais influentes, c. c. Joana de Bittencourt de Sá, filha de Francisco Álvares Ferreira de Bittencourt e de Isabel Correia de Almeida, e teve:

N1 Francisco de Bittencourt, c. c. Arcângela de Melo.

N2 Maria de Sá, c. c. Luís de Melo de Vasconcelos.

215 — N1 *Francisco de Bittencourt* c. c. Arcângela de Melo, filha de Manuel de Melo de Vasconcelos e de Francisca de Perada, batizada a 21 de janeiro de 1586. Faleceu a 19 de abril de 1651 e Arcângela a 20 de fevereiro de 1668, com filhos:

Bn 1 Cecília de Bittencourt, c. c. Fernão Álvares e Antônio Fernandes da Costa.

Bn 2 Manuel de Melo de Vasconcelos, c. c. Luísa Girão.

Bn 3 Joana de Bittencourt, c. c. João de Miranda Henriques.

Bn 4 Jorge de Melo de Vasconcelos, batizado a 4 de maio de 1616.

Bn 5 Francisca de Perada, c. c. Francisco Lopes Girão e Manuel Pereira de Faria.

Bn 6 Antônio de Melo de Vasconcelos, c. c. Isabel de Macedo.

Bn 7 Francisco de Bittencourt, batizado a 6 de agosto de 1633, c. c. Maria de Miranda Henriques.

216 — Bn 2 *Manuel de Melo de Vasconcelos*, batizado a 23 de maio de 1611, aos 16 de fevereiro de 1654 c. c. Luísa Girão, filha de Diogo Varela de Macedo e de Clara de Araújo. Pai de:

Tn 1 Francisco de Bittencourt de Sá.

Tn 2 Diogo Varela de Macedo, c. c. Eusébia Girão.

Tn 3 Maria de Melo, c. c. Estêvão da Costa Peixoto.

217 — Bn 6 *Antônio de Melo de Vasconcelos*, batizado a 3 de maio de 1621, c. c. Isabel de Macedo, filha de Diogo Varela de Macedo e de Luísa Girão. Pai de:

Tn 4 Isabel de Melo, c. c. João Pereira de Faria e Pedro Tavares.

Tn 5 Mariana de Melo, c. c. Antônio Moniz Barreto e Gaspar Pacheco Freire.

218 — Tn 2 *Diogo Varela de Macedo* c. c. Eusébia Girão, filha de Diogo Varela de Macedo e de Clara de Araújo.

219 — *Sebastião de Faria* filho de Sebastião Álvares e de Inês Álvares de Faria, c. c. Beatriz Antunes, filha de Heitor Antunes e de Ana Rodrigues. Proprietário em Matoim, onde tinha engenhos. Pai de:

F1 Manuel de Faria, que em 1591 era estudante.

F2 Custódia de Faria, c. c. Bernardo Pimentel de Almeida e Pedro de Aguiar Daltro.

F3 Brites Antunes, c.c. Gaspar Pereira de Menezes.

OS 4 ARAÚJOS

De Ponte de Lima, província de Entre-Douro e Minho, pertencentes que eram à nobilíssima família dos Araújos, vieram para a Baía, da mesma vez, os irmãos Antônio de Araújo e Gaspar Barbosa de Araújo, acompanhados dos seus primos, ambos irmãos, Baltazar Barbosa de Araújo e Francisco de Araújo.

Deles se trata separadamente, na ordem em que estão enumerados.

220 — *Antônio de Araújo*, c. c. Francisco Dias, filha de Vicente Dias e de Genebra Álvares, aos 8 de janeiro de 1584, na igreja de sé, sendo padrinhos do ato Antônio de Paiva, Antão Gil e Felipa Álvares. O filho do casal, batizado na mesma igreja a 14 de março de 1585, falecido no Pôrto em 1634, foi:

F1 Fr. João do Espírito Santo.

221 — *Gaspar Barbosa de Araújo* c. c. Catarina Gil, filha de Antão Gil e de Grácia Álvares. Falecido a 20 de janeiro de 1609, com sepultura na igreja da Misericórdia. Do casal nasceram:

F 1 Domingos Barbosa de Araújo, c. c. Luísa da Franca Côrte-Real.

F 2 Brites Barbosa, c. c. Sebastião Pacheco de Castro.

F 3 Grácia Barbosa, c.c. Vasco de Brito Freire.

222 — F 1 *Domingos Barbosa de Araújo* c.c. Luísa da Franca Côrte-Real, filha de Afonso da Franca e de Catarina Côrte Real, tendo êstes filhos:

N 1 Miguel Barbosa da Franca.

N 2 Afonso Barbosa da Franca, c.c. Jerônima de Castro.

N 3 Lourenço Barbosa da Franca.

N 4 Catarina Côrte Real, c. c. João Álvares Soares.

N 5 Joana Barbosa, c. c. João Pais Florian.

N 6 Clara da Franca Côrte Real c. c. Luís Pais Florian.

223 — N 2 *Afonso Barbosa da Franca* c.c. Jerônima de Castro, filha de Sebastião Pacheco de Castro e de Brites Barbosa. Pais de:

Bn 1 André Barbosa da Franca, c. c. Inês de Castro.

Encontrando-se viúvo, amasiou-se com Clara Barbosa e com ela (depois sua espôsa), teve êstes bastardos:

Bn 2 Maria Barbosa, c.c. João Mateus e Estevão da Silva.

Bn 3 Sebastião,

Bn 4 Manuel,

Bn 5 Domingos.

224 — Bn 1 *André Barbosa da Franca* c.c. Inês de Castro, filha de Diogo Pacheco de Castro e de Antônia de Sá Menezes, tendo um filho:

Tn 1 Afonso Barbosa, o qual teve uma filha, legitimada pelo rei, que veio a casar-se:

4n 1 Albana da Franca, c. c. Estevão Cabral.

225 — *Baltazar Barbosa de Araújo* c.c. Catarina Álvares, filha de Vicente Dias e de Genebra Álvares. Pais de:

F 1 Francisca Barbosa, c. c. Cristóvão de Sá de Bittencourt e Felipe de Lemos.

F 2 Joana Barbosa, c. c. Antônio de Sousa Dormundo.

F 3 Maria de Araújo, c. c. Gaspar Dias Barbosa.

F 4 Isabel, batizada na sé a 9 de novembro de 1580.

F5 Antônio, batizado a 28 de novembro de 1583.

F6 Domingos Barbosa de Araújo, c.c. Isabel de Lemos de Sá.

226 — F 6 *Domingos Barbosa de Araújo* c.c. Isabel de Lemos de Sá, filha de Bartolomeu Madeira de Sá e de Maria de Lemos Landim. Batizado a 3 de novembro de 1585, casou-se a 9 de julho de 1623. Teve uma filha:

N1 Maria Barbosa de Araújo, c.c. Manuel Gomes Figueira.

227 — *Francisco de Araújo* c.c. Maria Dias, filha de Vicente Dias e de Genebra Álvares, ela batizada na sé a 5 de janeiro de 1556. Êle faleceu a 27 de agosto de 1602, com sepultura na igreja da Misericórdia. Filhos seus:

F 1 Maria de Araújo, c. c. Baltazar de Aragão e Pedro Garcia.

F 2 Francisco de Araújo, batizado na sé a 14 de fevereiro de 1581, clérigo, doou à Santa Casa de Misericórdia, da Baía, a fazenda Saubara.

F 3 Violante de Araújo c.c. Estevão de Brito Freire.

F 4 Maria, batizada na sé a 29 de novembro de 1582.

F 5 Manuel, batizado a 14 de dezembro de 1583.

BARROS MAGALHÃES

228 — *Gaspar de Barros Magalhães*. Para o governador arranjar-lhes bons casamentos, na Baía, o rei mandara de Lisboa algumas órfãs de prestimosos servidores do Estado, nove as que vieram primeiro, protegidas da rainha. Entre essas estava Catarina Lôbo Barbosa de Almeida, que teve por marido Gaspar

de Barros Magalhães. Êste era fidalgo, vindo de Portugal “exterminado” e no recôncavo da Baía se fêz abastado em terras e propriedades. O casal teve êstes filhos:

F1 Jerônimo de Barros, c. c. Francisca de Aguiar.

F2 Baltazar Lôbo de Sousa, c.c. Ana de Gamboa.

F3 Gaspar de Barros Magalhães, c. c. Antônia de Gamboa.

F4 Felícia Lôbo, c. c. Pedro Dias de Figueiró, Paulo de Argolo, Vicente Coelho e Constantino Menelau.

F5 Mecia Lôbo de Mendonça.

F6 Vitória de Barros, c. c. Manuel de Freitas do Amaral.

F7 Paula de Barros, c. c. Manuel de Paredes da Costa e Manuel Antunes de Almeida.

F8 Inês de Barros Lôbo, c. c. Cipriano Velho Barreto.

229 — F1 *Jerônimo de Barros* c. c. a nativa Francisca de Aguiar, por espontâneo desejo seu, tendo filhos:

N1 Felipe de Barros Lôbo, c. c. Maria de Morais.

N2 Ana de Aguiar, c. c. Francisco Álvares Varjão.

230 — F2 *Gaspar de Barros Magalhães* c.c. Antônia de Gamboa, filha de Martim Afonso Moreira e de Luísa Ferreira Feio, tendo filhos:

N3 Francisco de Freitas.

N4 Antônio de Barros de Gamboa, c. c. Margarida da Cunha.

N5 Gaspar de Barros.

N6 Luís Lôbo.

231 — N1 *Felipe de Barros Lôbo* c. c. Maria de Morais, filha de Domingos Pires, tendo filhos:

Bn 1 João de Barros Lôbo, c. c. Isabel de Vasconcelos.

Bn 2 Atanásio de Barros Lôbo, c.
c. Inês Lôbo.

Bn 3 Antônio de Barros.

232 — N4 *Antônio de Barros de Gamboa* c.c. Margarida da Cunha, filha de Diogo da Cunha Trinchão e de Natália Pinto de Faria, com filhos:

Bn 4 Gaspar de Barros Magalhães, c. c. Jerônima Garcês.

Bn 5 Luzia de Barros, c.c. Antônio Martins Lima.

Bn 6 Helena da Cunha, c. c. Antônio Rodrigues Palhete.

233 — N5 *Gaspar de Barros* viveu solteiro, mas teve um filho:

Bn 7 Pedro Dias de Barros.

234 — N6 *Luís Lôbo* viveu solteiro, mas teve filhos:

Bn 8 Matias de Barros.

Bn 9 Maria Barbosa, c. c. Antônio Fernandes.

Bn 10 Helena Lôbo, c. c. Antônio Rodrigues.

235 — Bn 1 *João de Barros Lôbo* c. c. Isabel de Vasconcelos, filha de Mateus de Aguiar Daltro e de Maria de Vasconcelos, e teve filho:

Tn 1 Martinho de Aguiar de Vasconcelos.

236 — Bn2 *Atanásio de Barros Lôbo* c. c. Inês Lôbo, filha de Inácio de Miranda e de Isabel de Faria, sem sucessão.

237 — Bn 4 *Gaspar de Barros Magalhães*, a 12 de novembro de 1676 c.c. Jerônima Garcês, filha de Antônio de Abreu Garcês e de Mariana de Góis, com filhos:

Tn2 Pedro de Góis, c.c. Josefa Rodrigues da Madre de Deus.

Tn 3 Francisco de Barros Magalhães.

Tn 4 Joana Francisca de Barros, c. c. Francisco Barbosa de Eça.

Tn 5 Antônio de Barros de Gamboa, c. c. Ana de Góis.

Tn 6 Inácio de Góis.

Tn 7 Paula de Barros.

238 — Tn 2 *Pedro de Góis* c.c. Josefa Rodrigues de Madre de Deus, filha de Valentim Rodrigues e de Antônio de Faria, aos 3 de fevereiro de 1709.

239 — Tn 5 *Antônio de Barros de Gamboa*, em 27 de fevereiro de 1713 c. c. Ana de Góis, filha de Semeão de Araújo Góis e de Inês de Castro.

SOUSA, ESPINHA E EÇAS

240 — *Henrique Luís de Espinha* era capitão-mór em Ilhéus, sendo casado com Helena Gonçalves de Castro, com a qual teve dois filhos:

F1 Luís Alves de Espinha, c. c. Inês de Eça.

F2 Bartolomeu Luís de Espinha, c. c. Antônia de Eça.

241 — F1 *Luís Alves de Espinha* c. c. Inês de Eça, filha de João de Araújo de Sousa e de Violante de Eça. Inês foi batizada na sé a 3 de setembro de 1555, sendo-lhe padrinhos o governador Duarte da Costa e seu filho Álvaro da Costa e Leonor Soares. Luís faleceu a 26 de agosto de 1600, deixando filhos:

N1 Manuel de Sousa de Eça, falecido, sem descendentes, quando governador do Maranhão.

N2 Bartolomeu de Sousa de Eça, c. c. Domingas de Almeida.

N3 Henrique Luís de Espinha, c. c. Maria Ferraz Garcês.

N4 João de Araújo de Sousa, c.c. Francisca Garcês.

N5 Helena de Castro, c.c. Cosme Barbosa de Almeida.

N6 Catarina de Eça, c. c. João Nunes de Matos.

N7 Isabel de Eça, c. c. Sebastião Pedroso Barbosa.

N8 Margarida de Eça, c. c. Antônio de Araújo de Sousa.

N9 Madalena de Castro de Eça, c. c. Vasco Moniz Barreto.

N10 Francisca de Eça, c. c. Baltazar Peixoto da Silva Cabral.

242 — F2 *Bartolomeu Luís de Espinha* c.c. Antônia de Eça, filha de João de Araújo de Sousa e de Violante de Eça, tendo filhos:

N11 Antônio de Araújo de Sousa, c. c. Margarida de Eça.

N12 Manuel de Sousa de Eça, c. c. Maria de Eça.

N13 Helena de Castro, c. c. Jordão Salazar de Almeida.

N 14 Violante de Eça, c. c. Duarte Osquer.

N15 Maria de Eça, c. c. Manuel Lôbo de Sousa.

N16 Paula de Castro, c. c. Francisco Furtado de Mendonça.

N17 Úrsula de Sousa.

243 — N2 *Bartolomeu de Sousa de Eça*, capitão-mór em Ilhéus, c.c. Domingas de Almeida, filha de Manuel do Couto e de Luísa de Almeida, tendo filhos:

Bn 1 Francisco de Sousa de Eça, c. c. Úrsula da Fonseca.

Bn 2 Manuel do Couto de Eça, c.c. Maria de Burgos.

Bn 3 João de Araújo de Eça, c.c. Ângela de Eça.

Bn4 Ana de Eça, c.c. Bartolomeu Fernandes Albernaz.

Bn 5 Leonor de Sousa de Eça, c.c. Antônio de Araújo de Sousa.

Bn 6 Ângela de Eça, c. c. Marcos de Armas de Brum.

Bn 7 Antônia de Eça, c. c. Pedro Pinto de Magalhães.

244 — N3 *Henrique Luís de Espinha* c. c. Maria Ferraz Garcês, filha de Antônio Ferraz de Abreu, tendo filhos:

Bn 8 Isabel Garcês de Eça, c. c. Zeno Luís de Espinha.

245 — N4 *João de Araújo de Sousa* c. c. Francisca Garcês, filha de Antônio Ferraz de Abreu, tendo filhos:

Bn 9 Antônio Ferraz de Abreu, c. c. Custódia Barbosa.

246 — N 11 *Antônio de Araújo de Sousa* c.c. Margarida de Eça, filha de Luís Alves de Espinha e de Inês de Eça, e teve filhos:

Bn 10 Bartolomeu Luís de Sousa.

Bn 11 Francisco de Araújo de Eça.

247 — N 12 *Manuel de Sousa de Eça*, em Ilhéus, aos 2 de fevereiro de 1633, c. c. Maria de Eça, filha de Sebastião Pedroso Barbosa e de Isabel de Eça, com filhos:

Bn 12 Catarina de Eça, c. c. Nicolau de Sousa de Eça.

Bn 13 Ângela de Eça, c. c. João de Araújo de Eça.

Bn 14 Arcângela de Eça, c. c. João Furtado de Mendonça.

Bn 15 Isabel de Eça, c. c. Francisco Furtado de Mendonça.

Bn 16 Maria de Eça, c. c. Vicente Fernandes de Bittencourt.

248 — Bn 1 *Francisco de Sousa de Eça* c.c. Úrsula da Fonseca, filha de Lucas da Fonseca Saraiva e de Catarina de Góis Pais, tendo filhos:

Tn 1 Domingas de Eça, c. c. Nicolau de Sousa de Eça.

Tn 2 Bartolomeu de Sousa de Eça, c. c. Maria da Cunha Trinchão e com Teotônia de Pádua.

Tn 3 Francisco de Sousa de Eça, c. c. Joana da Cunha Trinchão.

249 — Bn 2 *Manuel do Couto de Eça*, aos 21 de abril de 1657 c.c. Maria de Burgos, filha de Jerônimo de Burgos Contreiras e de Maria Pacheco, e teve filhos:

Tn 4 Jerônimo de Burgos de Sousa de Eça, c.c. Helena de Oliva.

Tn 5 Manuel de Couto de Eça, c. c. Micaela de Azevedo.

Tn 6 Joaquim de Sousa de Eça, c. c. Maria de Mendonça Vasconcelos.

Tn 7 Gertrudes e,

Tn 8 Helena, religiosas.

250 — Bn 3 *João de Araújo de Eça*, capitão-mor de Ilhéus, c. c. Ângela de Eça, filha de Manuel de Sousa Eça e de Maria de Eça, o ato celebrado a 15 de abril de 1658. Pai de:

Tn 9 Bartolomeu de Sousa Eça.

Tn 10 Inês de Eça, noiva de José Furtado de Mendonça.

Tn 11 Mariana de Meneses.

Tn 12 Antônia de Eça.

Tn 13 Ângela de Eça.

Tn 14 Joana de Eça.

251 — Bn 9 *Antônio Ferraz de Abreu* foi c. c. Custódia Barbosa, filha de Antônio de Aguiar Daltro e de Brites Barbosa, tendo um filho:

Tn 15 Nicolau de Sousa de Eça, c. c. Catarina de Eça e Domingas de Eça.

252 — Tn 2 *Bartolomeu de Sousa de Eça*, alcaide-mór em Ilhéus, c.c. Maria da Cunha Trinchão, filha de Manuel Trinchão Pinto e de Catarina Moniz, no dia 11 de julho de 1677. Depois c. c. Teotônia de Pádua, filha de Gaspar Pinto da Fonseca e Góis, a 7 de janeiro de 1691, constando ter tido, com a primeira, seis filhas, e com a segunda dois filhos, sem citação de nomes dos mesmos.

253 — Tn 3 *Francisco de Sousa de Eça* c.c. Joana da Cunha Trinchão, filha de Manuel Trinchão Pinto e de Catarina Moniz, e teve:

4n 1 Sebastião de Sousa de Eça, c. c. Maria Garcês de Eça, filha de Francisco Pinto de Faria e de Maria Garcês de Eça.

4n 2 Bartolomeu de Sousa de Eça.

4n 3 Francisco de Sousa de Eça, c. c. Maria Ribeiro de Lemos, filha de João de Couros Carneiro e de Inácia Ribeiro Lemos.

4n 4 Paula da Cunha de Eça, c. c. Gaspar Pinto de Eça.

4n 5 Ângela da Cunha de Eça, c. c. José Coutinho de Góis.

4n 6 Maria da Cunha de Eça, c. c. Martinho de Freitas de Eça.

4n 7 José Francisco Moniz.

4n 8 Martinho Pinto de Eça, padre.

4n 9 Bras da Fonseca de Eça.

4n 10 Bernardo Moniz de Eça.

4n 11 Joaquim de Sousa de Eça.

Sendo viúvo, c.c. Margarida Moniz Corte-Real, filha de Francisco Moniz Barreto Corte-Real e de Bernarda Moniz de Menezes, e teve:

4n 12 Ana Maria de S. José, c. c. Francisco José de Lemos.

254 — Tn 4 *Jerônimo de Burgos de Sousa de Eça* c.c. Helena de Oliva, filha de Francisco de Oliva de Melo e de Maria de Araújo, por sua vez sobrinha do vigário de S. Amaro da Pitanga, padre Domingos Fernandes. Helena enlouqueceu em 1702 e sem remédio permaneceu doente até abril de 1727, quando morreu.

254A — Tn 5 *Manuel do Couto de Eça*, havendo feito resistência armada a uma ordem legal, partida do juiz de fora da Baía, matou com um tiro o meirinho que a cumpria, Antônio Luís, e não ma-

tou igualmente o juiz mandante por ter este se acoitado na casa de seu tio o Dr. Cristóvão de Burgos Contreiras. Couto de Eça foi condenado à morte por degolamento e executado a 1 de junho de 1702, mas ao dia anterior, na cadeia, c. c. Micaela de Azevedo; filha de Lourenço da Costa e de Francisca de Sousa, moradores em Sergipe. Pai de:

4n 13 Florência Maria Madalena de Eça de Burgos Pacheco, c. c. Manuel Rodrigues da Cunha.

255 — Tn 6 *Joaquim de Sousa de Eça* estudou leis em Coimbra, foi cavaleiro da ordem de Cristo e em Portugal se ficou, c. c. Maria de Mendonça Vasconcelos, da vila de Catanhede, sobrinha do arcebispo da Baía D. João Franco de Oliveira.

256 — Tn 15 *Nicolau de Sousa de Eça*, capitão-mór, c.c. Catarina de Eça, filha de Manuel de Sousa de Eça e de Maria de Eça. Em Cairú, aos 25 de fevereiro de 1673, c. c. Domingas de Eça, filha de Francisco de Sousa de Eça e de Úrsula da Fonseca, não deixando descendentes.

257 — *João de Araújo de Sousa*. Ao tempo do governador Duarte da Costa já se encontrava na Baía, afazendado no Cairú, o fidalgo galego João de Araújo de Sousa, da casa dos alcaldes-mores de Lindoso e Pontegueiras, em Portugal. Ali c. c. Violante de Eça, uma das órfãs-mandadas pela rainha para que o governador as casasse bem, com pessoas de prol. Violante faleceu a 1 de junho de 1602, com sepultura no S. Francisco. Nasceram do casal:

F1 Inês de Eça, c. c. Luís Alves de Espinha.

F2 João de Araújo de Sousa de Eça, batizado a 30 de junho de 1557.

F3 Damiana de Eça, batizada a 5 de novembro de 1558.

F4 Jerônimo de Araújo de Sousa de Eça, batizado a 13 de fevereiro de 1565.

F5 Antônia de Eça, c. c. Bartolomeu Luís de Espinha.

F6 Maria de Eça, c. c. Gaspar Lôbo de Sousa.

258 — *Cosme Barbosa de Almeida* era de origem fidalga, teve o pôsto de capitão-mór em Sergipe e c.c. Helena de Castro, filha de Luís Alves de Espinha e de Inês de Eça. Filho de Fernão Barbosa e de Isabel Jordão, teve filhos:

F1 Violante de Eça de Menezes.

F2 Maria Barbosa de Castro, c. c. D. Luís de Sousa.

F3 Inês de Eça, c. c. Francisco de Sousa de Vasconcelos.

F4 Isabel de Eça, c. c. Manuel Nogueira Freire.

259 — *Manuel Nogueira Freire* c. c. Isabel de Eça, filha de Cosme Barbosa de Almeida e de Helena de Castro, e teve filhos:

N1 Francisco Barbosa de Eça, c. c. Margarida de Oliveira.

N2 Cosme Barbosa de Almeida.

N3 Maria de Castro, c. c. Manuel de Sousa Freire, por alcunha *Menino-diabo*.

260 — N1 *Francisco Barbosa de Eça*, coronel, c. c. Margarida de Oliveira, filha de Antônio de Oliveira de Carvalho e de Maria de Barros de Magalhães. Pai de:

Bn 1 Antônio de Oliveira de Carvalho, envolvido no crime de morte dos Farias, pai e filho, no sertão.

Bn 2 Manuel Barbosa de Eça, c. c. Clara Eugênia Barbosa.

Depois, no Socorro, a 27 de outubro de 1698, c.c. Joana Francisca de Bar-

ros, filha de Gaspar de Barros Magalhães e de Jerônima Garcês.

260 A — Bn 2 *Manuel Barbosa de Eça* c. c. Clara Eugênia Barbosa, filha de Francisco Rodrigues de Sousa e de Custódia Barbosa de Vasconcelos.

261 *João Nunes de Matos*, residente em Ilhéus, c. c. Catarina de Eça, filha de Luís Alves de Espinha e de Inês de Eça, e teve:

F1 Luís Alves de Espinha, c. c. Isabel de Bittencourt.

262 — *Vasco Moniz Barreto*, procedente da ilha da Madeira, aos 21 de janeiro de 1621 c.c. Madalena de Castro de Eça, filha caçula de Luís Alves de Espinha e de Inês de Eça, tendo uma filha:

F1 Violante de Eça de Castro, c. c. Antônio da Costa e Estevão de Brito Freire.

263 — *Duarte Osquer* c.c. Violante de Eça, filha de Bartolomeu Luís de Espinha e de Antônia de Eça, e teve filhos:

F1 Henrique de Sousa de Eça.

F2 Manuel de Sousa de Eça.

F3 João de Araújo de Eça, c.c. Maria da Conceição.

F4 Antônia de Eça.

264 — F3 *João de Araújo de Eça* c. c. Maria da Conceição e teve filhos:

N1 Leonor de Sousa, c. c. Gregório Mendes Pimentel.

N2 Manuel de Sousa.

N3 João de Araújo.

N4 Antônia de Eça, c. c. Luís de Veras.

265 — *Luís de Veras* (D.) c. c. Serafina de Sousa, filha de Manuel de Sousa Dormundo e de Maria Correia. Depois c. c. Antônia de Eça, filha de João de Araújo de Eça e de Maria da Conceição, e teve:

F1 Violante de Eça, c. c. João Pinto Vieira.

266 — *Francisco Furtado de Mendonça* (irmão de João Furtado de Mendonça) c.c. Isabel de Eça, filha de Manuel de Sousa de Eça e de Maria de Eça, tendo filhos:

F1 Francisco Xavier de Mendonça, c. c. Maria Tamirelo.

F2 José Furtado de Mendonça, falecido quando ainda noivo de sua prima Inês de Eça.

F3 Baltazar Furtado de Mendonça, c. c. *Fulana* Coelho de Magalhães, filha de Agostinho Coelho e de Paula de Magalhães.

267 — *Antônio de Araújo de Sousa*, capitão-mor, c. c. Leonor de Sousa de Eça, filha de Bartolomeu de Sousa de Eça e de Domingas de Almeida, sem filhos.

268 — *Pedro Pinto de Magalhães*, capitão-mor, c. c. Antônia de Eça, filha de Bartolomeu de Sousa de Eça e de Domingas de Almeida, e teve uma filha:

F1 Paula de Magalhães, c. c. Agostinho Coelho.

269 — *Zeno Luís de Espinha*, filho de Paulo Dias do Couto e de Helena Gonçalves de Castro, c. c. Isabel Garcês de Eça, filha de Henrique Luís de Espinha e de Maria Ferraz Garcês, e teve filhos:

F1 José Luís de Espinha, c. c. Serafina de Oliveira.

F2 Henrique Luís de Espinha. padre.

F3 Antônio de Abreu Ferraz.

F4 João Garcês de Abreu.

F5 Ana Garcês de Eça, c. c. Francisco Saraiva Tourinho.

F6 Margarida Garcês de Eça, batizada a 18 de outubro de 1631.

F7 Maria Garcês de Eça, c. c. Francisco Pinto de Faria.

F8 Isabel Garcês de Eça, c. c. Manuel de Medeiros Perdigão.

F9 Antônia Garcês de Eça.

270 — F1 *José Luís de Espinha* c. c. Serafina de Oliveira, nascida em Boipeba, e teve filhos:

N1 João Furtado, casado e falecido sem descendente.

N2 Diogo Luís, casado.

N3 Francisca de Oliveira c. c. Gabriel da Silva.

N4 Inácia de Oliveira Espinha, c. c. Lucas da Fonseca Castelo-Branco.

N5 Maria de Jesus Oliveira, c. c. Vital Correia de Sousa.

N6 Úrsula, religiosa no convento da ilha de São Miguel, onde, sepultado, se diz estar o seu corpo perfeito, com a nota de que era natural de Cairu.

271 — *João Furtado de Mendonça* c. c. Arcângela de Eça, filha de Manuel de Sousa de Eça e de Maria de Eça, tendo filhos:

F1 José Furtado de Mendonça.

F2 João Furtado de Mendonça, padre

F3 Manuel de Sousa Menezes, padre.

F4 Antônio de Sousa.

272 — *Vicente Fernandes Bittencourt* c. c. Maria de Eça, filha de Manuel de Sousa de Eça e de Maria de Eça, tendo filhos:

F1 Tomé Fernandes Bittencourt.

F2 Helena de Atouguia, c. c. Francisco Luís.

ACIOLIS

273 — *Gaspar Acioli* é de família procedente de Florença, que se passou para a ilha da Madeira e donde vários de seus membros vieram ter ao Brasil, ao início da colonização. Em Pernambuco êle se casou com Ana Cavalcanti, filha de João Gomes de Melo e de Margarida Cavalcanti de Albuquerque. Foram pais de:

F1 Zenóbio Acioli, c. c. Maria Pereira de Moura.

F2 João Batista Acioli, c. c. Maria de Melo.

F3 Gaspar Acioli, c. c. Mariana Cavalcanti.

274 — F1 *Zenóbio Acioli*, fidalgo cavaleiro da casa real, mestre de campo de prestígio em Pernambuco, c. c. Maria Pereira de Moura, filha de Cosme Dias da Fonseca e de Mecia de Moura, tendo filhos:

N1 Felipe de Moura Acioli, c. c. Margarida Acioli

N2 Mecia de Moura, c. c. Duarte de Albuquerque da Silva.

N3 Ana Maria Falcão, c. c. Afonso de Albuquerque Melo.

275 — F2 *João Batista Acioli* c. c. a viúva Maria de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo e de Adriana de Almeida Lins, e teve filhos:

N4 João Batista Acioli, c. c. Jerônima Lins.

N5 Gaspar Acioli de Vasconcelos (*)

N6 Zenóbio Acioli de Vasconcelos.

N7 Francisco Acioli de Vasconcelos, c. c. Catarina de Melo Barreto.

(*) Seduzido por vultoso dote, casou com a viúva filha natural do governador João Fernandes Vieira, com a qual teve filhos.

N8 Antônio Acioli de Vasconcelos, c. c. Cosma de Bulhões da Cunha e Maria Cavalcânti.

N9 Miguel Acioli de Vasconcelos, c. c. Maria Valcácer.

N 10 Maria Acioli, c. c. José de Barros Pimentel.

N11 Margarida Acioli, c. c. Felipe de Moura Acioli.

N 12 Francisca Acioli, c.c. João Batista Pereira e Paulo de Amorim Salgado.

276 — F3 *Gaspar Acioli* c.c. Mariana Cavalcanti, filha de Antônio Cavalcanti de Albuquerque e de Maria Joana de Albuquerque, sem sucessão.

277 — N1 *Felipe de Moura Acioli* c. c. Margarida Acioli, filha de João Batista Acioli e de Maria de Melo. Pais de:

Bn 1 João Batista Acioli, c. c. Brites Maria de Barros e Ana Carneiro de Mesquita.

Bn 2 Zenóbio Acioli de Vasconcelos, c. c. Adriana Francisca de Barros Pimentel.

Bn 3 Francisco de Moura Acioli, c. c. Rosa Vieira.

Bn 4 Rosa Maria Pereira de Moura, c. c. Jacinto de Freitas Acioli e Simão Gonçalves Ribeiro.

278 — N4 *João Batista Acioli* c. c. Jerônima Lins, filha de Cibaldo Lins e de Cosma de Barros Pimentel. Pai de:

Bn 5 Manuela Acioli Lins, c. c. Rodrigo de Barros Pimentel.

279 — N7 *Francisco Acioli de Vasconcelos* c.c. Catarina de Melo Barreto, filha de João Pais de Melo e de Margarida Álvares de Castro, sem filhos.

280 — N8 *Antônio Acioli de Vasconcelos* c. c. Cosma de Bulhões da Cunha, filha de Zacarias de Bulhões e de Jerô-

nima da Cunha. Depois, c.c. a viúva Maria Cavalcanti, filha de Jorge Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Barros de Moura.

281 — N9 *Miguel Acioli de Vasconcelos* c.c. a viúva Maria Valcácer, filha de Manuel Nogueira de Carvalho e de Maria Valcácer.

ROCHA DE SÁ

282 — *Diogo da Rocha de Sá e Manuel de Sá Souto-Maior*, irmãos, filhos de Leonardo de Sá Souto-Maior e pertencentes a família das principais do reino, vieram ambos para a Baía, aos primeiros tempos da fundação da cidade e aí foram distintos e conceituados. Diogo c.c. Inês Moniz Barreto, filha de Egas Moniz Barreto e de Maria da Silveira, e teve filhos:

F1 Diogo da Rocha de Sá, c. c. Margarida de Armas.

F2 Mem de Sá, c. c. Maria Barbosa.

F3 Felipa de Sá, c. c. Valentim de Faria Vasconcelos.

Manuel c. c. Helena de Argolo, filha de Antônio Ribeiro e de Maria de Argolo, batizada na sé aos 7 de junho de 1560. Pelo casamento teve êle do sogro a propriedade da provedoria da fazenda real na Baía, à qual serviu durante 27 anos, a contento do rei, além do que fizera nas obrigações militares. Morrendo pobre e deixando oito filhas, o rei permitiu que a viúva indicasse para a provedoria o que casasse, e merecesse o dote, com uma de suas filhas e dêste modo foi aquinhoado o licenciado Sebastião Paruí de Brito (*D. H.* XV, 143), que se c. c. Ana de Argolo, enquanto das demais filhas não há referência.

283 — F1 *Diogo da Rocha de Sá* c. c. Margarida de Armas, filha de Bel-

chior de Armas de Brum e de Francisca de Araújo, tendo:

N1 Manuel Teles de Menezes, c.c. Antônia de Pádua.

284 — F2 *Mem de Sá* c.c. Maria Barbosa, filha de Francisco de Barbuda e de Maria Barbosa. Faleceu a 8 de setembro de 1622. Pai de:

N2 Diogo da Rocha de Sá c.c. Catarina Barbosa, filha de Gaspar Dias Barbosa, neta de Gaspar Dias Barbosa e de Maria de Araújo e viúva de Paulo da Rocha.

N3 Escolástica de Sá, c. c. Gaspar Maciel.

N4 Francisco da Rocha de Sá, c. c. Antônia de Menezes.

N5 Antônia de Sá Menezes, c.c. Diogo Pacheco de Castro.

285 — N1 *Manuel Teles de Menezes*, c. c. Antônia de Pádua, filha de Semeão de Araújo da Fonseca e de Joana de Sousa de Vasconcelos, e teve:

Bn 1 Diogo Moniz Barreto, c. c. Catarina de Sousa.

Bn 2 Margarida de Sousa, c. c. Antônio de Menezes Teles.

Bn 3 Mariana de Menezes, c. c. Francisco Pimentel de Oliveira.

286 — N4 *Francisco da Rocha de Sá* c.c. Antônia de Menezes, filha de Diogo Moniz Teles e de Catarina Vitória, e teve:

Bn 4 Mariana de Menezes.

Bn 5 Joana de Menezes.

Bn 6 Diogo Moniz de Sá.

Bn 7 Pedro Moniz Teles.

Bn 8 Sátiro Teles de Menezes.

TROILO DE VASCONCELOS

287 — *Troilo de Vasconcelos* não veio para o Brasil, mas se abre aqui um

capítulo com o seu nome, porque filhos seus viveram no Brasil e prosperaram. Era filho primeiro de Heitor Mendes de Vasconcelos e c. c. Iria de Melo, filha de Diogo da Cunha de Melo, neta de Vasco Martins de Melo, que era tio do Conde de Olivença, Rodrigo Afonso de Melo, e primo-irmão do pai do Conde de Atalaia, Pedro Vaz de Melo. Por sua mãe, Isabel de Albuquerque, Vasco Martins de Melo era neto de Vasco da Cunha, senhor da Tábua, e por sua avó Teresa de Albuquerque, era descendente de D. João Afonso Telo de Menezes Albuquerque, Conde de Albuquerque, e neto do rei D. Diniz. Nasceram do casal:

F1 Bartolomeu de Vasconcelos, c. c. Joana de Mendonça e Francisca Correia de Albuquerque.

F2 Luísa de Melo de Vasconcelos, c. c. Antônio de Oliveira de Carvalhal,

F3 Catarina de Melo, c. c. Baltazar Pereira Peixoto.

288 — F1 *Bartolomeu de Vasconcelos*, comendador da ordem do Seixo, sendo capitão da armada que veio ao Rio de Janeiro, em 1560, contra os franceses, tomou a êstes a fortaleza da cidade (a de Coligni). C.c. a viúva Joana de Mendonça, senhora da Praia de Terceira, não tendo filhos. Depois c. c. Francisca Correia de Albuquerque, filha de Vicente Correia de Albuquerque, e seus filhos interessaram à administração e à política de Portugal.

289 — *Baltazar Pereira Peixoto* seria homem de valor e prestígio, tanto que se c. c. Catarina de Melo, filha de Troilo de Vasconcelos e de Iria de Melo, tornando-se concunhado do primeiro alcaide-mór da Baía. São filhos seus:

F1 Baltazar Peixoto da Silva Cabral, c. c. Francisca de Eça.

F2 Clara de Melo, c. c. Bento de Araújo.

F3 Joana de Melo, c. c. Bernardo
Pimentel de Almeida.

290 — F1 *Baltazar Peixoto da Silva
abral*, capitão-mór de Ilhéus, c.c. Fran-
cisca de Eça, filha de Luís Alves de Es-
pinha e de Inês de Eça, e teve:

N1 Jerônimo Peixoto da Silva, cône-
go doutoral no Pôrto.

N2 Baltazar Peixoto da Silva.

N3 João Peixoto da Silva, c.c. Ana
Cavalcânti de Albuquerque e com Maria
Falcão.

N4 José Peixoto de Menezes.

N5 Manuel Peixoto de Eça.

N6 Maria Peixoto de Eça.

N7 Inês Peixoto de Eça, c.c. Cris-
tão Peixoto Cirne.

N8 Úrsula de Eça, religiosa.

291 — N3 *João Peixoto da Silva*, pro-
prietário de fazendas no S. Francisco,
capitão de infantaria, juiz ordinário e de
órãos interinamente, c. c. Ana Caval-
cânti de Albuquerque, filha de Felipe
Cavalcânti de Albuquerque e de Antônia
Pereira Soeiro. Aos 26 de maio de 1669
c. a viúva Maria Falcão, filha de Bras-
cabelo Falcão e de Isabel Brandão. Sem
descendentes.

BICUDO

292 — *Francisco Bicudo* acompanhou
omé de Sousa na viagem para a Baía
daí viveu. Homem de distinção e mo-
destia, veio a casar-se com Mecia Lôbo
de Mendonça, uma das órfãs protegidas
da rainha e por esta mandadas ao gover-
nador, para as casar bem. O casal teve
filhas e só uma lhe continuou a geração:
F1 Mecia Lôbo de Mendonça, c. c.
Jerônimo Moniz Barreto.

F2 Isabel, batizada a 18 de março de
1556, na sé, e logo falecida.

F2 Isabel, batizada na sé a 3 de março
de 1560.

MONTEIRO DE ALMEIDA

293 — *André Monteiro de Almeida*,
morador em Cotegipe, c. c. Vitória de
Barros, filha de Manuel de Paredes da
Costa e de Paula de Barros. Pai de:

F1 Bento Monteiro Freire, c.c. Hele-
na Pacheco e Susana Pereira.

F2 Maria Monteiro, c. c. Marçal Pa-
checo.

F3 Francisco Monteiro Freire, c. c.
Luzia de Vasconcelos.

F4 André Monteiro de Barros, c. c.
Ângela de Vasconcelos.

F5 Salvador Monteiro de Almeida, c.
c. Ana Lôbo.

294 — F1 *Bento Monteiro Freire*, ba-
tizado na sé a 26 de março de 1600, c. c.
Helena Pacheco, filha de Gaspar Fer-
nandes da Fonseca e de Mecia Pacheco
de Barbuda, em dezembro de 1620. Teve
filhos:

N1 João Monteiro Freire, c. c. Marta
Barbosa.

N2 Gaspar Monteiro Freire, c. c.
Brites Aires.

N3 Apolônia Monteiro, batizada a 1
de abril de 1630.

N4 Antônio Monteiro Freire, c. c.
Margarida Cordeiro.

N5 Manuel Monteiro Freire, batizado
a 15 de maio de 1636.

N6 Jerônimo Monteiro Freire.

Depois c.c. a viúva Susana Pereira,
filha de João da Rocha de Andrade e de
Marta Pereira, em 28 de outubro de
1628, em Cotegipe. Pai de:

N7 Apolônia Monteiro Pereira, c. c.
Paulo de Carvalho de Oliveira.

N8 Mariana Monteiro.

Bento foi motivo do uxoricídio de An-
gela de Sousa, por adultério cometido.
Faleceu a 3 de agosto de 1642, com se-
pultura na igreja de S. Francisco.

295 — F3 *Francisco Monteiro Freire* c.c. Luzia de Vasconcelos, filha de Mateus de Aguiar Daltro e de Maria de Vasconcelos, a 17 de janeiro de 1681, sendo padrinhos o próprio Mateus e Maria Pereira, sua segunda esposa.

296 — F4 *André Monteiro de Barros* c. c. Ângela de Vasconcelos, filha de Mateus de Aguiar Daltro e de Maria de Vasconcelos.

297 — F5 *Salvador Monteiro de Almeida* c. c. Ana Lôbo, filha de Manuel de Paredes da Costa e de Paula de Barros, tendo filhos:

N9 João Monteiro Lôbo, c. c. Leonarda de Menezes.

N10 Manuel Monteiro Lôbo.

298 — N1 *João Monteiro Freire*, batizado a 1 de maio de 1622, c. c. Marta Barbosa, filha de Belchior Barbosa Pinheiro e de Susana Pereira. Faleceu a 15 de outubro de 1672, sepultado em S. Francisco. Pai de:

Bn 1 José Pacheco Freire, c.c. Mariana da Silva.

Bn 2 Helena Barbosa Freire, c. c. Francisco de Freitas Magalhães.

Bn 3 Bento Monteiro Freire, c. c. Francisca da Silva.

Bn 4 Luzia Pereira, c.c. Manuel Álvares.

Bn 5 Antônia Freire, c.c. Estêvão Teles.

Bn 6 Maria Freire.

Bn 7 Baltazar Barbosa, c. c. Úrsula da Rocha.

299 — N2 *Gaspar Monteiro Freire*, batizado a 15 de agosto de 1632, c.c. Brites Aires, filha de Antônio Cordeiro Aires e de Isabel do Rêgo.

300 — N4 *Antônio Monteiro Freire*, batizado a 15 de agosto de 1632, c. c.

Margarida Cordeiro, filha de Antônio Cordeiro Aires e de Isabel do Rêgo. Pai de:

Bn 8 Antônia Barbosa.

301 — Bn 1 *José Pacheco Freire* c. c. Mariana da Silva, filha de Antônio Pereira Soares e de Francisca da Silva. Pai de:

Tn 1 Apolônia Pereira, c. c. Lucas Pinto Coelho.

301 A — Bn 7 *Baltazar Barbosa* c. c. Úrsula da Rocha, filha de João da Rocha e de Leonor de Sousa, e teve:

Tn2 Ângela Barbosa, c. c. Antônio Teles de Menezes.

Tn 3 Luzia Barbosa, c.c. Antônio Moniz Girão.

Tn 4 Margarida Barbosa, c. c. Tomé Girão.

COELHO DE CARVALHO

302 — *Feliciano Coelho de Carvalho* era comendador da ordem de Cristo, governador da Paraíba aí por 1595 e mais tarde também o era de São Tomé. Casado com Maria Monteiro, filha de Antônio Salvador de Almeida, dele há referências e de sua descendência na *Corografia Portuguesa*, tomo 3.º. Pai de:

F1 Francisco Coelho de Carvalho, c. c. Brites Cavalcanti de Albuquerque.

F2 Antônio Coelho de Carvalho, c. c. Brites de Góis do Rêgo.

303 — F1 *Francisco Coelho de Carvalho* c.c. Brites Cavalcanti de Albuquerque, filha de Antônio Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Góis de Vasconcelos.

Foram filhos seus:

N1 Antônio de Albuquerque Coelho, c. c. Inês Maria Coelho.

304 — F2 *Antônio Coelho de Carvalho*, deputado ordinário do Santo Ofício,

embaixador na França, c. c. Brites de Góis do Rêgo, filha de Luís do Rêgo Barreto e de Inês de Góis Vasconcelos, tendo uma filha:

N2 Inês Maria Coelho, c. c. Antônio de Albuquerque Coelho.

305 — N1 *Antônio de Albuquerque Coelho* c.c. sua prima Inês Maria Coelho, filha de Antônio Coelho de Carvalho e de Brites de Góis do Rêgo, tendo filhos:

Bn 1 Francisco de Albuquerque Coelho, c. c. Luísa Maria de Sousa.

Bn 2 Antônio de Albuquerque Coelho e Carvalho, c. c. Luísa de Mendonça.

Bn 3 Feliciano de Albuquerque, monje de S. Bernardo.

Bn 4 Brites Maria de Albuquerque, c. c. Fernão Gomes de Quadros.

Bn 5 Manuel de Albuquerque, cônego grante de S. Agostinho.

Bn 6 Bernarda Maria de Albuquerque, abadessa.

Bn 7 Luísa e

Bn8 Mariana, religiosas.

306 — Bn 1 *Francisco de Albuquerque Coelho* c.c. Luísa Maria de Sousa, filha de João Álvares Soares, provedor da alameda em Lisboa, não constando filhos.

307 — Bn 2 *Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho* c.c. Luísa de Mendonça, filha de D. Francisco de Melo de Joana de Abreu, com descendência e Jaboatão não enumera.

BARBUDAS

308 — *Francisco de Barbuda*, homem honrado conceito, veio para a Baía nos primeiros anos da fundação da cidade e aí teve o título de cavaleiro fidalgo da casa real. Ainda em Portugal, c. Beatriz Pacheco, neta de Duarte Coelho, advindo-lhe por isso, em recompensa,

a propriedade do ofício do juiz de órfãos, que passou a exercer e se continuou com seus descendentes. (*) Do casamento houve uma filha:

F1 Mecia Pacheco de Barbuda, c. c. Gaspar Fernandes da Fonseca.

Viúvo, c. c. Maria Barbosa, filha de Gaspar Rodrigues e de Ana Barbosa, tendo filhos:

F2 Bento de Barbuda, c. c. Clemência de Figueiredo Mascarenhas.

F3 Margarida de Barbuda, batizada a 11 de junho de 1569.

F4 Águeda de Barbuda, c. c. Francisco Barreto de Melo.

F5 Francisco de Barbuda, c. c. Ângela da Cunha.

F6 Maria Barbosa, c. c. Mem de Sá.

A 18 de março de 1581 c. c. Cristina de Almeida, filha de Sebastião Luís e de Cristina de Almeida, residentes em Itapuã, e teve uma filha:

F7 Juliana Barbuda de Almeida, c. c. Nuno Pinhão.

O falecimento de Barbuda ocorreu a 11 de março de 1607, dando-se-lhe sepultura na igreja da Ajuda e ficando como testamenteiros seus a esposa e o genro Gaspar Fernandes da Fonseca. Diz-se ter morrido por homicídio mandado praticar por Paulo de Carvalhal de Vasconcelos e o seu filho Bartolomeu de Vasconcelos de Oliveira, abrindo-se-lhe o corpo, de alto a baixo, pelas costas, a machado e às vistas dos mandantes.

309 — F2 *Bento de Barbuda*, batizado nele a 11 de dezembro de 1566, c. c. Clemência de Figueiredo Mascarenhas, filha de João de Figueiredo Mascarenhas e de Apolônia Álvares. Ela faleceu a 1 de agosto de 1603 e êle a 3 de novembro de 1616. Pai de:

(*) No *Jornal do Comércio* de 13 de janeiro de 1946 publicou-se trabalho em torno dos Barbudas.

N1 João Barbosa de Barbuda, c. c. Bárbara de Aguiar Daltro.

N2 Maria Barbosa de Barbuda, batizada a 30 de agosto de 1599.

N3 Águeda Barbosa de Barbuda, c. c. Francisco Dias de Almeida.

310 — F5 *Francisco de Barbuda*, batizado a 10 de julho de 1575, aos 5 de agosto de 1600 c.c. Ângela da Cunha, filha de João da Cunha e de Ângela da Cunha. Faleceu a 17 de agosto de 1646, com sepultura na igreja de S. Francisco. Pai de:

N3 Baltazar de Barbuda, c. c. Ângela de Menezes.

N4 Fernando de Barbuda, batizado a 24 de outubro de 1605.

N5 Francisco de Barbuda, batizado em Paripe a 28 de fevereiro de 1609.

F6 Sebastião de Barbuda, batizado a 27 de janeiro de 1613.

N7 Gregório da Cunha de Barbuda, c.c. Antônia de Menezes.

311 — N1 *João Barbosa de Barbuda* c. c. Bárbara de Aguiar Daltro, filha de Cristóvão Luís Salazar e de Bárbara de Aguiar Daltro, tendo filhos:

Bn 1 Bento Barbosa de Barbuda.

Bn 2 Maria de Figueiredo Mascarenhas, c. c. Manuel Rodrigues da Silva.

312 — N3 *Baltazar de Barbuda*, batizado a 19 de novembro de 1604, aos 15 de dezembro de 1645, em Paripe. c. c. Ângela de Menezes, filha de Francisco de Freitas Magalhães e de Custódia de Menezes. Teve filhos:

Bn 3 José Teles de Barbuda, c. c. Isabel de Lacerda Coutinho.

Bn 4 Francisco de Freitas de Menezes, c. c. Margarida de Lacerda Coutinho.

Bn 5 Custódia de Menezes, c.c. Fernando Rodrigues Santiago.

Bn 6 Manuel de Barbosa de Menezes c. c. Águeda Coutinho.

Bn 7 Benta de Menezes.

Bn 8 Fernando de Barbuda de Menezes.

Bn9 Jerônima de Menezes, c.c. Manuel Gomes de Escobar.

Bn 10 Tomé Teles de Barbuda, c. c. Maria de Carvalhal de Melo.

Bn 11 Gregório Teles de Barbuda, c. c. Felipa Henriques Serrão.

313 — N7 *Gregório da Cunha de Barbuda* c.c. a viúva Antônia de Menezes, filha de Diogo da Rocha de Sá e de Isabel da Silva. Pai de:

Bn 12 Ângela de Menezes.

Bn 13 Antônio Teles da Silva, batizado a 14 de novembro de 1696.

Bn 14 Francisco de Sá de Menezes.

Bn 15 Manuel da Cunha de Menezes.

Bn 16 Sebastião de Barbuda, c. c. Maria de Góis.

314 — Bn 3 *José Teles de Barbuda* batizado a 25 de junho de 1651 em Paripe, c.c. Isabel de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Pais e de Maria de Lacerda Coutinho, tendo filhos:

Tn 1 Helena de Lacerda Coutinho, c. Domingos Barbosa da Franca.

Tn 2 Isabel de Lacerda Coutinho, c. Nuno de Amorim Salgado.

315 — Bn 4 *Francisco de Freitas Menezes*, em Paripe, a 13 de setembro de 1676, c. c. Margarida de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Pais e de Maria de Lacerda Coutinho. Pai de:

Tn 3 João Barbosa de Góis, "com filhos menores, casou e faleceu".

Tn 4 Maria de Lacerda de Góis, c. Inácio Rodrigues Távora.

Tn 5 Francisca de Lacerda Coutinho c. c. Antônio Barbosa de Sousa Coutinho Pinto.

Tn 6 Luísa Coutinho de Menezes de Lacerda, c. c. Manuel Teles Barreto.

316 — Bn 6 *Manuel de Barbuda de Menezes* c.c. Águeda Coutinho, filha de Sebastião Pais e de Maria de Lacerda Coutinho.

317 — Bn 10 *Tomé Teles de Barbuda* c.c. a viúva Maria de Carvalho de Melo, filha de João de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos e de Joana Soares.

318 — Bn 16 *Sebastião de Barbuda* c.c. Maria de Góis, natural de Cairú e filha de Sebastião Pedroso Barbosa e de Maria de Góis. Pai de.

Tn 7 Maria de Góis, c. c. Tomé de Paiva.

Tn 8 Francisco.

Tn 9 Brites.

Tn 10 Sebastião.

Tn 11 Antônio.

Tn 12 João.

Tn 13 Ângela.

Tn 14 Manuel.

GOMES DE MELO

319 — *João Gomes de Melo*, homem nobre, natural da Beira, veio para Pernambuco ao tempo da colonização. C. c. Ana de Holanda, filha de Arnau de Holanda e de Brites Mendes de Vasconcelos. Dele apenas Jaboatão trata de dois filhos, mas de todos se faz aqui o registro:

F1 João Gomes de Melo, c. c. Margarida Cavalcanti de Albuquerque.

F2 Francisco Gomes de Melo.

F3 Estêvão Gomes de Melo.

F4 Manuel Gomes de Melo, c. c. Adriana de Almeida Lins.

F5 Cristóvão Gomes de Melo, c. c. Maria da Silva.

F6 Adriana de Melo, c. c. André do Couto.

F7 Isabel de Melo, c. c. Antônio de Mendonça Furtado.

F8 Margarida de Melo, c. c. Cristóvão Pais Barreto.

F9 Ana de Vasconcelos, c. c. Pedro da Cunha de Andrade.

F10 Maria de Holanda, c. c. Antônio da Rocha Bezerra.

320 — F1 *João Gomes de Melo* c. c. a viúva Margarida Cavalcanti de Albuquerque, filha de D. Felipe Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque. Pai de:

N1 Ana Cavalcanti, c.c. Gaspar Acioli.

321 — F4 *Manuel Gomes de Melo* c. c. Adriana de Almeida Lins, filha de Baltazar de Almeida Botelho e de Brites Mendes de Vasconcelos. Pai de:

N2 João Gomes de Melo, c. c. Inês de Almeida.

N3 Brites de Melo, c. c. Pedro Marinho Falcão.

N4 Ana de Melo c. c. Luís do Rêgo Barreto.

N5 Mariana de Melo.

N6 Maria de Melo, c. c. Gaspar Vanderley e João Batista Acioli.

N7 Isabel de Melo, c. c. Paulo Correia Barbosa.

322 — N2 *João Gomes de Melo* c. c. Inês de Almeida, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de Jerônima de Almeida. Capitão, sargento-mór de infantaria, provedor da fazenda real em Pernambuco, fidalgo professo da ordem de Cristo. Pai de:

Bn 1 José Gomes de Melo, c. c. Jerônima de Almeida.

Bn 2 Manuel Gomes de Melo, c. c. Inês de Góis de Melo.

323 — *Baltazar de Almeida Botelho*, natural de Lisboa, fidalgo da casa real e cavaleiro da ordem de Cristo, c. c. Brites Mendes de Vasconcelos, filha de Cristóvão Lins e de Adriana de Holanda. Em 1626 ainda vivia na Baía. Pai de:

F1 Cristóvão Botelho de Almeida.

F2 Jerônima de Almeida, c. c. Rodrigo de Barros Pimentel.

F3 Adriana de Almeida Lins, c. c. Manuel Gomes de Melo.

BARROS PIMENTEL

324 — *Antônio de Barros Pimentel* teria sido cavaleiro fidalgo da ordem de Avis, em Portugal, onde residia. Veio para Pernambuco antes dos holandeses e estabeleceu-se em Porto Calvo, fundando engenhos, nas terras que lhe vieram por dote. Casou com Maria de Holanda, filha de Arnau de Holanda e de Brites Mendes de Vasconcelos, e teve filhos:

F1 Antônio de Barros Pimentel, que morreu solteiro.

F2 Rodrigo de Barros Pimentel, c. c. Jerônima de Almeida.

325 — F2 *Rodrigo de Barros Pimentel* foi proprietário de engenhos, serviu ao rei dedicadamente, ao tempo dos holandeses. Casou com Jerônima de Almeida, senhora de varonis ações, filha de Baltazar de Almeida Botelho e de Brites Mendes de Vasconcelos, tendo filhos:

N1 José de Barros Pimentel, c. c. Maria Acioli.

N2 Brites de Barros Pimentel, c. c. Cristóvão Lins de Vasconcelos.

N3 Úrsula de Barros Pimentel.

N4 Luísa de Barros Pimentel.

N5 Cosma de Barros Pimentel, c. c. Cibaldo Lins.

N6 Inês de Almeida, c. c. João Gomes de Melo.

N7 Maria de Barros Almeida, c. c. Leão Falcão de Eça.

N8 Mariana de Barros Almeida.

N9 Jerônima de Barros.

N10 Mecia de Barros Pimentel, c.c. Manuel Gomes Vanderley.

N11 Rodrigo de Barros Pimentel, c. c. Cosma Lins.

326 — N1 *José de Barros Pimentel* c. c. Maria Acioli, filha de João Batista Acioli e de Maria de Melo. Foi sucessor de seu pai na administração dos engenhos e era capitão-mór em Pôrto Calvo. Ao tomar posse de irmão da Santa Casa de Misericórdia, a 1 de novembro de 1666, ainda estava solteiro. Pai de:

Bn 1 João Batista Acioli, c. c. Maria Vanderley.

Bn 2 José de Barros Pimentel, c. c. Maria de Barros Pimentel e a viuva Isabel de Almeida Vanderley.

Bn 3 Rodrigo de Barros Pimentel, c. c. Manuela Acioli Lins.

Bn 4 Zenóbio Acioli de Vasconcelos.

Bn 5 Francisco de Barros Pimentel, c. c. Antônia de Moura.

Bn 6 Jerônima de Almeida, c.c. João Gomes de Melo.

Bn 7 Rosa Francisca de Barros, c. c. Felipe Bulhão da Cunha e Francisco de Moura Rolim.

Bn 8 Brites Maria de Barros, c. c. João Batista Acioli.

Bn 9 Inês de Almeida, c. c. João Lins de Vasconcelos.

Bn 10 Adriana Francisca de Barros Pimentel, c.c. Zenóbio Acioli de Vasconcelos.

327 — N11 *Rodrigo de Barros Pimentel* c.c. Cosma Lins, filha de Bartolomeu Lins de Vasconcelos e de Mecia da Silva Rocha. Dada a consanguinidade, para o casamento, houve dispensa eclesiástica, por graça do papa Alexan-

dre 7.^o e datada de 1657. Teve um filho:

Bn 11 Rodrigo de Barros Pimentel, c. c. Ana da Rocha.

328 — Bn 11 *Rodrigo de Barros Pimentel*, o *mouco*, c.c. Ana da Rocha, filha de Clemente da Rocha Barbosa e de Maria Lins. Houve filhos, mas Jacobatão não os enumera.

GASPAR PEREIRA

329 — *Gaspar Pereira*, português de origem, era filho do fidalgo Leandro Pereira Pinto, que o tivera de Justa Álvares, filha de humilde lavrador. Nasceu a criança, sua mãe foi recolhida a um mosteiro de religiosas e ela entregue à proteção de Baltazar Pereira, que a tratou como se filho seu. Com Baltazar veio Gaspar em 1560 para a Baía, tornando-se depois proprietário do engenho Cruz de Tôrres, comprado a Antônio Vaz. C. c. Maria Soares, filha de Henrique Moniz Barreto e de Luísa Soares, ficando viúvo a 13 de setembro de 1597. Pai de:

F1 Margarida Soares, batizada a 29 de julho de 1590.

F2 Francisco Pereira Soares, c. c. Maria Pereira de Góis.

F3 Isabel Soares, c. c. Manuel de Azevedo Teixeira e Jácome Barbosa de Amorim.

F4 Lourenço Pereira, batizado a 20 de agosto de 1595, religioso calçado, prior do convento de sua ordem na Baía.

Depois, em 1600, Gaspar c. c. Ângela Lôbo de Mendonça, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Mecia Lôbo de Mendonça. Ângela morreu a 29 de abril de 1611 e seu marido em 1623, ambos com sepultura no convento do Carmo. Filhos do casal:

F5 Mecia, batizada em 1600 e falecida solteira.

F6 Custódia de Menezes, c.c. Francisco de Freitas Magalhães.

F7 Manuel Teles de Menezes, c.c. Maria Espínola Ribeiro.

F8 Mateus Pereira de Menezes, c.c. Isabel de Almeida e Helena da Silva Pimentel.

F9 Baltazar Pereira de Menezes, batizado a 3 de abril de 1606 e logo falecido.

F10 Antônio Moniz Barreto, c. c. Luzia Espínola Ribeiro.

F11 Gaspar Pereira de Menezes, c. c. Brites Antunes, Maria Barbosa e Ângela de Menezes de Vasconcelos.

F12 Maria de Menezes, c.c. Francisco de Carvalho de Oliveira e Francisco Lopes Girão.

F13 Cosme Pereira de Mendonça, c. c. Maria de Vasconcelos e Luísa Girão.

F14 Diogo Moniz Pereira.

F15 Francisco Moniz Teles, c. c. Policena de Sousa Rabelo e Inês Lôbo.

330 — F2 *Francisco Pereira Soares*, batizado a 30 de junho de 1591, senhor do engenho Cruz Tôrres, c. c. Maria Pereira de Góis, filha de Diogo Pereira Coutinho e de Luísa de Góis de Mendonça, tendo filhos:

N1 Luzia Pereira, c.c. Pedro Mendes Mesa.

N2 Maria Soares, c. c. Domingos Monteiro de Abreu.

N3 Miguel Pereira Soares, c. c. Clara de Sousa.

N4 Gaspar Pereira Soares, batizado a 29 de maio de 1632.

N5 Diogo Pereira Soares, batizado a 11 de setembro de 1633.

N6 Francisca Pereira Soares, batizada a 11 de outubro de 1634.

N7 Bento Pereira Soares, batizado a 19 de fevereiro de 1636.

N8 Âgueda Pereira Soares, batizada a 9 de setembro de 1637.

N9 Antônio Pereira Soares, c. .c
a viúva Francisca da Silva.

N10 Clara Pereira Soares, batizada a
5 de julho de 1639.

N11 Bernardo Pereira Soares.

N12 Apolônia Pereira Soares, batiza-
da a 24 de fevereiro de 1641.

N13 Margarida de Góis, batizada em
1642.

N14 Gonçalo Pereira Coutinho, bati-
zado a 9 de junho de 1646, padre.

N15 João Pereira Coutinho, batizado
a 9 de junho de 1652.

331 — F1 *Manuel Teles de Menezes*,
batizado a 2 de maio de 1603, viveu sem-
pre em sua fazenda em S. Tomé do Pa-
ripe. C.c. Maria Espínola Ribeiro, fi-
lha de Cristóvão de Aguiar Espínola e
de Ana Ribeiro. Morrendo a 22 de
março de 1682, com sepultura na capela
da fazenda, deixando filhos:

N16 Gaspar Teles Barreto, c. c. Isa-
bel Pereira.

N17 João Pereira Teles, c. c. Es-
colástica Cabral.

N 18 Ana,

N19 Antônio,

N20 Francisco,

N21 Manuel.

N22 Miguel.

332 — F8 *Mateus Pereira de Menezes*
c. c. Isabel de Almeida, filha de Gaspar
de Freitas Magalhães e de Policena de
Sousa Bittencourt. Pai de:

N23 Gaspar Pereira de Magalhães,
c. c. Violante Brandão.

N24 Antônia de Menezes, c.c. Jorge
de Araújo Góis e Francisco de Barros
Machado.

N25 Ângela de Menezes, c.c. Mar-
cos de Bittencourt.

N26 Maria de Menezes, c.c. José
de Góis Araújo.

N27 Francisco Teles de Menezes, ba-
tizado a 9 de outubro de 1635.

N28 Antônio Teles de Menezes, c.c.
Ângela Barbosa.

N29 Domingos Teles de Menezes, c.
c. Francisca de Aguiar e Ana de Me-
nezes.

Depois, a 9 de janeiro de 1647, c. c.
Helena da Silva Pimentel, filha de Ber-
nardo Pimentel de Almeida e de Maria
de Menezes, sem descendentes.

333 — F 10 *Antônio Moniz Barreto*,
batizado a 6 de junho de 1608, aos 30
de dezembro de 1630, em Paripe, c.c.
Luzia Espínola Ribeiro, filha de Cris-
tóvão de Aguiar Espínola e de Ana Ri-
beiro. Luzia foi batizada a 19 de dezem-
bro de 1604. Pai de:

N30 Cristóvão Pereira de Aguiar, c.
c. Maria de Campos Lomba.

N31 Isabel de Figueiró, c. c. João
Dias Ribeiro.

N32 Manuel Teles Barreto, c. c. To-
másia Barbosa e Mariana Monteiro.

N33 Jerônimo Moniz Barreto, batiza-
do a 4 de março de 1638.

N34 Antônia de Figueiró, c. c. Pe-
dro Mendes de Escobar.

334 — F11 *Gaspar Pereira de Me-
nezes*, batizado a 13 de setembro de 1609,
aos 29 de janeiro de 1629, em Paripe,
c. c. Brites Antunes, filha de Sebastião
de Faria e de Brites Antunes. Proprie-
tário do engenho de Matoim. Pai de:

N35 Manuel Pereira de Faria, c. c.
Francisca de Perada.

N36 João Pereira de Faria, c. c. Joa-
na de Albuquerque e Isabel de Melo.

N37 Ângela Pereira.

N38 Roque Pereira de Faria.

A 3 de fevereiro de 1636 c.c. Maria
Barbosa, filha de Francisco de Freitas
Magalhães e de Maria Barbosa de Al-
meida tendo filhos:

N39 Mecia de Menezes, c.c. Pedro
Barbosa de Vasconcelos.

N40 Francisco de Freitas de Menezes, c. c. Helena Monteiro.

N41 Jerônimo Moniz Barreto, c. c. Felipa Correia.

N42 Gonçalo Pereira de Menezes, batizado a 15 de outubro de 1644.

N43 Isabel de Menezes, c.c. Manuel de Melo e Ângelo de Araújo da Mota.

Depois c.c. Ângela de Menezes de Vasconcelos, filha de Jorge Barreto de Melo e de Maria de Lomba. Faleceu a 22 de outubro de 1659, com sepultura no convento do Carmo. Pai de:

N44 Fernão Teles de Menezes, batizado a 26 de janeiro de 1653 e morto jovem.

335 — F13 *Cosme Pereira de Mendonça*, batizado a 8 de outubro de 1613, em 25 de novembro de 1635 c. c. Maria de Vasconcelos, filha de Francisco de Mesquita. Pai de:

N45 Leonor de Melo, c. c. Eusébio Pereira Freiré.

Em novembro de 1648 c.c. a viúva Luísa Girão, filha de André Cavalo de Carvalho e de Margarida Girão, tendo filhos :

N46 Luís Pereira de Mendonça, c.c. Tomásia de Menezes.

N47 André Cavalo de Carvalho, c. c. Ana de Sousa.

N48 Mateus Pereira, c. c. Jerônima Teles de Menezes.

N49 Martim Teles Pereira, c. c. Bárbara de Sá de Menezes.

N50 Álvaro Girão Teles, c. c. Joana de Sá de Bittencourt.

336 — F15 *Francisco Moniz Teles*, batizado a 20 de abril de 1617, c. c. Policena de Sousa Rabelo, filha de Bartolomeu Rabelo de Macedo e de Constança de Sousa Bittencourt. Pai de:

N51 Antônio Teles de Bittencourt, c. c. Brites de Aguiar.

N52 João Moniz.

N53 Fernão Teles.

N54 Francisco Moniz Teles, c. c. Isabel Garcia.

Depois c. c. Inês Lôbo, tendo filho:

N55 Antônio Teles Barradas, c. c. Mariana de Bittencourt.

337 — N3 *Miguel Pereira Soares*, batizado a 12 de maio de 1631, c. c. Clara de Sousa a 10 de agosto de 1652, filha de Manuel de Sousa Dormundo e de Maria Correia. E' o paradigma do jogador contumaz, tendo perdido no jôgo o engenho Paripe e outros bens que possuía, jogando depois e perdendo a própria mulher, por êle conduzida aos parceiros que a ganharam, pois que a pusera à sorte por duas vezes. Clara prostituiu-se após o desquite judicial e mesmo assim Miguel a procurava, pedindo-lhe dinheiro ganho nos prostíbulos, para o seu vício de jogador. Pai de:

Bn1 Manuel Pereira, batizado a 18 de novembro de 1653 e falecido.

Bn2 Bras Pereira Soares, c. c. Isabel de Barros.

338 — N16 *Gaspar Teles Barreto*, batizado a 2 de dezembro de 1628, c. c. Isabel Pereira, filha de Sebastião Pereira e de Ana Correia. Pai de:

Bn3 Manuel Teles Barreto, c. c. Maria de Freitas.

Bn 4 Sebastião Teles.

Bn5 Antônio Teles Pereira, c. c. Antônia de Menezes e Teresa de Menezes.

Bn6 Pedro Pereira de Menezes, c.c. Maria de Sousa.

339 — N17 *João Pereira Teles* c. c. Escolástica Cabral, filha de João Fernandes Perfeito, mercador rico na Baía, irmão dos padres José Henriques, Domingos Cabral e Inocêncio Cabral, e teve filhos:

- Bn7 Tomé Pereira.
- Bn8 Mateus Pereira.
- Bn9 Eufrásia Cabral.
- Bn10 Teresa Cabral.
- Bn11 Faustina Pereira.
- Bn12 Mariana Cabral.

340 — N23 *Gaspar Pereira de Magalhães*, em 3 de setembro de 1665 c. c. Violante Brandão, filha de Tomé Tavares de Alvim e de Bárbara Pereira de Gusmão. Pai de:

Bn13 Tomé Pereira de Menezes, c.c. Ângela de Sousa de Menezes e Inês de Melo de Vasconcelos.

Bn14 Antônio Teles de Menezes, batizado a 9 de novembro de 1661.

Bn15 Antônio Caldeira de Menezes (bastardo), padre.

341 — N27 *Francisco Teles de Menezes*, batizado a 9 de outubro de 1635, alferes, capitão de infantaria, em viagem para Portugal foi capturado pelos piratas que infelizmente o restituíram à liberdade e à pátria. Regressando do reino com o Conde de Óbidos tornou-se na Baía a personagem mais odienta e odiada de seu tempo. Influindo no governo de Alexandre de Sousa Freire, culminou em perseguições políticas aos que não apoiavam o governador de fato Antônio de Sousa Menezes. Alcaide-mór da cidade, por compra do título a Bernardo de Miranda Henriques, tais e tamanhas violências praticou, tanto desmando executou, que o assassinaram, para merecer ser louvado na história pátria como exemplo a governos de tal natureza. Solteiro, Teles de Menezes deixou filhos bastardos:

Bn 16 Antônio de Queirós Teles.

Bn 17 Rui Teles de Menezes.

342 — N28 *Antônio Teles de Menezes*, batizado a 27 de setembro de 1639, c. c. Ângela Barbosa, filha de Baltazar Bar-

bosa e de Úrsula da Rocha, sem filhos. Depois do assassinio de seu irmão Francisco Teles de Menezes o governador o fez sucessor no cargo de alcaide-mór e tendo ido ao reino por motivo do processo resultante do crime, por lá se demorou alguns anos e se esgotou de recursos e voltou pobríssimo para a Baía, onde morreu, depois de perdoar, por intercessão da alta diplomacia, os que foram causadores da morte do alcaide-mór.

343 — N29 *Domingos Teles de Menezes*, batizado a 25 de junho de 1643, c. c. Francisca de Aguiar, filha de Estêvão de Aguiar e de Maria Barbosa de Menezes. Depois c.c. Ana de Menezes, filha de Francisco Furtado e de Antônia de Menezes. Viveram sempre em discórdias e, divorciados, ela contraiu novas núpcias.

344 — N30 *Cristóvão Pereira de Aguiar*, batizado a 26 de outubro de 1631, em Cotegipe, na capela de S. Antônio, a 2 de setembro de 1649, c.c. Maria de Campos Lomba, filha de Paulo de Lomba e de Tomásia Barbosa. Repetelhe Jaboatão uma alcunha infamante, que o fazia conhecido — *Pai das éguas*. São filhos seus:

Bn 18 Gonçalo Teles de Castelo Branco.

Bn 19 Tomásia de Menezes, c. c. Luís Pereira de Mendonça e Tomé de Melo.

Bn 20 Ângela de Menezes, batizada a 20 de fevereiro de 1656.

Bn 21 Ana de Menezes, batizada a 9 de março de 1658.

345 — N32 *Manuel Teles Barreto*, batizado a 26 de março de 1636, c. c. Tomásia Barbosa, filha de Bartolomeu Moniz Teles e de Arcângela de Lomba, a 3 de janeiro de 1658, tendo um filho:

Bn 22 Constantino Moniz Teles, c. c. Teresa de Lacerda Coutinho.

Depois, a 27 de novembro de 1660, c. c. Mariana Monteiro, filha de Bento Monteiro Freire e de Susana Pereira, tendo filhos:

Bn 23 Antônio Teles de Menezes, solteiro, suicida.

Bn 24 Catarina de Menezes, c.c. Manuel de Melo.

Bn 25 Mariana Teles de Menezes, c. c. Antônio Rabelo de Macedo.

346 — N35 *Manuel Pereira de Faria*, batizado a 28 de outubro de 1629, aos 25 de outubro de 1654 c.c. a viúva Francisca de Perada, batizada a 7 de outubro de 1618, filha de Francisco de Bitencourt e de Arcângela de Melo. Pai de:

Bn 26 Francisco de Bittencourt de Sá, c. c. Ana Pais de Azevedo.

Bn 27 Brites de Faria Menezes, c.c. Antônio Ferreira de Sousa.

Bn 28 Joana de Menezes.

Bn 29 Tomé Pereira de Faria, c. c. Mariana de Sousa.

347 — N36 *João Pereira de Faria*, batizado a 6 de fevereiro de 1631, c. c. Joana de Albuquerque, filha de João Leitão Arnoso e de Felipa de Albuquerque Coutinho. Pai de:

Bn 30 Gaspar Pereira de Albuquerque, c.c. Joana Teles.

Depois c. c. Isabel de Melo, filha de Antônio de Melo de Vasconcelos e de Isabel de Macedo.

348 — N40 *Francisco de Freitas de Menezes*, batizado a 7 de novembro de 1638, c. c. Helena Monteiro, filha de João Monteiro Freire e de Marta Barbosa.

349 — N 41 *Jerônimo Moniz Barreto*, batizado a 3 de outubro de 1639, c.c. Felipa Correia, filha de Antônio de Miranda Silveira e de Catarina Correia.

350 — N46 *Luis Pereira de Mendonça* c.c. Tomásia de Menezes, filha de Cristóvão Pereira de Aguiar e de Maria de Campos Lomba, batizada a 9 de maio de 1652.

351 — N 48 *Mateus Pereira* c. c. Jerônima Teles de Menezes, filha de Antônio Moniz Barreto e de Arcângela Girão.

352 — N49 *Martim Teles Pereira* c. c. a viúva Bárbara de Sá de Menezes, com quem não teve filhos. Pai dos bastardos:

Bn 31 Florência de Menezes, c.c. João Batista de Brito.

Bn 32 Luísa de Menezes.

353 — N50 *Álvaro Girão Teles* por amôres c.c. Joana de Sá de Bittencourt, filha de Agostinho da Costa Menezes. O casamento, feito contra a vontade da família, trouxe-lhe a desgraça. Abandonado dos seus, encontrou-se pobríssimo, morrendo na cadeia pública. Pai de :

Bn 33 Luzia Girão Teles de Menezes, c. c. Paulo Cardoso de Vargas.

Bn 34 André Cavalo de Carvalho.

Bn 35 Antônio.

Bn 36 Maria.

Bn 37 Simões.

Bn 38 Ana.

354 — N51 *Antônio Teles de Bittencourt*, o *Carapeba*, a 1 de fevereiro de 1665, em Paripe, c. c. Brites de Aguiar, filha de Gomes de Aguiar Daltro e de Luzia de Espínola, tendo filhos:

Bn 39 Lázaro Teles de Menezes, c.c. Elvira de Estéria.

Bn 40 Bernardo Moniz Teles.

Bn 41 Luzia,

Bn 42 Maria,

Bn 43 Mariana,

Bn 44 Policena.

355 — N54 *Francisco Moniz Teles* c. c. Isabel Garcia, filha de Antônio Cordeiro Aires e de Isabel do Rêgo. Pai de:

Bn 45 Maria Teles, c. c. Francisco Moniz Barreto.

356 — N55 *Antônio Teles Barradas* c.c. Mariana de Bittencourt, filha de Aleixo Antunes da Silva e de Natália Guedes de Carvalho, tendo filhos:

Bn 46 Urbano Teles.

Bn 47 Davi Teles.

Bn 48 Antônia de Bittencourt, c. c. Francisco Pereira Pinto.

Bn 49 Florência de Bittencourt.

357 — Bn 2 *Bras Pereira Soares*, no convento de S. Francisco, na Baía, a 6 de dezembro de 1679, c. c. Isabel de Barros, filha de Manuel de Barros e de Maria Borba. Casados contra a vontade dos parentes. Pai de:

Tn 1 Manuel Pereira.

Tn 2 Antônia de Barros.

Tn 3 Maria Soares.

358 — Bn 3 *Manuel Teles Barreto* c.c. Maria de Freitas, filha de Manuel de Freitas Lôbo e de Felipa Pimentel.

359 — Bn 5 *Antônio Teles Pereira*, batizado a 2 de agosto de 1652, c. c. Antônia de Menezes, filha de Agostinho Sutil de Siqueira e de Francisca de Menezes. Depois c.c. Teresa de Menezes, filha de Mateus Pereira de Azevedo e de Antônia de Góis.

360 — Bn 6 *Pedro Pereira de Menezes*, capitão de infantaria de ordenança, c. c. Maria de Sousa, filha de Inácio Ferreira de Sousa e de Margarida de Menezes.

361 — Bn 13 *Tomé Pereira de Menezes*, batizado a 4 de dezembro de 1657, a 18 de fevereiro de 1697, no Monte, c. c. Ângela de Sousa de Menezes, batiza-

da a 13 de setembro de 1662, filha de Vasco de Sousa Dormundo e de Vitória de Menezes. Da formosura de Ângela muito falou, em versos de amor e paixão, o grande poeta Gregório de Matos. Depois Tomé c. c. Inês de Melo de Vasconcelos, filha de Antônio de Couros Carneiro e de Ursula de Melo de Vasconcelos. Pai de:-

Tn 4 Joana Maria de Vasconcelos, c. c. Elias de Sousa Salgado.

362 — Bn 22 *Constantino Moniz Teles* c.c. Teresa de Lacerda Coutinho, filha de Sebastião Pais e de Maria de Lacerda Coutinho, tendo, entre alguns filhos mortos na infância, êste:

Tn 5 Francisco Moniz Coutinho.

363 — Bn 26 *Francisco de Bittencourt de Sá* c.c. Ana Pais de Azevedo, filha de Miguel Moniz Barreto e de Úrsula Pais de Azevedo, batizada a 18 de junho de 1668. Pai de:

Tn 6 Manuel Moniz Teles.

364 — Bn 29 *Tomé Pereira de Faria*, proprietário de fazenda em Matomim, c. c. Mariana de Sousa, filha de Inácio Ferreira de Sousa e de Margarida de Menezes, batizada na dita localidade a 16 de setembro de 1642.

365 — Bn 30 *Gaspar Pereira de Albuquerque* c. c. Joana Teles, batizada a 5 de janeiro de 1648, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Maria de Azevedo Teixeira.

366 — Bn 39 *Lázaro Teles de Menezes* c.c. Elvira de Estéria, filha de Carlos de Estéria e de Ângela de Bittencourt.

DIAS DE FIGUEIRÓ

367 — *Pedro Dias de Figueiró*, nascido no Pôrto em 1541, do casal Gonçalves Álvares e Bárbara Dias de Figueiró, pas-

sou-se para a Baía, onde se tornou “mercador muito rico”, agricultor e proprietário. C. c. Felícia Lôbo, filha de Gaspar de Barros Magalhães e de Catarina Lôbo Barbosa de Almeida, aos 4 de novembro de 1582, na sé. Pai de:

F1 Baltazar Lôbo, batizado a 29 de abril de 1584 e morto a 27 de janeiro de 1628.

F2 Bárbara Lôbo, batizada a 3 de setembro de 1585, sendo padrinhos André Monteiro e Inês de Barros.

F3 Pedro Dias de Figueiró, batizado a 1 de novembro de 1587 e falecido a 11 de janeiro de 1618, deixando como testamenteiro a Paulo de Argolo.

F4 Gonçalo de S. Antônio, franciscano, professo a 13 de junho de 1610.

368 — *Baltazar Lôbo de Sousa*, filho de Gaspar de Barros Magalhães e de Catarina Lôbo Barbosa de Almeida, c. c. Ana de Gamboa, filha de Martim Afonso Moreira e de Luzia Ferreira Feio, e teve:

F1 Antônia Lôbo, c. c. Francisco de Vasconcelos Cavalcanti.

ANTÔNIO RIBEIRO

369 — *Antônio Ribeiro* c. c. Maria de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo e de Joana Barbosa Lôbo, o ato celebrado na sé ante as testemunhas D. Duarte da Costa, governador; D. Álvaro da Costa, filho de D. Duarte, e Mecia Lôbo de Mendonça, espôsa de Francisco Bicudo. Por êsse casamento Antônio Ribeiro teve por dote a propriedade do officio da provedoria da alfândega. Maria faleceu a 11 de fevereiro de 1602, escolhendo para seu testamenteiro a seu filho Bernardo. Pai de:

F1 Joana Barbosa, c. c. Diogo Correia de Sande.

F2 Helena de Argolo, c. c. Manuel de Sá Souto-Maior.

F3 Bernardo Ribeiro, batizado a 21 de agosto de 1562.

F4 Agostinho Ribeiro, batizado a 4 de março de 1564 e que veio a ser bispo de Ceuta.

RAFAEL TELES

370 — *Rafael Teles* nasceu na ilha da Madeira, do casal Antônio Fernandes de Abreu e Maria de Gouveia. Veio para a Baía onde, a 6 de janeiro de 1583, na sé, c. c. Maria Rangel, filha de Miguel Ribeiro e de Marta Vilela, “pessoas opulentas em cabedal”: Pai de:

F1 Maria Rangel, c.c. André Padilha de Barros.

F2 Joana Teles, c. c. Francisco Padilha e João Borges de Escobar.

F3 Juliana Rangel, c. c. Egas Moniz Barreto.

F4 Isabel Teles, c.c. Cristóvão de Aguiar Daltro.

F5 Francisco Teles, batizado a 6 de dezembro de 1593.

F6 Antônio Rangel, batizado a 22 de abril de 1595, religioso.

Depois c.c. a viúva Mecia de Armas, filha de Luís de Armas e de Catarina Jaques, sem descendentes.

371 — *André Padilha de Barros*, português, vindo para o Brasil em 1589, capitão de infantaria nas guerras holandesas, fidalgo cavaleiro da ordem de Cristo, c.c. Maria Rangel, batizada a 15 de abril de 1585, filha de Rafael Teles e de Maria Rangel. Pai de:

F1 Marta Rangel, c. c. Cristóvão Leão Camelo.

F2 Isabel Pereira de Magalhães, c. c. Rodrigo de Argoio.

F3 Maria Teles de Padilha, c. c. Vicente Rangel de Macedo.

AGUIAR DALTRO

372 — *Cristóvão de Aguiar Daltro* e Pedro de Aguiar Daltro eram irmãos, filhos de Álvaro de Aguiar Daltro e netos de Pedro Vaz que fôra colaço do rei Pedro 1.^o. Veio êle para a Baía acompanhando Tomé de Sousa, no governo do qual exerceu o cargo de almoxarife dos armazens da cidade. Grande proprietário, ofereceu aos carmelitas as terras destinadas ao convento que levantaram, com igreja, sob a condição de terem sepultura nos mesmos tanto o doador quanto os seus descendentes. Aí c. c. Isabel de Figueiró, sem referência exata a ascendentes desta nem à data do casamento, que não teria sido celebrado em 1592, como quer Jaboaão. Em outubro de 1605 ambos eram falecidos. Pai de:

F1 Francisco de Aguiar, batizado a 18 de julho de 1580.

F2 Ana de Figueiró, c. c. Custódio Nunes.

F3 Francisca de Aguiar Espínola, c. c. Paulo de Carvalhal de Oliveira.

F4 Antônia de Aguiar, batizada a 24 de junho de 1590.

F5 Cristóvão de Aguiar Espinola, c. c. Ana Ribeiro.

F6 Maria de Figueiró, c.c. Manuel Lopes Caldeira.

373 — F5 *Cristóvão de Aguiar Espínola*, em Cotegipe, a 23 de outubro de 1603, o vigário Estêvão Fernandes o c. c. Ana Ribeiro, filha de Francisco Ribeiro e de Catarina Gonçalves. Pai de:

N1 Luzia Espínola Ribeiro, c.c. Antônio Moniz Barreto e Gomes de Aguiar Daltro.

N2 Francisco, batizado a 28 de janeiro de 1607.

N3 Catarina, batizada a 15 de janeiro de 1609.

N4 Beatriz, batizada a 30 de julho de 1610.

N5 Maria Espínola Ribeiro, c.c. Manuel Teles de Menezes.

N6 Cristóvão de Aguiar Daltro, batizado a 7 de fevereiro de 1623.

374 — *Pedro de Aguiar Daltro* (*) era de Alenquer, como seu irmão Cristóvão de Aguiar Daltro. Teria nascido em 1545. Vindo para a Baía, instalou-se em Matoim, onde teve propriedades. C. c. Custódia de Faria, filha de Sebastião Álvares e de Inês Álvares de Faria natural de Lisboa, nascida em 1541. Filhos do casal:

F1 Antônio de Aguiar Daltro, c. c. Brites Barbosa.

F2 Estêvão de Aguiar, c.c. Maria Barbosa de Menezes.

F3 Tomé de Aguiar Daltro, c. c. Maria de Lemos.

F4 Manuel de Aguiar Daltro.

F5 Sebastião de Aguiar, c. c. Inês Ribeiro.

F6 Jacinta de Aguiar, c. c. Antônio Diniz Ribeiro.

375 — F1 *Antônio de Aguiar Daltro* c. c. Brites Barbosa, filha de Sebastião Pedroso e de Maria Barbosa, tendo filhos:

N1 Custódia Barbosa, c. c. Antônio Ferraz de Abreu.

N2 Maria de Aguiar, c. c. Manuel Moniz Barreto.

(*) Há referência a casamento seu, a 21 de março de 1658, com Catarina Antunes, donde o nascimento da filha F6 Jacinta de Aguiar, c.c. Antônio Diniz Ribeiro, mas isso é irreal à vista de datas relativas a outros passos de sua existência.

376 — F2 *Estêvão de Aguiar*, em Mattoim, aos 20 de fevereiro de 1634, c. c. Maria Barbosa de Menezes, filha de Domingos Barbosa de Amorim e de Francisca de Menezes, batizada a 31 de março de 1610. Pai de:

N3 Maria de Aguiar, batizada a 4 de novembro de 1635.

N4 Francisca de Aguiar, c. c. Domingos Teles de Menezes.

377 — F3 *Tomé de Aguiar Daltro*, tabelião na Baía, aos 10 de junho de 1639 c.c. a viúva Maria de Lemos, filha de João de Lemos de Sá e de Paula do Amaral. Pai de:

N5 Inês de Aguiar Daltro, c. c. Manuel de Sousa de Abreu.

378 — F4 *Manuel de Aguiar Daltro*. Nada se lhe sabe senão ter sido pai de:

N6 Gomes de Aguiar Daltro, c. c. as viúvas Luzia Espínola Ribeiro e Clara de Melo.

N7 Manuel de Aguiar, batizado a 30 de agosto de 1609.

379 — F5 *Sebastião de Aguiar* c. c. Inês Ribeiro e teve filhos:

N8 Cristóvão de Aguiar, batizado a 3 de fevereiro de 1599.

N9 Maria de Aguiar, c. c. Bernardo Aguirre.

N10 João de Aguiar.

N11 Sebastião Tomé de Aguiar, c. c. Maria Correia.

380 — N6 *Gomes de Aguiar Daltro* c.c. a viúva Luzia Espínola, filha de Cristóvão de Aguiar Espínola e de Ana Ribeiro. Luzia faleceu a 7 de fevereiro de 1646. Pai de:

Bn 1 Tomé de Aguiar, c. c. Margarida de Araújo.

Bn 2 Brites de Aguiar, c. c. Antônio Teles de Bittencourt.

Depois c.c. a viúva Clara de Melo. Ele faleceu a 29 de março de 1660 e ela no mesmo dia e mês de 1666. Pai de:

Bn 3 Manuel de Aguiar.

381 — N11 *Sebastião Tomé de Aguiar* c.c. a viúva Maria Correia, filha de Pedro Vaz Correia e de Felipa Santiago.

382 — Bn1 *Tomé de Aguiar* c.c. Margarida de Araújo e teve filhos:

Tn 1 Maria, batizada a 10 de fevereiro de 1670.

Tn 2 Vasco, batizado a 21 de abril de 1673.

Tn 3 Antônio, batizado a 12 de julho de 1676.

Tn 4 Francisco, batizado a 26 de setembro de 1679.

CAVALO DE CARVALHO

383 — *Sebastião Cavalo de Carvalho*, nascido no Pôrto, do casal André Cavalo e Margarida de Carvalho, moradores na vila de Barcelos, era doutor e como tal foi o primeiro ouvidor mandado para a Baía. Aí c.c. a viúva Joana Bittencourt de Sá, filha de Francisco Álvares Ferreira Bittencourt e de Isabel Correia de Almeida. Pai de:

F1 André Cavalo de Carvalho, c. c. Maria de Melo, Margarida Girão e Brites de Oliva.

Depois, c. c. Vitória Barbosa, filha de Gaspar Pires e de Maria Barbosa, então moradores em Pôrto Seguro. Casados a 20 de janeiro de 1582.

384 — F1 *André Cavalo de Carvalho* era capitão famoso. C. c. Maria de Melo, filha de Manuel de Melo de Vasconcelos e de Francisca de Perada. Depois, a 25 de novembro de 1609, c. c. Margarida Girão, filha de Francisco Lopes Girão e de Maria Correia, tendo filhos:

N1 Marcos de Bittencourt, c. c. Jerônima de Menezes e Ângela de Menezes.

N2 Maria Girão, c. c. Felipe Garção de Oliva.

N3 Luísa Girão, c. c. Cosme Pereira de Mendonça.

N4 Ana Girão.

N5 Sebastião Cavalo de Carvalho, c. c. Simoa de Macedo.

Ainda veio a c.c. a viúva Brites de Oliva, filha de João Garcês e de Vitória de Oliva. Faleceu a 13 de janeiro de 1661, sepultado no jazido de seus pais, na sé. Pai de:

N6 Benta de Oliva, c.c. Gaspar Teles de Carvalhal de Menezes.

385 — N1 *Marcos de Bittencourt*, sargento-mór, c. c. Jerônima de Menezes, filha de Henrique Moniz Barreto e de Maria Soares, batizada a 6 de abril de 1611, casada a 10 de outubro de 1638 e falecida a 23 de novembro de 1639. Viúvo, a 12 de junho de 1650 c.c. Ângela de Menezes, filha de Mateus Pereira de Menezes e d Isabel de Almeida, batizada a 1 de maio de 1631. Pai de:

Bn 1 Margarida Teles de Menezes, c. c. Luís de Melo de Vasconcelos.

Bn2 Maria Teles de Menezes, c.c. João Pais Florian.

Bn 3 Antônia Teles de Menezes, c.c. João Álvares de Vasconcelos.

Bn 4 Leonor Teles de Menezes, c. c. João de Brito e Sousa.

Bn 5 Luísa Teles de Menezes, c.c. Martin de Freitas Couros Carneiro.

386 — N5 *Sebastião Cavalo de Carvalho*, batizado a 2 de maio de 1624, só a 18 de novembro de 1657 veio a c.c. Simoa de Macedo, filha de Agostinho da Costa Morais e de Bárbara de Macedo, tendo filhos:

Bn 6 Maria de Bittencourt, batizada a 28 de outubro de 1659.

Bn 7 Agostinho da Costa de Carvalho, c.c. Inês Teles de Menezes.

Bn 8 Margarida Girão, batizada a 25 de outubro de 1663.

Bn 9 Isabel Correia, batizada a 17 de março de 1666.

Bn 10 Joana de Bittencourt, batizada a 6 de março de 1668.

Bn 11 Álvaro Girão de Carvalho.

Bn 12 Bárbara de Bittencourt, batizada a 27 de setembro de 1672.

Bn 13 Manuel Girão de Carvalho, batizado a 18 de outubro de 1674.

387 — Bn 7 *Agostinho da Costa de Carvalho*, batizado a 27 de fevereiro de 1661, aos 17 de maio de 1701 c. c. Inês Teles de Menezes, filha de João de Seixas e de Bárbara de Sá de Menezes. Pai de:

Tn 1 Bárbara Teles de Menezes, c. c. Antônio de Sousa Freire.

Tn 2 Antônia Teles de Menezes, c. c. Pedro Barbosa de Vasconcelos.

Tn 3 Joana Teles de Menezes, c.c. Arnaldo Bezerra.

Tn 4 Maria Francisca de Bittencourt, c. c. Francisco de Barros de Azevedo.

Tn 5 Sebastião Cavalo de Carvalho, batizado a 20 de fevereiro de 1710.

Tn 6 Luzia Teles de Menezes, batizada a 9 de abril de 1713.

Tn 7 Ana Teles de Menezes, batizada a 8 de janeiro de 1715.

BRITO FREIRE

388 — *Estêvão de Brito Freire* é de origem portuguesa distinta. Vindo para a Baía, aí se casou, a 10 de agosto de 1592, com Violante de Araújo, filha de Francisco de Araújo e de Maria Dias. Com a fazenda de sua propriedade instituiu um morgado sob a denominação de

S. Estêvão e N.S. de Jesus. Do seu casamento houve:

F1 Gaspar de Brito Freire, c. c. Francisca da Silveira.

F2 Francisco de Brito Freire.

389 — F1 *Gaspar de Brito Freire*, batizado na sé a 13 de julho de 1595, sendo padrinho o governador Francisco de Sousa, c. c. Francisca da Silveira, filha de Álvaro da Silveira e de Brites de Mexia. Herdou de seu pai o morgado de S. Estêvão. Teve um filho:

N1 Francisco de Brito Freire, c. c. Teresa de Távora.

390 — F2 *Francisco de Brito Freire*, batizado na sé a 5 de abril de 1596, foi moço fidalgo da caso real e dele não se sabe de casamento. Teve no entanto um filho:

N2 Estêvão de Brito Freire, c.c. Violante de Eça de Castro.

391 — N1 *Francisco de Brito Freire* herdou de seu pai o morgado que houvera de seu avô e c. c. Teresa de Távora, filha de Luís de Miranda Henriques e de Francisca de Távora, tendo um filho:

Bn 1 Gaspar de Brito Freire, capitão de infantaria em Lisboa, falecido sem sucessão.

392 — N2 *Estevão de Brito Freire*, que se presume bastardo, c.c. a viúva Violante Eça de Castro, filha de Vasco Moniz Barreto e de Madalena de Castro de Eça, e teve uma filha:

Bn 2 Felipa de Brito Freire, c. c. Manuel Botelho de Oliveira.

BALTAZAR PEREIRA

393 — *Baltazar Pereira* nasceu em 1541, em Ponte de Lima, e seus pais eram Gabriel Rodrigues Pereira e Isabel Dias. Comerciante em Lisboa, moço da Câmara Real, veio à Baía em 1560 por interesses comerciais e aí se casou com Maria de Melo de Vasconcelos, fi-

lho do alcaide-mór Antônio de Oliveira de Carvalhal e de Luísa de Melo de Vasconcelos. Proprietário do engenho Cruz de Tôrres, em Cotegipe, adquirido, por compra, ainda em Lisboa, de Jorge Gomes Lamego. Em 1589 já o engenho era vendido, por 32 mil cruzados, a Antônio Vaz, regressando Baltazar a Lisboa no ano seguinte, com espôsa e filhos:

F1 Branca de Melo Pereira, c. c. Ventura de Frias Salazar.

F2 Luísa Pereira, batizada na sé a 9 de agosto de 1587.

F3 Maria Pereira, batizada na sé a 10 de setembro de 1585.

F4 Mariana Pereira.

394 — *Antônio Vaz* passou a sér proprietário do engenho Cruz de Tôrres, em Cotegipe, comprado a Baltazar Pereira em 1589, e já em 1590 o vendia a Gaspar Pereira, um protegido de Baltazar. Na Baía, Antônio Vaz c.c. Antônia Soares, filha de Henrique Moniz Barreto e de Luísa Soares. Pais de:

F1 Maria Soares, c. c. Henrique Moniz Barreto.

LOPES GIRÃO

395 — *Francisco Lopes Girão* é o primeiro dêste nome e dêste ramo de família vindo para a Baía. A 21 de junho de 1581 c.c. Maria Correia e a 22 de outubro de 1637 morria-lhe a espôsa. Ele morreu a 23 de março de 1652, com sepultura na sé. Pai de:

F1 Francisca Girão, batizada na sé a 1 de janeiro de 1597.

F2 Francisco Lopes Girão, c. c. Maria de Menezes e Francisca de Perada.

F3 Margarida Girão, c. c. André Cavallo de Carvalho.

F4 Manuel Girão, c. c. Catarina de Menezes e Felipa de Menezes.

396 — F2 *Francisco Lopes Girão*, batizado a 22 de abril de 1600, aos 22 de novembro de 1638 c.c. a viúva Maria de Menezes, filha de Gaspar Pereira e de Ângela Lôbo de Mendonça, tendo filhos:

N1 Antônio Moniz Girão, c. c. Luísa Barbosa.

N2 Tomé Girão, c. c. Margarida Barbosa.

N3 Benta.

A 13 de abril de 1651 c. c. Francisca de Perada, filha de Francisco de Bittencourt e de Arcângela de Melo e teve:

N4 Arcângela Girão, c.c. Antônio Moniz Barreto.

397 — F4 *Manuel Girão*, capitão de milícias, aos 17 de setembro de 1623 c. c. Catarina de Menezes, filha de Duarte Moniz Barreto e de Helena de Melo de Vasconcelos, batizada a 10 de janeiro de 1592. Aos 16 de novembro de 1648 c.c. Felipa de Menezes, filha de Miguel Teles Barreto e de Jerônima Correia.

398 — N1 *Antônio Moniz Girão* c. c. Luísa Barbosa, filha de Baltazar Barbosa e de Úrsula Rocha. Pai de:

Bn 1 Francisco Moniz Girão, c. c. Micaela de Azevedo da Silva.

Bn 2 Manuel Moniz Girão, c. c. Teodora de Moraes.

Bn 3 José Moniz Girão, c. c. Maria de Sousa de Amorim.

Bn 4 Úrsula da Rocha Barreto, c. c. José Teles Barreto.

399 — N2 *Tomé Girão* c. c. Margarida Barbosa, filha de Baltazar Barbosa e de Úrsula da Rocha, tendo filhos:

Bn 5 Baltazar Barbosa.

Bn 6 José Teles.

Bn 7 Francisco Girão, c.c. Isabel de Góis.

Bn 8 Teresa Girão, c. c. Antônio Teles e José Godinho.

400 — Bn 1 *Francisco Moniz Girão*, c. c. Micaela le Azevedo da Silva, filha de Marcos da Silva e de Ana de Azevedo, com filhos:

Tn 1 Antônio Moniz.

Tn 2 Marcos da Silva.

401 — Bn 2 *Manuel Moniz Girão* c. c. Teodora de Moraes, filha de Francisco de Moraes e de Ana de Azevedo. Pai de:

Tn 3 Manuel Moniz Girão.

402 — Bn 3 *José Moniz Girão* c.c. Maria de Sousa de Amorim, filha de Amaro de Sousa Amorim e de Margarida Ribeiro de Barros, tendo sido morto, a tiros, em Sergipe, sem deixar descendentes.

403 — Bn 7 *Francisco Girão* c. c. Isabel de Góis, filha de José de Araújo Góis e de Úrsula Feio Soares, não tendo filhos.

GOMES VITÓRIA

404 — *Manuel Gomes Vitória*, português, na Baía c.c. Catarina de Moura, filha de Pedro Fernandes de Moura e de Leonor Martins. Depois de viúvo c.c. Branca Mendes Serrão, filha de Antônio Serrão e de Catarina Mendes, tendo filhos:

F1 Antônio Gomes Vitória, c. c. Isabel Nunes.

F2 Catarina Vitória, c. c. Diogo Moniz Teles.

F3 Maria Gomes Vitória, c. c. Fernando Rodrigues Ribeiro.

F4 Constantino Gomes Vitória, c. c. Maria da Fonseca e Inês de Menezes.

F5 Diogo Gomes Vitória.

Casou-se ainda com Branca Serrão, filha de João Vaz Serrão e de Leonor Rosa, já viúva de Gonçalo Nunes Campo-Maior. Outra vez, c.c. a viúva Maria de Menezes Vasconcelos, filha de Valentim Faria de Vasconcelos e de Felipa

de Sá, com ambas não tendo filhos. Faleceu a 22 de novembro de 1648.

405 — F4 *Constantino Gomes Vitória*, a 7 de janeiro de 1624, na Baía, c. c. Maria da Fonseca, filha de Manuel da Fonseca Homem e de Catarina Mendes. Depois c.c. Inês de Menezes, filha de Domingos Gomes Pimentel e de Maria de Menezes, a 1 de maio de 1641, tendo filhos.

N1 Branca de Menezes, c.c. Duarte Lopes Ulhoa.

N2 Manuel Gomes Vitória, c. c. Clara Maria Ulhoa.

N3 Antônio Gomes Vitória, c. c. Mariana Ulhoa.

406 — N3 *Antônio Gomes Vitória*, em 25 de novembro de 1675, c. c. Mariana Ulhoa, filha de Antônio Dias Duarte e de Paula de Mesquita, o ato celebrado no Iguape, paraninfado por Constantino Vieira, Diogo Lopes Ulhoa e Branca Serrão. Pai de:

Bn 1 Teresa Ulhoa, c. c. Diogo Moniz Teles.

Bn 2 Inês de Menezes, c.c. Pedro Garcia de Melo.

FARIA DE VASCONCELOS

407 — *Valentim Faria de Vasconcelos*, homem forado, c. c. Felipa de Sá, filha de Diogo da Rocha de Sá e de Inês Moniz Barreto. Pai de:

F1 Antônia de Sá, c. c. Bento de Brito Cassão.

F2 Miguel Teles Barreto, c. c. Jerônima Correia.

F3 Maria de Menezes Vasconcelos, c. c. Domingos Gomes Pimentel e Manuel Gomes Vitória.

408 — F2 *Miguel Teles Barreto*, capitão, c. c. Jerônima Correia, filha de Pedro Vaz Correia e de Felipa de Santiago, falecido a 26 de agosto de 1664. Pai de:

N1 Antônio Moniz Barreto, c. c. Arcângela Girão e Inês de Sousa.

N2 Francisco Moniz Barreto, c. c. Antônia de Menezes, Francisca de Araújo e Maria Teles.

N3 Diogo Moniz Teles.

N4 Felipa de Menezes, c.c. Manuel Girão e Sebastião Tôrres.

409 — N1 *Antônio Moniz Barreto*, capitão e, depois, sargento-mór, c.c. Arcângela Girão, filha de Francisco Lopes Girão e de Francisca de Perada, tendo filhos:

Bn 1 Miguel Teles Barreto, c.c. Helena Teles de Menezes.

Bn2 Úrsula de Meneses, c.c. Marcos de Bittencourt de Vasconcelos.

Bn 3 Jerônima Teles de Menezes, c. c. Mateus Pereira e Antônio de Castro de Sousa Brito.

Bn 4 Maria Teles de Menezes, c.c. Jerônimo Girão.

Bn 5 Luísa Teles de Menezes, c.c. Manuel Ferreira de Sousa.

Depois c.c. a viúva Inês de Sousa, filha de Inácio Ferreira de Sousa e de Margarida de Menezes, não tendo filhos.

410 — N2 *Francisco Moniz Barreto*, fidalgo da casa real, aos 8 de maio de 1670 c. c. Antônia de Meneses, filha de Manuel Teles de Menezes e de Isabel de Mariz. Pai de:

Bn 6 Ângela de Menezes, c.c. Roberto da Silva Henriques Baldes.

Bn 7 Jerônima de Menezes.

Depois, a 12 de junho de 1675, c. c. Francisca de Araújo, filha de Fernão Pereira do Lago e de Sebastiana de Queirós, tendo:

Bn8 Egas Moniz Barreto, c. c. Inês Teles.

Ainda veio a c. c. Maria Teles, filha de Francisco Moniz Teles e de Isabel Garcia. Pai de:

Bn 9 Maria de Menezes.

Bn10 Francisco Barreto de Sá.

411 — Bn 1 *Miguel Teles Barreto*, coronel, a 4 de outubro de 1693, na capela da Conceição do Monte, c. c. Helena Teles de Menezes e teve filhos:

Tn 1 Arcângela Teles de Menezes.

Tn 2 Antônio Moniz Barreto.

Tn 3 Maria Teles de Menezes.

412 — *Sebastião de Tôrres* c. c. a viúva Felipa de Menezes, filha de Miguel Teles Barreto e de Jerônima Correia, e teve filhos:

F1 Francisco Teles Barreto, c. c. Maria de Vasconcelos de Menezes.

F2 Miguel Teles Barreto.

F3 Clara de Menezes.

F4 Manuel Teles Barreto.

413 — F1 *Francisco Teles Barreto* c.c. Maria de Vasconcelos de Menezes, filha de Gaspar Teles de Carvalho de Menezes e de Benta de Oliva. Pai de:

N1 Francisco Teles Barreto.

N2 Miguel Teles Barreto, c. c. Maria de Burgos de Menezes.

N3 Antônia Moniz Barreto, c. c. Inácio Ferreira de Sousa.

414 — N2 *Miguel Teles Barreto*, aos 22 de fevereiro de 1741, c.c. Maria de Burgos de Menezes, filha de Francisco Teles de Menezes e de Francisco de Vasconcelos.

DELGADO AIRES

415 — *Antão Delgado Aires*, natural do reino, veio para a Baía com a esposa Francisca de Cardiga e êstes filhos:

F1 Antônio Cordeiro Aires, c.c. Isabel do Rêgo.

F2 Felipa de Cardiga.

F3 Jerônimo de Cardiga.

F4 Manuel Delgado Aires.

Viúvo, c.c. Branca de Peralta e teve mais filhos:

F5 Jerônimo Aires.

F6 Ana Cordeiro, c.c. Simão Barbosa.

F7 Maria Cordeiro, c.c. Miguel de Figueiredo Adôrno.

F8 Gaspar Cordeiro.

F9 Francisco Cordeiro.

F10 Antão Delgado Aires.

F11 Isabel Cordeiro.

416 — F1 *Antônio Cordeiro Aires* c.c. Isabel do Rêgo, filha de Salvador Fernandes do Rêgo e de Maria Nunes, tendo filhos:

N1 Antônio Cordeiro Aires, débil mental.

N2 Felipa Cordeiro Aires, c.c. Manuel de Almeida Lobato.

N3 Isabel Garcia, c.c. Francisco Moniz Teles.

N4 Maria Cordeiro, c.c. Rodrigo Homem de Almeida.

N5 Leonor Cordeiro, c.c. Bartolomeu Franco.

N6 Manuel Fernandes Cordeiro, c. c. Inês Coutinho.

N7 Antão Delgado Aires, c.c. Constança de Sousa.

N8 Úrsula do Rêgo, c.c. Antão de Melo Aires.

N9 Brites Aires, c.c. Gaspar Monteiro Freire e Miguel de Figueiredo Adôrno.

N10 Margarida Cordeiro, c.c. Antônio Monteiro Freire.

N11 Maria do Rêgo, c.c. Salvador Fernandes do Rêgo.

417 — N6 *Manuel Fernandes Cordeiro*, c.c. Inês Coutinho, filha de Sebastião Pais e de Maria de Lacerda Coutinho, em Cotegipe, a 5 de julho de 1671, tendo feito averbação de dote em favor da esposa a 7 de maio de 1674.

418 — N7 *Antão Delgado Aires* c. c. Constança de Sousa, filha de João Álvares do Rêgo e de Beatriz de Freitas, sem descendentes.

DORMUNDOS

419 — *João Gonçalves Dormundo*, da ilha da Madeira e da ilustre família dos Dormundos ali estabelecida, veio para o Brasil e instalou-se em Ilhéus, ao tempo da colonização, e aí lhe nasceram os filhos. C.c. Marta de Sousa Lôbo, uma das órfãs protegidas da rainha e mandadas pelo rei ao governador, para que se casasse bem. Marta, “mulher virtuosa e que faz obras de boa cristã”, faleceu a 6 de julho de 1602. Pai de:

F1 Antônio de Sousa Dormundo, c. c. Joana Barbosa.

F2 Belchior de Sousa Dormundo, c.c. Mecia de Armas.

F3 Gaspar Lôbo de Sousa, c.c. Maria de Eça.

420 — F1 *Antônio de Sousa Dormundo*, capitão, passou-se para a Baía e c.c. Joana Barbosa, filha de Baltazar Barbosa de Araújo e de Catarina Álvares. Joana faleceu a 27 de janeiro de 1621. Pai de:

N1 Francisco de Sousa Dormundo, clérigo secular.

N2 Maria de Sousa Dormundo, c.c. Duarte Lopes Soeiro.

N3 Margarida de Sousa, c.c. Francisco Nunes de Freitas.

N4 Marta de Sousa, c.c. Domingos Álvares Serpa.

N5 Ângela de Sousa, c.c. Francisco de Paiva e João Lôbo de Mesquita.

N6 Manuel de Sousa Dormundo, c.c. Maria Correia.

N7 Ana de Sousa, c.c. Francisco de Barros Soeiro.

421 — F2 *Belchior de Sousa Dormundo*, “pessoa ilustre e mui classificada”, aos 18 de agosto de 1581 c.c. Mecia de Armas, filha de Luís de Armas e de Catarina Jaques, tendo filhos:

N8 Luís, batizado a 10 de outubro de 1582.

N9 Catarina de Sousa, c.c. Eusébio Ferreira.

N10 Marta de Sousa, c.c. Francisco de Castro.

N11 Ana de Sousa, c.c. Agostinho Paredes de Barros.

N12 Maria de Sousa, c.c. Leão Ferreira.

N13 Inácio de Sousa, frade carmelita.

422 — F3 *Gaspar Lôbo de Sousa* c.c. Maria de Eça, filha de João de Araújo de Sousa e de Violante de Eça, batizada a 20 de fevereiro de 1566. Nascido em Ilhéus e morador na cidade da Baía, em 1591 afirmou contar 37 anos de idade.

423 — N6 *Manuel de Sousa Dormundo* c.c. Maria Correia, filha de Pedro Vaz Correia e de Felipa Santiago, e teve:

Bn1 Clara de Sousa, c. c. Miguel Pereira Soares.

Bn2 Serafina de Sousa, c.c. Luís de Veras.

424 — *Francisco de Castro*, capitão, c.c. Maria de Sousa, filha de Belchior de Sousa Dormundo e de Mecia de Armas. Em favor do filho Agostinho instituiu um morgado, como está no cartório de órfãos da Baía. Faleceu a 5 de outubro de 1645. Pai de:

F1 Agostinho de Castro Pereira, c. c. Catarina de Brito Correia.

F2 Bernarda de Sousa, c.c. Miguel Ferreira Brandão.

F3 Ana de Sousa, c.c. Baltazar dos Reis Barrenho.

425 — F1 *Agostinho de Castro Pereira* c.c. Catarina de Brito Correia, filha de Francisco Pereira de Abreu e de Catarina de Brito Correia. Pai de:

N1 Francisco Pereira de Castro, c. c. Maria de Castro.

N2 Antônio de Brito Pereira, c.c. Maria Teles de Brito.

426 — N1 *Francisco Pereira de Castro* c.c. Maria de Castro, filha de Pedro Marinho Souto-Maior, e teve:

Bn1 Marta de Sousa, c.c. Faustino da Costa Peixoto e Baltazar Gonçalves de Paiva.

Bn2 Maria de Brito Soares.

426A — N2 *Antônio de Brito Pereira* foi capitão e c.c. Maria Teles de Brito, filha de Manuel de Figueiredo Abreu e de Joana Maria de Brito.

PIMENTEL DE ALMEIDA

427 *Bernardo Pimentel de Almeida* era de Lisboa. Seu pai, Agostinho Caldeira, por ter sido veador de D. Antônio, prior de Crato, tornou-se suspeito e daí o ter vindo Bernardo para o Brasil, tomado do receio de que o rei de Castela por isso o importunasse. Na Baía, mereceu a estima e proteção do governador Luís de Brito e Almeida, que era seu parente. Teria nascido em 1551. C.c. Custódia de Faria, filha de Sebastião de Faria e de Leonor Antunes, esta de origem judaica, falecida a 3 de fevereiro de 1597. Pai de:

F1 Agostinho Pimentel, falecido a 25 de julho de 1619, solteiro.

F2 Brites de Almeida, c.c. Manuel Rodrigues Sanches e João Pais Florian.

F3 Antônia de Faria Pimentel, c.c. Francisco de Melo Correia.

F4 Madalena Pimentel, c.c. Manuel Homem.

F5 Maria Pimentel, c.c. Felipe de Moura Rolim.

F6 Francisca.

F7 Catarina.

Viuvo, c.c. Joana de Melo, filha de Baltazar Pereira Peixoto e de Catarina

de Melo, falecida a 5 de setembro de 1605. Pai de:

F8 Antônio da Silva Pimentel, c.c. Joana de Araújo.

F9 Maria de Almeida.

Ainda viúvo, a 3 de abril de 1606 c.c. Maria de Menezes, filha de Duarte Moniz Barreto e de Helena de Melo de Vasconcelos. Faleceu Bernardo a 26 de janeiro de 1611, deixando outros filhos:

F10 Isabel de Oliveira, batizada a 18 de março de 1607.

F11 Bernardo Pimentel, batizado a 18 de junho de 1608.

F12 Helena da Silva Pimentel, c.c. Mateus Ferreira de Menezes e Cristóvão de Burgos Contreiras.

428 — F8 *Antônio da Silva Pimentel* era coronel de regimento, grande proprietário de terras e fazendas que se estendiam além de Jacobina. Herdou do pai, do sogro, do cunhado, do genro, tornando-se opulento. Alcaide-mór da Baía por mais de 16 anos, viveu sempre honrado, estimado e prestigiado. C. c. Joana de Araújo, filha de Pedro Garcia e de Maria de Araújo. Faleceu a 21 de novembro de 1661. Foram filhos seus:

N1 Pedro Garcia Pimentel, c.c. Leonor de Brito de Castro.

N2 Agostinho Caldeira Pimentel.

N3 Antônio da Silva Pimentel, c.c. Isabel Maria Guedes de Brito.

N4 Ana Maria da Silva Pimentel, c. c. Manuel de Moura Rolim.

N5 Joana de Araújo Pimentel, c.c. Francisco Gil de Araújo.

N6 Mariana de Araújo Pimentel, c. c. Antônio de Aragão Pereira.

N7 Bernarda Pimentel.

N8 Brites Pimentel.

N9 Pedro da Silva Pimentel, assassinado ainda solteiro.

429 — N1 *Pedro Garcia Pimentel*, batizado na sé a 29 de junho de 1647, aos 21 de dezembro de 1895 c.c. Leonor de Brito de Castro, filha de Sebastião de Brito de Castro e de Maria de Aragão. Teve o fôro de fidalgo escudeiro.

430 — N2 *Agostinho Caldeira Pimentel* chegou a cônego na sé de Évora e teve demanda com D. Rodrigo da Costa, irmão do governador Duarte da Costa, a propósito de um morgado, vencendo-a. Com Catarina Mathei teve êle dois filhos:

Bn1 Antônio da Silva Caldeira Pimentel, licenciado pela Universidade de Coimbra, capitão na Índia, governador de Valença e Alcântara, possuidor de vários morgados advindos de herança.

Bn2 Bartolomeu de Barros, clérigo.

431 — N3 *Antônio da Silva Pimentel*, herdeiro de grandes partes, igualmente, das grandes propriedades de seu sogro, foi c.c. Isabel Maria Guedes de Brito, filha de Antônio Guedes de Brito e de Serafina de Sousa. Em outubro de 1698 Pimentel ainda vivia, mas em 1707 Isabel já era viúva. Pai de:

Bn3 Joana da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito, falecida a 24 de outubro de 1762, que foi c.c. João Mascarenhas e Manuel de Saldanha da Gama, filho de João de Saldanha da Gama, vice-rei da Índia.

GUEDES DE BRITO

432 — *Antônio Guedes* era tabelião na Baía. Em agosto de 1591 disse ser natural de Tarouca, em Portugal, filho de Rui Guedes e de Ana de Lisboa, com idade de 31 anos, c.c. Maria Pires. Enviuvando-se, c.c. Felipa de Brito, filha de Sebastião de Brito Correia e de Maria de Figueiredo Mascarenhas. Ob-

teve sesmárias que compreendiam terras entre as cabeceiras dos rios Jacuípe e Itapicuru, as mesmas que vieram a pertencer a seu filho e a seu neto. Faleceu a 7 de setembro de 1621, com sepultura da sé, sobrevivendo-o Felipa até 9 de dezembro de 1659. Pai de:

F1 Isabel Guedes de Brito, batizada a 18 de fevereiro de 1601.

F2 Maria Guedes, c.c. Antônio de Brito Correia.

F3 Antônio Guedes, batizado a 26 de junho de 1609.

433 — *Antônio de Brito Correia*, filho de Belchior Maciel Aranha e de Isabel de Brito, c.c. Maria Guedes, filha de Antônio Guedes e de Felipa de Brito, vindo a ter, por força do casamento, o tabelionato de seu sogro. Com grandes serviços na guerra contra os holandeses, mereceu honras e dignidades. Faleceu a 27 de janeiro de 1657, com sepultura no colégio dos jesuítas, deixando um filho:

F1 Antônio Guedes de Brito, c.c. Guiomar Ximenes de Aragão.

434 — F1 *Antônio Guedes de Brito* foi batizado na sé aos 13 de fevereiro de 1627. Um dos maiores e mais dignos nomes brasileiros da colônia. Seus serviços à defesa da Baía e do Brasil, nas lutas holandesas, foram notáveis, êle comandando forças e dispendendo de sua fortuna a própria manutenção delas em combate ao inimigo. Em fevereiro de 1667 era empossado como capitão de infantaria, em dezembro do mesmo foi elevado a sargento-mór e em janeiro de 1671 teve a promoção a mestre de campo. Em 1675, com a morte do governador Afonso Furtado, fêz parte, das mais respeitáveis, da junta do governo geral. Proprietário do ofício de tabelião, herdado de seu pai e avô. As

terras entre os rios Jacuípe e Itapicuru lhe pertenceram e muito as povoadas. C. c. a viúva Guiomar Ximenes de Aragão, filha de Mateus Lopes Franco e de Leonor Ximenes de Aragão, não tendo filhos. Entretanto, com Serafina de Sousa, filha de Manuel de Sousa Dormundo e de Maria Correia, teve uma filha, que legitimou e a qual passou a ser sua herdeira universal:

N1 Isabel Maria Guedes de Brito, c. c. Antônio da Silva Pimentel.

435 — *Sebastião de Brito Correia* c. c. Maria de Figueiredo Mascarenhas, filha de João de Figueiredo Mascarenhas e de Apolônia Álvares, tendo filhos:

F1 Apolônia de Siqueira de Brito, c. c. Estêvão Pereira Bacelar e Francisco de Brito de Araújo.

F2 Felipa de Brito, c.c. Antônio Guedes e João Álvares da Fonseca.

F3 Lourenço de Brito Correia.

F4 Joana Correia.

F5 João de Brito Correia.

MOREIRAS

436 — *Martim Afonso Moreira* era de Setúbal. Moço da câmara real ao tempo do rei D. João 3.º, fôra por êste mandado à Índia como vice-almirante de uma armada, mas esta tendo dado à costa em Pôrto Seguro, tal como acontecera a Cabral, Martim aí se ficou. Passou-se depois para a Baía, onde se c.c. Luísa Ferreira Feio, filha de Estêvão Ferreira e de Úrsula Feio. Pai de:

F1 Antônio Moreira de Gamboa, c. c. Antônia Dória de Menezes.

F2 Martim Moreira, religioso.

F3 Ana de Gamboa, c.c. Baltazar Lôbo de Sousa.

F4 Antônia de Gamboa, c.c. Gaspar de Barros Magalhães.

F5 Francisco Moreira, sacerdote.

437 — F1 *Antônio Moreira de Gamboa*, fidalgo da casa real, c.c. Antônia Dória de Menezes, filha de Cristóvão da Costa Dória e de Maria de Menezes, batizada a 19 de junho de 1606, e teve filhos:

N1 Martim Afonso de Mendonça, c. c. Brites Soares e Joana Barbosa.

N2 Francisca de Menezes, c.c. Francisco Soares Brandão.

N3 Joana Moreira de Menezes, c.c. Gaspar da Cunha Séverim.

N4 Antônio Moreira de Menezes, c. c. Ana de Argolo.

N5 José Teles de Menezes, clérigo.

N6 Francisco de Sá Barreto de Menezes, c.c. Jerônima Diniz.

N7 Luzia de Menezes, c.c. Antônio de Faria Severim.

N8 Mariana de Menezes, c.c. Nicolau de Freitas Lôbo e Felipe de Góis.

N9 Manuel Teles de Menezes, c.c. Violante de Sá e Maria de Burgos Contreiras.

438 — N1 *Martim Afonso de Mendonça* c.c. Brites Soares, filha de Sebastião Soares Pinto e de Maria Borges, tendo filhos:

Bn1 Sebastião Moniz, c.c. Maria de Sousa.

Bn2 Antônia de Menezes Mendonça, c.c. João de Araújo Cabreira e Paulo Pereira de Melo.

Bn3 Maria Borges de Mendonça, c. c. Manuel Gomes, Pedro Moniz e Henrique de Valença.

Bn4 Helena de Menezes, c.c. Gregório Soares.

Ainda c.c. Joana Barbosa, filha de Miguel Nunes Peixoto e de Concórdia Barbosa, tendo:

Bn5 Cristóvão da Costa Dória, c.c. Catarina de Vasconcelos.

Bn6 Brites de Menezes, c.c. Nicolau de Carvalho Pinheiro.

Bn7 Mariana de Menezes, c.c. José Teles de Menezes.

Bn8 Gonçalo Barbosa de Mendonça, c.c. Antônia de Aragão.

439 — N4 *Antônio Moreira de Menezes* c.c. Ana de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo e de Isabel Pereira de Magalhães, batizada a 19 de fevereiro de 1650. Pai de:

Bn9 José de Argolo de Menezes, c. c. Francisca de Menezes e Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne.

Bn10 Bartolomeu de Argolo de Menezes, c.c. Antônia Isidora Maria Bezerra de Vargas Cirne e Águeda Luísa Gomes de Lima.

Bn11 Vicente de Argolo de Menezes, c.c. Ana Maria de Vargas Cirne.

Bn12 Manuel Teles de Menezes, c. c. Isabel da Rocha.

Bn13 Rodrigo de Argolo, clérigo.

Bn14 Helena Maria de Argolo de Menezes, c.c. Bartolomeu Soares e Francisco de Negreiros Côrte-Real.

Bn15 Antônia de Argolo de Menezes, c.c. João Pereira Coronel e Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque.

Bn16 Inês de Argolo de Menezes, c. c. Teodósio de Sá Brandão.

440 — N6 *Francisco de Sá Barreto de Menezes*, batizado em Paripe a 18 de março de 1642, c.c. Jerônima Diniz, filha de Felipe Veloso e de Maria da Cruz Diniz. Pai de:

Bn17 Antônia de Sá Barreto, c.c. Nuno Pereira da Silva.

Bn18 Maria de Sá Barreto, c.c. Inácio Teles Pinheiro.

441 — N9 *Manuel Teles de Menezes* c.c. Violante de Sá, filha de Luís

de Barros Fajardo e de Maria Barbosa, sem filhos. Depois, a 24 de janeiro de 1677, c.c. Maria de Burgos Contreiras, filha de Gaspar Pacheco Contreiras e de Petronila de Burgos, obtendo com êste casamento a propriedade do ofício do Juízo de Órfãos. Pai de:

Bn19 Gaspar Pacheco de Menezes. (*)

Bn20 Cristóvão de Burgos.

Bn21 Caetano Teles de Menezes.

Bn22 Francisco Teles de Menezes, c. c. Francisca de Vasconcelos.

Bn23 Antônia.

Bn24 Madalena.

442 — Bn1 *Sebastião Moniz* c.c. a viúva Maria de Sousa, filha de Francisco Barreto e de Clara de Sousa.

443 — Bn5 *Cristóvão da Costa Dória*, aos 27 de novembro de 1692 c.c. Catarina de Vasconcelos, filha de Manuel Mendes de Vasconcelos e de Brites de Sá, tendo:

Tn1 Joana Barbosa, c.c. Antônio Moreira de Menezes.

Tn2 Leonor Francisca de Menezes, c.c. Martim Afonso Moreira.

444 — Bn8 *Gonçalo Barbosa de Mendonça* c.c. Antônia de Aragão, filha de Alberto da Silveira Gusmão e de Isabel de Aragão, a 27 de abril de 1716, no Socorro. Pai de:

Tn3 Miguel Teles de Menezes.

Tn4 Helena de Aragão, c.c. Antônio de Aragão Pereira.

Tn5 Isabel de Aragão, c.c. José Luís da Rocha.

445 — Bn9 *José de Argolo de Menezes*, a 4 de junho de 1710 c.c. Francis-

(*) Homem benquisto e honrado. Por morte do pai assumiu e logo completa a idade legal, o ofício do Juízo de Órfãos. Faleceu a 28 de março de 1720, com 43 anos, na Baía, donde era natural, com sepultura na igreja de São Francisco.

ca de Menezes, filha de Antônio Barbosa de Araújo e de Mônica Serrão de Menezes. Pai de:

Tn6 João de Argolo de Menezes, c. c. Fé de Sousa.

Tn7 Antônio Moreira de Menezes. Depois c.c. Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne, filha de Miguel Bezerra e de Maria de Vargas Cirne, a 8 de janeiro de 1727, tendo filhos:

Tn8 Simão Manuel de Aragão de Menezes, c.c. Clara Maria da Encarnação.

Tn9 José de Argolo de Menezes.

Tn10 Maria de Vargas Cirne, c.c. Bernardo da Silveira de Menezes.

446 — Bn10 *Bartolomeu de Argolo de Menezes* c.c. Antônia Isidora Maria Bezerra de Vargas Cirne, filha de Miguel Bezerra e de Maria de Vargas Cirne, e teve filhos:

Tn11 João de Argolo, carmelita calçado na Baía.

Tn12 Rodrigo de Argolo Vargas Cirne, c.c. Marcela da Silva.

Tn13 Ana de Argolo.

Tn14 Helena Maria.

Tn15 Rosa de Argolo.

Depois c.c. a viúva Águeda Luísa Gomes de Lima, filha de Manuel Rodrigues Brandão e de Maria Rebouças, tendo filhos:

Tn16 Pedro de Argolo de Menezes, c.c. Josefa Maria.

Tn17 Vitorino de Argolo de Menezes, c.c. Ana Inês Josefa Saldanha de Andrade.

447 — Bn11 *Vicente de Argolo de Menezes*, a 2 de outubro de 1726, na capela de Santo Antônio de Cinco Rios, c.c. Ana Maria de Vargas Cirne, filha de Miguel Bezerra e de Maria de Vargas Cirne, tendo filhos:

Tn18 Ana de Argolo Vargas Cirne, c.c. José Pinto Ribeiro.

Tn19 Maria de Argolo.

Tn20 Mariana de Argolo.

Tn21 Francisco Xavier de Argolo, c.c. Antônia Bezerra de Vargas.

Tn22 Inácio de Argolo de Menezes.

Tn23 Leandrô de Argolo de Menezes.

448 — Bn12 *Manuel Teles de Menezes* c.c. Isabel da Rocha, filha de Zenóbio de Almeida e de Maria da Rocha de Ávila, tendo filhos:

Tn24 Antônio Moreira de Menezes.

Tn25 Carlos José de Argolo de Menezes.

Tn26 João de Argolo.

449 — Tn8 *Simão Manuel de Argolo de Menezes*, batizado a 28 de dezembro de 1730, c.c. Clara Maria da Encarnação, filha de Antônio da Costa Coelho e de Águeda Luísa Gomes de Lima. Pai de:

4n1 Tomás de Argolo de Menezes.

4n2 José de Argolo de Menezes.

4n3 Clara Maria de Argolo.

450 — Tn12 *Rodrigo de Argolo Vargas Cirne de Menezes* foi sargento-mór de cavalaria, tendo chegado a coronel. C.c. Marcela da Silva, filha de Antônio da Silva Gomes e de Teresa de Jesus, tendo filhos:

4n4 Inácio de Argolo Vargas Cirne, c.c. Ana Joaquina de Sousa de Matos.

4n5 Luísa Vicência da Ressurreição.

4n6 João de Argolo.

4n7 Antônia Isidora de Argolo.

4n8 Ana Maria de S. Joaquim.

4n9 Maria Francisca de Argolo.

451 — Tn17 *Vitorino de Argolo de Menezes* c.c. Ana Inês Josefa Saldanha de Andrade, filha de José Borges de Siqueira e de Clara Josefa Saldanha. Pelo casamento teve a propriedade do cartório dos officios de distribuidor, inquiridor e contador dos auditórios judiciais da Baía. Pai de:

4n10 Maria de Argolo.

4n11 Antônio Moreira.

452 — 4n4 *Inácio de Argolo Vargas Cirne*, ajudante de um dos regimentos pagos da capitania, tendo sido batizado no Monte em 1748, c.c. Ana Joaquina de Sousa de Matos, filha de José de Sousa de Matos e de Francisca de Matos. Pai de:

4n12 Inácio de Argolo Vargas Cirne.

PAREDES

453 — *Manuel de Paredes da Costa* servia o ofício de barqueiro na sua terra, em Viana, Portugal, de lá se passando para a Baía nos princípios da colonização. Enamorado de Paula de Barros, filha de Gaspar de Barros Magalhães e de Catarina Lôbo Barbosa de Almeida, com ela veio a casar-se, depois de raptá-la, aos 20 de janeiro de 1583. Teria nascido em 1556, do casal Agostinho de Paredes e Violante da Costa, de origem judaica e residindo em Passé como lavrador, depois de ter sido comerciante. Faleceu a 12 de janeiro de 1619, com sepultura no convento de São Francisco. Pai de:

F1 Vicente de Paredes, batizado a 1 de outubro de 1583.

F2 Gaspar de Barros Lôbo.

F3 Catarina Lôbo, batizada a 15 de abril de 1585.

F4 Vitória de Barros, c.c. André Monteiro de Almeida.

F5 Maria de Barros Lôbo, c.c. Manuel Pinheiro de Carvalho.

F6 Agostinho Paredes de Barros, c.c. Ana de Sousa.

F7 Inês Lôbo, batizada a 8 de outubro de 1580, c.c. Antônio Moniz de Lisboa.

F8 Ana Lôbo, c.c. Salvador Monteiro de Almeida.

F9 Antônio de Barros Lôbo, batizado a 20 de janeiro de 1600.

F10 Antônio Lôbo, batizada a 15 de fevereiro de 1601.

F11 Felícia Lôbo, falecida menor.

F12 Francisco de Barros, falecido a 10 de janeiro de 1618.

454 — F6 *Agostinho Paredes de Barros*, batizado a 1 de junho de 1589, era nome respeitado, proprietário, vivendo nas suas terras em Caípe. “Por indústria” c.c. Ana de Sousa, filha de Belchior de Sousa Dormundo e de Mecia de Armas. Pai de:

N1 João de Paredes de Barros, clérigo secular.

N2 Vasco de Sousa Dormundo, c.c. Vitória de Menezes.

N3 Manuel de Paredes Freire, c.c. Catarina Pereira Pestana e Lourença Lôbo.

N4 Ângela de Sousa, c.c. Baltazar de Amorim Barbosa e Jorge Barreto de Melo.

N5 Maria de Paredes, c.c. Nuno de Amorim Salgado.

455 — N2 *Vasco de Sousa Dormundo*. A 13 de abril de 1658, no Socorro, c.c. Vitória de Menezes, filho de Francisco Moniz de Menezes e de Maria Lôbo de Mendonça. Faleceu a 4 de maio de 1665, com sepultura no Carmo, sendo testamenteiros seu cunhado Jerônimo Moniz Barreto e seu primo Antônio Ferreira de Sousa, falecendo Vitória a 1 de agosto de 1689. Filhos do casal:

Bn1 Francisco Moniz de Sousa, c.c. Isabel Soares de Abreu.

Bn2 Ângela de Sousa Menezes, c.c. Tomé Pereira de Menezes.

Bn3 Maria de Menezes.

Bn4 Ana de Menezes.

456 — N3 *Manuel de Paredes Freire* c.c. Catarina Pereira Pestana, irmã de

Manuel Pereira Pestana. Com Lourença Lôbo teve Manuel de Paredes duas filhas, que viveram solteiras. Trabalhava como auxiliar do ofício do tabelião Antônio Guedes de Brito, tido, entretanto, como desperdiçado. Suas filhas:

Bn5 Mariana de Paredes.

Bn6 Inácia de Paredes.

457 — Bn1 *Francisco Moniz de Sousa*, batizado a 8 de junho de 1661, i.c. Isabel Soares de Abreu, filha de João Leitão de Faria e de Mariana de Araújo. Pai do bastardo:

Tn1 Luís Moniz de Sousa.

AGUIRRE

458 — *Pedro Aires Aguirre*, feito capitão do forte de S. Felipe, na Baía, por provisão real de maio de 1598, foi c.c. Catarina Quaresma, natural de Lisboa, filha de Diogo Gonçalves Laços e de Guiomar Lopes. Com a vinda de Nassau à Baía, em 1638, o capitão Aguirre abandonou o forte de seu comando, e, considerado em culpa, esteve preso, mas depois foi absolvido e reintegrado, por ato do vice-rei Marquês de Montalvão, em janeiro de 1641. Pai de:

F1 Diogo Gonçalves Laços.

F2 Bernardo Aguirre, c.c. Maria de Aguiar.

F3 Francisco Quaresma.

F4 Isabel Quaresma, c.c. Simão Henriques.

459 — F2 *Bernardo Aguirre* c.c. Maria de Aguiar, filha de Sebastião de Aguiar e de Inês Ribeiro, e teve filhos:

N1 Pedro Aguirre, batizado na sé a 21 de junho de 1620.

N2 Sebastião Aguirre.

N3 Carlos Aguirre.

N4 Catarina Quaresma.

N5 Tomé de Aguiar.

N6 Nuno Álvares Pereira.

N7 Francisco Aires Aguirre.

460 — *Diogo Gonçalves Laços*, morador na Baía, onde exercia o cargo de juiz dos órfãos, em 1591, c.c. Guiomar Lopes, filha de Gaspar Lopes e de Beatriz Lopes. Pai de:

F1 Catarina Quaresma, c.c. Pedro Aires Aguirre.

FONSECA SARAIVA

461 — *Domingos da Fonseca Saraiva*, natural do bispado de Lamego, em Portugal, pode ser chamado o patriarca do Cairu. Filho de Diogo Afonso da Veiga, de família de distinção, veio para Ilhéus e, casando-se aí com Antônia de Pádua de Góis, filha de Gaspar de Araújo e de Catarina de Góis, todos procedentes de Portugal, por cerca de vinte anos permaneceu nessa localidade, engrandecendo-a e engrandecendo-se em bens. Evitando as constantes invasões dos nativos, transferiu-se para Cairu, região que escolheu para o estabelecimento de suas propriedades, com as quais se tornou "bastantemente rico". Pai de:

F4 Francisca da Fonseca, c.c. João Barbosa Coutinho.

F1 Catarina de Góis Pais, c.c. Lucas da Fonseca Saraiva.

F2 Mariana de Góis da Fonseca, c.c. Simão Pinto de Faria.

F3 Susana de Góis, c.c. Gonçalo Falcão Pereira.

F4 Francisca da Fonseca, c.c. João Barbosa Coutinho.

F5 Antônio da Fonseca Saraiva, c.c. Úrsula Serrão de Medeiros e Francisca de Menezes.

F6 Semeão de Araújo da Fonseca, c.c. Joana de Sousa de Vasconcelos.

461A — F5 *Antônio da Fonseca Saraiva* c.c. Úrsula Serrão de Medeiros e, viúvo, c.c. Francisca de Menezes, batizada a 11 de junho de 1620, filha de Miguel Teles de Menezes e de Joana de Sá de Bittencourt, o ato celebrado no Socorro a 10 de janeiro de 1644. Com Francisca teve uma filha que veio a ser espôsa de João Batista Moniz, filho de Miguel Moniz Barreto e de Úrsula Pais de Azevedo, batizado a 30 de junho de 1659.

462 — F6 *Semeão de Araújo da Fonseca* c.c. Joana de Sousa de Vasconcelos, filha de Fernando Ribeiro de Sousa e de Antônia de Menezes, tendo filhos:

N1 Antônia de Pádua, c.c. Manuel Isabel de Menezes.

N2 Margarida de Sousa.

463 — *Lucas da Fonseca Saraiva*, a respeito do qual não há informes, senão que era capitão, c.c. Catarina de Góis Pais, filha de Domingos da Fonseca Saraiva e de Antônia de Pádua de Góis, tendo filhos:

F1 Úrsula da Fonseca, c.c. Francisco de Sousa de Eça.

F2 Antônia de Pádua da Fonseca, c.c. Belchior Mexias Borba.

F3 Cecília da Fonseca, c.c. Marcos de Armas de Brum.

F4 Luiz de Góis da Fonseca, c.c. Isabel de Menezes.

F5 Lucas da Fonseca Saraiva, c.c. Catarina de Sousa da Fonseca.

F6 Antônio de Araújo da Fonseca, c.c. Ana Maria de Aiala.

464 — F4 *Luís de Góis da Fonseca* c.c. Isabel de Menezes, filha de Rodrigo Pedroso e de Antônia de Menezes. Pai de:

N1 Antônio de Menezes Teles, c.c. Margarida de Sousa.

N2 Arcângela de Menezes, c.c. Inácio de Araújo de Sousa.

N3 Joaquim da Fonseca e Góis, c.c. Inês de Sousa.

465 — F5 *Lucas da Fonseca Saraiva* c.c. Catarina de Sousa da Fonseca e teve uma filha:

N4 Catarina de Góis Pais, c.c. Francisco de Araújo.

466 — F6 *Antônio de Araújo da Fonseca* c.c. Ana Maria de Aiala, filha de Manuel de Uzeda Aiala e de Barbara de Góis de Macedo. Faleceu a 17 de janeiro de 1683 e sua mulher a 31 de maio de 1702. Pai de:

N5 Inês de Araújo Góis, c.c. Antônio Moniz Cabral.

N6 Antônio de Araújo da Fonseca.

N7 Lucas da Fonseca Saraiva, c.c. Antônia Moniz da Cunha e Catarina de Vasconcelos.

N8 João de Araújo Góis, c.c. Severina Barbosa.

N9 Ana Maria da Fonseca, c.c. Antônio Dormundo Pimentel.

N10 Mariana de Góis.

N11 Bárbara Maria de Góis, c.c. Antônio Dias Coutinho.

N12 Francisco da Fonseca.

N13 Manuel da Fonseca.

N14 Domingos da Fonseca Saraiva, c.c. Maria de Melo.

467 — N1 *Antônio de Menezes Teles* c.c. Margarida de Sousa, filha de Manuel Teles de Menezes e de Antônia de Pádua. Pai de:

Bn1 Antônio Teles de Menezes, c.c. Maria de Vasconcelos.

Bn2 Bernarda Moniz de Menezes, c.c. Francisco Moniz Barreto Corte-Real.

Bn3 Maria.

Bn4 Aurélio.

468 — N7 *Lucas da Fonseca Saraiva*, sargento-mór, c.c. Antônio Moniz da Cunha, filha de Manuel Trinchão

Pinto e de Catarina Moniz, tendo filhos:

Bn5 Paulo Trinchão, c.c. Maria Cardoso.

Depois c.c. Catarina de Vasconcelos, filha de Antônio de Góis Carneiro e de Úrsula de Melo de Vasconcelos.

469 — N14 *Antônio Teles de Menezes* c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Gaspar de Armas de Brum e de Mônica Côrte-Real.

LOPES SOEIRO

470 — *Martim Lopes Soeiro*, procedente da ilha da Madeira, estabeleceu-se na Baía e tornou-se uma das figuras principais da cidade. C.c. Ana Pereira, sobrinha do bispo D. Miguel Pereira e filha de Lázaro Colbert, um fidalgo francês que acompanhara o prelado e que morreu de peste na Baía. Soeiro, fidalgo da casa real, foi professo na ordem de São Bento de Aviz. Faleceu a 17 de março de 1620, com sepultura na igreja de São Francisco. Pai de:

F1 Duarte Lopes Soeiro, c.c. Maria de Sousa Dormundo.

F2 Maria Pereira Soeiro, c.c. Domingos de Negreiros.

F3 Cecília Soeiro, batizada a 24 de junho de 1589 e logo falecida.

F4 Cecília Soeiro, c.c. Manuel de Barros.

F5 Antônia Pereira Soeiro, c.c. Felipe Cavalcanti de Albuquerque.

F6 Lázaro Lopes Soeiro, c.c. Isabel da Costa Madeira.

F7 Martim Lopes Soeiro, vigário na Cachoeira.

F8 Tomé Lopes Soeiro, padre.

F9 Matias Lopes Soeiro e

F10 Felipe Lopes Soeiro, mortos sem sucessão.

471 — F1 *Duarte Lopes Soeiro*, cavalleiro fidalgo, c.c. Maria de Sousa

Dormundo, filha de Antônio de Sousa Dormundo e de Joana Barbosa. Faleceu em 1651. Pai de:

N1 Margarida de Sousa, c.c. Paulo Coelho de Vasconcelos e Constantino Lins de Vasconcelos.

N2 Ana de Sousa, c.c. Paio de Araújo de Azevedo.

N3 Antônio Lopes Soeiro.

N4 Luzia de Sousa, c.c. Damião de Negreiros Soeiro.

N5 Cecília Soeiro, c.c. Cristóvão da Cunha de Sá Souto-Maior.

472 — F6 *Lázaro Lopes Soeiro*, capitão de infantaria, fidalgo cavaleiro, c. c. Isabel da Costa Madeira, filha de Domingos Lopes Falcão e de Agueda da Costa. Pai de:

N6 Álvaro Lopes Soeiro.

N7 Francisco Lopes Soeiro.

N8 Antônio Lopes Soeiro, capitão.

N9 Ana Pereira, c.c. Manuel de Vargas Cirne.

473 — *Manuel de Barros*, natural da ilha da Madeira, veio para a Baía e c. c. Cecília Soeiro, batizada na sé a 23 de março de 1592, filha de Martim Lopes Soeiro e de Ana Pereira, falecida a 31 de agosto de 1666, com sepultura no Carmo. Pai de:

F1 Maria de Barros Soeiro, c.c. Miguel Fernandes de Barros.

F2 Ana de Barros Soeiro, c.c. Francisco de Araújo de Aragão.

F3 Francisco de Barros Soeiro, c.c. Ana de Sousa.

F4 Martim de Barros Soeiro, vigário em São Gonçalo dos Campos e Itaparica.

F5 Manuel de Barros Soeiro, c.c. Feliciano de Oliveira.

F6 Joana de Barros Soeiro, falecida ainda menor.

474 — F3 *Francisco de Barros Soeiro*, capitão, aos 21 de fevereiro de 1642.

em Purificação, c.c. Ana de Sousa, filha de Antônio de Sousa Dormundo e de Joana Barbosa, tendo filhos:

N1 Martim de Barros, licenciado.

N2 Antônio de Barros.

N3 Maria de Sousa.

N4 Cecília de Sousa.

475 — F5 *Manuel de Barros Soeiro*, aos 8 de setembro de 1660 c.c. Felicidade de Oliveira, filha de Antônio Moniz Botelho e de Leonor de Oliveira.

476 — *Miguel Fernandes de Barros*, nascido na ilha da Madeira e vindo para a Baía, aos 24 de junho de 1641, em Purificação, c.c. Maria de Barros Soeiro, filha de Manuel de Barros e de Cecília Soeiro. Pai de:

F1 Maria de Barros, c.c. Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque.

F2 Cecília de Barros.

F3 Francisca de Barros.

F4 Vitória de Barros.

NEGREIROS, FRANCA E BARBALHO

477 — *Jorge Esteves* e Dorotéa Fernandes, naturais do arcebispado de Braga, vieram para a Baía e estabeleceram-se na vila de São Francisco de Sergipe do Conde. Aí chegou êle a ser juiz ordinário e dos órfãos e aí lhe nasceram os filhos:

F1 Domingos de Negreiros, c.c. Maria Pereira Soeiro.

F2 Jerônimo de Negreiros.

478 — F1 *Domingos de Negreiros*, aos 4 de fevereiro de 1607 c.c. Maria Pereira Soeiro, filha de Martim Lopes Soeiro e de Ana Pereira, e teve filhos:

N1 Damião de Negreiros Soeiro, c. c. Luzia de Sousa.

N2 Domingos de Negreiros Soeiro, batizado pelo padre Nicolau Viegas, em

Patatiba, a 17 de março de 1629, teve por padrinhos o seu tio Jerônimo de Negreiros e Maria de Sousa Dormundo, espôsa de Duarte Lopes Soeiro. Ordenado sacerdote em 1645.

N3 Ana de Negreiros, c.c. Guilherme Barbalho Bezerra.

N4 Francisco de Negreiros Soeiro, c.c. Cosma Barbalho Bezerra.

479 — N1 *Damião de Negreiros Soeiro* c.c. Luzia de Sousa, filha de Duarte Lopes Soeiro e de Maria de Sousa Dormundo, batizada em Sergipe do Conde a 21 de maio de 1630 pelo padre Inácio Dias.

480 — N4 *Francisco de Negreiros Soeiro* c.c. Cosma Barbalho Bezerra, filha de Luís Barbalho Bezerra e de Maria Furtado de Mendonça, tendo um filho:

Bn1 Luiz Barbalho de Negreiros, c. c. Luísa Soares Côrte-Real.

481 — Bn1 *Luís Barbalho de Negreiros* c.c. Luísa da Franca Côrte-Real, filha de João Álvares Soares e de Catarina Côrte-Real, falecida a 23 de janeiro de 1716. Pai de:

Tn1 Francisco de Negreiros Côrte-Real, c.c. Helena Maria de Argolo Meneses e Antônia de Araújo de Aragão.

Tn2 João Álvares Soares Côrte-Real, batizada a 20 de fevereiro de 1668.

Tn3 Domingos Soares Barbalho, c. c. Isabel de Borba Ribeiro.

Tn4 Antônio Barbalho da Franca, c.c. Rosa de Araújo de Aragão e Catarina Josefa de Araújo de Azêvedo.

Tn5 Gonçalo Soares da Franca, batizado a 10 de janeiro de 1678, eclesiástico e poeta distinto.

Tn6 José Barbalho Côrte-Real.

Tn7 Maria Josefa Côrte-Real.

482 — Tn1 *Francisco de Negreiros Côrte-Real*, a 7 de outubro de 1697 c. c. a viúva Antônia de Araújo de Ara-

gão, filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de Ana de Araújo de Aragão, falecida a 29 de abril de 1702. Pai de:

4n1 Luísa da Franca Côrte-Real, c. c. Sebastião da Rocha Pita.

4n2 Luís Barbalho de Negreiros Côrte-Real, c.c. Ana Joaquina Marques de Almeida.

4n3 Ana de Araújo de Aragão.

4n4 Antônio José de Negreiros Côrte-Real, c.c. Catarina Josefa Côrte-Real.

Depois c.c. a viúva Helena Maria de Argolo, filha de Antônio Moreira da Menezes e de Ana de Argolo.

483 — Tn3 *Domingos Soares Barbalho*, batizado a 23 de março de 1669, a 15 de fevereiro de 1700 c.c. Isabel de Borba Ribeiro, natural de Maragogipe.

484 — Tn4 *Antônio Barbalho da Franca*, batizado a 7 de novembro de 1670, a 7 de outubro de 1697 c.c. Rosa de Araújo de Aragão, filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de Ana de Araújo de Argolo. Pai de:

4n5 Inácio Barbalho, batizado a 8 de dezembro de 1698.

4n6 Luís Barbalho de Negreiros.

4n7 Ana de Aragão, c.c. Félix de Itaparica.

4n8 Antônia de Araújo Barbalho, c. c. João Pereira de Vasconcelos.

Depois c.c. Catarina Josefa de Araújo de Azevedo, filha de Gaspar de Araújo de Azevedo e de Isabel Barbosa Pereira, tendo filhos:

4n9 Antônio Barbalho.

4n10 Cosma Barbalho.

485 — 4n2 *Luís Barbalho de Negreiros Côrte-Real* c.c. Ana Joaquina de Almeida Marques, filha de André Marques e de Isabel de Almeida, e teve um filho:

5n1 Paulino Barbalho.

486 — 4n4 *Antônio José de Negreiros Côrte-Real*, batizado a 20 de janeiro de 1672, c.c. Catarina Josefa Côrte-Real, filha de Domingos Soares da Franca e de Luísa da Franca Côrte-Real.

487 — *João Alvares Soares* deixou Portugal e veio para o Brasil, c.c. Catarina Côrte-Real, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de Luísa da Franca Côrte-Real, tendo filhos:

F1 Domingos Soares da Franca, c. c. Luísa da Franca Côrte-Real.

F2 Rafael Soares da Franca, c.c. Catarina de Sousa.

F3 Luísa da Franca Côrte-Real, c. c. Luís Barbalho de Negreiros.

488 — F1 *Domingos Soares da Franca* foi carmelita descalço na Baía, mas cedo deixou o hábito para casar-se, o nue fêz a 15 de agosto de 1692, no Socorro, com a sua sobrinha Luísa da Franca Côrte-Real, filha de Rafael Soares da Franca e de Catarina de Sousa. Com ela teve dois filhos, bastardo o primeiro:

N1 Lourenço Barbosa da Franca.

N2 Catarina Josefa Côrte-Real, c.c. Antônio José de Negreiros Côrte-Real.

489 — F2 *Rafael Soares da Franca*, abastado proprietário, senhor de engenhos em Paranmirim, c.c. Catarina de Sousa, filha de Antônio Ferreira de Sousa e de Antônia Bezerra Barbalho. Pai de:

N3 João Alvares Soares da Franca, batizado a 14 de maio de 1679, clérigo, autor do livro *Soares Baiense*.

N4 Antônio Soares da Franca, batizado no mesmo dia do anterior, mestre de campo na Baía.

N5 Luísa da Franca Côrte-Real, c. c. Domingos Soares da Franca.

N6 Domingos Soares da Franca, c. c. Isabel da Rocha Pinheiro.

N7 Francisco Soares da Franca, morto ainda menor.

N8 Joana.

N9 Antônia.

N10 Paula.

N11 Maria.

N12 Maria da Franca, religiosa no dívelas.

490 — N6 *Domingos Soares da Franca*, batizado a 17 de janeiro de 1686, a 3 de fevereiro de 1721, na freguesia de São Tiago, c.c. a viúva Isabel de Borba Ribeiro, natural de Maragipe e que veio a falecer, sem descendência, com o marido, a 11 de julho de 1735.

491 — *Luís Barbalho Bezerra* teria nascido em 1601, às portas de Recife, de origem portuguesa, procedente do linho e do ramô dos Bezerra Felpa de Carbuda. Grande soldado, nas lutas contra os holandeses teve também a sua "Retirada dos Dez Mil". Mestre de tempo com reais serviços que lhe deram muitas mercês, fêz parte do triunvirato que governou o Brasil após o aprisionamento do vice-rei Marquês de Montalvão. C.c. Maria Furtado de Mendonça, filha de Aires Furtado de Mendonça e de Cecília de Andrade Carneiro, há quem atribua ao casal, inclusive o historiador Bernardino José de Sousa, a paternidade de dez filhos:

F1 Agostinho Barbalho Bezerra, senhor da ilha de Santa Catarina, por merced real de 4 de fevereiro de 1664, com serviços importantes à coroa e atividades no Rio de Janeiro, onde o degolaram.

F2 *Guilherme Barbalho Bezerra*, c. Ana de Negreiros.

F3 *Fernão Barbalho Bezerra*, com serviços ao infante D. Pedro, fidalgo da casa real, capitão do forte de São Marcelo, vedor na Índia, proprietário de engenho em Pernambuco, veio a ser degolado na Baía, a 30 de janeiro de 1687,

por ter assassinado a espôsa, por suspeita de adultério, e mais a três filhas, auxiliado por um filho.

F4 *Antônia Barbalho Bezerra*, c.c. Antônio Ferreira de Sousa.

F5 *Cosma' Barbalho Bezerra*, c.c. Francisco de Negreiros Soeiro.

F6 *Francisco Barbalho Bezerra*, fidalgo da casa real, com oito anos de idade era soldado da companhia de seu irmão Agostinho, tendo sido também capitão do forte de São Marcelo, até 1704.

492 — F2 *Guilherme Barbalho Bezerra*, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, alcaide-mór em São Cristóvão de Sergipe, coronel de regimento na Baía, aí c.c. Ana de Negreiros, filha de Domingos de Negreiros e de Maria Pereira Soeiro. Pai de:

N1 *Domingos Barbalho Bezerra*, fidalgo, com os honrarias de alcaide-mór, enriquecido vivia nas suas propriedades e de seu pai, na Patatiba, solteirão.

N2 *Mariana Barbalho*, c.c. Manuel Alves do Silva.

COSTA DÓRIA

493 — *Fernão Vaz da Costa* veio para a Baía com o seu tio o governador Duarte da Costa, chegado ali a 8 de julho de 1553. Relacionado na cidade com o prestígio do tio, pouco depois estava casado com a viúva Clemência Dória, cujo espôso, Sebastião Ferreira, naufragara em 1556 na célebre viagem do bispo Sardinha. Em julho de 1594, Clemência Dória, outra vez viúva, encontrava-se com residência em Passé, onde tinha propriedades. Nasceram do casal:

F1 Nicolau, batizado a 13 de dezembro de 1558.

F2 *Cristóvão da Costa Dória*, c.c. Maria de Menezes.

F3 *Guiomar Dória*, batizada a 5 de dezembro de 1561.

F4 Francisco da Costa Dória, c.c. Francisca de Sá.

F5 Clemência Dória, c.c. Francisco da Costa Dória.

F6 Maria, batizada a 10 de fevereiro de 1567.

F7 Ana, batizada a 31 de julho de 1568.

494 — F2 *Cristóvão da Costa Dória*, batizado a 17 de junho de 1560, c.c. Maria de Menezes, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Mecia Lôbo de Mendonça, tendo filhos:

N1 Francisco da Costa Dória, c.c. Clemência Dória.

N2 Antônia Dória de Menezes, c.c. Antônio Moreira de Gamboa.

495 — F4 *Francisco da Costa Dória*, batizado a 17 de outubro de 1563, c.c. Francisco de Sá e teve um filho:

N3 Diogo, batizado a 13 de maio de 1591.

496 — N1 *Francisco da Costa Dória* c.c. Clemência Dória, filha de Fernão Vaz da Costa e de Clemência Dória, batizada em 1565. Pai de:

Bn1 Fernão Vaz da Costa Dória, c.c. Inácia de Azevedo Ravasco.

Bn2 Isabel Bárbara de Menezes, c.c. Antônio de Melo de Vasconcelos.

497 — Bn1 *Fernão Vaz da Costa Dória*, aos 14 de novembro de 1648 c.c. Inácia de Azevedo Ravasco, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de Maria de Azevedo, tendo falecido a 2 de agosto de 1660. Pai de:

Tn1 Francisco de Abreu da Costa Dória, c.c. Ana Maria de Menezes Castro.

498 — Tn1 *Francisco de Abreu da Costa Dória*, fidalgo da casa real, sargento-mór, c.c. Ana Maria de Menezes Castro, filha de Rui Dias de Menezes e de Guiomar Ximenes de Aragão, por ele assassinada bárbaramente, don-

de o ter sido morto pela Justiça, degredado em estátua. O casal teve:

4n1 Manuel de Sá Dória Ravasco, c.c. Mariana da Rocha da Fonseca.

4n2 Inácia de Menezes Castro, c.c. Antônio Carneiro da Rocha.

4n3 Francisca.

499 — 4n1 *Manuel de Sá Dória Ravasco* era capitão e c.c. Mariana da Rocha da Fonseca, filha de Luís Carneiro da Rocha e de Jerônima da Silva, tendo uma filha:

5n1 Ana de Menezes Castro, c.c. Nicolau Carneiro da Rocha.

CARVALHO PINHEIRO

500 — *Rui de Carvalho Pinheiro* e seus irmãos Manuel Pinheiro de Carvalho e Nicolau Pinheiro de Carvalho vieram de Portugal diretamente para Baía, e aí foram instalados, ao tempo da colonização. Moço da câmara, escudiro e cavaleiro fidalgo com título concedido em 1577 pelo Duque de Bragança a pedido de D. Duarte. C.c. Úrsula do Rêgo, filha de Salvador Fernando do Rêgo e de Antônia Nunes, teve filhos:

F1 Rui de Carvalho Pinheiro, c.c. Catarina Ravasco de Azevedo, Catarina de Azevedo e Apolônia de Araújo Góis.

F2 Francisco de Carvalho Pinheiro batizado a 2 de janeiro de 1620.

Depois c.c. Maria de Sousa, filha de Eusébio Ferreira e de Catarina de Sousa, tendo:

F3 Catarina de Sousa, c.c. João de Góis de Araújo.

F4 Violante Pinheiro, c.c. João de Silva Vieira.

F5 Inês de Castro, c.c. Semeão de Araújo Góis.

Ainda veio a c.c. Isabel de Almeida sem descendentes. Faleceu a 31 de março de 1645, deixando como testamentos os irmãos Nicolau e o filho Rui.

501 — F1 *Rui de Carvalho Pinheiro*, argento-mor, fidalgo cavaleiro, mordomo-mór do bispo de Coimbra. C.c. Catarina Ravasco de Azevedo, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de Maria Azevedo, batizada a 24 de outubro de 1620 e falecida a 28 de janeiro de 1662. A 10 de janeiro de 1667, c.c. Catarina de Azevedo, filha de Gaspar Azevedo e de Maria do Rêgo. Deu-lhe, a 6 de agosto de 1669, c.c. Apolónia de Araújo Góis, filha de Gaspar Araújo Góis e de Maria do Rêgo, nascendo a 10 de janeiro de 1673, sem ascendentes.

502 — *Manuel Pinheiro de Carvalho*, fidalgo da casa real, veio para o Brasil acompanhado de seus irmãos Rui de Carvalho Pinheiro e Nicolau Pinheiro de Carvalho e estabeleceu-se na Baía. c.c. Maria de Barros Lôbo, filha de Manuel de Paredes da Costa e de Paula Barros. Maria faleceu o 6 de maio de 1680. Pai de:

F1 Nicolau de Carvalho Pinheiro, c.c. Maria de Aragão.

F2 Margarida de Barros, c.c. Manuel Cardoso de Negreiros.

F3 Felícia Lôbo de Barros, c.c. Inácio de Melo de Vasconcelos.

F4 Manuel Pinheiro de Carvalho, c.c. Maria da Gama.

F5 Maria de Barros Lôbo, c.c. Francisco de Azevedo.

F6 Francisco de Carvalho Pinheiro, c.c. Leonor Teles de Escobar.

F7 André Pinheiro de Carvalho, c.c. Ursula de Freitas.

F8 Brites de Barros, c.c. Antônio de Almeida.

F9 Antônio Pinheiro de Carvalho.

F10 Inês de Barros, nascida em 1636, c.c. Maria de Almeida.

503 — F1 *Nicolau de Carvalho Pinheiro* nasceu em 1621, teve o fôro de fidalgo cavaleiro e a 13 de fevereiro de

1670, na capela do Destêrro, no Iguape, c.c. Maria de Aragão, filha de Luís Pereira de Aragão e de Antônia de Aragão, falecida a 12 de janeiro de 1701, enquanto falecia Nicolau a 10 de setembro de 1696. Pai de:

N1 Antônia de Aragão, c.c. José Godinho Freire.

N2 Isabel de Aragão, c.c. Alberto da Silveira Gusmão.

N3 Ângela Josefa Pereira de Aragão, c.c. Martim Afonso de Mendonça.

N4 Rui de Carvalho Pinheiro de Aragão, c.c. Felipa da Silveira Oliveira.

N5 Nicolau de Carvalho Pinheiro, c.c. Teresa Catarina de Sousa.

N6 Isabel de Aragão Pereira, batizada a 22 de julho de 1688.

N7 Francisco Pereira de Aragão.

N8 José de Aragão Pereira.

N9 Manuel de Carvalho.

N10 Maria Lucinda de Aragão, c.c. Manuel Moniz Barreto.

N11 Francisco.

F12 Antônio

F13 Manuel.

504 — F4 *Manuel Pinheiro de Carvalho*, nascido em 1627, capitão, c.c. Maria da Gama, filha de Diogo de Moraes e de Francisca da Gama. Pai de:

N14 Josefa da Gama, c.c. Antônio da Silva de Menezes.

505 — F6 *Francisco de Carvalho Pinheiro* nasceu em 1630 e c.c. Leonor Teles de Escobar, filha de João Borges de Escobar e de Joana Teles, batizada a 1 de agosto de 1633, tendo por padrinho o governador Diogo Luis de Oliveira. Pai de:

N15 Antônio de Carvalho, batizado a 27 de janeiro de 1653.

N16 Maria Teles Pinheiro, c.c. Antônio Rabelo de Macedo.

N17 Joana Teles Pinheiro, batizada a 25 de fevereiro de 1656.

N18 Inês Lôbo Pinheiro, batizada a 26 de junho de 1661.

N19 Inácio Teles Pinheiro.

N20 Leonor Teles, que faleceu solteira.

506 — N4 *Rui de Carvalho Pinheiro de Aragão*, batizado a 7 de setembro de 1674, a 29 de março de 1703, na sé, c.c. Felipa da Silva de Oliveira, filha de Estêvão Feio de Carvalho e de Isabel Ferreira. Pai de:

Bn1 Antônio de Aragão Pereira, c. c. Helena de Aragão.

Bn2 Ana Maria de Aragão, c.c. José de Melo de Vasconcelos.

Bn3 Estêvão da Silva de Aragão.

Bn4 Francisco de Aragão.

Bn5 João de Aragão.

507 — N5 *Nicolau de Carvalho Pinheiro*, batizado a 30 de setembro de 1681, tenente-coronel a 13 de outubro de 1706, c.c. Teresa Catarina de Sousa, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Maria de Sousa. Pai de:

Bn6 Maria Moniz de Aragão.

Bn7 Jerônimo Moniz Barreto.

Bn8 Catarina de Aragão, c.c. Pedro Merelo de Cerqueira.

Bn9 Ângela Moniz de Aragão.

508 — Bn1 *Antônio de Aragão Pereira*, c.c. sua sobrinha Helena de Aragão, filha de Gonçalo Barbosa de Mendonça e de Antônia de Aragão, sem ter descendentes.

FERNANDES DO RÊGO

509 — *Jorge Fernandes* e sua mulher Catarina Nunes, ambos naturais de Arouca, termo do Pôrto, emigraram para a Baía e aí foram pais de:

F1 Antônia Nunes, c.c. Salvador Fernandes do Rêgo.

F2 Apolônia Nunes, c.c. Aleixo Pais.

F3 João Nunes, sacerdote da companhia.

510 — *Salvador Fernandes do Rêgo* português, passado à Baía, c.c. Maria Luísa Nunes da ilha de Itaparica. Pais de:

F1 João Álvares do Rêgo, c.c. Beatriz de Freitas.

F2 Isabel do Rêgo, c.c. Antônio Cordeiro Aires.

511 — F1 *João Alvares do Rêgo* aos 30 de abril de 1627 c.c. Beatriz de Freitas, filha de Gaspar de Freitas Magalhães e de Policena de Sousa Bittencourt. Pai de:

N1 Policena de Sousa Bittencourt

N2 Constança de Sousa, c.c. Antônio Delgado Aires.

N3 Salvador Fernandes do Rêgo, c. Maria do Rêgo.

N4 Gaspar de Freitas Magalhães, c. Isabel Correia.

512 — N3 *Salvador Fernandes do Rêgo*, batizado a 31 de março de 1630 c.c. Maria do Rêgo, filha de Antônio Cordeiro Aires e de Isabel do Rêgo. Pai de:

Bn1 Pedro de Freitas Magalhães.

513 — N4 *Gaspar de Freitas Magalhães* c.c. Isabel Correia, filha de Bartolomeu Rabelo de Macedo e de Constança de Sousa Bittencourt, sem deixar filhos.

514 — *Simão Alvares do Rêgo* e sua mulher Ana Fernandes, ambos nascidos em Póvoa de Varzim, passaram a residir na Baía, vindos com o filho:

F1 Salvador Fernandes do Rêgo, c. Antônia Nunes.

515 — F1 *Salvador Fernandes do Rêgo* c.c. Antônia Nunes, filha de Jorge Fernandes e de Catarina Nunes, tendo tido filhos:

N1 Maria Nunes do Rêgo, c.c. Gaspar de Azevedo.

N2 Francisco Nunes do Rêgo, c.c. Bárbara Antunes Rangel e, viúvo, recebeu ordens eclesiásticas.

N3 Catarina do Rêgo, c.c. Antão Lopes de Horta.

N4 Úrsula do Rêgo, c.c. Rui de Carvalho Pinheiro.

N5 Ana do Rêgo, c.c. Manuel Ribeiro de Carvalho, pai de Francisco Pinheiro de Carvalho.

516 — *Gaspar de Azevedo* foi casado com Maria Nunes do Rêgo, filha de Salvador Fernandes do Rêgo e de Antônia Nunes, e teve filhos:

F1 Catarina de Azevedo, c.c. Rui de Carvalho Pinheiro.

F2 Francisco Duarte de Azevedo, c.c. Margarida Pinheiro.

F3 Ana de Azevedo, c.c. Gaspar de Araújo Góis.

F4 Isabel de Azevedo, c.c. Sebastião Pais.

F5 Gaspar de Azevedo.

F6 Antônio Leitão de Azevedo, c.c. Margarida da Silva.

F7 Antônio da Trindade, religioso.

517 — F2 *Francisco Duarte de Azevedo*, em 22 de abril de 1662 c.c. a viúva Margarida Pinheiro, antes espôsa de Amador de Aguiar.

518 — *Antão Lopes de Horta* c.c. Catarina do Rêgo, filha de Salvador Fernandes do Rêgo e de Antônia Nunes, e teve filhos:

F1 Violante de Horta.

F2 Ana do Rêgo.

F3 Antônia Nunes.

F4 Felipa Nunes.

MADEIRA DE SÁ

519 — *Bartolomeu Madeira de Sá*, baiano, filho de Pedro Madeira e de Inês de Sá, ainda em 1591 aluno dos

jesuítas, depois tendo sido licenciado, aos 10 de novembro de 1599 c.c. Maria de Lemos Landim, filha de João Rodrigues Palha e de Mecia de Lemos, batizada a 26 de abril de 1571. Pai de:

F1 Inês Madeira da Trindade.

F2 João de Lemos de Sá, c.c. Paula do Amaral.

F3 Isabel de Lemos de Sá, c.c. Domingos Barbosa de Araújo.

F4 Helena de Sá, c.c. Diogo Correia de Sande.

F5 Mecia de Lemos, c.c. Belchior dos Reis.

F6 Ângela de Lemos, c.c. Baltazar Gonçalves, Bartolomeu Filgueiras Soares e Antônio Borralho.

F7 Francisco de Lemos Landim, c.c. Margarida Soares.

F8 Constança de Sá, c.c. Bartolomeu Pires.

520 — F2 *João de Lemos de Sá*, em Paripe, aos 19 de agosto de 1624, c.c. Paula do Amaral, filha de Antônio Serão da Vara e de Maria da Palma. Pai de:

N1 Miguel de Sá da Palma, batizado a 18 de maio de 1625.

N2 Francisco de Lemos de Sá, batizado a 14 de junho de 1626.

N3 Fernando de Lemos Palha, c.c. Domingas da Palma.

N4 Antônio do Amaral de Lemos, c.c. Guiomar de Freitas.

N5 Bartolomeu Madeira de Sá, batizado a 2 de agosto de 1633.

N6 Maria de Lemos, c.c. Tomé de Aguiar Daltro.

N7 Manuel de Lemos, batizado a 9 de novembro de 1638.

N8 João de Lemos de Pina, c.c. Feliciano de Sá.

521 — N3 *Fernando de Lemos Palha*, fidalgo cavaleiro e escudeiro fidalgo por alvará de 21 de fevereiro de 1650, c.c. Domingos da Palma, filha de André da Costa de Andrade e de Feli-

ciana de Abreu, vivendo em sua propriedade, em Passé.

522 — N 4 *Antônio do Amaral de Lemos*, aos 15 de agosto de 1655 c.c. Guiomar de Freitas, filha de Antônio Fernandes Roxó e de Maria Moreira. Pai de:

Bn1 Fernando de Lemos Palha de Sá.

Bn2 Helêna de Sá, c.c. Domingos Fernandes do Couto.

Bn3 Guiomar de Freitas.

Bn4 Paula do Amaral de Lemos, c. c. Francisco Gomes da Maia.

Bn5 Mariana de Freitas.

Bn6 Antônio de Freitas do Amaral Lemos.

Bn7 Bárbara de Abreu, c.c. Manuel Luís da Costa.

Bn8 Isabel de Sá, c.c. Antônio de Sá de Sousa.

Bn9 Salvador da Encarnação, carmelita.

523 — *Belchior dos Reis*, filho de Sebastião Pires e de Lucrécia Luis, em Paripe, aos 30 de agosto de 1626 c.c. Mecia de Lemos, filha de Bartolomeu Madeira de Sá e de Maria de Lemos Landim, tendo filhos:

F1 Miguel de Sá.

F2 Bárbara de Lemos.

F3 Inácio dos Reis.

F4 Ana dos Reis.

F5 Rafael dos Reis Palha, clérigo secular.

F6 Luísa de Sá, c.c. Simão Borralho.

F7 Maria de Sá, c.c. Simão de Sá e Avelar.

FREITAS AMARAL

524 — *Manuel de Freitas Amaral*, filho de Francisco de Freitas e de Maria Bras, homem forado e cavaleiro fidalgo, c.c. Vitória de Barros, filha de

Gaspar de Barros Magalhães e de Catarina Lôbo Barbosa de Almeida, tendo filhos:

F1 Antônio de Azevedo Lôbo, c.c. Maria do Casal.

F2 Manuel de Freitas Lôbo, c.c. Felipa Pimentel.

F3 Maria Lôbo de Mendonça, c.c. Francisco Moniz de Menezes.

F4 Francisco de Freitas Barros, c.c. Mecia de Lemos.

525 — F1 *Antônio de Azevedo Lôbo* teve o fôro de seu pai e a 8 de abril de 1630 c.c. Maria do Casal, filha de Fernão Pinto do Casal e de Violante da Costa. Pai de:

N1 Bartolomeu de Azevedo Lôbo, c. c. Maria de Vasconcelos.

N2 Manuel de Azevedo Lôbo.

N3 Violante de Mendonça, c.c. Manuel de Lara.

N4 Fernão Pinto do Casal, c.c. Romana de Sousa.

N5 Margarida de Freitas Lôbo, c.c. Antônio de Barros Furtado.

526 — F2 *Manuel de Freitas Lôbo* c.c. Felipa Pimentel, filha de Cristóvão Cassão e de Joana Pimentel, tendo filhos:

N6 Bartolomeu de Azevedo Lôbo, c. c. Mariana de Menezes.

N7 Úrsula de Freitas, c.c. André Pinheiro de Carvalho.

N8 Maria de Freitas, c.c. Manuel Teles Barreto.

N9 Joana Pimentel, c.c. Manuel de Barros Lôbo.

N10 Pasqual de Freitas Pimentel, c. c. Joana de Uzeda e Silva e Maria Teles de Menezes.

N11 Felipa Pimentel.

527 — F4 *Francisco de Freitas Barros* c.c. Mecia de Lemos, filha de João Serrão e de Constança de Pinã, batizada na sé a 20 de setembro de 1581, e teve:

N12 Vitória de Barros, c.c. Nicolau Mendes de Oliva.

528 — N1 *Bartolomeu de Azevedo Lôbo* c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Duarte Maciel de Andrade e de Maria de Quevedo, tendo filhos:

Bn1 Maria de Vasconcelos, c.c. Antônio Pereira de Sousa.

Bn2 Bras Pinto de Barros, batizado a 1 de julho de 1667.

Bn3 João de Quevedo Vasconcelos, c.c. Úrsula da Cruz.

Bn4 Antônio de Freitas Lôbo, c.c. Francisca de Brito.

Bn5 Susana de Vasconcelos Lôbo, c.c. Antônio de Freitas Teles.

Bn6 José de Freitas Lôbo.

Bn7 Apolônia Maciel.

Bn8 Maria de Quevedo.

Bn9 Ana de Barros Lôbo, c.c. Pedro Correia de Vasconcelos.

Bn10 Paula de Barros Lôbo, c.c. Teodoro de Lira Aguiar.

529 — N4 *Fernão Pinto do Casal* c.c. Romana de Sousa, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Maria de Pairedes, batizada a 19 de agosto de 1665. Pai de:

Bn11 Antônio Manuel Vasco.

Bn12 Maria Pinto de Amorim.

Bn13 Leonor Pinto do Casal.

Bn14 Ana de Sousa Casal.

530 — N6 *Bartolomeu de Azevedo Lôbo* c.c. Mariana de Menezes, filha de Francisco de Freitas Magalhães e de Custódia de Menezes, em Paripe, a 7 de outubro de 1654.

531 — N10 *Pasqual de Freitas Pimentel* c.c. Joana de Uzeda Aiala, filha de Manuel de Uzeda Aiala e de Bárbara de Góis de Macedo. Pai de:

Bn15 Francisca de Freitas Pimentel, c.c. José de Araújo Góis.

Bn16 Rosária Pimentel, c.c. Manuel de Araújo Góis.

Depois c.c. Maria Teles de Menezes, filha de Antônio Moniz Teles e de Cristina Coutinho.

532 — Bn4 *Antônio de Freitas Lôbo*, aos 6 de fevereiro de 1697 c.c. Francisca de Brito, na freguesia do Socorro, filha de Tomé Lôbo de Barros e de Teresa de Brito, tendo êle sido batizado a 23 de fevereiro de 1673.

533 — *Antônio de Barros Furtado* c.c. Margarida de Freitas Lôbo, filha de Antônio de Azevedo Lôbo e de Maria do Casal, tendo filhos:

F1 Constantino de Barros Lôbo.

F2 Francisco Furtado.

F3 Antônio de Freitas do Amaral.

F4 Luzia de Freitas.

534 — *Antônio Pereira de Sousa*, natural de Braga, filho de José Pereira e de Maria Sousa, a 23 de julho de 1714 c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Bartolomeu de Azevedo Lôbo e de Maria de Vasconcelos.

AMORIM BARBOSA

535 — *Baltazar de Amorim*, residente em Ponte de Lima, arcebispado de Braga, c.c. Isabel Barbosa, e teve filhos, que vieram para o Brasil:

F1 Domingos Barbosa de Amorim, c.c. Francisca de Menezes.

F2 Jácome Barbosa de Amorim, c.c. Isabel Soares.

536 — F1 *Domingos Barbosa de Amorim*, em Paripe, a 20 de janeiro de 1606, c.c. Francisca de Menezes, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Mecia Lôbo de Mendonça, falecida a 20 de junho de 1626. Pai de:

N1 Ângela de Menezes, batizada a 15 de julho de 1607, casada a 6 de novembro de 1633 com Álvaro de Sousa Basto e faleceu a 26 de janeiro de 1667.

N2 Maria Barbosa de Menezes, batizada a 31 de março de 1610 e c.c. Estêvão de Aguiar.

N3 Jerônimo Moniz Barreto, c.c. Maria de Azevedo Teixeira e Inácia de Almeida Serrão.

N4 Baltazar de Amorim Barbosa.

N5 Antônio Moniz Barreto.

537 — F2 *Jácome Barbosa de Amorim*, a 26 de fevereiro de 1623, em Paripe, c.c. a viúva Isabel Soares, filha de Gaspar Pereira e de Maria Soares, tendo filhos:

N6 João Barbosa de Amorim, batizado a 28 de janeiro de 1624.

N7 Baltazar de Amorim Barbosa, c. c. Ângela de Sousa.

N8 Joana Soares Barbosa, batizada a 1 de julho de 1626.

N9 Ângelo Soares Barbosa, c.c. Francisco de Melo de Vasconcelos.

N10 Águeda Soares Barbosa, batizada a 6 de setembro de 1629.

N11 Francisra Soares Barbosa, c.c. Jorge Barreto de Melo.

537A — N3 *Jerônimo Moniz Barreto*, batizado em Matoin a 30 de março de 1613, capitão aos 2 de setembro de 1635, c.c. Maria de Azevedo Teixeira, filha de Manuel de Azevedo Teixeira e de Isabel Soares, falecida a 22 de maio de 1650. Pai de:

Bn1 Domingos Barbosa de Amorim, batizado a 30 de junho de 1641.

Bn2 Antônia de Menezes, batizada a 23 de setembro de 1643.

Bn3 Manuel Teles Barreto, batizado a 29 de março de 1645 e morto a 28 de outubro de 1692.

Bn4 Francisco Teles, c.c. Diogo Lopes Franco.

Bn5 Joana Teles, batizada a 15 de maio de 1648.

Bn6 Ângela de Menezes, batizada a 7 de janeiro de 1649.

Bn7 Isabel Teles Barreto, c.c. Baltazar dos Reis Barrenho.

Viúvo, aos 2 de maio de 1651, no Iguape, c.c. Inácia de Almeida Serrão, viúva de Leopoldo João de Azevedo e que veio a falecer, tendo sepultura no convento de São Francisco, a 27 de março de 1678, deixando como testamenteiros seu filho Antônio e seu cunhado Antônio Moniz Barreto. Jerônimo teve com Inácia:

Bn8 Antônio Moniz Barreto, c.c. Isabel de Vargas Cirne.

Bn9 Branca Teles.

557B — Bn8 *Antônio Moniz Barreto* c.c. Isabel de Vargas Cirne, filha de Manuel de Vargas Cirne e de Ana Pereira, e teve um filho, morto depois do 4.º mês do nascimento.

537C — *Baltazar dos Reis Barrenho*, um dos quatro coronéis de regimentos do recôncavo, com serviços relevantes do coroa, teve o governo da capitania de Sergipe em 1656. Por três vezes foi casado. À primeira com Ana de Sousa, filha de Francisco de Castro e de Marta de Sousa. Depois, aos 11 de dezembro de 1674, c.c. Isabel Teles Barreto, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Maria de Azevedo Teixeira, e à última, aos 20 de outubro de 1677, c.c. Helena do Espírito Santo, filha de Manuel Fernandes Flores e de Brites de Almeida. Não teve filhos.

538 — N7 *Baltazar de Amorim Barbosa*, batizado a 15 de março de 1625, c.c. Ângela de Sousa, filha de Agostinho Paredes de Barros e de Ana de Sousa, em Socorro, a 13 de maio de 1656. Pai de:

Bn1 Águeda de Sousa, batizada a 25 de maio de 1657 e c.c. Lourenço Barbosa de Brito.

Bn2 Eusébio Pereira de Faria, c.c. Leonor de Melo de Vasconcelos.

539 — Bn2 *Eusébio Pereira de Faria*, batizado a 9 de novembro de 1652,

c.c. Leonor de Melo de Vasconcelos, filha de Cosme Pereira de Mendonça e de Maria de Vasconcelos.

VAZ SARRAXE

540 — *Fernão Vaz Sarraxe*, irmão de Lopo Vaz de Sampaio, governador interino da Índia, por morte do efetivo, em janeiro de 1526, era casado com Guiomar de Almeida quando se passou para a Baía, em 1550. Teve um filho:

F1 Simão de Almeida, c.c. Maria Barbosa.

541 — F1 *Simão de Almeida* c.c. Maria Barbosa e teve filhos:

N1 Madalena de Almeida, c.c. Antônio Martins de Azevedo.

N2 Maria de Almeida, c.c. Miguel Martins.

542 — *Antônio Martins de Azevedo* c.c. Madalena de Almeida e teve filhos:

F1 Isabel de Azevedo, c.c. Pedro Moreira.

F2 Catarina de Azevedo, c.c. Domingos Moniz Aranha.

F3 André.

F4 Paula.

543 — *Miguel Martins* c.c. Maria de Almeida e teve filhos:

F1 Antônia de Almeida, c.c. Gaspar Moreira.

F2 Domingos Martins, c.c. Maria Francisca.

F3 Maria Barbosa.

F4 Clara Martins, c.c. Baltazar de Noronha.

544 — F2 *Domingos Martins* c.c. Maria Francisca e teve filhos:

N1 Manuel Martins.

N2 Ana de Almeida, c.c. Paulo de Sampaio.

N3 Maria da Purificação Martins, c.c. Domingos Casado.

N4 Inácio de S. Antônio, franciscano em Paraguaçu, professo em 1695.

545 — *Pedro Moreira* c.c. Isabel de Azevedo, filha de Antônio Martins de Azevedo e de Madalena de Almeida, e teve filhos:

F1 Simão Moreira, c.c. Joana da Silva.

F2 Maria Moreira, c.c. João Machado de Miranda.

546 — F1 *Simão Moreira* c.c. Joana da Silva e teve filhos:

N1 Pedro Moreira, c.c. Inácia Cardoso.

N2 Maria Josefa.

547 — *João Machado de Miranda* c.c. Maria Moreira, filha de Pedro Moreira e de Isabel de Azevedo, e teve:

F1 Joana de Azevedo, c.c. Luiz Ferreira de Araújo.

F2 Inácia Barbosa, c.c. Pedro da Silva.

F3 Pedro Moreira Salgado, c.c. Esperança da Silva.

F4 Antônio de Miranda.

548 — *Luís Ferreira de Araújo* c.c. Joana de Azevedo, filha de João Machado de Miranda e de Maria Moreira, e teve filhos:

F1 Maria de Araújo de Azevedo, c.c. Francisco de Brito Barbosa e Domingos Borges de Barros.

549 — *Gaspar Moreira* c.c. Antônia de Almeida, filha de Miguel Martins e de Maria de Almeida, e teve filhos:

F1 Maria Moreira, c.c. Manuel de Tôrres.

F2 Manuel Moreira.

F3 João Batista Moreira.

550 — *Manuel de Tôrres*, natural de Cintra, em Lisboa, c.c. Maria Morei-

ra, filha de Gaspar Moreira e de Antônia de Almeida, e teve:

F1 Maria de Almeida, c.c. Antônio Velho Maciel.

F2 Manuel de Tôrres, jesuíta.

551 — *Antônio Velho Maciel*, nascido em Viana, c.c. Maria de Almeida, filha de Manuel de Tôrres e de Maria Moreira, e teve filhos:

F1 Florência Moreira de Almeida, c.c. João Domingues do Paço e Domingos Borges de Barros.

F2 Maria Maciel da Paz, c.c. Antônio Domingues do Paço.

F3 Pedro Velho, religioso de São Bento.

F4 Antônio Velho Maciel, sacerdote.

552 — *João Domingues do Paço* c.c. Florência Moreira de Almeida, filha de Antônio Velho Maciel e de Maria de Almeida, e teve filhos:

F1 João de Santa Florência, religioso franciscano.

F2 Miguel Velho, carmelita calçado.

553 — *Domingos Casado* c.c. Maria da Purificação Martins, filha de Domingos Martins e de Maria Francisca, e teve:

F1 Maria Eusébia Martins, c.c. Manuel Alves Pinto.

F2 Ana Martins Casado, c.c. Manuel Rolim.

F3 Antônia Martins Casado, c.c. João Leitão.

554 — *Manuel Alves Pinto* c.c. Maria Eusébia Martins, filha de Domingos Casado e de Maria da Purificação Martins, e teve:

F1 Antônio Alves Pinto, c.c. Teresa Barbosa foi pai de:

N1 José Alves Pinto, c.c. Antônia Helena.

555 — *Antônio Domingues do Paço* c.c. Maria Maciel da Paz, filha de Antônio Velho Maciel e de Maria de Almeida, e teve filhos:

F1 Domingos dos Passos, franciscano.

F2 Antônio Domingues do Paço, doutor, mestre do príncipe...

F3 Manuel de Almeida Maciel, sacerdote.

F4 Pedro Domingues do Paço.

F5 Gonçalo Domingues do Paço, clérigo e doutor, e mais quatro filhas religiosas em Portugal.

FEIO E FERREIRA

556 — *Diogo Feio de Carvalho*, capitão em Lisboa, c.c. Violante da Silva de Oliveira e teve filhos:

F1 Estêvão Feio de Carvalho, c.c. Isabel Ferreira.

F2 Úrsula Feio, c.c. Estêvão Ferreira.

557 — F1 *Estêvão Feio de Carvalho* c.c. Isabel Ferreira e teve filhos:

N1 Gaspar Feio de Carvalho.

N2 Maria da Silva Feio, c.c. José de Abreu Castelo-Branco.

N3 Felipa da Silva Oliveira, c.c. Rui de Carvalho Pinheiro de Aragão.

558 — *Manoel Ferreira*, de origem não esclarecida, c.c. Maria Feio do Amaral e teve:

F1 Miguel Ferreira Feio, c.c. Isabel Serrão.

F2 Estêvão Ferreira, c.c. Úrsula Feio.

559 — F1 *Miguel Ferreira Feio* foi c.c. Isabel Serrão, filha de Antônio Vaz. Consta de seu testamento, de 9 de outubro de 1625, esta verba interessante e esclarecedora: "Instituo uma capela perpétua de uma missa cada semana, por mim e por minha mulher Isabel Serrão, e deixo por administrador

ra dita capela a minha filha Mônica do Amaral, a qual, tendo filhos, serão depois de sua morte dela os administradores, e não tendo filho, será filha mais velha, e por sua morte a que se seguir; e não tendo a dita minha filha herdeiros, meu filho mais velho o será, o qual tendo herdeiros será sempre o administrador na forma que declaro acima; e não tendo o dito meu filho mais velho herdeiros, virá ao outro meu filho a administração nesta capela, e em falta de descendentes, como digo, virá ao parente mais chegado. Declaro que tendo dois filhos machos, a saber: Antônio e Gonçalo Ferreira. Mando que meu corpo seja sepultado na casa da santa Misericórdia, na sepultura de meu sogro Antônio Vaz; testamenteiro o meu primo Antônio Castanheira". Pai de:

N1 Mônica do Amaral, c.c. Miguel Brandão Coelho e Constantino Pereira de Lacerda.

N2 Antônio Ferreira Feio.

N3 Gonçalo Ferreira Feio.

560 — F2 *Estêvão Ferreira* foi c.c. Úrsula Feio, filha de Diogo Feio de Carvalho e de Violante da Silva Oliveira. Eram pessoas de distinção e, casados ambos em Lisboa, vieram para a Baía, instalando-se com engenho em Cotegipe. Pai de:

N4 Úrsula Feio do Amaral, c.c. Pedro Carneiro e Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

N5 Estêvão Ferreira, jesuíta de autoridade.

N6 Luísa Ferreira Feio, c.c. Martin Afonso Moreira.

561 — *Eusébio Ferreira*, procedente da ilha da Madeira, na Baía c.c. Catarina de Sousa, filha de Belchior de Sousa Dormundo e de Mecia de Armas, sendo o ato celebrado a 13 de maio de 1603, sob o testemunho de Cristóvão

de Aguiar Daltro e Belchior de Sá Souto-Maior, pelo vigário coadjutor Antônio Viegas. Eusébio faleceu a 1 de novembro de 1630 e Catarina a 22 de agosto de 1649, deixando filhos:

F1 Francisca de Sousa, c.c. Cristóvão da Cunha de Sá Souto-Maior.

F2 Jerônimo de Sousa, carmelita colgado.

F3 Maria de Sousa, c.c. Rui de Carvalho Pinheiro.

F4 Clara de Sousa, c.c. Belchior de Teves Barreto.

F5 Antônio Ferreira de Sousa, c.c. Antônia Barbalho Bezerra.

F6 Francisco de Sousa, carmelita calgado.

F7 Inácio Ferreira de Sousa, c.c. Margarida de Menezes.

F8 Inês de Castro e Sousa, c.c. Damião de Lençóis de Andrade.

562 — F5 *Antônio Ferreira de Sousa*, cavaleiro professo na ordem de São Tiago, a 11 de setembro de 1642, na igreja do mosteiro de São Bento, c.c. Antônia Barbalho Bezerra, filha de Luís Barbalho Bezerra e de Maria Furtado de Mendonça, sendo celebrante do ato o bispo Pedro da Silva e testemunhas o pai da nubente e o provedor da fazenda real Lourenço de Brito Correia. Pelo casamento Antônio recebeu títulos, dignidades e privilégios. Pai de:

N1 Inês Barbalho Bezerra, c.c. Egas Moniz Barreto.

N2 Teresa de Sousa, c.c. Jerônimo Moniz Barreto.

N3 Catarina de Sousa, c.c. Rafael Soares da Franca.

N4 Maria Furtado de Sousa, c.c. Nicolau de Sousa de Andrade.

N5 Francisca Barbalho de Sousa, c.c. Diogo de Sá Souto-Maior.

N6 Eusébio Ferreira, batizado em janeiro de 1651 e logo falecido.

563 — F7 *Inácio Ferreira de Sousa* c.c. Margarida de Menezes, filha de

Antônio Coelho Pinheiro e de Inês de Menezes, tendo filhos:

N7 Inês de Sousa, c.c. Amaro Homem de Almeida e Antônio Moniz Barreto.

N8 Mariana de Sousa, c.c. Tomé Pereira de Faria.

N9 Maria de Sousa, c.c. Pedro Pereira de Menezes.

N10 Antônio Ferreira de Sousa, c. c. Brites de Faria Menezes.

N11 Manuel Ferreira de Sousa, c. c. Luísa Teles de Menezes.

N12 João.

N13 Eusébio.

N14 Catarina.

N15 Apolônia, mortos sem estado.

564 — N10 *Antônio Ferreira de Sousa*, batizado a 3 de agosto de 1653, c.c. Brites de Faria Menezes, filha de Manuel Pereira de Faria e de Francisca de Perada.

565 — N11 *Manuel Ferreira de Sousa*, aos 8 de dezembro de 1699 c.c. Luísa Teles de Menezes, batizada a 20 de janeiro de 1678 e filha de Antônio Moniz Barreto e de Arcângela Girão, celebrado o ato pelo cônego Sebastião do Vale Pontes. Pai de:

Bn1 Inácio Ferreira de Sousa, c.c. Antônia Moniz Barreto.

Bn2 Luísa Violante Barreto, c.c. José Pereira de Sousa.

Bn3 Gonçalo Ferreira de Sousa, c. c. Ana Maria de Jesus.

Bn4 Antônio Moniz de Sousa Barreto, c.c. Catarina de Góis de Sousa.

Bn5 Arcângela.

Bn6 Margarida.

Bn7 Inácia e

Bn8 Eugênia.

566 — Bn1 *Inácio Ferreira de Sousa* c.c. Antônia Moniz Barreto, filha de Francisco Teles Barreto e de Maria de Vasconcelos e Menezes.

567 — *Pedro Carneiro*, proprietário em Cotegipe, foi c.c. Úrsula Feio do Amaral, filha de Estêvão Ferreira e de Úrsula Feio. Falecido a 21 de maio de 1617, com sepultura na Misericórdia, não deixou descendentes.

568 — *Damião de Lençóis de Andrade*, natural de Valença do Minho e filho de Ambrósio de Abreu e de Ana Veloso Bacelar, em 7 de julho de 1644 c.c. Inês de Castro e Sousa, filha de Eusébio Ferreira e de Catarina de Sousa, não tendo filhos. Depois c.c. Francisca Pereira, filha de Francisco Pereira do Lago e de Andresa de Araújo, ainda sem filhos. Capitão em 1652, foi o delator da conspirata de Lourenço de Brito Correia, Francisco Teles de Menezes e outros contra o governador Conde de Óbidos, sendo por isso feito sargento-mór, segundo Jaboatão.

569 — *Belchior de Teves Barreto*, procedente da ilha da Madeira, fidalgo da casa real, filho do fidalgo Pedro de Teves e de Leonor Barreto, veio para a Baía e aí c.c. Clara de Sousa, filha de Eusébio Ferreira e de Catarina de Sousa. Faleceu a 7 de setembro de 1662, com sepultura no Carmo. Pai de:

F1 Pedro de Teves Barreto, arcediago da sé da Baía, capelão fidalgo da casa real, visitador eclesiástico, tendo sido batizado a 26 de outubro de 1639.

F2 Joana de Sousa Barreto, c.c. Gaspar Maciel de Sá.

F3 Maria de Sousa, c.c. João Soares Brandão e Miguel Rodrigues de Gusmão.

F4 João de Teves, batizado a 9 de julho de 1646 e antes de crismado chamado Antônio de Teves Barreto.

570 — *Miguel Rodrigues de Gusmão*, cavaleiro da ordem de Cristo, c.c. Maria da Silveira e teve um filho:

F1 Alberto da Silveira Gusmão, c. c. Isabel de Aragão.

Depois c.c. a viúva Maria de Sousa, filha de Belchior de Teves Barreto e de Clara de Sousa, batizada a 20 de abril de 1644, tendo com ela:

F2 Inês de Gusmão, c.c. Paulo de Argolo.

571 — F1 *Alberto da Silveira Gusmão* c.c. Isabel de Aragão, filha de Nicolau de Carvalho Pinheiro e de Maria de Aragão, e teve filhos:

N1 Antônia de Aragão, c.c. Gonçalves Barbosa de Mendonça.

N2 Nicolau de Carvalho Pinheiro, c. c. Joana de Brito.

N3 Bento e

N4 Ângela.

FRANCA E BARROS

572 — *Afonso da Franca* tinha um irmão, André Dias da Franca, ambos filhos de Lancerote da Franca. Em Portugal c.c. Catarina Côrte-Real e casado veio para a Baía, onde lhe nasceram os filhos:

F1 Leonor da Franca, c.c. Manuel Gonçalves de Barros.

F2 Francisco da Franca, batizado na sé a 16 de setembro de 1606, tendo por padrinho o governador Diogo Botelho.

F3 Ana da Franca Côrte-Real, c.c. João Pais Barreto.

F4 Luísa da Franca Côrte-Real, c. c. Domingos Barbosa de Araújo.

F5 Antônia da Franca, c.c. Luís de Basto Saraiva.

573 — *Manuel Gonçalves de Barros*, do qual não se referem antecedentes, se não que viera da ilha da Madeira, tornou-se na Baía um dos homens mais ricos e mais prestigiados, com vários e

múltiplos cargos na administração e postos na milícia, embora sempre mercador. Tinha-lhe a coroa grande estima, os reis lhe dirigindo cartas de recomendação especial. Em 27 de maio de 1630 c.c. Leonor da Franca, filha de Afonso da Franca e de Catarina Côrte-Real, falecida a 19 de novembro de 1673, com sepultura em São Francisco. Pai de:

F1 João de Barros da Franca, com serviços na guerra contra os holandeses, falecido ainda solteiro.

F2 Manuel de Barros da Franca, c. c. Helena da Silva Pinto.

F3 Afonso da Franca Côrte-Real, c. c. Maria Gomes.

F4 Margarida da Franca Côrte-Real, c.c. Salvador Correia de Sá.

574 — F2 *Manuel de Barros da Franca* foi educar-se em Portugal e lá serviu na milícia. Regressando à terra natal em 1688, teve o posto de capitão de cavalaria e chegou a ser coronel do regimento de auxiliares. C.c. Helena da Silva Pinto, filha de Manuel da Silva e de Maria Pinto, aos 27 de novembro de 1680 e teve:

N1 João de Barros da Franca, morto afogado.

N2 Manuel de Barros da Franca.

N3 Afonso da Franca, clérigo.

N4 Antônio de Barros da Franca.

N5 Leonor.

N6 Ana.

N7 Margarida, religiosas.

575 — F3 *Afonso da Franca Côrte-Real*, tal como os seus antecessores e os de sua mulher; foi homem opulento, prestigiado, conceituado, tendo servido na milícia por muitos anos. Em 1669 c.c. Maria Gomes, filha de Pedro Gomes e de Isabel da Costa Madeira, tendo filhos:

N8 Pedro Gomes da Franca Côrte-Real.

N9 Leonor Gomes, falecida a 23 de janeiro de 1705.

N10 Catarina da Franca Côrte-Real, c.c. Tristão Velho de Araújo.

N11 João Gomes.

N12 Manuel Gomes.

N13 Afonso Gomes.

N14 Isabel Gomes.

576 — N8 *Pedro Gomes da Franca Côrte-Real*, dotado de grandes qualidades e muito estimado entre os maioraes de seu tempo, foi capitão de infantaria em 1694, ajudante de tenente em 1704, tenente do mestre de campo em 1715, mestre de campo *ad-honorem* em 1728 e, neste pôsto confirmado em agosto de 1729, veio a falecer a 23 de agosto de 1743. Solteiro, teve, entretanto, uma filha:

Bn1 Rosa Gabriela da Franca, c.c. Geraldo Simões de Castro.

577 — *João Pais Barreto*, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, governador de Pernambuco entre 1619 e maio de 1620, c.c. Ana da Franca Côrte-Real, filha de Afonso da Franca e Catarina Côrte-Real, ao tempo em que êste Afonso estava à frente do govêrno da Paraíba.

578 — *Salvador Correia de Sá*, filho de Duarte Correia Vasques e de Maria Borges, veio para a Baía numa expedição militar mandada pelo governador do Rio de Janeiro em socorro da Baía, invadida e dominada pelos holandeses em 1625. Identificando-se com a terra e com a gente, aí c.c. Margarida da Franca Côrte-Real, filha de Manuel Gonçalves de Barros e de Leonor da Franca Côrte-Real, tendo filhos:

F1 Marta de Cristo, nascida em 1650, a 28 de janeiro de 1678 ingressou como religiosa, sendo a primeira, no convento do Destêrro, na Baía, no qual foi abadeça e onde viveu por 60 anos, pois que

faleceu, com fama de virtude, a 3 de outubro de 1738.

F2 Leonor, outra religiosa no mesmo convento.

F3 Manuel Correia de Sá morto aos 15 anos.

Depois c.c. Agueda da Costa, filha de Pedro Gomes e de Isabel da Costa Madeira, batizada a 25 de julho de 1641, o casamento sendo feito a 30 de setembro de 1676. A -18 de novembro de 1679 c.c. Maria de Araújo de Góis, filha de João de Aguiar Vilas-Boas e de Catarina de Góis de Siqueira. Salvador faleceu a 4 de novembro de 1685 e Maria de Araújo a 31 de maio de 1737, tendo filhos:

F4 Catarina Correia de Sá, c.c. Francisco Barreto de Aragão.

F5 Inácio Correia de Sá.

F6 Maria Josefa.

579 — *Geraldo Simões de Castro* c.c. Rosa Gabriela da Franca, filha de Pedro Gomes da Franca Côrte-Real, e teve:

F1 Maria Madalena do Nascimento da Franca, c.c. João Pires Garcia.

580 — *João Pires Garcia* c.c. Maria Madalena do Nascimento da Franca, filha de Geraldo Simões de Castro e de Rosa Gabriela da Franca, e teve:

F1 Úrsula Isabel da Franca, c.c. João Manuel Barbosa.

581 — *João Manuel Barbosa* c.c. Úrsula Isabel da Franca, filha de João Pires Garcia e de Maria Madalena do Nascimento da Franca, e teve:

F1 João Manuel Barbosa da Franca.

F2 José Manuel Barbosa da Franca.

FREITAS MAGALHÃES

582 — *Gaspar de Freitas Magalhães*, nascido em Ponte de Lima, pessoa no-

bre com fôro de fidalgo, veio para a Baía a fim de exercer aí o cargo de provedor da alfândega. Em 20 de outubro de 1587 c.c. Policena de Sousa Bittencourt, filha de Francisco Álvares Ferreira de Bittencourt e de Policena de Sousa, tendo filhos:

F1 Francisco de Freitas Magalhães, c.c. Maria Barbosa de Almeida, Brites de Menezes e Custódia de Menezes.

F2 Isabel de Almeida, c.c. Mateus Pereira de Menezes.

F3 Beatriz de Freitas, c.c. João Álvares do Rêgo.

F4 Constança de Sousa Bittencourt, c.c. Bartolomeu Rabelo de Macedo.

F5 Antônio de Freitas.

F6 Maria de Sousa Bittencourt.

583 — F1 *Francisco de Freitas Magalhães*, fidalgo da casa real, aos 11 de novembro de 1618, em Paripe, c.c. Maria Barbosa de Almeida, filha de Francisco Dias de Almeida e de Águeda Barbosa de Barbuda, tendo tido uma filha:

N1 Maria Barbosa, c.c. Gaspar Pereira de Menezes.

Depois, em Pirajá, a 28 de janeiro de 1620, c.c. Brites de Menezes, filha de Duarte Moniz Barreto e de Helena de Melo de Vasconcelos, batizada a 2 de outubro de 1588. Por fim, c.c. Custódia de Menezes, filha de Gaspar Pereira e de Ângela Lôbo de Mendonça, batizada a 10 de janeiro de 1602 e falecida a 24 de fevereiro de 1668, com a qual teve:

N2 Ângela de Menezes, c.c. Baltazar de Barbuda.

N3 Mariana de Menezes, c.c. Nicolau de Freitas Lôbo.

N4 Pedro de Freitas Magalhães, c.c. Mariana de Vasconcelos.

584 — N4 *Pedro de Freitas Magalhães*, aos 15 de outubro de 1691, em São Tomé, c.c. Mariana de Vasconcelos, filha de Lucas Pinto Coelho e de

Francisca de Menezes, batizada a 6 de dezembro de 1675. Pai de:

Bn1 Lucas Pinto Coelho, c.c. Apolônia Pereira.

585 — Bn1 *Lucas Pinto Coelho*, na igreja de São Pedro dos Clérigos, a 18 de outubro de 1728, c.c. Apolônia Pereira, filha de José Pacheco Freire e de Mariana da Silva, sendo pai de:

Tn1 José Pereira Pinto, batizado em 8 de setembro de 1730, em Pirajá.

586 — *Bartoloméu Rabelo de Macedo* c.c. Constança de Sousa Bittencourt, filha de Gaspar de Freitas Magalhães e de Policena de Sousa Bittencourt, tendo filhos:

F1 Policena de Sousa Rabelo, c.c. Francisco Moniz Teles.

F2 Maria de Sousa, c.c. Antônio Vaz de Soure.

F3 Gaspar de Freitas.

F4 Isabel Correia, c.c. Gaspar de Freitas Magalhães.

F5 Inês de Sousa.

F6 Francisca de Sousa.

587 — *Antônio Vaz de Soure* c.c. Maria de Sousa, filha de Bartolomeu Rabelo de Macedo e de Constança de Sousa Bittencourt, tendo "entre outros filhos":

F1 Álvaro de Sousa, padre.

ARMAS

588 — *Luís de Armas*, morador na Baía de antes da fundação da cidade e que em janeiro de 1571 obtivera uma sesmaria destinada a lavouras e engenho, à foz do rio Joanes, era c.c. Catarina Jaques e teve filhos:

F1 Mecia de Armas, c.c. Belchior de Sousa Dormundo e Rafael Teles.

F2 Isabel Jaques de Armas, c.c. Belchior de Sá Souto-Maior.

589 — *Belchior de Sá Souto-Maior* c.c. Isabel Jaques de Armas, filha de Luís de Armas e de Catarina Jaques, tendo um filho:

F1 Cristóvão da Cunha de Sá Souto-Maior, c.c. Francisca de Sousa e Cecília Soeiro.

590 — F1 *Cristóvão da Cunha de Sá Souto-Maior*, cavaleiro professo na ordem de São Bento, c.c. Francisca de Sousa, filha de Eusébio Ferreira e de Catarina de Sousa, sendo pai de:

N1 Belchior de Sá, falecido na juventude.

Depois c.c. Cecília Soeiro, filha de Duarte Lopes Soeiro e de Maria de Sousa Dormundo, batizada a 27 de novembro de 1630.

PAIVA E BRITO

591 — *Francisco de Paiva*, natural do concelho de Paiva, arcebispado do Pôrto, veio para a Baía, onde se c.c. Ângela de Sousa, filha de Antônio de Sousa Dormundo e de Joana Barbosa, sendo pai de:

F1 Brites de Sousa, c.c. Francisco de Araújo de Brito.

F2 Antônio de Paiva Dormundo.

F3 Joana de Araújo, c.c. João Batista Nigre.

592 — *Francisco de Araújo de Brito*, nascido em Viana, arcebispado de Braga, foi capitão e c.c. Brites de Sousa, filha de Francisco de Paiva e de Ângela de Sousa. Pai de:

F1 Antônio de Brito Correia, c.c. Isabel Maria de Oliveira e Francisca de Araújo.

F2 Maria de Brito Correia, c.c. Francisco Dias do Amaral.

F3 Vasco de Brito de Sousa, capitão, falecido na Índia, solteiro.

F4 Francisco de Araújo, falecido solteiro.

593 — F1 *Antônio de Brito Correia* foi coronel e c.c. Isabel Maria de Oliveira, filha de Bartolomeu de Oliveira e de Maria de Galegos, do Rio de Janeiro. Pai de:

N1 Antônio de Brito de Araújo, c.c. Luzia Teles de Menezes.

N2 Francisco de Araújo re Brito.

N3 Brites da Glória, religiosa no Destêrro.

Depois c.c. Francisca de Araújo, batizada a 28 de fevereiro de 1675, filha de João Batista Nigre e de Joana de Araújo.

594 — N1 *Antônio de Brito de Araújo* c.c. Luzia Teles de Menezes, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de Inês Teles de Menezes, batizada a 9 de abril de 1713. Pai de:

Bn1 Antônio de Brito de Oliveira.

Nn2 Francisco Teles de Brito Correia.

Bn3 Joana Maria de Brito, c.c. Manuel da Cunha Fróis.

595 — *João Batista Nigre*, filho de Gregório Rodrigues Varela e de Maria Bernardes nascido na Baía, aos 28 de janeiro de 1668, na freguesia do Monte, c.c. Joana de Araújo, filha de Francisco de Paiva e de Ângela de Sousa, tendo filhos:

F1 João Batista Nigre, batizado a 26 de janeiro de 1684 pelo arcebispo João da Madre de Deus, foi sacerdote secular.

F2 Manuel Batista de Araújo, cônego da sé da Baía.

F3 Ângela de Sousa, c.c. Vicente Pereira do Lago.

F4 Joana de Araújo, c.c. Diogo de Sá Barreto.

F5 Francisca de Araújo, c.c. Antônio de Brito Correia.

F6 Antônia de Araújo, que faleceu solteira.

PARUÍ DE BRITO

596 — *Sebastião Paruí de Brito*, nascido em Évora, do casal André Paruí e Leonor de Brito, sendo licenciado, na Baía c.c. Ana de Argolo, filha de Manuel de Sá Souto-Maior e de Helena de Argolo. Por motivo do casamento teve a propriedade do ofício de provedor da fazenda e alfândega, que pertencia a seu sogro e por êle obtida, segundo indicação de sua sogra, à vista da pobreza em que ela se achava, viúva com oito filhas. Por alvará régio de janeiro de 1615 foi confirmado no cargo e o exerceu até 1638, quando o passou a seu genro Antônio de Brito de Castro, por ordem do rei. Antes, Paruí fôra ouvidor no Rio de Janeiro e em 1628 o governador o designou, para, cumulativamente, exercer o cargo de provedor-mór dos defuntos e ausentes, o que se deu até 1630, vindo êle a falecer a 20 de janeiro de 1661, com sepultura na igreja de São Francisco. Filhos seus:

F1 Leonor de Brito, c.c. Antônio de Brito de Castro.

Falecida Ana de Argolo em 1626, teria Paruí de Brito c.c. a viúva Joana de Argolo, filha de Paulo de Argolo e de Felícia Lôbo. Pai de:

F2 Manuel de Brito Lôbo, c.c. Margarida de Araújo.

F3 André de Brito Lôbo, que faleceu solteiro.

597 — F2 *Manuel de Brito Lôbo* foi cavaleiro professo na ordem de Cristo e c.c. Margarida de Araújo, filha de Feliciano de Araújo Soares, tendo filhos:

N1 Antônia de Melo Vasconcelos, c.c. Pedro Baldes Barbosa.

N2 Luzia de Melo, batizada a 3 de julho de 1649.

N3 André Paruí de Brito, batizado a 25 de maio de 1652.

N4 Sebastião Paruí de Brito, batizado a 14 de maio de 1657.

N5 Manuel de Brito Lôbo, c.c. Teresa Borges de Abreu.

N6 Feliciano de Araújo de Brito.

N7 Bento de Araújo de Brito, c.c. Teresa Inácia de Menezes.

N8 Ana de Brito, c.c. Henrique da Cunha Barbosa e ambos pais de Leonor de Brito de Melo, que faleceu solteira.

598 — N5 *Manuel de Brito Lôbo*, aos 14 de outubro de 1697 c.c. Teresa Borges de Abreu, filha de Cristóvão Barbosa Vilas-Boas e de Bárbara Borges de Abreu. Pai de:

Bn1 Manuel de Brito.

Bn2 Maria Madalena.

599 — N7 *Bento de Araújo de Brito*, batizado na igreja da Purificação a 29 de dezembro de 1660, c.c. Teresa Inácia de Menezes, filha de Manuel Botelho de Oliveira e de Antônia de Menezes, tendo filhos:

Bn3 Sebastião Paruí de Brito, c.c. Marcelina de Araújo de Vasconcelos.

Bn4 Teresa de Menezes, falecida ainda solteira.

600 — Bn3 *Sebastião Paruí de Brito*, *in periculo mortis* c.c. a viúva Marcelina de Araújo de Vasconcelos, com a qual, ainda casada com Antônio Rosado, teve esta filha:

Tn1 Maria Teresa da Conceição de Brito, c.c. José da Rocha Pôrto.

601 — *Pedro Baldes Barbosa*, filho de Justo Baldes e de Leonor Barbosa, c.c. Francisca Coutinho, filha de Antônio Moniz Teles e de Cristina Coutinho, batizada em Paripe a 1 de outubro de 1637. Casados a 3 de fevereiro de 1675, pais de:

F1 Geraldo Baldes Leitão, c.c. Teresa Moniz Teles.

Depois, c.c. Antônia de Melo Vasconcelos, filha de Manuel de Brito Lôbo e de Margarida de Araújo, batizada a 8 de maio de 1646. Ainda c.c. Maria-

na. de Menezes, filha de Diogo Moniz Barreto e de Mecia de Aragão de Menezes, deixando-a viúva.

602 — F1 *Geraldo Baldes Leitão*, a 20 de novembro de 1679, na freguesia do Socorro, c.c. a sua tia Teresa Moniz Teles, filha de Antônio Moniz Teles e de Cristina Coutinho, sem sucessão.

SUTIL DE SIQUEIRA

603 — *Francisco Sutil de Siqueira*, português, das primeiras famílias de Tancos, familiar do Santo Ofício, cavaleiro da ordem de Cristo, licenciado, na Baía c.c. Joana de Argolo, filha de Paulo de Argolo e de Felícia Lôbo. Faleceu a 4 de abril de 1619, com sepultura no convento do Carmo. Pai de:

F1 Francisco dos Anjos, carmelita calçado.

F2 Agostinho Sutil de Siqueira, c.c. Francisca de Menezes.

604 — F2 *Agostinho Sutil de Siqueira* c.c. uma Francisca de Menezes e faleceu a 18 de junho de 1683, com sepultura no Socorro. Pai de:

N1 Francisco Sutil de Siqueira, c. c. Bárbara de Azevedo Henriques.

N2 Joana de Argolo de Menezes, c.c. Bras Lôbo de Mesquita.

N3 Maria de Menezes, c.c. João de Barros Aranha.

N4 Leonor de Menezes, batizada na capela de São Paulo a 19 de novembro de 1646.

N5 Mariana de Menezes, c.c. Lucas Tavares de Alvim.

N6 Antônia de Menezes, c.c. Antônio Teles Pereira.

N7 Ângela de Menezes, falecida de pouca idade.

605 — N1 *Francisco Sutil de Siqueira*, aos 2 de abril de 1667, na sé, c.c. Bárbara de Azevedo Henriques, filha de Antônio Mendes de Oliva e de Isabel de Azevedo Henriques, falecendo ela

a 8 de março de 1686 e êle a 3 de setembro de 1639, Pai de:

Bn1 Agostinho Sutil de Siqueira, batizado a 26 de fevereiro de 1668.

Bn2 Isabel Maria de Azevedo, c.c. Manuel de Azevedo Negro.

Bn3 Sebastião Sutil de Siqueira, c. c. Ana de Figueiró.

Bn4 Joana Luísa de Menezes, c.c. Luís de Oliva Franca.

606 — Bn3 *Sebastião Sutil de Siqueira*, batizado a 1 de fevereiro de 1671, c.c. Ana de Figueiró, filha de Manuel de Matos de Viveiros e de Francisca, da Silva. Ana adotou o nome Sutil, intercalado no seu nome, "por fazer a vontade ou lisonja a seu marido, pois muito se amavam".

607 — *Bras Lôbo de Mesquita*, aos 5 de dezembro de 1654, em Passé, c.c. Joana de Argolo de Menezes, filha de Agostinho Sutil de Siqueira e de Francisca de Menezes. Pai de:

F1 Francisca de Menezes, batizada a 25 de maio de 1656.

F2 Maria de Menezes, batizada a 4 de fevereiro de 1658.

F3 Clara de Menezes, batizada a 18 de janeiro de 1660.

F4 Ana de Mesquita de Menezes, batizada a 22 de novembro de 1664.

F5 Baltazar Lôbo, c.c. Águeda Moreira.

F6 Francisco Moniz Barreto, c.c. Inês de Castro.

608 — F6 *Francisco Moniz Barreto*, a 30 de novembro de 1719, na freguesia do Socorro, c.c. Inês de Castro, filha de José de Araújo Góis e de Francisca de Freitas Pimentel.

JOÃO SERRÃO

609 — *João Serrão*, do qual não conhecemos dados relativos à ligação com ou-

ros de sua família encontrados na Baía, era filho de Francisco Chaves e de Clara Serrão, nascido em 1561 em Bragança e lavrador de terras no recôncavo da Baía. C.c. Constança de Pina, filha de João Rodrigues Palha e de Mecia de Lemos, o ato celebrado a 1 de maio de 1580 pelo padre Jorge de Pina. Pai de:

F1 Mecia de Lemos, c.c. Francisco de Freitas de Barros.

F2 Jorge de Pina, batizado a 3 de outubro de 1584.

F3 Valentim Serrão, batizado a 20 de fevereiro de 1587.

F4 Francisco de Pina, batizado a 2 de maio de 1588.

F5 Fulgêncio de Lemos, batizado a 11 de março de 1592.

BRANDÃO COELHO

610 — *Belchior Brandão Coelho*, dado como coronel, era casado com Maria Pestana, falecida a 8 de agosto de 1653, com sepultura no Iguape. Pai de:

F1 Sebastião Brandão Coelho, c.c. Inês de Novais.

F2 Miguel Brandão Coelho, c.c. Mônica do Amaral.

F3 Isabel Brandão c.c. Bras Rebelo Falcão.

F4 Francisco Brandão Coelho, c.c. Antônia Soares.

Depois c.c. Ana Beltraite, cuja origem se ignora e com a qual teve:

F5 Ana Brandão, c.c. Manuel da Rocha Rêgo.

611 — F1 *Sebastião Brandão Coelho*, capitão, c.c. Inês de Novais e faleceu a 6 de abril de 1675. Pai de:

N1 Joana, batizada a 3 de janeiro de 1651.

N2 Francisco Brandão, batizado a 28 de julho de 1653.

N3 Ana de Novais, c.c. Domingos Barbosa de Araújo.

N4 Antônio Coelho Brandão, c.c. Ana Brandão.

612 — F2 *Miguel Brandão Coelho*, a 11 de novembro de 1629 c.c. Mônica do Amaral, filha de Miguel Ferreira Feio e de Isabel Serrão. Mônica ficara como administradora da capela instituída por seu pai, conforme testamento de 9 de outubro de 1625. Nasceram do casal:

N5 Miguel Ferreira Brandão, c.c. Bernarda de Sousa.

N6 Belchior, batizada a 2 de outubro de 1633.

N7 Maria, batizada a 13 de dezembro de 1634.

N8 Antônio, batizado a 10 de fevereiro de 1636.

N9 Francisco Soares Brandão, c.c. Francisca de Menezes.

613 — F9 *Francisco Brandão Coelho* c.c. Antônia Soares e faleceu a 24 de abril de 1660, deixando filhos.

N10 Úrsula Feio Soares, c.c. José de Araújo Góis.

N11 Miguel Soares Brandão, c.c. Catarina de Azevedo.

N12 Joana Soares Brandão.

614 — N4 *Antônio Coelho Brandão*, testamenteiro de seu pai, c.c. Ana Brandão a 10 de agosto de 1694, na capela do Acupe.

615 — N5 *Miguel Ferreira Brandão*, batizado a 2 de maio de 1632, c.c. Bernarda de Sousa, filha de Francisco de Castro e de Marta de Sousa, aos 13 de outubro de 1655. Pai de:

Bn1 Inácio de Sousa.

Bn2 Marta de Sousa, c.c. Bento Pereira Ferraz e João Pereira de Vasconcelos.

616 — N9 *Francisco Soares Brandão* c.c. Francisca de Menezes, filha de Antônio Moreira de Gamboa e de Antônia Dória de Menezes, tendo filhos:

Bn3 Mônica Serrão de Menezes c.
c. Antônio Barbosa de Araújo.

617 — N11 *Miguel Soares Brandão*
c.c. Catarina de Azevedo, filha de Já-
come Coelho e de Apolônia Nunes de
Azevedo.

618 — *Manuel da Rocha Rêgo*, filho
de Baltazar de Araújo Barbosa e de
Maria de Brito Correia, residentes no
arcebispado de Braga, aos 15 de agosto
de 1668, no Iguape, c.c. Ana Brandão,
filha de Belchior Brandão Coelho e de
Ana Beltraite tendo paraninfado o ato
Gonçalo Rodrigues de Araújo e Fran-
cisco Rabelo de Macedo.

619 — *Domingos Barbosa de Araújo*,
filho de Pedro Correia e de Marga-
rida Barbosa de Araújo, naturais do ar-
cebispado de Braga, a 25 de fevereiro
de 1706, na capela de Guadalupe, re-
côncavo da Baía, c.c. Ana de Novais,
filha de Sebastião Brandão Coelho e de
Inês de Novais, batizada a 10 de janeiro
de 1656.

620 — *João Pereira de Vasconcelos*,
a quem Jaboatão chama desembargador,
não oferece elementos por que se lhe co-
nheçam os antecedentes. Na Baía
teria c.c. a viúva Marta de Sousa, fi-
lha de Miguel Ferreira Brandão e de
Bernarda de Sousa. Viúvo, c.c. Antô-
nia de Araújo Barbalho, filha de An-
tônio Barbalho da Franca e de Rosa
de Araújo de Aragão. Não consta em
Jaboatão referência a descendentes de
Vasconcelos, mas na milícia oficial, pos-
teriormente à sua morte, houve um alfe-
res com o nome João Pereira de Vas-
concelos Côte-Real, ao qual se pode
atribuir ascendência em Vasconcelos, sa-
bendo-se que sua segunda mulher tinha
sangue na família Côte-Real, através
de Barbalho e de Negreiros.

PAIS DE AZEVEDO

621 — *Aleixo Pais* veio de Portugal
para a Baía, onde viveu honradamente
do seu trabalho. Ai c.c. Apolônia Nu-
nes, irmã do jesuíta Antônio ou João
Nunes, tendo tido apenas um filho:

F1 Sebastião Pais, c.c. Isabel de
Azevedo e Maria de Lacerda Coutinho.

622 — F1 *Sebastião Pais* foi c.c.
Isabel de Azevedo, filha de Gaspar de
Azevedo e de Maria Nunes do Rêgo, e
teve filhos:

N1 Aleixo Pais de Azevedo, c.c.
Francisca de Vasconcelos.

N2 Manuel Nunes de Azevedo, c.c.
Apolônia de Lacerda.

N3 Antônio Pais, c.c. Maria Néri
do Rêgo.

N4 João Pais, falecido ainda menor.

N5 Úrsula Pais de Azevedo, c.c.
Miguel Moniz Barreto.

N6 Ângela Pais, c.c. Estêvão Go-
mes de Escobar.

N7 João Pais, carmelita e provincial,
falecido, com outros religiosos, num nau-
frágio, em viagem a Pernambuco. Bati-
zado a 28 de julho de 1637.

N8 Jácome Pais, c.c. Isabel Godi-
nho Freire.

N9 José Pais, que tendo ordens me-
nores, veio a casar, com desgosto do
pai.

N10 Maria do Rêgo, c.c. Gaspar de
Araújo Góis.

N11 Luzia da Cruz de Azevedo, c.
c. Sebastião Pereira de Melo.

N12 Salvador Pais, batizado em Co-
tegipe a 10 de agosto de 1640.

N13 Apolônia Nunes de Azevedo, c.
c. Jácome Coelho.

N14 Luzia Coutinho, c.c. Joaquim
Barros de Araújo.

Em segundas núpcias c.c. Maria de
Lacerda Coutinho, filha de João Barbo-
sa Coutinho e de Francisca da Fonseca
de Góis. Pai de:

N15 Isabel de Lacerda Coutinho, c. c. Alonso Marques e José Teles de Barbuda.

N16 Inês Coutinho, c.c. Manuel Fernandes Cordeiro.

N17 Francisca Coutinho, c.c. Vicente Pereira de Melo.

N18 Mafgarida de Lacerda Coutinho, c.c. Francisco de Freitas de Menezes.

N19 Teresa de Lacerda Coutinho, c. c. Constantino Moniz Teles.

N20 Cristina Coutinho, c.c. Antônio Moniz Teles.

N21 Elias de Góis Coutinho.

N22 Águeda Coutinho, c.c. Manuel de Barbuda de Menezes.

N23 Bento Ferraz Coutinho.

623 — N1 *Aleixo Pais de Azevedo*, batizado a 30 de outubro de 1622, aos 13 de dezembro de 1650, em Cotegipe, c.c. Francisca de Vasconcelos, filha de Gaspar de Araújo Góis e de Maria de Vasconcelos, batizada a 13 de março de 1635. Pai de:

Bn1 Aleixo Pais de Vasconcelos.

Bn2 Miguel de Góis de Vasconcelos, c.c. Josefa de Góis.

Bn3 Isabel Teresa de Góis, c.c. José de Góis Araújo.

Bn4 Antônia Maria de Vasconcelos, c.c. Pedro Barbosa Leal e Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque.

Bn5 Maria de Vasconcelos, c.c. José Sanches Delpoço.

Bn6 Luzia de Vasconcelos, c.c. Jerônimo da Costa Pinto.

Bn7 Ana de Vasconcelos, c.c. José de Araújo Góis.

624 — N2 *Manuel Nunes de Azevedo*, batizado a 9 de novembro de 1626, c.c. Apolônia de Lacerda.

625 — N3 *Antônio Pais*, batizado a 25 de outubro de 1628, c.c. Maria Né-ri do Rêgo a 27 de agosto de 1663.

626 — N8 *Jácome Pais*, batizado a 20 de junho de 1639, c.c. Isabel Godi-

nho Freire e faleceu a 2 de agosto de 1710, deixando como testamenteiros a sua viúva e os filhos:

Bn8 Domingos Ferraz de Sousa e

Bn9 João Pais de Sousa.

626-A — Bn2 *Miguel de Góis de Vasconcelos*, em Cotegipe, aos 23 de março de 1674, c.c. Josefa de Góis, filha de José de Góis de Araújo e de Isabel Teresa de Góis. Pai de:

T1 Rosa,

T2 Teresa e

T3 Maria, religiosas na ilha Terceira.

T4 Isabel de Góis.

T5 Dionísio de Araújo Góis.

627 — *Estêvão Gomes de Escobar*, licenciado, c.c. Ângela Pais, filha de Sebastião Pais e de Isabel de Azevedo, batizada a 4 de outubro de 1635, constando a existência de filhos seus. Em janeiro de 1673 o governador considerou reformada e extinta a companhia da milícia que estava sob o comando do capitão Estêvão Gomes de Escobar, possivelmente o de que se trata aqui.

628 — *Jácome Coelho*, nascido em Barcelos (Portugal), vindo para a Baía aí c.c. Apolônia Nunes de Azevedo, filha de Sebastião Pais e de Isabel de Azevedo. Pai de:

F1 Catarina de Azevedo, c.c. Miguel Soares Brandão.

F2 Maria de Azevedo, c.c. Antônio Simões de Castro.

F3 Jerônimo Coelho de Azevedo.

F4 José Coelho de Azevedo.

F5 Luzia de Azevedo, c.c. Luís de Matos Coutinho.

F6 Sebastião de Góis de Azevedo, falecido a 13 de outubro de 1647.

F7 Cristóvão Coelho de Azevedo, falecido a 27 de fevereiro de 1642.

629 — *João de Barros de Araújo* c. c. Luzia Coutinho, filha de Sebastião Pais e de Maria de Lacerda Coutinho. Consta a existência de dois filhos do casal, menores ao tempo da morte de Luzia, antes de 17 de agosto de 1671. Depois c.c. Helena de Barros, filha de Antônio de Oliveira de Carvalho e de Maria de Barros de Magalhães, sem filhos.

630 — *Jerônimo da Costa Pinto*, natural do bispado de Guarda, filho de Inácio Fernão de Azevedo e de Juliana da Costa Pinto, sendo capitão na Baía, a 10 de novembro de 1695 c.c. Luzia de Vasconcelos, filha de Aleixo Pais de Azevedo e de Francisca de Vasconcelos.

ARAGÃO E ARAÚJO

631 — *Baltazar de Aragão* havia sido capitão-mór em Angola, onde lhe deram a alcunha *O Bângala*, à vista das suas crueldades com os escravos, castigando-os com rigor. No idioma de Angola, bângala quer dizer *pau duro*. Na Baía, para onde veio, continuou capitão-mor e foi até governador interino, aí se casando com a viúva Maria de Araújo, filha de Francisco de Araújo e de Maria Dias. Pais de:

F1 Francisco de Araújo de Aragão, c.c. Ana de Barros Soeiro.

F2 Baltazar de Aragão de Araújo, c.c. Catarina de Barros de Brito.

F3 Isabel de Aragão, c.c. Diogo de Aragão Pereira.

F4 Maria de Araújo de Aragão, c.c. Domingos Garcia de Melo.

Francisca de Araújo. Têrmo dos jesuítas p. 314.

632 — F1 *Francisco de Araújo de Aragão*, senhor do engenho novo no Paraguaçu, c.c. Ana de Barros Soeiro, filha de Manuel de Barros e de Cecília Soeiro, tendo tido filhos:

N1 Manuel de Araújo de Aragão, c. c. Maria Adorno.

N2 Francisco de Araújo de Aragão, c.c. Agueda de Sousa de Góis.

N3 João de Aragão, clérigo.

N4 Baltazar de Aragão, sem descendentes.

N5 Francisca de Aragão, c.c. Jerônimo Sodré Pereira.

N6 Ana de Araújo de Aragão, c.c. Pedro Camelo de Aragão Pereira e Antônio Guedes de Paiva.

N7 Isabel de Aragão, c.c. Cristóvão Cavalvanti de Albuquerque.

N8 Cecília de Araújo de Aragão, c. c. Francisco Pereira de Araújo.

633 — F2 *Baltazar de Aragão de Araújo* c.c. Catarina de Barros de Brito, filha de Paulo de Barros, sem sucessão.

634 — N1 *Manuel de Araújo de Aragão* casou-se a 8 de janeiro de 1667 com Maria Adorno, filha de Gaspar Rodrigues Adorno e de Felipa Álvares. Faleceu a 11 de janeiro de 1709 e Maria a 27 de setembro de 1721. Foram pais de:

Bn1 Manuel de Araújo de Aragão, c.c. Maria de Aragão.

Bn2 Antônio de Araújo de Aragão.

Bn3 Gonçalo de Araújo de Aragão.

Bn4 Cosme de Araújo de Aragão.

Bn5 Sebastião de Araújo de Aragão.

Bn6 Brites de Aragão.

Bn7 Maria de Araújo de Aragão.

Bn8 a Bn12 religiosas em Portugal.

635 — N2 *Francisco de Araújo de Aragão* casou-se a 28 de agosto de 1688 com Agueda de Sousa de Góis, filha de Manuel Pereira de Góis e de Ana Brandão de Sousa. Foi alcaide-mór da cidade da Baía na vaga de Antônio Teles de Menezes e por provisão de 1 de março de 1687. Faleceu a 8 de julho de 1705. Pais de:

Bn13 Ana de Sousa de Aragão, c.c. Antônio Machado Velho.

Bn14 Maria de Araújo de Sousa de Aragão, c.c. José da Costa Bulcão.

Bn15 Manuel de Araújo de Aragão.

Bn16 Francisco de Araújo (bastardo) c.c. Francisca Pinheiro.

636 — Bn1 *Manuel de Araújo de Aragão* c.c. Maria de Aragão, filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de Ana de Araújo de Aragão, tendo filhos:

Tn1 Manuel de Araújo de Aragão.

Tn2 Antônio de Araújo de Aragão.

Tn3 João Alexandre de Aragão, c. c. Brites Cavalcanti.

Tn4 José de Araújo de Aragão, c. c. Úrsula Cavalcanti.

Tn5 Francisco de Araújo de Aragão, c.c. Ana Cavalcanti de Albuquerque.

Tn6 Florinda de Aragão, c.c. João Gonçalves Fiúsa.

Tn7 Lucas de Araújo de Aragão.

637 — Bn16 *Francisco de Araújo de Aragão* (bastardo) c.c. Francisca Pinheiro, filha de Antônio Rodrigues Pinheiro e de Francisca Ferreira, tendo filhos:

Tn8 Ana Pinheiro de Aragão, c.c. Francisco Gil Garcia de Araújo.

638 — Tn3 *João Alexandre de Aragão* c.c. Brites Cavalcanti, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Barros, não constando sucessão.

639 — Tn4 *José de Araújo de Aragão* c.c. Úrsula Cavalcanti, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Barros, não constando sucessão.

640 — Tn5 *Francisco de Araújo de Aragão* c.c. Ana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Cristóvão Tavares de Moraes e Sá e de Adriana Cavalcanti de Albuquerque. Pai de:

4n1 Maria Francisca de Araújo de Aragão c.c. José Pires de Carvalho e Albuquerque.

641 — *Belchior de Aragão de Sousa*, procedente da ilha da Madeira, c.c. Maria Dias, filha de Francisco Araújo e de Maria Dias, tendo filhos:

F1 Baltazar de Aragão de Sousa, c. c. Leonor Correia Peixoto.

F2 Belchior de Aragão de Sousa, c. c. Maria da Rocha Peixoto.

F3 Antônia de Aragão, c.c. Luís Pereira de Aragão.

F4 Isabel de Aragão, c.c. Francisco Barreto de Menezes.

642 — F1 *Baltazar de Aragão de Sousa*, aos 20 de agosto de 1642, na igreja da Ajuda, c.c. Leonor Correia Peixoto, filha de Belchior Velho e de Maria Correia Peixoto, moradores na freguesia de São Tiago do Paraguaçu. Celebrou o ato, com licença do provisor Diogo Lopes Chaves, o padre Rafael de Perada, sendo padrinhos o governador Lourenço de Brito Correia, Joana Correia, Paula de Barros, Manuel Soares Homem e Martin Soares Moreno.

643 — F2 *Belchior de Aragão de Sousa* c.c. Maria da Rocha Peixoto, filha de Belchior Velho e de Maria Correia Peixoto, tendo filhos:

N1 Maria de Aragão de Sousa, c.c. Paulo Barbosa de Meireles.

N2 Gaspar de Aragão de Sousa.

644 — *Diogo de Aragão Pereira*, natural da ilha da Madeira, fidalgo da casa real, homem de raras prestadias, c.c. Isabel de Aragão, filha de Baltazar de Aragão e de Maria de Araújo. Isabel faleceu a 13 de junho de 1655, tendo instituído da sua t rça um morgado em favor de seu segundo filho. O casal teve:

F1 Pedro Camelo de Aragão Pereira, c.c. Maria de Menezes e Ana de Araújo de Aragão.

F2 Antônio de Aragão Pereira, c.c. Mariana de Araújo Pimentel e Catarina Garcia de Aragão.

F3 Diogo de Aragão Pereira, c.c. Inês de Aiala.

F4 Inês de Aragão, c.c. Antônio de Aragão.

F5 Maria de Aragão, c.c. Sebastião de Brito de Castro.

645 — F1 *Pedro Camelo de Aragão Pereira*, coronel da ordenança na Baía, dispondo de recursos e prestígio social, faleceu a 29 de novembro de 1687. Era c.c. Maria de Menezes, filha de Francisco Barreto de Melo e de Águeda de Barbuda, tendo êstes filhos:

N1 Francisco Barreto de Aragão, c. c. Catarina Correia de Sá.

N2 Antônio de Aragão Pereira, c.c. Úrsula de Aragão e Maria de Menezes.

N3 Isabel de Menezes de Aragão, c. c. José Garcia de Aragão de Araújo.

Depois c.c. Ana de Araújo Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Ana de Barros Soeiro, tendo filhos:

N4 Francisco de Araújo, c.c. Sebastiana Guedes de Brito e Perpétua da Silva.

N5 Benedito, religioso beneditino, falecido a 28 de fevereiro de 1763.

N6 Pedro Camelo de Aragão Pereira, batizado a 13 de outubro de 1762.

N7 Antônia de Araújo de Aragão, c.c. Pedro Pais Machado e Francisco de Negreiros Côte-Real.

N8 Maria de Aragão, c.c. Mannel de Araújo de Aragão.

N9 Rosa de Araújo de Aragão, c.c. Antônio Barbalho da Franca.

N10 Vitória de Araújo de Aragão, c. c. Fernão Pereira de Macedo.

N11 Tomé de Aragão, batizado a 5 de outubro de 1687, em Iguape.

646 F2 *Antônio de Aragão Pereira* teve em seu favor a instituição de um morgado, criado por sua mãe, do qual a administração veio a ser de fr. Benedito, tio de Antônio, por morte dêste a 27 de maio de 1740, com sepultura no seminário de Belém. C.c. Mariana de Araújo Pimentel, filha de Antônio da Silva Pimentel e de Joana de Araújo, falecida a 18 de janeiro de 1676. Já a 25 de novembro do mesmo ano, c.c. Catarina Garcia de Aragão, filha de Domingos Garcia de Melo e de Maria de Araújo de Aragão, falecida a 25 de novembro de 1725. Não deixou sucessão.

647 — F3 *Diogo de Aragão Pereira* c.c. Inês de Aiala, filha de Manuel de Uzeda Aiala e de Bárbara de Góis de Macedo, falecida a 7 de outubro de 1722. Pai de:

N12 Catarina de Aragão e Aiala, c. c. Jorge de Brito e Félix de Bittencourt de Sá.

648 — N1 *Francisco Barreto de Aragão*, coronel do regimento de infantaria no Iguape, grande proprietário, c.c. Catarina Correia de Sá, filha de Salvador Correia de Sá e de Maria de Araújo Góis. Faleceu a 2 de setembro de 1736. Pai de:

Bn1 Catarina Francisca Correia de Aragão, c.c. Francisco Dias de Ávila e Pedro de Albuquerque Câmara.

Bn2 Antônia Maria de Menezes, c. c. Antônio Machado Velho.

649 — N2 *Antônio de Aragão Pereira* c.c. a viúva Úrsula de Aragão, filha de Domingos Garcia de Aragão e de Catarina Pais, falecida a 5 de setembro de 1700, após nove meses do casamento. A 8 de setembro de 1710 c.c. Maria de Menezes, filha de José Garcia de Aragão de Araújo e de Isabel de Menezes de Aragão, e faleceu a 27 de maio de 1740, com sepultura no seminário de Belém, sem deixar descendentes.

650 — N4 *Francisco de Araújo de Aragão*, batizado a 2 de setembro de 1674, coronel de regimento, nome de prol na sociedade baiana, c.c. Sebastiana Guedes de Brito. Atribui-se aparentemente do coronel Antônio Guedes de Brito, figura exponencial de seu tempo. Pai de:

Bn3 Ana Guedes de Aragão, c.c. Pedro Pais Machado de Aragão.

Depois, a 12 de setembro de 1701, c. c. Perpétua da Silva, filha de Domingos da Silva Morro, tendo filhos:

Bn4 Domingos da Silva de Aragão.

Bn5 Inês da Silva de Aragão, c.c. Caetano de Bittencourt de Sá.

Bn6 Úrsula Bezerra de Aragão, c.c. Félix de Bittencourt de Sá.

651 — *Luís Pereira de Aragão*, nascido na ilha da Madeira, filho de Luís Gomes da Gama e de Maria de Aragão, esta irmã de Belchior de Aragão de Sousa, o 1.º, vindo para a Baía, aí c. c. Antônio de Aragão, sua sobrinha, cujos pais, Belchior de Aragão de Sousa e Maria Dias, não desejavam o casamento. O papa Urbano 8.º, entretanto, dispensou quaisquer exigências de parentesco dos nubentes, celebrando-se o ato na freguesia do Socorro. Pai de:

F1 Isabel de Aragão, c.c. João Ribeiro de Araújo.

F2 Maria de Aragão, c.c. Nicolau de Carvalho Pinheiro.

F3 Belchior de Aragão Pereira, clérigo secular, falecido a 10 de outubro de 1674.

652 — *Antônio Guedes de Paiva* era capitão, tendo residência no distrito de Pirajuia, recôncavo da Baía, entre 1667 e 1673. A 29 de janeiro de 1689 c.c. a viúva Ana de Araújo de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão

e de Ana de Barros Soeiro, com a qual teve uma filha:

F1 Ana de Paiva de Aragão, batizada a 16 de novembro de 1689, na capela do engenho da Ponta.

653 — *João Ribeiro de Araújo*, filho de João Ribeiro Travassos e de Isabel de Araújo, c.c. Isabel de Aragão, filha de Luís Pereira de Aragão e de Antônio de Aragão e teve um filho:

F1 Antônio de Aragão.

654 — *Paulo Barbosa de Meireles*, nascido no bispado do Pôrto e filho de Amador da Cruz e de Maria Máfera Possante, aos 7 de julho de 1670, no Iguape, c.c. Maria de Aragão de Sousa, filha de Belchior de Aragão de Sousa e de Maria da Rocha Peixoto.

GOMES, FERRÃO E ARGOLO

655 — *Pedro Gomes* é figura central de seu tempo, na Baía. Natural de Setúbal, veio para a Baía e aí ocupou todos os postos na militância, sempre se distinguindo, até o de mestre de campo, a começar de 18 de junho de 1678. Mandado a governar o Rio de Janeiro, o fez de 16 de janeiro de 1681 a 25 de julho do ano seguinte, quando retornou ao seu lugar. Por seus grandes serviços teve o fôro de moço fidalgo e o hábito da ordem de Cristo. C.c. a viúva Isabel da Costa Madeira, filha de Domingos Lopes Falcato e de Águeda da Costa, faleceu a 20 de dezembro de 1692. Pai de:

F1 Antônio Gomes, c.c. Maria Francisca Castelo-Branco.

F2 Águeda da Costa, c.c. Salvador Correia de Sá.

F3 Maria Gomes, c.c. Afonso da Franca Corte-Real.

F4 Isabel de S. Antônio, religiosa.

F5 Brites Gomes, falecida a 11 de de maio de 1672.

F6 Valéria Gomes, batizada a 4 de maio de 1645.

F7 Miguel Gomes, batizado a 14 de maio de 1646.

656 — F1 *Antônio Gomes*, moço fidalgo, aos 20 de outubro de 1687 c.c. Maria Francisca Castelo-Branco, filha de Pedro de Unhão Castelo-Branco e de Damiana Francisca da Silva, o ato testemunhado pelo governador Matias da Cunha, o pai da nubente e a espôsa do desembargador Francisco da Silveira. Pai de:

N1 Alexandre Gomes Ferrão Castelo-Branco, c.c. Maria Cardoso de Oliveira.

N2 Gonçalo José Gomes Castelo-Branco, c.c. Aldonsa Francisca da Rocha Pita.

657 — N1 *Alexandre Gomes Ferrão Castelo-Branco*, moço fidalgo, cavaleiro da ordem de Cristo, coronel das ordenanças do rio São Francisco (Penedo), onde instituiu morgado com a sua propriedade em Pôrto da Folha, e onde c. c. Maria Cardoso de Oliveira, filha de Salvador Cardoso de Oliveira. Pai de:

Bn1 Antônio Gomes Ferrão Castelo-Branco, c.c. Maria Felícia de Albernaz.

Bn2 Salvador Gomes Ferrão Castelo Branco.

Bn3 Pedro Gomes Ferrão Castelo-Branco, socerdote.

Bn4 Diogo Gomes Ferrão Castelo-Branco.

658 — N2 *Gonçalo José Gomes Castelo-Branco*, moço fidalgo da casa real, foi c.c. Aldonsa Francisca da Rocha Pita, filha de Teodoro da Rocha Pita.

659 — Bn1 *Antônio Gomes Ferrão Castelo-Branco*, moço fidalgo da casa real, sargento-mór do terço do distrito da Torre em julho de 1754, vereador da

câmara da Baía no ano seguinte e coautor de importante representação à coroa. De Penedo, onde ficavam suas fazendas e residência, a 30 de outubro de 1794 renunciava, em favor de seu primeiro filho, tôdas as mercês recebidas de seu pai e avô. Depois, foi por justiça interditado na distribuição de seus bens, tanto a fazia perdulâriamente. Consta seu casamento com Maria Felícia de Albernaz, filha do ouvidor em Sergipe Tomás Feliciano de Albernaz e de Antônia Caetana. São filhos seus:

Tn1 Pedro Gomes Ferrão Castelo-Branco, c.c. Maria Rita da Cunha.

Tn2 Alexandre Gomes Ferrão Castelo-Branco.

660 — Tn1 *Pedro Gomes Ferrão Castelo-Branco* possuía os títulos honoríficos e as mercês atribuídas a seu pai. Vereador na câmara da Baía em 1785, por isso, em março de 1795, o juiz de fora Antônio de Moraes Silva lhe atestava a capacidade funcional no cargo. Mestre de campo do terço auxiliar da Baía, tendo sido em 1798 coronel de milícias, foi reformado em maio de 1805. Em 1799 servia como deputado na Junta da Real Fazenda e em março de 1807 retirou-se para Portugal. Era c.c. Maria Rita da Cunha, filha ilegítima de D. José Vasques da Cunha.

661 — *Alexandre Gomes de Argolo Ferrão* (Barão de Cajaíba) nasceu em 1800 e morreu a 10 de maio de 1870. Deputado pela Baía às côrtes portuguesas, vice-presidente da província, marechal. C.c. Eudóxia Cândida Ferrão de Pina e Melo, teve:

F1 Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, c.c. Clara Luísa Moniz Viana.

Outro filho ainda teve, de igual nome, sem o reconhecimento de legitimidade:

F2 Alexandre Gomes de Argolo Ferrão.

662 — F1 *Alexandre Gomes de Argolo Ferrão*, teria sido um grande cer-

rasco para os seus e os escravos de seu pai, os quais por isso o assassinaram a 3 de setembro de 1878. A 21 de setembro de 1872 c.c. Clara Luísa Moniz Viana, filha de Frutuoso Vicente Viana e de Maria Amália Ferrão Moniz Barreto de Aragão, e teve;

N1 Maria Augusta Viana de Argolo Ferrão, c.c. Luís de Araújo de Aragão Bulcão.

663 — F2 *Alexandre Gomes de Argolo Ferrão* (Visconde de Itaparica) nasceu a 8 de agosto de 1821, teve o viscondado a 26 de dezembro de 1868 por assinalados serviços na guerra do Paraguai e faleceu, com o posto de marechal, a 28 de junho de 1870. Não se casou nem deixou descendentes, que se saiba.

LOPES FRANCO

664 — *Diogo Lopes Franco* era irmão de Matias e de Mateus Lopes Franco. Matias Lopes Franco, tendo prestado importantes serviços ao rei nas lutas contra os holandeses, foi feito capitão, isso em 1639, quando conseguiu permissão para regressar ao reino, donde não tornou ao Brasil. O padre Bartolomeu de Vasconcelos, aos 30 de maio de 1618, na igreja de Pirajá, com licença do bispo Constantino Barradas, fez o casamento de Diogo com Antônia de Menezes, filha de Henrique Moniz Barreto e de Leonor Antunes, ante as testemunhas Marcos da Costa e Catarina Vitória, esta c.c. Diogo Moniz Teles. Antônia fôra batizada a 3 de maio de 1584, na sé, tendo por padrinhos o governador Manuel Teles Barreto e sua tia Inês Moniz Barreto, c.c. Diogo da Rocha de Sá. Diogo Lopes Franco morreu a 19 de julho de 1660, com sepultura na igreja de São Francisco.

665 — *Mateus Lopes Franco*, irmão de Matias e de Diogo Lopes Franco, desde 1626 era contratador de rendas

do Estado e em 1639 teve quitação de suas contas desse período. Foi c.c. Leonor Ximenes de Aragão, irmã de Estêvão Fernandes Moreno (dono do engenho da ilha da Maré) e de Inácio Fernandes Moreno. Falecendo em 1656, em dívida com o Estado, proveniente da liquidação de três mil cruzados do contrato, sua viúva apelou para o governador Conde de Atouguia e este se dirigiu ao governador Luís de Almeida, do Rio de Janeiro, para que Domingos Monteiro de Sá, responsável pelo contrato, liquidasse o compromisso. Foram filhos seus:

F1 Guiomar Ximenes de Aragão, c. c. Rui Dias de Menezes e Antônio Guedes de Brito.

F2 Luís Álvares Franco, c.c. Mariana Teles.

666 — F2 *Luís Álvares Franco* c.c. Mariana Teles, filha de Diogo Moniz Teles e de Catarina Vitória, tendo filhos:

N1 Diogo Lopes Franco, c.c. Francisca Teles e Leonor Ximenes de Aragão.

N2 Joana Teles de Vasconcelos, c. c. João de Couros Carneiro.

N3 José Teles Barreto, c.c. Úrsula da Rocha Barreto.

667 — N1 *Diogo Lopes Franco* foi nomeado capitão a 18 de janeiro de 1677 pela junta do governo e incorporado no regimento do coronel Afonso Barbosa Franca. Aos 27 de agosto de 1679 c.c. Francisca Teles, batizada a 18 de setembro de 1653, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Maria de Azevedo Teixeira. Viúvo, aos 17 de abril de 1708 c.c. Leonor Ximenes de Aragão, filha de Domingos Antunes da Costa e de Guiomar Ximenes de Aragão, tendo filhos:

Bn1 João Lopes, batizado a 27 de fevereiro de 1709.

Bn2 Guiomar Ximenes de Aragão, c.c. Antônio Calmon du Pin e Almeida.

Bn3 José Lopes, batizado a 23 de maio de 1712.

Bn4 Francisca Ximenes de Aragão, batizada a 9 de novembro de 1714.

668 — N3 *José Teles Barreto*, batizado a 25 de março de 1662, em Guadelupe, c.c. Úrsula da Rocha Barreto, filha de Antônio Moniz Girão e de Luísa Barbosa, o ato realizado a 10 de junho de 1685. Pai de:

Bn5 Luzia, batizada em Matoim a 20 de abril de 1690.

RABELO DE AZEVEDO

669 — *Cristóvão Rabelo de Azevedo* c.c. Ana de Lemos, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Isabel de Lemos, e faleceu em dezembro de 1641, com sepultura na igreja do Socorro. Pai de:

F1 Mateus Pereira de Azevedo, c. c. Antônia de Góis.

F2 Perpétua de Menezes, c.c. Belchior Dias de Ávila.

F3 Maria de Menezes, c.c. Diogo Barreto Ceia.

F4 Miguel Moniz Barreto, c.c. Úrsula Pais de Azevedo.

F5 Joana de Menezes, c.c. João Pinto da Fonseca Góis.

F6 Cristóvão Rabelo de Azevedo.

F7 Margarida de Menezes.

670 — F1 *Mateus Pereira de Azevedo* c.c. Antônia de Góis, filha de Semão de Araújo Góis e de Maria de Siqueira, batizada em outubro de 1604. Pai de:

N1 Apolônia de Menezes, batizada a 9 de julho de 1651.

N2 Mateus Pacheco de Azevedo, batizado a 31 de maio de 1655.

N3 José Moniz Teles.

N4 Teresa de Menezes, batizada a 15 de agosto de 1658.

N5 Luzia de Menezes, c.c. Francisco de Almeida Sarmento.

N6 Ana de Góis, c.c. Inácio Furtado de Mendonça.

N7 Maria de Góis de Menezes, c.c. Antônio Correia de Figueiredo.

N8 João Pinto de Faria.

671 — F4 *Miguel Moniz Barreto*, fidalgo da casa real, aos 8 de setembro de 1652, em Cotegipe, c.c. Úrsula Pais de Azevedo, filha de Sebastião Pais e de Isabel de Azevedo, falecida a 13 de janeiro de 1729, com sepultura na sé. Pai de:

N10 Isabel de Menezes, c.c. João Borges Davi.

N11 Miguel Moniz Barreto, batizado a 10 de maio de 1656.

N12 João Batista Moniz, batizado a 30 de junho de 1659.

N13 José Teles de Menezes, c.c. Mariana de Menezes.

N14 Mariana de Menezes, batizada a 22 de dezembro de 1662.

N15 Ana Teles de Menezes, c.c. Francisco de Bittencourt de Sá.

N16 Maria de Menezes, batizada a 6 de maio de 1671.

672 — N13 *José Teles de Menezes*, batizado a 29 de maio de 1661, tido como licenciado, c.c. Mariana de Menezes, filha de Martim Afonso de Mendonça e de Joana Barbosa, tendo filhos:

Bn1 Miguel Moniz Barreto, c.c. Luzia Moreira e Maria Barbosa de Amorim.

Bn2 João Pais Barreto, c.c. Gertrudes Maria de Sampaio.

Bn3 Joana Teles, c.c. Sebastião Lobo de Barros.

673 — Bn1 *Miguel Moniz Barreto* c.c. Luzia Moreira, filha de Manuel Botelho de Sampaio e de Josefa Caetana Dória, a 25 de fevereiro de 1721. Viúvo, a 5 de fevereiro de 1725 c.c. Maria Barbosa de Amorim, filha de To-

más Ferreira de Cunha e de Francisca de Freitas.

674 — Bn2 *João Pais Barreto* c.c. Gertrudes Maria de Sampaio, filha de Manuel Botelho de Sampaio e de Josefa Caetana Dória.

675 — *Belchior Dias de Ávila*, aos 15 de fevereiro de 1643, no Socorro, c.c. Perpétua de Menezes, filha de Cristóvão Rabelo de Azevedo e de Ana de Lemos. Pai de:

F1 Jerônimo Moniz Barreto, c.c. Sebastiana de Araújo.

F2 Antônio Moniz de Menezes.

F3 Maria de Menezes, c.c. Carlos Preto Dornelas.

676 — *João Borges Davi*, capitão, nascido na Baía, filho de Gaspar Borges Davi e de Antônia de Castro, c.c. Isabel de Menezes, filha de Miguel Moniz Barreto e de Úrsula Pais de Azevedo, o ato celebrado no Socorro a 22 de janeiro de 1672. Pai de:

F1 Antônia de Menezes, batizada a 22 de maio de 1673.

ARAÚJO GÓIS

677 — *Gaspar de Araújo*, natural de Ponte de Lima, enquanto sua mulher, Catarina de Góis, nascera em Lisboa, veio para o Brasil em 1563 e se estabeleceu em Ilhéus, “que naquele tempo estava já florente”. Dois filhos acompanharam de Portugal o casal:

F1 Antônia de Pádua de Góis, c.c. Domingos da Fonseca Saraiva.

F2 Semeão de Araújo Góis, c.c. Maria de Siqueira.

Em Ilhéus nasceram-lhe mais:

F3 Francisca de Araújo, c.c. Belchior de Armas de Brum.

F4 Mariana de Góis.

F5 Clara de Góis, c.c. Tomé Lobato Pedroso.

F6 Jorge de Araújo Góis, c.c. Ângela de Siqueira.

Casados os filhos, Gaspar transferiu-se para a cidade da Baía, já viúvo, e aí, “arreatado de superior espírito, depois de muitas e repetidas instâncias, recolheu-se ao colégio dos jesuítas, que lhe lançaram a sua roupeta, com a qual e mui humildes exercícios, consumou com boa opinião o curso da vida”. Também Catarina “tinha conhecida fama de boa cristã e mui virtuosa”.

678 — F2 *Semeão de Araújo Góis*, morador em Matoim, c.c. Maria de Siqueira, filha de Sebastião Pedroso Barbosa e de Maria de Góis. Ele faleceu a 1 de janeiro de 1662 e ela a 14 de agosto de 1664. Pai de:

N1 Antônia de Góis, c.c. Mateus Pereira de Azevedo.

N2 Gaspar de Araújo Góis, c.c. Maria de Vasconcelos, Maria do Rêgo, Ana de Azevedo e Isabel Teles.

N3 Maria de Góis de Siqueira, c.c. Francisco da Fonseca.

N4 João de Araújo de Siqueira, c.c. Maria de Menezes.

N5 Leonor de Siqueira, batizada a 24 de outubro de 1612.

N6 João de Araújo Góis, batizado a 1 de dezembro de 1613.

N7 Matias Pedroso de Góis, c.c. Maria Correia.

N8 José de Siqueira Góis, batizado a 8 de setembro de 1616.

N9 Antônio de Araújo Góis, batizado a 17 de dezembro de 1617.

N10 Francisco de Góis de Araújo, batizado a 21 de fevereiro de 1619.

N11 Inácio de Araújo Góis, batizado a 20 de junho de 1620 e morto em 1638, ao tempo da guerra dos holandeses.

N12 Lourenço de Araújo Góis, batizado a 16 de março de 1622.

N13 Pedro de Góis de Araújo, c.c. Luísa de Melo.

N14 Maria de Siqueira, c.c. Baltazar Dias Aranha.

N15 Bernardo de Góis, batizado a 3 de agosto de 1625, religioso.

N16 Semeão de Araújo Góis, c.c. Marta Barbosa.

N17 Francisco de Siqueira de Góis, batizado a 18 de outubro de 1632, capitão de infantaria na Baía, cavaleiro do hábito de Cristo, falecido em Portugal.

679 — F6 *Jorge de Araújo Góis*, cavaleiro da casa real, c.c. Ângela de Siqueira, filha de Sebastião Pedroso Barbosa e de Maria de Góis, tendo falecido a 8 de abril de 1693. Pai de:

N18 João de Góis de Araújo, c.c. Catarina de Sousa.

N19 José de Góis de Araújo, c.c. Maria de Menezes e Isabel Teresa de Góis.

N20 Jorge de Araújo Góis, c.c. Antônia de Menezes.

N21 Francisco de Araújo Góis.

N22 André de Góis de Siqueira.

N23 Mariana de Araújo Góis, c.c. Manuel Pereira de Góis, Paulo Inácio de Lemos e Heitor Gonçalves de Lima.

N24 Catarina de Góis, c.c. Valentin de Barros.

N25 Apolônia de Araújo Góis, c.c. Gaspar de Cerqueira Ribeiro e Antônio de Queiroz Cerqueira.

N26 Leonor de Siqueira, c.c. Luís Pedroso e Pedro Jaques de Almeida.

680 — N2 *Gaspar de Araújo Góis*, batizado a 26 de novembro de 1606, já a 8 de setembro de 1630 se c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Paulo de Carvalho de Oliveira e de Francisca de Aguiar Espínola, tendo filhos:

Bn1 Antônia de Vasconcelos Góis, batizada a 6 de agosto de 1632.

Bn2 Maria de Góis Vasconcelos, batizada a 18 de abril de 1633.

Bn3 Francisca de Vasconcelos, c.c. Aleixo Pais de Azevedo.

Bn4 Manuel de Góis, batizado a 8 de fevereiro de 1637.

Com a morte da espôsa e dos filhos Antônia, Maria e Manuel pelos holandeses, em 1838, Gaspar, já a 24 de outubro do mesmo ano, na capela de Santa Luzia, c.c. Maria do Rêgo, batizada a 15 de agosto de 1620 e filha de Sebastião Pais e de Isabel de Azevedo, tendo filhos:

Bn5 Sebastião de Araújo Góis, c.c. Felipa de Brito.

Bn6 José de Araújo Góis, c.c. Úrsula Feio Soares e Ana de Vasconcelos.

Bn7 Isabel de Azevedo Góis, c.c. Pedro Carneiro Brandão e Antônio de Queiroz de Cerqueira.

Bn8 Francisco de Góis de Araújo.

Bn9 Semeão de Araújo Góis, c.c. Inês de Castro.

Bn10 Antônio de Araújo Góis, licenciado, com a função de vice-vigário da freguesia de S. Antônio do Carmo.

Bn11 Apolônia de Araújo Góis, c.c. Rui de Carvalho Pinheiro e Francisco de Bra.

Bn12 José de Góis de Araújo.

Bn13 João de Góis de Araújo, falecido sem filhos.

A 4 de março de 1650 c.c. Ana de Azevedo, filha de Gaspar de Azevedo e de Maria Nunes do Rêgo, sem descendentes.

Em 1655, a 11 de maio, c.c. Isabel Teles, filha de Antônio Moniz Teles e de Cristina Coutinho, batizada a 22 de janeiro de 1636. Nasceram:

Bn14 Gaspar de Araújo Góis.

Bn15 Inácio de Araújo Góis, c.c. Maria de Sousa de Góis.

Bn16 Bento de Góis, carmelita, falecido a 28 de julho de 1756.

Bn17 Antônio de Góis, carmelita.

681 — N4 *João de Araújo de Siqueira*, batizado a 20 de fevereiro de

1610, c.c. Maria de Menezes filha de um Antônio Moniz, o ato celebrado em Matoim a 25 de novembro de 1640.

682 — N7 *Matias Pedroso de Góis*, batizado a 1 de março de 1615, c.c. Maria Correia, com a qual teve:

Bn18 Isabel de Góis, c.c. Pantaleão Freire Pôrto.

683 — N13 *Pedro de Góis de Araújo*, batizado a 7 de junho de 1623, c.c. Luísa de Menezes, filha de Luís de Melo de Vasconcelos e de Antônia Garcês de Oliva. Pai de:

Bn19 João de Oliva de Góis, sargento-mór.

Bn20 Ana de Góis, c.c. Manuel Pereira Pinto.

Bn21 Maria de Melo, c.c. Francisco da Fonseca Vilas-Boas.

684 — N16 *Semeão de Araújo Góis*, batizado a 4 de setembro de 1627, a 8 de abril de 1640 c.c. Marta Barbosa, filha de Belchior Barbosa Pinheiro e de Susana Pereira, batizada a 11 de março de 1632. Pai de:

Bn22 Belchior Pereira de Góis.

Bn23 João da Rocha de Andrade, c. c. Marta Pereira.

Bn24 Antônio de Araújo Góis, c.c. Maria Micaela de Queiroz.

Bn25 Maria Barbosa, c.c. Luís de Góis Siqueira.

Bn26 Susana Pereira de Góis.

685 — N18 *João de Góis de Araújo*, magistrado brasileiro, dentre os principais senão o primeiro na antiguidade e nas qualidades de inteligência e de caráter, teve todos os cargos na magistratura de sua terra, desembargador da Relação empossado a 18 de junho de 1667 e chegando a chanceler no mesmo tribunal. Aos 16 de dezembro de 1652 c.c. Catarina de Sousa, filha de Rui de Carvalho Pinheiro e de Maria de Sousa, tendo:

Bn27 Maria de Sousa, c.c. Jerônimo Moniz Barreto.

Bn28 Antônia de Góis, c.c. Belchior da Fonseca Saraiva.

686 — N19 *José de Góis de Araújo*, licenciado em Direito, aos 25 de janeiro de 1656 c.c. Maria de Menezes, filha de Mateus Pereira de Menezes e de Isabel de Almeida, batizada a 25 de março de 1634, com a qual teve:

Bn29 Mateus de Góis de Araújo.

Bn30 Felipe de Góis de Araújo, c. c. Mariana de Menezes.

Bn31 José de Góis.

Bn32 Antônio de Góis.

Bn33 Ângela de S. José, religiosa.

Depois, a 23 de março de 1674, c.c. Isabel Teresa de Góis, filha de Aleixo Pais de Azevedo e de Francisca de Vasconcelos, batizada a 5 de setembro de 1654. Pai de:

Bn34 Josefa de Góis, c.c. Miguel de Góis e Vasconcelos.

Bn35 Joana de Góis, c.c. Antônio Barbosa de Vasconcelos.

Bn36 Francisca de Góis, c.c. Antônio Brandão de Araújo.

Bn37 Francisco de S. Teresa, carmelita.

687 — N20 *Jorge de Araújo Góis*, aos 25 de agosto de 1646 c.c. Antônia de Menezes, filha de Mateus Pereira de Menezes e de Isabel de Almeida, batizada a 17 de junho de 1629. Pai de:

Bn38 Maximiano de Góis.

688 — Bn5 *Sebastião de Araújo Góis*, coronel, afortunado e prestigiado, c.c. Felipa de Brito, filha de Sebastião Pereira Bacelar e de Agueda de Góis de Mendonça.

689 — Bn6 *José de Araújo Góis*, capitão, batizado em Cotegipe a 3 de julho de 1642, aos 10 de setembro de 1656 c.c. Úrsula Feio Soares, filha de Francisco Brandão Coelho e de Antônia Soares. Pai de:

Tn1 Antônia de Góis.

Tn2 Isabel de Góis, c.c. Francisco Girão.

Tn3 Maria do Rêgo.

Depois c.c. Ana de Vasconcelos, filha de Aleixo Pais de Azevedo e de Francisca de Vasconcelos, tendo:

Tn4 Luzia de Góis, c.c. Sebastião de Bra.

690 — Bn9 *Semeão de Araújo Góis* c.c. Inês de Castro, filha de Rui de Carvalho Pinheiro e de Maria de Sousa, batizada na sé a 14 de fevereiro de 1647, o casamento realizado no Socorro a 6 de julho de 1669. Pai de:

Tn5 José de Araújo Góis, c.c. Francisca de Freitas Pimentel.

Tn6 Antônio de Araújo Góis, c.c. Ana Úrsula de Sousa.

Tn7 Manuel de Araújo Góis, c.c. Rosa Pimentel.

Tn8 Maria de Sousa de Góis, c.c. Inácio de Araújo Góis.

Tn9 Ana de Góis, c.c. Antônio de Barros de Gamboa e Manuel Teles de Menezes.

691 — Bn15 *Inácio de Araújo Góis* c.c. Maria de Sousa de Góis, filha de Semeão de Araújo Góis e de Inês de Castro, e teve:

Tn10 Gaspar de Araújo Góis, padre doutor.

Tn11 Isabel Teles de Góis, c.c. Jerônimo Rodrigues Garcia.

Tn12 Josefa Teles de Góis, c.c. André Peçanha.

Tn13 Sebastião de Araújo Góis, c. c. Catarina...

Tn14 Inácia de Araújo Góis, c. c. Francisco de Melo de Vasconcelos de Aguiar Daltro.

Tn15 Antônio de Araújo Góis, padre.

Tn16 Ângelo da Encarnação, jesuíta.

Tn17 Bernardo.

Tn18 Ana.

Tn19 Antônia.

Tn20 Rita.

691A — Bn23 *João da Rocha de Andrade* c.c. Marta Pereira e teve uma filha:

Tn18 Susana Pereira, c.c. Belchior Barbosa Pinheiro e Bento Monteiro Freire.

692 — Bn24 *Antônio de Araújo Góis* c.c. Maria Micaela de Queiroz, filha de Antônio de Queiroz de Cerqueira e de Isabel de Azevedo Góis e já viúva de Gonçalo da Rocha Serrão, tendo:

Tn19 Antônio de Queiroz, sacerdote, morto a 5 de novembro de 1771.

Tn20 Semeão de Queiroz, padre.

Tn21 Luísa de Queirós Araújo, c.c. Antônio Gonçalves da Rocha e Manuel Vieira Pedrosa.

693 — Tn30 *Felipe de Góis de Araújo* c.c. a viúva Mariana de Menezes, filha de Antônio Moreira de Gamboa e de Antônia Dória de Menezes, batizada a 22 de novembro de 1648.

694 — Tn5 *José de Araújo Góis* c. c. Francisca de Freitas Pimentel, filha de Pasqual de Freitas Pimentel e de Joana de Uzeda Aiala. Pai de:

4n1 Inês de Castro, c.c. Francisco Moniz Barreto.

695 — Tn6 *Antônio de Araújo Góis*, aos 6 de março de 1707 c.c. Ana Úrsula de Sousa, filha de José Rodrigues Chaves e de Antônia da Silva. Pai de:

4n2 Teresa Maria de Jesus, c.c. Manuel Moniz Barreto.

4n3 Félix de Araújo Góis.

4n4 Lourença de Araújo Góis, c.c. Dionísio Lourenço.

696 — Tn7 *Manoel de Araújo Góis*, aos 17 de julho de 1697, no Socorro, c. c. Rosaria Pimentel, filha de Pasqual de Freitas Pimentel e de Joana de Uzeda Aiala. Pai de:

4n5 Francisco Xavier de Araújo, c.
c. Luísa de Sousa.

4n6 Manuel de Araújo Góis, c.c.
Joana Maria de Jesus.

697 — 4n5 *Francisco Xavier de Araújo*, a 1 de maio de 1734 c.c. Luísa de Sousa, filha de João Pereira de Sousa e de Clara de Araújo.

698 — 4n6 *Manuel de Araújo Góis*, aos 16 de fevereiro de 1732, na igreja do Rosário, c.c. Joana Maria de Jesus, filha de José Ferreira de Moura e de Rosa Maria do Monte.

FERREIRA DE BITTENCOURT

699 — *Francisco Alvares Ferreira de Bittencourt*, natural da ilha da Madeira, fidalgo da casa real, comendador da ordem de Cristo, em Portugal c.c. Isabel Correia de Almeida e lá teve filhos:

F1 Cristóvão de Sá de Bittencourt, c.c. Francisca Barbosa.

F2 Joana de Bittencourt de Sá, c.c. Jorge Antunes e Sebastião Cavalo de Carvalho.

Viuvo, no Brasil c.c. Policena de Sousa e antes de 1591 era falecido, deixando mais estes filhos:

F3 Policena de Sousa Bittencourt, c.c. Gaspar de Freitas Magalhães.

F4 Constança de Sousa Bittencourt.

F5 Maria de Sousa Bittencourt.

699A — F1 *Cristóvão de Sá de Bittencourt*, nascido em Lisboa em 1562, agricultor e proprietário em Sergipe do Conde, c.c. Francisca Barbosa, filha de Baltazar Barbosa de Araújo e de Catarina Alvares, e casado já o era em 1592, no tempo das confissões inquisitoriais. Pai de:

N1 Joana de Sá de Bittencourt, c.c. Miguel Teles de Menezes.

N2 Francisco de Sá de Bittencourt, c.c. Ana de Sousa.

ARMAS DE BRUM

700 — *Belchior de Armas de Brum* c.c. Francisca de Araújo, filha de Gaspar de Araújo e de Catarina de Góis, tendo filhos:

F1 Gaspar de Armas de Brum, c.c. Mônica Côrte-Real.

F2 Margarida de Armas, c.c. Diogo da Rocha de Sá.

F3 Marcos de Armas de Brum, c.c. Cecília da Fonseca e Ângela de Eça.

F4 Maria de Góis, c.c. Sebastião Pedroso Barbosa.

701 — F1 *Gaspar de Armas de Brum*, sargento-mór em Ilhéus, em 1669 considerado “soldado de valor” pelo governador, c.c. Mônica do Amaral, filha de Margarida de Sousa. Pai de:

N1 Fernando Ribeiro de Sousa, c.c. Antônia de Menezes e Maria da Cunha Trinchão.

N2 Maria de Vasconcelos, c.c. Antônio Teles de Menezes.

702 — F3 *Marcos de Armas de Brum* c.c. Cecília da Fonseca, filha de Lucas da Fonseca Saraiva e de Catarina de Góis Pais. Depois c.c. Ângela de Eça, filha de Bartolomeu de Sousa de Eça e de Domingas de Almeida, tendo:

N3 Francisco de Araújo, c.c. Catarina de Góis Pais.

703 — N1 *Fernando Ribeiro de Sousa*, em 1669 feito capitão de infantaria e com serviços à milícia, foi c.c. Antônia de Menezes, cujos pais não estão citados, tendo filhos:

Bn1 Diogo da Rocha de Sá, c.c. Isabel da Silva.

Bn2 Joana de Sousa de Vasconcelos, c.c. Semeão de Araújo da Fonseca.

Bn3 Francisco de Sousa Castelo Branco, pai de Catarina de Sousa da Fonseca, c.c. Lucas da Fonseca Saraiva.

Fernando foi ainda c.c. Maria da Cunha Trinchão, filha de Inácio da Cunha Trinchão e de Maria Pereira da Cunha.

704 — N6 *Francisco de Araújo*, licenciado, c.c. Catarina de Góis Pais, filha de Lucas da Fonseca Saraiva e de Catarina de Sousa da Fonseca, e teve:

Bn4 Catarina de Sousa, c.c. Diogo Moniz Barreto e Antônio de Couros Carneiro.

705 — Bn1 *Diogo da Rocha de Sá* c.c. Isabel da Silva e teve:

Tn1 Antônia de Menezes, c.c. Rodrigo Pedroso e Gregório da Cunha de Barbuda.

PALHARES E PEREIRA DA SILVA

706 — *Pedro Machado Palhares*, proprietário do cargo de escrivão da alfândega da Baía, c.c. Maria de Abreu e teve:

F1 Nuno Pereira da Silva, c.c. Apolônia Ximenes e Antônia de Sá Barreto.

707 — F1 *Nuno Pereira da Silva* teve o cargo de seu pai, conforme provisão real de 13 de março de 1692, sob a condição de indenizar sua mãe viúva do que lhe competia proveniente do cargo. C.c. Apolônio Ximenes e, viúvo, c.c. Antônia de Sá Barreto, filha de Francisco de Sá Barreto de Menezes e de Jerônima Diniz. Com Antônia teve:

N1 Ana Pereira da Silva, c.c. Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque.

FONSECA DE SIQUEIRA

709 — *Francisco da Fonseca*, por alcuinha o *Caboto*, que é o título de seu engenho em Matoim, aos 25 de feverei-

ro de 1629, no referido local, c.c. Maria de Góis de Siqueira, filha de Semão de Araújo Góis e de Maria de Siqueira, batizada a 21 de dezembro de 1608. Caboto faleceu a 12 de outubro de 1660, com sepultura no convento do Carmo. Pai de:

F1 Catarina de Góis de Siqueira, c.c. João de Aguiar Vilas-Boas.

F2 Simão da Fonseca de Siqueira, c.c. Francisca de la Penha Deusdará.

710 — F2 *Simão da Fonseca de Siqueira*, fidalgo da casa real, proprietário de engenhos, inclusive o Caboto, aos 20 de novembro de 1650, em Matoim, c.c. Francisca de la Penha Deusdará, filha de Manuel Álvares de la Penha Deusdará e de Aldonsa Álvares, tendo falecido a 7 de julho de 1766, com sepultura na citada localidade. Pai de:

N1 Francisco da Fonseca de Siqueira, c.c. Catarina Soares.

N2 Antônia de la Penha Deusdará, c.c. Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti.

N3 Aldonsa de la Penha Deusdará, c.c. Antônio da Rocha Pita.

711 — N1 *Francisco da Fonseca de Siqueira*, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, proprietário por herança do engenho Caboto, c.c. Catarina Soares, filha de Francisco de Vasconcelos Cavalcanti e de Antônia Lôbo, sem filhos.

712 — *Antônio de Queirós de Cerqueira*, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão de regimento, natural de Amarante e filho de Manuel Queirós e de Maria de Cerqueira, em 19 de agosto de 1652 c.c. Apolônia de Araújo Góis, filha de Jorge de Araújo Góis e de Ângela de Siqueira, já viúva de Gaspar de Cerqueira Ribeiro, com o qual se casara em 1639. A 30 de maio de 1663 c.c. Isabel de Azevedo Góis, filha de Gaspar de Araújo Góis e de Maria do Rêgo.

Foi êle um dos cabeças do movimento revolucionário contra o governador Conde de Óbidos, por isso castigado. Faleceu a 15 de agosto de 1686, com sepultura no Carmo. Pai de:

F1 José de Queirós, morto ainda criança.

F2 Maria Miçaela de Queirós, c.c. Gonçalo da Rocha Serrão e Antônio de Araújo Góis.

F3 Inácio Teles de Araújo Góis.

713 — *Pantaleão Freire Pôrto*, escrivão da fazenda nomeado em maio de 1667 sendo já viúvo de Helena de Mendonça, aos 26 de setembro de 1690 c. c. Isabel de Góis, filha de Matias Pedroso de Góis e de Maria Correia.

714 — *Belchior da Fonseca Saraiva*, residente em Sergipe, com o posto de capitão de uma companhia do terço de que Mateus Marinho Falcão era mestre de campo, e onde servia o cargo de juiz ordinário, a 19 de maio de 1671, na cidade de São Cristóvão, foi empossado como sargento-mór da capitania. Na Baía c.c. Antônia de Góis, filha de João Góis de Araújo e de Catarina de Sousa, tendo tido uma filha:

F1 Joana de Góis da Fonseca, c.c. Martim de Freitas de Oliva.

715 — *Jerônimo Rodrigues Garcia*, c.c. Isabel Teles de Góis, filha de Inácio de Araújo Góis e de Maria de Sousa de Góis, e teve filhos:

F1 Inácio Garcia de Góis.

F2 Francisco Teles de Góis, c.c. Inácio da Soledade da Cruz.

F3 Jerônima Teles Garcia.

F4 Caetana Teles Garcia.

F5 Ana Teles Garcia.

F6 Bento Rodrigues Garcia.

F7 Isabel Teles Garcia.

F8 João Garcia de Góis.

716 — *André Peçanha*, alferes da infantaria, c.c. Josefa Teles de Góis, filha de Inácio de Araújo Góis e de Maria de Sousa de Góis, tendo filhos:

F1 Inácia Teles de Góis.

F2 José de Araújo Góis.

F3 João Peçanha de Góis.

717 — *Belchior Barbosa Pinheiro* c. c. Susana Pereira, filha de João da Rocha de Andrade e de Marta Pereira, e teve uma filha:

F1 Marta Barbosa, c.c. Semeão de Araújo Góis.

718 — *Antônio Gonçalves da Rocha*, capitão do forte de São Lourenço, em Itaparica, por título de nomeação de 1716, c.c. Luísa de Queirós Araújo, filha de Antônio de Araújo Góis e de Maria Micaela de Queirós, falecida a 23 de agosto de 1773. Pai de:

F1 Leonor Antônia de Queirós, c. c. Paulo de Argolo.

F2 Antônio Gonçalves da Rocha Queirós, c.c. Joana Bernardina de Almeida.

F3 Luísa.

F4 Clara.

F5 Francisca e

F6 Custódia, religiosas do Destêrro.

719 — F2 *Antônio Gonçalves da Rocha Queirós*, cavaleiro da ordem de Cristo, foi c.c. Joana Bernardina de Almeida e teve filhos:

N1 André Marques da Rocha Queirós.

N2 Ana Isabel de Queirós Marques, c.c. Pedro Nolasco Marinho de Sá.

N3 Francisca da Rocha Queirós, c. c. Fernão Pereira de Macedo.

N4 Antônio de Queirós Marques, falecido ainda criança.

720 — *Dionísio Lourenço*, alferes de infantaria, c.c. Lourença de Araújo

Góis, filha de Antônio de Araújo Góis e de Ana Úrsula de Sousa. Pai de:

F1 Francisco.

F2 Josefa.

F3 João e

F4 Mario.

721 — *Francisco Pimentel de Oliveira*, aos 28 de janeiro de 1688 c.c. Mariana de Menezes, filha de Manuel Teles de Menezes e de Antônia de Pádua.

722 — *Inácio da Soledade da Cruz*, tenente, filho de Antônio da Cruz, c.c. Francisca Teles de Góis, filha de Jerônimo Rodrigues Garcia e de Isabel Teles de Góis, tendo filhos:

F1 Inácio da Soledade.

F2 Antônio da Cruz.

SOUTO-MAIOR

723 — *Diogo de Sá Souto-Maior*, capitão de mar e guerra, possivelmente parente próximo de Manuel de Sá Souto-Maior, já referido, era filho de Gaspar Maciel e de Escolástica de Sá e na Baía c.c. Guiomar da Rocha, com a qual teve filhos:

F1 Gonçalo de Sá Souto-Maior, c. c. Ana Correia Dantas.

F2 Gaspar Maciel de Sá, c.c. Joana de Sousa Barreto.

F3 Leonardo de Sá Souto-Maior, c. c. Clara Soares.

F4 Mem de Sá Souto-Maior, c.c. Mariana Cecília Serra.

F5 Maria de Sá, c.c. Gaspar Barbosa de Araújo.

F6 Francisca de Sá, c.c. Timóteo Fagundes.

F7 Inês Barreto, c.c. Diogo da Costa Feio.

F8 Escolástica de Sá, c.c. Rodrigo de Melo.

Depois c.c. Francisca Barbalho de Sousa, filha de Antônio Ferreira de

Sousa e de Antônia Barbalho Bezerra, o ato realizado em Socorro a 1 de dezembro de 1668.

724 — F2 *Gaspar Maciel de Sá*, aos 4 de maio de 1673, na igreja do Socorro, c.c. Joana de Sousa Barreto, filha de Belchior de Teves Barreto e de Clara de Sousa, batizada a 25 de junho de 1648. Pai de:

N1 Diogo de Sá Barreto, c.c. Joana de Araújo e Maria Madalena de Sá Dória.

N2 Córdula de Sá Barreto, c.c. Antônio Cavalcanti de Albuquerque.

N3 Rosa Barreto de Sá.

N4 José Sotero Maciel de Sá Barreto, coronel, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, solteiro.

N5 Guiomar Cacilda de Jesus Maria, falecida com cerca de 100 anos, em 1775.

N6 Maria Josefa de Sá Barreto, morta em idade avançada.

724-A — F3 *Leonardo de Sá Souto-Maior*, capitão, c.c. Clara Soares, filha de João Soares Brandão e de Maria de Sousa.

725 — F4 *Mem de Sá Souto-Maior*, capitão-mór em Sergipe, aí c.c. Mariana Cecília Serra e teve filhos:

N7 Rosa Maria de Sá Souto-Maior, c.c. Egas Moniz Barreto.

N8 Teodoro de Sá Souto-Maior, c. c. Maria de Góis de Mendonça.

726 — N1 *Diogo de Sá Barreto*, aos 5 de maio de 1704, na igreja do Socorro, c.c. Joana de Araújo, filha de João Batista Nigre e de Joana de Araújo, e teve:

Bn1 Gaspar Maciel de Sá, c.c. Antônia Josefa Gaioso de Peralta.

Depois c.c. Maria Madalena de Sá Dória, filha de Antônio Carneiro da Rocha e de Inácia de Menezes Castro.

726-A — N8 *Teodoro de Sá Souto-Maior* c.c. Maria de Góis de Mendonça.

ça, filha de Sebastião Pereira Bacelar e de Águeda de Góis de Mendonça. Pai de:

Bn2 Félix José Serra, c.c. Rosa Maria de Sá, filha de Egas Moniz Barreto e de Rosa Maria de Sá Souto-Maior.

727 — Bn1 *Gaspar Maciel de Sá* foi coronel de um regimento de ordenanças e c.c. Antônia Josefa Gaioso de Peralta, filha de José Gaioso de Peralta e de Maria Pereira de Cerqueira, o ato celebrado a 30 de abril de 1730, no oratório da casa do coronel José Sotero Maciel de Sá Barreto. Pai de:

Tn1 Diogo Antônio de Sá Barreto, c.c. Maria Antônia Caetana de Aragão.

Tn2 Mem de Sá Barreto.

728 — Tn1 *Diogo Antônio de Sá Barreto* c.c. Maria Antônia Caetana de Aragão, filha de Manuel Magalhães de Azevedo e de Águeda Camelo de Aragão, e teve:

4n1 Gaspar Maciel de Sá Barreto, c. Mariana Angélica de Araújo e Azevedo.

4n2 Rosa de Sá Barreto.

4n3 Joana de Sá Barreto.

728-A — *Diogo da Costa Feio*, filho de Diogo da Costa Feio e de Mariana Serra, aos 3 de março de 1680, na igreja de Nazaré, c.c. Inês Barreto, filha de Diogo de Sá Souto-Maior e de Guiomar da Rocha.

729 — *Antônio Dutra de Almeida*, capitão, c.c. Bernarda de Sá Souto-Maior, filha de Timóteo Fagundes e de Francisca de Sá, tendo um filho:

F1 Bras Bernardino Souto-Maior, c. Vitória Maciel, filha de João Velho Maciel e de Maria de Sá Barbosa.

VARGAS CIRNE

730 — *Manuel de Vargas Cirne*, natural de Viana, fidalgo da casa real, sargento-mór, filho de Antônio de Vargas Cirne e de Grácia Maciel da Rocha, passou-se para a Baía e aí c.c. Ana Pereira, filha de Lázaro Lopes Soeiro e de Isabel da Costa Madeira. Ana faleceu a 13 de abril de 1678, sepultada na capela de São Gonçalo, e Manuel a 21 de setembro de 1691, com sepultura em Copacabana, na Baía. Pai de:

F1 Maria de Vargas Cirne, c.c. Manuel Rodrigues de Gusmão e Miguel Bezerra.

F2 Gaspar de Vargas Cirne Barbosa, c.c. Inês de Melo de Vasconcelos.

F3 Isabel de Vargas Cirne, c.c. Antônio Moniz Barreto e Antônio Moreira de Gamboa.

F4 Luzia Pereira de Vargas Cirne, c.c. Martinho Soares da Cunha.

F5 Grácia Maciel de Vargas.

731 — F2 *Gaspar de Vargas Cirne Barbosa*, em Cairu, a 2 de julho de 1685, c.c. Inês de Melo de Vasconcelos, filha de Antônio de Couros Carneiro e de Úrsula de Melo de Vasconcelos. Pai de:

N1 Ana de Vargas Cirne, c.c. Paulo de Magalhães de Azevedo.

N2 Catarina de Vargas Cirne, c.c. Manuel de Magalhães de Azevedo.

732 — *Martinho Soares da Cunha*, alferes, filho de Belchior Maciel de Andrade, na freguesia do Monte, a 5 de outubro de 1699, c.c. Luzia Pereira de Vargas Cirne, filha de Manuel de Vargas Cirne e de Ana Pereira, batizada na referida freguesia a 2 de dezembro de 1674. Pai de:

F1 Manuel de Vargas Cirne.

F2 Antônio de Vargas Cirne.

F3 Francisca de Vargas Cirne, c.c. Antônio Moniz Barreto, natural de Cairu e morador em Jacobina.

733 — *Paulo de Magalhães de Azevedo*, irmão de Manuel de Magalhães de Azevedo, era natural de Viana, do arcebispado de Braga, filho de Simão de Magalhães e de Domingas Gonçalves, e vindo para a Baía, com seu irmão, aí c.c. Ana de Vargas Cirne, filha de Gaspar de Vargas Cirne Barbosa e de Inês de Melo de Vasconcelos.

734 — *Manuel de Magalhães de Azevedo*, de Viana, no arcebispado de Braga, irmão de Paulo Magalhães de Azevedo, o precedente, foi sargento-mór na Baía e c.c. Águeda Camelo de Aragão, com a qual teve uma filha:

F1 Maria Antônia Caetana de Aragão, c.c. Diogo Antônio de Sá Barreto.

Depois, na capela do sítio de São Domingos, a 23 de setembro de 1715, c.c. Catarina de Vargas Cirne, filha de Gaspar de Vargas Cirne Barbosa e de Inês de Melo de Vasconcelos, tendo:

F2 Paulo de Vargas Cirne, c.c. Joana Maria de Araújo.

735 — F2 *Paulo de Vargas Cirne* c.c. Joana Maria de Araújo, filha de João da Costa Pereira e de Teresa Josefa de Jesus, residentes na freguesia do Socorro.

JOÃO DE FREITAS

736 — *João de Freitas*, proprietário de cm cartório de tabelião na Baía, c. c. Maria de Aguiar, filha de Matias de Aguiar e de Marcelina de Sá, o ato celebrado a 1 de maio de 1644. Pai de:

F1 João de Freitas Madeira, c.c. Teresa de Brito.

F2 Joana de Sá, c.c. Francisco Pereira do Lago.

F3 Leonor de Freitas, c.c. Antônio Pereira Soares.

737 — F1 *João de Freitas Madeira* c.c. Teresa de Brito, filha de Bento de Brito Cassão e de Antônia de Sá, e teve filhos:

N1 Maria de Brito, c.c. Antônio Soares de Ataíde.

N2 Antônia de Brito.

N3 Bento de Brito, falecido solteiro.

N4 Antônio de Freitas Teles, c.c. Susana de Vasconcelos Lôbo.

N5 Catarina Teles de Menezes, c.c. Diogo Soares de Ataíde.

N6 Isabel de Brito.

N7 Leonor de Brito, falecida solteira.

738 — N4 *Antônio de Freitas Teles*, aos 3 de fevereiro de 1694 c.c. Susana de Vasconcelos Lôbo, filha de Bartolomeu de Azevedo Lôbo e de Maria de Vasconcelos, batizada a 31 de janeiro de 1671. Pai de:

Bn1 Inácio de Freitas Teles de Menezes, c.c. Gertrudes Maria da Encarnação.

Bn2 Francisco Xavier de Vasconcelos, c.c. Teresa Nogueira.

Bn3 Teresa de Brito, c.c. Antônio de Araújo Pestana.

Bn4 Isabel Maria de Vasconcelos, c. c. Antônio de Aragão de Sousa.

Bn5 Antônio de Brito Cassão.

Bn6 Luísa Micaela de Vasconcelos.

739 — Bn1 *Inácio de Freitas Teles de Menezes* c.c. Gertrudes Maria da Encarnação, filha de Antônio de Sá de Sousa e de Isabel de Freitas Lemos. Pai de:

Tn1 Lucas de Sá Souto-Maior.

Tn2 André Cursino de Brito.

740 — Bn2 *Francisco Xavier de Vasconcelos*, sargento-mor de granadeiros

da praça da Baía, c.c. Teresa Nogueira, sobrinha de Lázaro Nogueira, e teve filhos:

Tn3 Francisco Xavier de Vasconcelos.

Tn4 Ana Maria das Neves, c.c. Custódio Gonçalves.

Tn5 Antônio de Freitas Nogueira.

741 — *Antônio Pereira Soares*, capitão, c.c. Leonor de Freitas, filha de João de Freitas e de Maria de Aguiar, tendo:

F1 Antônia Pereira Soares, c.c. Jorge Pereira do Lago.

742 — *Antônio Soares de Ataíde*, irmão de Diogo Soares de Ataíde, c.c. Maria de Brito, filha de João de Freitas Maêira e de Teresa de Brito. Era das pessoas importantes de Jaguaripe. Teve um filho:

F1 Antônio Soares de Ataíde.

743 — *Diogo Soares de Ataíde*, irmão de Antônio Soares de Ataíde e ambos pessoas importantes em Jaguaripe, c.c. Catarina Teles de Menezes, filha de João de Freitas Madeira e de Teresa de Brito.

744 — *Antônio de Araújo Pestana*, filho de um de igual nome e que era homem forado em Cachoeira, c.c. Teresa de Brito, filha de Antônio de Freitas Teles e de Susana de Vasconcelos Lôbo, e teve um filho:

F1 Antônio Reginaldo de Freitas.

PACHECO DE CASTRO

745 — *Sebastião Pacheco de Castro* c.c. Brites Barbosa, filha de Gaspar Barbosa de Araújo e de Catarina Gil,

batizada a 23 de abril de 1586, tendo filhos:

F1 Diogo Pacheco de Castro, c.c. Antônia de Sá Menezes.

F2 Gaspar Pacheco de Castro, c.c. Águeda Moreira.

F3 Jerônima de Castro, c.c. Afonso Barbosa da Franca.

F4 Antônia de Castro, c.c. Gaspar Borges Davi.

Depois c.c. Catarina de Sande, filha de Diogo Correia de Sande e de Joana Barbosa, tendo:

F5 Clara de Sande, c.c. Francisco Fernandes.

746 — F1 *Diogo Pacheco de Castro*, capitão, c.c. Antônia de Sá Menezes, filha de Mem de Sá e de Maria Barbosa, tendo filhos:

N1 Inês de Castro, c.c. André Barbosa da Franca.

N2 Jerônima de Castro, c.c. Francisco de Lucena Vasconcelos.

N3 Maria de Castro, c.c. Sebastião da Rocha.

747 — F2 *Gaspar Pacheco de Castro* c.c. Águeda Moreira, filha de Gonçalo Moreira Daltro, da cidade do Pôrto, e teve:

N4 Diogo Barbosa, c.c. Isabel Cerqueira.

N5 Vasco Pacheco de Castro, c.c. Mariana Côrte-Real.

748 — N4 *Diogo Barbosa* c.c. Isabel Cerqueira, filha de Antônio Vaz Ribeiro e de Maria de Évora, tendo filhos:

Bn1 Inácia de Cerqueira, c.c. Francisco Machado da Silva.

Bn2 Águeda Moreira, c.c. Baltazar Lôbo.

Bn3 Antônio.

Bn4 Teresa e

Bn5 Leonor.

749 — N5 *Vasco Pacheco de Castro* c.c. Mariana Côrte-Real, filha de Luís

Pais Florian e de Clara da Franca Côrte-Real.

750 — *Gaspar Borges Davi*, capitão, foi c.c. Antônia de Castro, filha de Sebastião Pacheco de Castro e de Brites Barbosa, tendo filhos:

F1 João Borges Davi, c.c. Isabel de Menezes.

751 — *Francisco Fernandes*, filho de Antônio Fernandes, que era possuidor da ilha de Maré, foi benfeitor da Santa Casa de Misericórdia da Baía, homem de préstimos e qualidades, morador na cidade mas conhecido como o Fernandes da Ilha. C.c. Clara de Sande, filha única do casal Sebastião Pacheco de Castro e Catarina de Sande, falecida a 2 de dezembro de 1640, com sepultura na igreja de São Francisco. Pai de:

F1 Francisca de Sande, c.c. Nicolau Aranha Pacheco.

GARCIAS

752 — *Domingos Garcia de Melo* nasceu na ilha de São Miguel, onde viviam seus pais Pedro Fernandes de Melo e Isabel Garcia. Vindo para a Baía, aí c.c. Maria de Araújo de Aragão, filha de Baltazar de Aragão e de Maria de Araújo. Tornou-se rico e prestigiado. Faleceu a 10 de novembro de 1673, deixando filhos:

F1 João de Aragão.

F2 Domingos Garcia de Aragão, c. c. Catarina Pais e Catarina de Barros de Brito.

F3 Pedro Garcia de Melo, sacerdote.

F4 Francisco Pereira de Araújo, c. c. Cecília de Araújo de Aragão.

F5 Antônio Batista de Melo, c.c. Úrsula de Aragão.

F6 Manuel Garcia.

F7 José Garcia de Aragão de Araújo, c.c. Isabel de Menezes de Aragão.

F8 Catarina Garcia de Aragão, c.c. Antônio de Aragão Pereira.

F9 Maria.

F10 Joana e

F11 Mariana, religiosas.

753 — F2 *Domingos Garcia de Aragão*, aos 7 de fevereiro de 1660, c.c. Catarina Pais, filha de Pedro Pais Machado e de Antônia de Araújo de Aragão, falecida a 10 de fevereiro de 1667. Pai de:

N1 Pedro Garcia de Melo, c.c. Inês de Menezes.

N2 Antônio Pais de Aragão.

N3 Úrsula de Aragão, c.c. Antônio Batista de Melo e Antônio de Aragão Pereira.

Depois, a 25 de novembro de 1676, c.c. a viúva Catarina de Barros de Brito, filha de Paulo de Barros.

754 — F4 *Francisco Pereira de Araújo* c.c. Cecília de Araújo de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Ana de Barros Socio. Cecília faleceu a 2 de dezembro de 1697 e Francisco a 28 de dezembro de 1721.

755 — F5 *Antônio Batista de Melo*, aos 9 de setembro de 1693 c.c. Úrsula de Aragão, filha de Domingos Garcia de Aragão e de Catarina Pais.

756 — F7 *José Garcia de Aragão de Araújo* c.c. Isabel de Menezes de Aragão, filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de Maria de Menezes. Faleceu a 10 de novembro de 1720, deixando filhos:

N4 Domingos Garcia de Aragão.

N5 Maria de Menezes, c.c. Antônio de Aragão Pereira.

N6 Catarina Bernarda de Menezes, c.c. Jerônimo Sodré Pereira.

N7 Antônio Francisca de Menezes, c.c. Bernardino Cavalcanti de Albuquerque.

N8 José Garcia de Aragão de Araújo, batizado a 22 de julho de 1699.

N9 Josefa de Menezes.

757 — N1 *Pedro Garcia de Melo*, abastado em riquezas tanto quanto os seus antecedentes, vivia solteiro e assim teve um filho com Inês de Menezes, filha de Antônio Gomes Vitória e de Mariana Ulhoa, havendo demanda para o casamento de ambos, obrigatoriamente. Mas Pedro morreu de “bexigas”, enquanto sua fortuna se transferia a seu irmão Antônio Pais de Aragão, antes do termo da demanda. Jaboatão olvidou esclarecimentos quanto ao nome do filho de Pedro.

758 — N2 *Antônio Pais de Aragão*, também solteiro como seu irmão, muito rico por si mesmo e por heranças recebidas, deixou quanto possuía ao seu filho bastardo:

Bn1 Domingos Dias Machado.

759 — *Pedro Garcia* teria sido parente de Domingos Garcia de Melo, dada a semelhança de nomes e de relações sociais entre os mesmos e ainda a naturalidade de ilhéus. Era de São Miguel, onde residiam seus pais Manuel Pereira e Joana Garcia. Veio para a Baía e tornou-se grande e rico mercador, exclusivo fornecedor do engenho do Conde, ou seja o Conde de Linhares, em Sergipe (atual vila de S. Francisco). C.c. a viúva Maria de Araújo, filha de Francisco de Araújo e de Maria Dias, batizada na sé a 21 de agosto de 1579 e falecida a 9 de março de 1633, com sepultura na Misericórdia. Denunciado em 1618 à Inquisição, morreu em 1624, lutando contra os holandeses, quando fazia a defesa do forte do Mar, onde estava de guarnição. Pai de:

F1 Pedro Garcia de Araújo, padre.

F2 Francisco Gil de Araújo, c.c. Joana de Araújo Pimentel.

F3 Joana de Araújo, c.c. Antônio da Silva Pimentel.

760 — F1 *Pedro Garcia de Araújo*, com fartas heranças, houve por bem instituir um morgado de todas as suas fazendas à margem do Paraguaçu e o fez em favor de seu sobrinho Manuel Garcia Pimentel, filho de seu irmão Francisco Gil de Araújo. Depois, ordenou-se de sacerdote, já em idade maior e doou aos franciscanos as terras em que estes têm ainda o convento do Paraguaçu, no qual foi Pedro Garcia sepultado, pois que falecido a 7 de maio de 1691.

761 — F2 *Francisco Gil de Araújo* era dos baianos mais ricos do seu tempo. Herdou de pais e sogros. Em 1638 prestou serviços de guerra contra os holandeses, sendo alféres, dos combates saindo “queimado do rosto e mãos, de alcancias que o inimigo deitou, sem se haver retirado senão depois do inimigo o fazer, e no que mostrou muito valor” (*Doc. Hist.* 17-92). Feito capitão de cavalaria, as despesas do preparo e sustento da companhia correram por sua conta. Por 40 mil cruzados comprou ao almotacel Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho a propriedade da capitania do Espírito Santo, e em 1681, não podendo nela permanecer, por interesses seus na Baía, teve a permissão real de nomear administradores para o governo da mesma. C.c. a sua sobrinha Joana de Araújo Pimentel, filha de Antônio da Silva Pimentel e de Joana de Araújo, tendo filhos:

N1 Antônio da Silva Pimentel, morto ainda jovem.

N2 Manuel Garcia Pimentel, c.c. Mecia de Moura.

N3 José Garcia Pimentel.

N4 Ana Garcia de Araújo.

762 — N2 *Manuel Garcia Pimentel*, cavaleiro da ordem de Cristo, abastado em riquezas, herdeiro de pais e avós, de irmãos e do tio Pedro Garcia de Araújo, foi donatário da capitania do Espírito Santo. C.c. Mecia de Moura, filha de Manuel de Moura Rolim e de Ana Maria da Silva Pimentel, falecida a 9 de janeiro de 1705 em Sergipe do Conde, mas sepultada na capela-mór da igreja dos jesuítas. Não houve filhos do casal, mas de uma nativa Manuel teve uma filha, que foi legitimada:

Bn1 Ana Garcia Pimentel, c.c. Antônio Pacheco de Almeida.

763 — *Antônio Pacheco de Almeida*, licenciado, havia sido ouvidor em Angola. Veio para a Baía e c.c. Ana Garcia Pimentel, filha bastarda de Manuel Garcia Pimentel com uma nativa, para isso recebendo por dote 100 mil cruzados. Faleceu a 9 de dezembro de 1712, deixando um filho:

F1 Francisco Gil Garcia de Araújo, c.c. Ana Pinheiro de Aragão e Florinda de Freitas e Sousa de Eça.

764 — F1 *Francisco Gil Garcia de Araújo* c.c. Ana Pinheiro de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Francisca Pinheiro, tendo filhos:

N1 Francisca Garcia.

N2 Inácia de Araújo.

N3 Josefa Garcia.

Depois c.c. Florinda de Freitas e Sousa de Eça, filha de Miguel de Freitas Ferreira e de Antônio Maria de Sousa de Eça, naturais de Itaparica. O ato realizou-se na capela de N. Senhora da Penha, do Engenho, apresentando-se como procurador do nubente Manuel Luís de Freitas, irmão da noiva. Francisco Gil morreu a 14 de maio de 1770, na cadeia da Baía, tendo sepultura na igreja de São Francisco. Do segundo casamento teve:

N4 Antônio Garcia Pacheco de Almeida.

N5 Manuel Garcia Pimentel.

N6 Francisco Gil Garcia de Araújo.

N7 Iria Francisca Garcia.

N8 Joaquina Garcia.

N9 Maria Garcia.

765 — *Miguel de Freitas Ferreira*, tenente-coronel, natural e residente, como sua mulher, em Itaparica, foi c.c. Antônio Maria de Sousa de Eça e teve filhos:

F1 Manuel Luís de Freitas.

F2 Florinda de Freitas e Sousa de Eça, c.c. Francisco Gil Garcia de Araújo.

ROCHA PITA

766 — *Valentim da Rocha Pita* procedia do termo de Valença do Minho e daí veio para a Baía, onde foi capitão e c.c. Maria Falcão, filha de Bras Rebelo Falcão e de Isabel Brandão, a 19 de janeiro de 1653, tendo falecido a 13 de novembro de 1665. São filhos seus:

F1 Cristóvão da Rocha Pita, batizado a 1 de janeiro de 1662.

F2 Maria da Rocha Pita, c.c. Antônio da Rocha Pita.

Não haverá consanguinidade entre Valentim e Antônio da Rocha Pita, adiante tratado? Aquele se achava instalado na parceria de Bras Rebelo Falcão, em Iguape, casando-se com sua filha, quando chega aí o Antônio, que deu causa a um escândalo familiar. Por isto, talvez, o silêncio que se guarda quanto às relações entre eles, ambos vindos para o mesmo povoado e com o mesmo nome de família.

Entre os Rocha Pita há ainda, sem provada ligação de parentesco com os demais, um Sebastião do Rocha Pita, pai de Brites da Rocha Pita, pernami-

bucana de nascimento que se casara com João Velho Gondim e que veio a ser mãe do historiador Sebastião da Rocha Pita.

Três ramos da família Rocha Pita no Brasil, que parecem pouco distantes entre si.

767 — *Sebastião da Rocha Pita*, um dos homens mais ilustres e mais respeitáveis de seu tempo no Brasil, com uma biografia fartamente divulgada, era filho de João Velho Gondim, cavaleiro da ordem de Cristo e um dos principais de Viana, donde viera para aqui, e c.c. Brites da Rocha Pita, de família pernambucana, retirando-se para a Baía ao tempo das lutas holandesas. Sebastião, com o posto de coronel, as credenciais de historiador, grande prestígio e fama, c.c. Ana de Aragão, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Aragão. Pai de:

F1 Teresa da Rocha Pita.

F2 Brites da Rocha Pita, c.c. Domingos da Costa de Almeida.

F3 Antônio da Rocha Pita.

768 — *Antônio da Rocha Pita* era de Coura, em Portugal, filho de Francisco da Rocha Pita e de Beatriz de Lara, vindo tentar a vida na Baía. No Iguapec mereceu o acolhimento dos Brandões, enamorou-se de uma filha destes, contra a vontade de todos, e raptou-a. Houve tentativa de morte dele, ficando ferido a bala. Por fim c.c. a raptada, Maria da Rocha Pita, filha de Valentim da Rocha Pita e de Maria Falcão, a 1 de julho de 1678. Teve o casal:

F1 Francisco da Rocha Pita, c.c. Rosa Maria Falcão.

Viúvo, Antônio c.c. Aldonsa de la Penha Deusdará, tendo filhos:

F2 Luís da Rocha Pita.

F3 Brites da Rocha Pita, c.c. João de Sá Souto-Maior.

F4 Francisca Xavier de la Penha Deusdará, c.c. João Homem Freire.

F5 Maria da Rocha Pita, c.c. Manuel Homem Freire.

F6 Simão da Fonseca Pita, c.c. Antônia Luísa de Vasconcelos Vilas-Boas.

769 — F1 *Francisco da Rocha Pita*, enriquecido de heranças, c.c. Rosa Maria Falcão, filha de Tomé Pereira Falcão e de Inácia de Araújo. Pai de:

N1 João da Rocha Pita, c.c. Ana Maria de Lacerda.

N2 Cristóvão da Rocha Pita, c.c. Josefa da Costa Lima.

N3 Antônio da Rocha Pita, c.c. Inácia Pereira de Macedo.

N4 Micaela da Rocha Pita, c.c. Manuel de Lima Pereira.

Depois c.c. a viúva Leonor Pereira Marinho, filha de Vasco Marinho Pereira e de Catarina de Araújo de Azevedo. Pai de:

N5 Francisca Pereira Pita, c.c. Antônio Gomes de Sá.

N6 Rosa da Rocha Pita.

770 — F6 *Simão da Fonseca Pita* c.c. Antônia Luísa de Vasconcelos Vilas-Boas, filha de Francisco da Fonseca Vilas-Boas e de Maria de Melo, tendo filhos:

N7 Aldonsa de la Penha Deusdará, c.c. Amaro de Sousa Coutinho.

771 — N1 *João da Rocha Pita* c.c. Ana Maria de Lacerda, filha de Luís de Lacerda Góis e de Joana de Araújo Pereira. Faleceu a 23 de fevereiro de 1775 e foi sepultado na igreja de São Francisco, na Baía, sem descendentes.

772 — N2 *Cristóvão da Rocha Pita* c.c. Josefa da Costa Lima, filha de João da Costa Lima, mercador rico na Baía, constando o casal ter tido uma filha.

773 — N3 *Antônio da Rocha Pita* c.c. Inácia Pereira de Macedo, filha de Pedro Marinho de Sá e de Antônia Teresa de Sá, tendo filhos:

Bn1 Antônia Teresa de Sá Pita, c. c. Francisco Antônio de Argolo e Queirós.

Bn2 Catarina Josefa de Araújo Pita, c.c. Jerônimo Moniz Fiúsa Barreto.

Bn3 Francisca da Rocha Pita.

Bn4 Maria da Rocha Pita.

Bn5 Inácia Pereira de Macedo Pita.

774 — *João de Sá Souto-Maior*, desembargador na Relação da Baía e nela empossado a 28 de julho de 1708, servindo depois o cargo de chanceler, c.c. Brites da Rocha Pita, filha de Antônio da Rocha Pita e de Aldonsa de la Penha Deusdará.

775 — *João Homem Freire*, desembargador citado por Jabotão, estando na Baía c.c. Francisca Xavier de la Penha Deusdará, nascida em Matoin, filha de Antônio da Rocha Pita e de Aldonsa de la Penha Deusdará. Francisca faleceu a 24 de fevereiro de 1723, deixando como testamentários seu marido e seu irmão Luís da Rocha Pita.

776 — *Manuel Homem Freire*, sobrinho do desembargador João Homem Freire, residente em Coimbra e numa quinta à vila Cova, c.c. Maria da Rocha Pita, filha de Antônio da Rocha Pita e de Aldonsa de la Penha Deusdará e que fôra para o reino na companhia de seu cunhado.

777 — *Mãnuel de Lima Pereira*, português de nascimento, enteado do capitão-mór Teotônio Teixeira, c.c. Micaela da Rocha Pita, filha de Francisco da Rocha Pita e de Rosa Maria Falcão.

778 — *Amaro de Sousa Coutinho*, filho de Cristóvão de Sousa Dalte e de Maria de Barros Pereira, era alferes quando se c.c. Ana Maria de Espínola, a qual faleceu sem descendentes a 17 de maio de 1732. Depois c.c. Aldonsa de la Penha Deusdará, filha de Simão da Fonseca Pita e de Antônia Luísa de Vasconcelos Vilas-Boas. Pai de:

F1 Antônio da Rocha Pita, falecido solteiro e por isto sua herança foi entregue a Cristóvão da Rocha Pita, filho de Francisco da Rocha Pita, por determinação testamentária de seu tio Simão da Fonseca Pita.

COSTA DE ALMEIDA

779 — *Rodrigo da Costa de Almeida* era tenente-general no reino de Angola e cavaleiro da ordem de Cristo. C.c. Ana Duque, teve um filho:

F1 Domingos da Costa de Almeida, c.c. Brites da Rocha Pita.

780 — F1 *Domingos da Costa de Almeida* herdou de seu sogro a propriedade da provedoria da alfândega, foi coronel de ordenanças de Cachoeira a Inhambupe e, depois, na Capital, como era senhor de engenhos. C.c. Brites da Rocha Pita, filha de Sebastião da Rocha Pita e de Ana de Aragão. São filhos seus:

N1 Isabel Joaquina de Aragão, c.c. José Pires de Carvalho e Albuquerque.

N2 Sebastião da Rocha Pita, c.c. Luísa da Franca Côrte-Real.

N3 Rodrigo da Costa de Almeida, c. c. Maria Francisca de Menezes.

N4 João de Jesus Maria José, carmelita.

N5 Teresa, religiosa.

781 — N2 *Sebastião da Rocha Pita* c.c. Luísa de Franca Côrte-Real, filha de Francisco de Negreiros Côrte-Real e de Antônia de Araújo de Aragão. Era alferes de infantaria.

782 — N3 *Rodrigo da Costa de Almeida*, coronel, cavaleiro da ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, provedor da alfândega por herança, a 22 de janeiro de 1748 c.c. sua prima Maria Francisca de Menezes, filha de Bernardino Cavalcanti de Albuquerque e de Antônia Francisca de Menezes. Maria Francisca, batizada a 19 de setembro de 1697, faleceu a 20 de fevereiro de 1764. Pai de:

Bn1 Brites Mariana Rita Francisca de Almeida Menezes, c.c. Manuel Pereira da Silva Caldas e Antônio José de Sousa Freire Tavares de Castro Leal.

783 — *Manuel Pereira da Silva Caldas*, desembargador em Portugal, c. c. Brites Mariana Rita Francisca de Almeida Menezes, filha de Rodrigo da Costa de Almeida e de Maria Francisca de Menezes, e teve, entre outros filhos:

F1 Maria Luísa Clementina de Almeida Menezes.

REBELO FALCÃO

784 — *Bras Rebelo Falcão* figura entre os antigos proprietários de terras no Iguape, seu nome entre os sesmeiros do começo do século 17. Na Baía c. c. Isabel Brandão, filha de Belchior Brandão Coelho e de Maria Pestana. Filhos seus:

F1 Vasco Marinho Pereira Falcão, c. c. Catarina Fogaça.

F2 Belchior Brandão Pereira, c.c. Isabel Barbosa.

F3 Francisca de Miranda, c.c. Antônio de Serra de Figueiredo.

F4 Isabel Brandão, c.c. Francisco Rabelo de Macedo.

F5 Maria Falcão, c.c. Valentim da Rocha Pita e João Peixoto da Silva.

F6 Tomé Pereira Falcão, c.c. Inácia de Araújo.

785 — F1 *Vasco Marinho Pereira Falcão*, aos 23 de junho de 1659 c.c. Catarina Fogaça, filha de Garcia de Ávila e de Leonor Pereira, e teve filhos:

N1 Leonor Pereira Marinho, c.c. Francisco Dias de Ávila.

N2 Isabel de Ávila Marinho, c.c. Manuel Pais da Costa.

786 — F2 *Belchior Brandão Pereira* c.c. Isabel Barbosa, falecida a 28 de agosto de 1689, enquanto êle faleceu a 21 de junho de 1696. Pai de:

N3 Isabel Barbosa Pereira, c.c. Gaspar de Araújo de Azevedo.

N4 Maria de Araújo Pereira, c.c. João Brandão Pereira.

N5 Antônio Barbosa de Araújo, c. c. Mônica Serrão de Menezes.

N6 Belchior, batizado a 24 de agosto de 1659.

N7 Bras, batizado a 7 de agosto de 1661.

N8 Salvador, batizado a 11 de outubro de 1664.

N9 Sebastião Barbosa Pereira, c.c. Felipa Soares de Brito.

N10 Vasco Marinho Pereira, c.c. Catarina de Araújo de Azevedo.

787 — F6 *Tomé Pereira Falcão* c. c. Inácio de Araújo, filha de Gonçalo Rodrigues de Araújo e de Isabel Freire Baracho, aos 21 de junho de 1669. Inácia, vivendo por mais de cem anos, morreu a 10 de julho de 1743, deixando como testamenteiros os seus netos Gonçalo Marinho, Francisco Dias de Ávila e João da Rocha Pita. Pai de:

N11 Tomé Pereira Falcão, c.c. Leonor Pereira Marinho.

N12 Vasco, batizado a 4 de maio de 1670.

N13 Isabel Brandão, c.c. Manuel Marinho Brandão.

N14 Lancerote Pereira, batizado a 8 de abril de 1674.

N15 Micaela, batizada a 16 de setembro de 1676.

N16 Rosa Maria Falcão, c.c. Francisco da Rocha Pita.

N17 Inácia de Araújo Pereira, c.c. Garcia de Ávila Pereira.

787-A — N5 *Antônio Barbosa de Araújo*, batizado a 10 de maio de 1657, c.c. Mônica Serrão de Menezes, filha de Francisco Soares Brandão e de Francisca de Menezes, tendo filhos:

Bn1 Francisca de Menezes, c.c. José de Argolo de Menezes.

Bn2 João Pereira Barbosa de Araújo, c.c. Joana de Argolo de Gusmão.

Bn3 Isabel Maria de Jesus, c.c. Francisco Gomes de Sá.

Bn4 Mônica de Menezes.

788 — N9 *Sebastião Barbosa Pereira*, batizado a 15 de setembro de 1669, c.c. Felipa Soares de Brito, filha de João Soares de Brito e de Maria Campina Brandão. Pai de:

Bn5 Manuel Soares de Brito.

Bn6 Isabel Soares, c.c. Manuel Pereira de Aragão.

789 — N10 *Vasco Marinho Pereira* c.c. Catarina de Araújo de Azevedo, filha de Paio de Araújo de Azevedo e de Ana de Sousa, tendo filhos:

Bn7 Paio de Araújo de Azevedo, c.c. Catarina de Góis.

Bn8 Mariana Pereira, c.c. Manuel Pereira de Sousa.

Bn9 Leonor Pereira Marinho, c.c. Tomé Pereira Falcão e Francisco da Rocha Pita.

Bn10 Pedro Marinho Falcão, batizado a 1 de novembro de 1692.

Bn11 João, batizado a 13 de julho de 1694.

Bn12 Ana Maria, batizada a 13 de junho de 1696.

Bn13 Vasco, batizado a 18 de outubro de 1697.

790 — N11 *Tomé Pereira Falcão*, batizado a 2 de junho de 1680, c.c. Leonor Pereira Marinho, filha de Vasco Marinho Pereira e de Catarina de Araújo de Azevedo, o ato celebrado a 7 de janeiro de 1715. Pai de:

Bn14 Gonçalo Marinho Falcão, c.c. Luísa Brandão.

Bn15 Leonor Pereira Marinho, falecida ainda solteira, aos 20 anos de idade, já morto seu pai.

790A — Bn2 *João Pereira Barbosa de Araújo*, aos 27 de fevereiro de 1729, c.c. Joana de Argolo de Gusmão, filha de Paulo de Argolo e de Inês de Gusmão, tendo filhos:

Tn1 Antônio Barbosa de Argolo Araújo, solteiro ainda em 1772.

Tn2 José Pereira Barbosa, padre.

Tn3 Ana.

Tn4 Joana.

Tn5 Ana Maria de Monserrate.

Tn6 Manuel Xavier do Nascimento, padre.

791 — Bn14 *Gonçalo Marinho Falcão* c.c. Luísa Brandão, filha de Antônio Brandão Pereira e de Francisca Gaioso Xavier, o ato celebrado a 28 de janeiro de 1750 na igreja de São Tiago, no Iguape. Gonçalo faleceu a 7 de abril de 1773.

792 — *Antônio de Serra de Figueiredo*, filho de Antônio de Serra e de Luísa de Figueiredo, natural do bispado de Coimbra, em 29 de setembro de 1659 c.c. Francisca de Miranda, filha de Bras Rebelo Falcão e de Isabel Brandão. Francisca faleceu a 2 de novembro de 1680.

793 — *Francisco Rabelo de Macedo*, filho de Antônio Rabelo de Macedo e de Violante de Faria, natural da vila de Guimarães, morando no Iguape, a 3 de abril de 1665 c.c. Isabel Brandão, filha de Bras Rebelo Falcão e de Isabel Bran-

dão. Francisco faleceu a 13 de abril de 1708 e Isabel a 4 de janeiro de 1716. Pai de:

F1 Antônia de Faria, c.c. Estêvão Machado de Sá.

F2 Fernão Pereira de Macedo, c.c. Vitória de Araújo de Aragão.

794 — F2 *Fernão Pereira de Macedo*, sargento-mór, c.c. Vitória de Araújo de Aragão, filha de Pedro Camelo de Aragão Pereira e de Ana de Araújo de Aragão, falecida a 4 de dezembro de 1736, com sepultura no Iguape. Pai de:

N1 Fernão Pereira de Aragão.

N2 Manuel Pereira de Aragão, c.c. Isabel Soares.

795 — N2 *Manuel Pereira de Aragão* c.c. Isabel Soares, filha de Sebastião Barbosa Pereira e de Felipa Soares de Brito, tendo filhos:

Bn1 Fernão Pereira de Macedo, c.c. Francisca da Rocha Queirós.

Bn2 Vitória Josefa.

Bn3 José Pereira de Macedo, padre.

Bn4 Francisco Pereira Rabelo.

Bn5 Sebastião Barbosa de Araújo.

Bn6 Inácia Pereira, c.c. Tomás Antônio de Azevedo.

796 — Bn1 *Fernão Pereira de Macedo*, capitão, c.c. Francisca da Rocha Queirós, filha de Antônio Gonçalves da Rocha Queirós e de Joana Bernardina de Almeida.

797 — *Manuel Pais da Costa*, resistindo às vontades de seus futuros sogros, c.c. Isabel de Ávila Marinho, filha de Vasco Marinho Falcão e de Catarina Fogaça, falecida a 24 de janeiro de 1704. Uma verba de testamento de Vasco anota: "Declaro que minha filha Isabel casou contra a minha vontade com Manuel Pais da Costa e ficou deserdada, sendo de 16 anos".

798 — *Gaspar de Araújo de Azevedo* nasceu no arcebispado de Braga, filho de Gonçalo Coelho de Araújo e de Catarina Barbosa, e vindo para o Brasil, na Baía c.c. Isabel Barbosa Pereira, filha de Belchior Brandão Pereira e de Isabel Barbosa, batizada a 6 de novembro de 1650. Pai de:

F1 Catarina Josefa de Araújo de Azevedo, c.c. Antônio Barbalho da Franca.

F2 Rosa Maria de Araújo, c.c. Antônio Gomes de Sá.

799 — *João Brandão Pereira* c.c. Maria de Araújo Pereira, batizada a 8 de agosto de 1655 e filha de Belchior Brandão Pereira e de Isabel Barbosa. Pai de:

F1 Antônio Brandão Pereira, c.c. Francisca Gaioso Xavier.

Depois c.c. Maria Campina e teve:

F2 Maria Campina Brandão, c.c. João Soares de Brito.

800 — F1 *Antônio Brandão Pereira*, coronel, aos 21 de novembro de 1729 c.c. Francisca Gaioso Xavier, filha de José Gaioso de Peralta e de Maria Pereira de Cerqueira, tendo tido uma filha:

N1 Luísa Brandão, c.c. Gonçalo Marinho Falcão.

801 — *Manuel Marinho Brandão*, aos 7 de outubro de 1697 c.c. Isabel Brandão, filha de Tomé Pereira Falcão e de Inácia de Araújo, batizada a 23 de agosto de 1671.

802 — *Manuel Pereira de Sousa*, filho de Diogo Pereira do Lago e de Luísa Barbosa Souseda, nascido no arcebispado de Braga, aos 8 de janeiro de 1708, na capela de Guadalupe, no Iguape, c.c. Mariana Pereira, filha de Vas-

co Marinho Pereira é de Catarina de Araújo de Azevedo.

SODRÉ PEREIRA

803 — *Jerônimo Sodré Pereira*, filho de Fernão Sodré Pereira e de Brites Tibau, oriundo de famílias das principais de Portugal, nasceu em 1631 em Águas Belas, comarca de Ribamar. Era irmão de José Pereira Sodré, governador de São Tomé, e teria chegado na Baía em 1661. Ai c.c. Maria de Azevedo, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de Maria de Azevedo, última do casal e que obtivera do rei uma pensão para se manter, em recompensa de serviços de seu irmão o padre Antônio Vieira. O casamento se dera no mesmo ano da chegada de Jerônimo, tendo o casal um filho:

F1 Jerônimo Sodré Pereira, c.c. Catarina Bernarda de Menezes.

Viúvo, mestre de campo, provedor da Santa Casa de Misericórdia, mōço fidalgo, rico e prestigiado, c.c. Francisca de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Ana de Barros Soeiro. Faleceu em 1711, com sepultura em Santa Teresa. Pai de:

F2 José Sodré Pereira, c.c. Leonor de Brito de Castro e Teresa Maria de Brito.

F3 Brites Sodré Pereira, c.c. José Verdox.

804 — F1 *Jerônimo Sodré Pereira*, capitão de infantaria, a 14 de fevereiro de 1719 c.c. Catarina Bernarda de Menezes, filha de José Garcia de Aragão de Araújo e de Isabel de Menezes de Aragão, batizada a 27 de setembro de 1693. Cego, veio a morrer sem deixar sucessão.

805 — F2 *José Sodré Pereira* nasceu a 13 de janeiro de 1680 e foi assassinado em abril de 1745. A 6 de junho de 1709 c.c. a viúva Leonor de Brito de

Castro, filha de Sebastião de Brito de Castro e de Maria de Aragão. Depois c.c. Teresa Maria de Brito, filha de Francisco de Brito Barbosa e de Maria de Araújo de Azevedo. Do segundo casal nasceram:

N1 Jerônimo Sodré Pereira, c.c. Catarina Maria da Graça e Albuquerque.

N2 Francisco Álvaro Sodré Pereira, c.c. Maria Josefa Teodora de Ataíde.

N3 Francisca.

N4 Teresa e

N5 Ana, religiosas no Destêrro.

806 — N1 *Jerônimo Sodré Pereira*, batizado na Baía a 21 de fevereiro de 1719, mestre de campo auxiliar, fidalgo da casa real, c.c. Catarina Maria da Graça e Albuquerque, filha de João de Couros Carneiro e de Ana Francisca de Albuquerque, e teve do sogro a propriedade do ofício de escrivão do senado da Câmara. Faleceu a 16 de julho de 1790. Pai de:

Bn1 João Sodré Pereira, nascido em abril de 1745 e morto em junho de 1790.

Bn2 José Álvaro Pereira Sodré, nascido em 1746 e morto em 1786.

Bn3 Luís Sodré Pereira, religioso.

Bn4 Jerônimo Sodré Pereira, nascido em 1754 e morto em 1808.

Bn5 Francisco Sodré Pereira, nascido em 1758.

Bn6 Rodrigo Sodré Pereira, nascido em 1759 e morto em 1793.

Bn7 Ana Caetana Sodré, religiosa.

807 — N2 *Francisco Álvaro Sodré Pereira*, nascido em 1730, capitão de cavalaria, c.c. Maria Josefa Teodora de Ataíde e faleceu em dezembro de 1785, deixando filhos:

Bn8 Álvaro Sodré Pereira.

Bn9 Francisco Maria Sodré Pereira, c.c. Maria José Lodi.

Bn10 Maria Clementina, religiosa.

808 — Bn9 *Francisco Maria Sodré Pereira*, nascido em 29 de outubro de

780, titular da ordem de Cristo e do Cruzeiro, c.c. Maria José Lodi, italiana de origem, e teve filhos:

Tn1 Maria Adelaide Sodré Pereira, c.c. José Lino Coutinho e Antônio Moniz de Aragão Ferrão.

Tn3 Maria Leonor, falecida solteira.

Tn4 Maria Clementina Sodré, c.c. João Vaz de Carvalho.

Tn5 Jerônimo Sodré Pereira.

Tn6 Maria Leopoldina, que morreu solteira.

Com Maria Ana de Menezes teve:

Tn7 Francisco Pereira Sodré, c.c. Cora Coutinho César.

809 — Tn5 *Jerônimo Sodré Pereira*, cavaleiro da ordem de Cristo, fidalgo da casa real, viveu solteiro mas deixou descendência ilegítima, falecendo em outubro de 1881.

810 — Tn7 *Francisco Pereira Sodré* nasceu a 26 de abril de 1818, abastado proprietário, feito Barão de Alagoinhas a 25 de abril de 1879, foi c.c. Cora Coutinho César, filha de José Lino Coutinho e de Ildefonsa Laura César, nascida a 25 de janeiro de 1819. Francisco faleceu a 18 de setembro de 1882 e Cora a 25 de abril de 1880. Pai de:

4n1 Francisco Maria Sodré Pereira, c.c. Maria Constança de Pinho.

4n2 Rodrigo Sodré Pereira, nascido a 7 de maio de 1837 e morto a 1 de janeiro de 1873.

4n3 Cora Coutinho Sodré, nascida a 1 de fevereiro de 1839 e morta a 26 de março de 1937.

4n4 Jerônimo Sodré Pereira, c.c. Maria Carolina de Sousa Dantas.

4n5 Maria Ana Sodré Pereira, nascida a 23 de setembro de 1842 e morta a 13 de abril de 1927.

4n6 Antônio Sodré Pereira, nascido a 1 de abril de 1844 e morto a 12 de outubro de 1846.

4n7 Maria Leopoldina Sodré Pereira, c.c. Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão.

4n8 Maria Augusta Sodré Pereira, c.c. Bento da França de Oliveira Garcês.

4n9 José Lino Coutinho Sodré Pereira, c.c. Maria Ana de Pita Lima.

4n10 Maria Angélica Sodré Pereira, c.c. Henrique da França de Oliveira Garcês.

4n11 Maria Clementina Sodré Pereira, nascida em 1851 e morta em 1872.

811 — 4n1 *Francisco Maria Sodré Pereira* nasceu a 16 de janeiro de 1836, bacharel, magistrado, deputado provincial e geral, presidente de Pernambuco, ministro do Império, aderiu à República e continuou deputado. C.c. a viúva Maria Constança de Pinho, filha de José Francisco de Pinho e da Condessa de Saint-Cyr, nascida a 29 de novembro de 1843 e falecida a 29 de agosto de 1885. Francisco morreu a 16 de junho de 1903, deixando filhos:

5n1 Maria de Nazaré Sodré, c.c. Antônio Garcia Moreira de Aragão.

5n2 Maria dos Anjos Sodré Pereira, falecida a 25 de fevereiro de 1921.

812 — 4n4 *Jerônimo Sodré Pereira* nasceu a 6 de abril de 1840, médico, professor, conselheiro do Império, deputado provincial e geral, presidente de Sergipe, um dos maiores propugnadores da abolição dos escravos. C.c. Ana Carolina de Sousa Dantas, filha de Manuel Pinto de Sousa Dantas e de Amália Josefina Barata, e faleceu a 29 de novembro de 1909, tendo Ana falecido a 13 de dezembro de 1921. Pai de:

5n3 Jerônimo Sodré Pereira, c.c. Sofia de Sá.

5n4 Amália Josefina Sodré, c.c. Hermógenes Viana.

5n5 Maria da Conceição Sodré, c.c. Rodolfo de Sousa Dantas.

5n6 Francisco Pereira Sodré, advogado.

813 — 4n9 *José Lino Coutinho Sodré Pereira* nasceu a 19 de setembro de 1847, agricultor, c.c. Maria Ano de Pita Lima, nascida a 1 de novembro de 1851 e falecida a 19 de março de 1910. José faleceu a 1 de agosto de 1882. Pai de:

5n7 Francisco Álvaro Sodré Pereira, militar, nascido em 1873 e falecido em 1910, com serviços de guerra.

5n8 José Lino Coutinho Sodré Pereira, nascido em 1874 e morto em fevereiro de 1900.

5n9 Jerônimo Sodré Pereira, c.c. c.c. Cora Moniz Sodré de Aragão.

5n10 Maria Ana Sodré Pereira, falecida em novembro de 1894.

5n11 Cora Sodré Pereira, falecida em julho de 1900.

5n12 Antônio Sodré Pereira, farmacêutico, falecido em abril de 1908.

814 — 5n3 *Jerônimo Sodré Pereira* nasceu em Paris a 16 de agosto de 1882, médico e agricultor, c.c. Sofia de Sá e faleceu a 26 de fevereiro de 1920. Pai de:

6n1 Ana Sodré de Sá, c.c. Augusto de Miranda Jordão.

6n2 Cora Sodré de Sá.

6n3 Marta Sodré de Sá, c.c. Carlos Wildberger.

6n4 Pedro de Sá Sodré, engenheiro.

6n5 Dora Sodré de Sá.

815 — 5n9 *Jerônimo Sodré Pereira*, nascido a 20 de agosto de 1875, deputado estadual e funcionário público, c. c. Cora Moniz Sodré de Aragão, filha de Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão e de Maria Leopoldina Sodré Pereira, nascida a 28 de abril de 1875. Pai de:

6n6 Hélio Moniz Sodré Pereira, c. c. Niomar de Argolo Moniz Sodré.

6n7 Osmar Moniz Sodré, assassinado no Estado do Rio.

816 — 6n1 *Hélio Moniz Sodré Pereira*, escritor, bacharel em Direito, nascido a 5 de maio de 1914, c.c. Niomar de Argolo Moniz Sodré, escritora, nascida a 4 de setembro de 1910, filha de Antônio Moniz Sodré de Aragão e de Maria de Teive e Argolo. Pai de:

7n1 Antônio Moniz Sodré de Aragão.

817 — *José Lino Coutinho*, filho de José Luís dos Santos e de Maria Rosa Coutinho, nasceu na Baía a 31 de março de 1784 e aí faleceu a 24 de julho de 1836. Médico, professor de medicina, deputado geral, ministro de Estado, servido de luminoso talento. Com a poetisa Ildefonsa Laura César, filha de Antônio César Caminha, teve uma filha, para a qual escreveu o livro *Cartas para a educação de Cora*.

F1 Cora Coutinho César, c.c. Francisco Pereira Sodré.

Em dezembro de 1833 c.c. Maria Adelaide Sodré Pereira, filha de Francisco Sodré Pereira e de Maria José Lodi, nascida a 11 de fevereiro de 1808. Pai de:

F2 Maria José Coutinho Sodré, c.c. Henrique da França Pinto de Oliveira Garcês.

818 — *João Vaz de Carvalho*, capitão, filho de João Vaz de Carvalho, c. c. Maria Clementina Sodré, filha de Francisco Maria Sodré Pereira e de Maria José Lodi, falecida em 1886. Pai de:

F1 Francisco Vaz de Carvalho Sodré, c.c. Ana Virgínia de Castro.

F2 João Vaz de Carvalho Sodré, c. c. Virgínia Pontes.

F3 Maria Clementina de Carvalho, c. c. Cincinato Pinto da Silva.

819 — F1 *Francisco Vaz de Carvalho Sodré* c.c. Ana Virgínia de Castro e teve filhos:

N1 Francisco Vaz de Carvalho Sodré, médico.

N2 Maria Adelaide de Carvalho Sodré, c.c. Luís Antônio Simões Meireles (Barão de Açu da Tôrre).

N3 Maria Augusta Vaz Sodré, c.c. Lourenço dos Santos Olivieri.

N4 Eduardo Vaz de Carvalho, c.c. Adelina dos Santos.

820 — *Henrique da França Pinto de Oliveira Garcês*, nascido a 9 de agosto de 1830, filho de Bento de Oliveira Pinto da França e de Maria José Tovar da Costa, c.c. Maria José Coutinho Sodré, nascida em Paris a 21 de novembro de 1834, filha de José Lino Coutinho e de Maria Adelaide Sodré Pereira. Henrique faleceu a 13 de abril de 1879 e sua viúva a 6 de março de 1898. Pai de:

F1 Henrique da França de Oliveira Garcês, c.c. Maria Angélica Sodré Pereira e Ana Basto.

F2 Maria José de Oliveira Garcês, c.c. Guilherme Artur Olivier.

F3 Bento da França de Oliveira Garcês, c.c. Maria Augusta Sodré Pereira.

F4 Maria Bárbara Coutinho Garcês, c.c. Joaquim Cardoso de Andrade.

F5 Salvador de Oliveira Pinto da França.

F6 Maria Adelaide da França, c.c. Francisco de Paula Pessoa.

F7 José Lino Coutinho da França, c.c. Agostinha Aurelina Lucas.

F8 Maria Clementina da França, c.c. José Antônio Duarte.

F9 Maria da Purificação da França, c.c. Tranquilino Leovigildo Tôrres e Gonçalo Moniz Sodré de Aragão.

F10 Maria Leopoldina da França, c.c. Júlio Maximiliano Olivier.

F11 Maria Ana da França, c.c. Henrique de Matos Moreira.

821 — F1 *Henrique da França de Oliveira Garcês*, médico, nascido a 3 de setembro de 1853, c.c. Maria Angélica Sodré Pereira, filha de Francisco Pereira Sodré e de Cora Coutinho César, falecida a 9 de julho de 1897. Viúvo, sem filhos, c.c. Ana Basto, filha de Pedro Viana de Araújo Basto e de Maria Constança de Pinho, falecida a 8 de janeiro de 1917 e Henrique falecido a 2 de junho de 1910. Pai de:

N1 Maria Constança Basto de França, c.c. César Dória.

N2 Maria José Basto de França, c.c. Enoque Tôrres.

822 — F3 *Bento da França de Oliveira Garcês* nasceu a 7 de fevereiro de 1856, médico da Armada, c.c. Maria Augusta Sodré Pereira, filha de Francisco Pereira Sodré e de Cora Coutinho César. Maria Augusta faleceu a 27 de setembro de 1903 e Bento a 27 de agosto de 1912, deixando filhos:

N3 Cora Coutinho.

N4 Maria José.

N5 Maria Augusta.

823 — *Antônio Garcia Moreira de Aragão*, filho de Vespasiano Garcia Moreira e de Maria Augusta de Aragão, nasceu em 1867 e faleceu em 1937. C. c. Maria de Nazaré Sodré, filha de Francisco Sodré Pereira e de Maria Constança de Pinho, nascida em 1873 e falecida em 1937. Pai de:

F1 Olímpia Moreira Sodré de Aragão, c.c. Arsénio Pereira da Costa.

F2 Oscar Moreira Sodré de Aragão, c.c. Elza Santos.

F3 Orlando Moreira Sodré de Aragão.

F4 Maria Augusta Moreira Sodré de Aragão, c.c. José Augusto Vilar.

F5 Pedro Moreira Sodré de Aragão, c.c. Iracema de Carvalho Fagundes.

F6 Francisco Moreira Sodré de Araújo.

824 — *Hermógenes Viana*, advogado e fazendeiro, filho de José Manuel Viana, c.c. Amália Josefina Sodré, filha de Jerônimo Sodré Pereira e de Ana Carolina de Sousa Dantas, nascida a 19 de maio de 1885. Pai de:

F1 Jerônimo Sodré Viana, poeta, escritor e jornalista.

F2 José Manuel Sodré Viana.

F3 Laura Sodré Viana.

F4 Maria do Carmo Sodré Viana.

825 — *Rodolfo de Sousa Dantas*, engenheiro, c.c. Maria da Conceição Sodré, nascida a 4 de maio de 1886, do casal Jerônimo Sodré Pereira e Ana Carolina de Sousa Dantas. Pai de:

F1 Manuel José de Sousa Dantas.

F2 Fernando Luís de Sousa Dantas.

F3 Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas.

826 — *Tranquilino Leovigildo Tôrres* nasceu a 30 de agosto de 1859, filho de Belarmino Silvestre Tôrres e de Umbelina Emília dos Santos, magistrado, fundador em 1893 e presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, c.c. Maria da Purificação da França, filha de Henrique da França Pinto de Oliveira Garcês e de Maria José Coutinho Sodré. Tôrres faleceu a 22 de maio de 1896. Pai de:

F1 Mário Tôrres, c.c. Ester de Seixas.

F2 Otávio Tôrres, c.c. Maria Carolina Pereira.

F3 Celso Tôrres, c.c. Leontina Teixeira.

F4 Oscar Tôrres, c.c. Maria da Natividade de Seixas.

F5 Jaime Tôrres.

F6 Fábio Tôrres.

F7 Carlos Tôrres, c.c. Margarida de Melo Matos.

F8 Enoque Tôrres, c.c. Maria José Basto da França.

F9 Maria Madalena Tôrres.

827 — *José Pereira Sodré*, filho de Fernão Sodré Pereira e de Brites Tibau, irmão de Jerônimo Sodré Pereira e governador de São Tomé, foi c.c. Ana de Menêzes e teve filhos:

F1 Duarte Sodré Pereira, que foi governador de Pernambuco.

F2 Álvaro Gonçalves Pereira Sodré, c.c. Teresa Pereira Verdox.

F3 João Gonçalves Pereira Sodré.

828 — F2 *Álvaro Gonçalves Pereira Sodré* chegou à Baía a 14 de maio de 1700, com 22 anos de idade, soldado de uma nau que se queimou no pôrto local. Aí assentou praça no têrço de que seu tio era mestre de campo, merecendo-lhe a proteção. C.c. Teresa Pereira Verdox, de pais não referidos, e teve filhos:

N1 Josefa, batizada a 3 de dezembro de 1722.

N2 Maria, batizada a 26 de janeiro de 1724.

VIEIRA RAVASCO

829 — *Cristóvão Vieira Ravasco*, fidalgo da casa real, descendente de nobre família portuguesa, veio para a Baía com a sua mulher Maria de Azevedo e o primeiro filho que lhe nascera — o padre Antônio Vieira. Homem pobre, simples escrivão de ofício com a posse do mesmo em janeiro de 1636, muito lhe retrata a situação certo requerimento mandado ao rei, aos 97 anos de idade. Faleceu na Baía a 1 de junho de 1667, com sepultura na igreja de São Bento. São filhos seus:

F1 Antônio Vieira, grande padre jesuíta, orador e político, nascido em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608 e a 15 do mesmo mês batizado. Antes de contar oito anos de idade veio com seus pais para a Baía e aí se educou e se fez notável perante o mundo e os séculos. Faleceu na mesma cidade a 18 de julho de 1697.

F2 Bernardo Vieira Ravasco.

F3 Inácia de Azevedo Ravasco, c.c. Fernão Vaz da Costa Dória.

F4 Catarina Ravasco de Azevedo, c. c. Rui de Carvalho Pinheiro.

F5 Leonarda de Azevedo Ravasco, c. c. Simão Álvares de la Penha Deusdará.

F6 Maria de Azevedo, c.c. Jerônimo Sodré Pereira.

830 — F2 *Bernardo Vieira Ravasco* homem de ação, de combates, de caprichos, alcaide-mór de Cabo Frio, secretário geral do governo do Brasil, possuía terras tanto em Cabo Frio quanto na Baía. Nasceu na Baía e aí foi batizado a 3 de julho de 1619, falecendo no dia seguinte ao da morte de seu irmão padre Vieira. Não se casou, mas viveu com Felipa Cavalcanti de Albuquerque, filha de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e de Úrsula Feio do Amaral, batizada em Cotegipe a 2 de agosto de 1633 e morta a 6 de dezembro de 1665. Pai de:

N1 Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Antônia Maria de Vasconcelos e Leonor Josefa de Menezes.

N2 Cristóvão Vieira Ravasco Cavalcanti de Albuquerque, capitão.

N3 Bernardina Maria Cavalcanti de Albuquerque.

831 — N1 *Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque* nasceu em 1640. Herdou de seu pai dignidades e mercês e ainda os cargos de alcaide-mór de Cabo Frio e secretário geral do governo

do Brasil. Homem de atitudes, para agradar ao governador, iludiu e prendeu a Gregório de Matos, seu amigo e de sua família, providenciando-lhe sobre o destêrro para Angola. A 26 de julho de 1685 c.c. Antônia Maria de Vasconcelos, filha de Aleixo Pais de Azevedo e de Francisca de Vasconcelos, batizada a 12 de maio de 1657. Viúvo, a 22 de setembro de 1692 c.c. Leonor Josefa de Menezes, filha de Diogo Moniz Barreto e de Mecia de Aragão de Menezes, falecida a 9 de novembro de 1737. Gonçalo morreu a 9 de outubro de 1725, com sepultura na igreja do Carmo, não deixando filhos.

DEUSDARÁ

832 — *Manuel Álvares de la Penha Deusdará* veio do reino e instalou-se em Pernambuco. Grandes serviços prestou à coroa ao tempo da invasão holandesa, tanto assim que o rei D. João 4.º o honrou com brasão de armas, o título de fidalgo de cota de armas para sempre, além de privilégios que tinham os nobres e fidalgos mais antigos do reino. Teve ainda a propriedade da provedoria da fazenda em Pernambuco, em favor de filho ou genro que êle indicasse. C. c. Aldonsa Álvares, teve:

F1 Simão Álvares de la Penha Deusdará, c.c. Leonarda de Azevedo Ravasco.

F2 Francisca de la Penha Deusdará, c.c. Simão da Fonseca de Siqueira.

833 — F1 *Simão Álvares de la Penha Deusdará* foi magistrado, empossado como desembargador da Relação da Baía a 3 de março de 1653. Por indicação de seu pai, ao rei, teve a provedoria da fazenda em Pernambuco. Para a Baía veio com a irmã, mulher e filhos e, mais tarde, em viagem para o reino, naufragou a embarcação que o

conduzia, na companhia da mãe, mulher e filho, morrendo todos. C.c. Leonarda de Azevedo Ravasco, filha de Cristóvão Vieira Ravasco e de Maria de Azevedo, a 15 de julho de 1637, tendo tido apenas um filho:

N1 Manuel Álvares de la Penha Deusdará.

BITTENCOURT DE SÁ

834 — *D. Félix de Bittencourt de Sá*, de quem Jaboaão não soubera quem eram seus pais, teve sua origem na Madeira, filho de D. Francisco de Bittencourt de Sá. Passou-se para a Baía, onde se c.c. a viúva Catarina de Aragão e Aiala, filha de Diogo de Aragão Pereira e de Inês de Aiala. Era fidalgo da casa real e homem respeitável. Pai de:

F1 Joana Catarina de Bittencourt de Sá de Menezes e Aragão, c.c. Inácio de Siqueira Vilas-Boas.

F2 Antônio Manuel da Câmara, c.c. Maria de Barros.

F3 Manuel José de Bittencourt de Sá, c.c. Rosa de Barros.

F4 Caetano de Bittencourt de Sá, c.c. Inês da Silva de Aragão.

F5 Félix de Bittencourt de Sá, c.c. Úrsula Bezerra de Aragão.

F6 Francisca de Bittencourt e Aiala, c.c. Sebastião Gago da Câmara.

F7 Antônia Francisca de Aragão, c.c. Sebastião Borges de Barros.

F8 Antônio Félix de Bittencourt de Sá, c.c. Teresa Vilas-Boas.

F9 Diogo de Bittencourt de Sá, decrépito, morto em fevereiro de 1723.

F10 Francisco de Bittencourt, batizado a 31 de julho de 1690.

F11 José Francisco de Bittencourt, batizado a 29 de dezembro de 1692.

835 — F2 Antônio Manuel da Câmara c.c. Maria de Barros, filha de Es-

têvão Borges de Barros e de Eugênia de Jesus Barbosa, tendo filhos:

N1 Estêvão de Barros da Câmara, padre.

N2 Antônio Manuel da Câmara.

836 — F3 *Manuel José de Bittencourt de Sá*, aos 28 de maio de 1730 c.c. Rosa de Barros, filha de Estêvão Borges de Barros e de Eugênia de Jesus Barbosa, tendo:

N3 José Félix de Bittencourt de Sá.

N4 Luís de Bittencourt de Sá.

N5 Úrsula de Barros.

N6 Catarina de Barros de Bittencourt, c.c. Bento da Silva de Cerqueira.

837 — F4 *Caetano de Bittencourt de Sá*, aos 19 de setembro de 1724 na capela da residência de seus sogros, c.c. Inês da Silva de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Perpétua da Silva. Pai de:

N7 Felipe de Bittencourt de Sá.

N8 Francisco de Bittencourt de Sá.

N9 Perpétua da Silva de Bittencourt.

N10 Antônia de Bittencourt de Sá.

N11 Catarina.

N12 Rosa.

N13 Joana.

838 — F5 *Félix de Bittencourt de Sá*, na capela de Laranjeiras, em Passé, aos 12 de fevereiro de 1727, c.c. Úrsula Bezerra de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Perpétua da Silva, tendo:

N14 Francisco de Bittencourt de Sá.

839 — N14 *Francisco de Bittencourt de Sá* não se casou mas teve com Tecla Maria da Silva os seguintes filhos, posteriormente legitimados:

Bn1 Félix de Bittencourt de Sá.

Bn2 João de Bittencourt de Sá.

Bn3 Florência de Bittencourt e Aragão.

VELHO DE ARAÚJO

840 — *Fernão Velho de Araújo* foi senhor da casa dos Araújo, os da Barca, fidalgo da casa real, c.c. Ana Nunes Bezerra, com a qual teve:

F1 Paio de Araújo de Azevedo, c.c. Joana Lôbo de Barros e Ana de Sousa.

F2 Gaspar Barbosa de Araújo, c.c. Maria de Sá.

841 — F1 *Paio de Araújo Azevedo*, comendador da ordem de Cristo, teve a desgraciosa alcunha *Par de Deus Homem*. Na Baía, a 30 de setembro de 1649 c.c. Joana Lôbo de Barros, filha de João Lôbo de Mesquita e de Inês de Barros e viúva de Francisco Barbosa de Brito. Depois, a 1 de setembro de 1653 c.c. Ana de Sousa, filha de Duarte Lopes Soeiro e de Maria de Sousa Dormundo. Pai de:

N1 Tristão Velho de Araújo, c.c. Catarina da Franca Côrte-Real.

N2 Catarina de Araújo de Azevedo, c.c. Vasco Marinho Pereira.

N3 Luzia de Azevedo, batizada na Purificação a 22 de agosto de 1661 e falecida solteira a 22 de fevereiro de 1723.

N4 Paio de Araújo de Azevedo, batizado a 1 de novembro de 1662.

842 — F2 *Gaspar Barbosa de Araújo* era coronel, c.c. Maria de Sá, filha de Diogo de Sá Souto-Maior e de Guiomar da Rocha. Pai de:

N5 Maria de Sá Barbosa, c.c. João Velho Maciel.

N6 Gaspar Maciel de Sá.

843 — N1 *Tristão Velho de Araújo*, fidalgo da casa real, c.c. Catarina da Franca Côrte-Real, filha de Afonso da Franca Côrte-Real e de Maria Gomes, tendo uma filha:

Bn1 Ana Maria da Franca Côrte-Real, c.c. Lopo Gomes de Abreu Lima.

844 — *João Velho Maciel*, filho de Cláudio Maciel de Andrade e de Teresa Correia de Vasconcelos, era coronel e c.c. Maria de Sá Barbosa, filha de Gaspar Barbosa de Araújo e de Maria de Sá, tendo filhos:

F1 Ana Ferreira Maciel da Câmara, c.c. Manuel Francisco de Freitas Barreto.

F2 Gaspar Maciel de Araújo.

F3 Maurício Barbosa de Araújo, c.c. Maria do Prado Pimentel.

F4 Francisca Maciel de Sá, c.c. João Pereira de Sousa Vale.

F5 Vitória Maciel, c.c. Bras Bernardino Souto-Maior.

F6 Cristina Barbosa, c.c. Manuel Fernandes e Manuel Pereira da Silva.

F7 Guiomar da Rocha, c.c. João de Sá.

F8 Joana Maciel, c.c. Albano do Prado Pimentel.

844A — F3 *Maurício Barbosa de Araújo* c.c. Maria do Prado Pimentel, filha de Antônio Coelho do Prado Pimentel, êste irmão de Albano do Prado Pimentel.

844B — *João Pereira de Sousa Vale*, capitão, c.c. Francisca Maciel de Sá, filha de João Velho Maciel e de Maria de Sá Barbosa. Pai de:

F1 Francisca do Vale Maciel, c.c. Domingos Dias Coelho de Melo.

845 — *Lopo Gomes de Abreu Lima*, filho de Francisco Gomes de Abreu Lima e de Maria de Brito Cassão, c.c. Ana Maria da Franca Côrte-Real, filha de Tristão Velho de Araújo e de Catarina da Franca Côrte-Real. Pai de:

F1 Francisco Gomes de Abreu Lima Côrte-Real, titular da ordem de Cristo.

F2 Lopo Gomes de Abreu Lima Côrte-Real, capitão, fidalgo da casa real.

F3 Manuel Caetano de Araújo Côrte-Real, clérigo.

F4 Clara Maria de Abreu Lima.

F5 Ana Maria da Franca de Abreu Lima.

F6 Gonçalo Gomes da Franca.

F7 Teresa Maria da Franca.

F8 Isabel Clara de Abreu Lima.

F9 Catarina Josefa da Franca de Abreu Lima.

F1 Sebastião de Brito de Castro, c. c. Maria de Aragão.

F2 Francisco de Brito de Sampaio, c.c. Maria Francisca Xavier Aranha.

F3 André de Brito de Castro, c.c. Francisca Maria Duarte Leite e Maria de Araújo.

F4 Joana de Brito de Castro, c.c. Francisco Pereira Ferraz.

F5 Antônia de Castro, falecida a 8 de novembro de 1665, solteira.

F6 Antônio de Brito de Castro.

848 — F1 *Sebastião de Brito de Castro*, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão aos 17 de fevereiro de 1656 c.c. Maria de Aragão, filha de Diogo de Aragão Pereira e de Isabel de Aragão. Sebastião faleceu a 20 de agosto de 1707, sepultado no Carmo, e Maria a 27 de fevereiro de 1716, com sepultura em São Francisco. Pai de:

N1 Leonor de Brito de Castro, c.c. Pedro Garcia Pimentel e José Sodré Pereira.

N2 Isabel de Aragão, religiosa em Lisboa.

849 — F2 *Francisco de Brito de Sampaio*, capitão de infantaria, fidalgo da casa real, c.c. Maria Francisca Xavier Aranha, filha de Nicolau Aranha Pacheco e de Francisca de Sande, tendo filhos:

N3 Francisco de Brito de Sampaio, tenente do regimento de cavalaria, falecido na Índia, solteiro.

N4 Clara do Sacramento, batizada a 22 de novembro de 1679.

N5 Amada Francisca das Chagas, falecida a 30 de março de 1779.

N6 Antônia do Salvador, falecida a 26 de dezembro de 1738.

N7 Joana da Cruz.

N8 Francisca Catarina da Conceição, falecida a 8 de dezembro de 1774 e

846 — *Manuel Francisco de Freitas Barreto*, filho de Antônio de Freitas de Moraes Barreto e de Felipa de Andrade Soares Coutinho, c.c. Ana Ferreira Maciel da Câmara, filha de João Velho Maciel e de Maria de Sá Barbosa, tendo filhos:

F1 Manuel Ferreira.

F2 José Carlos.

BRITO DE CASTRO

847 — *Antônio de Brito de Castro*, filho de Francisco de Brito de Sampaio e de Susana Barbosa, pertencia a nobre linhagem e veio com seu irmão Mateus Pereira de Sampaio para a Baía, na armada real contra os holandeses, nas quais Mateus sucumbiu. Cavaleiro prôfesso da ordem de Cristo, tenente de mestre de campo general, com largo e prestigiado nome, aí c.c. Leonor de Brito, filha de Sebastião Paruí de Brito e de Joana de Argolo, batizada na Sé a 23 de setembro de 1620. Em sucessão de seu sogro, e dote de casameanto, teve êle a propriedade da provedoria da fazenda e da alfândega, da qual se empossou a 12 de janeiro de 1641. Faleceu a 1 de abril de 1675, Leonor a 26 de maio de 1678 e ambos com sepultura na igreja do Carmo. Pai de:

N9 Maria dos Prazeres, falecida a 21 de janeiro de 1774 (seis religiosas no convento do Destêrro, na Baía).

N10 Antônio de Brito de Castro.

N11 Nicolau Aranha Pacheco.

N12 André de Brito de Castro, solteiro, falecido a 28 de dezembro de 1773.

850 — F3 *André de Brito de Castro*, fidalgo da casa real, provedor da fazenda e da alfândega em virtude de herança de seu pai e avô materno, capitão, professo na ordem de Cristo, aos 26 de julho de 1682 c.c. Francisca Maria Duarte Leite, filha de Sebastião Duarte e de Helena Leite e viúva de André da Costa Barros, homem de negócios que ao morrer deixou uma fortuna de mais de 300.000 cruzados. Teve uma filha:

N13 Leonor Maria de Brito de Castro, c.c. Alexandre de Sousa Freire.

Encontrando-se em Lisboa, teve com Maria de Araújo, mulher branca e cristã velha, outra filha, mas bastarda:

N14 Joana de Brito de Castro, c.c. José Lôbo de Barros.

851 — F6 *Antônio de Brito de Castro*, fidalgo cavaleiro da casa real, nome de simpatias públicas e de prestígio social, teve a desimpedida atitude de defender a população contra as perseguições do alcaide-mór Francisco Teles de Menezes, que as praticava com o apoio do governador de triste fama, Antônio de Sousa de Menezes, o do *braço de prata*. Aos 4 de junho de 1683, às 10 horas, na concorrida freguesia da Sé e atrás da igreja, Antônio de Brito, acompanhado de pessoas que êle convidara, matou o alcaide-mór a punhaladas quando passava numa cadeira de arruar. Homisiados no convento dos jesuítas, o processo criminal correu ou arrastou-se até 1692, havendo até a intervenção do Papa Inocêncio 13 junto ao rei Pedro 2.º, isto a pedido do grão-duque de Florença e cardeal de Este, para que a família Teles de Menezes perdoasse os

culpados. Dado o perdão por Antônio Teles de Menezes, mediante compensação que lhe minorasse a pobreza em que o deixara o litígio, Antônio de Brito de Castro passou-se para o reino e faleceu em 1696. Solteiro, teve dois filhos:

N15 Antônio de Brito de Castro.

N16 Francisco de Brito de Castro.

852 — *Francisco Pereira Ferraz*, aos 23 de junho de 1668 c.c. sua prima Joana de Castro, batizada na sé a 1 de março de 1645, filha de Antônio de Brito de Castro e de Leonor de Brito, não tendo tido filhos.

853 — *Alexandre de Sousa Freire*, de origem fidalga, teria sido, na Baía, mestre de campo dos auxiliares, também provedor da alfândega por ter se casado com Leonor Maria de Brito de Castro, filha de André de Brito de Castro e de Francisca Maria Duarte Leite. Esse seu título militar é referido por Jaboatão e esse Alexandre não seria o governador de Estado do mesmo nome, o qual entrou a governar a 14 de junho de 1667 e terminou a 8 de maio de 1671. Pai de:

F1 Bernardino de Sousa Tavares, batizado pelo arcebispo Sebastião Monteiro Davi em 1707, sendo padrinho o governador Luís César de Menezes.

F2 Luís Freire, falecido a 19 de novembro de 1743.

F3 Antônio José de Sousa Freire Tavares Castro Leal, c.c. Brites Mariana Rita Francisca de Almeida Menezes.

854 — F3 *Antônio José de Sousa Freire Tavares Castro Leal*, moço de vida desregrada, sendo embora do escol social, raptou uma menina de doze anos de idade, Brites Mariana Rita Francisca de Almeida Menezes, filha de Rodrigo da Costa de Almeida e de Maria Fran-

cisca de Menezes. Estes fizeram o impossível contra o casamento, aceitando o escândalo mas evitando que Brites fôsse ter às mãos de Antônio José. Conseguindo por fim que os cônjuges não tivessem coabitação, Rodrigo passou-se, em 1766, para o reino com a família, a filha inclusive, e lá obteve a anulação do casamento. Antônio José, que Jaboatão dá ainda como solteiro em 1771, permaneceu na Baía, mantendo a mesma vida licenciada. De Brites lhe ficara uma filha:

F1 Ana Maria Dorotéa de Sousa Freire, c.c. Francisco Casado Dias Filgueiras.

Com Rosa Maria do Sacramento, “moça branca e recolhida”, filha de Manuel Martins de Sousa e Francisca Xavier da Silva, teve:

F2 Alexandre de Sousa Freire Tavares de Brito de Castro.

855 — *José Lôbo de Barros*, filho de Nicolau Mendes de Oliva e de Vitória de Barros, c.c. Joana de Brito de Castro, filha de André de Brito de Castro e de Maria de Araújo, sendo o ato celebrado a 3 de julho de 1709. Nasceram do casal:

F1 Nicolau Mendes de Oliva.

F2 André Caetano de Brito de Castro.

F3 Ana Maria da Conceição e

F4 Clara Maria do Destêrro, religiosas no convento de São Bernardo, em Almoester (Portugal).

BARROS LÔBO E CAMPOS

856 — *Manuel Lôbo*, natural de Ponte de Lima, filho de Francisco da Rocha Lôbo e primo de João Lôbo de Mesquita, residindo na Baía, c.c. Luísa de Barros, filha de Francisco de Barros e de Grácia de Figueiredo Mascarenhas, tendo um filho:

F1 Francisco de Barros Lôbo, c.c. Ana de Menezes.

857 — F1 *Francisco de Barros Lôbo* c.c. Ana de Menezes, filha de Egas Moniz Barreto e de Juliana Rangel. Faleceu em 1689, no Irará. Pai de:

N1 Nuno de Barros Lôbo, c.c. Isabel da Rocha Teles.

N2 Juliana Teles de Menezes, c.c. Manuel Maciel Aranha.

N3 Inês Teles de Menezes, c.c. Diogo Álvares Campos.

N4 Maria de Menezes, c.c. Antônio Moniz Barreto.

N5 Eusébia Teles de Menezes, c.c. Miguel Álvares Campos.

858 — N1 *Nuno de Barros Lôbo* c.c. Isabel da Rocha Teles, filha de João Lôbo Marinho e de Maria Rangel. Pai de:

Bn1 Antônio de Barros Lôbo.

Bn2 Felisbela Teles, c.c. Manuel Alves de Barros.

Bn3 Leonor Teles.

Bn4 Úrsula Teles.

859 — *Manuel Maciel Aranha*. Em 1625 houve tesoureiro geral do Estado com este nome. Possivelmente seria o de que aqui se trata, c.c. Juliana Teles de Menezes, filha de Nuno de Barros Lôbo e de Isabel da Rocha Teles e que teve os seguintes filhos:

F1 Manuel Maciel Aranha.

F2 Antônio Teles Barreto, c.c. Emerenciana Barbosa.

Um Manuel Maciel Aranha, que poderia ser o F1 aqui referido, foi c.c. Catarina Freire Baracho e teve uma filha — Isabel Freire Baracho, a qual, em 30 de novembro de 1640, pelo padre Viegas, foi c.c. Gonçalo Rodrigues de Araújo, filho de Domingos Aranha Pestana e de Francisca Dias.

860 — F2 *Antônio Teles Barreto* c. c. Emerenciana Barbosa e teve êstes filhos:

N1 Antônio Maciel Aranha.

N2 Francisco Barros Lôbo.

861 — *Diogo Álvares Campos*. Em meio do século 18 residia na cidade da Baía Diogo Álvares Campos, homem de conceito social, membro da Mesa de Inspeção, proprietário do engenho Diogo da Lagoinha e de fazendas em Água Fria, como cultivador de plantações de fumo. Será, por certo êsse de que trata Jaboatão, c.c. Inês Teles de Menezes, filha de Francisco de Barros Lôbo e de Ana de Menezes. Pai de:

F1 Diogo Álvares Campos, c.c. Maria Francisca da Câmara.

F2 José Teles de Menezes, s.d. Ana Maria da Câmara.

F3 Antônio Moniz Barreto.

F4 Francisco de Barros Lôbo.

F5 Teresa Tees de Menezes, r.c. Inácio de Cerqueira Lima.

F6 Egas Moniz Barreto, c.c. Antônia Freire, filha de José Pereira Freire.

862 — F1 *Diogo Álvares Campos* c. c. Maria Francisca da Câmara, filha de Pedro da Fonseca de Melo e de Inês Francisca da Câmara. Pai de:

N1 Diogo Álvares Campos.

N2 José Teles de Menezes, cônego doutor.

N3 Pedro Álvares da Fonseca.

N4 Francisco.

N5 Inês.

N6 Ana.

N7 Francisca.

N8 Bernarda.

N9 Vitória.

N10 Antônio e

N11 Maria, sete religiosas.

863 — F2 *José Teles de Menezes* c. c. Ana Maria da Câmara, filha de Pedro Fonseca de Melo e de Inês Francisca da Câmara, não tendo tido filhos.

864 — *Miguel Alvares Campos*, que se supõe irmão do primeiro Diogo Álvares Campos, c.c. Eusébia Teles de Menezes, filha de Francisco de Barros Lôbo e de Ana de Menezes, e teve filhos:

F1 Antônio Teles de Menezes.

F2 Francisca Maria Teles, c.c. Sebastião Barbosa de Melo.

F3 Ângela Teles, c.c. Francisco Barbosa Leal.

F4 Luísa Teles, c.c. Antônio Pinheiro de Carvalho.

F5 Maria Teodósia Teles de Menezes, c.c. Manuel Nunes Lobato.

BAIÃO

865 — *Tomé Fernandes Baião* c.c. Leonor Dias, ambos de Arcos de Valdevez, em Portugal, e veio para o Brasil. Pai de:

F1 Jacinto de Campos Baião, c.c. Maria Rodrigues e Maria Nunes.

F2 Francisco Dias Baião.

F3 Branca Rodrigues, c.c. Francisco Luís Barbosa.

F4 Catarina de Oliveira.

F5 Felipa de Santiago, c.c. Pedro Vaz Correia.

866 — F1 *Jacinto de Campos Baião*, aos 20 de janeiro de 1626 c.c. Maria Rodrigues e teve filhos:

N1 Jacinto de Campos Baião, c.c. Felipa de Melo.

N2 Ana de Campos Baião, c.c. Antônio Vieira.

N3 Maria de Campos de Oliveira, c. c. Duarte Ximenes.

N4 Francisco Dias Baião, sacerdote.

N5 Felipa de Santiago, c.c. Estêvão Rodrigues do Pôrto.

N6 Beatriz de Gusmão, c.c. Bento da Silva Baião.

Depois, a 28 de agosto de 1650, c.c. Maria Nunes, então viúva de Bartolo-

meu Rodrigues, não constando tivesse filhos com esta.

867 — N1 *Jacinto de Campos Baião*, aos 16 de abril de 1664, em Paripe, já mortos seus pais, c.c. Felipa de Melo, filha de Miguel Bravo de Melo e de Leonor de Melo, tendo filhos:

Bn1 Francisco, batizado a 11 de abril de 1666.

Bn2 Natália, batizada a 2 de janeiro de 1669.

868 — *Pedro Vaz Correia* mereceu do rei distintas mercês pelos serviços prestados na Índia. Na Baía c.c. Felipa de Santiago, filha de Tomé Fernandes Baião e de Leonor Dias, tendo filhos:

F1 Jerônima Correia, c.c. Miguel Teles Barreto.

F2 Maria Correia, c.c. Manuel de Sousa Dormundo e Sebastião Tomé de Aguiar.

869 — *Antônio Vieira*, filho de Antônio Vieira e de Margarida Nunes, moradores em Pernambuco, c.c. Ana de Campos Baião, filha de Jacinto de Campos Baião e de Maria Rodrigues.

870 — *Estêvão Rodrigues do Pôrto*, baiano, filho de Fernão do Pôrto e de Maria da Cruz Correia, c.c. Felipa de Santiago, filha de Jacinto de Campos Baião e de Maria Rodrigues, e teve:

F1 Branca Rodrigues, c.c. Inácio Garcia.

Depois c.c. Francisca Nunes, filha de Domingos Rodrigues e de Catarina Nunes, e teve:

F2 Úrsula.

F3 Francisca.

F4 Felipa e

F5 Silvestre.

Ainda c.c. Maria Pereira de Góis, batizada a 24 de abril de 1657, filha de

Pedro Mendes Mesa e de Luzia Pereira, o ato realizado a 10 de outubro de 1686, na igreja do hospital da Palma. Pai de:

F6 José Pereira Pôrto.

F7 Francisco Pereira Pôrto.

F8 Tomásia Pereira.

RODRIGUES DA SILVA

871 — *Manuel Rodrigues da Silva*, filho de João Rodrigues da Silva e de Maria Quaresma, apenas referido como simples soldado, foi c.c. Maria de Figueiredo Mascarenhas, filha de João Barbosa de Barbuda e de Bárbara de Aguiar Daltro. Pai de:

F1 Antônio de Figueiredo e

F2 Manuel de Figueiredo, padres jesuítas.

F3 João Rodrigues de Figueiredo, cavaleiro da ordem de Cristo, padre e vigário colado de Santo Amaro de Pitanga, falecido a 11 de agosto de 1757, com sepultura na igreja de São Pedro dos Clérigos.

F4 Inês de Figueiredo, c.c. Antônio Dias Ribeiro.

F5 Vitória de Figueiredo, c.c. José Rodrigues de Oliveira.

F6 Bárbara de Figueiredo, falecida a 26 de dezembro de 1719.

F7 Clara de Figueiredo.

F8 Maria de Figueiredo.

F9 Ana de Figueiredo.

F10 Teresa de Figueiredo.

F11 Francisca de Figueiredo.

872 — *Antônio Dias Ribeiro*, alferes, c.c. Inês de Figueiredo, filha de Manuel Rodrigues da Silva e de Maria de Figueiredo Mascarenhas, e teve filhos:

F1 Caetano Dias de Figueiredo, cônego da sé da Baía, falecido a 17 de setembro de 1731.

F2 Cristóvão Dias de Figueiredo.

F3 Antônio Dias de Figueiredo e

F4 Manuel Rodrigues de Figueiredo, padres.

F5 Maria e

F6 Bárbara.

873 — *José Rodrigues de Oliveira*, filho de outro de igual nome, c.c. Vitória de Figueiredo, filha de Manuel Rodrigues da Silva e de Maria de Figueiredo Mascarenhas, e teve:

F1 Manuel Rodrigues do Silva, padre doutor e vigário paroquial e geral nas minas de Arassuaí.

F2 João Rodrigues de Figueiredo, cônego da sé da Baía.

F3 José dos Reis, provincial dos carmelitas.

F4 Antônio de Figueiredo, vigário encomendado em Cotegipe.

F5 Bernardo de Figueiredo.

F6 Rita Maria.

PEIXOTO VIEGAS

874 — *João Peixoto Viegas* procedia, com outros irmãos, do casal Fernão Peixoto e Bárbara Fernandes, de Viana (Portugal). Vindo para a Baía, c.c. Joana de Sá Peixoto, filha de Cosme de Sá Peixoto e de Maria de Novais, realizado o ato a 12 de junho de 1650. Homem dos mais importantes, grande fazendeiro e dono de terras que iam das atuais Feira de Santana a Jacobina e além, administrador dos pacíficos selvícolas Paiaiazes, membro da Câmara da cidade, provedor da Misericórdia. Pai de:

F1 José de Sá Peixoto, encarregado das fazendas do pai.

F2 João Peixoto Viegas, sacerdote e que indo ao sertão como visitador e vigário, foi morto por um escravo.

F3 Fernão Peixoto de Sá, batizado no Iguape a 30 de setembro de 1661.

F4 Francisco de Sá Peixoto, c.c. Ângela Vieira.

F5 Cosme de Sá Peixoto.

F6 Apolônia Peixoto, c.c. F. Vanique.

Teve mais três filhas, feitas religiosas em Portugal.

875 — F4 *Francisco de Sá Peixoto*, ainda jovem teria fugido da família e da Baía para Pernambuco, onde se diz ter sido preso, a requerimento do pai e ordem do governador Câmara Coutinho, em 1689, numa fortaleza, da qual saíra, entretanto, para casar-se, o que fez, com Ângela Vieira, filha de Bernardo Vieira de Melo e de Maria Campelo. Casado, teria tornado para a Baía. Pai de:

N1 João Peixoto Viegas, c.c. Rita Cardoso.

N2 José de Sá Bezerra Peixoto, solteiro, morto por um tiro, tal como se dera cm seu tio Cosme.

N3 Joana Peixoto, religiosa no convento das Mercês, na Baía.

N4 Maria Peixoto, que viveu nas suas fazendas em Itapororocas, herdadas de pai e avós, sempre solteira.

876 — N1 *João Peixoto Viegas* foi coronel e c.c. Rita Cardoso, filha de Januário Cardoso e neta do mestre de campo Matias Cardoso, sendo o ato celebrado no arraial do mesmo mestre de campo.

HOMEM DE ALMEIDA

877 — *Gonçalo Homem de Almeida* foi c.c. Maria de Sá e teve:

F1 Catarina de Sá de Almeida, c.c. Antônio Moniz Barreto.

F2 Amaro Homem de Almeida, c.c. Branca Teles e Inês de Sousa.

F3 Miguel Homem de Almeida.

878 — F2 *Amaro Homem de Almeida*, proprietário de terras, andou a cometer coisas criminosas e foi considerado culpado. Convidado a comandar uma companhia do terço de Matias Car-

doso, aceitou-o, sem, entretanto, ter direito a sôlido enquanto durasse a guerra aos nativos, pois só assim seria perdoado pelo rei. Aos 12 de abril de 1651, na sé, c.c. Branca Teles, filha de Diogo Moniz Teles e de Catarina Vitória. Pai de:

N1 Antônio Teles de Almeida, padre, batizado a 26 de junho de 1652.

N2 Diogo Moniz Teles, c.c. Teresa Ulhoa.

Depois, c.c. Inês de Sousa, filha de Inácio Francisco de Sousa e de Margarida de Menezes, e teve:

N3 Manuel Homem de Almeida, herdeiro das mercês atribuídas a seu tio Miguel e também capitão de companhia.

879 — N2 *Diogo Moniz Teles*, aos 8 de maio de 1696, no Iguape, c.c. Teresa Ulhoa, filha de Antônio Gomes Vitória e de Mariana Ulhoa, e teve filhos:

Bn1 Maria de Ulhoa, batizada a 22 de abril de 1697.

Bn2 Antônio Moniz Teles.

Bn3 Manuel Moniz Teles, c.c. Catarina Barbosa.

Bn4 Bartolomeu Moniz Teles.

CALMONS

880 — *João Calmon du Pin* nasceu a 8 de novembro de 1620, em Portugal, filho de Beltrão Calmon du Pin (francês) e de Maria Tovar (portuguesa), tendo sido capitão de mar e guerra e fidalgo cavaleiro da casa real. C.c. Maria Malafaia de Brito, filha de Francisco Caldeira de Brito e de Isabel do Couto. Pai de:

F1 Isabel Calmon, falecida ainda criança.

F2 Antônio Calmon de Brito, (frei Antônio da Penha de França) bispo de São Tomé.

Viuvo, transferiu-se com o filho para o Brasil, estabelecendo-se na Baía.

Aí c.c. Juliana de Almeida, filha de Martinho Ribeiro de Melo e de Maria de Almeida, celebrando o ato, a 5 de maio de 1657, o beneditino Gregório Pereira de Almeida, tio de Juliana por ser irmão de sua mãe. Nasceram, então, do casal:

F3 Margarida Calmon, morta ainda criança.

F4 Mariana Calmon, religiosa dominicana com o nome de Mariana da Penha de França, em Portugal.

F5 Miguel Calmon du Pin e Almeida, falecido menor.

F6 Martinho Calmon, jesuíta, falecido em 1728.

F7 João Calmon, religioso.

F8 Miguel Calmon du Pin e Almeida, c.c. Margarida Pereira de Andrade.

F9 Francisco Calmon du Pin e Almeida, c.c. Inácia Maria de Almeida Pereira.

881 — F8 *Miguel Calmon du Pin e Almeida* nasceu a 21 de março de 1672, graduado em cursos de Coimbra, magistrado, coronel de regimento, c.c. a viúva Margarida Pereira de Andrade, filha de Felipe Rabelo de Andrade e de Antônio Pereira dos Santos. Faleceu a 21 de maio de 1735, deixando filhos:

N1 Antônio Caetana Calmon du Pin e Almeida, c.c. Felipe da Silva Bezerra de Almeida.

N2 Clara Maria Calmon du Pin e Almeida, falecida, solteira.

N3 João Calmon du Pin e Almeida, c.c. Inácia Nazaré Moniz de Macedo.

N4 Inácia Calmon du Pin e Almeida, c.c. João de Sousa de Eça.

N5 Juliana Calmon du Pin e Almeida, que viveu casada e faleceu em Minas Gerais.

882 — F9 *Francisco Calmon du Pin e Almeida*, coronel, fidalgo da casa real, c.c. Inácia Maria de Almeida Pereira,

filha de Bartolomeu de Barros e de Isabel de Almeida. Faleceu a 13 de abril de 1716, na sua fazenda em Paípe, sendo aí sepultado. Pai de:

N6 João Calmon du Pin e Almeida, batizado por seu tio o bispo de São Tomé, fidalgo da casa real, falecido a 3 de maio de 1731, em Traripe, com sepultura em S. Amaro.

N7 Maria Ana Calmon, morta ainda criança.

N8 Francisco Calmon du Pin e Almeida, c.c. Luísa Maria de Almeida Pereira de Castro.

N9 Mariana da Penha de França, religiosa de renome ilustre.

N10 Antônio Calmon du Pin e Almeida, c.c. Guiomar Ximenes de Aragão.

N11 Miguel Calmon du Pin e Almeida, morto ainda jovem.

N12 Rodrigo Calmon du Pin e Almeida, nascido em Caípe em setembro de 1713 e aí batizado, tendo como padrinho D. Rodrigo da Costa, vice-rei da Índia. Penetrando os sertões, morreu por lá em 1743, sepultado em Carinhonha. Era fidalgo da casa real.

N13 Francisca Maria Calmon du Pin e Almeida, religiosa do Destêro, com função no convento do Rio de Janeiro e nome de sóror Francisca Mariana da Penha de França.

N14 Antônia Calmon du Pin e Almeida, falecida em 1732, solteira, sepultada no jazigo de seu primo Francisco Barreto de Menezes.

883 — N3 *João Calmon du Pin e Almeida* c.c. Inácia Nazaré Moniz de Macedo, filha de João Diás Moniz de Macedo e de Virgínia da Fonseca Deusdará, tendo filhos:

Bn1 Margarida Josefa Calmon du Pin e Almeida, c.c. Diogo Moniz da Silveira.

Bn2 Virgínia Francisca Calmon du Pin e Almeida, c.c. Caetanô Lopes Vilas-Boas.

Bn3 Ana Joaquina Calmon du Pin e Almeida, c.c. Felipe Tomás de Almeida Calmon.

Bn4 Joana Calmon du Pin e Almeida.

Bn5 Maria Joaquina Calmon du Pin e Almeida.

Bn6 Francisca Calmon du Pin e Almeida.

Bn7 José Gabriel Calmon du Pin e Almeida, c.c. Maria Germana de Sousa Magalhães.

884 — N8 *Francisco Calmon du Pin e Almeida* nasceu a 18 de setembro de 1703 em Caípe, fêz curso superior com os jesuítas, em 9 de março de 1731, na sé, c.c. Luísa Maria de Almeida Pereira de Castro, filha de Luís de Barros de Almeida e de Vicência Pereira de Castro. O ato feito por procuração, o nubente representado pelo alferes Domingos Borges de Barros e a nubente pelo capitão Diogo Moniz Barreto, enquanto serviram de padrinhos o arcebispo Antônio Rodrigues Lima e o cônego doutor Francisco Martins Pereira. Teve o casal:

Bn8 Luísa Antônia Calmon du Pin e Almeida, c.c. José de Góis de Siqueira.

885 — N10 *Antônio Calmon du Pin e Almeida* nasceu em Caípe e aí batizado a 5 de março de 1709, tendo por padrinhos os seus tios cônego João Calmon e Vicência Pereira de Castro. Em Matoim c.c. Guiomar Ximenes de Aragão, filha de Diogo Lopes Franco e de Leonor Ximenes de Aragão, batizada a 7 de fevereiro de 1711 e que faleceu a 26 de agosto de 1735. Pai de:

Bn9 Leonor Francisca Calmon de Aragão, c.c. Duarte Sodré Pereira.

Bn10 Guiomar Calmon de Aragão.

886 — Bn7 *José Gabriel Calmon du Pin e Almeida*, c.c. Maria Germana de Sousa Magalhães, filha de Francisco Lopes Ferreira de Sousa e de Maria de Magalhães. Pai de:

Tn1 Francisco Calmon du Pin e Almeida, morto aos 21 anos, solteiro.

Tn2 Clara Maria Teodora Calmon du Pin e Almeida, c.c. Francisco Manuel de Abreu.

Tn3 Inácia de Nazaré Calmon de Almeida, falecida aos 85 anos, solteira.

Tn4 Bernardo Calmon du Pin e Almeida, c.c. Maria Francisca de Araújo Magalhães.

Tn5 João de S. José Calmon, franciscano.

Tn6 Miguel Calmon du Pin e Almeida, c.c. Maria Carolina da Piedade Pereira Baía.

Tn7 Antônio Calmon du Pin e Almeida, c.c. Francisca Clara de Sousa Magalhães.

887 — Tn4 *Bernardo Calmon du Pin e Almeida*, nascido em 1790, fidalgo da casa real, c.c. Maria Francisca de Araújo Magalhães, filha de Antônio Lopes Ferreira de Sousa e de Rosa Maria de Araújo Magalhães, e teve:

4n1 Rosa Calmon du Pin e Almeida, morta ainda criança.

4n2 Maria Germana du Pin e Almeida, abadeça.

4n3 Rosa Maria Calmon du Pin e Almeida.

4n4 José Gabriel Calmon du Pin e Almeida, c.c. Clara Calmon de Araújo Góis.

4n5 Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida.

4n6 Antônio Calmon du Pin e Almeida, c.c. Maria dos Prazeres da Cunha Góis.

4n7 Miguel Calmon du Pin e Almeida, c.c. Alexandrina de Matos.

888 — Tn6 *Miguel Calmon du Pin e Almeida*, uma das grandes figuras do

Império. Deputado geral, senador, ministro de Estado, Marquês de Abrantes por ato de 2 de dezembro de 1854, nasceu em Santo Amaro em 1794 e faleceu no Rio em 1865. C.c. Maria Carolina da Piedade Pereira Baía, filha de Manuel Lopes Pereira Baía e de Mariana Carolina do Espírito Santo, não deixando descendentes.

889 — Tn7 *Antônio Calmon du Pin e Almeida* nasceu a 20 de outubro de 1796 e faleceu a 21 de agosto de 1872, tendo sido deputado à Constituinte do Império, fidalgo cavaleiro da casa imperial. C.c. Francisca Clara de Sousa Magalhães, filha de Antônio Lopes Ferreira de Sousa e de Rosa Maria de Araújo Magalhães, e teve filhos:

4n8 Antônio Calmon du Pin e Almeida, morto aos 21 anos.

4n9 Miguel Calmon du Pin e Almeida, morto ainda criança.

4n10 João Calmon du Pin e Almeida, c.c. Maria Ana de Araújo Bulcão.

4n11 Miguel Calmon du Pin e Almeida, morto aos 16 anos.

4n12 José Gabriel Calmon du Pin e Almeida, falecido ainda menor.

4n13, Maria Germana Calmon du Pin e Almeida, c.c. José Augusto de Cerqueira Mendes.

4n14 Inácia Calmon du Pin e Almeida, c.c. Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão.

4n15 Francisca Clara Calmon du Pin e Almeida, c.c. Frutuoso Vicente Viana.

4n16 Clara Maria Calmon du Pin e Almeida, c.c. Antônio Olavo Calmon de Araújo Góis.

890 — 4n4 *José Gabriel Calmon du Pin e Almeida* foi c.c. Clara Calmon de Araújo Góis, filha de Inocêncio Marques de Araújo Góis e de Francisca de Abreu Calmon du Pin e Almeida. Fidalgo cavaleiro da casa imperial, deputado, senador, engenheiro civil por Pa-

is, nasceu a 27 de agosto de 1837 e morreu a 25 de maio de 1912. Pai de:

5n1 Maria Francisca Calmon, religiosa nos Humildes, morta em 1861.

5n2 José Gabriel Calmon de Araújo Góis, aspirante da Marinha.

5n3 Manuel Bernardo Calmon, c.c. Maria Amélia Pedreira do Couto Ferraz.

5n4 Maria da Purificação Calmon, religiosa franciscana.

891 — 4n6 *Antônio Calmon du Pin e Almeida*, vice-almirante da Armada, falecido a 3 de agosto de 1899, foi c.c. Maria dos Prazeres da Cunha Góis, filha de Francisco Marques de Araújo Góis e de Constança Perpétua da Cunha Menezes. Pai de:

5n5 Antônio Calmon du Pin e Almeida, nascido a 2 de julho de 1870, advogado, deputado federal, solteiro mas com filhos bastardos.

5n6 Francisco Marques de Góis Calmon, nascido a 6 de novembro de 1874, advogado, banqueiro, governador do Estado, c.c. Maria Julieta Couto Maia.

5n7 Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida, nascido a 5 de junho de 1876, faleceu a 28 de novembro de 1897, quando terminava o seu curso médico, para o qual escreveu a importante tese *De degenerados e criminosos*.

5n8 Miguel Calmon du Pin e Almeida, nascido a 18 de setembro de 1879, engenheiro civil, ministro da Viação, deputado federal, ministro da Agricultura, senador federal, c.c. Alice da Porciúncula e falecido em 1935, sem filhos.

892 — 4n7 *Miguel Calmon du Pin e Almeida*, magistrado no Rio Grande do Sul, c.c. Alexandrina de Matos e teve:

5n9 Miguel Calmon du Pin e Almeida, professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

893 — 4n10 *João Calmon du Pin e Almeida* nasceu a 30 de agosto de 1827,

c.c. Maria Ana de Aragão Bulcão, filha de José de Araújo de Aragão Bulcão e de Ana Rita Cavalcanti de Albuquerque, nascida a 22 de junho de 1827, e teve:

5n10 João Calmon du Pin e Almeida, morto solteiro aos 24 anos.

5n11 Maria Ana Calmon du Pin e Almeida.

5n12 Antônio Calmon du Pin e Almeida, morto aos 4 anos.

5n13 Francisca Clara Calmon du Pin e Almeida, morta no mesmo dia de seu irmão precedente e também de cólera-morbo.

5n14 Ana Rita Calmon du Pin e Almeida.

894 — *Rodrigo de Almeida* e sua mulher Margarida Pereira de Castro, naturais de Arcos de Valdevez, em Portugal, da família dos Pereiras, de Viana, vieram para a Baía, acompanhados de quatro filhas e um filho. Proprietário do engenho à ilha das Fontes, na baía de Todos os Santos. Dos seus filhos se sabe:

F1 Gregório Pereira de Almeida, frade beneditino.

F2 Maria de Almeida, c.c. Martinho Ribeiro de Melo.

F3 Felipa de Almeida, c.c. Manuel Soares Barreto.

895 — *Martinho Ribeiro de Melo* c. c. Maria de Almeida, filha de Rodrigo de Almeida e de Margarida Pereira de Castro, herdou de seu sogro o engenho à ilha das Fontes e aí viveu o casal. Pai de:

F1 Juliana de Almeida, c.c. João Calmon du Pin e Almeida e Domingos Monteiro de Sá.

896 — *Domingos Monteiro de Sá* c. c. a viúva Juliana de Almeida, filha de Martinho Ribeiro de Melo e de Maria de Almeida, e teve uma filha:

F1 Ana de Almeida, c.c. Antônio Moniz Barreto.

897 — *Adão Francisco Rabelo*, fidalgo de cota de armas, de descendência ilustre, cujo brasão, registrado na Ouvidoria do crime, na Baía, isentou o seu sobrinho Gregório Rabelo de Barros da Fonseca, da pena vil de barão e pregão, por motivo de homicídio que cometera. Possuía a propriedade do ofício de escrivão do Tesouro. C.c. Brites de Almeida, filha de André Ribeiro e de Felipa de Almeida, e teve filhos:

F1 Isabel de Almeida, c.c. Bartolomeu de Barros.

F2 Maria de Almeida, c.c. João Gomes Pereira de Castro.

F3 Andresa de Almeida, c.c. Baltazar Fernandes Gago.

898 — *Bartolomeu de Barros*, jesuíta expulso da companhia no século 17, nascido na vila de Tomar, na Baía c.c. Isabel de Almeida, filha de Adão Francisco Rabelo e de Brites de Almeida, tendo filhos:

F1 Inácia Maria de Almeida Pereira, c.c. Francisco Calmon du Pin e Almeida.

F2 Luís de Barros de Almeida, c.c. Vicência Pereira de Castro.

899 — *João Gomes Pereira de Castro*, natural de Arcos de Valdevez, da família dos Pereiras, de Viana, era irmão de Margarida Pereira de Castro, espôsa de Rodrigo de Almeida. C.c. Maria de Almeida, filha de Adão Francisco Rabelo e de Brites de Almeida, por isso herdando o cartório que pertencia a seu sogro. Pai de:

F1 Vicência Pereira de Castro, c.c. Luís de Barros de Almeida.

900 — F2 *Luís de Barros de Almeida*, filho de Bartolomeu de Barros e de Isabel de Almeida, c.c. Vicência Pe-

reira de Castro, filha de João Pereira de Castro e de Maria de Almeida, tendo filhos:

F1 Luísa Maria de Almeida Pereira de Castro, c.c. Francisco Calmon du Pin e Almeida.

F2 Bartolomeu de Barros de Almeida, falecido quando estava a receber ordens eclesiásticas.

901 — *Felipe Rabelo de Andrade*, alferes, natural de Bastos, em Portugal, era c.c. Antônia Pereira dos Santos e foram pais de:

F1 Margarida Pereira de Andrade, c.c. João Lins Ferreira e Miguel Calmon du Pin e Almeida.

902 — *Amaro Ferreira de Almeida*, capitão de infantaria em Cachoeira em 1703, depois capitão-mór aí, em 17 de fevereiro de 1705 c.c. Bárbara de Sousa. Era filho de Francisco de Almeida Monteiro e de Luzia da Silva Bezerra e foi pai de:

903 — F1 *Felipe da Silva Bezerra de Almeida*, em Cachoeira, a 25 de agosto de 1728, c.c. Antônia Caetana Calmon du Pin e Almeida, filha de Miguel Calmon du Pin e Almeida e de Margarida Pereira de Andrade. Em 1728 foi tenente-coronel de regimento e em 1748 juiz ordinário, ainda em Cachoeira. Pai de:

N1 Bárbara Maria de Jesus.

N2 Águeda de Sousa Calmon.

N3 Juliana Francisca Calmon.

N4 Inácia Vicência Calmon.

N5 Maria do Amparo Calmon.

N6 Miguel Calmon du Pin e Almeida.

N7 Felipe Tomás de Almeida Calmon, c.c. Ana Joaquina Calmon du Pin e Almeida.

904 — N7 *Felipe Tomás de Almeida Calmon*, batizado em Cachoeira a 29 de setembro de 1744, vereador em Vila Boa

Goiás) em 1778, seis anos depois voltou para a Baía, residindo no seu engenho no Iguape e servindo como juiz ordinário em Santo Amaro, em 1797. C.c. Ana Joaquina Calmon du Pin e Almeida, filha de João Calmon du Pin Almeida e de Inácia Nazaré Moniz de Macedo, consta ter tido duas filhas.

905 — *João de Sousa de Eça* era capitão-mór em Cairu, com propriedades em Jacuruna, em Jaguaripe, onde residia. C.c. Inácia Calmon du Pin e Almeida, filha de Miguel Calmon du Pin Almeida e de Margarida Pereira de Andrade, teve:

F1 Antônio José Calmon de Sousa de Eça, que foi c.c. uma filha do coronel João Pinto Molina de Velasco e da qual se desquitou logo depois do casamento.

F2 Francisco José Calmon de Sousa de Eça, sargento-mór em Jaguaripe, em 1799.

906 — *Antônio Lopes Ferreira de Sousa* foi c.c. Rosa Maria de Araújo Magalhães, e teve:

F1 Maria Francisca de Araújo Magalhães, c.c. Bernardo Calmon du Pin Almeida.

F2 Francisca Clara de Sousa Magalhães, c.c. Antônio Calmon du Pin Almeida.

907 — *Francisco Lopes Ferreira de Sousa* foi c.c. Maria de Magalhães e teve:

F1 Maria Germana de Sousa Magalhães, c.c. José Gabriel Calmon du Pin Almeida.

908 — *João Dias Moniz de Macedo* c. Virgínia da Fonseca Deusdará, filha de Francisco Pinto da Fonseca de Eça e de Maria do Rosário, e teve:

F1 Inácia de Nazaré Moniz de Macedo, c.c. João Calmon du Pin e Almeida.

F2 Ana Maria da Fonseca, c.c. Diogo Moniz da Silveira.

MUNIZ DA SILVEIRA

909 — *Lourenço de Oliveira Pita* c. c. Águeda de Pina Barbosa, filha de Felipe de Lemos e de Francisca Barbosa, e teve um filho:

F1 Antônio Galas da Silveira, c.c. Luísa Josefa de Menezes.

910 — F1 *Antônio Galas da Silveira*, que teve o hábito da ordem de Cristo por força de serviços de seus avós e não a professou por falecer prematuramente. Aos 2 de fevereiro de 1690, na freguesia de Socorro, c.c. Luísa Josefa de Menezes, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Teresa de Sousa. O ato foi celebrado pelo cônego Pedro de Teive e testemunhado pelo sargento-mór Egas Moniz Barreto, padre João Ribeiro de Sousa e capitão Bartolomeu Lôbo. Pai de:

N1 Águeda Barbosa da Silveira.

N2 Joana de Pina da Silveira.

N3 Teresa de Menezes.

N4 Diogo Moniz da Silveira, c.c. Ana Maria da Fonseca.

911 — N4 *Diogo Moniz da Silveira* c.c. Ana Maria da Fonseca, filha de João Dias Moniz de Macedo e de Virgínia da Fonseca Deusdará, tendo filhos:

Bn1 José Teles Moniz Barreto.

Bn2 Antônio Galas da Silveira, c.c. Ana Maria de Melo Corte-Real.

Bn3 Martinho Moniz Barreto, c.c. Francisca Isabel Barreto de Menezes.

Bn4 Diogo Moniz da Silveira, c.c. Margarida Josefa Calmon de Almeida.

Bn5 Luís Antônio Moniz da Silveira, c.c. Apolônia de Jesus Maria.

Bn6 Maria Gertrudes.

Bn7 Ana Maria.

Bn8 Carlos de S. Bartolomeu, religioso.

912 — Bn2 *Antônio Galas da Silveira* c.c. Ana Maria de Melo Côrte-Real, filha de Martinho Afonso de Melo e de Leonor Maria da Silva Côrte-Real. Pai de:

Tn1 Francisco Joaquim da Silveira.

Tn2 Gonçalo José Galas da Silveira.

Tn3 Joana Senhorinha de Menezes Côrte-Real.

Tn4 Diogo Moniz Barreto da Silveira.

Tn5 Maria Francisca de Menezes Côrte-Real.

Tn6 Vitorino Moniz Barreto da Silveira.

913 — Bn3 *Martinho Moniz Barreto* c.c. Francisca Isabel Barreto de Menezes, filha de Martinho Afonso de Melo e de Leonor Maria da Silva Côrte-Real. Pai de:

Tn7 Margarida Francisca de Menezes Côrte-Real.

Tn8 Antônio José Moniz Barreto.

Tn 9 Luísa Teresa de Menezes.

914 — Bn4 *Diogo Moniz da Silveira* c.c. Margarida Josefa Calmon de Almeida, filha de João Calmon du Pin e Almeida e de Inácia Nazaré Moniz de Macedo.

915 — Bn5 *Luís Antônio Moniz da Silveira* c.c. Apolônia de Jesus Maria, filha de Francisco de Sousa Santos e de Maria Leite. Pai de:

Tn10 Antônia.

Tn11 Maria Joaquina.

Tn12 Ana.

Tn13 Pedro e

Tn14 Francisco.

TEIXEIRA DE MENDONÇA

916 — *João Teixeira de Mendonça* nasceu em Lisboa, onde ficaram os seus pais André Teixeira de Mendonça e

Mariana de Magalhães, ambos de linhagem distinta. Na Baía, considerado homem de prol, tabelião, c.c. Felipa de Araújo, filha de Manuel Gomes Figueira e de Maria Barbosa de Araújo. Pai de:

F1 Manuel Teixeira de Mendonça, c.c. Pásqua da Ressurreição e Joana Pinheiro de Lemos.

F2 Mariana Teixeira de Araújo, solteira, falecida em maio de 1715.

F3 Júlia de Carvalho Araújo, c.c. Manuel Soares da Veiga.

917 — F1 *Manuel Teixeira de Mendonça*, capitão das ordenanças da cidade da Baía, c.c. Pásqua da Ressurreição, filha de Cristóvão de Santiago e de Violante da Costa. Depois c.c. Joana Pinheiro de Lemos, filha de João Pinheiro de Lemos e de Helena de Melo, aos 27 de novembro de 1687. Faleceu aos 70 anos de idade, a 20 de janeiro de 1734, deixando filhos:

N1 Luís Teixeira de Mendonça, clérigo, doutor em teologia e que no exercício de visitador das minas do território arquiépiscopal, veio a falecer.

N2 João Teixeira de Mendonça, c. Leonor Teresa da Franca Côrte-Real.

N3 Rosa de Mendonça, falecida solteira.

N4 Ana Maria de Mendonça, c.c. Francisco Lopes Delgado.

N5 Clara Maria de Mendonça.

918 — N2 *João Teixeira de Mendonça*, sargento-mór das ordenanças da cidade, proprietário do ofício de tabelião, que já pertencera a seu pai, avô e bisavô, c.c. Leonor da Franca Côrte-Real, filha de Domingos Barbosa da Franca e de Helena de Lacerda Coutinho, tendo um filho:

Bn1 Manuel Teixeira de Mendonça, morto ainda jovem,

919 — *Manuel Gomes Figueira*, procedente de Tôrres Vedras e morador na Baía, c.c. Maria Barbosa de Araújo, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de Isabel de Lemos de Sá. Pai de:

F1 Filipa de Araújo, c.c. João Teixeira de Mendonça.

LOPES DA ÍNDIA E MENDES BRAVO

920 — *André Lopes da Índia* c.c. Mecia Lopes de Almeida, filha de Antônio Serrão de Almeida e de Isabel Lopes. Pai de:

F1 Manuel Rodrigues de Almeida.

F2 Joana da Vega, falecida solteira em 1672.

F3 Inácia Lopes, c.c. Jerônimo de Valençóis.

F4 Duarte Ximenes, c.c. Maria de Campos de Oliveira.

921 — F4 *Duarte Ximenes*. Por morte de seus pais, ainda criança Duarte foi amparado por Antônio Correia Ximenes, que o criou e o fêz homem, e daí a adoção do nome Ximenes ao de seu batismo. Aos 5 de dezembro de 1666 c.c. Maria de Campos de Oliveira, filha de Jacinto de Campos Baião e de Maria Rodrigues, tendo filhos:

N1 Mariana de Jesus, c.c. Antônio Mendes Bravo.

N2 André Lopes da Índia, c.c. Isabel de Oliveira.

922 — N2 *André Lopes da Índia*, aos 7 de julho de 1704 c.c. Isabel de Oliveira, filha de Gaspar Mendes Barbosa e de Leonor de Oliveira.

923 — *Antônio Mendes Bravo*, filho de Antônio Bravo e de Margarida Mendes, c.c. Maria Gaspar, filha de Antônio Gaspar, e teve:

F1 Antônio Mendes Bravo, c.c. Mariana de Jesus.

923-A — F1 *Antônio Mendes Bravo* c.c. Mariana de Jesus, filha de Duarte Ximenes e de Maria de Campos de Oliveira. Pai de:

N1 Francisco Xavier de Castilho, c.c. Catarina de S. Mônica da Cunha.

N2 Inácio Mendes de Castilho, c.c. Marta Maria Gonçalves.

N3 Ana Maria da Ressurreição, c.c. Antônio Luís Ferrão.

N4 Leonor Maria da Fé.

N5 Antônia de S. Francisco.

N6 Agostinho de Castilho.

N7 Leandro José de Castilho.

N8 Bartolomeu Lopes de Castilho.

924 — N1 *Francisco Xavier de Castilho*, capitão, foi c.c. Catarina de S. Mônica da Cunha, filha de Manuel Nunes Leal e de Ana Maria de Vasconcelos. Pai de:

Bn1 Ana.

Bn2 Pedro.

Bn3 João de Castilho.

Bn4 Maria.

Bn5 Inácia.

Bn6 Rosa.

Bn7 Alberto Magno Rangel de Aguiar Daltro.

925 — N2 *Inácio Mendes de Castilho* passou-se para a Índia portuguesa e lá c.c. Marta Maria Gonçalves, da província de Salsete, arcebispo de Goa, onde lhes nasceram filhos.

AZEVEDOS

926 — *Francisco de Azevedo*, irmão do mestre de campo Álvaro de Azevedo, veio de Portugal e na Baía c.c. Maria de Barros Lôbo, nascida em 1628 do casal Manuel Pinheiro de Carvalho e de Maria de Barros Lôbo, tendo filhos:

F1 Manuel de Barros Lôbo, c.c. Joana Pimentel.

F2 Álvaro de Azevedo, c.c. Arcângela de Negreiros.

F3 Nicolau de Carvalho Pinheiro, c. c. Brites de Menezes.

F4 Margarida Pinheiro, c. c. Teodoro de Moraes de Azevedo.

F5 Inês de Barros Lôbo, batizada a 28 de maio de 1654.

927 — F1 *Manuel de Barros Lôbo*, aos 13 de novembro de 1680 c. c. Joana Pimentel, filha de Manuel de Freitas Lôbo e de Felipa Pimentel.

928 — F2 *Alvaro de Azevedo*, batizado a 11 de maio de 1660, c. c. Arcângela de Negreiros, filha de Lourenço Lôbo de Barros e de Maria de Barros Negreiros. Pai de:

N1 Antônio de Azevedo.

N2 Ricardo de Azevedo.

N3 Francisco de Barros Lôbo.

929 — F3 *Nicolau de Carvalho Pinheiro* c. c. Brites de Menezes, filha de Martim Afonso de Mendonça e de Joana Barbosa, tendo filhos:

N4 Sebastião Moniz Teles, c. c. Jacinta Teles de Menezes.

N5 Antônio Moreira de Menezes, c. c. Joana Barbosa.

N6 Leonor Francisca de Menezes, c. c. Martim Afonso Moreira.

N7 José de Barros Lôbo.

N8 Eugênia de Jesus.

N9 Maria de Menezes.

N10 Joana Barbosa de Menezes.

N11 Martim Afonso.

930 — N4 *Sebastião Moniz Teles* c. c. Jacinta Teles de Menezes, filha de Manuel Teles de Menezes e de Brites Aires de Figueiredo, o ato realizado no Socorro a 31 de agosto de 1733. Pai de:

Bn1 Antônio Moniz Teles.

Bn2 José Moniz Teles.

Bn3 Brites de Menezes.

931 — N5 *Antônio Moreira de Menezes* c. c. Joana Barbosa, filha de Cristóvão da Costa Dória e de Catarina de

Vasconcelos, celebrado o ato a 14 de dezembro de 1728. Pai de:

Bn4 Cristóvão da Costa Dória.

Bn5 Nicolau de Carvalho Pinheiro.

Bn6 Joana Barbosa.

932 — *Alvaro de Azevedo* era irmão de Francisco de Azevedo, noutra parte dêste livro mencionado. Escassas as notas a seu respeito. Com importantes serviços ao rei, chegou a ser mestre de campo de um terço na Baía e por morte do governador Afonso Furtado, a 26 de novembro de 1675, fêz parte da junta do governo. Na traição em que o envolvera o alcaide-mór Francisco Teles de Menezes, como o fizera a Lourenço de Brito Correia e outros, para a deposição e prisão do governador Conde de Óbidos, esteve preso e sofreu punição. Conta-se que era casado... e que o seu nome era Alvaro de Azevedo Cordeiro, segundo José Mirales, quando da nomeação para mestre de campo, em agosto de 1662. Ao fim da vida, em dificuldades financeiras, o governador lhe mandava dar, de seus próprios recursos, uma mesada.

PEREIRA DO LAGO

933 — *Francisco Pereira do Lago* foi tenente-general de artilharia, por patente de 8 de dezembro de 1642, e um dos homens dignos da Baía. Aí fundou a capela de Santa Bárbara, na praia da cidade, e instituiu um morgado para seus descendentes, sob a invocação da mesma santa. (*) C. c. Andresa de Araújo, filha de Domingos Aranha Pestana e de Francisca Dias, teve filhos:

F1 Francisca Pereira, c. c. Damião de Lençóis Andrade.

F2 Madalena Pereira, c. c. Teotônio Soares de Brito.

(*) Ver a monografia *O morgado de S. Bárbara e seu instituidor* (1946).

Depois, a 1 de maio de 1644 c.c. Joana de Sá, filha de João de Freitas e de Maria de Aguiar. Pai de:

F3 Francisco Pereira do Lago, carmelita calçado.

F4 João Pereira do Lago, c.c. Bernarda de Siqueira da Silva.

F5 Jorge Pereira do Lago, c.c. Antônio Pereira Soares.

934 — F4 *João Pereira do Lago*, capitão de cavalaria, dignitário da ordem de Cristo, c.c. Bernarda de Siqueira da Silva, tendo filhos:

N1 Madalena Clara Maria, c.c. Nicolau Aranha Pacheco.

N2 Francisco Pereira do Lago.

N3 Caetano Pereira do Lago.

N4 Francisca Xavier Pereira.

935 — F5 *Jorge Pereira do Lago* c.c. Antônia Pereira Soares, filha de Antônio Pereira Soares e de Leonor de Freitas. Morto a 8 de abril de 1693. Pai de:

N5 Bras Pereira do Lago, c.c. Antônia de Abreu de Araújo.

936 — N5 *Bras Pereira do Lago* c.c. Antônia de Abreu de Araújo, filha de Francisco de Araújo Costa e de Maria de Abreu.

937 — *Vicente Pereira do Lago* era da comarca de Viana, em Portugal, e veio para o Brasil na companhia do governador Marquês das Minas. C.c. Ângela de Sousa, filha de João Batista Nigre e de Joana de Araújo, tendo filhos:

F1 Manuel Pereira do Lago, clérigo.

F2 Alexandre Pereira do Lago, padre.

F3 João Batista de Araújo.

F4 Antônia Maria de Araújo, c.c. Manuel Coelho de Escobar e Antônio Rodrigues Lisboa.

F5 Maria de Sousa de Araújo, c.c. Martim Afonso de Mendonça.

F6 Isabel Maria de Sousa, c.c. Cláudio Teles de Menezes.

F7 Ana Maria Caetana de Sousa, c.c. Vasco de Brito de Sousa.

F8 Joana de Araújo Pereira, c.c. Luís de Lacerda de Góis.

F9 Teresa Josefa de Jesus, c.c. João da Costa Pereira.

F10 Francisca de Araújo.

938 — *Teotônio Soares de Brito* nasceu em Valença do Minho, do casal Diogo Álvares de Brito e Luzia de Sousa de Araújo. Capitão-mór, fidalgo da casa real, cavaleiro professo da ordem de Cristo, sendo sobrinho de Damião de Lençóis de Andrade o sucedeu no comando de uma companhia. Veio a c.c. Madalena Pereira, filha de Francisco Pereira do Lago e de Andresa de Araújo, a 24 de junho de 1657. Nele se pretendeu continuar a sucessão do morgado da praia de Santa Bárbara. Pai de:

F1 José Soares de Brito, c.c. Inês Madalena Lôbo Maldonado.

F2 Luzia de Brito, batizada a 6 de julho de 1665.

939 — F1 *José Soares de Brito*, fidalgo da casa real, tendo se passado para o reino, lá se c.c. Inês Madalena Lôbo Maldonado, filha de João Maldonado de Azevedo e de Brites da Gama Lôbo. Pai de:

N1 Madalena Pereira do Lago.

N2 Manuel José Soares de Brito.

N3 Francisco Xavier Maldonado.

940 — *João da Costa Pereira*, filho do português Sebastião da Costa e da baiana Joana Pereira da Silva, em Santo Antônio dos Cinco Rios, aos 15 de fevereiro de 1719, c.c. Teresa Josefa de Jesus, filha de Vicente Pereira do Lago e de Ângela de Sousa, tendo filhos:

F1 Manuel Pereira do Lago, clérigo secular.

F2 Joana Maria de Araújo, c.c. Paulo de Vargas Cirne.

MACHADO DE SÁ

941 — *Francisco de Sá* e sua mulher Maria Machado, ambos naturais de São Martinho do Campo, em Portugal, passaram-se para a Baía, acompanhados do filho:

F1 Estêvão Machado de Sá, c.c. Antônia de Faria.

942 — F1 *Estêvão Machado de Sá*, aos 6 de dezembro de 1691, no Iguape, c.c. Antônia de Faria, filha de Francisco Rabelo de Macedo e de Isabel Brandão, tendo filhos:

N1 Pedro Marinho de Sá, c.c. Antônia Teresa de Sá.

N2 Davi dos Reis, religioso franciscano, falecido a 20 de outubro de 1758.

943 — N1 *Pedro Marinho de Sá* c.c. Antônia Teresa de Sá, filha de Antônio Gomes de Sá e de Rosa Maria de Araújo. Pai de:

Bn1 Pedro Nolasco Marinho de Sá, c.c. Ana Isabel de Queirós Marques.

Bn2 Catarina Teresa de Sá, c.c. Manuel Fernandes da Costa.

Bn3 Francisca Teresa, religiosa no Destêrro.

Bn4 Inácia Pereira de Macedo, Antônio da Rocha Pita.

944 — Bn1 *Pedro Nolasco Marinho de Sá* c.c. Ana Isabel de Queirós Marques, filha de Antônio Gonçalves da Rocha Queirós e de Joana Bernardina de Almeida.

PEDROSO BARBOSA

945 — *Sebastião Pedroso*, português, instalou-se na capitania de Ilhéus e c.c. Maria Barbosa, filha de Tomé Lobato de Lamego e de Ana Barbosa de Mo-

rais, casal procedente de Viana, em Portugal. Pai de:

F1 Brites Barbosa, c.c. Antônio de Aguiar Daltro.

F2 Sebastião Pedroso Barbosa, c.c. Maria de Góis e Isabel de Eça.

946 — F2 *Sebastião Pedroso Barbosa* transferiu-se de Ilhéus para Cairu e aí c.c. Maria de Góis, filha de Belchior de Armas de Brum e de Francisca de Araújo, tendo filhos.

N1 Jorge de Araújo Góis.

N2 Francisco de Góis de Macedo, c.c. Mariana Mexias.

N3 Diogo de Araújo Barbosa, c.c. Luzia de Oliveira.

N4 Rodrigo Pedroso, c.c. Antônia de Menezes.

N5 Brites Barbosa, c.c. Pedro da Franca de Andrade.

N6 Luzia de Góis.

N7 Sebastião Pedroso de Góis, vigário em Sergipe.

N8 Jorge de Araújo Góis, que a 14 de janeiro de 1646 professou no convento dos franciscanos da Baía, com o nome fr. Bernardo da Encarnação.

N9 Bárbara de Góis de Macedo, c.c. Manuel de Uzeda Aiala.

N10 Maria de Siqueira, c.c. Semeão de Araújo Góis.

N11 Ângela de Siqueira, c.c. Jorge de Araújo Góis.

N12 Antônio de Araújo e

N13 Luís de Góis, jesuítas.

Depois c.c. Isabel de Eça, filha de Luís Alves de Espinha e de Inês de Eça, tendo filhos:

N14 Maria de Eça, c.c. Manuel de Sousa de Eça.

N15 Brites de Sousa, c.c. Vicente Fernandes Pereira.

947 — N2 *Francisco de Góis de Macedo* c.c. Mariana Mexias, filha de Belchior Mexias Borba e de Antônia de Pádua da Fonseca. Pai de:

Bn1 Francisco de Góis Barbosa, c. c. Maria Moniz.

Bn2 Maria Mexias de Góis, c.c. Gaspar Tourinho Maciel.

Bn3 Luzia de Góis Barbosa, c.c. José de Melo, de Vasconcelos.

948 — N3 *Diogo de Araújo Barbosa* c.c. Luzia de Oliveira, filha de Simão de Oliveira Serpa e de Agostinha de Medeiros.

949 — N4 *Rodrigo Pedroso* c.c. Antônia de Menezes, filha de Diogo da Rocha de Sá e de Isabel da Silva, tendo filhos:

Bn4 João Pedroso Barbosa, c.c. Luzia de Uzeda.

Bn5 Isabel de Menezes, c.c. Luís de Góis da Fonseca.

Bn6 Luís Pedroso, c.c. Leonor de Siqueira.

950 — Bn4 *João Pedroso Barbosa* c.c. Luzia de Uzeda, filha de Manuel de Uzeda Aiala e de Bárbara de Góis de Macedo.

951 — Bn6 *Luís Pedroso*, aos 8 de setembro de 1644 c.c. Leonor de Siqueira, filha de Jorge de Araújo Góis e de Ângela de Siqueira.

952 — *Manuel de Uzeda Aiala*, capitão, foi c.c. Bárbara de Góis de Macedo, filha de Sebastião Pedroso Barbosa e de Maria de Góis, tendo filhos:

F1 Ana Maria de Aiala, c.c. Antônio de Araújo da Fonseca.

F2 Joana de Uzeda Aiala, c.c. Pasqual de Freitas Pimentel.

F3 Inês de Aiala, c.c. Diogo de Aragão Pereira.

F4 Luzia de Uzeda, c.c. João Pedroso Barbosa.

PAIS FLORIAN

953 — *João Pais Florian*, fidalgo espanhol, com serviços à coroa ao tempo

dos holandeses, estabeleceu-se na Baía, desfrutando da estima do Conde de Castel-Melhor. Em 14 de julho de 1625 c.c. a viúva Brites de Almeida, filha de Bernardo Pimentel de Almeida e de Custódia de Faria. Pai de:

F1 Luís Pais Florian, c.c. Clara da Franca Côrte-Real.

F2 Bernardo Pimentel, morto ainda jovem.

F3 Luísa Florian, c.c. Manuel da Rocha.

Depois c.c. Joana Barbosa, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de Luísa da Franca Côrte-Real, não tendo tido filhos. Mas teve êle um bastardo:

F4 Amaro Pais Florian.

954 — F1 *Luís Pais Florian*, proprietário, por herança, de um engenho e fazendas em Matoim, c.c. Clara da Franca Côrte-Real, filha de Domingos Barbosa de Araújo e de Luísa da Franca Côrte-Real. Pai de:

N1 João Pais Florian, c.c. Maria Teles de Menezes.

N2 Domingos Barbosa da Franca, c. c. Helena de Lacerda Coutinho.

N3 Mariana Côrte-Real, c.c. Vasco Pacheco de Castro.

N4 Brites da Franca, c.c. Manuel Rolenberg.

N5 Luísa da Franca.

N6 Joana da Franca e

N7 Custódia da Franca, religiosas no Destêrro.

955 — N1 *João Pais Florian* era um perdido na dissipação. Com a morte do pai, mancomunou-se com um sobrinho e entraram a dissipar e anular as propriedades que ainda tinham. Obrigou a mãe a desfazer-se do engenho, o que ela fez, vendendo-o a Antônio da Rocha Pita pela importância, logo distribuída, de 12 mil cruzados. Mortos seus sogros, tôda a herança deles foi desperdiçada, aliás com a participação da própria mulher, Maria Teles de Menezes,

filha de Marcos de Bittencourt e de Ângela de Menezes. Felizmente não deixou filhos.

956 — N2 *Domingos Barbosa da Franca* era, tal qual seu irmão, um farto dissipador dos bens e recursos que herdara. C.c. Helena de Lacerda Coutinho, filha de José Teles de Barbuda e de Isabel de Lacerda Coutinho, e teve filhos:

Bn1 Luís Pais Florian.

Bn2 Leonor Teresa da Franca Côrte-Real, c.c. João Teixeira de Mendonça.

Bn3 Clara da Franca Côrte-Real, c.c. João de Bittencourt e Domingos Simões.

Bn4 José Barbosa da Franca e

Bn5 Manuel Pais Florian, padres.

957 — *Manuel da Rocha*, cavaleiro da ordem de Avis, encontrando-se estabelecido no Brasil, aos 6 de maio de 1655 c.c. Luísa Florian, filha de João Pais Florian e de Brites de Almeida.

BEZERRAS, CÔRTEZ, DELPOÇOS, CAMPELOS

958 — *Luís Bras Bezerra*, senhor do engenho de São Jerônimo da Várzea, em Pernambuco, foi c.c. Brásia Monteiro, tendo filhos:

F1 Apolinário Gomes Barreto, capitão, morto pelos holandeses.

F2 Antônia Bezerra, c.c. Alvaro Teixeira de Mesquita e Fernão de Melo de Albuquerque.

F3 Leonor Cabral.

F4 Mecia Bezerra, c.c. João de Oliveira.

959 — *Alvaro Teixeira de Mesquita* c.c. Antônia Bezerra, filha de Luís Bras Bezerra e de Brásia Monteiro, e teve filhos:

F1 Luís Bras Bezerra, c.c. Inocência de Brito Falcão.

F2 Brásia Monteiro, c.c. Francisco Coelho de Negramonte.

960 — F1 *Luís Bras Bezerra* veio a c.c. Inocência de Brito Falcão, irmã do capitão de infantaria Plácido de Azevedo Falcão, e o fêz obrigado pela Justiça. Mandado preso à Baía, culpado de aleivosa morte, recomendou-se-lhe forte vigia por ser “preso muito poderoso e aparentado” (*Doc. Hist. LVIII*, 105). O casal teve um filho:

961 — N1 *Luís Bras Bezerra*, capitão de infantaria de Pernambuco, onde faleceu em 1738, tendo ido à Baía a mando da coroa, para votar no litígio de que resultou o casamento de seu pai, aí, em Cotegipe, aos 20 de fevereiro de 1693. C.c. Francisca Sanches Delpoço, filha de José Sanches Delpoço e de Maria de Vasconcelos, tendo filhos:

Bn1 José Sanches Delpoço, c.c. Teresa de Jesus.

Bn2 Inocência de Brito Falcão, c.c. Manuel Rodrigues Campelo.

962 — Bn1 *José Sanches Delpoço*, nascido em Pernambuco em 1697, onde passou a residir sua família transferida da Baía, era capitão de auxiliares e professor na ordem de Cristo. C.c. Teresa de Jesus, filha de Luís Álvares da Costa e de Francisca de Barros, naturais de Ipojuca, e teve filhos:

Tn1 Francisca de Barros, religiosa.

Tn2 Maria Sanches Delpoço.

Tn3 Inocência Sanches.

Tn4 Ana Maria Sanches.

Tn5 Félix José Bras Bezerra.

Tn6 Pedro Sanches Delpoço, cadete de infantaria.

Tn7 Inácio Sanches Delpoço, casado no sertão.

Tn8 Joana Sanches Delpoço, c.c. Manuel Carneiro Leão.

963 — *José Sanches Delpoço*, capitão de infantaria professo na ordem de Cristo, a 1 de junho de 1671, c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Aleixo Pais de Azevedo e de Francisca de Vasconcelos, e teve filhos:

F1 Francisca Sanches Delpoço, c.c. Luís Bras Bezerra.

964 — *Álvaro Vaz Côrtes*, filho de Afonso Vaz Côrtes, c.c. Maria Bezerra e teve filhos:

F1 Marta Côrtes, c.c. André Fernandes Bezerra.

F2 André Vaz Côrtes, c.c. Joana Maria do Socorro.

965 — F2 *André Vaz Côrtes* c.c. Joana Maria do Socorro, filha de Estêvão Borges de Barros e de Eugênia de Jesus Barbosa, o ato celebrado a 25 de novembro de 1727, na freguesia da Purificação (Santo Amaro).

966 — *André Fernandes Bezerra* c. c. Marta Côrtes, filha de Álvaro Vaz Côrtes e de Maria Bezerra, e teve um filho:

F1 Miguel Bezerra, c.c. Maria de Vargas Cirne.

967 — F1 *Miguel Bezerra* c.c. Maria de Vargas Cirne, filha de Manuel de Vargas Cirne e de Ana Pereira. Capitão de cavalaria, titular da ordem de Cristo, faleceu a 29 de agosto de 1706. Pai de:

N1 Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne, c.c. José de Argolo de Menezes.

N2 Antônia Isidora Maria Bezerra de Vargas Cirne, c.c. Bartolomeu de Argolo de Menezes.

N3 Ana Maria de Vargas Cirne, c. c. Vicente de Argolo de Menezes.

968 — *Antônio Rodrigues Campelo*, natural de Viana, familiar do S. Officio,

sargento-mór em Recife, almotacel, vereador, c.c. Inês de Barros Rêgo, filha de Francisco Rebelo de Barros e de Maria da Rocha Barros, sendo pai de:

F1 Antônio Rodrigues Campelo, religioso carmelita morto em Roma.

F2 João Rodrigues Campelo, magistrado em Portugal, desembargador na Baía e no Pôrto, casado duas vezes mas sem descendentes.

F3 Manuel Rodrigues Campelo, c.c. Inocência de Brito Falcão.

F4 Felipe Rodrigues Campelo, clérigo presbítero.

F5 Florência Rodrigues Campelo, c. c. José Rodrigues Colaço.

F6 Catarina Rodrigues Campelo, c. c. Julião da Costa de Aguiar.

969 — F3 *Manuel Rodrigues Campelo*, cavaleiro fidalgo, sargento-mór, em Recife, em 1717 c.c. Inocência de Brito Falcão, filha de Luís Bras Bezerra e de Francisca Sanches Delpoço, tendo filhos:

N1 Antônio Rodrigues Campelo, morto ainda criança.

N2 Virgílio Rodrigues Campelo, c. c. Francisca Teresa de Jesus de Barros.

N3 José Rodrigues Campelo, morto ainda criança.

N4 Felipe Rodrigues Campelo, c.c. Maria Teodora de Barros.

N5 Inocência de Barros.

N6 Francisca Inácia Campelo, c.c. Antônio Cavalcanti de Albuquerque.

N7 Rosa Maria de Barros, c.c. Antônio José Teixeira.

970 — N4 *Felipe Rodrigues Campelo*, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão de cavalaria, c.c. Maria Teodora de Barros, filha de Manuel Carneiro Leão e de Rosa Maria de Barros. Pai de:

N8 João Caetano Carneiro Leão.

N9 Manuel Carneiro Leão, c.c. Joana Sanches Delpoço.

N10 Felipe Pereira Campelo, c.c.
Maria Clara.

N11 Paula Maria de São Pedro.

N12 Ana Felipa Brigida.

N13 Virgínio Rodrigues Campelo.

971 — N2 *Virgínio Rodrigues Campelo* chegou ao posto de capitão e faleceu, em 1749, ao separar soldados de Mato Grosso num conflito. C.c. Francisca Teresa de Jesus de Barros, filha de Manuel Carneiro Leão e de Rosa Maria de Barros, teve filhos:

Bn1 Manuel Tôrres Campelo, c.c.
Francisca Margarida Diniz Bandeira.

Bn2 Virgínio Rodrigues Campelo, c.
c. Rita Josefa de Jesus.

Bn3 Joaquim José Rodrigues Campelo, c.c. Maria do Carmo.

Bn4 Rosa Maria de Barros, c.c. José Mendes da Silva Pais.

972 — N9 *Manuel Carneiro Leão* c. c. Joana Sanches Delpoço, filha de José Sanches Delpoço e de Teresa de Jesus, constando ter tido filhos.

973 — *Antônio Cavalcanti de Albuquerque*, filho de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e de Joana Barreto de Albuquerque, c.c. Francisca Inácia Campelo, filha de Manuel Rodrigues Campelo e de Inocência de Brito Falcão, tendo filhos:

F1 Luís Bras Bezerra.

F2 Manuel Rodrigues Campelo.

F3 Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

F4 Ana da Conceição.

F5 Antônio Cavalcanti de Albuquerque.

F6 Inácia de Barros Rêgo.

F7 Bernardino Cavalcanti de Albuquerque.

F8 Matilde da Conceição.

F9 Inocência de Brito Falcão, c.c. Lourenço Cavalcanti de Sá e Albuquerque.

COUROS CARNEIRO

974 — *Antônio de Couros Carneiro* veio de Portugal e instalou-se em Cairu, onde se tornou proprietário de terras e o patriarca da família desse título. Capitão-mór, governador da gente mandada pelo govêrno contra os nativos naquela zona. Cavaleiro da ordem de Cristo, vivia com Serafina de Góis e com ela veio o casar *in articulo mortis*, a 18 de março de 1671. Seu irmão João de Couros Carneiro ficara na cidade. Antônio morreu a 2 de abril de 1671, Serafina a 28 de março de 1681, deixando um filho, legitimado em tempo:

F1 Antônio de Couros Carneiro, c. c. Úrsula de Melo de Vasconcelos.

975 — F1 *Antônio de Couros Carneiro*, capitão-mór em Cairu e Ilhéus, cavaleiro da ordem de Cristo, homem prestigiado, c.c. Úrsula de Melo de Vasconcelos, filha de Martim de Freitas de Oliva e de Serafina de Melo de Vasconcelos. Pai de:

N1 Inês de Melo de Vasconcelos, c. c. Gaspar de Vargas Cirne Barbosa e Tomé Pereira de Menezes.

N2 Antônio de Couros Carneiro, c. c. Catarina de Sousa.

N3 João de Couros Carneiro, c.c. Inácia Ribeiro de Lemos.

N4 Maria de Vasconcelos, c.c. Diogo Mascarenhas da Silveira.

N5 Catarina de Vasconcelos, c.c. Lucas da Fonseca Saraiva.

N6 Martim de Freitas Couros Carneiro, c.c. Luzia Teles de Menezes.

976 — N2 *Antônio de Couros Carneiro*, aos 13 de agosto de 1685, em Cairu, c.c. a viúva Catarina de Sousa, filha de Francisco de Araújo e de Catarina de Góis Pais, falecendo a 15 de dezembro de 1699. Pai de:

Bn1 Úrsula de Melo, c.c. Paulo de Araújo da Fonseca.

Bn2 Ângelo de Couros Carneiro.

977 — N3 *João de Couros Carneiro*, coronel, em Camamu c.c. Inácia Ribeiro de Lemos, filha de Bento Ribeiro de Lemos e de Isabel Garcês de Eça, tendo filhos:

Bn3 Francisco de Couros Carneiro, c.c. Maurícia Moniz.

Bn4 Isabel Garcês de Eça, c.c. José Pereira de Mascarenhas.

Bn5 Antônio de Couros Carneiro.

Bn6 Joana Maria da Luz, c.c. Antônio de Castro Trinchão.

Bn7 Bento Bernardo Ribeiro de Lemos, c.c. Maria Ribeiro de Eça.

Bn8 Ana Maria de Lemos, c.c. Diogo da Cunha Trinchão.

Bn9 José Félix de Vasconcelos, c.c. Isabel Garcês de Eça.

Bn10 Maria Ribeiro de Lemos, c.c. Francisco de Sousa de Eça.

978 — N6 *Martim de Freitas Couros Carneiro* c.c. Luzia Teles de Menezes, filha de Marcos de Bittencourt e de Ângela de Menezes.

979 — Bn3 *Francisco de Couros Carneiro* c.c. Maurícia Moniz, filha de Antônio Moniz Cabral e de Inês de Araújo Góis.

980 — Bn7 *Bento Bernardo Ribeiro de Lemos* c.c. Maria Ribeiro de Eça, filha de Antônio de Sousa de Eça e de Apolônia de Moraes, tendo filhos:

Tn1 Bernardo de Couros Carneiro, clérigo.

Tn2 Francisco José de Lemos, c.c. Ana Maria de S. José.

Tn3 Isabel Garcês de Eça.

Tn4 Bernardo de S. Bento, religioso.

Tn5 Ana Maria de S. José de Lemos, c.c. Joaquim Coutinho.

Tn6 Maria Bernarda do Coração de Jesus, c.c. Manuel Dias.

Tn7 Inácia Francisca do Coração de Maria.

981 — Tn2 *Francisco José de Lemos* c.c. Ana Maria de S. José, filha de Francisco de Sousa de Eça e de Margarida Moniz Côrte-Real.

982 — *João de Couros Carneiro*, escrivão da Câmara da Baía, proprietário, sargento-mór, era natural de Ponte de Lima, donde veio para o Brasil, certamente na companhia de seu irmão Antônio de Couros Carneiro. C.c. Joana Teles de Vasconcelos, filha de Luís Álvares Franco e de Mariana Teles, batizada a 1 de julho de 1655. Em 1671, feito capitão, contava serviços valiosos à coroa, enquanto em 1693 já sofria “alguns achaques que o impedem à assistência ordinária” ao cargo que tinha. Pai de:

F1 João de Couros Carneiro, c.c. Ana Francisca de Albuquerque.

F2 Luís Pessoa de Vasconcelos, batizado a 14 de janeiro de 1672, na Graça.

F3 Manuel Pessoa de Vasconcelos.

F4 Mariana Xavier de Vasconcelos.

F5 Maria Cactana, abadêça no Des-têrro.

F6 Catarina do Monte Sinai, abadêça na Lapa.

F7 Pásqua da Ressurreição, religiosa.

983 — F1 *João de Couros Carneiro* c.c. Ana Francisca de Albuquerque e teve:

N1 Catarina Maria da Graça e Albuquerque, c.c. Jerônimo Sodré Pereira.

984 — *Diogo Mascarenhas da Silveira*, natural de Lisboa, filho de Luís de Mesquita e de Brites Mascarenhas, licenciado, aos 8 de setembro de 1691, em Cairu, c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Antônio de Couros Carneiro e de Úrsula de Melo de Vasconcelos, tendo filhos:

F1 Diogo Mascarenhas de Vasconcelos, c.c. Ana Maria de Vasconcelos.

F2 Carlos de Azevedo de Vasconcelos.

F3 Felícia de Vasconcelos, c.c. Paulino Duarte Rodrigues.

F4 Josefa de Vasconcelos, c.c. Francisco de Oliveira.

985 — *Paulo de Araújo da Fonseca*, sargento-mór, foi c.c. Úrsula de Melo, filha de Antônio de Couros Carneiro e de Catarina de Sousa, tendo:

F1 Clara Maria da Fonseca, c.c. Manuel Trinchão de Brum.

986 — *José Pereira de Mascarenhas*, natural de Aveiro, feito sargento-mór, c.c. Isabel Garcês de Eça, filha de João de Couros Carneiro e de Inácia Ribeiro de Lemos. Pai de:

F1 Teresa Garcês de Eça.

F2 Sebastião Pereira.

F3 Bento Ribeiro.

F4 Félix Pereira.

F5 Ana Garcês de Eça.

AGUIAR VILAS-BOAS

987 — *João de Aguiar Vilas-Boas*, tendo nascido, com alguns de seus irmãos, em Angola, onde vivia seu pai como alto funcionário, veio para a Baía em 1640 e aí foi capitão-mór, familiar do S. Ofício, vereador da Câmara, juiz ordinário, um homem de prol, finalmente. C.c. Catarina de Góis de Siqueira, filha de Francisco da Fonseca e de Maria de Góis de Siqueira, a 4 de setembro de 1650, em Matoin. Catarina foi batizada a 1 de dezembro de 1629. Pai de:

F1 Maria de Araújo Góis, c.c. Salvador Correia de Sá.

F2 José de Góis de Siqueira Vilas-Boas, c.c. Maria de Bra de Araújo.

F3 Francisco da Fonseca Vilas-Boas, c.c. Maria de Melo.

F4 João de Aguiar Vilas-Boas, c.c. Joana de Sousa Barreto.

F5 Amaro Ferreira Vilas-Boas.

F6 Maria de Góis Vilas-Boas, c.c. Cosme de Sá Peixoto.

988 — F2 *José de Góis de Siqueira Vilas-Boas* c.c. Maria de Bra de Araújo, filha de Francisco de Bra e de Apolônia de Araújo Góis, e teve:

N1 Inácio de Siqueira Vilas-Boas, c.c. Joana Catarina de Bittencourt de Sá Menezes Aragão.

989 — F3 *Francisco da Fonseca Vilas-Boas* c.c. Maria de Melo, filha de Pedro de Góis de Araújo e de Luísa de Melo. Pai de:

N2 Francisco da Fonseca Vilas-Boas, c.c. Catarina Angélica de Almeida.

N3 João de Aguiar Vilas-Boas.

N4 Antônia Luísa de Vasconcelos Vilas-Boas, c.c. Simão da Fonseca Pita.

990 — F4 *João de Aguiar Vilas-Boas* c.c. Joana de Sousa Barreto, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Teresa de Sousa, batizada a 5 de julho de 1667. Pai de:

N5 Caetano Lopes Vilas-Boas, c.c. Virgínia Francisca Calmon du Pin e Almeida.

N6 Teresa Joana de Menezes.

990A — N5 *Caetano Lopes Vilas-Boas* era escudeiro fidalgo e c.c. Virgínia Francisca Calmon du Pin e Almeida, filha de João Calmon du Pin e Almeida e de Inácia Nazaré Moniz de Macedo, não tendo tido filhos.

991 — N1 *Inácio de Siqueira Vilas-Boas* era capitão-mór em Sergipe do Conde, onde sempre viveu. Aos 20 de novembro de 1720 c.c. Joana Catarina de Bittencourt de Sá de Menezes Aragão, filha de Félix de Bittencourt de Sá

e de Catarina de Aragão e Aiala. Pai de:

Bn1 João Felipe de Siqueira, capitão-mór em Sergipe do Conde.

Bn2 Catarina, religiosa.

Bn3 José de Góis de Siqueira, c.c. Luísa Antônio Calmon du Pin e Almeida.

Bn4 Maria Joana de Jesus de Aragão, c.c. Baltazar da Costa Bulcão.

Bn5 Luísa de Siqueira.

Bn6 Ana Custódia de Jesus de Aragão, c.c. Matias Vieira de Lima.

992 N2 *Francisco da Fonseca Vilas-Boas* c.c. Catarina Angélica de Almeida, filha de Luís Pereira de Aguiar e de Joana de Melo, aos 25 de novembro de 1726.

993 — Bn3 *José de Góis de Siqueira*, coronel de um regimento de cavalaria em Cachoeira, aos 2 de fevereiro de 1768 c.c. Luísa Antônia Calmon du Pin e Almeida, nascida a 2 de setembro de 1751 do casal Francisco Calmon du Pin e Almeida e Luísa Maria de Almeida Pereira de Castro.

994 — *Cosme de Sá Peixoto*, êsse que veio a c.c. Maria de Góis Vilas-Boas, filha de João de Aguiar Vilas-Boas e de Catarina de Góis de Siqueira, dizem que procedera de Guimarães (Portugal), a chamado, para a Baía, do seu tio de igual nome, proprietário do engenho Santa Catarina e São Cosme e que ao morrer deixara êste ao dito sobrinho.

995 — *Antônio Vieira de Lima* e seu irmão Domingos Vieira de Lima passaram-se para a Baía, pertencentes a família distinta da vila de Guimarães. Filhos de Francisco Gonçalves Ribeiro e de Ana Vieira de Lima, o segundo veio a ser arcediágo da sé baiana, enquanto o primeiro chegou ao pôsto de

coronel. Com Antônia Maciel da Cruz, “mulher branca e cristã velha”, o coronel teve:

F1 Francisco Vieira de Lima, c.c. Leonor Josefa Sutil de Menezes.

996 — F1 *Francisco Vieira de Lima*, coronel de regimento, em Passé c.c. a viúva Leonor Josefa Sutil de Menezes, filha de Manuel de Azevedo Negro e de Isabel Maria de Azevedo, e teve:

N1 Matias Vieira de Lima, c.c. Ana Custódia de Jesus de Aragão.

997 — N1 *Matias Vieira de Lima*, sargento-mór, c.c. Ana Custódia de Jesus de Aragão, filha de Inácio de Siqueira Vilas-Boas e de Joana Catarina de Menezes Aragão, nascida na freguesia do Monte e onde veio a ficar viúva.

MENDES DE OLIVA

998 — *Mateus Mendes de Oliva* e Antônio Mendes de Oliva eram irmãos. Alferes um, licenciado o outro. O primeiro foi c.c. Apolônia Nunes e teve:

F1 Manuel de Azevedo Negro, c.c. Isabel Maria de Azevedo.

F2 Luís de Oliva da Franca, c.c. Joana Luísa de Menezes.

999 — F1 *Manuel de Azevedo Negro*, a 26 de novembro de 1692, na freguesia no Socorro, c.c. Isabel Maria de Azevedo, filha de Francisco Sutil de Siqueira e de Bárbara de Azevedo Henriques, tendo filhos:

N1 Leonor Josefa Sutil de Menezes, c.c. Diogo Pereira da Silva e Francisco Vieira de Lima.

N2 Francisco Sutil de Siqueira.

N3 Manuel de Azevedo Negro.

N4 José de Azevedo.

N5 João de Oliva.

N6 Antônio Sutil.

N7 Sebastião Sutil.

999-A — F2 *Luís de Oliva da Franca*, a 26 de

novembro de 1692, c.c. Joana Luísa de Menezes, filha de Francisco Sutil de Siqueira e de Bárbara de Azevedo Henriques. Pai de:

N8 Mateus de Oliva da Franca.

N9 Agostinho Sutil de Siqueira, capitão-mór.

N10 Lourenço Sutil de Siqueira.

N11 Bárbara.

N12 Antônia.

N13 Maria.

N14 Joana.

N15 Clara e

N16 Córdula.

1000 — *Antônio Mendes de Oliva*, licenciado, irmão de Mateus de Oliva e tutor dos filhos do provedor Ventura de Frias Salazar, falecido em 15 de abril de 1630, foi c.c. Isabel de Azevedo Henriques e teve:

F1 Bárbara de Azevedo Henriques, c.c. Francisco Sutil de Siqueira.

MACHADO VELHO

1001 — *Antônio Machado Velho* era da ilha Terceira, onde viviam os seus pais Manuel Machado Velho e Beatriz de Melo. Vindo para a Baía, em Paripe, aos 2 de março de 1631 c.c. Águeda Pereira de Góis de Mendonça, filha de Diogo Pereira Coutinho e de Luísa de Góis de Mendonça. São filhos seus:

F1 Diogo Machado Velho, jesuíta.

F2 Antônio Machado Velho, c.c. Maria dos Passos de Almeida Rosa.

F3 Manuel Pereira de Góis, c.c. Ana Brandão de Sousa.

1002 — F2 *Antônio Machado Velho* estudou com os jesuítas e ingressou na companhia, mas antes de receber ordens desistiu disso, e na freguesia do Monte, aos 24 de junho de 1670, c.c. Maria dos Passos de Almeida Rosa, filha de Pantalão da Costa Rosa e de Maria de Almeida. Enviuvando-se, voltou a profes-

sar, recebeu as ordens eclesiásticas e em tal condição celebrou o casamento da própria filha:

N1 Maria de Góis de Mendonça, c.c. Baltazar da Costa Bulcão.

1003 — F3 *Manuel Pereira de Góis*, aos 21 de dezembro de 1658 c.c. Ana Brandão de Sousa, filha de Antônio de Sousa de Andrade e de Águeda Gomes Viegas. Pai de:

N2 Águeda de Sousa de Góis, c.c. Francisco de Araújo de Aragão.

N3 Antônio Machado Velho, c.c. Isabel Maria de Aragão.

1004 — N3 *Antônio Machado Velho*, aos 8 de janeiro de 1698, em Bom Jesus, c.c. Isabel Maria de Aragão, filha de Egas Moniz Barreto e de Inês Barbalho Bezerra. Era coronel e faleceu a 22 de março de 1700. Isabel batizou-se a 11 de agosto de 1680. Pai de:

Bn1 Antônio Machado Velho, c.c. Antônia Maria de Menezes.

1005 — Bn1 *Antônio Machado Velho*, senhor do engenho Mataripe, c.c. Antônia Maria de Menezes, filha de Francisco Barreto de Aragão e de Catarina Correia de Sá. Casados a 11 de fevereiro de 1729, faleceu êle a 14 de janeiro de 1735, deixando uma filha:

Tn1 Maria Francisca da Conceição, c.c. Egas Carlos de Sousa Moniz Barreto de Menezes.

CUNHA TRINCHÃO

1006 — *Diogo da Cunha Trinchão* foi c.c. Natália Pinto de Faria e teve:

F1 Manuel Trinchão Pinto, c.c. Catarina Moniz.

F2 Margarida da Cunha, c.c. Antônio de Barros de Gamboa.

1007 — F1 *Manuel Trinchão Pinto* era de Boipeba, bem como sua mulher,

Catarina Moniz, irmã do padre Antônio da Rocha Moniz. Pai de:

N1 Diogo da Cunha Trinchão, c.c. Catarina de Eça.

N2 Inácio da Cunha Trinchão, c.c. Maria Pereira da Cunha.

N3 Paulo da Cunha Trinchão.

N4 José da Cunha Trinchão, c.c. Antônia da Silveira.

N5 Maria da Cunha Trinchão, c.c. Bartolomeu de Sousa de Eça.

N6 Joana da Cunha Trinchão, c.c. Francisco de Sousa de Eça.

N7 Antônia Moniz da Cunha, c.c. Lucas da Fonseca Saraiva.

1008 — N1 *Diogo da Cunha Trinchão*, sargento-mór, c.c. Catarina de Eça, filha de Francisco de Sousa de Eça e de Úrsula da Fonseca, e teve:

Bn1 Manuel Trinchão Pinto, clérigo.
Bn2 Prudente de Eça do Sacramento, franciscano.

Bn3 Antônio de Castro Trinchão, c. Joana Maria da Luz.

Bn4 Vicente da Cunha Trinchão, c. Francisca Coutinho e Margarida Trinchão.

Bn5 Agostinho Trinchão.

Bn6 Cristóvão da Cunha Trinchão, padre.

Bn7 Apolônia da Cunha.

Bn8 Maria Madalena da Cunha, c.c. José Moniz Paiva.

Bn9 Leonor da Cunha, c.c. João Vira de Azevedo.

1009 — N2 *Inácio da Cunha Trinchão* c.c. Maria Pereira da Cunha, irmã do padre Antônio de Sousa Brum, teve:

Bn10 Manuel Trinchão de Brum, c. Antônia da Fonseca e Clara Maria da Fonseca.

Bn11 Teotônio da Cunha Trinchão, c. Antônia de Melo Varjão.

Bn12 Bartolomeu da Cunha Trinchão, c.c. Isabel Garcês de Eça.

Bn13 Maria da Cunha Trinchão, c. c. Fernando Ribeiro de Sousa.

1010 — N3 *Antônio de Castro Trinchão*, capitão, c.c. Joana Maria da Luz, filha de João de Couros Carneiro e de Inácia Ribeiro de Lemos.

1011 — N4 *Vicente da Cunha Trinchão* foi c.c. Francisca Coutinho, filha de Miguel Coutinho de Castro. Viúvo, c.c. Margarida Trinchão, sobrinha de frei Cipriano de São Julião.

1012 — Bn10. *Manuel Trinchão de Brum* c.c. Antônia da Fonseca, filha de Joaquim da Fonseca e, viúvo, c.c. Clara Maria da Fonseca, filha de Paulo de Araújo da Fonseca e de Úrsula de Melo.

1013 — Bn11 *Teotônio da Cunha Trinchão* c.c. Antônia de Melo Varjão, filha de José de Melo Varjão.

1014 — Bn12 *Bartolomeu da Cunha Trinchão*, capitão, c.c. a viúva Isabel Garcês de Eça, filha de Francisco de Faria e de Maria Garcês de Eça.

DIAS DE MENESES

1015 — *Rui Dias de Menezes*, filho de Damião Dias de Menezes, de família de nome e fama, aos 27 de janeiro de 1648 c.c. Guiomar Ximenes de Aragão, filha de Mateus Lopes Franco e de Leonor Ximenes de Aragão, tendo:

F1 Rui Dias de Menezes, c.c. Cristina Coutinho.

F2 Brites Maria de Menezes, c.c. Tomé Lopes de Magalhães e João Pereira do Lago.

F3 Ana Maria de Menezes Castro, c. c. Francisco de Abreu da Costa Dória.

F4 Guiomar Ximenes de Aragão, c.c. Domingos Antunes da Costa.

1016 — F1 *Rui Dias de Menezes* recebeu criação e proteção de seu padasto o coronel Antônio Guedes de Brito

e foi c.c. Cristina Coutinho, com a qual teve:

N1 Cristina de Almeida.

1017 — *Tomé Lopes de Magalhães*, doutor, aos 28 de novembro de 1699 c. c. Brites Maria de Menezes, filha de Rui Dias de Menezes e de Guiomar Ximenes de Aragão, deixando-a viúva.

AMORIM SALGADO

1018 — *Nuno de Amorim Salgado*, de gente ilustre e das principais da vila de Viana, passou-se para o Brasil e na Baía foi ajudante de tenente em 1633 e capitão em 1652, no têrço do mestre de campo Nicolau Aranha Pacheco. C. c. Maria de Paredes, filha de Agostinho Paredes de Barros e de Ana de Sousa, e veio a morrer a 15 de agosto de 1674. Filhos seus:

F1 Francisco de Araújo de Sousa, batizado a 29 de março de 1651.

F2 Ana de Sousa, c.c. Antônio Machado de Vasconcelos.

F3 Ângela de Sousa, c.c. Duarte de Melo e Gaspar de Brito Freire.

F4 Amaro de Sousa Amorim, c.c. Margarida Ribeiro de Barros.

F5 Bárbara de Sousa, c.c. Antônio de Siqueira.

F6 Inês de Sousa, c.c. Afonso da Gama.

F7 Romana de Sousa, c.c. Fernão Pinto do Casal.

1019 — F4 *Amaro de Sousa Amorim*, aos 9 de setembro de 1676, na igreja da Conceição da Praia c.c. Margarida Ribeiro de Barros, filha de Sebastião Ribeiro e de Brites de Barros, moradores em Cairu. Faleceu a 18 de setembro de 1710, sepultado na igreja do Socorro. Pai de:

N1 Nuno de Amorim Salgado, batizado a 9 de maio de 1678.

N2 Maria de Sousa de Amorim, c.c. José Moniz Girão e Manuel Rodrigues Nunes.

N3 Brites de Sousa, batizada a 15 de setembro de 1686.

N4 Eusébio de Amorim Salgado, batizado a 2 de janeiro de 1690.

1020 — *Gaspar de Brito Freire* c.c. a viúva de Duarte de Melo, Ângela de Sousa, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Maria de Paredes, e entre seus filhos está:

F1 Nuno de Amorim Salgado, c.c. Isabel de Lacerda Coutinho.

1021 — F1 *Nuno de Amorim Salgado*, aos 7 de junho de 1716, no Carmo, c.c. Isabel de Lacerda Coutinho, filha de José Teles de Barbuda e de Isabel de Lacerda Coutinho. Isabel faleceu a 15 de dezembro de 1728, deixando filhos:

N1 Antônia Teles de Menezes, c.c. Anacleto de Magalhães de Menezes.

N2 Ana Teles de Menezes, c.c. João Carvalhal de Vasconcelos.

N3 Joana Teles de Menezes, batizada a 20 de julho de 1722.

N4 Domiciano de Amorim Salgado.

N5 Maria de Lacerda Coutinho, c. c. João da Costa Ferreira.

1022 — *Antônio Machado de Vasconcelos*, filho de Afonso do Pôrto Pedroso, em 1667 era funcionário público, exercendo cargo recebido de seu pai, com autorização real, e que pertencera a seu avô, também Antônio Machado de Vasconcelos. C.c. Ana de Sousa, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Maria de Paredes.

1023 — *Antônio de Siqueira* c.c. Bárbara de Sousa, batizada a 2 de outubro de 1658, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Maria de Paredes.

1024 — *Afonso da Gama c.c.* Inês de Sousa, batizada a 23 de agosto de 1660, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Maria de Paredes.

1025 — *Manuel Rodrigues Nunes c.* a viúva Maria de Sousa de Amorim, batizada a 14 de julho de 1680, filha de Nuno de Sousa Amorim e de Maria Ribeira de Barros.

1026 — *Anacleto de Magalhães Menezes*, filho de Bernardino Jacinto de Menezes e de Francisca Maria de Magalhães, c.c. Antônia Teles de Menezes, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Isabel de Lacerda Coutinho. Pai :

- F1 Isabel Teles de Menezes.
- F2 Antônio de Magalhães de Menezes.
- F3 Francisca Micaela.
- F4 Bernardino Jacinto de Magalhães.
- F5 José Carlos de Magalhães.

1027 — *João da Costa Ferreira*, natural do arcebispado de Braga, nascido de casal José da Costa e Catarina Gonçalves, c.c. Maria de Lacerda Coutinho, filha de Nuno de Amorim Salgado e de Isabel de Lacerda Coutinho. Era capão e seu casamento se deu na freguesia da Vitória a 29 de setembro de 1743. Pai de:

- F1 Miguel da Costa Ferreira.
- F2 José Antônio da Costa Ferreira, professor de medicina.
- F3 João da Costa Ferreira, tenente.
- F4 Tomás da Costa Ferreira, doutor.
- F5 Maria Joana Catarina do Sacramento.
- F6 Ana Joaquina do Nascimento.
- F7 Ezequiel da Costa Ferreira.
- F8 Helena Rosa de Lacerda.

F9 Antônio Pedro da Costa Ferreira.

F10 Agostinho da Costa Ferreira.

F11 Joaquina Maria de Lacerda.

PIRES DE CARVALHO

1028 — *Domingos Pires de Carvalho* era da comarca de Guimarães, filho de João Pires de Carvalho e de Catarina Francisca Fernandes, vindo para a Baía em 1660. Nome respeitado na sociedade de seu tempo, comerciante e proprietário abastado, capitão de infantaria em 22 de junho de 1686, sargento-mór em 9 de dezembro de 1688, coronel de regimento em 11 de maio de 1701, administrador da Casa da Moeda e construtor do edifício da mesma, tesoureiro geral do Estado, cavaleiro professor na ordem de Cristo, c.c. Maria Nogueira da Silva, filha de Paulo Nogueira e de Inês da Silva. Em 1706 instituiu uma capela para que por todos os tempos fôsse rezadas missas por sua alma, e em 1708 faleceu, deixando um filho:

F1 José Pires de Carvalho, c.c. Teresa Cavalcanti de Albuquerque.

1029 — F1 *José Pires de Carvalho* teve o fôro de fidalgo em 1730 e por mais de 70 anos serviu efetivamente à coroa, começando por soldado pago, capitão, sargento-mór em maio de 1701, coronel de regimento em 1708, procurador da fazenda real. C.c. Teresa Cavalcanti de Albuquerque, filha de Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti e de Antônia de la Penha Deusdará, batizada em Passé a 25 de outubro de 1667 e falecida a 11 de junho de 1759. Pai de:

N1 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Joana Cavalcanti de Albuquerque.

N2 José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Isabel Joaquina de Araújo.

1030 — N1 *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*, batizado em 1 de janeiro de 1715, herdou do pai e do avô o morgado instituído, foi fidalgo cavaleiro da casa real por alvará de 22 de setembro de 1737, professo na ordem de Cristo, capitão de infantaria e ajudante de ordens do governador, alcaide-mór da cidade por provisão de 19 de agosto de 1743. A fazenda real fizera donativos de vulto. C.c. Joana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque e de Ana Pereira da Silva, falecida em 1745. Pai de:

Bn1 José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Leonor Pereira Marinho.

Bn2 Ana Teresa, religiosa.

Bn3 Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, padre.

Bn4 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, jesuíta.

Bn5 Teresa Cavalcanti de Albuquerque, c.c. Garcia de Ávila Pereira de Aragão.

1031 — N2 *José Pires de Carvalho e Albuquerque*. Coursou a universidade de Coimbra, jurisconsulto, ouvidor e provedor da comarca de Alenquer, cavaleiro professo na ordem de Cristo, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Maragópe por carta régia de 9 de fevereiro de 1753, secretário geral do Estado do Brasil empossado a 6 de maio de 1741 e no cargo permanecendo até 4 de setembro de 1774, quando morreu. Procurador da fazenda real em 1761, provedor da alfândega. Poeta, pertencia à Academia dos Renascidos. C.c. Isabel Joaquina de Aragão, nascida em 1703 e filha de Domingos da Costa de Almeida e de Brites da Rocha Pita. Pai de:

Bn6 José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Francisca de Araújo e Aragão.

Bn7 José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Ana Maria de S. José e Aragão.

Bn8 Maria de Carvalho do Destêro e

Bn9 Mariana de Carvalho do Destêro, religiosas.

Bn10 Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão.

Bn11 Josefa de Carvalho do Destêro, religiosa.

1032 — Bn1 *José Pires de Carvalho e Albuquerque*, mestre de campo, intendente das marinhas, proprietário e agricultor abastado, herdou de seu pai e avô o morgado instituído. Aos 13 de fevereiro de 1752 c.c. Leonor Pereira Marinho, filha de Francisco Dias de Ávila e de Catarina Francisca Correia de Aragão, a qual Leonor ainda vivia, viúva, em 1804. Pai de:

Tn1 Ana Maria de S. José e Aragão, c.c. José Pires de Carvalho e Albuquerque.

Tn2 Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão, c.c. Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

Tn3 Joaquina Maurícia de São Miguel e Aragão, c.c. Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão.

Tn4 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, mestre de campo, solteiro, falecido a 7 de outubro de 1795 e sepultado na sé.

Tn5 José Pires de Carvalho e Albuquerque.

1033 — Bn6 *José Pires de Carvalho e Albuquerque*, nascido em 1747, exerceu o secretariado do Estado por morte de seu pai e o transmitiu, de ordem do rei, a seu irmão de igual nome, falecendo a 1 de dezembro de 1778. Dos historiadores e linhagistas que consultei, só Jaboatão o dá casado, e com Maria Francisca de Araújo e Aragão, filha de Francisco de Araújo e Aragão e de Ana

Calvalcanti de Menezes, o ato realizado em 21 de setembro de 1776.

1034 — Bn7 *José Pires de Carvalho Albuquerque* nasceu a 15 de maio de 1756, cavaleiro professo na ordem de Cristo, fidalgo da casa real, alcaide-mór e Maragogipe, intendente das marilhas, procurador da fazenda real, provedor da alfândega e secretário geral do Estado em lugar de seu irmão de igual nome. Aos 23 de abril de 1781 c.c. Ana Maria de São José e Aragão, filha de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Leonor Pereira Marinho, batizada na Vitória a 11 de junho de 1760. Pai de:

Tn6 José Pires de Carvalho e Albuquerque.

Tn7 Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Ana Maria e S. José e Aragão.

Tn8 Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Delina Pires e Aragão.

Tn9 Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Luísa de Teive Argolo.

Tn10 Leonor Augusta de Assunção e Aragão, c.c. Inácio Pires de Carvalho Albuquerque.

Tn11 Maria Epifânia Pires e Aragão, c.c. Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

Tn12 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Luísa Clementina Pires e Aragão.

1035 — Bn10 *Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque*, batizado a 6 de abril de 1766, capitão-mór de São Amaro, coronel de milícias do terço da Torre de Garcia de Ávila, aos 2 de fevereiro de 1794 c.c. Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão, filha de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Leonor Pereira Marinho. Faleceu em 1813, deixando filhos:

Tn13 Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Epifânia Pires e Aragão.

Tn14 Maria Delfina Pires e Aragão, c.c. Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque.

Tn15 Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Leonor Augusta de Assunção e Aragão.

Tn16 Luísa Clementina Pires e Aragão, c.c. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Tn17 José Pires de Carvalho e Albuquerque.

1036 — Tn5 *José Pires de Carvalho e Albuquerque* teve a herança do morgado. Viveu solteiro nas suas propriedades e faleceu a 28 de julho de 1796, deixando filhos bastardos, mas em tempo legitimados:

4n1 José Pires de Carvalho e Albuquerque.

4n2 Maria Úrsula das Virgens Pires de Carvalho e Albuquerque.

4n3 Antônio José Pires de Carvalho e Albuquerque.

4n4 Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

1037 — Tn6 *José Pires de Carvalho e Albuquerque* nasceu a 6 de dezembro (de 1796 dá o linhagista Urbano Pires, de 1798 o *An. Gen. Bras.* III, 483 e de 1790 o mesmo livro vol. I, 291) e c.c. Inácia Jesuína da Purificação Gonçalves, cujos pais não são referidos. Pai de:

4n5 José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Clara da Silva Tavares.

4n6 Elisa Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Manuel Messias Lopes de Leão.

4n7 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Gertrudes Amélia Pires.

1038 — Tn7 *Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque* nasceu em

1779 e faleceu a 5 de dezembro de 1852. Seus serviços à causa da Independência são consideráveis, e por isso lhe fôra dado o título de Barão da Torre de Garcia de Ávila, único diploma desta natureza expedido no dia da coroação do imperador. Depois, visconde com grandeza a 12 de outubro de 1826, sendo grande do Império, gentil-homem da câmara imperial, oficial e comendador da ordem de Cristo. C.c. Ana Maria de São José e Aragão, nascida em 1814 do casal Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e Maria Luísa de Teive e Argolo. Pai de:

4n8 Domingos Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, advogado.

4n9 Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Capitulina de Teive e Argolo.

4n10 José Pires de Carvalho e Albuquerque.

4n11 Catarina Álvares Paraguaçu Pires, c.c. Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão.

4n12 Leonor Maria de la Penha Deusará Pires e Aragão, c.c. José Joaquim de Teive e Argolo.

4n13 Teresa de Jesus Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Antônio Moniz Barreto de Aragão.

1039 — Tn8 *Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque*. Nomeado Barão de Jaguaripe a 4 de dezembro de 1824, em recompensa de altos serviços à causa da Independência, nasceu em 1756 e faleceu a 4 de agosto de 1856, na Baía, tendo estado à frente do governo da província. C.c. Maria Delfina Pires e Aragão, filha de Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e de Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão. Pai de:

4n14 Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Ana Maria de São José e Aragão.

4n15 Ana Maria de São José e Aragão.

4n16 José Pires de Carvalho e Albuquerque.

1040 — Tn9 *Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque*. Brigadeiro, também com serviços relevantes à causa da Independência, teve o título de Visconde de Pirajá a 12 de outubro de 1826 e faleceu a 29 de julho de 1878. Foi c.c. Maria Luísa de Teive e Argolo, filha de Paulo de Teive e Argolo e de Francisca de Argolo Queirós e teve filhos:

4n17 Ana Maria de São José e Aragão, c.c. Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

4n18 José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Agueda da Silva.

1041 — Tn12 *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque* c.c. Luísa Clementina Pires e Aragão, filha de Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e de Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão, tendo filho:

4n19 Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque.

1042 — Tn13 *Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque*, capitão-mór, c.c. Maria Epifânia Pires e Aragão, filha de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Ana Maria de São José e Aragão.

1043 — Tn15 *Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque*, capitão-mór, c.c. Leonor Augusta de Assunção e Aragão, filha de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Ana Maria de São José e Aragão. Pai de:

4n20 Ana Maria de São José e Aragão, c.c. Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque.

4n21 Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque.

1044 — 4n5 *José Pires de Carvalho e Albuquerque*, nasceu a 14 de abril de 1812 e a 15 de novembro de 1834 c.c.

Maria Clara da Silva Tavares e teve filhos:

5n1 Luís Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Iria Narcisa Ferreira Murici.

5n2 Maria Francisca Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Afonso Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n3 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido a 2 de maio de 1840 e morto a 30 de dezembro de 1903.

5n4 Ubaldino Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido a 24 de agosto de 1836 e morto a 6 de fevereiro de 1873.

5n5 Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Emilina Gitai Josefina Murici.

5n6 Maria José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n7 Maria Adelaide Pires de Carvalho e Albuquerque, nascida a 10 de março de 1845.

5n8 José Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido a 19 de janeiro de 1837.

5n9 Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

1045 — 4n7 *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*, nascido a 20 de julho de 1837 e falecido a 2 de dezembro de 1876, foi c.c. Gertrudes Amélia Pires e teve filhos:

5n10 Elisa Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Fernando Freire de Carvalho.

5n11 Fernando Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido a 25 de outubro de 1864 e falecido em 1876.

5n12 Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Isabel da Costa.

5n13 Idalina Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Artur da Costa Carvalho.

5n14 Aurélio Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n15 Leonel Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Joaquina de Queiroz.

5n16 Virgílio Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Jesuina Ferraz.

5n17 Afonso Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Francisca Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n18 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria José Pires de Carvalho e Albuquerque.

1046 — 4n9 *Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque* nasceu a 29 de novembro de 1840 e faleceu a 15 de dezembro de 1918, tendo sido advogado, deputado e senador. Aos 3 de outubro de 1863, em Cotegipe, c.c. Maria Capitulina de Teive e Argolo, filha de Miguel de Teive e Argolo e de Maria Murta de Pina e Melo, nascida a 26 de outubro de 1842 e falecida em 1883. Pai de:

5n19 Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Joaquina Bulcão Viana.

5n20 Maria Capitulina de Argolo Pires.

5n21 Ana Murta de Argolo Pires.

5n22 Domingos Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n23 Maria José de Argolo Pires, c.c. Francisco de Paula Argolo.

5n24 Maria Luísa de Argolo Pires, c.c. João Vicente Bulcão Viana.

5n25 José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Virgínia Cardoso de Castro.

5n26 Garcia Dias de Ávila Pires, c.c. Maria Luísa Garcês Fróis.

5n27 Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Luísa Pires de Carvalho e Albuquerque.

5n28 Manuel Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Laura de Lacerda e Ordália Magalhães.

5n29 Maria Murta de Argolo Pires.

1047 — 4n14 *Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque* teve o título de Barão de Jaguaripe a 1 de dezembro de 1854, foi agricultor e proprietário. C.c. Ana Maria de São José e Aragão, filha de Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque e de Leonor Augusta de Assunção e Aragão, e faleceu a 16 de agosto de 1884, sem descendentes.

1048 — 4n18 *José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque*, por decreto de 25 de março de 1849 foi nomeado Barão de Pirajá e a 14 de março de 1860 adicionado ao título um “com grandeza”, sem nada mais ocorrer pertinente à sua existência, senão o ter sido casado com Águeda da Silva.

1049 — 5n1 *Luís Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque*, nascido a 25 de agosto de 1852, em outubro de 1886 c.c. Iria Narcisa Ferreira Murici e faleceu a 14 de novembro de 1899. Pai de:

6n1 Maria Clara Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. José Correia de Sousa Pinto.

1050 — 5n5 *Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque* nasceu a 28 de janeiro de 1842, c.c. Emilina Gitaí em 1869 e em 22 de setembro de 1876 com Josefina Murici, tendo falecido a 17 de julho de 1904. Pai de:

6n2 Clotilde Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Antônio Martins Pereira.

6n3 Emilina Pires de Carvalho e Albuquerque.

6n4 José Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Alvaceli Meira de Castro e Odília Ferreira da Luz.

6n5 Oscar Pires de Carvalho e Albuquerque.

6n6 Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Ana Catarina de Vicenzi.

6n7 Armando Pires de Carvalho e Albuquerque.

6n8 Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Alice Loiola.

6n9 Leonor Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Egídio Moreira de Castro e Silva.

1051 — 5n12 *Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque*, advogado, banqueiro, autor de excelente árvore da família Pires de Carvalho, nasceu na Baía a 31 de maio de 1862, c.c. Maria Isabel da Costa em 29 de dezembro de 1888, esta nascida a 2 de julho de 1862, e teve:

6n10 Afonso Pires de Carvalho e Albuquerque.

6n11 Leonel Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Tourinho.

6n12 Aurora Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. João Teodoro de Faria.

6n13 Dulce Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Mário Ferreira Barbosa.

6n14 Emílio Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Julieta Pinheiro.

6n15 Fernando Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Hermelinda Gouveia.

6n16 Maria Isabel da Costa Pires.

6n17 Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque.

1052 — 5n14 *Aurélio Pires de Carvalho e Albuquerque* nasceu a 3 de junho de 1857 e aos 4 de março de 1909 c.c. Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque, nascida a 16 de abril de 1869 do casal Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque, não tendo tido filhos.

1053 — 5n18 *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*, magistrado, nasceu a 4 de março de 1842. C.c. Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque, filha de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Maria Clara da Silva Ta-

vares, aos 27 de julho de 1867. Viúvo, c.c. Maria José Pires de Carvalho e Albuquerque, irmã de sua primeira esposa. Faleceu a 19 de março de 1920, deixando filhos, não distinguidos segundo os casamentos:

6n18 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido a 7 de maio de 1870 no Maranhão, magistrado, deputado federal, homem de serenas e severas atitudes morais, falecido solteiro em 20 de dezembro de 1926.

6n19 Hercília Pires de Carvalho e Albuquerque, nascida a 18 de outubro de 1872.

6n20 Estefânia Pires de Carvalho e Albuquerque, nascida a 16 de janeiro de 1874.

6n21 Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Aurélio Pires de Carvalho e Albuquerque.

1054 — 5n19 *Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque* nasceu em Santo Amaro a 5 de fevereiro de 1865. orador parlamentar, ministro do Supremo Tribunal Federal, nome representativo dos Garcias de Ávilas e dos Pires de Carvalho, aos 2 de abril de 1892, na vila de São Francisco, c.c. Maria Joaquina Bulcão Viana, nascida a 21 de novembro de 1873 do casal Francisco Vicente Viana e Luísa Flora de Aragão Bulcão. Pai de:

6n22 Maria Luísa Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.

6n23 Garcia de Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Alzira Maria de Campos Sales.

6n24 Maria Capitulina Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Murilo de Sousa Campos.

6n25 Francisco de Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Luísa Pires Bulcão Viana.

6n26 Maria Joaquina Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Feliciano de Sousa Aguiar.

6n27 Maria de Lourdes Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Augusto de Saboia Lima.

6n28 Maria Regina Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Luís de Sousa Aguiar.

6n29 Maria Antônia Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Luís Gallotti.

6n30 Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, c.c. Maria Carolina Cordeiro.

NUNES DALTRO

1055 — *Custódio Nunes* era proprietário em Cotegipe e na capela de Santo Antônio, em fazenda sua, teve sepultura o seu sogro, Cristóvão de Aguiar Daltro. C.c. Ana de Figueiró, batizada a 15 de abril de 1587, filha do citado Cristóvão e de Isabel de Figueiró, falecida a 6 de agosto de 1657, com sepultura na dita capela. Pai de:

F1 Mateus de Aguiar Daltro, c.c. Maria de Vasconcelos.

F2 Cristóvão de Aguiar Daltro, c.c. Isabel Teles.

F3 João Álvares de Figueiró.

F4 Isabel de Figueiró, c.c. Belchior Rodrigues Ribeiro e Diogo Pereira da Silva.

1056 — F1 *Mateus de Aguiar Daltro*, batizado em Cotegipe a 29 de agosto de 1624, aos 23 de janeiro de 1652 c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Bartolomeu de Vasconcelos de Oliveira e de Luísa Pacheco, batizada, também em Cotegipe, a 27 de setembro de 1637. Pai de:

N1 Luzia de Vasconcelos, c.c. Francisco Monteiro Freire e Francisco da Silva Pescador.

N2 Antônio de Vasconcelos, c.c. Maria Gomes de Vasconcelos.

N3 João Álvares de Vasconcelos, c.c. Antônia Teles de Menezes.

N4 Maria de Vasconcelos, c.c. Manuel Gomes Dias.

N5 Isabel de Vasconcelos, c.c. João de Barros Lôbo.

N6 Ângela de Vasconcelos, c.c. André Monteiro de Barros.

N7 Ana de Vasconcelos, c.c. Esteves Teles.

N8 Francisco de Aguiar Daltro.

N9 Gaspar Pacheco de Aguiar.

N10 Bartolomeu de Vasconcelos.

1057 — F2 *Cristóvão de Aguiar Daltro*, aos 26 de julho de 1651 c.c. Isabel Teles, filha de Rafael Teles e de Maria Rangel, e faleceu a 15 de janeiro de 1664 sem deixar descendentes.

1058 — N3 *João Álvares de Vasconcelos* foi c.c. Antônia Teles de Menezes, filha de Marcos de Bittencourt e de Ângela de Menezes, tendo filhos:

Bn1 Cristóvão de Aguiar de Bittencourt, morto a 22 de março de 1719.

Bn2 Ângela de Menezes, c.c. Luís Carneiro de Menezes.

1059 — *Belchior Rodrigues Ribeiro*, procedente do Algarve e aí nascido do casal Bento Rodrigues e Isabel Ribeiro da Costa, veio para a Baía e a 19 de outubro de 1637 c.c. Isabel de Figueiró, filha de Custódio Nunes e de Ana de Figueiró. Belchior faleceu a 6 de outubro de 1651 e Isabel a 16 de março de 1666, deixando filhos:

F1 Custódio Nunes Daltro, c.c. Ângela da Cunha.

F2 Bento Rodrigues de Figueiró, licenciado, falecido solteiro a 25 de março de 1699.

F3 João Francisco Rodrigues, falecido solteiro.

1060 — F1 *Custódio Nunes Daltro* foi c.c. Ângela da Cunha, filha de Bartolomeu de Vasconcelos e de Maria da Conceição Cunha. Faleceu a 15 de maio de 1720. Pai de:

N1 Francisca de Vasconcelos, c.c. Francisco Teles de Menezes.

N2 Ana Maria de Vasconcelos, c.c. Manuel Nunes Leal.

N3 Cristóvão de Aguiar Daltro, c.c. Maria Gomes de Vasconcelos.

N4 Bento Nunes Daltro.

N5 Bartolomeu de Vasconcelos.

N6 Custódio Nunes Daltro.

N7 João Álvares Barreto.

N8 José Teles de Vasconcelos.

N9 Isabel de Figueiró.

N10 Francisca de Vasconcelos.

1061 — N3 *Cristóvão de Aguiar Daltro*, aos 17 de outubro de 1718 c.c. Maria Gomes de Vasconcelos, filha de Manuel Gomes Dias e de Maria de Vasconcelos. Pai de:

Bn1 Josefa Maria do Socorro, c.c. Antônio de Brito Freire.

1062 — *Diogo Pereira da Silva*, capitão-mór, aos 20 de fevereiro de 1652 c.c. a viúva Isabel de Figueiró, filha de Custódio Nunes e de Ana de Figueiró, falecida a 16 de março de 1666. Diogo faleceu a 23 de setembro de 1673, com sepultura no Carmo. Pai de:

F1 Francisca da Silva, c.c. Manuel de Matos de Viveiros.

F2 Nicolau Mendes de Vasconcelos.

F3 Antônio Pereira da Silva, c.c. Úrsula da Fonseca.

1063 — F3 *Antônio Pereira da Silva* c.c. Úrsula da Fonseca, filha de Agostinho Pais da Costa e de Catarina da Fonseca, tendo filhos:

N1 Diogo Pereira da Silva.

N2 Catarina de Sande.

N3 Teresa de Jesus.

1064 — *Manuel Gomes Dias* c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Mateus de Aguiar Daltro e de Maria de Vasconcelos, e teve filhos:

F1 Maria Gomes de Vasconcelos, c. c. Cristóvão de Aguiar Daltro.

F2 Ana Maria de Vasconcelos, c.c. Manuel da Rocha Dória.

F3 Inácia de Figueiró, c.c. Manuel Aarão Coutinho.

1065 — *Francisco Teles de Menezes*, filho de Manuel Teles de Menezes e de Maria de Burgos Contreiras, c.c. Francisca de Vasconcelos, filha de Custódio Nunes Daltro e de Ângela da Cunha, e teve filhos:

F1 Maria de Burgos de Menezes, c. c. Miguel Teles Barreto.

NUNES LEAL

1066 — *João Nunes*, na companhia de sua mulher Madalena Leal, veio de Portugal para a Baía, onde lhe nasceram filhos:

F1 Manuel Leal, carmelita.

F2 Mariana Leal, c.c. Manuel Lopes da Mata.

F3 Catarina Nunes, c.c. Domingos Rodrigues.

1067 — *Manuel Lopes da Mata* c.c. Mariana Leal, filha de João Nunes e de Madalena Leal, e teve filhos:

F1 Maria Nunes, c.c. Francisco de Lima.

F2 Joana Leal, c.c. Tomé Ribeiro.

1068 — *Domingos Rodrigues*, filho de Jerônimo Rodrigues e de Ana Lopes, c.c. Catarina Nunes, filha de João Nunes e de Madalena Leal, e teve:

F1 Manuel Nunes Leal, c.c. Ana Maria de Vasconcelos.

F2 Francisca Nunes, c.c. Estêvão Rodrigues do Pôrto.

1069 — F1 *Manuel Nunes Leal*, médico, falecido a 8 de maio de 1728, c. c. Ana Maria de Vasconcelos, filha de

Custódio Nunes Daltro e de Ângela da Cunha, falecida a 23 de outubro de 1762, com sepultura no Carmo. Pai de:

N1 Bernardo Manuel de Vasconcelos, c.c. Romana Ferreira.

N2 Manuel Nunes Leal, médico, solteiro.

N3 Ângela da Cunha, c.c. Francisco Xavier da Costa.

N4 Ana da Cunha Vasconcelos, c.c. José Barbosa da Cunha.

N5 Catarina de S. Mônica da Cunha, c.c. Francisco Xavier de Castilho.

1070 — N1 *Bernardo Manuel de Vasconcelos* c.c. Romana Ferreira, filha de Antônio Ferreira da Cunha e de Francisca da Cunha.

1071 — *Francisco de Lima* c.c. Maria Nunes, filha de Manuel Lopes da Mata e de Mariana Leal, e teve:

F1 Mariana Leal, c.c. João Gonçalves de Sousa.

1072 — *Tomé Ribeiro* c.c. Joana Leal, filha de Manuel Lopes da Mata e de Mariana Leal, e teve:

F1 Teresa Nunes, c.c. Pedro Fernandes de Azevedo.

1073 — *João Gonçalves de Sousa* c. c. Mariana Leal, filha de Francisco de Lima e de Maria Nunes, e teve:

F1 Antônio de Sousa Lobato, c.c. Manuel Infante Guimarães.

1074 — *Pedro Fernandes de Azevedo* c.c. Teresa Nunes, filha de Tomé Ribeiro e de Joana Leal, e teve:

F1 Pedro Fernandes de Azevedo, padre.

1075 — *Manuel Infante Guimarães* c.c. Antônio de Sousa Lobato, filha de

João Gonçalves de Sousa e de Mariana Leal, e teve:

F1 Antônio Gonçalves de Lima e

F2 Manuel Gonçalves Guimarães, padres.

BORGES DE BARROS

1076 — *João Borges de Macedo* nasceu no arcebispado de Lisboa, onde viam seus pais Domingos Borges e Maria da Penha. Vindo para o Brasil, na Baía c.c. Maria de Barros, filha de Salvador Vieira, aí por 1650. Do casal nasceram:

F1 José Borges de Barros, batizado a 5 de março de 1657, mestre-escola da sé e doutor.

F2 Maria de Barros, batizada a 1º de setembro de 1658.

F3 Salvador Borges de Barros, batizado a 29 de agosto de 1660.

F4 Estêvão Borges de Barros, c.c. Eugênia de Jesus Barbosa.

F5 Manuel Vieira de Barros, batizado a 1 de janeiro de 1662.

F6 João Borges de Barros, batizado a 22 de janeiro de 1666, iura dá se por muitos anos e doutor.

F7 Manuel Borges de Barros, batizado a 5 de março de 1667.

F8 Maria da Soledade, religiosa do Destêrro, batizada a 8 de setembro de 1668 e que faleceu com opinião de virgindade a 30 de setembro de 1719.

F9 Domingos Borges de Barros, c.c. Maria de Araújo de Azevedo.

1077 — F4 *Estêvão Borges de Barros*, batizado a 1 de janeiro de 1662, foi capitão-mór, agricultor. C.c. Eugênia de Jesus Barbosa, filha de Pedro Ferreira e de Maria Barbosa. Pai de:

N1 Maria de Barros, c.c. Antônio Manuel da Câmara.

N2 Rosa de Barros, c.c. Manuel José de Bittencourt de Sá.

N3 Antônio Borges de Barros, sargento-mór.

N4 Francisco Borges de Barros, frade de capucho com o nome Maurício de São Francisco.

N5 Miguel Tomás de Barros, padre.

N6 João Borges de Barros, frade de capucho com o nome Estêvão da Soledade.

N7 Joana Maria do Socorro, c.c. André Vaz Côrtes.

1078 — F9 *Domingos Borges de Barros*, batizado a 26 de maio de 1670, foi cavaleiro da ordem de Cristo, coronel de regimento auxiliar, proprietário de fazendas, c.c. a viúva Maria de Araújo de Azevedo, filha de Luís Ferreira de Araújo e de Joana de Azevedo. Pai de:

N8 Sebastião Borges de Barros, c.c. Antônio Francisca de Aragão.

N9 João Borges de Barros, cônego e tesoureiro-mor da sé e seu deão.

N10 Domingos Borges de Barros, c.c. Florência Moreira de Almeida.

N11 Luís Antônio Borges de Barros, cônego na sé.

N12 José Borges de Barros e

N13 Antônio Borges de Barros, mortos ainda criança.

Quando solteiro, Domingos teve com Brites de Brito Freire um filho:

N14 Salvador Borges de Barros, c.c. Teresa Angélica de Meireles.

1079 — N8 *Sebastião Borges de Barros*, capitão-mór e, depois, coronel na vila de Sergipe do Conde, cavaleiro da ordem de Cristo, c.c. Antônio Francisca de Aragão, filha de Félix de Bittencourt de Sá e de Catarina de Aragão e Aiala, não tendo tido filhos. Faleceu a 6 de dezembro de 1766.

1080 — N10 *Domingos Borges de Barros*, capitão de infantaria, ajudante de ordens do governador Conde de Atouguia, foi autor de certo desrespeito na Relação, quando no exercício dessa função. C.c. a viúva Florência Moreira de Almeida, filha de Antônio Velho

Maciel e de Maria de Almeida, sem que houvesse descendente. Entretanto, “de uma moça branca” de nome Florência, tia dos religiosos menores fr. Manuel da Conceição e fr. Agostinho, teve um filho:

Bn1 Francisco Borges de Barros, c.
c. Luísa Clara de Santa Rita.

1081 — N 14 *Salvador Borges de Barros* foi c.c. Teresa Angélica de Meireles, filha de Custódio de Meireles e de Florência Machado, tendo filhos:

Bn2 Domingos de S. Teresa, religioso franciscano.

Bn3 João Borges de Barros,

Bn4 José Borges de Barros,

Bn5 Custódio Borges de Barros e

Bn6 Francisco Xavier Borges de Barros, sacerdotes.

Bn7 Mariana Teresa do Salvador, c.
c. Pedro Moreira.

Bn8 Joana Clara do Paraíso.

Bn9 Salvador Borges de Barros, c.
c. Rosa Maria de Lima.

1082 — Bn1 *Francisco Borges de Barros*, criado e educado por seu tio o cônego João Borges de Barros, era tido como “uma das pessoas da primeira nobreza e distinção dêste país, assim pelos seus merecimentos pessoais e pública reputação”. Nasceu em 1753 e faleceu a 18 de setembro de 1819, na Baía, argento-mór, juiz ordinário, tenente-coronel do regimento das marinhas da Torre, rico proprietário em Santo Amaro, c.c. Luísa Clara de S. Rita, falecida em 1783, e teve:

Tn1 Domingos Borges de Barros, c.
c. Maria do Carmo de Gouveia Portugal.

Tn2 João Borges de Barros.

1083 — Bn9 *Salvador Borges de Barros*, capitão-mór em Santo Amaro, c.c. Rosa Maria de Lima, filha de Tomás Moreira de Pinho e de Rosa Maria de Lima.

1084 — Tn1 *Domingos Borges de Barros* nasceu em Santo Amaro a 10 de dezembro de 1779 e faleceu na Baía a 20 de março de 1855. Diplomado pela Universidade de Coimbra, diplomata, senador do Império, homem de virtudes e merecimentos, grande agricultor, proprietário e industrial, também poeta delicado, com alguns livros publicados. Visconde de Pedra Branca por ato de 12 de outubro de 1829, c.c. a viúva Maria do Carmo de Gouveia Portugal, filha do brigadeiro Pedro Alexandrino de Gouveia Portugal e de Luísa Rosa de Gouveia, falecida em Paris a 6 de maio de 1831. Quando solteiro teve êle um filho:

4n1 Alexandre Sebastião Borges de Barros.

Do casal nasceram:

4n2 Domingos Borges de Barros, nascido em 1815 e morto na Europa, ainda criança.

4n3 Luísa Margarida Borges de Barros, Condessa de Pedra Branca e Condessa de Barral e Marquesa de Monferrat em virtude do casamento que realizara na França, em 19 de abril de 1837, com titular dêsse nome.

Pertencente à família aqui tratada é o ramo que procede do Barão do Rio Fundo, sem que se pudesse, até o momento, assegurar positivamente as ligações com os Borges de Barros dêste capítulo, embora suponhamos o Barão seja filho de Salvador Borges de Barros (Bn9).

1085 — *Inácio Borges de Barros*, feitor Barão do Rio Fundo a 2 de setembro de 1859, era agricultor e proprietário em Santo Amaro, tendo falecido na Baía a 10 de maio de 1870. C.c. Maria Rosa de Barros, teve:

F1 Salvador Borges de Barros falecido solteiro.

F2 Inácio Borges de Barros, falecido solteiro.

F3 Antônio Joaquim Borges de Barros, c.c. Maria Josefina Basto.

F4 Rosa Borges de Barros, c.c. Luís Maria de Oliveira Mendes.

F5 Inácia Borges de Barros, c.c. Inácio de Oliveira Mendes.

F6 Ana Borges de Barros, c.c. José Carlos de Oliveira Mendes.

(Estas três filhas do Barão do Rio Fundo foram casados, no mesmo dia, com três filhos do Barão de Itapicuru de Cima, Luís Manuel de Oliveira Mendes).

1086 — F3 *Antônio Joaquim Borges de Barros*, nascido em 1852 e falecido em 1920, c.c. Maria Josefina Basto, filha de Luís Paulo de Araújo Basto (Visconde de Fiais) e de Ana Francisca Viana, nascida em 1861. Pai de:

N1 Francisco Borges de Barros, diretor do Museu do Estado da Baía.

N2 Maria Josefina Borges de Barros, c.c. Flaviano Imbaçaí da Silva.

N3 Pedro Borges de Barros, c.c. Maria Nazaré de Seixas.

N4 Frederico Borges de Barros, c. c. Jucília Ferreira Santos.

CORREIA DE SOUSA

1087 — *Vital Correia de Sousa*, fidalgo português, passou-se para a Baía e foi viver em Cairu, onde c.c. Maria de Alpoim, filha de D. Teodósio Cabral de Melo, então governador da ilha da Madeira e depois proprietário na ilha de Tinharé. Pai de:

F1 Felipe Correia, religioso franciscano.

F2 Domingos Alpoim, que teria casado em Camamu.

F3 Maria de Alpoim, c.c. Miguel Cardoso.

F4 Bernardo Cabral de Melo

F5 José Cardoso de Melo.

F6 Isabel Correia de Melo, c.c. João Coelho.

1088 — *Miguel Cardoso* c.c. Maria de Alpoim, filha de Vital Correia de Sousa e de Maria de Alpoim, tendo um filho:

F1 Francisco Cardoso de Alpoim, c. c. Luísa de Melo.

1089 — F1 *Francisco Cardoso de Alpoim* c.c. Luísa de Melo, filha de João Pinheiro de Lemos e de Helena de Melo, e teve:

N1 João Batista, religioso franciscano.

N2 Francisco de Jesus Maria, religioso franciscano, lente de teologia no convento da Baía.

N3 José Cardoso de Melo, c.c. Joana Maria do Sacramento.

N4 João Bernardo Cardoso.

1090 — N3 *José Cardoso de Melo* c. c. Joana Maria do Sacramento, filha de Bernardino Pessoa de Almeida e de Agueda Correia de Sá. Pai de:

Bn1 Joaquim Cardoso de Melo.

Bn2 José de S. Bernardo, religioso franciscano.

Bn3 João Cardoso de Melo, clérigo.

Bn4 José Caetano Vasco de Melo, c. c. Francisca Xavier de Macedo.

Bn5 Francisco Cardoso de Melo, c. c. Ana Maria de Jesus.

1090A — Bn4 *José Caetano Vasco de Melo* c.c. Francisca Xavier de Macedo, e teve:

Tn1 Ricarda Macedo de Melo.

Tn2 Silvestre Cabral.

1091 — Bn5 *Francisco Cardoso de Melo* c.c. Ana Maria de Jesus, filha de Semeão de Araújo e de Isabel Côrte-Real, e teve:

Tn1 Joana Maria de Jesus.

Tn2 José Bernardo Cardoso.

1092 — *João Coelho*, homem que era dos principais da ilha de São Miguel, passando a viver em Cairu, aí c.c. Isa-

bel Correia de Melo, filha de Vital Correia de Sousa e de Maria de Alpoim, tendo filhos:

F1 João do Espírito Santo, religioso franciscano, admitido em idade crescida e que morreu no próprio convento de sua terra (Cairu).

F2 José Coelho Correia, clérigo secular.

F3 Úrsula, religiosa na terra de seu pai.

F4 Vital Correia de Sousa, c.c. Maria de Jesus Oliveira.

1093 — F4 *Vital Correia de Sousa*, aos 23 de agosto de 1693, em Cairu, c. c. Maria de Jesus Oliveira, filha de José Luís de Espinha e de Serafina de Oliveira. Teve:

N1 Úrsula das Virgens Correia, c.c. Manuel Gomes da Silva.

N2 José Luís de Sousa, capelão de regimento.

N3 Ambrósio Correia de Sousa, padre, vigário de Paripe.

N4 Maria Correia de Sousa, morta em criança.

1094 — *Manuel Gomes da Silva*, natural do Pôrto, c.c. Úrsula das Virgens Correia, filho de Vital Correia de Sousa e de Maria de Jesus Oliveira, e teve:

F1 Antônio de S. Úrsula, religioso franciscano.

F2 José da Conceição.

F3 Manuel Gomes da Silva.

F4 Maria do Rosário.

F5 Úrsula das Virgens.

F6 Bárbara da Conceição.

F7 Ana Maria de S. Domingos.

ARANHA PACHECO

1095 — *Nicolau Aranha Pacheco*, nascido em Arcos de Valdevez, veio para a Baía e conseguiu, na vida militar, chegar ao mais alto posto, o de mestre

de campo. Homem de prestígio, de bondade, foi c.c. Francisca de Sande, baiana de rara abnegação, filha de Francisco Fernandes e de Clara de Sande. Francisca de Sande foi a primeira enfermeira do Brasil, transformando a sua residência, e outras dependências, em enfermarias de soldados e civis que ao tempo da *bicha* se encontravam sem amparo e sem tratamento na Baía, ela mesma os acolhendo e curando. Aranha Pacheco morreu a 29 de outubro de 1670, com sepultura em São Francisco, e sua mulher a 21 de abril de 1702, com sepultura na igreja da Piedade. Pai de:

F1 Francisca Clara de Sande. c.c. Lopo de Albuquerque Câmara.

F2 Pedro Fernandes Aranha, c.c. Ana Cavalcanti de Albuquerque.

F3 Maria Francisca Xavier Aranha, c.c. Francisco de Brito de Sampaic.

1096 — F2 *Pedro Fernandes Aranha*, que serviu de procurador, no respectivo casamento, do seu cunhado Lopo de Albuquerque Câmara, aos 2 de fevereiro de 1689 c.c. a viúva Ana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Francisco de Vasconcelos Cavalcanti e de Antônia Lôbo. Encontrando-se viúvo, ordenou-se em sarcedote e nesta condição se tornou conhecido e estimado na Baía.

BARBOSA LEAL

1097 — *Pedro Barbosa Leal*, homem de grandes serviços à coroa e ao Brasil, no sentido da abertura de estradas, pacificação de nativos, povoamento do solo baiano, fundação e instalação de aldeias e vilas, inclusive a de Jacobina em 1724. Coronel, desfrutando de largo prestígio, vivia no interior. Proprietário no recôncavo, com embarcação para o comércio com Angola, sempre foi conceituado. C.c. Antônia Maria de Vasconcelos, batizada a 12 de maio de 1657

e filha de Aleixo Pais de Azevedo e de Francisca de Vasconcelos, teve:

F1 Antônio Barbosa de Vasconcelos, c.c. Joana de Góis.

1098 — F1 *Antônio Barbosa de Vasconcelos*, aos 2 de março de 1696, no convento de São Francisco, c.c. Joana de Góis, filha de José de Góis de Araújo e de Isabel Teresa de Góis, e teve filhos:

N1 José de Góis de Araújo, sacerdote, vigário de Itapicuru.

N2 Antônio Barbosa Leal, c.c. Bernarda de Menezes Dória.

N3 Mariana de Góis, c.c. Félix de Araújo Góis.

N4 Antônia de Góis, c.c. Cipriano de Oliveira.

1099 — N2 *Antônio Barbosa Leal* c. c. Bernarda de Menezes Dória, filha de Antônio Carneiro da Rocha e de Inácia de Menezes Castro, tendo filhos:

Bn1 Inácia Maria de Menezes Dória.

Bn2 Joana de Sá Dória.

Bn3 Francisco Barbosa Leal, c.c. Angela Teles.

Bn4 Bernardino Barbosa Leal.

Bn5 Matias Barbosa Leal.

Bn6 José Vicente Barbosa Leal.

Bn7 Pedro Barbosa Leal.

1100 — Bn3 *Francisco Barbosa Leal*, capitão, c.c. Angela Teles, filha de Miguel Álvares Campos e de Eusébia Teles de Menezes.

1101 — *Cipriano de Oliveira*, filho de Manuel Jaques de Paiva e de Eufrásia Carvalhal de Oliveira, cavaleiro professo na ordem de Cristo, na Baía, c.c. Antônia de Góis, filha de Antônio Barbosa de Vasconcelos e de Joana de Góis. Pai de:

F1 Manuel Jaques de Magalhães. sacerdote.

F2 Eufrásia de Góis, c.c. Domingos Álvares Moreira.

F3 Joana de Carvalhal de Oliveira, c.c. José Pereira Brandão.

F4 Úrsula de Oliveira e

F5 Madalena de Oliveira, religiosas.

1102 — *José Pereira Brandão*, filho de Gregório de Castro Brandão e de Pásqua de Oliveira, c.c. Joana de Carvalhal de Oliveira, filha de Cipriano de Oliveira e de Antônia de Góis. Era capitão de cavalaria. Pai de:

F1 Cipriano de Oliveira.

F2 Ana.

F3 Maria e

F4 Antônio.

RABELO DE MACEDO

1103 — *Antônio Rabelo de Macedo*, filho de Diogo Rabelo de Macedo e de Margarida de Melo, c.c. Maria Teles Pinheiro, filha de Francisco de Carvalho Pinheiro e de Leonor Teles de Escobar, batizada a 13 de setembro de 1654. Pai de:

F1 Leonor Teles Pinheiro, c.c. Lourenço de Barros Lôbo.

Viuvo, c.c. Mariana Teles de Menezes, filha de Manuel Teles Barreto e de Mariana Monteiro, tendo filhos:

F2 Gonçalo Rabelo de Macedo, padre.

F3 Ana Teles de Menezes, c.c. Inácio de Matos Pinto de Carvalho.

F4 Isabel Teles de Menezes, c.c. Vasco de Melo de Vasconcelos.

1104 — *Lourenço de Barros Lôbo*, filho de Antônio Carvalho Tavares e de Margarida de Negreiros, aos 17 de abril de 1717 c.c. Leonor Teles Pinheiro, filha de Antônio Rabelo de Macedo e de Maria Teles Pinheiro.

1105 — *Inácio de Matos Pinto de Carvalho*, filho de Manuel Pinto de Carvalho e de Úrsula de Matos, cavaleiro professo na ordem de Cristo, fidalgo da casa real por alvará de 1755, capitão de infantaria na Baía e comandante do forte de São Marcelo, c.c. Ana Teles de Menezes, filha de Antônio Rabelo de Macedo e de Mariana Teles de Menezes. Pai de:

F1 Antônio Rabelo de Macedo, tenente de infantaria, cavaleiro da ordem de Cristo.

F2 Inácio de Matos Teles de Menezes, c.c. Maria de Seixas.

F3 Manuel de Matos Pinto de Carvalho, c.c. Maria Violante de Albuquerque.

1106 — F2 *Inácio de Matos Teles de Menezes*, capitão de infantaria, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, também homem de negócios e rico, tendo sido criado do vice-rei Vasco Fernandes César de Menezes, foi c.c. Maria de Seixas, filha de Jácome José de Seixas e de Josefa de Seixas, falecida em 28 de julho de 1733, com sepultura no Carmo.

1107 — F3 *Manuel de Matos Pinto de Carvalho*, doutor, vivendo em Lisboa, aí c.c. Maria Violante de Albuquerque.

CARNEIRO DA ROCHA

1108 — *Luís Carneiro da Rocha* nasceu no Pôrto, onde viviam seus pais José Carneiro de Freitas e Mariana da Rocha da Fonseca. Passando-se para a Baía aí c.c. Jerônima da Silva, foi capitão e teve filhos:

F1 Antônio Carneiro da Rocha, c.c. Inácia de Menezes Castro.

F2 Luís Carneiro da Rocha.

F3 Jerônimo Carneiro de Freitas, que se passou para a Índia e nos serviços do grão-mogol morreu.

F4 Mariana da Rocha da Fonseca, c.c. Manuel de Sá Dória Ravasco.

F5 Bernardo Carneiro da Rocha, c.c. Guiomar de Sousa.

1109 — F1 *Antônio Carneiro da Rocha*, capitão, c.c. Inácia de Menezes Castro, filha de Francisco de Abreu da Costa e de Ana Maria de Menezes Castro, falecida a 12 de novembro de 1737. Pai de:

N1 Luís Carneiro de Menezes, c.c. Ângela de Menezes.

N 2 Maria Madalena de Sá Dória, c.c. Diogo de Sá Barreto.

1110 — F5 *Bernardo Carneiro da Rocha*, capitão de cavalaria, c.c. Guiomar de Sousa e teve:

N 3 Nicolau Carneiro da Rocha, c.c. Ana de Menezes Castro.

1111 — N1 *Luís Carneiro de Menezes*, capitão-mór, c.c. Ângela de Menezes, filha de João Álvares de Vasconcelos e de Antônia Teles de Menezes, e teve:

Bn1 Luísa Arcângela de Menezes Castro, c.c. Antônio José de Sousa Portugal.

Bn2 Vicente Luís Carneiro de Menezes.

Bn3 Custódio de Aguiar de Vasconcelos, c.c. Clara Maria do Espírito Santo.

Bn4 Francisca Xavier de Menezes Dória, c.c. José Luís da Rocha Dória.

Bn5 Ana de Menezes Castro.

1112 — N3 *Nicolau Carneiro da Rocha* c.c. Ana de Menezes Castro, filha de Manuel de Sá Dória Ravasco e de Mariana da Rocha da Fonseca, falecida a 10 de dezembro de 1760, com sepultura no Carmo. Pai de:

Bn6 Inácio Carneiro da Rocha Menezes, c.c. Bárbara da Rocha de Sousa.

1113 — Bn3 *Custódio de Aguiar de Vasconcelos* c.c. Clara Maria do Espírito

rito Santo, filha de Simão de Avelar e de Antônia de Freitas Jardim,, tendo filhos:

Tn1 Luís Carneiro de Menezes.

Tn2 Simão Carneiro de Menezes.

1114 — Bn6 *Inácio Carneiro da Rocha de Menezes* c.c. Bárbara da Rocha de Sousa, filha de João da Rocha e de Leonor de Sousa, dizendo-se ter tido filhos.

1115 — *Antônio José de Sousa Portugal*, sargento-mór de um regimento de infantaria da Baía, filho de Manuel Domingues Portugal e de Josefa Maria de Mariz Girão, c.c. Luísa Arcângela de Menezes Castro, filha de Luís Carneiro de Menezes e de Ângela de Menezes, tendo filhos:

F1 Pedro Alexandre Portugal, oficial da milícia.

F2 Manuel Domingues Portugal.

F3 Maria Francisca Portugal de Menezes.

DIAS DO AMARAL

1116 — *Francisco Dias do Amaral*, proprietário do cargo de escrivão da fazenda real, c.c. Maria de Brito Correia, filha de Francisco de Araújo de Brito e de Brites de Sousa, e teve filhos:

F1 João Dias da Costa, c.c. Joana de Melo Coutinho.

F2 Antônio de Brito de Sousa, c.c. Teresa Micaela de Jesus.

F3 Vasco de Brito de Sousa, c.c. Maria Antônia de Abreu e Ana Maria Caetana de Sousa.

1117 — F2 *Antônio de Brito de Sousa*, capitão-mór, c.c. Teresa Micaela de Jesus, filha de Manuel Machado de Melo e de Maria Camelo de Aragão, tendo filhos:

N1 Francisco Dias do Amaral, c.c. Joana Isabel de Vasconcelos.

N2 Carlos Antônio de Brito, clérigo secular.

N3 Maria Lucinda de Brito.

N4 Maria Leocádia de Brito.

1118 — F3 *Vasco de Brito de Sousa*, capitão, c.c. Maria Antônia de Abreu, filha de Teodósio de Abreu e de Catarina Baldes. Pai de:

N5 Vicente Ferreira do Amaral.

N6 Felipe Dias do Amaral.

N7 Teodósio Dias de Abreu.

N8 Joana Josefa do Amaral.

Depois c.c. Ana Maria Caetana de Sousa, filha de Vicente Pereira do Lago e de Ângela de Sousa, e teve:

N9 Brites Angélica de Brito, c.c. Francisco de Barros Cavalcanti de Albuquerque.

1119 — N1 *Francisco Dias do Amaral* c.c. Joana Isabel de Vasconcelos, filha de Francisco Bras de Araújo e de Antônia Brandão, e teve:

Bn1 Antônio de Vasconcelos.

Bn2 Teresa de Vasconcelos.

1120 — *Francisco de Barros Cavalcanti de Albuquerque*, filho de José de Barros Cavalcanti e de Isabel de Araújo, c.c. Brites Angélica de Brito, filha de Vasco de Brito de Sousa e de Ana Maria Caetana de Sousa, constando a existência de filhos.

FERNANDES PACHECO

1121 — *Gaspar Fernandes da Fonseca*, fidalgo da casa real, natural da vila de Viana, de família opulenta e das principais, veio para a Baía e a 17 de julho de 1580 c.c. Mecia Pacheco de Barbuda, filha de Francisco de Barbuda e de Beatriz Pacheco, batizada a 17 de maio de 1562. Teve por dote do casamento o cartório do juízo de órfãos. Faleceu a 13 de outubro de 1653, com sepultura em Monserrate. Pai de:

F1 Beatriz Pacheco, batizada na sé a 20 de junho de 1581.

F2 Francisco Fernandes Pacheco, c. Violante de Araújo.

F3 Helena Pacheco, c.c. Bento Monteiro Freire.

F4 Marçal Pacheco, c.c. Maria Monteiro.

F5 Maria Pacheco, c.c. Jerônimo de Burgos Contreiras.

1122 — F2 *Francisco Fernandes Pacheco*, batizado a 4 de abril de 1583, filho da casa real, c.c. a viúva Violante de Araújo, filha de Manuel Correa de Brito e de Mecia de Figueiredo Mascarenhas, tendo filhos:

N1 Francisco Fernandes Pacheco, capitão.

N2 Luísa Pacheco, c.c. Bartolomeu Vasconcelos de Oliveira e João Frasco da Fonseca.

N3 Antônio dos Anjos, religioso carmelita.

1123 — F4 *Marçal Pacheco*, batizado a 8 de fevereiro de 1587, aos 14 de fevereiro de 1627 c.c. Maria Monteiro, filha de André Monteiro de Almeida e Vitória de Barros, tendo filhos:

N4 Mecia, batizada a 13 de janeiro de 1628.

N5 Vitória, batizada a 15 de outubro de 1629.

N6 Brites, batizada a 7 de agosto de 1631.

N7 Gonçalves, batizado a 30 de outubro de 1636.

N8 Vitória, batizada a 5 de novembro de 1639.

1124 — *Jerônimo de Burgos Contreiras*, licenciado, juiz de órfãos na Baía de Ilhéus, herança de propriedade do cargo, faleceu a 24 de janeiro de 1616 c.c. Maria Pacheco, filha de Gaspar Fernandes de Fonseca e de Mecia Pacheco de Barbosa, batizada a 17 de maio de 1592. Jerônimo faleceu a 26 de janeiro de 1617, deixando filhos:

F1 Cristóvão de Burgos Contreiras, c.c. Helena da Silva Pimentel.

F2 Maria de Burgos, c.c. Manuel do Couto de Eça.

F3 Gaspar Pacheco de Burgos Contreiras.

F4 Luzia de Burgos, batizada a 10 de novembro de 1623.

1125 — F1 *Cristóvão de Burgos Contreiras*, nome ilustre na judicatura brasileira, empossado a 22 de janeiro de 1654 desembargador na Relação de sua terra e elevado a ouvidor geral em 1657, neste pôsto fazendo parte do govêrno interino do Brasil, era dignitário da ordem de Cristo e c.c. a viúva Helena da Silva Pimentel, filha de Bernardo Pimentel de Almeida e de Maria de Menezes, o ato celebrado em Paripe a 1 de novembro de 1651.

1126 — F3 *Gaspar Pacheco de Burgos Contreiras*, batizado a 12 de junho de 1619, viveu solteiro e longamente, mas de Petronilha de Burgos, com quem se amancebrou, teve, além de três que se fizeram religiosas, uma filha:

N1 Maria de Burgos Contreiras, c.c. Manuel Teles de Menezes.

BARROS CARDOSO

1127 — *Cristóvão de Barros Cardoso*, feitor da fazenda real na Baía e aí proprietário, era c.c. Isabel de Lima, tendo instituído morgado e capela em proveito de seus herdeiros. Pai de:

F1 Antônio de Barros Cardoso, c.c. Guiomar de Melo e Inês de Barros.

1128 — F1 *Antônio de Barros Cardoso*, fidalgo da casa real, proprietário de engenhos na recém-cavada, foi duas vezes casado. Na primeira, com Guiomar de Melo, filha de Roque de Melo e de Leonor de Lacerda, tendo tido:

N1 Isabel de Lima, c.c. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

Na segunda vez c.c. Inês de Barros e teve:

N2 João de Barros Cardoso, c.c. Brites Francisca de Lima.

1129 — N2 *João de Barros Cardoso*, nascido na Baía, foi viver na Índia, na companhia de seu pai. Morto êste, regressou à terra natal, mas viciado na prática dos desperdícios, quer dos próprios haveres, quanto dos de seus parentes. Aos 3 de outubro de 1650 c.c. Brites Francisca de Lima, sua sobrinha, filha de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Lima. Brites, que depois de casada se chamou Brites de Barros e Lima, foi batizada a 29 de agosto de 1638 e tendo ficado órfã na infância, recebeu criação de sua avó materna. Atendendo a apelos da viúva Inês de Barros, o rei nomeou Pedro de Abreu e Lima e Francisco de Barros Machado, “pessoas abonadas” e parentes de João Cardoso, para curadores dêste, “antes que todos os seus bens se consumam”, e ordenou ao governador que embarcasse a viúva, filho, nora e neta para o reino na primeira frota a partir. Do casal João de Barros Cardoso e Brites Francisca de Lima houve uma filha, casada em Portugal e lá tendo tido descendência:

Bn1 Maria Madalena de Barros, c.c. Luís de Melo (o 14.º senhor dos Selos, de Portugal).

VARJÃO E FARIA

1130 — *Diniz Gonçalves Varjão*, proprietário em Passé, foi c.c. Maria de Faria, viúva de João Gonçalves de São Tomé. Pai de:

F1 André Golias, c.c. Severina de Barros.

F2 Pedro Álvares de Faria, c.c. Maria de Araújo.

F3 Francisco Álvares Varjão, c.c. Ana de Aguiar.

F4 Gonçalo de Faria.

F5 Catarina de Faria, c.c. Francisco Machado.

F6 Cecília de Faria, c.c. Baltazar Velho Brandão.

F7 Sebastiana de Azevedo, c.c. Ângelo da Fonseca, viúvo de Maria de Ávila.

1131 — F1 *André Golias*, c.c. Severina de Barros, foi pai de:

N1 Ana de Azeredo, c.c. André Álvares.

N2 Gonçalo de Faria, c.c. Águeda Pereira.

N3 Antônio de Faria Varjão, c.c. Apolônia do Vale.

N4 Catarina de Faria, c.c. Francisco Pinheiro Favaxo.

N5 Andresa de Faria, c.c. Manuel Mendes.

1132 — F2 *Pedro Álvares de Faria* c.c. Maria de Araújo e teve filhos:

N6 Margarida de Araújo, c.c. Antônio Viegas e Manuel de Almeida.

N7 Isabel de Araújo, c.c. Sebastião de Mendonça Espínola.

1133 — F3 *Francisco Álvares Varjão* c.c. Ana de Aguiar, filha de Jerônimo de Barros e de Francisca de Aguiar, e teve:

N8 Maria de Azeredo, c.c. Pedro Pereira da Silva.

N9 Mecia Lôbo.

N10 Isabel de Faria, c.c. Inácio de Miranda.

N11 Jerônimo de Barros.

N12 André Álvares, c.c. Ana de Azeredo.

N13 Francisco Álvares.

N14 Joana de Faria.

1134 — N12 *André Álvares* c.c. Ana de Azeredo, filha de André Golias e de Severina de Barros, sendo pai de:

Bn1 José Álvares, c.c. Guiomar de Góis.

Bn2 Isabel de Azeredo, c.c. Manuel Carvalho.

1135 — Bn1 *José Alvares* c.c. Guiomar de Góis, filha de Manuel Carvalho de Joana de Aguiar, e teve:

Tn1 Francisco Álvares.

Tn2 Maria de Góis, c.c. Manuel Lourenço.

1136 — *Manuel Mendes* c.c. Anresa de Faria, filha de André Golias e de Severina de Barros, e teve:

F1 Estêvão da Silva, c.c. Maria de Oliveira.

F2 Antônia de Azeredo, c.c. João Fernandes Maia.

1137 — *Antônio Viegas* c.c. Margarida de Araújo, filha de Pedro Álvares de Faria e Maria de Araújo, e teve:
F1 Bárbara de Araújo, c.c. João Lopes Tição.

1138 — *Manuel de Almeida* c.c. viúva Margarida de Araújo, filha de Pedro Álvares de Faria e de Maria de Araújo, tendo:

F1 Tomé de Araújo.

F2 Luís Álvares.

1139 — *Pedro Pereira da Silva*, residente no sertão, c.c. Maria de Azeredo, filha de Francisco Álvares Varjão e de Ana de Aguiar, e teve:

F1 Custódia de Barros Lôbo, c.c. Antônio Pereira Pinto.

1140 — *Inácio de Miranda* c.c. Isabel de Faria, filha de Francisco Álvares Varjão e de Ana de Aguiar, e teve:

F1 Inácio de Miranda.

F2 João de Barros.

F3 Inês Lôbo, c.c. Atanásio de Barros Lôbo.

F4 Jerônima de Barros.

F5 Antônia de Azeredo, c.c. João Batista Serafim.

F6 Sebastiana de Azeredo, c.c. Antônio Serafim.

1141 — *Antônio Pereira Pinto*, morador no sertão, c.c. Custódia de Barros Lôbo, filha de Pedro Pereira da Silva e de Maria de Azeredo, e teve:

F1 Francisca Pereira de Barros, c.c. Apolônia Soares, viúva de José Correia Ximenes.

BARBOSA DE VASCONCELOS

1142 — *Pedro Barbosa de Vasconcelos*, fidalgo cavaleiro da casa real, “com o fôro melhor que houve no Brasil”, c.c. Mecia de Menezes, batizada a 19 de abril de 1637, filha de Gaspar Pereira de Menezes e de Maria Barbosa, tendo:

F1 Custódia Barbosa de Vasconcelos, c.c. Francisco Rodrigues de Sousa.

1143 — *Pedro Barbosa de Vasconcelos*, nascido em Matoin, filho de Agostinho Correia e de Maria da Piedade Barbosa, c.c. Antônia Teles de Menezes, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de Inês Teles de Menezes. Pai de:

F1 Agostinho, batizado a 26 de março de 1720.

F2 Inês, batizada a 9 de novembro de 1721.

F3 Francisca, batizada a 10 de maio de 1723.

MENDES DE VASCONCELOS

1144 — *João Mendes de Vasconcelos*, nascido na ilha da Madeira, do casal João Mendes Delgado e Constança de Mendonça de Vasconcelos, era ca-

valeiro da ordem de São Tiago e capitão. C.c. Leonor Teles, filha de Diogo Moniz Teles e de Catarina Vitória, tendo falecido a 12 de janeiro de 1675, com sepultura no Carmo. Pai de:

F1 Catarina de Vasconcelos, c.c. João Neves Pita.

F2 João Mendes de Vasconcelos.

F3 Diogo Moniz Teles, c.c. Isabel de Almeida.

F4 Antônio Teles de Menezes.

1145 — F3 *Diogo Moniz Teles* era capitão. A 1 de novembro de 1678, na capela de Patatiba c.c. Isabel de Almeida e faleceu a 24 de agosto de 1698, com sepultura no Carmo.

1146 — *João Neves Pita* nasceu na Baía, do casal Sebastião Martins Brandão e Maria das Neves. Foi capitão e c.c. Catarina de Vasconcelos, filha de João Mendes de Vasconcelos e de Leonor Teles, tendo:

F1 Maria de Vasconcelos, batizada na sé a 31 de maio de 1677.

CORREIA DE VASCONCELOS

1147 — *Pedro Correia de Vasconcelos*, filho de Leandro Correia de Vasconcelos e de Margarida da Câmara Pesqueira, aos 9 de outubro de 1701, na capela de São Paulo, em Socorro, c.c. Ana de Barros Lôbo, filha de Bartolomeu de Azevedo Lôbo e de Maria de Vasconcelos. Pai de:

F1 Luzia de Vasconcelos, c.c. Francisco de Bra da Rocha Moutinho.

F2 Leandro Correia de Vasconcelos, c.c. Ana Maria de Jesus.

F3 Maria de Vasconcelos Maciel, c.c. Manuel Pereira de Azevedo.

F4 Apolônia de Barros Lôbo.

F5 Ana da Luz de Barros Lôbo, c.c. Gonçalo Rodrigues Bezerra.

F6 Antônio de Barros Lôbo.

F7 Gonçalo José de Vasconcelos, c.c. Luzia de Assunção, viúva de Manuel Ribeiro.

1148 — F2 *Leandro Correia de Vasconcelos* c.c. Ana Maria de Jesus, filha de Fabiano Lopes e de Maria Sardinha Pereira, tendo filhos:

N1 José Correia de Vasconcelos.

N2 Antônio Correia de Vasconcelos.

N3 Domingos Correia de Vasconcelos.

1.149 — *Manuel Pereira de Azevedo*, nascido no Pôrto, do casal Francisco de Azevedo e Luzia Pereira, na Baía c.c. Maria de Vasconcelos Maciel, filha de Pedro Correia de Vasconcelos e de Ana de Barros Lôbo. Pai de:

F1 Manuel Pereira de Azevedo, tenente.

F2 Jerônimo José de Vasconcelos, alferes.

F3 Antônio Caetano de Barros Lôbo.

F4 Joaquim Pereira de Santana.

F5 Luzia Pereira de Vasconcelos.

F6 Ana Maria de São José.

GOMES DE SÁ

1150 — *Antônio Gomes de Sá*, capitão-mór das conquistas, irmão de Francisco Gomes de Sá, c.c. Rosa Maria de Araújo, filha de Gaspar de Araújo de Azevedo e de Isabel Barbosa Pereira. Pai de:

F1 Antônia Teresa de Sá, c.c. Pedro Marinho de Sá.

F2 Calisto Gomes de Sá, coronel.

F3 Gaspar de Araújo de Azevedo, clérigo e doutor.

F4 Francisco Gomes de Sá de Araújo, c.c. Teresa Eugênia de Menezes.

F5 Antônio Gomes de Sá, c.c. Francisca Pereira Pita.

F6 José Davi, jesuita, que saindo para clérigo e indo para o reino, lá faleceu em 1770.

1.151 — F4 *Francisco Gomes de Sá de Araújo*, doutor, c.c. Teresa Eugênia de Menezes, filha de João Lopes Fiúsa e de Eugênia Teresa de Menezes, batizada a 11 de maio de 1713.

1152 — F5 *Antônio Gomes de Sá*, mestre de campo, c.c. Francisca Pereira Pita, filha de Francisco da Rocha Pita e de Leonor Pereira Marinho.

1153 — *Francisco Gomes de Sá*, irmão de Antônio Gomes de Sá, o capitão-mor das conquistas, c.c. Isabel Maria de Jesus, filha de Antônio Barbosa de Araújo e de Mônica Serrão de Menezes.

FIÚSA BARRETO

1154 — *João Lopes Fiúsa* era de Ponte de Lima, filho de Sebastião Fiúsa e de Isabel Lopes, que lá ficaram. Vindo para a Baía, tornou-se cavaleiro da ordem de Cristo e sargento-mór. Na igreja da Conceição da Praia, a 9 de fevereiro de 1709, c.c. Eugênia Teresa de Menezes, filha de Jerônimo Moniz Barreto e de Teresa de Sousa, batizada a 25 de setembro de 1687. Pai de:

F1 João Lopes Fiúsa Barreto, c.c. Luísa Teresa de Santana.

F2 Teresa Eugênia de Menezes, c.c. José Félix Machado Soares e Francisco Gomes de Sá de Araújo.

F3 Jerônimo Moniz Barreto, religioso e mestre de filosofia.

1155 — F1 *João Lopes Fiúsa Barreto*, batizado na sé a 12 de outubro de 1714, cavaleiro professo na ordem de Cristo, c.c. Luísa Teresa de Santana, filha de Manuel Fernandes da Costa e

de Teresa de Jesus Maria, falecendo a 20 de março de 1776. Pai de:

N1 Manuel Félix Fiúsa Barreto, c.c. Maria da Gama de Araújo Melo, filha de Domingos Vale e de Maria da Gama de Araújo Melo.

N2 João Pedro Fiúsa Barreto, c.c. Ana da Gama de Araújo Melo, filha de Domingos Vale e de Maria da Gama de Araújo Melo.

N3 Jerônimo Moniz Fiúsa Barreto, c.c. Maria Josefa de Araújo e Catarina Josefa de Araújo Pita.

N4 Joaquim José Fiúsa Barreto, nascido em 1776.

N5 Ana Luísa do Destêrro, nascida em 1773, religiosa.

1156 — N3 *Jerônimo Moniz Fiúsa Barreto* nasceu em 1761. Chegou a ser brigadeiro, fidalgo cavaleiro da casa imperial, cavaleiro da ordem de Cristo, comissário geral do Exército pacificador em 1823. C.c. Maria Josefa de Araújo e, falecida esta, c.c. Catarina Josefa de Araújo Pita, filha de Antônio da Rocha Pita e de Inácia Pereira de Macedo. Faleceu a 1 de novembro de 1830 e deixou filhos:

Bn1 Cristóvão da Rocha Barbalho Moniz Barreto.

Bn2 Maria Luísa da Rocha Pita Moniz Barreto, c.c. Antônio da Rocha Pita e Argolo.

BRA

1157 — *Francisco de Bra*, português, viúvo, em Lisboa, de Catarina de Melo Sampaio, veio para o Brasil e lutou contra os holandeses em Pernambuco, e tendo livrado da cadeia o general Francisco Barreto, este, quando governador geral, na Baía, fê-lo capitão (1657), capitão-mór em Sergipe (1659), sargento-mór, dando-lhe terras em sesmarias e protegendo-o a bom proteger. Aos 9 de abril de 1673 c.c. a viúva Apolônia de Araújo Góis, filha de Gas-

par de Araújo Góis e de Maria do Rêgo. Era cavaleiro da ordem de Cristo. Pai de:

F1 Sebastião de Bra, c.c. Luzia de Góis.

F2 Antônio de Bra, capitão de auxiliares e cavaleiro da ordem de Cristo.

F3 Ana de Bra de Araújo, c.c. Gabriel da Rocha Moutinho.

F4 Maria de Bra de Araújo, c.c. José de Góis de Siqueira Vilas-Boas.

F5 Isabel de Bra de Araújo, c.c. Marcelino Soares Ferreira.

F6 Inácio de Bra de Araújo, sacerdote, cavaleiro da ordem de Cristo.

F7 Luzia de Bra, solteira, falecida a 14 de julho de 1768.

1158 — F1 *Sebastião de Bra* c.c. Luzia de Góis, filha de José de Araújo Góis e de Ana de Vasconcelos.

1159 — *Gabriel da Rocha Moutinho* c.c. Ana de Bra de Araújo, filha de Francisco de Bra e de Apolônia de Araújo Góis e teve:

F1 Francisco de Bra da Rocha Moutinho, c.c. Luzia de Vasconcelos.

1160 — F1 *Francisco de Bra da Rocha Moutinho* c.c. Luzia de Vasconcelos, filha de Pedro Correia de Vasconcelos e de Ana de Barros Lôbo, vivendo cego.

PINTO DE FARIA

1161 — *Francisco Pinto de Faria*, c.c. Maria Garcês de Eça, filha de Zeno Luís de Espinha e de Isabel Garcês de Eça. Pai de:

F1 Francisco Pinto da Fonseca de Eça, c.c. Maria do Rosário.

F2 Simão Pinto de Góis, clérigo secular.

F3 José de Góis Pinto, alcaide-mór.

F4 Antônio de Sousa de Eça, c.c. Custódia de Eça e Apolônia de Moraes.

F5 Isabel Garcês de Eça, c.c. Bento Ribeiro de Lemos e Bartolomeu da Cunha Trinchão.

F6 Antônia Garcês de Eça, c.c. Francisco Moniz Barreto Côrte-Real.

F7 Maria Garcês de Eça, c.c. Sebastião de Sousa de Eça.

1162 — F1 *Francisco Pinto da Fonseca de Eça*, sargento-mór, c.c. Maria Rosário e teve filhos:

N1 Martinho Pinto, jesuíta na Baía.

N2 Virgínia da Fonseca Deusdará, c. c. João Dias Moniz de Macedo.

1163 — F4 *Antônio de Sousa de Eça*, alferes, aos 5 de agosto de 1693 c.c. Custódia de Eça e, ficando viúvo, c.c. Apolônia de Moraes. Com esta teve:

N3 Maria Ribeiro de Eça, c.c. Bento Bernardo Ribeiro de Lemos.

AFONSO DE MELO

1164 — *Martinho Afonso de Melo*, filho de José Pereira da Cunha e de Inácia Pereira de Melo, tendo nascido em Maragogipe, “tirou por justiça” e c.c. Leonor Maria da Silva Côrte-Real, filha de Francisco Moniz Barreto e de Francisca Isabel Barreto de Menezes. O ato realizou-se na igreja do Carmo a 12 de dezembro de 1736, sendo celebrante o padre Jorge Francisco de Sousa. Pai de:

F1 Ana Maria de Melo Côrte-Real, c.c. Antônio Galas da Silveira.

F2 Francisco Moniz Barreto Côrte-Real, c.c. Antônia Garcês de Eça, Bernarda Moniz de Menezes.

F3 Francisca Isabel Barreto de Menezes, c.c. Martinho Moniz Barreto.

F4 José Manuel de Menezes Côrte-Real.

F5 Martinho Francisco de Menezes Côrte-Real.

1164A — F2 *Francisco Moniz Barreto Côrte-Real* c.c. sua sobrinha Antônia Garcês de Eça, filha de Francisco Pinto de Faria e de Maria Garcês de Eça. Viúvo, c.c. Bernarda Moniz de Menezes, filha de Antônio de Menezes Teles e de Margarida de Sousa. Com esta teve:

N1 Bernarda de Assunção Côrte-Real, c.c. Antônio Félix de Aragão de Sousa.

N2 Margarida Moniz Côrte Real, c.c. Francisco de Sousa de Eça.

LEÃO CAMELO

1165 — *Cristóvão Leão Camelo*, filho de Francisco Teixeira Soares (mestre de açúcar do engenho de Baltazar Lôbo de Sousa) e de Beatriz de Leão, c.c. Marta Rangel, filha de André Padilha de Barros e de Maria Rangel. O ato, celebrado contra a vontade dos pais da nubente e depois do rapto desta, o foi a 12 de dezembro de 1640, na sé, por ordem do bispo Pedro da Silva, mas a bênção só a deu, em abril seguinte, na freguesia do Socorro, o vigário Francisco Pereira de Aguiar. Pai de:

F1 Joana Teles de Magalhães, c.c. Eusébio Teixeira.

F2 Beatriz Teles de Magalhães, c.c. Rafael Pessoa da Gama.

F3 Antônio Teles de Magalhães, c.c. Isabel da Silva.

F4 Isabel Teles de Magalhães, c.c. Antônio de Almeida.

F5 André Padilha de Magalhães, c.c. Clara da Gama.

1166 — F5 *André Padilha de Magalhães*, aos 30 de janeiro de 1690, c.c. Clara da Gama, filha de Antônio Pessoa e de Maria da Silva.

1167 — *Eusébio Teixeira* teve o seu casamento com Joana Teles de Maga-

lhães, filha de Cristóvão Leão Camelo e de Marta Rangel, batizada a 3 de julho de 1646 pelo vigário da freguesia de Socorro padre-Diogo Coelho. Pai de:

F1 Maria Teles, c.c. Domingos da Mota.

F2 Antônio Teles de Magalhães, batizado a 20 de junho de 1672.

F3 Inácio Teixeira de Magalhães.

F4 Manuel Teles.

F5 Ana Pereira, c.c. Antônio Ferreira Feio.

F6 Beatriz Teles de Magalhães, c.c. Domingos de Araújo.

F7 Joana Teles de Magalhães.

1168 — *Antônio Ferreira Feio* c.c. Ana Pereira, filha de Eusébio Teixeira e de Joana Teles de Magalhães, e teve um filho:

F1 Antônio Ferreira Feio, c.c. Úrsula de Almeida.

UNHÃO CASTELO-BRANCO

1169 — *Pedro de Unhão Castelo-Branco*, professo na ordem de Cristo, desembargador na Relação da Baía com posse a 23 de abril de 1686, era c.c. Damiana Francisca da Silva, nascida em Lisboa do casal Gonçalo da Silva Ferrão e Francisca da Silva Metelo. Gregório de Matos fez-lhe referências nalgumas poesias. Pai de:

F1 Maria Francisca Castelo-Branco, c.c. Antônio Gomes e Jerônimo da Costa de Almeida.

F2 Antônio Ferrão Castelo-Branco, c.c. Margarida Maria Teles.

1.170 — F2 *Antônio Ferrão Castelo-Branco*, tenente-general, governador da ilha de São Tomé, era c.c. Margarida Maria Teles e teve filhos:

N1 Pedro de Unhão Castelo-Branco, morto a 28 de junho de 1738.

N2 Feliciano Luísa Castelo-Branco, c.c. Antônio Álvares da Silva.

N3 João Ferrão Castelo-Branco, jesuíta.

N4 Ana.

N5 Maria e

N6 Joana, religiosas em Lisboa.

1171 — *Jerônimo da Costa de Almeida*, desembargador em Lisboa, c.c. a viúva Maria Francisca Castelo-Branco, filha de Pedro de Unhão Castelo-Branco e de Damiana Francisca da Silva, dizendo-se em verba do testamento de Pedro que o casamento se fizera intempestivamente, havendo do casal cinco filhos.

MARINHO FALCÃO

1172 — *Vasco Marinho Falcão* era da nobreza do Minho. Em 1630 já se encontrava em Pernambuco lutando contra os holandeses e com relevados serviços. C.c. Inês Lins de Vasconcelos, filha de Cristóvão Lins e de Adriana de Holanda. Pai de:

F1 Pedro Marinho Falcão, c.c. Brites de Melo.

F2 Leandro Pacheco Falcão, c.c. Mariana de Melo.

F3 Leão Falcão de Eça, c.c. Maria de Barros Almeida.

F4 Francisco de Sousa Falcão.

1173 — F1 *Pedro Marinho Falcão*, grande soldado, cavaleiro dos mais destros, da amizade de Nassau, foi coronel, mestre de campo e juiz ordinário de Olinda. C.c. Brites de Melo, filha de Manuel Gomes de Melo e de Adriana de Almeida Lins, e teve:

N1 Pedro Marinho Falcão, c.c. Felipa de Moura.

N2 Leão Falcão de Melo, c.c. Isabel de Moura.

1174 — F2 *Leandro Pacheco Falcão*, capitão de cavalaria em 1662, com serviços à causa da expulsão dos holandeses. C.c. Mariana de Melo, filha de

Manuel Gomes de Melo e de Adriana de Almeida Lins, tendo filhos:

N3 Vasco Marinho Falcão, c.c. Joana de Lacerda.

1175 — F3 *Leão Falcão de Eça* c.c. Maria de Barros Almeida, filha de Rodrigo de Barros Pimentel e de Jerônimo de Almeida, e teve:

N4 Francisco de Barros Falcão, c.c. Mariana de Lacerda.

1176 — N1 *Pedro Marinho Falcão*, chamado o *Calvo*, c.c. Felipa de Moura, filha de Felipe Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Lacerda.

1177 — N2 *Leão Falcão de Melo*, vivendo em Goiana, c.c. Isabel de Moura, filha de Felipe Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Lacerda.

1178 — N3 *Vasco Marinho Falcão*, cavaleiro da ordem de Cristo, comissário geral de cavalaria, vereador em Olinda em 1683 e aí juiz ordinário em 1693, ao assinar o termo de irmão da Misericórdia, a 20 de julho daquele ano, já se dizia c.c. Joana de Lacerda, filha de Felipe Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Lacerda.

1179 — N4 *Francisco de Barros Falcão*, senhor de engenhos em Goiana, c.c. Mariana de Lacerda, filha de Felipe Cavalcanti de Albuquerque e de Maria de Lacerda, e teve:

Bn1 Joana de Lacerda Cavalcanti, c.c. Afonso de Albuquerque Maranhão.

AGUILAR E ARAÚJO

1180 — *Francisco de Aguilár*, filho de Jácome Duarte e de Isabel de Aguilár, moradores na cidade de Braga, aos 15 de fevereiro de 1597, na Baía, c.c. a viúva Francisca Dias, filha de Vicente Dias e de Genebra Álvares. Celebrou o ato o legado Pedro de Campos, deão da sé. Francisca morreu a 8 de agosto

de 1641, com sepultura em São Francisco. Pai de:

F1 Isabel de Aguilar, batizada a 3 de maio de 1598 em Santo Amaro e c.c. Bento de Araújo Soares.

F2 Maria de Araújo, c.c. Miguel Francisco Fernandes.

F3 Ana Barroso de Araújo, c.c. Manuel Botelho Cardoso.

F4 Sebastiana de Queirós, c.c. Fernão Pereira do Lago.

tônio Ribeiro e de Maria de Argolo, falecida em 1598. Pai de:

F1 André Correia de Sande.

F2 Antônio Ribeiro.

F3 Maria Correia de Sande, c.c. Baltazar Aranha.

F4 Leôncio Correia de Sande.

F5 Luísa de Sande.

F6 Pedro Correia de Sande.

F7 Catarina de Sande, c.c. Sebastião Pacheco de Castro.

1181 — *Miguel Francisco Fernandes*, natural de Lisboa, filho Simão Fernandes e de Guiomar Nunes, c.c. Maria de Araújo, filha de Francisco de Aguilar e de Francisca Dias, tendo filhos:

F1 Francisca do Salvador, religiosa do mosteiro de Vilalonga.

F2 Isabel de Araújo, c.c. Francisco de Macedo.

F3 Clara de Araújo, c.c. Diogo Varela de Macedo.

1182 — *Manuel Botelho Cardoso*, natural de Guarda, filho de Sebastião Botelho e de Beatriz Cardoso, aos 7 de maio de 1623, na sé da Baía, c.c. Ana Barroso de Araújo, batizada a 30 de agosto de 1601, filha de Francisco de Aguilar e de Francisca Dias.

1183 — *Fernão Pereira do Lago* c. c. Sebastiana de Queirós, batizada a 20 de janeiro de 1604, filha de Francisco de Aguilar e de Francisca Dias, tendo:

F1 Francisca de Araújo, c.c. Francisco Moniz Barreto.

CORREIA DE SANDE

1184 — *Diogo Correia de Sande*, português, da família dos Correias de Sá, tronco dos viscondes de Asseca, na Baía c.c. Joana Barbosa, filha de An-

1185 — *Diogo Correia de Sande*, filho de Baltazar Aranha e de Maria Correia de Sande, c.c. Helena de Sá, filha de Bartolomeu Madeira de Sá e de Maria de Lemos Landim, o ato realizado em Paripe a 16 de novembro de 1625. Pai de:

F1 Vicente Correia de Sande, clérigo.

F2 Francisco Correia de Sande, clérigo.

F3 Diogo Correia de Sande.

F4 Francisca Teresa de Sande.

F5 Ana Correia de Sande.

F6 Bernardo Correia de Sande.

F7 Maria Correia de Sande, c.c. Fernão de Sousa.

CUNHA SEVERIM

1186 — *Gaspar da Cunha Severim*, a 15 de outubro de 1657 c.c. Joana Moreira de Menezes, filha de Antônio Moreira de Gamboa e de Antônia Dória de Menezes, e teve:

F1 Josefa Caetana Dória, c.c. Manuel Botelho de Sampaio.

F2 Antônio Moreira de Gamboa, c.c. Isabel de Vargas Cirne.

1187 — F2 *Antônio Moreira de Gamboa*, a 17 de setembro de 1693 c.c. a viúva Isabel de Vargas Cirne, filha de Manuel de Vargas Cirne e de Ana Pereira.

1188 — *Manuel Botelho de Sampaio* c.c. Josefa Caetana Dória, filha de Gas-

par da Cunha Severim e de Joana Moreira de Menezes, e teve:

F1 Luzia Dória de Sampaio.

F2 Joana Moreira de Gamboa, c.c.

Clemente da Costa.

F3 Gaspar da Cunha Severim.

F4 Miguel da Cunha Severim.

F5 Gertrudes Maria de Sampaio, c.

c. João Pais Barreto.

F6 Branda de Sampaio, c.c. Pedro Rodrigues.

1189 — *Pedro Rodrigues c.c. Branda de Sampaio*, filha de Manuel Botelho de Sampaio e de Josefa Caetana Dória, tendo filhos:

F1 Antônio Pereira de Sampaio.

F2 Leonarda Rodrigues.

BOTELHO DE OLIVEIRA

1190 — *Manuel Botelho de Oliveira*, filho de Antônio Álvares de Oliveira, baiano, licenciado em Direito, fidalgo da casa real, capitão-mór, poeta de alto nome com o livro de versos *Música do Parnaso*, foi c.c. Antônia de Menezes e teve:

F1 Teresa Inácia de Menezes, c.c. Bento de Araújo de Brito.

Viúvo, aos 24 de janeiro de 1677 c. c. Felipa de Brito Freire, filha de Estêvão de Brito Freire e de Violante de Eça de Castro, e faleceu a 5 de janeiro de 1711, deixando filhos:

F2 Francisco Félix de Brito, capitão, falecido a 6 de maio de 1730.

F3 Estêvão de Brito Freire.

F4 Maria de Brito Freire, batizada a 10 de outubro de 1690 e c.c. Jerônimo da Silveira.

1191 — F3 *Estêvão de Brito Freire*, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, sendo solteiro, teve um filho, depois legitimado:

N1 Antônio de Brito Freire, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, capitão de mar e guerra comandante

da nau *N. S. da Ajuda*, que transportou para Lisboa os jesuítas expulsos da Baía. Solteiro, faleceu em Lisboa em 1767.

PISSARRO DE VARGAS

1192 — *Paulo Cardoso Pissarro de Vargas*, vindo da ilha da Madeira para a Baía, a 8 de agosto de 1627, na sé, obteve a bênção de casamento com Margarida Diniz, filha de Diniz Bravo e de Beatriz Nunes. Era capitão e faleceu a 2 de setembro de 1663. Pai de:

F1 João Cardoso Pissarro, que se passou para Portugal e lá se ficou.

F2 Diogo Pissarro de Vargas, c.c. Melícia de Barros.

F3 Maria de Vargas, c.c. Manuel de Melo de Quadros.

F4 Brites de Vargas.

F5 Felipa de Vargas, c.c. Felipe de Moura Rolim.

F6 Úrsula de Vargas.

1193 — F2 *Diogo Pissarro de Vargas*, aos 4 de fevereiro de 1663, na igreja da Purificação, em Santo Amaro, c. c. Melícia de Barros, filha de Domingos de Barros e de Margarida de Menezes, tendo filhos:

N1 Inácio Pissarro de Vargas, c.c. Teresa Henriques Soares.

N2 Maria de Vargas, batizada a 29 de junho de 1669.

N3 João Cardoso Pissarro, batizado a 12 de junho de 1672.

N4 Manuel de Barros Cardoso.

N5 Francisco de Barros Cardoso, c. c. Antônia de Menezes.

N6 Matias Cardoso Pissarro.

N7 Paulo Cardoso de Vargas, c.c. Luzia Girão Teles de Menezes.

1194 — N7 *Paulo Cardoso de Vargas*, na vila de São Francisco, aos 29 de setembro de 1710, c.c. Luzia Girão Teles de Menezes, filha de Álvaro Girão Teles e de Joana de Sá de Bittencourt.

PEREIRA BOTELHO

1195 — *Pasqual Botelho* e sua mulher Inês Pereira provieram de Carvaljal, termo de Óbidos, em Portugal, e tiveram filhos:

F1 Francisco Pereira Botelho, c.c. Joana Cavalcanti de Albuquerque.

F2 Maria Pereira Botelho, c.c. Antônio Leal de Fontes.

1196 — F1 *Francisco Pereira Botelho*, coronel, c.c. Joana Cavalcanti de Albuquerque, filha de Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Aragão, e teve:

N1 Maria Francisca Pereira, c.c. Francisco Pereira Botelho.

1197 — *Antônio Leal de Fontes* c. c. Maria Pereira Botelho, filha de Pasqual Botelho e de Inês Pereira, e teve:

F1 Francisco Pereira Botelho, c.c. Maria Francisca Pereira.

1198 — F1 *Francisco Pereira Botelho*, juiz de fora na Bahia, c.c. sua prima Maria Francisca Pereira, filha de Francisco Pereira Botelho e de Joana Cavalcanti de Albuquerque, e teve, entre filhas que foram religiosas em Portugal, um:

N1 José Pereira de Albuquerque, cônego na sé da Baía, falecido a 30 de maio de 1766.

RODRIGUES PALHETE

1199 — *Antônio Rodrigues Palhete* c.c. Helena da Cunha, filha de Antônio de Barros de Gamboa e de Margarida da Cunha, tendo filhos:

F1 Manuel Rodrigues da Cunha, c.c. Florência Maria Madalena de Eça de Burgos Pacheco.

F2 Pedro da Cunha de Freitas, c.c. Maria Francisca de Vasconcelos.

F3 Isabel de Freitas Lôbo, c.c. João Martins de Assunção.

1200 — F1 *Manuel Rodrigues da Cunha* c.c. Florência Maria Madalena de Eça de Burgos Pacheco, filha de Manuel do Couto de Eça e de Micaela de Azevedo, e teve:

N1 Isabel Violante de Menezes, c.c. José de Melo Correia.

1201 — F2 *Pedro da Cunha de Freitas* c.c. Maria Francisca de Vasconcelos, filha de Antônio Martins Bareda e de Maria Francisca de Vasconcelos, tendo tido três filhos. Viúvo, ordenou-se de sacerdote em 1718.

ARAGÃO DE SOUSA

1202 — *Antônio de Aragão de Sousa*, coronel, c.c. Isabel Maria de Vasconcelos, filha de Antônio de Freitas Teles e de Susana de Vasconcelos Lôbo, tendo:

F1 Antônio Félix de Aragão de Sousa, c.c. Bernarda de Assunção Côrte-Real.

1203 — F1 *Antônio Félix de Aragão de Sousa*, em Cairu, na igreja do Rosário, a 12 de agosto de 1751, c.c. Bernarda de Assunção Côrte-Real, ou Bernarda de Assunção Moniz Barreto, filha de Francisco Moniz Barreto Côrte-Real e de Bernarda Moniz de Menezes. Pai de:

N1 Reginalda Maria da Purificação Côrte-Real, batizada na Barroquinha a 11 de dezembro de 1758.

N2 Firmiana Joaquina de Aragão de Brito, batizada na igreja da Purificação (S. Amaro) a 21 de setembro de 1760.

N3 Francisco Moniz Barreto de Aragão, batizado na igreja de São Pedro a 13 de dezembro de 1762.

N4 Manuel Xavier de Aragão Côrte-Real, batizado na igreja precedente a 16 de outubro de 1764.

N5 Luís Barreto de Aragão Côrte-Real, batizado na dita igreja a 5 de junho de 1766.

BULCÕES

1204 — *Gaspar de Faria Bulcão* veio da ilha do Faial, em Portugal, para a Baía, onde c.c. Guiomar da Costa, filha de Baltazar da Costa e de Inês da Costa. Seus pais foram Sebastião Faria Bulcão e Maria de Ávila. Guiomar faleceu a 11 de janeiro e Gaspar a 21 de março de 1690, deixando um filho:

F1 Baltazar da Costa Bulcão, c.c. Maria de Góis de Mendonça.

1205 — F1 *Baltazar da Costa Bulcão*, aos 13 de agosto de 1689, na freguesia do Monte, c.c. Maria de Góis de Mendonça, filha de Antônio Machado Velho e de Maria dos Passos de Almeida Rosa, tendo sido oficiante do ato o próprio pai da nubente, pois que, em ficando viúvo, recebera ordens eclesiásticas. Maria de Góis faleceu a 15 de setembro de 1702, deixando filhos:

N1 José da Costa Bulcão, c.c. Maria de Araújo de Sousa de Aragão.

N2 Antônio Machado Velho, c.c. Ana de Sousa de Aragão.

N3 Gaspar de Faria Bulcão e

N4 Matias Machado de Mendonça, sacerdotes.

1206 — N1 *José da Costa Bulcão*, aos 6 de fevereiro de 1720, na freguesia do Monte, c.c. Maria de Araújo de Sousa de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Águeda de Sousa Góis. Maria faleceu a 28 de outubro de 1767 e um ano depois o seu viúvo lhe mandara celebrar exéquias imponentes, no convento de São Francisco, enquanto ele veio a falecer a 17 de julho de 1776. Pai de:

Bn1 Baltazar da Costa Bulcão, c.c. Maria Joana de Jesus e Aragão.

Bn2 Francisca de Araújo de Aragão, c.c. Antônio Manuel de Moraes Sarmento Pôrto-Carrero.

Bn3 José da Costa Bulcão, batizado a 16 de agosto de 1724 pelo ex-provincial de São Francisco, frei Gonçalo de Santa Isabel. Falecido solteiro.

Bn4 Águeda de Sousa e Aragão, irmã gêmea do precedente.

Bn5 Francisco de Araújo de Aragão, Bulcão, batizado a 21 de maio de 1733, jesuíta.

Bn6 Ana de Sousa e Aragão, religiosa.

Bn7 Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, cônego da sé.

Bn8 João de Araújo de Aragão Bulcão, clérigo.

Bn9 Vicente de Araújo de Aragão Bulcão, falecido ainda menor.

1207 — N2 *Antônio Machado Velho* c.c. Ana de Sousa de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Águeda de Sousa de Góis. Encontrando-se viúvo, Machado Velho tornou-se religioso de São João de Deus, no hospital que frei Bernardo da Conceição mantinha junto ao convento dos franciscanos no Paraguaçu. Morto frei Bernardo, Machado transferiu o hospital para Cachoeira, onde ainda está, sendo do mesmo um humilde religioso, com o hábito de terceiro. Teve uma filha:

Bn10 Maria Bulcão, religiosa no convento do Destêrro.

1208 — Bn1 *Baltazar da Costa Bulcão* c.c. Maria Joana de Jesus de Aragão, filha de Inácio de Siqueira Vilas-Boas e de Joana Catarina de Menezes e Aragão. Pai de:

Tn1 José da Costa Bulcão, falecido solteiro.

Tn2 Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, c.c. Joaquina Maurícia de São Miguel e Aragão.

Tn3 Maria de Sousa e Aragão, religiosa no Destêrro.

1209 — Bn2 *Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão* nasceu em 1768 e faleceu

em 1829. Capitão-mór da vila de São Francisco, cavaleiro da ordem de Cristo, senhor do morgado da Moribeca, 1.^o Barão de São Francisco em recompensa aos seus grandes serviços à causa da Independência e membro do govêrno provisório da província. C.c. Joaquina Maurícia de São Miguel e Aragão, filha de José Pires de Carvalho e Albuquerque e de Leonor Pereira Marinho, teve filhos:

4n1 Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, falecido solteiro.

4n2 José de Araújo de Aragão Bulcão c.c. Ana Rita Cavalcanti de Albuquerque.

4n3 Inácio de Araújo de Aragão Bulcão, brigadeiro, nascido em 1803 e falecido solteiro em 1858.

4n4 Joaquim Inácio de Aragão Bulcão, c.c. Emília Ferrão Moniz de Aragão.

1210 — 4n2 *José de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1798 e faleceu em 1865. Capitão-mór, comendador das ordens de Cristo e da Rosa, por serviços à Independência. 2.^o Barão de São Francisco por ato de 18 de outubro de 1829, c.c. Ana Rita Cavalcanti de Albuquerque, filha de Gonçalo Marinho Falcão e de Mariana Rita de Menezes, tendo filhos:

5n1 Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Catarina Álvares Paraguaçu Pires.

5n2 Maria Ana de Aragão Bulcão, c. João Calmon du Pin e Almeida.

5n3 Ana Rita de Aragão Bulcão, nascida em 1828 e morta em 1879.

5n4 José de Araújo de Aragão Bulcão, morto ainda menor.

5n5 Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, c.c. Inácia Calmon du Pin e Almeida.

5n6 Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria Clara Moniz Viana e Maria José Moniz Viana.

5n7 Rodrigo Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, nascido em 1833 e falecido na Madeira, solteiro, em 1856.

5n8 João de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Augusta Emília Moniz de Aragão Bulcão.

5n9 Maria Joaquina de Aragão Bulcão, c.c. Pedro Moniz Barreto de Aragão.

5n10 Leonor de Araújo de Aragão Bulcão.

5n11 Gonçalo Marinho de Araújo Bulcão, nascido em 1839, engenheiro, deputado provincial e geral, falecido solteiro em 1894.

5n12 José de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria Pereira Dutra e Francisca Clara Calmon de Araújo Bulcão.

5n13 Luísa Flora de Araújo Bulcão, c.c. Francisco Vicente Viana.

1211 — 4n4 *Joaquim Inácio de Aragão Bulcão* nasceu em 1804 e morreu em 1880. Deputado, diplomata, cavaleiro fidalgo da casa imperial, Barão de Matoim por ato de 14 de março de 1860, c.c. Emília Augusta Ferrão Moniz de Aragão, filha de José Joaquim Moniz Barreto de Aragão e de Josefa Joaquina Gomes Castelo-Branco, tendo filhos:

5n14 Joaquim Inácio de Aragão Bulcão, médico, falecido solteiro.

5n15 Augusta Emília Moniz de Aragão Bulcão, c.c. João de Araújo de Aragão Bulcão.

1212 — 5n1 *Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1826 e faleceu em 1880. Deputado provincial e geral, vice-presidente da província da Baía e como tal no exercício da presidência, fidalgo cavaleiro da casa imperial, comendador da ordem da Rosa, foi c.c. Catarina Álvares Paraguaçu Pires, filha de Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e de Ana Maria de São José e Aragão. Pai de:

6n1 Leonor Maria Pires de Aragão Bulcão, c.c. João de Teive e Argolo.

6n2 Maria Joaquina Pires de Aragão Bulcão, c.c. Joaquim Alves da Cruz Rios.

6n3 Ana Rita Pires de Aragão Bulcão, c.c. José Diogo de Pina e Melo Rios.

6n4 Catarina Álvares Paraguaçu de Aragão Bulcão.

1213 — 5n5 *Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão* nasceu em 1830 e faleceu em 1884, agricultor, proprietário, c.c. Inácia Calmon du Pin e Almeida, filha de Antônio Calmon du Pin e Almeida e de Francisca Clara de Sousa Magalhães, tendo filhos:

6n5 Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, c.c. Maria José Cavalcanti Lins.

6n6 Inácia Calmon de Aragão Bulcão.

6n7 Miguel Calmon de Aragão Bulcão, sacerdote, deputado provincial, vigário de Rezende, falecido em dezembro de 1925.

6n8 Maria Clara Calmon de Aragão Bulcão.

6n9 Ana Rita Calmon de Aragão Bulcão.

6n10 Antônio Calmon de Aragão Bulcão.

6n11 Francisca Clara Calmon de Aragão Bulcão, c.c. José de Araújo de Aragão Bulcão.

6n12 José de Araújo de Aragão Bulcão, vice-almirante da Armada.

6n13 Maria Joaquina Calmon de Aragão Bulcão, c.c. Bernardino Vicente de Araújo.

1214 — 5n6 *Antônio de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1832 e morreu em 1913. Magistrado, presidente de províncias, fidalgo cavaleiro da casa imperial, senador estadual, interinamente governador do Estado da Baía, 3.º Barão de São Francisco por ato de 24 de março de 1881. C.c. Maria Clara Moniz Viana, filha de Frutuoso Vicente Viana e de Maria Amália Ferrão

Moniz de Aragão, não tendo tido filhos. Viúvo, c.c. Maria José Moniz Viana, irmã de sua primeira esposa, falecida em 1897, deixando filhos:

6n14 Maria Clara Viana Bulcão.

6n15 Francisco de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Angelina Gordilho Guimarães.

6n16 Maria Amália Viana Bulcão, c. c. Pedro Moniz Leão Veloso.

6n17 Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Camila Moreira de Pinho.

6n18 José Joaquim de Araújo de Aragão Bulcão.

6n19 Luís de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria Augusta Viana de Argolo Ferrão.

6n20 Maria José Viana Bulcão.

6n21 Maria Isabel Viana Bulcão, c. c. Inácio de Araújo de Aragão Bulcão.

1215 — 5n8 *João de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1834 e morreu em 1884. Agricultor, proprietário, tendo tido cargos no município de seu bêrço, o de São Francisco. C.c. Augusta Emília Moniz de Aragão Bulcão, filha de Joaquim Inácio de Aragão Bulcão e de Emília Ferrão Moniz de Aragão, falecida em setembro de 1922. Pai de:

6n22 Emília de Araújo de Aragão Bulcão, falecida ainda menor.

6n23 Joaquim Inácio de Aragão Bulcão, c.c. Maria Bernarda Pires de Argolo.

6n24 João de Araújo de Aragão Bulcão, falecido menor.

6n25 José de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria Augusta Guimarães.

6n26 Emília Augusta de Aragão Bulcão, c.c. Francisco Vicente Calmon Viana.

6n27 Augusta Emília de Aragão Bulcão, c.c. Custódio de Ferreira Viana Bandeira.

6n28 Inácio de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria Isabel Viana Bulcão.

6n29 Rodrigo de Araújo de Aragão Bulcão, médico, general do Exército, solteiro.

6n30 João de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Luísa Luchsinger.

1216 — 5n12 *José de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1841 e morreu em 1889. C.c. Maria Pereira Dutra, filha de Inácio Rodrigues Pereira Dutra e de Maria Delfina Ferreira de Araújo, e teve filhos:

6n31 Inácio de Araújo de Aragão Bulcão.

6n32 José de Araújo de Aragão Bulcão.

6n33 Alfredo de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria Augusta das Neves.

6n34 Maria Luísa de Aragão Bulcão, c.c. Américo Correia Garcia.

6n35 Amélia de Aragão Bulcão.

6n36 Leonardo de Aragão Bulcão.

Depois c.c. Francisca Clara Calmon de Aragão Bulcão, filha de Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão e de Inácia Calmon du Pin e Almeida, falecida em 1934. Pai de:

6n37 Marieta de Aragão Bulcão, c.c. Teodoro Domscke.

6n38 Alice de Aragão Bulcão, c.c. Vitor André de Argolo Ferrão.

6n39 Francisca Clara de Aragão Bulcão, falecida em 1931.

6n40 Armando de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Edite Lippmann.

1217 — 6n5 *Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão*, médico da Armada com o posto de vice-almirante, falecido em 1928, foi c.c. Maria José Cavalcanti Lins, filha de José Manuel de Araújo Cavalcanti de Albuquerque e de Guilhermina Josefa Pereira dos Santos, tendo filhos:

7n1 Beatriz Cavalcanti Bulcão, c.c. José Libório Bulcão.

7n2 Cécília Cavalcanti Bulcão, c.c. Benjamim da Graça Aranha.

7n3 Guilhermina Cavalcanti Bulcão, c.c. José da Rocha Ribas.

1218 — 6n15 *Francisco de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1863 e faleceu em 1909. Magistrado, deputado estadual, foi c.c. Angelina Gordilho Guimarães, filha de Pedro Francelino Guimarães e de Maria Madalena Gordilho; e teve:

7n4 Pedro Francelino de Aragão Bulcão, c.c. Maria da Glória de Aragão Bulcão Rios.

7n5 Angelita de Aragão Bulcão, c.c. Antônio Franco.

7n6 Maria Eugênia de Aragão Bulcão, c.c. Henrique Conde.

7n7 Frutuoso de Aragão Bulcão, c.c. Margarida Moniz de Aragão.

7n8 Antônio Augusto de Aragão Bulcão, falecido menor.

1219 — 6n17 *Antônio de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1866. Magistrado e só magistrado até aposentar-se como membro do Tribunal de Justiça da Baía em 1937. C.c. Camila Moreira de Pinho, filha de João Moreira de Pinho e de Maria Pepita Ferreira França. Pai de:

7n9 Elvira Pinho de Aragão Bulcão, c.c. Valfrido Fróis.

7n10 Helena Pinho de Aragão Bulcão.

7n11 Camila Pinho de Aragão Bulcão, c.c. Raul Fernandes de Leão.

7n12 Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, advogado.

1220 — 6n19 *Luís de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1873 e faleceu em 1914, médico clínico. C.c. Maria Augusta Viana de Argolo Ferrão, filha de Alexandre Gomes de Argolo Ferrão e de Clara Luísa Moniz Viana. Pai de:

7n13 Alexandre Argolo de Aragão Bulcão, falecido solteiro.

1221 — 6n23 *Joaquim Inácio de Aragão Bulcão* nasceu em 1862. Agricultor, fazendeiro, magistrado aposentado. C.c. Maria Bernarda Pires de Argolo, filha de José Joaquim de Teive e Argolo e de Leonor de la Penha Deusdará Pires e Aragão. Pai de:

7n14 José Joaquim de Argolo Bulcão.

7n15 Maria Leonor de Argolo Bulcão, c.c. Júlio Pereira da Silva Lemos.

7n16 João de Argolo Bulcão.

7n17 Maria Augusta de Aragão Bulcão, c.c. Eutímio Alves Bezerra.

7n18 Miguel de Argolo Bulcão, falecido solteiro.

1222 — 6n25 *José de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1856 e faleceu em 1941. Médico militar, subiu ao posto de marechal. C.c. Maria Augusta Guimarães, filha de Antônio Augusto Guimarães e de Maria José Tourinho, e teve filhos:

7n19 Augusto de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Maria da Glória de Carvalho.

7n20 Maria José de Aragão Bulcão.

7n21 José de Araújo de Aragão Bulcão.

1223 — 6n28 *Inácio de Araújo de Aragão Bulcão* nasceu em 1870. Funcionário público. C.c. Maria Isabel Viana Bulcão, filha de Antônio de Araújo de Aragão Bulcão e de Maria José Moniz Viana. Pai de:

7n22 Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, c.c. Guiomar de Ataíde de Uzeda.

7n23 Beatriz de Aragão Bulcão, professora.

7n24 Maria Isabel de Aragão Bulcão.

7n25 Julieta de Aragão Bulcão, professora.

7n26 Maria José de Aragão Bulcão, c.c. João Américo Garcês Fróis.

7n27 Inácio de Araújo de Aragão Bulcão.

7n28 Edgar de Araújo de Aragão Bulcão.

7n29 Antonieta de Aragão Bulcão, professora.

7n30 Otávio de Aragão Bulcão.

1224 — 7n4 *Pedro Francelino de Aragão Bulcão* c.c. Maria da Glória de Aragão Bulcão Rios, filha de Joaquim Alves da Cruz Rios e de Maria Joaquina Pires de Aragão Bulcão, sem filhos.

1225 — 7n7 *Frutuoso de Aragão Bulcão*, advogado, magistrado, c.c. Margarida Moniz de Aragão, filha de Antônio Ferrão Moniz de Aragão e de Maria Clementina Moniz Sodré de Aragão, não tendo filhos.

1226 — 7n22 *Antônio de Araújo de Aragão Bulcão*, engenheiro, jornalista, escritor, genealogista a cujos trabalhos muito devem contribuições neste livro, c.c. Guiomar de Ataíde de Uzeda, filho de Manuel Martins Uzeda e de Joaquina Alexandrina de Ataíde. Pai de:

8n1 Maria de Lourdes Uzeda de Aragão Bulcão.

8n2 Maria Bernadete Uzeda de Aragão Bulcão.

1227 — *João de Teive e Argolo*, filho de João de Teive e Argolo Queirós e de Ana Cipreste de Pina e Melo, c.c. Leonor Maria Pires de Aragão Bulcão, filha de Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão e de Catarina Álvares Paraguarçu Pires, tendo filhos:

F1 João de Teive e Argolo, c.c. Maria Joana de Aragão Bulcão Rios.

F2 Luísa Pires Bulcão de Teive e Argolo, c.c. Alberto Gomes.

F3 Catarina Pires Bulcão de Teive e Argolo.

F4 Baltazar de Teive e Argolo, c.c. Dejalмира da Costa.

F5 Ana Pires Bulcão de Teive e Argolo, c.c. Joaquim Alves da Cruz Rios.

F6 José de Teive e Argolo, c.c. Maria Isabel Loureiro Maior.

1228 — F1 *João de Teive e Argolo* c.c. Maria Joana de Aragão Bulcão Rios, filha de Joaquim Alves da Cruz Rios e de Maria Joaquina Pires de Aragão Bulcão, e teve:

N1 João de Teive e Argolo.

N2 Renato de Teive e Argolo.

N3 Maria de Lourdes Rios de Teive e Argolo.

N4 Vanda Maria Rios de Teive e Argolo.

1229 — F4 *Baltazar de Teive e Argolo* c.c. Dejalмира da Costa, filha de Ariston Ferreira da Costa e de Maria José Moreira, e teve:

N5 Válder de Teive e Argolo.

N6 Oto de Teive e Argolo.

N7 Carlos Alberto de Teive e Argolo.

N8 Maria Leonor de Teive e Argolo.

N9 Baltazar de Teive e Argolo.

N10 Armando de Teive e Argolo.

N11 Neda de Teive e Argolo.

1230 — F6 *José de Teive e Argolo* c.c. Maria Loureiro Maior, filha de Eugênio Loureiro Maior e de Laura Barreto, tendo filhos:

N12 Regina Maria de Teive e Argolo.

N13 Eugênio de Teive e Argolo.

N14 Luís José de Teive e Argolo.

1231 — *Joaquim Alves da Cruz Rios*, promotor público em Santo Amaro, deputado à Constituinte do Estado, juiz municipal, c.c. Joana Leopoldina de Pina e Melo e teve:

F1 Joaquim Alves da Cruz Rios, c.c. Maria Joaquina Pires de Aragão Bulcão.

F2 José Diogo de Pina e Melo Rios, c.c. Ana Rita Pires de Aragão Bulcão.

1232 — F1 *Joaquim Alves da Cruz Rios*, nascido a 1 de setembro de 1861 e morto a 22 de março de 1924, agricultor, proprietário, diretor da Escola Agrícola da Baía, c.c. Maria Joaquina Pires de Aragão Bulcão, filha de Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão e de Catarina Álvares Paraguaçu Pires, e teve:

N1 Joaquim Alves da Cruz Rios, c.c. Ana Pires Bulcão de Teive e Argolo.

N2 Maria Joana de Aragão Bulcão Rios, c.c. João de Teive e Argolo.

N3 Maria da Glória de Aragão Bulcão Rios, c.c. Pedro Francelino de Aragão Bulcão.

N4 Maria de Lourdes de Aragão Bulcão Rios, c.c. Olímpio Teixeira de Carvalho.

1233 — F2 *José Diogo de Pina e Melo Rios* c.c. Ana Rita Pires de Aragão Bulcão, filha de Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão e de Catarina Álvares Paraguaçu Pires, não tendo tido filhos.

1234 — N1 *Joaquim Alves da Cruz Rios* c.c. Ana Pires Bulcão de Teive e Argolo, filha de João de Teive e Argolo e de Leonor Maria Pires de Aragão Bulcão, e teve:

Bn1 Joaquim Alves da Cruz Rios.

Bn2 José Diogo de Pina e Melo Rios.

Bn3 Rodrigo Alves da Cruz Rios.

Bn4 Déa de Argolo da Cruz Rios.

Bn5 Paulo de Argolo da Cruz Rios.

1235 — *Pedro Moniz Leão Veloso*, filho de Marcos Leão Veloso e de Clarinda Moniz, nascido em 1856 e morto em 1902, magistrado, deputado estadual, c.c. Maria Amália Viana Bulcão, filha de Antônio de Araújo de Aragão Bulcão e de Maria José Moniz Viana, falecida a 27 de novembro de 1939. Pai de:

F1 Lélia Bulcão Leão Veloso, c.c. Dagoberto Tapioca e Luís Gomes.

F2 Antonieta Bulcão Leão Veloso, c.c. Frederico Wahamann e Hermann Schelesinger.

F3 Celina Bulcão Leão Veloso, c.c. Alberto Eduardo dos Santos.

F4 Guiomar Bulcão Leão Veloso.

MACHADO PEÇANHA

1236 — *Francisco Machado Peçanha*, nascido em Lisboa do casal João Machado Peçanha e Catarina de Leão, veio para Pernambuco ao tempo das lutas contra os holandeses, ocupando importantes postos militares, inclusive o de mestre de campo. Ai c.c. Maria Gomes Carneiro, pernambucana, filha de Bento Carneiro de Couros e de Margarida Gomes, Maria morreu na Baía a 26 de abril de 1728. Pai de:

F1 José Machado Peçanha, cavaleiro do hábito de Cristo, vigário da Ajuda em Jaguaripe e, depois, colado em Passé.

F2 Antônio Machado Peçanha, cavaleiro do hábito de Cristo, capitão de infantaria.

F3 João de S. Rosa, franciscano.

F4 Josefa Maria Peçanha, c.c. Manuel de Brito.

F5 Margarida de S. José e

F6 Inácia Francisca, religiosas no Destêrro.

1237 — *Manuel de Brito*, nascido de Pasqual Rodrigues de Brito e de Simoa de Brito, passou-se de Portugal para a Baía e aí c.c. Josefa Maria Peçanha, filha de Francisco Machado Peçanha e de Maria Carneiro, tendo filhos:

F1 Antônio de Brito Machado Peçanha, c.c. Florência Maria do Ó.

F2 Pasqual Rodrigues de Brito, clérigo.

F3 João da Assunção, religioso franciscano.

F4 Francisco Machado Peçanha.

F5 Félix José Machado Peçanha.

F6 Inácio de Brito, carmelita provincial.

F7 Pedro de Brito, c.c. Josefa Maria do Carmo.

F8 Leonor Maria do Sacramento,

F9 Maria Luísa Bernarda,

F10 Ana Francisca da Cruz,

F11 Teresa de Jesus e

F12 Margarida, cinco religiosas no Destêrro.

F13 Quitéria Maria do Sacramento, c.c. Antônio Luís de Medeiros. (*)

1238 — F1 *Antônio de Brito Machado Peçanha*, ajudante de infantaria, c.c. Florência Maria do Ó, filha de João Mendes e de Mariana Mendes.

1239 — F7 *Pedro de Brito* c.c. Josefa Maria do Carmo, filha de Francisco de Sousa Santos e de Maria Leite, tendo filhos:

N1 Ana,

N2 Maria,

N3 Leonor,

N4 Antônia,

N5 Joana,

N6 Bernarda,

N7 Francisco,

N8 Manuel e

N9 Antônio.

1240 — *Antônio Luís de Medeiros*, alferes de infantaria, c.c. Quitéria Maria do Sacramento, filha de Manuel de Brito e de Josefa Maria Peçanha. Quitéria, como várias de suas irmãs, era religiosa no convento do Destêrro, da Baía, mas abandonou o hábito e casou. Atribui-se tenha tido ascendência do ca-

(*) Ao fim do século 18 habilitou-se ao posto de ajudante de Regimento Auxiliar de Artilharia dos Homens Pardos, um José Machado Peçanha, baiano, que se disse filho de Francisco Machado Peçanha, provavelmente filho de Manuel de Brito.

sal a grande patriota Maria Quitéria de Jesus Medeiros, que abandonara a casa paterna, em São José de Itapororocas, e se alistara como praça de um regimento ao tempo das lutas da Independência, alcançando o pôsto de alferes.

ZORILLA

1241 — *Diogo Zorilla*, castelhano, nascido em 1530, ero moço da câmara da infanta D. Maria... Teria vindo para a Baía em 1555 e aí tomou parte na guerra que o governador Duarte da Costa fizera aos nativos, quando prestou serviços “que foram muitos e mui grandes”. Serviu de meirinho do mar e procurador dos índios, mas, sendo pobre, recorreu a Mem de Sá, que então expediu provisão, em janeiro de 1571, nomeando-o alcaide-mór da cidade. Morava em casa próxima do mosteiro de São Bento. Foi c.c. Catarina Rios. Em 1591 já era falecido. Pai de:

F1 Francisco Zorilla, c.c. Maria Dias.

F2 Antônia Fogaça, c.c. Antônio Dias Adôrno.

F3 Maria Zorilla.

F4 Catarina Rojas, c.c. Fernão Ribeiro de Sousa.

1242 — F1 *Francisco Zorilla*, sucesor de seu pai no cargo de meirinho do mar e de procurador dos índios, com serviços de guerra na Baía, foi cavaleiro fidalgo da casa real e c.c. Maria Dias. Em 1620 já era falecido, deixando em grande pobreza a viúva, três filhos homens e uma mulher. Pai de:

N1 Catarina Rios, c.c. Pedro Pais Machado.

1243 — *Fernão Ribeiro de Sousa*, natural de Lisboa, nascido em 1546 do casal Antônio Luís de Castelo-Branco e Isabel Ribeiro, morava no seu engenho em Tinhaaré (Cairu) e foi c.c. Ca-

tarina Rojas, filha de Diogo Zorilla e de Catarina Rios, tendo:

F1 Catarina Fogaça, c.c. Manuel Pereira Gago.

1244 — *Pedro Pais Machado* c.c. Catarina Rios, filha de Francisco Zorilla e de Maria Dias, em 1621 e requereu ao rei o seu direito ao cargo do sogro, que o deixara, ao morrer, a quem casasse com a filha. Obeve-o em junho de 1622, mas só entrou na posse do mesmo a 5 de dezembro de 1633 e em exercício no dia 8. Não podendo continuar a servi-lo, “por sua idade e indisposição”, teve substituto em março de 1657, com direito à terça parte do vencimento. Pai de:

F1 Pedro Pais Machado, c.c. Antônio de Araújo de Aragão.

1245 — F1 *Pedro Pais Machado* c. c. Antônio de Araújo, filha de Pedro Camilo de Aragão Pereira e de Ana de Araújo de Aragão, e teve:

N1 Pedro Pais Machado de Aragão, c.c. Ana Guedes de Aragão.

N2 Catarina Pais, c.c. Domingos Garcia de Aragão.

1.246 — N1 *Pedro Pais Machado da Aragão*, aos 15 de janeiro de 1720 c.c. Ana Guedes de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de Sebastiana Guedes de Brito, batizada a 7 de outubro de 1693, não tendo tido filhos.

1.247 — *Manuel Pereira Gago*, pertencente à gente honrada de Porto Seguro, c.c. Catarina Fogaça, filha de Fernão Ribeiro de Sousa e de Catarina Rojas, e teve filhos:

F1 Antônio Pereira, padre, grande proprietário de terras.

F2 Ana Pereira, c.c. Francisco Dias de Ávila.

F3 Leonor Pereira, c.c. Garcia de Avila Pereira.

F3 Luísa de Barros, c.c. Manuel Lôbo.

PEREIRA COUTINHO

1248 — *Diogo Pereira Coutinho* veio do reino em 1603, na companhia do bispo Constantino Barradas, por ser sangrador e barbeiro seu. Em retribuição deu-lhe o prelado um sítio e curral de gados e conseguiu-lhe o lugar de físico oficial, tanto que o chamavam licenciado e doutor. C.c. Luísa de Góis de Mendonça e faleceu em 1660, deixando testamento. Sua mulher estava ligada às conhecidas famílias Góis e Mendonça. Pai de:

F1 Manuel Pereira de Góis, c.c. Mariana de Araújo Góis.

F2 Maria Pereira de Góis, c.c. Francisco Pereira Soares.

F3 Águeda Pereira de Góis de Mendonça, c.c. Antônio Machado Velho e Sebastião Pereira Bacelar.

F4 Margarida de Góis de Mendonça, c.c. João Machado de Melo.

1249 — F1 *Manuel Pereira de Góis* c.c. Mariana de Araújo Góis, filha de Jorge de Araújo Góis e de Ângela de Siqueira, e teve:

N1 Luís de Góis, falecido ainda criança.

BARROS, FAJARDO E MESQUITA

1250 — *Francisco de Barros*, natural de Ponte de Lima, veio para a Baía e aí c.c. Grácia de Figueiredo Mascarenhas, filha de João de Figueiredo Mascarenhas e de Apolônia Álvares. Pai de:

F1 Nuno de Barros.

F2 Inês de Barros, c.c. Luís Fernandes Fajardo e João Lôbo de Mesquita.

1251 — *Luís Fernandes Fajardo* c. c. Inês de Barros, filha de Francisco de Barros e de Grácia de Figueiredo Mascarenhas, e teve:

F1 Luís de Barros Fajardo, c.c. Maria Barbosa.

1252 — F1 *Luís de Barros Fajardo* c.c. Maria Barbosa, filha de Pedro de Barros e de Isabel Barbosa de Sá, tendo:

N1 Violante de Sá, c.c. Manuel Telles de Menezes.

N2 Isabel de Sá, c.c. Pedro Borges de Sousa Vasconcelos.

1253 — *João Lôbo de Mesquita*, nascido em Caminha (Portugal), do casal João da Cea Marinho e Isabel da Rocha Lôbo, c.c. a viúva Inês de Barros, filha de Francisco Barros e de Grácia de Figueiredo Mascarenhas. Pai de:

F1 Joana Lôbo de Barros, c.c. Francisco Barbosa de Brito e Paio de Araújo Azevedo.

Viúvo, c.c. a viúva Ângela de Sousa, filha de Antônio de Sousa Dormundo e de Joana Barbosa.

MONTEIRO DE ABREU

1254 — *Domingos Monteiro de Abreu*, natural do bispado do Pôrto, filho de Domingos Duarte de Abreu e de Brásida Monteiro, capitão de infantaria, aos 23 de agosto de 1654, em Paripe, c.c. Maria Soares, filha de Francisco Pereira Soares e de Maria Pereira de Góis. Domingos veio para a Baía acompanhando o governador Conde Castel-Melhor e aí sempre viveu honradamente. Pai de:

F1 Gonçalo Monteiro de Abreu e
F2 Francisco Monteiro de Abreu,
padres.

F3 Manuel Monteiro de Abreu.

F4 Domingos Monteiro de Abreu.

F5 Ana Monteiro de Abreu, c.c. Gabriel Vieira de Araüjo.

F6 Maria Monteiro, c.c. Francisco de Sá, seu primo.

F7 Teresa Monteiro de Abreu.

1255 — *Gabriel Vieira de Araüjo*, filho de João Vieira e de Domingas Monteiro, nascido em Guimarães (Portugal), c.c. Ana Monteiro de Abreu, filha de Domingos Monteiro de Abreu e de Maria Soares, e teve filhos:

F1 Manuel Monteiro de Abreu, batizado a 1 de setembro de 1683, vigário de Cotinguiba.

F2 Miguel Vieira Monteiro, batizado a 11 de janeiro de 1689, vigário do Rosário, na Baía.

LIRA DE AGUIAR

1256 — *Teodoro de Lira de Aguiar*, nascido na ilha da Madeira, do casal Francisco de Aguiar e Maria de Lira, c.c. Paula de Barros Lôbo, filha de Bartolomeu de Azevedo Lôbo e de Maria de Vasconcelos, o ato celebrado a 8 de janeiro de 1793, no Socorro. Pai de:

F1 Gonçalo Manuel de Andrade, padre.

F2 Ludovina de Vasconcelos, c.c. Luís Gomes Viana.

F3 Rita de Vasconcelos, c.c. Estêvão Lautério.

F4 Teresa Maciel, c.c. Belchior Álvares Barreto.

F5 Inácio Caetano Maciel.

1257 — *Estêvão Lautério*, nascido na freguesia do Socorro, c.c. Rita de Vasconcelos, filha de Teodoro de Lira

de Aguiar e de Paula de Barros, pouco depois falecendo, mas deixando um filho:

F1 Salvador de Barros de Aguiar.

1258 — *Belchior Álvares Barreto*, nasceu em Cachoeira, do casal Custódio Maciel, filha de Teodoro de Lira de Barreto e Felipa Álvares e c.c. Teresa Aguiar e de Paula de Barros, tendo filhos:

F1 Ana Dina, c.c. Manuel de Passos.

F2 Gonçalo Barreto.

F3 Custódio Álvares Barreto.

F4 Francisco Barreto.

F5 Antônio Alves Barreto.

SOARES PINTO

1259 — *Sebastião Soares Pinto*, provedor da fazenda real na capitania de Sergipe, e aí também ouvidor, foi c.c. Maria Borges e teve filhos:

F1 Lucas Pinto Coelho, c.c. Francisca de Menezes.

F2 Joana Soares, c.c. João de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos.

F3 Brites Soares, c.c. Martim Afonso de Mendonça.

1260 — F1 *Lucas Pinto Coelho*, aos 7 de maio de 1657 c.c. Francisca de Menezes, filha de Francisco de Carvalho de Oliveira e de Maria de Menezes, tendo:

N1 Mariana de Vasconcelos, c.c. Pedro de Freitas Magalhães.

ROCHA DÓRIA

1261 — *Manuel da Rocha Dória*, filho de Miguel Moniz Barreto e de Ângela da Rocha, c.c. Ana Maria de Vasconcelos, filha de Manuel Gomes Dias e de Maria de Vasconcelos, e teve:

F1 José Luís da Rocha Dória, c.c. Francisca Xavier de Menezes Dória.

1262 — F1 *José Luís da Rocha Dória*, capitão, aos 4 de dezembro de 1726, na capela do Carmo, c.c. a viúva Francisca Xavier de Menezes Dória, filha de Luís Carneiro de Menezes e de Ângela de Menezes, e teve:

N1 Antônio da Rocha Dória de Menezes.

N2 Maria e

N3 Ana.

SOUSA FREIRE

1263 — *Matias de Sousa Freire*, filho de Antônio Ferreira Dormundo e de Bárbara de Menezes, c.c. Inácia Josefa Brandão, filha de Manuel Martins Brandão e de Catarina Pais de Oliveira. O ato celebrou-se em Parajá aos 4 de julho de 1661, sendo celebrante o vigário Domingos da Costa Rebouças. Pai de:

F1 Antônio de Sousa Freire, c.c. Bárbara Teles de Menezes.

1264 — F1 *Antônio de Sousa Freire*, aos 30 de outubro de 1719 c.c. Bárbara Teles de Menezes, filha de Agostinho da Costa de Carvalho e de Inês Teles de Menezes, batizada a 1 de outubro de 1704. Pai de:

N1 Francisco de Sousa Freire.

.ARAUJO CABREIRA

1265 — *João de Araújo Cabreira* c.c. Antônia de Menezes Mendonça, filha de Martim Afonso de Mendonça e de Brites Soares, tendo:

F1 Martim Afonso de Mendonça, c.c. Ângela Josefa Pereira de Aragão e Maria de Sousa Araújo.

1266 — F1 *Martim Afonso de Mendonça*, na freguesia do Socorro, aos 23 de novembro de 1698, c.c. Ângela Josefa Pereira de Aragão, filha de Nicolau de Carvalho Pinheiro e de Maria de Aragão, e teve:

N1 João de Araújo Pereira, c.c. Antônia de Menezes.

Depois, c.c. Maria de Sousa de Araújo, filha de Vicente Pereira do Lago e de Ângela de Sousa, não tendo filhos.

1267 — N1 *João de Araújo Pereira* c.c. Antônia de Menezes, filha de Manuel Teles, e teve:

Bn1 Joana de Aragão, c.c. João Batista Barreto de Vasconcelos.

TAVARES DE ALVIM

1268 — *Tomé Tavares de Alvim* foi c.c. Bárbara Pereira de Gusmão e teve:

F1 Violante Brandão, c.c. Gaspar Pereira de Magalhães.

F2 Lucas Tavares de Alvim, c.c. Mariana de Menezes.

1269 — F2 *Lucas Tavares de Alvim*, sendo licenciado, aos 12 de novembro de 1663, na capela de S. Paulo, no Socorro, c.c. Mariana de Menezes, filha de Agostinho Sutil de Siqueira e de Francisca de Menezes, tendo filhos:

N1 Bárbara de Gusmão Pereira, batizada a 29 de outubro de 1668.

N2 Joana de Argolo, batizada a 16 de dezembro de 1669.

N3 Francisca de Menezes, batizada a 22 de abril de 1671.

N4 Violante de Gusmão, batizada a 17 de setembro de 1674.

N5 Antônio de Alvim Brandão, batizado a 27 de novembro de 1675.

N6 Francisco Tavares Bezerra, batizado a 23 de julho de 1677.

N7 Rosa Maria, batizada a 11 de fevereiro de 1679.

N8 Maria de Menezes.

VARELA DE MACEDO

1270 — *Diogo Varela de Macedo*, agricultor e morador em Cotegipe, foi c.c. Luísa Girão, filha de André Cava-

lo de Carvalho e de Margarida Girão, tendo filhos:

F1 Diogo Varela de Macedo, c.c. Clara de Araújo.

F2 Luísa Girão, c.c. Manuel de Melo de Vasconcelos.

F3 Francisco de Macedo, c.c. Isabel de Araújo.

F4 Isabel de Macedo, c.c. Antônio de Melo de Vasconcelos.

1271 — F1 *Diogo Varela de Macedo* c.c. Clara de Araújo, filha de Miguel Francisco Fernandes e de Maria de Araújo, e teve:

N1 Eusébio Girão, c.c. Diogo Varela de Macedo.

1272 — F3 *Francisco de Macedo* c. Isabel de Araújo, filha de Miguel Francisco Fernandes e de Maria de Araújo, o ato realizado em Cotegipe a 16 de agosto de 1654.

SOUSA DE ANDRADE

1273 — *Antônio de Sousa de Andrade*, filho de Gaspar Carvalho de Novais e de Ana Brandão de Sousa, capitão, c.c. Águeda Gomes Viegas, falecida em 1659. O padre Lourenço Ribeiro, vigário de Passé, de quem Gregório de Matos dissera o que bem merecia êle, afirma ser Sousa de Andrade filho natural do rei Pedro 2.^o. Faleceu em 1680, deixando o genro por testamenteiro. Pai de:

F1 Ana Brandão de Sousa, c.c. Manuel Pereira de Góis.

F2 Nicolau de Sousa de Andrade, c. Maria Furtado de Sousa.

1274 — F2 *Nicolau de Sousa de Andrade*, alferes, c.c. Maria Furtado de Sousa, filha de Antônio Ferreira de Sousa e de Antônia Barbalho Bezerra. Nicolau teria falecido, sem descendentes, antes de 1680, e Maria em 1683.

MATOS DE VIVEIROS

1275 — *Manuel de Matos Viveiros*, médico, físico-mór oficial, membro da Câmara da Baía em 1693, aos 8 de fevereiro de 1679 c.c. Francisca da Silva, filha de Diogo Pereira da Silva e de Isabel de Figueiredo. Pai de:

F1 Ana de Figueiró, c.c. Sebastião Sutil de Siqueira.

F2 Maria, religiosa.

F3 Francisco Xavier da Silva, capitão.

F4 Diogo Pereira da Silva, c.c. Leonor Josefa Sutil de Menezes.

F5 José Pereira da Silva.

F6 Isabel da Silva, c.c. Francisco Barreto de Menezes.

1276 — F4 *Diogo Pereira da Silva*, capitão, c.c. Leonor Josefa Sutil de Menezes, filha de Manuel de Azevedo Negro e de Isabel Maria de Azevedo, sem sucessão.

CASAIAS AVULSOS

1277 — *Albano do Prado Pimentel* (irmão do sargento-mór Antônio Coelho do Prado Pimentel, pai de Maria do Prado Pimentel que foi c.c. Maurício Barbosa de Araújo) c.c. Joana Maciel, filha de João Velho Maciel e de Maria de Sá Barbosa, e teve:

F1 Albano do Prado Pimentel.

F2 Vicente José do Prado.

1278 — *Alcixo Antunes da Silva*, filho de Roque Antunes e de Ana da Silva, c.c. Natália Guedes de Carvalho, filha de Rui de Sousa Carvalho e de Antônia Correia de Sá, tendo:

F1 Mariana de Bittencourt, c.c. Antônio Teles Barradas.

1279 — *Alexandre Gonçalves de Barros* foi c.c. Francisca Dias, filha de Francisco Dias de Ávila com Clara Dias, tendo sido o ato celebrado a 3 de outubro de 1695.

1280 — *André de Freitas Magalhães*, natural de Ponte de Lima, de família nobre da localidade, teria vindo para a Baía na companhia de seu irmão Gaspar de Freitas Magalhães. Aí c.c. Victória Teixeira, nascendo-lhe um filho:

F1 Valério de Freitas de Brito, então vigário de Santo Amaro de Itaparica.

1281 — *André Marques*, capitão de cavalaria, professo na ordem de Cristo, c.c. Isabel de Almeida, com a qual teve:

F1 Bernardino Marques de Almeida, mestre de campo.

F2 Ana Joaquina de Almeida Marques, c.c. Luís Barbalho de Negreiros Côrte-Real e João de Teive e Argolo.

1282 — *Ângelo de Araújo da Mota*, alferes dos cavaleiros da Baía, depois capitão, faleceu em abril de 1667. C.c. a viúva Isabel de Menezes, batizada a 19 de novembro de 1648, filha de Gaspar Pereira de Menezes e de Maria Barbosa, e teve:

F1 Manuel de Araújo, c.c. Brites de Araújo.

F2 Francisco de Araújo, c.c. Maria Carvalhal de Melo.

F3 Maria de Menezes, c.c. José de Melo.

F4 Ângela de Menezes, c.c. Manuel Carvalhal de Oliveira de Vasconcelos.

F5 Joana de Menezes, que faleceu solteira.

1283 — *Francisco de Araújo* c.c. a viúva Maria de Carvalhal de Melo, filha de João de Carvalhal de Oliveira de Vasconcelos e de Joana Soares, e teve filhos:

N1 Clara de Araújo.

N2 Brites de Araújo, c.c. Manuel de Araújo.

1284 — *Ângelo da Fonseca*, viúvo de Maria de Ávila, c.c. Sebastiana de Azevedo, filha de Diniz Gonçalves Varjão e de Maria de Faria.

1285 — *Antônio de Abreu Garcês* c.c. Mariana de Góis, filha de Gaspar Pinto de Góis e teve:

F1 Jerônima Garcês de Eça, c.c. Gaspar de Barros Magalhães.

1286 — *Antônio Borralho*, irmão de Simão Borralho, c.c. a viúva Ângela de Lemos, filha de Bartolomeu Madeira de Sá e de Maria de Lemos Landim.

1287 — *Antônio da Costa*, filho de Jorge Lopes da Costa e de Jerônima de Sousa, c.c. Violante de Eça de Castro, filha de Vasco Moniz Barreto e de Madalena de Castro de Eça, tendo filhos:

F1 Antônio Moniz de Sousa, c.c. Paula Vieira.

F2 Inês de Sousa, religiosa em Lisboa.

1288 — *Antônio Moniz de Sousa* c.c. a viúva Paula Vieira, filha de Antônio Gonçalves e de Maria de Côrtes, tendo:

N1 Vasco Moniz, religioso em Cairu.

1289 — *Antônio da Costa Coelho*, sargento-mór, c.c. Águeda Luísa Gomes de Lima, filha de Manuel Rodrigues Brandão e de Maria Rebouças, tendo:

F1 Clara Maria da Encarnação, c.c. Simão Manuel de Argolo de Menezes.

1290 — *Antônio Diniz Ribeiro*, filho de Francisco Diniz e de Catarina dos Reis, c.c. Jacinta de Aguiar, filha de Pedro de Aguiar Daltro e de Catarina Antunes e foram viver na freguesia do Socorro.

1291 — *Antônio de Faria Severim* foi c.c. Luzia de Menezes, filha de Antônio Moreira de Gamboa e de Antônia Dória de Menezes, batizada a 20 de dezembro de 1643. Pai de:

F1 Maria Josefa de Menezes.

1292 — *Antônio Manuel de Moraes Sarmiento Pôrto-Carrero*, professo na ordem de Cristo, corregedor da comar-

ca da Baía, c.c. Francisca de Araújo de Aragão, filha de José da Costa Bulcão e de Maria de Araújo de Sousa de Aragão. Faleceu a 19 de janeiro de 1774, deixando uma filha, que morreu solteira.

1293 — *Antônio Martins de Lima* c.c. Luzia de Barros, filha de Antônio de Barros de Gamboa e de Margarida da Cunha, tendo filhos:

F1 Francisco Martins de Lima.

F2 Teresa Lôbo, c.c. Manuel Rangel.

1294 — *Manuel Rangel* c.c. Teresa Lôbo, filha de Antônio Martins de Lima e de Luzia de Barros, e teve filhos:

N1 Antônio de Barros.

N2 Caetano de Barros.

1295 — *Antônio da Mota*, fidalgo da casa real, c.c. Beatriz de Lemos, filha de Fernão de Lemos e irmã de Mecia de Lemos e do chantre Jorge de Pina. Faleceu ela a 29 de outubro de 1593, com sepultura no colégio dos jesuítas, deixando por testamenteiro o dito seu irmão. O casal teve:

F1 Calisto da Mota, clérigo secular.

F2 Gonçalo da Mota.

F3 Manuel de Lemos da Mota.

F4 Paulino da Mota.

1296 — *Antônio Serrão* era c.c. Catarina Mendes. Ambos de famílias de judeus estabelecidos na Baía. Tudo lhes negeram os historiadores no sentido da vida e da obra que realizaram. Era irmão de João Vaz Serrão, cirurgião local embora sempre em viagens. Catarina, irmã de Maria Lopes, que foi c.c. o mestre Afonso, outro cirurgião, e de Leonor Rosa, espôsa do citado João. Todos de sangue e práticas judaicas. O casal teve uma filha:

F1 Branca Serrão, c.c. Gonçalo Nunes Campo-Maior e Manuel Gomes Vitória.

1297 — *Antônio Serrão de Almeida*, de origem judaica, foi c.c. Isabel Lopes e teve:

F1 Mecia Lopes de Almeida, c.c. André Lopes da Índia.

F2 Manuel Serrão.

F3 André Serrão.

F4 Pasqual Serrão.

F5 Maria Serrão de Almeida.

1298 — *Antônio da Silva de Menezes*, filho de Antônio da Silva de Menezes e de Francisca da Gama, c.c. Josefa da Gama, filha de Manuel Pinheiro de Carvalho e de Maria da Gama, o ato celebrado no Socorro a 2 de maio de 1695.

1299 — *Antônio Simões de Castro* c.c. Maria de Azevedo, filha de Jácome Coelho e de Apolônia Nunes de Azevedo. Viúvo, c.c. Ana de Sousa, filha de João de Sousa Pereira e de Maria de Sousa, não constando descendentes seus.

1300 — *Antônio de Sousa*, natural de Arrifana de Sousa e filho de Manuel Gonçalves e de Catarina Gaspar, c.c. Maria de Figueiredo, filha de Francisco Pereira de Abreu e de Catarina Correia de Brito, tendo filhos:

F1 Antônio Manuel de Figueiredo Mascarenhas, c.c. Luzia Pais Brandão.

F2 José de Sousa.

1301 — *Antônio Manuel de Figueiredo Mascarenhas*, capitão, c.c. Luzia Pais Brandão, filha de Manuel Martins Brandão e de Catarina Pais de Oliveira, tendo filhos:

N1 Antônio da Piedade, religioso capucho.

N2 André de Figueiredo Mascarenhas, clérigo secular.

1302 — *Baltazar Gonçalves*, natural da ilha Terceira, filho de João Pires e de Francisco Fernandes, na Baía c.c. Ângela de Lemos, filha de Bartolomeu Madeira de Sá e de Maria de Lemos

Landim, em Paripe, a 15 de fevereiro de 1632.

1303 — *Baltazar Gonçalves de Paiva*, nascido na comarca de Guimarães, do casal Domingos Jorge e Senhorinha Gonçalves, veio para o Brasil e a 10 de janeiro de 1719, na capela de N. S. da Vitória, em Pernambuco, já alferes do regimento e morador no sertão de Piancó, c.c. a viúva Marta de Sousa, filha de Francisco Pereira de Castro e de Maria de Castro, não constando tivesse filhos.

1304 — *Bartolomeu Filgueiras Soares*, da vila portuguesa de Monção, filho de Antônio Filgueiras e de Maria Soares, na Baía c.c. a viúva Ângela de Lemos, filha de Bartolomeu Madeira de Sá e de Maria de Lemos Landim, tendo filhos:

F1 Bartolomeu Filgueiras Soares, c. c. Luísa da Silva.

F2 Francisco Correia Filgueiras, c.c. Âgueda da Costa.

1305 — *Bartolomeu Soares*, tido por licenciado, c.c. Joana Teles de Menezes, batizada a 9 de março de 1654 e filha de Rodrigo de Argolo e de Isabel Pereira de Magalhães. Depois, c.c. Helena Maria de Argolo Menezes, batizada a 29 de junho de 1672 e filha de Antônio Moreira de Menezes e de Ana de Argolo, sem filhos.

1306 — *Bento de Brito Cassão* nasceu em Arcos de Valdevez, filho de Diogo Rodrigues Aranha e de Jerônima dos Guimarães e foi escudeiro e fidalgo da casa real por alvará de 21 de março de 1647. Na Baía c.c. Antônia de Sá, filha de Valentim de Faria Vasconcelos e de Felipa de Sá. Pai de:

F1 Felipa de Sá, c.c. Felipe de Almeida.

F2 Martim de Sá Souto-Maior, c.c. Paula de Menezes.

F3 Teresa de Brito, c.c. João de Freitas Madeira.

F4 Inês de Brito, c.c. Felipe Soares, filho de Manuel Soares Homem, a 16 de fevereiro de 1653.

1307 — *Bento Correia Peixoto*, capitão, c.c. Joana Vieira de Lima, filha de Francisco Gonçalves Ribeiro e de Ana Vieira de Lima, tendo filhos:

F1 Manuel Vieira de Lima.

F2 Ana Vieira de Lima.

1308 — *Bento Ribeiro de Lemos*, capitão-mór, cavaleiro da ordem de Cristo, alcaide-mór de Camamu, c.c. Isabel Garcês de Eça, filha de Francisco Pinto de Faria e de Maria Garcês de Eça, e teve filho:

F1 Inácia Ribeiro de Lemos, c.c. João de Couros Carneiro.

1308A — *Bernardo da Silveira Menezes*, guarda-mór, cavaleiro da ordem de Cristo, c.c. Maria de Vargas Cirne, filha de José de Argolo de Menezes e de Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne, tendo:

F1 Ana de Menezes.

F2 Caetano José de Menezes.

1309 — *Bras da Rocha Cardoso*, mestre de campo na Baía, com grandes serviços nas lutas holandesas, foi c. c. a viúva Leonor de Albuquerque, filha de João Tenório de Molina e de Leonor de Albuquerque, tendo filhos:

F1 Diogo da Rocha de Albuquerque, fidalgo da casa real.

F2 Luís Tenório de Molina, sargento-mór.

F3 Bras da Rocha Cardoso, capitão.

F4 Catarina de Albuquerque, morta a 18 de abril de 1728.

F5 Leonor Tenório de Albuquerque, morta a 26 de novembro de 1743.

F6 Margarida de Albuquerque.

F7 Inês da Rocha Tenório.

F8 Isabel Tenório de Molina.

F9 Luísa Tenório de Molina, morta a 28 de julho de 1746.

F10 Mariana Tenório de Molina.

1310 — *Bras Teles de Menezes*, filho de Fernando Teles de Menezes, c.c. Antônia Margarida de Albuquerque, filha de Antônio de Albuquerque Maranhão e de Josefa Luísa de Castelo-Branco, e teve:

F1 Bras Manuel Teles.

1311 — *Cipriano Velho Barreto*, procedente de Viana e morador em Passé, c.c. Inês de Barros Lôbo, filha de Gaspar de Barros Magalhães e de Catarina Lôbo Barbosa de Almeida. Faleceu a 27 de setembro de 1601, com in-humação no jazigo de seu sogro. Teve filhos:

F1 Maria de Barros, c.c. Garcia da Câmara.

F2 Isabel de Reboredo.

F3 Henrique Lôbo.

F4 Guiomar Lôbo, c.c. Francisco Moniz Teles.

F5 Madalena de Barros.

F6 Margarida de Barros.

F7 Fernão Lôbo.

1312 — *Cláudio Pereira da Silva*, filho de Inácio da Silva e de Maria Pereira, moradores em Sergipe do Conde, c.c. Florência de Jesus, que era irmã dos religiosos menores fr. Manuel da Conceição e fr. Agostinho e mãe de Francisco Borges de Barros, que o tivera com Domingos Borges de Barros.

1313 — *Constantino Pereira de Lacerda*, aos 2 de fevereiro de 1643, c.c. a viúva Mônica do Amaral, filha de Miguel Ferreira Feió e de Isabel Serão, tendo filhos:

F1 Francisco de Lacerda.

F2 Ana de Lacerda.

1314 — *Cristóvão Brandão*, do qual Jaboatão declara que apenas “soube ter sido casado com Inês da Silva, uma das

órfãs protegidas do rainha”, era ouvidor da capitania da Baía e em julho de 1591, na ausência do ouvidor-geral, o substituiu. Perante o governo representou Miguel de Moura, do Conselho Ultramarino, na obtenção de sesmarias à foz do Paraguaçu. De sua ascendência e descendência, entretanto, nada se apurou.

1315 — *Domingos Alvares Serpa* c. c. Marta de Sousa, filha de Antônio de Sousa Dormundo e de Joana Barbosa, e teve filhos:

F1 Joana de Sousa, c.c. o capitão Manuel da Veiga (em Portugal) e Manuel Rodrigues da Costa.

F2 Luísa de Sousa, c.c. Ascenso da Silva.

F3 Maria de Sousa, c.c. Jerônimo de Azevedo Miranda.

F4 Antônio de Sousa Dormundo.

F5 Francisca de Sousa, c.c. Francisco Soeiro da Gama (em Portugal).

1316 — *Ascenso da Silva* é um dos nomes respeitáveis da milícia no Brasil, tendo figurado em lutas e combates e por isso lhe foram concedidos postos e títulos de distinção. Foi também tesoureiro geral do Estado. Jaboatão dá seu casamento, em primeiras núpcias, com Luísa de Sousa, filha de Domingos Alvares Serpa e de Marta de Sousa, sem mais nada adiantar.

1317 — *Domingos Antunes da Costa* sempre foi militar, em Pernambuco, quanto na Baía. Em setembro de 1635, soldado, atacou o inimigo com todo o “poder, pelejando com muito ânimo até que lhe quebraram uma perna com uma bala, donde esteve muito tempo doente em cama e à morte”; em julho de 1657 o governador Francisco Barreto o nomeia guarda-mór do mar; o Conde de Óbidos fá-lo capitão na Baía, em setembro de 1663, e o rei Afonso 6.º confirma-o no posto em 1665, louvando-

lhe os merecimentos. Ajudante de tenente-general e, depois, sargento-mór em 1696. Foi c.c. Guiomar Ximenes de Aragão, filha de Rui Dias de Menezes e de Guiomar Ximenes de Aragão, tendo tido uma filha:

F1 Leonor Ximenes de Aragão, c.c. Diogo Lopes Franco.

F2 Francisco Xavier da Costa.

1318 — *Domingos Aranha Pestana*, natural de Ponte de Lima, sendo capitão-mór, c.c. Francisca Dias e teve:

F1 Andresa de Araújo, c.c. Francisco Pereira do Lago.

F2 Gonçalo Rodrigues de Araújo, c.c. Isabel Freire Baracho.

1319 — F1 *Gonçalo Rodrigues de Araújo* c.c. Isabel Freire Baracho, filha de Manuel Maciel Aranha e de Cristina Freire Baracho, aos 30 de novembro de 1640. Pai de:

N1 Inácia de Araújo, c.c. Tomé Pereira Falcão.

1320 — *Domingos Lopes Falcato*, que se recomenda com acatamento à vista dos nomes que o cercam, era c.c. Águeda da Costa, tendo o casal uma filha:

F1 Isabel da Costa Madeira, c.c. Lázaro Lopes Soeiro e Pedro Gomes.

1321 — *Duarte de Albuquerque da Silva*, filho de Jacinto de Freitas da Silva e de Sebastiana de Albuquerque Melo, c.c. Mecia de Moura, filha de Zenóbio Acioli e de Maria Pereira de Moura, e teve:

F1 Jacinto de Freitas Acioli de Albuquerque.

1322 — *Duarte Lopes Ulhoa*, filho de Diogo Lopes Ulhoa e de Maria Duarte, nascido em Lisboa, fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de São Tiago e provedor da fazenda real na Baía, a 1 de janeiro de 1659, no Iguape, c.c. Branca de Menezes, filha de Constanti-

no Gomes Vitória e de Inês de Menezes. Pai de:

F1 Constantino Moniz Barreto.

F2 Luís de Sá de Menezes.

1323 — *Estêvão Cabral* c.c. Albana da Franca, filha bastarda de Afonso Barbosa, mas legitimada pelo rei Pedro 2.º. O casal teve:

F1 Afonso Barbosa.

F2 André Barbosa.

1324 — *Estêvão Pereira Bacelar*, cavaleiro fidalgo, c.c. Apolónia de Siqueira de Brito, filha de Sebastião de Brito Correia e de Maria de Figueiredo Mascarenhas, e teve:

F1 Sebastião Pereira Bacelar, c.c. Águeda Pereira de Góis.

1325 — F1 *Sebastião Pereira Bacelar*, aos 8 de abril de 1641 c.c. a viúva Águeda de Góis de Mendonça, filha de Diogo Pereira Coutinho e de Luísa de Góis de Mendonça, tendo:

N1 Felipa de Brito, c.c. Sebastião de Araújo Góis.

N2 Maria de Góis.

N3 Estêvão Pereira Bacelar.

N4 Luzia de Góis.

1326 — *Faustino da Costa Peixoto*, natural de Guimarães (Portugal) c.c. Marta de Sousa, filha de Francisco Pereira de Castro e de Maria de Castro, e teve:

F1 Maria da Costa Sousa, c.c. Diogo Álvares de Brito Mascarenhas.

1327 — *Diogo Álvares de Brito Mascarenhas*, nascido em Inhambupe, do casal Manuel Álvares Leitão e Catarina de Brito, c.c. Maria da Costa Sousa, filha de Faustino da Costa Peixoto e de Marta de Sousa, tendo:

F1 Manuel Álvares Craveiro.

1328 — *Felipe Cardoso do Amaral*, alferes, filho de Manuel Cardoso do Amaral e de Maria Pacheco, aos 3 de

maio de 1651 c.c. a viúva Isabel de Almeida.

1329 — *Felipe Pereira de Eça*, filho de Pedro Francisco Crispim, c.c. Paula Vieira, filha de Antônio Gonçalves e de Maria de Côrtes, tendo:

F1 Felipe Pereira.

1330 — *Fernão Gomes de Quadros*, filho de Pedro Lopes de Quadros e de Maria Teles, c.c. Brites Maria de Albuquerque, filha de Antônio de Albuquerque Coelho e de Inês Maria Coelho. Consta ter tido filhos e que, viúvo, se recolheu ao convento de Varatojo, fazendo-se religioso.

1331 — *Francisco de Barros Machado* c.c. a viúva Antônia de Menezes, filha de Mateus Pereira de Menezes e de Isabel de Almeida, e teve:

F1 Gonçalo de Barros Machado.

F2 Leonor de Menezes.

1332 — *Francisco de Brito Barbosa*, coronel, c.c. Maria de Araújo de Azevedo, filha de Luís Ferreira de Araújo e de Joana de Azevedo, tendo filhos:

F1 Teresa Maria de Brito, c.c. José Sodré Pereira.

1333 — *Francisco da Cruz Arrais*, certamente aparentado com o físico Ventura da Cruz Arrais ao mesmo tempo na Baía, c.c. Grácia Lopes, filha de Jerônimo Rodrigues e de Ana Lopes, e teve:

F1 Antônio da Cruz Arrais e

F2 Tomás da Cruz Arrais, sacerdote.

1334 — *Francisco Dias* c.c. Maria Fernandes, o qual faleceu a 25 de abril de 1672, com sepultura na capela de seu genro Gaspar Rodrigues Adôrno, igualmente seu testamenteiro. Pai de:

F1 Felipa Álvares, c.c. Gaspar Rodrigues Adôrno.

F2 Isabel Fernandes, c.c. Afonso Rodrigues Barreto.

F3 Clara de Sousa, c.c. Inácio Cardoso.

F4 Francisco Dias.

1335 — *Francisco Furtado*, irmão de Diogo Lopes de Lima, fidalgo da casa real, c.c. Antônia de Menezes, filha de Henrique Moniz Barreto e de Maria Soares, o ato realizado em Cotegipe aos 15 de outubro de 1625. Pai de:

F1 Henrique Moniz, batizado a 19 de dezembro de 1626.

F2 Gaspar Furtado, batizado a 9 de agosto de 1628.

F3 Diogo Furtado, batizado a 24 de setembro de 1629.

F4 Maria de Menezes, batizada a 27 de julho de 1631.

F5 Ana de Menezes, c.c. Domingos Teles de Menezes e João Pereira.

1336 — *Francisco Lopes Delgado* c.c. Ana Maria de Mendonça, filha de Manuel Teixeira de Mendonça e de Joana Pinheiro de Lemos, e teve:

F1 João Lopes Delgado.

1336A — *Francisco Nunes de Freitas* c.c. Margarida de Sousa, filha de Antônio de Sousa Dormundo e de Joana Barbosa, e teve:

F1 Antônio de Sousa Dormundo.

F2 Teresa de Sousa.

F3 Miguel de Freitas.

F4 Sebastião de Sousa Dormundo, licenciado.

1337 — *Francisco Ribeiro* foi c.c. Catarina Gonçalves e teve:

F1 Ana Ribeiro, c.c. Cristóvão de Aguiar Espínola.

F2 Francisco Ribeiro, cônego, tesoureiro-mór da sé da Baía.

F3 Bartolomeu Ribeiro, padre.

1338 — *Francisco da Silva Pescador*, filho de Francisco da Silva e de Ângela Custódia, em 1685 c.c. a viúva Luzia de Vasconcelos, filha de Matias de Aguiar Daltro e de Maria de Vasconcelos. Pai de:

F1 Antônio de Vasconcelos, c.c. Maria Gomes de Vasconcelos.

F2 João Álvares de Vasconcelos.

F3 Maria de Vasconcelos.

F4 Isabel de Vasconcelos, c.c. João de Barros Lôbo.

F5 Ângela de Vasconcelos, c.c. André Monteiro de Barros.

F6 Ana de Vasconcelos, c.c. Estêvão Teles.

F7 Francisco de Aguiar de Vasconcelos.

F8 Gaspar Pacheco de Vasconcelos.

F9 Bartolomeu de Vasconcelos.

1339 — *Gaspar de Araújo*, pessoa tida por nobre, residente na Baía, c.c. Bernarda Cavalcanti, filha de Francisco Manuel de Melo e de Maria Cavalcanti. Pai de:

F1 Isabel Cavalcanti, c.c. Paulo Pereira dos Santos.

1340 — *Paulo Pereira dos Santos*, nascido em Viana (Portugal), na Baía c.c. Isabel Cavalcanti, filha de Gaspar de Araújo e de Bernarda Cavalcanti, e teve:

N1 Francisco Pereira dos Santos, capitão na Madre de Deus.

N2 Mateus Pereira dos Santos, sargento-mór de cavalaria.

1341 — *Gaspar Dias Barbosa*, filho de Gaspar Rodrigues e de Ana Barbosa, c.c. Maria de Araújo, filha de Baltazar Barbosa de Araújo e de Catarina Álvares, batizada a 28 de julho de 1582. Pai de:

F1 Gaspar Dias Barbosa.

1.342 — F1 *Gaspar Dias Barbosa* casou, sem que se lhe saiba o nome da espôsa, e com ela teve uma filha:

N1 Catarina Barbosa, c.c. Paulo da Rocha e Diogo da Rocha de Sá.

1343 — *Gaspar Dias Vidigueira* era c.c. Ana Rodrigues, ambos cristãos novos. Viviam em Pôrto Seguro, onde lhes nasceram os filhos:

F1 Antônia de Oliveira, c.c. Pedro Fernandes.

F2 Catarina Gomes, c.c. Salvador da Maia.

F3 Branca Rodrigues.

F4 Diogo Afonso.

Essa Ana Rodrigues era, por sua vez, irmã de:

Maria Lopes, c.c. o mestre Afonso, cirurgião.

Catarina Mendes, c.c. Antônio Serrão.

Leonor Rosa, c.c. João Vaz Serrão.

Beatriz Mendes, c.c. Francisco Mendes.

Violante Rodrigues, c.c. Henrique Mendes.

1344 — *Gonçalo Rodrigues Bezerra*, nascido em Cachoeira, do casal Antônio Marques de Azevedo e Luzia Pereira, c.c. Ana da Luz de Barros Lôbo, filha de Pedro Correia de Vasconcelos e de Ana de Barros Lôbo.

1345 — *Inácio de Cerqueira Lima*, senhor do engenho Bom Jardim, c.c. Teresa Teles de Menezes, filha de Diogo Álvares Campos e de Inês Teles de Menezes, tendo:

F1 Bernardo de Cerqueira Lima de Menezes.

1346 — *Inácio Rodrigues Távora*, capitão nascido na ilha da Madeira, do casal Antônio Rodrigues Távora e Joana de Oliveira, na Baía c.c. Maria de Lacerda de Góis, filha de Francisco de Freitas de Menezes e de Margarida de Lacerda Coutinho, tendo filhos:

F1 Francisco Teles.

F2 Pedro de Freitas e

F3 Inácio Rodrigues, sacerdotes.

F4 Manuel,

F5 Paulo,

F6 Mário,

F7 Margarida,

F8 Ana Maria,

F9 Antonia e

F10 Teresa.

1347 — *Jácome Raimundo* foi c.c. Inês de Argolo, filha de Rodrigo de Argolo e de Joana Barbosa Lôbo, e faleceu a 14 de setembro de 1605, com sepultura na igreja de São Francisco.

1348 — *Jerônimo Rodrigues* e Ana Lopes, nascidos em Lisboa e aí casados, vieram morar na Baía e tiveram filhos:

F1 Domingos Rodrigues, c.c. Catarina Nunes.

F2 Grácia Lopes, c.c. Francisco da Cruz Arrais.

1349 — *Jerônimo da Silveira* c.c. Maria de Brito Freire, batizada a 10 de outubro de 1690, filha do poeta Manuel Botelho de Oliveira e de Felipa de Brito Freire.

1350 — *João Alvares da Fonseca*, aos 27 de outubro de 1621, na sé, c.c. a viúva Felipa de Brito, filha de Sebastião de Brito Correia e de Maria de Figueiredo Mascarenhas.

1351 — *João Barbosa Coutinho*, português da ilha de São Miguel, veio para a Baía e no Cairu c.c. Francisca da Fonseca de Góis, filha de Domingos da Fonseca Saraíva e de Antônia de Pádua de Góis. Pai de:

F1 Maria de Lacerda Coutinho, c.c. Sebastião Pais.

1352 — *João Borges de Escobar* nasceu no bispado de Miranda (Portugal), do casal João Borges de Escobar e Leonor de Aguiar, e veio para o Brasil. C.c. a viúva Joana Teles, filha de Rafael Teles e de Maria Rangel, e teve:

F1 Leonor Teles de Escobar, c.c. Francisco de Carvalho Pinheiro.

1353 — *João Correia Arnau*, natural de Coimbra, c.c. Isabel de Brito Correia, filha de Francisco Pereira de Abreu e de Catarina de Brito Correia, tendo:

F1 João Correia Arnau.

F2 Isabel de Brito.

1354 — *João Cunha*, segundo os poucos e breves informes de Jaboatão, era c.c. Ângela da Cunha, tendo tido duas filhas:

F1 Maria da Conceição Cunha, c.c. Bartolomeu de Vasconcelos, irmão, de Pedro Moniz Barreto e nascido aí por 1615, com falecimento em 1665.

F2 Ângela da Cunha, c.c. Francisco de Barbuda, nascido em 1575 e ambos casados em 1600, e, viúva depois de 1646, c.c. Pedro Moniz Barreto, nascido em 1616.

Entretanto, para que esta segunda filha, casada em 1600, viesse ainda a casar depois de 1646, precisaria tê-lo feito com cerca de 60 anos, e mesmo assim ainda teve três filhos... Há qualquer coisa inexata da parte de Jaboatão.

1355 — *João Fragoso da Fonseca*, quando já de idade avançada, c.c. a viúva Luísa Pacheco, filha de Francisco Fernandes Pacheco e de Violante de Araújo, o ato celebrado em casa, na freguesia de Cotegipe, a 1 de março de 1672.

1356 — *João Garcês* foi c.c. Joana de Menezes, batizada a 24 de junho de 1606, filha de Jorge Barreto de Melo e de Maria de Lomba. Também c.c. Vitória de Oliva, com esta tendo:

F1 Brites de Oliva, c.c. João Garção e André Cavalo de Carvalho.

F2 Antônia Garcês de Oliva, c.c. Luís de Melo de Vasconcelos.

1357 — *João de Lima Fiúsa*, natural de Ponte de Lima, filho de Manuel de Lima e de Paula Lopes Fiúsa, c.c. Paula de Barros, filha de Luís Gomes Viana e de Ludovina de Vasconcelos, e teve:

F1 Maria,

F2 Ana.

1358 — *João Moreira de Pinho*, senador estadual, economista, c.c. Maria Pepita Ferreira França, filha de Edu-

ardo Ferreira França e de Maria Justa Diniz, e teve:

F1 Camila Moreira de Pinho, c.c. Antônio de Araújo de Aragão Bulcão.

F2 Ana Moreira de Pinho.

1359 — *João Nunes da Cunha*, cavaleiro professo na ordem de Cristo, guarda-mér da Relação da Baía, c.c. Antônia de Carvalho Araújo, filha de Manuel Soares da Veiga e de Júlia de Carvalho Araújo.

1360. — *João de Paiva* c.c. Leonor de Freitas, veio da ilha da Madeira com a esposa para a Baía, onde teve:

F1 Tomé de Paiva, c.c. Maria de Góis.

1361 — *Tomé de Paiva*, aos 27 de setembro de 1654, em Paripe, c.c. Maria de Góis, batizada a 9 de fevereiro de 1641, filha de Sebastião de Barbuda e de Maria de Góis. Pai de:

N1 Cosme de Freitas de Sá, batizado a 4 de abril de 1665.

N2 Tomé Pedroso de Góis, clérigo, batizado a 18 de novembro de 1670.

1362 — *João Pereira* foi c.c. Ana de Menezes, filha de Francisco Furtado e de Antônia de Menezes. Ana já havia sido c.c. Domingos Teles de Menezes, mas vivendo ambos em franca hostilidade, desquitaram-se, vindo assim a c.c. João Pereira. Não houve filhos.

1363 — *João Pinheiro de Lemos* era licenciado em medicina e exercia a profissão ainda em 1692, com mais de 70 anos de idade, e por isso o governador se opôs a que fôsse ele provido como cirurgião do Têrço Velho. C.c. Helena de Melo e teve:

F1 Joana Pinheiro de Lemos, c.c. Manuel Teixeira de Mendonça.

F2 Luísa de Melo, c.c. Francisco Cardoso de Alpoim.

1364 — *João de Seixas*, capitão, foi c.c. Bárbara de Sá de Menezes e teve:

F1 Inês Teles de Menezes c.c. Agostinho da Costa de Carvalho.

F2 João Pedroso Barbosa, c.c. Tomásia Batista.

1365 — *F2 João Pedroso Barbosa*, no igreja de N. S. de Oliveira (Santo Amaro), sob a administração de Vicente da Costa Cordeiro, aos 20 de outubro de 1698, c.c. Tomásia Batista, filha de Manuel Lopes Batista e de Maria da Encarnação, sendo celebrante do ato o vigário Luís de Sousa Marques.

1366 — *João da Silva Vieira*, capitão, natural da ilha da Madeira, filho de Jerônimo Vieira Tavares e de Catarina Machado, c.c. Violante Pinheiro, filha de Rui de Carvalho Pinheiro e de Maria de Sousa, o ato realizado a 11 de setembro de 1662.

1367 — *João de Uzeda*, irmão de Manuel de Uzeda e de Rodrigo de Uzeda, sendo morador em Cairu, c.c. Leonor Pôrto-Carrero. Diz-se que João de Uzeda Aiala é filho de Rodrigo.

1368 — *João Vieira de Lima*, filho de Luís Vieira de Lima, aos 15 de fevereiro de 1699 c.c. Clemência Dias, filha de Francisco Dias de Ávila e de Clara Dias.

1369. — *José de Brito Freire*, residente no Socorro, aos 25 de agosto de 1727 era provido no cargo de escrivão da ementa da arrecadação do tabaco, na Baía. Foi c.c. Clara dos Anjos e teve:

F1 Francisco de Brito Freire, c.c. a viúva Maria Gomes de Vasconcelos.

F2 Antônio de Brito Freire, c.c. Josefa Maria do Socorro.

1370 — *José Godinho Freire*, filho de Domingos Ferraz de Sousa e de Catarina Godinho Freire, aos 5 de junho de 1692, em Socorro, c.c. Antônia de Aragão, filha de Nicolau de Carvalho Pinheiro e de Maria de Aragão, tendo:

F1 Antônio Godinho Freire.

1371 — *José de Melo de Vasconcelos*, filho de Manuel de Araújo Teles e de Brites de Melo de Vasconcelos, sendo viúvo, c.c. Ana Maria de Aragão, filha de Rui de Carvalho Pinheiro de Aragão e de Felipa da Silva de Oliveira e teve:

F1 Maria,

F2 Clara,

F3 Rosa.

F4 Luísa de Aragão, c.c. Antônio de Brito de Assunção.

1372 — *José Mendes de Faria*, filho de Manuel Mendes Mesa e de Isabel de Faria, c.c. a viúva Francisca de Almeida Velória, o ato celebrado aos 15 de fevereiro de 1665.

1373 — *José de Sá e Albuquerque*, filho de Antônio de Sá Maia e de Catarina de Melo e Albuquerque, fidalgo da casa real e titular da ordem de Cristo, como autor de memórias históricas, c.c. Catarina de Albuquerque, filha de Felipe Pais Barreto e de Brites de Albuquerque, tendo:

F1 Afonso de Albuquerque Melo, c.c. Ana Maria Falcão, Mariana da Câmara de Albuquerque e Inês Barreto de Albuquerque.

1374 — *Luís Gomes Viana*, procedente da vila de Viana, na Baía c.c. Ludovina de Vasconcelos, filha de Teodoro de Lira de Aguiar e de Paula de Barros Lôbo. Pai de:

F1 Paula de Barros, c.c. João de Lima Fiúsa.

1375 — *Luís de Lacerda de Góis*, filho de Luís de Góis de Melo e de Ana de Lacerda, c.c. Joana de Araújo Pereira, filha de Vicente Pereira do Lago e de Ângela de Sousa. O ato realizou-se a 15 de agosto de 1717, na capela de Copacabana, freguesia do Socorro. Pai de:

F1 Ana Maria de Lacerda, c.c. João da Rocha Pita.

F2 Joana Maria de Lacerda.

1376 — *Manuel Aarão Coutinho*, filho de Manuel Aarão Coutinho e de Maria de Brito, aos 4 de março de 1715 c.c. Inácia de Figueiró, filha de Manuel Gomes Dias e de Maria de Vasconcelos.

1377 — *Manuel Alves da Silva*, filho de Antônio Alves da Silva e de Luísa Freire, cavaleiro professo na ordem de Cristo, c.c. Mariana Barbalho, filha de Guilherme Barbalho Bezerra e de Ana de Negreiros.

1378 — *Manuel Correia de Brito* c.c. Mecia de Figueiredo Mascarenhas, filha de João de Figueiredo Mascarenhas e de Apolônia Álvares, falecida a 18 de agosto de 1614, com sepultura na igreja da Ajuda. Pai de:

F1 Violante de Araújo, c.c. Sebastião Barbosa e Francisco Fernandes Pacheco.

F2 Catarina de Brito Correia, c.c. Francisco Pereira de Abreu.

1379 — *Francisco Pereira de Abreu*, natural de Viana, c.c. Catarina de Brito Correia, filha de Manuel Correia de Brito e de Mecia de Figueiredo Mascarenhas, e teve, entre outros filhos:

F1 Isabel de Brito Correia, c.c. João Correio Arnau.

F2 Maria de Figueiredo, c.c. Antônio de Sousa.

F3 Catarina de Brito Correia, c.c. Agostinho de Castro Pereira.

F4 Manuel Correia de Brito.

F5 João Pereira de Abreu.

1380 — *Manuel Fernandes da Costa*, homem de negócios, sargento-mór, cavaleiro professo na ordem de Cristo, c.c. Catarina Teresa de Sá, filha de Pedro Marinho de Sá e de Antônia Teresa de Sá. Viúvo, c.c. Teresa de Jesus Maria, irmã do padre João de Oliveira Guimarães, tesoureiro da sé, comissário do Santo Ofício e da bula da cruzada,

bem como provisor do arcebispado. Pai de:

F1 Luísa Teresa de Santana, c.c. João Lopes Fiúsa Barreto.

1381 — *Manuel de Lara* c.c. Violante de Mendonça, filha de Antônio de Azevedo Lôbo e de Maria do Casal, e teve filhos:

F1 Dionísio de Lara Lôbo.

F2 José de Mendonça de Barros.

1382 — *Manuel de Medeiros Perdigão*, natural de Ponta Delgada, de origem fidalga, c.c. Isabel Garcês de Eça, filha de Zeno Luís de Espinha e de Isabel Garcês de Eça, tendo filhos:

F1 Apolônia,

F2 Teresa.

F3 Manuel de Medeiros de Sousa.

F4 Daniel Furtado.

F5 João Furtado de Sousa.

1383 — *Manuel de Melo de Vasconcelos*, filho de Francisco de Barbuda e de Felipa de Melo, c.c. Maria de Vasconcelos, filha de Bartolomeu de Azevedo e de Isabel de Vasconcelos. Deles nada diz Joboatão a esclarecer, senão que o ato se efetuou a 25 de março de 1686, em Pirajá, pelo vigário Domingos da Costa Rebouças.

1384 — *Manuel Peçanha*, filho de Ambrósio Peçanha e de Brites de Sousa (que era filha de Álvaro Aboim de Brito), c.c. Isabel da Silva, filha de Antônio de Moura e de Brites Barau.

1385 — *Manuel Soares da Veiga*, português, filho de Manuel Pinto Rosa e de Lucrécia Nunes da Veiga, c.c. Júlia de Carvalho Araújo, filha de João Teixeira de Mendonça e de Felipa de Araújo. Casados a 3 de julho de 1678. Pai de:

F1 Antônia de Carvalho Araújo c. João Nunes da Cunha.

F2 Clara Maria de Mendonça, falecida solteira a 24 de julho de 1775, com

sepultura no convento de São Francisco.

1386 — *Martim Carvalho* veio da ilha da Madeira, pessoa nobre, provedor da fazenda real em Pernambuco, comandante de uma bandeira que à sua custa organizou para penetração no Brasil, proprietário em Passé, foi uma vítima da Inquisição, que o perseguiu e de uma feita o mandara preso ao reino. Foi c. c. Luísa Dória, filha de Sebastião Ferreira e de Clemência Dória, tendo tido uma filha:

F1 Clemência Dória, c.c. Bras da Silva de Menezes.

1387 — *Bras da Silva de Menezes* c.c. Clemência Dória, filha de Martim Carvalho e de Luísa Dória, e teve:

N1 Francisco da Silva de Menezes, sacerdote.

N2 Luísa Dória, c.c. Luís de Melo de Vasconcelos.

1388 — *Matias Barbosa*, filho de Pedro Barbosa e neto de Simão Barbosa, fidalgos da casa real, c.c. Leonor Baldes, filha de Justo Baldes e de Leonor Barbosa, e teve:

F1 Maria Caetana de Vasconcelos, c. José de Carvalhal de Oliveira.

1389 — *Nuno Darez* c.c. Joana Teles, filha de Henrique Moniz Barreto e de Leonor Antunes, falecida em 1665. Pai de:

F1 Henrique Moniz Teles, capitão.

F2 Antônio Darez de Menezes.

F3 Genebra de Menezes, c.c. Lourenço Abreu de Brito Sousa.

F4 Leonor,

F5 Inês,

F6 Mariana e

F7 Manuel Teles.

1390 — *Pantaleão da Costa Rosa* c.c. Maria de Almeida e teve:

F1 Francisco de Almeida Rosa, vigário da freguesia do Monte.

F2 Maria dos Passos de Almeida Rosa, c.c. Antônio Machado Velho.

1391 — *Paulo de Lomba* foi c.c. Tomásia Barbosa e teve:

F1 Maria de Campos de Lomba, c.c. Cristóvão Pereira de Aguiar.

F2 Arcângela de Lomba, c.c. Bartolomeu Moniz Teles.

1392 — *Paulo Pereira dos Santos* c.c. Isabel Cavalcanti, filha de Gaspar de Araújo e de Bernarda Cavalcanti, e teve:

F1 Francisco Pereira dos Santos.

F2 Mateus Pereira dos Santos.

1392A — *Pedro de Freitas* c.c. Guiomar de Menezes, filha de Pasqual Bravo e de Melícia Gomes, tendo um filho, que logo faleceu.

1393 — *Pedro Mendes Mesa*, filho de Manuel Mendes Mesa e de Isabel de Faria, c.c. Luzia Pereira, filha de Francisco Pereira Soares e de Maria Pereira de Góis. Era “um dos homens mais honrados da freguesia de Paripe, senhor do engenho grande de Pirajá, feito às suas custas e no qual empregou, e veio a perder, todo o cabedal que possuía”. Pai de:

F1 Bárbara, batizada a 18 de fevereiro de 1646.

F2 José, batizado a 26 de março de 1651.

F3 Manuel, batizado a 3 de fevereiro de 1653.

F4 Francisco, batizado a 6 de abril de 1654.

F5 Maria Pereira de Góis, c.c. Estêvão Rodrigues Pôrto.

F6 Gonçalo e

F7 Nuno.

1394 — *Rui de Sousa Carvalho*, capitão, c.c. Antônia Correia de Sá, nascida em Pernambuco e moradora na Baía, com ela tendo:

F1 Isabel de Bittencourt, c.c. Luís Álvès de Espinha.

F2 Natália Guedes de Carvalho, c.c. Aleixo Antunes da Silva.

1395 — *Salvador Lôbo de Barros*, nascido na freguesia do Socorro, do casal Tomás Lôbo de Barros e Antônia das Candeias, c.c. Joana de Menezes, filha de José Teles de Menezes e de Mariana de Menezes, o ato celebrado na igreja do Carmo a 22 de fevereiro de 1735.

1396 — *Sebastião Barreto*, filho de Baltazar Fernandes Barreto e de Catarina Ribeiro, morador em Matoin, onde tinha propriedades, em 1591 contava cerca de 31 anos e era c.c. Jerônima de Paiva. Pai de:

F1 Maria de Paiva, c.c. Antônio de Melo de Vasconcelos.

1397 — *Simão Ferreira Louçano* c. c. Guiomar Soares de Castro, então residentes em Lisboa, e tiveram:

F1 Lourenço Ferreira Louçano.

F2 Antônia Ferreira, c.c. Jorge Barreto de Melo.

1398 — *Simão Vilas-Boas*, capitão, residente em Sergipe, aos 2 de julho de 1679 c.c. Maria Rocha Barbosa, filha de Belchior Dias Barbosa e de Maria da Rocha Pita, tendo sido o ato celebrado pelo vigário Sebastião Pedroso de Góis.

1399 — *Teodorico de Moraes*, filho de Manuel Correia de Moraes e de Francisca Lopes de Paiva, ambos moradores no termo de Coimbra, na Baía c.c. Margarida Pinheiro de Azevedo, filha de Francisco de Azevedo e de Maria de Barros.

1400 — *Timóteo Fagundes*, capitão-mór em Sergipe, irmão de Urbano Pacheco, foi c.c. Francisca de Sá, filha de Diogo de Sá Souto-Maior e de Guiomar da Rocha. Pai de:

F1 Urbano Pacheco de Sá.

F2 Bernarda de Sá Souto-Maior, c.
c. Antônio Dutra de Almeida.

F3 Antônio Teles de Sá.

F4 Gonçalo de Sá.

F5 Francisco Barreto.

F6 Manuel Fagundes.

F7 André da Rocha de Sá.

F8 Barnabé de Sá.

F9 Rosa de Sá.

1401 — *Tomé Moreira de Pinho*, português, casado, ainda no reino, com Joana da Fonseca, pai de:

F1 Tomé Moreira de Pinho, c.c. Rosa Maria de Lima.

F2 Antônio de S. Maria Traripe, frade franciscano.

F3 Francisco Moreira de Pinho, sacerdote.

F4 Domingos Francisco de Pinho.

F5 João Moreira da Fonseca, capitão.

F6 José da Madre de Deus, carmelita calçado.

1402 — F1 *Tomé Moreira de Pinho*, desembargador, c.c. Rosa Maria de Lima e teve:

N1 Rosa Maria de Lima, c.c. Salvador Borges de Barros.

1403 — *Valentim da Fonseca* era jesuíta e abandonando a companhia, c. c. Leonor de Vasconcelos, filha de Jorge Barreto de Vasconcelos e de Feliciano de Melo, entrando para o sertão, onde passaram a viver e morreram.

1404 — *Vasco de Brito Freire*, que em 1618 era proprietário de fazendas em Paraguaçu, nas quais havia administrador especial, c.c. Grácia Barbosa, filha de Gaspar Barbosa de Araújo e de Catarina Gil.

1405 — *Ventura de Frias Salazar*, fidalgo da casa real, provedor-mór da fazenda, c.c. Branca de Melo Pereira, filha de Baltazar Pereira e de Maria de Melo de Vasconcelos. Faleceu a 15 de abril de 1630, com sepultura em São Francisco. Era irmão de João de Frias Salazar, desembargador do paço, fidalgo da casa real e que ficou como administrador das pessoas dos sobrinhos, filhos de Ventura. Pai de:

F1 João de Salazar de Vasconcelos.

ÍNDICE GERAL

Os números dêste índice em seguida aos nomes mostram no texto a ordem em que êstes são encontrados. O travessão (—) separa indicações de pessoas com o mesmo nome. A linha de união (-) mostra o nome na sua relação de parentesco. A vírgula (,) entre números separa-os quanto à mesma pessoa.

Adão Francisco Rabelo 897, 898, 899
Adelaide Leticia Moniz de Aragão 179-9n2
Adelaide Moniz de Aragão 183-10n12
Adélia Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n9, 1052, 1053—1045-5n14, 1052, 1053-6n21
Adelina dos Santos 819-N4
Adriana de Almeida Lins 275, 319-F4, 321, 323-F3, 1173, 1174
Adriana de Almeida Vanderley 89-Bn1, 92
Adriana Cavalcanti de Albuquerque 71-Tn4, 82, 640
Adriana Francisca de Barros Pimentel 277-Bn2, 326-Bn10
Adriana de Holanda 61-F4, 86, '323, 1172—64-N16
Adriana de Melo 319-F6
Adriano 6.º (papa) 61
Afonso (mestre cirurgião) 1296, 1343
Afonso de Albuquerque Maranhão 34-Bn2—35-Bn5, 37, 1179-Bn1
Afonso de Albuquerque Melo 35-Bn9, 45, 274-N3 1373-F1
Afonso Barbosa 224-Tn1, 1323—1323-F1
Afonso Barbosa da Franca 222-N2, 223, 667, 754-F3
Afonso de Barros Rêgo 76
Afonso da Franca 222, 572, 573, 577—574-N3
Afonso da Franca Côrte-Real 573-F3, 575, 655-F3, 843
Afonso Furtado de Mendonça 34, 34-Bn2, 434, 932
Afons da Gama 1018-F6, 1024
Afonso Gomes 575-N13
Afonso Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n2, 1045-5n17—1051-6n10
Afonso do Porto Pedroso 1022
Afonso Rodrigues 1-F6, 3, 6, 7, 9
Afonso Rodrigues Adôrno 7-N1, 10
Afonso Rodrigues Barreto 1334-F2
Afonso Rodrigues de Ugim 11-Bn4
Afonso 6.º (rei) 142, 1317
Afonso Vaz Côrtes 964
Agostinha Aurelina Lucas 825-F7
Agostinha de Medeiros 948

Agostinho 1080, 1312—1143-F1
Agostinho Barbalho Bezerra 491-F1
Agostinho Caldeira 427
Agostinho Caldeira Pimentel 428-N2, 430
Agostinho de Castilho 923A-N6
Agostinho de Castro Pereira 424-F1, 425, 1379-F3
Agostinho Coelho 266-F3, 268-F1
Agostinho Correia 1143
Agostinho de Costa Carvalho 386-Bn7, 387, 594, 1143, 1264, 1363-F1
Agostinho da Costa Ferreira 1027-F10
Agostinho da Costa Meneses 353
Agostinho da Costa Morais 386
Agostinho de Holanda 64-N15
Agostinho de Holanda de Vasconcelos 61-F3, 64
Agostinho Pais da Costa 1063
Agostinho de Paredes 453
Agostinho de Paredes de Barros 156, 421-N11, 453-F6, 454, 538, 1018
Agostinho Pereira 10-Bn2, 13,
Agostinho Pimentel 427-F1
Agostinho Ribeiro (bispo) 369-F4
Agostinho Sutil de Siqueira 359, 603-F2, 604, 607, 1269—605-Bn1—999 A-N9
Agostinho Trinchão 1008-Bn5
Agueda Barbosa de Barbuda 309-N3, 583
Agueda Barbosa da Silveira 910-N1
Agueda de Barbuda 131-N2, 135, 308-F4, 645
Agueda Camelo de Aragão 728, 734
Agueda Correia de Sá 1090
Agueda da Costa 472, 655, 1320—578, 655-F2—1304-F2
Agueda Coutinho 312-Bn6, 316, 622-N22
Agueda de Góis de Mendonça 688, 726A, 1248-F3, 1325
Agueda Gomes Viegas 1003, 1273
Agueda de Lemos 133-N17, 138, 203, 221-F6
Agueda Luísa Gomes de Lima 439-Bn10, 446, 449, 1289
Agueda de Melo Soares 108-Tn19, 129
Agueda de Menezes 101-Bn12, 109, 152-Tn33
Agueda Moreira 745-F2, 747—607-F5, 748-Bn2
Agueda Pereira 1131-N2
Aguida Pereira de Góis de Mendonça 1001, 1248-F3
Agueda Pereira Soares 330-N8
Agueda de Pina Barbosa 212-N4, 909
Agueda da Silva 1040-4n18, 1048

- Agueda Soares Barbosa* 537-N10
Agueda de Sousa 110-Tn26, 118—538-Bn1
Agueda de Sousa e Aragão 1206-Bn4
Agueda de Sousa Calmon 903-N2
Agueda de Sousa de Góis 632-N2, 635, 1003-N2, 1206, 1207
Aires Furtado de Mendonça, 491
Aires da Rocha Peixoto 19-F7, 30, 31
Albana da Franca 224-n1, 1323
Albano da Franca Pimentel 844-F8, 1277—844A, 1277-F1
Alberto Eduardo dos Santos 1235-F3
Alberto Gomes 1277-F2
Alberto Magno Rangel de Aguiar Daltro 924—Bn7
Alberto da Silveira Gasmão 444, 503-N2, 570-F1, 571
Albina de Avila 24-4n4
Aldonsa Alvares 710, 832
Aldonsa Francisca da Rocha Pita 656-N2, 658
Aldonsa de la Penha Deusdará 710-N3, 768, 774, 775, 776—770-N7, 778
Aleixo Antunes da Silva 356, 1278, 1394-F2
Aleixo Pais 509-F2, 621
Aleixo Pais de Azevedo 622-N1, 623, 630, 680-Bn3, 686, 689, 831, 963, 1097
Aleixo Pais de Vasconcelos 623-Bn1
Alexandre Argolo de Aragão Bulcão 1220-n13
Alexandre Gomes de Argôlo Ferrão (Barão de Ca-jaíba) 661—661-F1, 662, 1220— (Visconde de Itaparica) 661-F2, 663
Alexandre Gomes Ferrão Castelo-Branco 656-N1, 657—659-Tn2
Alexandre Gonçalves de Barros 24-4n2, 1279
Alexandre Pereira do Lago 937-F2
Alexandre Sebastião Borges de Barros 1084-4n1
Alexandre 7.º 327
Alexandre de Sousa Freire (gov.) 341—850-N13, 853
Alexandre de Sousa Freire Tavares de Brito de Castro 854-F2
Aleandrina de Matos 887-4n7, 892
Alfredo de Araújo de Aragão Bulcão 1216-6n33
Alice de Aragão Bulcão 1216-6n38
Alice Loliola 1050-6n8
Alice Moniz Sodré 187-11n2
Alice da Porciúncula 891-5n8
Alonso Marques 622-N15
Alvaceli Meira de Castro 1050-6n4
Alvaro Aboim de Brito 1384
Alvaro de Aguiar Daltro 372
Alvaro de Azevedo 926, 932—926-F2, 928
Alvaro de Carvalho (gov.) 98
Alvaro da Costa 241, 369
Alvaro Girão de Carvalho 386-Bn11
Alvaro Girão Teles 335-N50, 353, 1194
Alvaro Gonçalves Pereira Sodré 827-F2, 828
Alvaro Lopes Antunes 213-F4
Alvaro Loes Sociro 472-N6
Alvaro Rodrigues 5-F1, 6-F1, 7, 9
Alvaro Rodrigues Adôrno 12-Tn3
Alvaro da Silveira 389
Alvaro Sodré Pereira 807-Bn8
Alvaro de Sousa 587-F1
Alvaro de Sousa Basto 536-N1
Alvaro Teixeira de Mesquita 958-F2, 959
Alvaro Vaz Côrtes 964, 966
Alzira Maria de Campos Sales 1054-6n23
Amada Francisca das Chagas 849-N5
Amador de Aguiar 517
Amador da Cruz 654
Amador Dias Canal 99-N9
Amália Josefina Barata 812
Amália Josefina Sodré 812-5n4, 821
Amália Miranda 186-10n25
Amaro Ferreira de Almeida 902
Amaro Ferreira Vilas-Boas 987-F5
Amaro Homem de Almeida 137-Bn26, 563-N7, 877-F2, 878
Amaro Pais Florian 953-F4
Amaro de Sousa Amorim 402, 1018-F4, 1019, 1025
Amaro de Sousa Coutinho 770-N7, 778
Ambrósio de Abreu 568
Ambrósio Alvares Caranha 126
Ambrósio Correia de Sousa 1093-N3
Ambrósio Peganha 1384
Ambrósio de Queirós Cerqueira 150-Tn227
Amélia de Aragão Bulcão 1216-6n35
Américo Correia Garcia 1216-6n34
Ana 17-F5—331-N18—353-Bn38—493-F7—574-N6 — 690-Tn18 — 790-Tn3 — 805-N5 — 826-N6 — 915-Tn12 — 924-Bn1 — 1102-F2 — 1170-N4 — 1239-N1 — 1262-N3 — 1357-F2
Ana de Aguiar 229-N2, 1130-F3, 1133, 1139, 1140
Ana de Almeida 153-Tn35, 161, 896-F1—544-N2
Ana Alvares 1-F11, 19, 30
Ana de Aragão 71-Tn1, 767, 780—484-4n7
Ana de Araújo de Aragão 482, 484, 632-N6, 636, 645, 652, 794, 1245—482-4n3
Ana de Argolo 75, 204-Bn6, 437-N4, 439, 482, 1305—201-F3—286-F1, 596—446-Tn13.
Ana de Argôlo Vargas Cirne 447-Tn18
Ana de Azeredo 1131-N1, 1133-N12, 1134
Ana de Azevedo 400—401—516-F3, 678-N2, 680
Ana Barbosa 1341
Ana Barbosa de Morais 945
Ana de Barros Lôbo 528-Bn9, 1147, 1149, 1160, 1344
Ana de Barros Sociro 71, 473-F2, 631-F1, 632, 645, 652, 754, 803
Ana Barroso de Araújo 1180-F3, 1182
Ana Basto 821, 825-F1
Ana Beltraite 610, 618
Ana Borges de Barros 1085-F6
Ana de Bra de Araújo 1157-F3, 1159
Ana Brandão 610-F5, 618—611-N4, 614
Ana Brandão de Sousa 635, 1001-F3, 1003, 1273-F1—1273
Ana de Brito 597-N8

- Ana Caetana Sodré* 806-Bn7
Ana de Campos Baião 866-N2, 869
Ana Carneiro de Mesquita 277-Bn1
Ana Carolina de Sousa Dantas 810-4n4, 812, 823, 824
Ana Catarina de Vicenzi 1050-6n6
Ana Cavalcanti 51-Tn2—57-F2—65-Bn3—273, 320-N1
Ana Cavalcanti de Albuquerque 36, 72-Tn14, 83, 1095-F2, 1096—67-Bn13, 290-F3, 291—82-F6, 636-Tn5, 640, 1033
Ana Cipreste de Pina e Melo 1227
Ana da Conceição 973-F4
Ana da Conceição de Menezes 158-4n14
Ana Cordeiro 415-F6
Ana Correia 338
Ana Correia Dantas 723-F1
Ana Correia de Sá 1185-F5
Ana da Cunha Vasconcelos 1069-N4
Ana Custódia de Jesus de Aragão 991-Bn6, 996-N1, 997
Ana Dina 1258-F1
Ana Duque 779
Ana de Eça 243-Bn4
Ana Felipa Brigida 970-N12
Ana Fernandes 514
Ana Ferreira Dias 174-7n2, 175
Ana Ferreira Maciel da Câmara 844-F1, 846
Ana de Figueiredo 871-F9
Ana de Figueiró 372-F2, 1055, 1059, 1062—605-Bn3, 606, 1275-F1
Ana da Fonseca 100
Ana da Franca Côrte-Real 572-F3, 577
Ana Francisca de Albuquerque 806, 982-F1, 983
Ana Francisca da Cruz 1237-F10
Ana Francisca Viana 1086
Ana da Gama de Araújo Melo 1155-N2
Ana de Gamboa 72, 228-F2, 368, 436-F3
Ana Garcês de Eça 269-F5—986-F5
Ana Garcia de Araújo 761-N4
Ana Garcia Pimentel 762-Bn1, 763
Ana Girão 384-N4
Ana de Góis 237-Tn5, 239, 690-Tn9—670-N6—683-Bn20
Ana Guedes de Aragão 650-Bn3, 1245-N1, 1246
Ana de Holanda 61-F7, 319—62-N7
Ana de Holanda Vasconcelos 64-N18
Ana Isabel de Queirós Marques 719-N2, 943-Bn1, 944
Ana Inês Josefa Saldanha de Andrade 446-Tn17, 451
Ana Joaquina de Almeida Marques 205-Tn4, 207, 482-4n2, 485, 1281-F2
Ana Joaquina Calmon du Pin e Almeida 883-Bn3, 903-N7, 904
Ana Joaquina do Nascimento 1027-F6
Ana Joaquina de Sousa de Matos 450-4n4, 452
Ana de Lacerda 180-9n10, 186—1313-F2—1375
Ana de Lemos 133-N29, 669
Ana de Lisboa 432
Ana Lôbo 293-F5, 297, 453-F8
Ana Lopes 1068, 1333, 1348
Ana Luísa do Destêrro 1155-N5
Ana da Luz de Barros Lôbo 1147-F5, 1344
Ana Machado 113
Ana Maria 35-Bn13—789-Bn12—911-Bn7—1356-F8
Ana Maria de Aiala 463-F6, 466, 952-F1
Ana Maria de Aragão 506-Bn2, 1371
Ana Maria Caetana de Sousa 937-F7, 1116-F3, 1118, 1120
Ana Maria da Câmara 861-F2, 863
Ana Maria da Conceição 855-F3
Ana Maria Dorotêia de Sousa Freire 854-F1
Ana Maria de Espínola 778
Ana Maria Falcão 45, 274-N3, 1373-F1
Ana Maria da Fonseca 466-N9—908-F2, 910-n4, 911
Ana Maria da Fonseca de Abreu Lima 845-F5
Ana Maria da Franca Côrte-Real 843-Bn1, 845
Ana Maria de Jesus 124-4n10, 126—565-Bn3—1090-Bn5, 1091—1147-F2, 1148
Ana Maria de Lacerda 769-N1, 771, 1375-F1
Ana Maria de Lemos 977-Bn8
Ana Maria de Melo Côrte-Real 911-Bn2, 912, 1164-F1
Ana Maria de Mendonça 917-N4, 1336
Ana Maria de Menezes Castro 497-Tn1, 498, 1015-F3, 1109
Ana Maria de Monserrate 790A-Tn5
Ana Maria do Nascimento 206-4n10
Ana Maria das Neves 740-Tn4
Ana Maria da Ressurreição 923A-N3
Ana Maria Sanches 962-Tn4
Ana Maria de S. Domingos 1094-F7
Ana Maria de S. Joaquim 450-4n8
Ana Maria de S. José 253-4n12, 980-Tn2, 981—1149-F6
Ana Maria de S. José e Aragão 185, 1034-Tn7, 1038, 1040-4n17, 1212—1031-Bn7, 1032-Tn1, 1034, 1042, 1043—1039-4n14, 1043-n20, 1047—1039-4n15
Ana Maria de S. José de Lemos 980-Tn5
Ana Maria da Silva Pimental 195-F4, 199, 428-N4, 762
Ana Maria de Vargas Cirne 439-Bn11, 447, 967-N3
Ana Maria de Vasconcelos 924, 1060-N2, 1068-F1, 1069—984-F1—1064-F2, 1261
Ana Martins Casado 553-F2
Ana de Melo 76, 321-N4
Ana de Melo Varela 143-Tn4
Ana de Menezes 138-Bn35, 161, 856-F1, 857, 861, 864—332-N29, 343, 1335-F5, 1362—344-Bn21—455-Bn4—827—1308-F1
Ana de Menezes Castro 499-5n1, 1110-N3, 1112—1111-Bn5
Ana de Mesquita de Menezes 607-F4
Ana Moniz de Aragão 190-11n22
Ana Monteiro de Abreu 1254-F5, 1255
Ana Moraes 61-F2, 63, 77
Ana Moreira de Pinho 1358-F2
Ana Murta de Argôlo, Pires 1046-5n21

Ana de Negreiros 478-N3, 491-F2, 492, 1377
Ana de Novais 611-N3, 619—
Ana Nunes Bezerra 840
Ana Pais de Azevedo 346-Bn26, 363
Ana de Paiva de Aragão 652-F1
Ana Pereira 21-N1, 22, 1247-F2—67, 470, 473, 478
 —472-N9, 537B, 730, 732, 967, 1187—1167-F5,
 1168
Ana Pereira da Silva 74-4n5, 75, 707-N1, 1030
Ana Pinheiro de Aragão 637-Tn8, 763-F1, 764
Ana Pires Bulcão de Teive e Argolo 1227-F5, 1232-
 N1, 1234
Ana do Rêgo 515,N5—518-F2
Ana dos Reis 523-F4
Ana Ribeiro 331, 333, 372-F5, 373, 380, 1337-F1
Ana Rita de Aragão Bulcão 1210-5n3
Ana Rita Calmon de Aragão Bulcão 1213-6n9
Ana Rita Calmon da Pin e Almeida 893-5n14
Ana Rita Cavalcanti de Albuquerque 893, 1209-4n2,
 1210
Ana Rita Pires de Aragão Bulcão 1212-6n3, 1231-F2
Ana da Rocha 327-Bn11, 328
Ana Rodrigues 132, 213, 219—1343
Ana Romana Calmon da Gama 184-10n16
Ana da Silva 63—1278
Ana da Silveira 78
Ana Sodré de Sá 814-6n1
Ana de Sousa 156, 421-N11, 453-F6, 454, 538, 1018
 —420-N7, 473-F3, 474—335-N47—424-F3, 537C—
 471-N2, 789, 840-F1, 841—699-N2—1018-F2,
 1022—1299
Ana de Sousa de Aragão 635-Bn13, 1205-N2, 1207—
 1206-Bn6
Ana de Sousa Casal 529-Bn14
Ana Teles Garcia 715-F5
Ana Teles de Menezes 387-Tn7—71-N15—1021-N2
 —1103-F3, 1105
Ana Teresa 1030-Bn2
Ana Úrsula de Sousa 163, 690-Tn6, 695, 720
Ana de Vargas Cirne 731-N1, 733
Ana de Vasconcelos 112-Tn41—319-F9—623-Bn7, 680,
 Bn6, 689, 1158
Ana Veloso Bacelar 568
Ana Vicira de Lima 995, 1307—1307-F2
Ana Virginia de Castro 818-F1, 819
Anacleto de Magalhães de Menezes 1021-N1, 1026
André 542-F3
André Aivares 1131-N1, 1133-N12, 1134
André Barbosa 1323-F2
André Barbosa da Franca 223-Bn1, 224, 746-N1
André de Brito de Castro 847-F3, 850, 853, 855—
 849-N12
André de Brito Lôbo 596-F3
Anarê Cavado 383
André Cavalo de Carvalho 98-N3, 112, 335, 383-F1,
 384, 395-F3, 1270, 1356-F1—120-4n9—335-N47
 —353-Bn34
André Correia de Sande 1184-F1

André da Costa de Andrade 521
André da Costa Barros 850
André do Couto 319-F6
André Cursino de Brito 739-Tn2
André Dias da Franca 572
André Fernandes Bezerra 964-F1, 966
André de Figueiredo Mascarenhas 1301-N2
André de Freitas Magalhães 1280
André Gago da Câmara 35-Bn10, 36-Tn2, 46
André de Góis de Siqueira 679-N22
André Golias 1130-F1, 1131, 1134, 1136
André Gomes da Costa 64-N17
André Lopes da India 920, 1297-F1—921-N2, 922
André Marques 207, 485, 1281
Anarê Marques da Rocha Queirós 719-N1
André Monteiro de Almeida 113, 293, 367-F2, 453-
 F4, 1123
André Monteiro de Barros 293-F4, 296, 1056-N6
André Padilha de Barros 204, 370-F1, 371, 1165
André Padilha de Magalhães 1165-F5, 1166
André Paruê 596
André Paruê de Brito 597-N3
André Pecanha 691-Tn12, 716
André Pinheiro de Carvalho 502-F7, 526-N7
André Ribeiro 897
André da Rocha Dantas 87
André da Rocha de Sá 1400-F7
André Rodrigues Correia 19-F2
André Serrão 1297-F3
André Teixeira de Mendonça 916
André Vaz Côrtes 964-F2, 965, 1077-N7
Andresa de Almeida 897-F3
Anaresa de Araújo 568, 933, 938, 1318-F1
Andresa Dias 20-F7
Anãresa de Faria 1131-N5, 1136
Angela 318-Tn13—571-N4
Angela Barbosa 332-N28, 342
Angela de Bittencourt 366
Angela da Cunha 134-Bn8, 148, 308-F5, 310, 1354-
 F2—147, 148, 310, 1354—147-Tn16, 1059-F1,
 1060, 1065, 1069—1069-N3
Angela da Cunha de Eça 253-4n5
Angela Custódia 1338
Angela de Eça 243-Bn3, 247-Bn13, 250—243-Bn6,
 700-F3, 702—250-Tn13
Angela Josefa Pereira de Aragão 503-N3, 1265-F1,
 1266
Angela de Lemos 519-F6, 1286, 1302, 1304
Angela Lôbo de Mendonça 102, 133-N18, 329, 396
Angela de Melo de Barros 105-Tn7
Angela de Menezes 109, 332-N25, 384-N1, 385, 955,
 978, 1058—109-Tn24—110-Tn28, 120, 1282-F4—
 111-Tn33, 121—310-N3, 312—313-Bn12—344-Bn20
 —410-Bn6 —536-N1—537A-Bn6—604-N7—1058-
 Bn2, 1109-N1, 1111, 1115, 1262
Angela de Menezes de Vasconcelos 121, 122, 134-Bn9,
 329-F1, 334
Angela Moniz de Aragão 507-Bn9
Angela Pais 622-N6, 627

Angelo Pereira 334-N37

Angela da Rocha 1261

Angela de S. José 686-Bn33

Angela de Siqueira 677-F6, 679, 712, 964-N11, 950, 1249

Angela Soares Barbosa 101-Bn8, 108, 129, 537-N9

Angela de Sousa 118, 144-Tn5, 156, 294, 454-N4, 537-N7, 538—420-N5, 591, 592, 595, 1253—595-F3, 937, 940, 1118, 1266, 1375—1018-F3, 1020

Angela de Sousa de Menezes 340-Bn13, 361, 455-Bn2

Angela Teles 864-F3, 1049-Bn3, 1050

Angela de Vasconcelos 293-F4, 296, 1056-N7

Angela Vieira 874-F4, 875

Angélica de Sampaio Viana 186

Angelina Gordilho Guimarães 1214-6n15, 1218

Angelita de Aragão Bulcão 1218-7n15

Angelo de Araújo da Mota 119, 120, 334-N43, 1282

Angelo de Couros Carneiro 976-Bn2

Angelo da Encarnação 691-Tn16

Angelo da Fonseca 1130-F7, 1284

Antão Delgado Aires 415—415-F10—416-N7, 418, 511-N2

Antão Gil 1-F14, 29, 220, 221—29-F6

Antônio Lopes de Horta 515-N3, 518

Antão de Melo Aires 416-N8

Antão (ou Antônio) Vas 1-F10, 18

Antônio 353-Bn35—441-Bn23—489-N9—690-Tn19—862 N10 — 915-Tn10 — 999A-M12 — 1239-N4 — 1346-F9

Antônia de Abreu de Araújo 935-N5, 936

Antônia de Aguiar 372-F4

Antônia de Almeida 543-F1, 549, 550

Antônia de Aragão 438-Bn8, 444, 508, 571-N1—503, 641-F3, 651, 653—503-N1, 1370

Antônia de Araújo 595-F6

Antônia de Araújo de Aragão 481-Tn1, 482, 645-N7, 753, 781, 1244-F1, 1245

Antônia de Araújo Barbalho 484-4n8, 620

Antônia de Argolo de Menezes 74-4n5, 75, 439-Bn15

Antônia de Azevedo 1136-F2—1140-F5

Antônia Barbalho Bezerra 155, 160, 489, 491-F4, 561-F5, 723, 1274

Antônia Barbosa 300-Bn8

Antônia de Barros 357-Tn2

Antônia Bezerra 958-F2, 959

Antônia Bezerra de Vargas 447-Bn21

Antônia de Bittencourt 356-Bn48

Antônia Brandão 1119

Antônia de Brito 737-N2

Antônia Caetano 659

Antônia Caetana Calmon du Pin e Almeida 881-N1, 902-F1, 903

Antônia Calmon du Pin e Almeida 882-N14

Antônia das Candeias 1395

Antônia de Carvalho Araújo 1359, 1385-F1

Antônia Castelo-Branco 129

Antônia de Castro 676, 745-F4, 750—847-F5

Antônia Correia de Sá 1278, 1394

Antônia Dória de Menezes 436-F1, 437, 494-N2, 616, 693, 1186, 1291

Antônia de Eça 240-F2, 242, 257-F5; 263—243-Bn7, 268—250-n12—263-F4—264-N4, 265

Antônia de Faria 238—793-F1, 941-F1, 942

Antônia de Faria Pimentel 427-F3

Antônia Ferreira 144-Tn5, 156, 1397-F2

Antônia Ferreira 144-Tn5, 156, 1397-F2

Antônia de Figueiró 333-N34

Antônia Fogaça 3-F2, 5, 7, 1241-2

Antônia da Fonseca 64-N15—1009-Bn10, 1012

Antônia da Franca 572-F5

Antônia Francisca de Aragão 834-F7, 1078-N8, 1079

Antônia Francisca de Menezes 717-Tn7, 73, 756-N7, 782

Antônia Freire 298-Bn5—861-F6

Antônia de Freitas Jardim 1113

Antônio da Gamboa 228-F3, 230, 436-F4

Antônia Garcês de Eça 269-F9—1161-F6, 1164-F2, 1164A

Antônia Garcês de Oliveira 98-N2, 101, 683, 1356-F2

Antônia de Góis 359, 669-F1, 670, 678-N1—685-Bn28, 714—689-Tn1—1098-N4, 1101, 1102

Antônia Helena 554-N1,

Antônia Isidora de Argolo 450-4n7

Antônia Isidora Maria Bezerra de Vargas Cirne 439-Bn10, 446, 967-N2

Antônia Josefa Gaioso de Peralta 726-Bn1, 727

Antônia Lôbo 70-Bn23, 72, 83, 368-F1, 711, 1096—453-F10

Antônia Luísa de Vasconcelos Vilas-Boas 768-F6, 770, 778, 889-N4

Antônia Maciel da Cruz 995

Antônia Margarida de Albuquerque 34-Bn1, 1310

Antônia Maria de Araújo 937-F4

Antônia Maria de Menezes 169, 648-Bn2, 1004-Bn1, 1005

Antônia Maria de Sousa de Eça 764, 765

Antônia Maria de Vasconcelos 623-Bn4, 830-N1, 831, 1097

Antônia Martins Casado 553-F3

Antônia de Melo Varjão 1009-Bn11, 1013

Antônia de Melo Vasconcelos 597-N1, 601

Antônia de Menezes 132-N12, 664—136-Bn19, 343, 1335, 1362—137-Bn27, 284-N4, 286—150-Tn27—155-Tn48—168, 1266-N1, 1267—310-N7, 313, 464, 705-Tn1, 946-N4, 949—332-N24, 679-N20, 687, 1331—338-Bn5, 359, 604-N6—408-N2, 410—462, 701-N1, 703—537A-Bn2—599, 1190—676-F1—1193-N5

Antônia de Menezes Mendonça 106-Tn9, 115, 438-Bn2, 1265

Antônia de Menezes de Vasconcelos 109-Tn23

Antônia Moniz Barreto 565-Bn1, 566

Antônia Moniz da Cunha 466-N7, 468, 1007-N7

Antônia de Moura 326-Bn5

Antônia Nunes 500, 509-F1, 514-F1, 515, 516, 518—518-F3—

Antônia de Oliveira 1343-F1

- Antônia de Pádua* 283-N1, 285, 462-N1, 467, 721
Antônia de Pádua da Fonseca 463-F2, 947
Antônia de Pádua de Góis 461, 463, 677-F1, 1351
Antônia do Paraíso 74-4n8
Antônia de la Penha Deusdará 72-Tn12, 74, 710-N2, 1029
Antônia Pereira Lobo 101-Bn6, 106
Antônia Pereira dos Santos 881, 901
Antônia Pereira Soares 741-F1, 933-F5, 935
Antônia Pereira Soeiro 62-N3, 67, 291, 470-F5
Antônia de Queirós e Argolo 206-4n12
Antônia de Sá 407-F1, 737, 1306
Antônia de Sá Barreto 75, 440-Bn17, 706-F1, 707
Antônia de Sá Menezes 224, 284-N5, 745-F1, 746
Antônia do Salvador 849-N6
Antônia de S. Francisco 923A-N5
Antônia da Silva 695
Antônia da Silveira 1007-N4
Antônia Soares 132-N9, 136, 394—610-F4, 613, 689
Antônia Soares de Góis 149-Tn21
Antônia de Sousa Lobato 1073-F1, 1075
Antônia Teles de Menezes 385-Bn3, 1056-N3—1058, 1111—387-Tn2, 1143—1021-N1, 1026
Antônia Teresa de Sá 773, 942-N1, 943, 1150-F1, 1380
Antônia Teresa de Sá Pita 206-4n3, 208, 773-Bn1
Antônia Teresa de Sá Pita e Argolo 209-6n2, 210A, 210B
Antônia Teresa Vanderley 210A-F3
Antônia de Vasconcelos Góis 680-Bn1
Antonieta de Aragão Bulcão 1223-Tn29
Antonieta Bulcão Leão Veloso 1235-F2
Antônio 11-Tn37—173-6n8—318-Tn11—331-N19—382-Tn3—427 (prior do Crato)—503-N12—612-N8—748-Bn3—1102-F4—1289-N9
Antônio de Abreu Ferraz 269-F3
Antônio de Abreu Garcês 237, 1285
Antônio Acioli de Vasconcelos 275-N8, 280
Antônio de Aguiar Daltro 146, 251, 374-F1, 375, 945-F1
Antônio de Albuquerque Coelho 303-N1, 304-N2, 305, 1330
Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho 305-Bn22, 307
Antônio de Albuquerque Maranhão 33-N1, 34, 35, 1310—35-Bn3
Antônio Alemão 502-F8
Antônio de Almeida 1165-F4
Antônio Alvares de Oliveira 1190
Antônio Alvares da Silva 1170-N2
Antônio Alves Barreto 1258-F5
Antônio Alves Pinto 554-F1
Antônio Alves da Silva 1377
Antônio de Alvim Brandão 1269-N5
Antônio do Amaral de Lemos 520-N4, 522
Antônio dos Anjos 1122-N3
Antônio de Aragão 644-F4—653-F1
Antônio de Aragão Pereira 428-N6—444-Tn4, 506-Bn1, 508—644-F2, 646, 752-F8—645-N2, 649, 753-N3, 756-N5
Antônio da Aragão de Sousa 738-Bn4, 1202
Antônio de Araújo 20-F8, 220—946-N12
Antônio de Araújo de Aragão 634-Bn2—636-Tn2
Antônio de Araújo de Aragão Bulcão (3.º Barão de São Francisco) 181, 1210-5n6, 1214, 1223, 1235—1206-Bn7—1209-4n1—1214-6n17, 1219, 1358-F1—1219-7n12—1223-7n22, 1226
Antônio de Araújo da Fonseca 463-F6, 466, 952-F1—466-N6
Antônio de Araújo Góis 163, 690-Tn6, 695, 720—678-N9—680-Bn10—684-Bn24, 692, 712-F2, 718—691-Tn15
Antônio de Araújo Pestana 738-Bn3, 744
Antônio de Araújo de Sousa 241-N8, 242-N11, 246—243-B5, 267
Antônio Augusto de Aragão Bulcão 1218-Tn8
Antônio Augusto Guimarães 1222
Antônio Azevedo 928-N1
Antônio de Azevedo Lobo 524-F1, 525, 533, 1381
Antônio Barbalho 848-4n9
Antônio Barbalho da Franca 841-Tn4, 484, 620, 645-N9, 798-F1
Antônio Barbosa de Araújo 445, 616-Bn3, 786-N5, 787A, 1153
Antônio Barbosa de Argolo Araújo 790A-Tn1
Antônio Barbosa Leal 1098-N2, 1099
Antônio Barbosa de Sousa Coutinho Pinto 315-Tn5
Antônio Barbosa de Vasconcelos 686-Bn35, 1097-F1, 1098, 1101
Antônio Barreto de Melo 131-N3
Antônio de Barros 231-Bn3—474-N2—1294-N1
Antônio de Barros Cardoso 69, 1127-F1, 1128
Antônio de Barros da Franca 574-N4
Antônio de Barros Furtado 525-N5, 533
Antônio de Barros de Gombard 230-N4, 232, 1006-F2, 1199, 1293—237-Tn5, 239, 690-Tn9
Antônio de Barros Lobo 453-F9—858-Bn1—1147-F6
Antônio de Barros Magalhães 145
Antônio de Barros Pimentel 61-F8, 324—324-F1
Antônio Batista de Melo 752-F5, 753-N3, 755
Antônio Belo da Silva 113
Antônio Bernardino da Rocha Pita e Argolo 209
Antônio de Bittencourt de Sá 837-N10
Antônio Borges de Barros 1077-N3—1078-N13
Antônio Borralho 519-F6, 1286
Antônio de Bra 1157-F2
Antônio Brandão de Araújo 686-Bn36
Antônio Brandão Pereira 791, 799-F1, 800
Antônio Bravo 923
Antônio de Brito de Araújo 593-N1, 594
Antônio de Brito de Assunção 1371-F4
Antônio de Brito Cassão 738-Bn5
Antônio de Brito de Castro 596-F1, 847, 852—847-F6, 851
Antônio de Brito Correia 432-F2, 433—592-F1, 593, 595-F5
Antônio de Brito Freire 1061-Bn1, 1369-F2—1191-N1
Antônio de Brito Machado Peçanha 1237-F1, 1238
Antônio de Brito de Oliveira 594-Bn1

- Antônio de Brito Pereira* 425-N2, 426A
Antônio de Brito de Sousa 1116-F2, 1117
Antônio Caetano de Barros Lôbo 1149-F3
Antônio Caldeira de Menezes 340-Bn15
Antônio Calmon de Aragão Bulcão 1213-6n10
Antônio Calmon de Brito 880-F2, 882-N6
Antônio Calmon du Pin e Almeida 667-Bn2, 882-N10, 885—886-Tn7, 889, 906-F2, 1213—887-4n6, 891 889-4n8—891-5n5—893-5n12
Antônio Cardoso de Barros 48 (nota)
Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n5—1050
Antônio Carneiro da Rocha 498-4n2, 726, 1099, 1109
Antônio de Carvalho 505-N15
Antônio de Carvalho Tavares 1104
Antônio de Castro de Sousa Brito 409-Bn3
Antônio de Castro Trinchão 977-Bn6, 1008-Bn3, 1010
Antônio Cavalcanti 36—50-Bn1—71-Tn3
Antônio Cavalcanti de Albuquerque 48-F1, 49, 56, 157, 61-F5, 303—56-F4—71-Tn11—72-Tn15—83-F1, 84, 724-N2—276—969-N6, 973—973-F5
Antônio César Caminha 817
Antônio Coelho Brandão 611-N4, 614
Antônio Coelho de Carvalho 76-F4, 302-F2, 304, 305
Antônio Coelho Pinheiro 132-N13, 563
Antônio Coelho do Prado Pimental 844A, 1277
Antônio Cordeiro Aires 299, 300, 355, 415-F1, 416, 510-F2, 512—416-N1
Antônio Correia de Figueiredo 670-N7
Antônio Correia de Vasconcelos 1148-N2
Antônio Correia Ximenes 921
Antônio da Costa 262-F1, 1287
Antônio da Costa Coelho 449, 1289
Antônio de Couros Carneiro 127-F2, 361, 731, 974-F1, 975, 984—704-Bn4, 975-N2, 976, 985—974, 982—977-Bn5
Antônio da Cruz 722—722-F2
Antônio da Cruz Arrais 1333-F1
Antônio Darez de Menezes 1389-F2
Antônio Delgado Aires 383
Antônio Dias Adorno 3-F2, 5, 7, 1241-F2
Antônio Dias Cardoso 35
Antônio Dias Coutinho 466-N11
Antônio Dias Duarte 406
Antônio Dias de Figueiredo 872-F3
Antônio Dias Ribeiro 871-F4, 872
Antônio Diniz Ribeiro 374-F6, 1290
Antônio Domingues do Paço 551-F2, 55—555-F2
Antônio Dormundo Pimentel 466-N9
Antônio Dutra de Almeida 729, 1400-F2
Antônio da Esperança 68-Bn15
Antônio de Faria Severim 167, 437-N7, 1291
Antônio de Faria Varjão 1131-N3
Antônio Félix de Aragão de Sousa 1164A-N1, 1202-F1, 1203
Antônio Félix de Bittencourt de Sá 834-F8
Antônio Félix de Sousa Estrêla 81-F1
Antônio Fernandes 234-Bn9—751
Antônio Fernandes de Abreu 370
Antônio Fernandes da Costa 215-Bn1
Antônio Fernandes Furna 42
Antônio Fernandes Roxo 522
Antônio Ferrão Castelo-Branco 1169-F2, 1170
Antônio Ferrão Moniz de Aragão 182-10n4, 183-10n11, 189. 1225
Antônio Ferraz de Abreu 244, 245—245-Bn9, 251, 375-N1
Antônio Ferreira da Cunha 1070
Antônio Ferreira Dormundo 1263
Antônio Ferreira Feio 559-N2—1167-F5, 1168
Antônio Ferreira de Sousa 153-Tn37, 160-4n21, 164—155, 160, 489, 491-F4, 561-F5, 562, 723, 1274—164-5n4—346-Bn27, 563-N10, 564
Antônio de Figueiredo 871-F1—873-F4
Antônio Filgueiras 1304
Antônio da Fonseca Saraiva 139-N40, 461-F5, 461A
Antônio Francisco de Lacerda 186
Antônio Franco 1218-7n5
Antônio de Freitas 582-F5
Antônio de Freitas do Amaral 533-F3
Antônio de Freitas do Amaral Lemos 522-Bn6
Antônio de Freitas Lôbo 528-Bn4, 532
Antônio Freitas de Moraes Barreto 846
Antônio de Freitas Nogueira 740-Tn5
Antônio de Freitas Teles 528-Bn5, 737-N4, 738, 744, 1212
Antônio Galas da Silveira 155-Tn47, 909-F1, 910—911-Bn2, 912, 1164-F1
Antônio Garcia Moreira de Aragão 811-5n1, 822
Antônio Garcia Pacheco de Almeida 764-N4
Antônio Gaspar 923
Antônio Godinho Freire 1370-F1
Antônio de Góis 680-Bn17—686-Bn32
Antônio Gomes 655-F1, 656, 1169-F1
Antônio Gomes Ferrão Castelo-Branco 657-Bn1, 659
Antônio Gomes de Sá 769-N5, 1150-F5, 1152—798-F2, 943, 1150, 1153
Antônio Gomes Vitória 404-F1—405-N3, 406, 757, 879
Antônio Gonçalves 1288, 1329
Antônio Gonçalves de Lima 1075-F1
Antônio Gonçalves da Rocha 206, 692-Tn21, 718
Antônio Gonçalves da Rocha Queirós 718-F2, 719, 796, 944
Antônio Guedes 432, 433, 435-F2—432-F3
Antônio Guedes de Brito 431, 433-F1, 434, 650, 665-F1, 1016
Antônio Guedes de Paiva 632-N6, 652
Antônio de Holanda de Vasconcelos 48-F9, 61-F2, 63. 77
Antônio Homem de Almeida 101-Bn14
Antônio Joaquim Borges de Barros 1085-F3, 1086
Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (Visconde de Torre de Garcia de Avila) 185, 1034-Tn7, 1038, 1040-4n17, 1212—1031-Bn10,

- 1032-Tn2, 1035, 1039, 1041—1034-Tn11, 1035-Tn13, 1042—1046-5n19, 1054—1054-6n30
- Antônio José Calmon de Sousa de Eça* 905-F1
- Antônio José Moniz Barreto* 913-Tn8
- Antônio José de Negreiros Côrte-Real* 482-4n4, 486, 488-N2
- Antônio José Pires de Carvalho e Albuquerque* 1036, 4n3
- Antônio José de Sousa Freire Tavares de Castro Leal* 782-Bn1, 853-F3, 854
- Antônio José de Sousa Portugal* 1111-Bn1, 1115
- Antônio José Teixeira* 969-N7
- Antônio Leal de Fontes* 1192-F2, 1197
- Antônio Leitão de Azevedo* 516-F6
- Antônio Leitão de Vasconcelos* 64-N14
- Antônio Lopes Ferreira de Sousa* 887, 889, 906
- Antônio Lopes Soeiro* 471-N3—472-N8
- Antônio Luís* 15-F2—254A
- Antônio Luís de Castelo-Branco* 1243
- Antônio Luís Ferrão* 923A-N3
- Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho* 761, 875
- Antônio Luís de Medeiros* 1237-F13, 1240
- Antônio Machado Peçanha* 1236-F2
- Antônio Machado de Vasconcelos* 1018-F2, 1022
- Antônio Machado Velho* 160-4n25, 1003-N3, 1004—169, 648-Bn2, 1004-Bn1, 1005—635-Bn13, 1205-N2, 1207—1001, 1248-F3—1001-F2, 1002, 1205, 1390-F2
- Antônio Maciel Aranha* 860-N1
- Antônio de Magalhães de Menezes* 1026-F2
- Antônio Manuel da Câmara* 834-F2, 835, 1077-N1—835-N2
- Antônio Manuel de Figueiredo Mascarenhas* 1300-F1, 1301
- Antônio Manuel de Moraes Sarmento Pôrto-Carrero* 1206-Bn2, 1292
- Antônio Manuel Vasco* 529-Bn11
- Antônio Marques de Azevedo* 1344
- Antônio Martins de Azevedo* 541-N1, 542, 545
- Antônio Martins Bareda* 1201
- Antônio Martins Lima* 232-Bn5, 1293, 1294
- Antônio Martins Pereira* 1050-6n2
- Antônio de Melo* 106-Tn10—113-4n3
- Antônio de Melo de Vasconcelos* 98-N1, 100, 1396-F1—104-Tn1, 113, 496-Bn2—105-Tn2—215-Bn6, 217, 347, 1270-F4
- Antônio Mendes Bravo* 921-N1, 923-F1, 923A—923
- Antônio Mendes de Oliva* 605, 998, 1000
- Antônio de Mendonça Furtado* 319-F7
- Antônio de Menezes Teles* 285-Bn2, 464-N1, 467, 1164A
- Antônio das Mercês* 35
- Antônio de Miranda* 547-F4
- Antônio de Miranda Silveira* 349
- Antônio Moniz* 143-Tn—148-Tn19—400-Tn1—681
- Antônio Moniz de Aragão Ferrão* 176-8n4, 179, 808-Tn1
- Antônio Moniz Barreto* 90-Bn3, 93, 158-4n12—116, 351, 396-N4, 408-N1, 409, 563-N7, 565—135-Bn16—136-Bn18—137-Bn23, 150, 158, 877-F1—138-Bn34—153-Tn35, 161, 857-N4, 896-F1—158-4n16—217-Tn25—329-F10, 333, 373-N1—411-Tn2—536-N5, 537A—537A-Bn8, 537B, 730-F3—723-F3—861-F3
- Antônio Moniz Barreto de Aragão* (Barão de Mataripe) 180-9n9, 185, 1038-4n13—185-10n20—190-11n23
- Antônio Moniz Barreto de Aragão e Menezes* 174-7n2, 175
- Antônio Moniz Barreto de Sousa e Aragão* 169-6n1, 174
- Antônio Moniz Botelho* 475
- Antônio Moniz Cabral* 466-N5, 979
- Antônio Moniz Girão* 396-N1, 398, 668
- Antônio Moniz de Lisboa* 453-F7
- Antônio Moniz de Menezes* 675-F2
- Antônio Moniz Sodré de Aragão* 179-9n1—182-10n10, 188, 816—816-7n1
- Antônio Moniz de Sousa* 1287-F1, 1288/
- Antônio Moniz de Sousa Barreto* 565-Bn4
- Antônio Moniz Teles* 90—133-N24, 140, 431, 601, 602, 622-N20, 680—879-Bn2—930-Bn1
- Antônio Monteiro Freire* 924-N4, 300, 416-N10
- Antônio de Moraes Silva* 660
- Antônio Moreira* 451-4n11
- Antônio Moreira de Gamboa* 436-F1, 437, 494-N2, 616, 693, 1186, 1291—730-F3, 1186-F2, 1187
- Antônio Moreira de Menezes* 75, 204-Bn6, 437-N4, 439, 482, 1305—443-Tn1, 929-N5, 931—445-Tn7—448-Tn24
- Antônio da Mota* 1295
- Antônio de Moura* 191-F2—1384
- Antônio de Moura Rolim* 195-F3, 198—196-N1, 199-N2, 200—199-N3
- Antônio Olavo Calmon de Araújo Góis* 889-4n16
- Antônio de Oliveira de Carvalhal* 97, 131, 287-F2, 393—134-Bn4, 145, 260, 629—157-4n8—260-Bn1
- Antônio Pacheco de Almeida* 762-Bn1, 763
- Antônio Pais* 622-N3, 625
- Antônio Pais de Aragão* 753-N2, 757, 758
- Antônio Pais Barreto* 45
- Antônio de Paiva* 28-F1, 220
- Antônio de Paiva Dormundo* 591-F2
- Antônio Pedro da Costa Ferreira* 1027-F9
- Antônio Pedro Moniz Barreto* 167-5n21
- Antônio da Penha de França* 880-F2
- Antônio Pereira* 1247-F1
- Antônio Pereira Pinto* 1139-F1, 1141
- Antônio Pereira de Sampaio* 1189-F1
- Antônio Pereira da Silva* 1062-F3, 1063
- Antônio Pereira Soares* 301, 330-N9—736-F3, 741, 935
- Antônio Pereira de Sousa* 528-Bn1, 534
- Antônio Pessoa* 1166
- Antônio da Piedade* 1301-N1
- Antônio Pinheiro de Carvalho* 502-F9—864-F4

Antônio Pinheiro Feio 33
Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque 1030-Bn3
 —1041-4n19—1050-6n6
Antônio de Queirós 692-Tn19
Antônio de Queirós Cerqueira 679-N25, 680-Bn7,
 692, 712
Antônio de Queirós Marques 719-N4
Antônio de Queirós Teles 341-Bn16
Antônio Rabelo de Macedo 117, 345-Bn25, 505-N16,
 1103, 1104, 1105—793—1105-F1
Antônio Rangel 370-F6
Antônio Reginaldo de Freitas, 744-F1
Antônio Ribeiro 201-F4, 282, 369, 1184—1184-F2
Antônio Ribeiro de Lacerda 50, 191-F7, 194, 195
Antônio da Rocha Bezerra 319-F10
Antônio da Rocha Dória de Menezes 1262-N1
Antônio da Rocha Moniz 1007
Antônio da Rocha Martins de Argolo 210-7n1
Antônio da Rocha Pita 208, 769-N3, 773, 943-Bn4,
 1156—710-N3, 766-F2, 768, 774, 775, 776, 955
 —767-F3—778-F1
Antônio da Rocha Pita e Argolo (Conde de Passé)
 208-5n2, 209, 210A, 1156-Bn2
Antônio Rodrigues 234-Bn10
Antônio Rodrigues Campelo 968—968-F1—969-N1
Antônio Rodrigues Lima 884
Antônio Rodrigues Lisboa 937-F4
Antônio Rodrigues Palhete 232-Bn6, 1199
Antônio Rodrigues Pinheiro 637
Antônio Rodrigues Prior 15-F4
Antônio Rodrigues Távora 1346
Antônio Rosaço 600
Antônio de Sá Maia 1373
Antônio de Sá Peixoto 105-Tn4, 128
Antônio de Sá de Sousa 522-Bn8—739
Antônio Salvador de Almeida 302
Antônio de S. Maria Traripe 1401-F2
Antônio de S. Ursula 1094-F1
Antônio Serafim 1140-F6
Antônio da Serra 792
Antônio da Serra de Figueiredo 784-F3, 792
Antônio Serrão 404, 1296, 1343
Antônio Serrão de Almeida 920, 1297
Antônio Serrão da Vara 520
Antônio da Silva Caldeira Pimentel 430-Bn1
Antônio da Silva Gomes 450
Antônio da Silva de Menezes 504-N14, 1298—1298
Antônio da Silva Pimentel 199, 427-F8, 428, 646,
 759-F3, 761—428-N3, 431, 434-N1—761-N1
Antônio Simões de Castro 628-F2, 1299
Antônio de Siqueira 1018-F5, 1023
Antônio Soares de Ataíde 737-N1, 742, 743—742-F1
Antônio Soares da Franca 489-N4
Antônio Sodré Pereira 810-4n6—813-5n12
Antônio de Sousa 271-F4—1300, 1379-F2
Antônio de Sousa de Andrade 1003, 1273
Antônio de Sousa Brum 1009
Antônio de Sousa Dormundo 225-F2, 419-F1, 420,
 471, 474, 591, 1253, 1315, 1336A—1315-F4—
 1336A-F1

Antônio de Sousa de Eça 980, 1161-F4, 1163
Antônio de Sousa Freire 387-Tn1 1263-F1, 1264
Antônio de Sousa de Menezes 340, 851
Antônio Sutil 999-N6
Antônio Tavares de Moraes 82-F1
Antônio Teles 399-Bn8
Antônio Teles de Almeida 878-N1
Antônio Teles Barradas 336-N55, 356, 1278-F1
Antônio Teles Barreto 859-F2, 860
Antônio Teles de Bittencourt 336-N51, 354, 380-Bn2
Antônio Teles de Magalhães 1165-F3—1167-F2
Antônio Teles de Menezes 332-N28, 342, 635, 851—
 340-Bn14—345-Bn23—467-Bn1, 469, 701-N2—864-
 F1—1144-F4
Antônio Teles Pereira 338-Bn5, 359, 604-N6
Antônio Teles de Sá 1400-F3
Antônio Teles da Silva 313-Bn13
Antônio de Teves Barreto 569-F4
Antônio da Trindade 516-F7
Antônio de Useda Aiala 159-4n20
Antônio Vanderley de Araújo Pinho 210B-F7
Antônio de Vargas Cirne 730—732-F2
Antônio de Vasconcelos 1056-N2, 1119-Bn1
Antônio de Vasconcelos Cavalcanti 63-N10, 70
Antônio Vaz 132-N9, 136, 329, 393, 394—559
Antônio Vaz Ribeiro 748
Antônio Vaz de Soutre 586-F2, 587
Antônio Velho Maciel 550-F1, 551, 555, 1080—551-
 F4
Antônio Viegas 561—1132-N6, 1137
Antônio Vieira (Padre) 803, 829-F1, 830—866-N2,
 869—869
Antônio Vieira de Lima 995
Apolinário Gomes Barreto 958-F1
Apolônia 563-N15—1382-F1
Apolônia Alvares 1-F13, 28, 309, 435, 1250, 1378
Apolônia de Araújo Góis 500-F1, 501, 608-Bn11,
 988, 1157, 1159—679-N25,712
Apolônia de Barros Lobo 1147-F4
Apolônia da Câmara de Albuquerque 35-Bn10, 36-Tn2,
 46, 47
Apolônia da Cunha 1008-Bn7
Apolônia de Jesus Maria 911-Bn5, 915
Apolônia de Lacerda 622-N2, 624
Apolônia Maciel 528-Bn7
Apolônia de Menezes 670-N1
Apolônia de Menezes Vasconcelos 120-4n9
Apolônia Monteiro 294-N3
Apolônia Monteiro Pereira 102-Bn18, 111, 294-N7
Apolônia de Moraes 980, 1161-F4, 1163
Apolônia Nunes 509-F2, 621—998
Apolônia Nunes de Azevedo 617, 622-N13, 628, 1299
Apolônia Peixoto 874-F6
Apolônia Pereira 301-Tn1, 584-Bn1, 585
Apolônia Pereira Soares 330-N12
Apolônia de Siqueira de Brito 435-F1, 1324
Apolônia Soares 1141-F1
Apolônia Teles de Menezes 93, 94, 150-Tn26, 158
Apolônia do Vale 1131-N3
Apolônia Ximenes 706-F1, 707

- Arcângela* 565-Bn5
Arcângela de Eça 247-Bn14, 271
Arcângela Girão 116, 351, 396-N4, 408-N1, 409, 565
Arcângela de Lomba 137-Bn29, 151, 345, 1391-F2
Arcângela de Melo 98-N4, 214-N1, 215, 346, 396
Arcângela de Menezes 464-N2
Arcângela de Negreiros 926-F2
Arcângeka Teles de Menezes 411-Tn1
Ariston Ferreira da Costa 1229
Armando de Araújo de Aragão Bulcão 1216-6n40
Armando de Góis de Araújo 190-11n19
Armando Pires de Carvalho e Albuquerque 1050-6n7
Armando de Teive e Argolo 1229-N10
Arnaldo Bezerra 387-Tn3
Arnau de Holanda 49, 61, 86, 319, 324
Arnau de Holanda Barreto 76-F3
Arnau de Holanda de Vasconcelos e Albuquerque 63-N8, 68, 78, 85-F3
Arnau de Vasconcelos e Albuquerque 68-Bn17
Arsênio Pereira da Costa 822-F1
Artur da Costa Carvalho 1045-5n13
Ascenso da Silva 1315-F2, 1316
Atanásio de Barros Lôbo 231-Bn2, 236, 1140-F3
Augusta Emília de Aragão Bulcão 1215-6n27
Augusta Emília Moniz de Aragão Bulcão 1210-5n8, 1211-5n15, 1215
Augusta Moniz Sodré de Aragão 182-10n8
Augusto 173-6n7
Augusto de Araújo de Aragão Bulcão 1222-7n19
Augusto de Miranda Jordão 814-6n1
Augusto Sabôia Lima 1054-6n27
Aurêlio 467-Bn4
Aurêlio Pires de Carvalho e Albuquerque 1045-5n14, 1052, 1053-6n21
Aurora Pires de Carvalho e Albuquerque 1051-6n12

Baltazar de Almeida Botelho 86-F3, 321, 323, 325
Baltazar de Amorim 535
Baltazar de Almeida Barbosa 118, 454-N4, 537-N7, 538—536-N4
Baltazar de Aragão 227-F1, 631, 644, 752—632-N4
Baltazar de Aragão de Araújo 631-F2, 633
Baltazar de Aragão de Sousa 31-F1, 641-F1, 642
Baltazar Aranha 1194-F3, 1185
Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão 1038-4n11, 1210-5n1, 1212, 1227, 1232, 1233
Baltazar de Araújo Barbosa 618
Baltazar Barboza 298-Bn7, 301A, 342, 398, 399—399-Bn5
Baltazar Barbosa de Araújo 20-F6, 225, 420, 699A 1341
Baltazar de Barbuda 310-N3, 312
Baltazar da Costa 1204
Baltazar da Costa Bulcão 991-Bn4, 1206-Bn1, 1208—1002-N1, 1204-F1, 1205
Baltazar Dias Aranha 678-N14
Baltazar Fernandes Barreto 1396
Baltazar Fernandes Gago 897-F3
Baltazar Furtado de Mendonça 266-F3

Baltabar Gonçalves 519-F6, 1302
Baltazar Gonçalves de Paiva 426-Bn1, 1303
Baltazar Leitão Cabral 64
Baltazar Leitão de Holanda 64-N13
Baltazar Lôbo 202, 367-F1—607-F5, 748-Bn2
Baltazar Lôbo de Sousa 72, 228-F2, 368, 436-F3, 1163
Baltazar Lourenço Pacheco 157
Baltazar Margalho 18-F3
Baltazar de Noronha 543-F4
Baltazar Peixoto da Silva 290-N2
Baltazar Peixoto da Silva Cabral 241-N10, 289-F1, 290
Baltazar Pereira 97-F5, 329, 393, 394, 1405
Baltazar Pereira de Menezes 329-F9
Baltazar Pereira Peizoto 287-F3, 289, 427
Baltazar dos Reis Barrenho 537A-Bn7, 537C
Baltazar de Teive e Argolo 1227-F4, 1229—1229-N9
Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti 72-Tn12, 74, 710-N2, 1029
Baltazar de Vasconcelos Cavalcanti de Albuquerque 74-4n5, 75, 439-Bn15, 707-N1, 1030
Baltazar Velho Brandão 1130-F6
Bárbara 523-F2—872-F6—999A-N11—1393-F1
Bárbara de Abreu 522-Bn7
Bárbara de Aguiar Daltro 309-N1, 311, 871—311
Bárbara Antunes Rangel 515-N2
Bárbara de Araújo 1137-F1
Bárbara de Azevedo Henriques 604-F1, 605, 999, 999A, 1000-F1
Bárbara de Bittencourt 386-Bn12
Bárbara Borges de Abreu 598
Bárbara da Câmara de Albuquerque 35-Bn8, 44
Bárbara da Conceição 1094-F6
Bárbara Dias de Figueiró 367
Bárbara Fernandes 874
Bárbara de Figueiredo 871-F6
Bárbara de Góis de Macedo 466, 531, 647, 946-N9, 951, 952
Bárbara de Gusmão Pereira 1269-N1
Bárbara Lôbo 367-F2
Bárbara de Macedo 386
Bárbara Maria de Góis 466-N11
Bárbara Maria de Jesus 903-N1
Bárbara de Menezes 1263
Bárbara Pereira de Gusmão 340
Bárbara da Rocha de Sousa 1112-Bn6, 1114
Bárbara de Sá de Menezes 335-N49, 352, 387, 1364
Bárbara de Sousa 902—1018-F5, 1023
Bárbara Teles de Menezes 387-Tn1, 1263-F1, 1264
Barnabé de Sá 1400-F8
Bartolomeu de Argolo de Menezes 439-Bn10, 446, 967-N2
Bartolomeu de Azevedo 1383
Bartolomeu de Azevedo Lôbo 525-N1, 528, 534, 738, 1147, 1256—526-N6, 530
Bartolomeu de Barros 430-Bn2—882, 897-F1, 898, 900
Bartolomeu de Barros de Almeida 900-F2
Bartolomeu da Cunha Trinchão 1009-Bn12, 1014, 1161-F5
Bartolomeu Fernandes Albernoz 243-Bn4

- Bartolomeu Filgueiras Soares* 519-F6, 1304—1304-F1
Bartolomeu Franco 416-N5
Bartolomeu de Holanda Cavalcanti 62-N1, 65—65-Bn2
Bartolomeu Lins 85-F2—92-Tn2
Bartolomeu Lins de Vasconcelos 86-F1, 87, 327—90-Bn4, 94, 158-4n13
Bartolomeu Lôbo 910
Bartolomeu Lopes de Castilho 923A-N8
Bartolomeu Luis de Espinha 240-F2, 242, 257-F5, 263
Bartolomeu Luis de Sousa 246-Bn10
Bartolomeu Madeira de Sá 211-F4, 226, 519, 523, 1185, 1286, 1302, 1304—520-N5
Bartolomeu Moniz Teles 137-Bn29, 151, 345, 1391-F2—879-Bn4
Bartolomeu de Oliveira 593
Bartolomeu Pires 519-F8
Bartolomeu Rabelo de Macedo 336, 513, 582-F4, 586, 587
Bartolomeu Ribeiro 1337-F3
Bartolomeu Rodrigues 61—866
Bartolomeu Soares 204-Bn7, 439-Bn14, 1305
Bartolomeu de Sousa de Eça 241-N2, 243, 267, 268, 702—248-Tn2, 252, 1007-N5—250-Tn9—253-4n2
Bartolomeu de Vasconcelos 97-F6, 664—101-Bn7, 107—134-Bn7, 147, 1060, 1354-F1—158-4n17—287-F1, 288—1056-N10—1060-N5
Bartolomeu de Vasconcelos de Oliveira 99-N7, 103, 308, 1056, 1122-N2
Beatriz 373-N4
Beatriz Albernas 134
Beatriz Antunes 213-F5, 219
Beatriz de Aragão Bulcão 1223-Tn23
Beatriz Cardoso 1182
Beatriz Cavalcanti Bulcão 1217-7n1
Beatriz de Freitas 418, 510-F1, 511, 582-F3
Beatriz de Gusmão 866-N6
Beatriz de Leão 1165
Beatriz de Lemos 1295
Beatriz Lopes 460
Beatriz de Melo 1001
Beatriz Mendes 1343
Beatriz Nunes 1192
Beatriz Pacheco 308, 1121—1121-F1
Beatriz Teles de Magalhães 1165-F2—1167-F6
Belarmino Silvestre Tôrres 826
Belchior 612-N6—786-N6
Belchior Alvares Barreto 1256-F4, 1258
Belchior de Aragão Pereira 651-F3
Belchior de Aragão de Sousa 31-F2, 641-F2, 643, 654—152, 641, 651
Belchior de Armas de Drum 283, 677-F3, 700, 946
Belchior Barbosa Pinheiro 298, 684, 691A-Tn18, 717
Belchior Brandão 48 (nota)
Belchior Brandão de Castro 89-Bn2
Belchior Brandão Coelho 610, 618, 784
Belchior Brandão Pereira 784-F2, 786, 798, 799
Belchior Dias 20-F4
Belchior Dias de Avila 669-F2, 673
Belchior Dias Barbosa 1398
Belchior da Fonseca 48 (nota)
Belchior da Fonseca Saraiva 685-Bn28, 714
Belchior Maciel de Andrade 732
Belchior Maciel Aranha 433
Belchior Mexias Borba 463-F2, 947
Belchior Pereira de Góis 684-Bn22
Belchior dos Reis 519-F5, 523
Belchior Rodrigues Ribeiro 1055-F4, 1059
Belchior de Sá Coutinho 159-4n20
Belchior de Sá Souto-Maior 561, 588-F2, 589
Belchior de Sousa Dormundo 419-F2, 421, 424, 454, 561, 588-F1
Belchior de Teves Barreto 561-F4, 569, 570, 724
Belchior Velho 30-F1, 31, 642, 643
Beltrão Calmon du Pin 880
Benedito 645-N5, 646
Benjamin da Graça Aranha 1217-7n2
Benta 396-N3
Benta de Menezes 312-Bn7
Benta de Oliva 102-Bn19, 112, 384-N6, 413
Bento 571-N3
Bento de Araújo 289-F2
Bento de Araújo de Brito 597-N7, 599, 1190-F1
Bento de Araújo Soares 1180-F1
Bento Barbosa de Barbuda 311-Bn1
Bento de Barbuda 28-F5, 308-F2, 309
Bento Bernardo Ribeiro de Lemos 977-Bn7, 980, 1163-N3
Bento de Brito 737-N3
Bento de Brito Cassão 407-F1, 737, 1306
Bento Carneiro de Couros 1236
Bento Correia Peixoto 1307
Bento Ferraz Coutinho 622-N23
Bento da França de Oliveira Garcês 810-4n8, 820-F3, 822
Bento de Góis 680-Bn16
Bento Moniz Teles 135-Bn17
Bento Monteiro Freire 111, 156, 293-F1, 294, 345, 691A-Tn18, 1121-F3—298-Bn3
Bento Nunes Daltro 1060-N4
Bento de Oliveira Pinto da França 820
Bento Pereira de Aragão 160-4n24
Bento Pereira Ferraz 615-Bn2
Bento Pereira Soares 330-N7
Bento Ribeiro 986-F3
Bento Ribeiro de Lemos 977, 1161-F5, 1308
Bento Rodrigues 1059
Bento Rodrigues de Figueiró 1059-F2
Bento Rodrigues Garcia 715-F6
Bento da Silva Baião 866-N6
Bento da Silva de Cerqueira 836-N6
Bernarda 862-N8—1239-N6
Bernarda de Assunção Corte-Real 1164A-N1, 1202-F1, 1203
Bernarda de Assunção Moniz Barreto 1203
Bernarda Cavalcanti 79-F1, 1339, 1340
Bernarda Coutinho 98-N2, 101

- Bernarda Maria de Albuquerque* 305-Bn6
Bernarda de Menezes Dória 1048-Bn2, 1099
Bernarda Moniz de Menezes 467-Bn2, 1164-F2, 1164A, 1203
Bernarda Pimentel 428-N7
Bernarda de Sá Souto-Maior 729, 1400-F2
Bernarda de Siqueira da Silva 38, 933-F4, 934
Bernarda de Sousa 424-F2, 612-N5, 615, 620
Bernarda Teles 147-Tn17
Bernardina Maria Cavalcanti de Albuquerque 830-3
Bernardino Barbosa Leal 1099-Bn4
Bernardino Cavalcanti de Albuquerque 71-Tn7, 73, 756-N7, 782—973-F7
Bernardino Falcão de Gouveia 206-4n5
Bernardino Jacinto de Magalhães 1026-F4
Bernardino Jacinto de Menezes 1026
Bernardino José de Sousa 491
Bernardino Marques de Almeida 1281-F1
Bernardino Pessoa de Almeida 1090
Bernardino de Sousa Tavares 853-F1
Bernardino Vicente de Araújo 1213-6n13
Bernardo 690-Tn17
Bernardo Aguirre 379-N9, 458-F2, 459
Bernardo Cabral de Melo 1087-F4
Bernardo Calmon da Pin e Almeida 886-Tn4, 887, 906-F1
Bernardo Carneiro da Rocha 1108-F5, 1110
Bernardo de Cerqueira Lima de Menezes 1345-F1
Bernardo da Conceição 1207
Bernardo Correia de Sande 1185-F6
Bernardo de Couros Carneiro 980-Tn1
Bernardo da Encarnação 946-N8
Bernardo de Figueiredo 873-F5
Bernardo de Góis 678-N15
Bernardo Manuel de Vasconcelos 1069-N1, 1070
Bernardo de Miranda Henriques 142, 341
Bernardo Moniz de Eça 253-4n10
Bernardo Moniz Teles 135-Bn15—354-Bn40
Bernardo Pereira Gago 23-Tn2
Bernardo Pereira Soares 330-N11
Bernardo Pimentel 427-F11—953-F2
Bernardo Pimentel de Almeida 131-N7, 197, 219-F2, 289-F3, 332, 427, 953, 1125
Bernardo Ribeiro 369-F3
Bernardo de S. Bento 980-Tn40
Bernardo da Silveira de Menezes 445-Tn10, 1308A
Bernardo de Sousa Estrêla 71-Tn2, 81—81-F2
Bernardo Vieira de Melo 875
Bernardo Vieira Ravasco 69-Bn20, 829-F2, 830
Branca de Melo Pereira 393-F1, 1405
Branca Mendes Serrão 404
Branca de Menezes 405-N1, 1322
Branca de Peralta 415
Branca Rodrigues 865-F3—870-F1—1343-F3
Branca Serrão 137, 404, 1296-F1
Branca Teles 137-Bn26, 877-F2, 878—537A-Bn9
Branca Teles de Menezes 90-Bn4, 94, 158-4n13
Branda de Sampaio 1188-F6, 1189
Bras 786-N7
Bras Bernardino Souto-Maior 729-F1, 844-F5
Bras Calmon da Gama 184-10n18
Bras da Fonseca de Eça 253-4n9
Bras Lôbo de Mesquita 604-N2, 607
Bras Manuel Teles 1310-F1
Bras Pereira do Lago 935-N5, 936
Bras Pereira Soares 337-Bn2, 357
Bras Pinto de Barros 528-Bn2
Bras Rebelo Falcão 291, 610-F3, 766, 784, 792, 793
Bras da Rocha Cardoso 1309—1309-F3
Bras da Silva Menezes 101, 1386-F1, 1387
Bras da Silva de Menezes 101, 1386-F1, 1387
Bras Teles de Menezes 1310
Brásia Monteiro 958, 959—959-F2
Brásida Monteiro 1254
Brites 318-Tn9—1123-N6
Brites de Aguiar 336-N51, 354, 380-Bn2
Brites Aires 294-N2, 299, 416-N9
Brites Aires de Figueiredo 930
Brites de Albuquerque 32, 191—32-F2, 68, 85—1373
Brites de Almeida 427-F2, 953, 957—537C—897, 898, 899
Brites Alvares 1-F10, 18
Brites Angélica de Brito 118-N9, 1120
Brites Antunes 219-F3, 329-F11, 334—334
Brites de Aragão 634-Bn6
Brites de Araújo 1282-F1, 1282-N2
Brites Barau 1384
Brites Barbosa 146, 251, 374-F1, 375, 945-F1—221-F2, 223, 745, 750—946-N5
Brites de Barros 502-F8—1019
Brites de Barros e Lima 1129
Brites de Barros Pimentel 87-N1, 88, 325-N2
Brites de Brito Faria 170—1078
Brites Cavalcanti 71-Tn5, 636-Tn3, 638
Brites Cavalcanti de Albuquerque 48-F10—49-N5, 302-F1, 303
Brites de Faria Menezes 346-Bn27, 563-N10, 564
Brites da Franca 954-N4
Brites Francisca de Lima 69-Bn22, 1128-N2, 1129
Brites da Gama Lôbo 939
Brites da Glória 593-N3
Brites de Góis do Rêgo 76-F4, 302-F2, 304, 305
Brites Gomes 655-F5
Brites de Lara 768
Brites Maria de Albuquerque 305-Bn4, 1330
Brites Maria de Barros 277-Bn1, 326-Bn8
Brites Maria de Menezes 1015-F2, 1017
Brites Mariana Rita Francisca de Almeida Menezes 782-Bn1, 854
Brites de Mascarenhas 984
Brites de Melo 43, 321-N3, 1172-F1, 1173—97—192
Brites de Melo de Vasconcelos 110-Tn29, 1371
Brites Mendes de Vasconcelos 49, 61, 86, 319, 324—64-N19—86-F3, 321, 323, 325
Brites de Menezes 131-N8, 582-F1, 583—438-Bn6, 926-F3, 929—930-Bn3
Brites de Mexias 389
Brites de Oliva 112, 383-F1, 384, 1356-F1
Brites Pimentel 428-N8

- Brites da Rocha Pita* 767—767-F2, 779-F1, 780, 1031—768-F3, 774
- Brites de Sá* 443
- Brites Soares* 115, 437-N1, 438, 1258-F3, 1265
- Brites Sodré Pereira* 803-F3
- Brites de Sousa* 591-F1, 592, 1116—946-N15—1019-N3—1384
- Brites de Sousa Abreu* 42
- Brites Tibau* 803, 827
- Brites de Vargas* 1192-F4
- Brites de Vasconcelos* 63-N12, 77—68-Bn19
- Caetana de Melo* 52-4n2, 54
- Caetana Teles Garcia* 715-F4
- Caetano de Barros* 1294-N2
- Caetano de Butencourt de Sá* 650-Bn5, 834-F4, 837
- Caetano Dias de Figueiredo* 872-F1
- Caetano José de Menezes* 1308A-F2
- Caetano Lopes Vilas-Boas* 883-Bn2, 990-N5, 990A
- Caetana Pereira do Lago* 934-N3
- Caetano Tavares de Moraes* 82-F4
- Caetano Teles de Menezes* 441-Bn21
- Calisto Gomes de Sá* 1150-F2
- Calisto da Mota* 1295-F1
- Camila Moreira de Pinho* 1214-6n17, 1219, 1358-F1
- Camila Pinho de Aragão Bulcão* 1219-7n11
- Carlos Aguirre* 459-N3
- Carlos Alberto de Teive e Argolo* 1229-N7
- Carlos Antônio de Brito* 1117-N2
- Carlos de Azevedo de Vasconcelos* 984-F2
- Carlos de Esteria* 366
- Carlos José de Argolo de Menezes* 448-Tn25
- Carlos Preto Dornelas* 675-F3
- Carlos de S. Bartolomeu* 911-Bn8
- Carlos Tôrres* 826-F7
- Carlos Wilaberger* 814-6n3
- Carlota Lirio Ratto* 177-8n7, 181
- Catarina* 28-F6 — 97 — 173-6n10—373-N3—427-F7 — 563-N4—837-N11—991-Bn2
- Catarina de Albuquerque* 32-F1, 48, 55, 62, 191, 196, 198, 320—45, 1373—64-N1—309-F4
- Catarina de Albuquerque Cavalcanti* 52-4n6
- Catarina de Albuquerque* 64-N14
- Catarina Alvares* 1-F9, 17—20-F6, 225, 420, 699A, 1341
- Catarina Alvares Paraguaçu de Aragão Bulcão* 1212-6n4
- Catarina Alvares Paraguaçu Pires* 1038-4n11, 1210-5n1, 1212, 1227, 1232, 1233
- Catarina Angélica de Almeida* 989-N2—992
- Catarina Antunes* 374, 1290
- Catarina de Aragão* 507-Bn8
- Catarina de Aragão e Aiala* 647-N12, 834, 991, 1079
- Catarina de Araújo de Azevedo* 769, 786-N10, 789, 790, 802, 841-N2
- Catarina de Azevedo* 500-F1, 501, 516-F1—542-F2—613-N11, 617, 628-F1
- Catarina Baldes* 1118
- Catarina Barbosa* 173—284-N2, 1342-N1—798—879-Bn3
- Catarina Barreto de Menezes* 155-Tn49
- Catarina de Barros* 145-Tn9
- Catarina de Barros de Bitencourt* 836-N6
- Catarina de Barros de Brito* 631-F2, 633, 752-F2, 753
- Catarina Bernarda de Menezes* 756-N6, 803-F1, 804
- Catarina de Brito* 1327
- Catarina de Brito Correia* 424-F1, 425, 1379-F3—425, 1300, 1353, 1378-F2, 1379
- Catarina Cavalcanti de Albuquerque* 48-F8, 61-F1, 62—71-Tn8
- Catarina Correia* 349
- Catarina Correia de Sá* 26, 40, 578-F4, 645-N1, 648, 1005
- Catarina Côte-Real* 222-N4, 481, 487—572, 573, 577
- Catarina da Costa* 62-N2, 66
- Catarina Dias Adorno* 3-F1, 4
- Catarina de Eça* 241-N6, 261—247-Bn32, 251-Tn15, 256—1007-N1, 1008
- Catarina de Faria* 1130-F5—1131-N4
- Catarina Fogaça* 22, 23, 1243-F1—23-Tn3, 784-F1, 785, 797
- Catarina da Fonseca* 1063
- Catarina da Franca Côte-Real* 575-N10, 841-N1, 843, 845
- Catarina Francisca Correia de Aragão* 25-Tn1, 26, 38-4n1, 648-Bn1, 1032
- Catarina Francisca Fernandes* 1028
- Catarina Freire Baraço* 859
- Catarina Garcia de Aragão* 644-F2, 646, 752-F8
- Catarina Gaspar* 1300
- Catarina Gil* 29-F1, 221, 745, 1404
- Catarina Godinho Freire* 1370
- Catarina de Góis* 461, 677, 700—679-N24—789-Bn3
- Catarina de Góis Pais* 248, 461-F1, 463, 702—465-N4, 702-N3, 704, 976
- Catarina de Góis de Siqueira* 578, 709-F1, 987, 994
- Catarina de Góis de Spusa* 565-Bn4
- Catarina Gomes* 1343-F2
- Catarina Gonçalves* 373, 1337—1027
- Catarina Jaques* 370, 421, 588, 589
- Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão* 1031-Bn10, 1032-Tn2, 1035, 1039, 1041
- Catarina Josefa de Araújo de Azevedo* 484, 798-F1
- Catarina Josefa de Araújo Pita* 209, 773-Bn2, 1155-N3, 1156
- Catarina Josefa Côte-Real* 482-4n4, 486, 488-N2
- Catarina Josefa da Franca de Abreu Lima* 845-F9
- Catarina de Leão* 1236
- Catarina Lôbo* 453-F3
- Catarina Lôbo Barbosa de Almeida* 202, 228, 367, 368, 453, 524, 1311
- Catarina Machado* 1366
- Catarina Maria da Graça e Albuquerque* 805-N1, 806, 983-N1
- Catarina Mathei* 430
- Catarina de Melo* 105-Tn4, 128—287-F3, 289, 427
- Catarina de Melo e Albuquerque* 1373
- Catarina de Melo Barreto* 275-N7, 279

- Catarina de Melo Sampaio* 1157
Catarina Mendes 404, 1296, 1343—405
Catarina de Menezes 131-N4, 395-F4, 397—134-Bn6—345-Bn24
Catarina Moniz 151-Tn29—252, 253, 468, 1006-F1, 1007
Catarina do Monte Sinai 982-F6
Catarina de Moura 191-F6, 193, 198—404
Catarina Nunes 509, 515—870, 1066-F3, 1068, 1348-F1
Catarina de Oliveira 865-F4
Catarina Pais 649, 752-F2, 753, 755, 1245-N2
Catarina Pais de Oliveira 1263, 1301
Catarina Paraguaçu 1, 3, 6, 15 a 20, 28, 29
Catarina Pereira Pestana 454-N3, 456
Catarina Pinheiro Feio 32-F3, 33
Catarina Pires Bulcão de Teive e Argolo 1227-F3
Catarina Ponciana Bezerra de Vargas Cirne 439-Bn9, 445, 967-N1, 1308A
Catarina Quaresma 458, 460-F1—459-N4
Catarina Ravasco de Azevedo 500-F1, 501, 829-F4
Catarina do Rêgo 515-N3, 518
Catarina dos Reis 1290
Catarina Ribeiro 1396
Catarina Rios 5, 1241, 1243—1242-N1, 1244
Catarina Rodrigues 62, 65, 66—95
Catarina Rodrigues Campelo 968-F6
Catarina Rojas 1241-F4, 1243, 1247
Catarina de Sá de Almeida 137-Bn23, 150, 158, 877-F1
Catarina de Sá de Menezes 90
Catarina de Sande 745, 751, 1184-F7—1063-N2
Catarina de S. Mônica da Cunha 923A-N1, 924, 1069-N5
Catarina Simoa de Albuquerque 35-Bn6, 42
Catarina Soares 63-N10, 70—72-Tn13, 710-N1, 711
Catarina de Sousa 154, 500-F3, 679-N18, 685, 714—285-Bn1, 704-Bn4, 975-N2, 976, 985—421-N9, 500, 561, 568, 569—487-F2, 488, 489, 562-N3
Catarina de Sousa da Fonseca 463-F5, 465, 704
Catarina Telles de Menezes 737-N5, 743
Catarina Teresa de Sá 943-Bn2, 1380
Catarina de Vargas Cirne 731-N2, 734
Catarina de Vasconcelos 50-Bn2, 51, 59, 60, 78-F1—99-N9—438-Bn5, 443, 931—466-N7, 468, 975-N5—1144-F1, 1146
Catarina de Vasconcelos de Albuquerque 51, 68-Bn18, 78
Catarina Vitória 132-N15, 137, 286, 404-F2, 664, 666, 878, 1144
Cecília de Andrade Carneiro 491
Cecília de Araújo de Aragão 632-N8, 752-F4, 754
Cecília de Barros 476-F2
Cecília de Bittencourt 215-Bn1
Cecília Cavalcanti Bulcão 1217-Fn2
Cecília de Faria 1130-F6
Cecília da Fonseca 463-F3, 700-F3, 702
Cecília Soeiro 470-F3—471-N5, 589, 590—470-F4, 473, 476, 632
Cecília de Sousa 474-N4
Célia de Argolo Moniz Sodré 188-11n5
Celina Bulcão Leão Veloso 1253-F3
Celina de Lacerda Gordilho 210B-F2
Celso Tôrres 826-F3
César Dória 821-F1
Cibaldo Lins 32-F2, 68, 85, 86—85-F4—87-N2, 89, 278, 325-N5—92-Tn3
Cincinato Pinto da Silva 818-F3
Cipriano de Oliveira 1098-N4, 1101, 1102—1102-F1
Cipriano de S. Julião 1011
Cipriano Velho Barreto 228-F8, 1311
Clara 93-7n11—718-F4, 999A-N15, 1371-F2
Clara dos Anjos 1369
Clara de Araújo 697—1270-F1, 1271—1283-N1
Clara Barbosa 223
Clara Caetana do Sacramento Bandeira 177, 178
Clara Calmon de Araújo Góis 887-4n4, 890
Clara da Costa 61-F1, 62
Clara Dias 24, 1279, 1368
Clara Eugênia Barbosa 260-Bn2, 260A
Clara de Figueiredo 871-F7
Clara da Franca Corte-Real 222-N6, 749, 953-F1, 954—956-Bn3
Clara da Gama 1165-F5, 1166
Clara de Góis 677-F5
Clara Josefa Saldanha 451
Clara Luísa Moniz Viana 661-F1, 662, 1220
Clara Luísa Viana 210-7n1
Clara Madalena de Albuquerque Câmara 40-5n2
Clara Maria de Abreu Lima 845-F4
Clara Maria de Argolo 449-4n3
Clara Maria Calmon du Pin e Almeida 881-N2—889-4n16
Clara Maria do Destêrro 855-F4
Clara Maria da Encarnação 445-Tn8, 449, 1289-F1
Clara Maria do Espírito Santo 1111-Bn3, 1113
Clara Maria da Fonseca 985-F1, 1009-Bn10, 1012
Clara Maria de Mendonça 917-N5—1385-F2
Clara Maria Teodora Calmon du Pin e Almeida 886-Tn2
Clara Maria Ulhoa 405-N2
Clara Martins 543-F4
Clara de Melo 289-F2—378-N6, 380
Clara de Melo de Vasconcelos 110-Tn32
Clara de Menezes 412-F3—607-F3
Clara Pereira Soares 330-N10
Clara de Queirós e Argolo 206-4n11
Clara da Sacramento 849-N4
Clara de Sande 745-F5, 751, 1095
Clara Serrão 609
Clara Soares 723-F3, 724A
Clara de Sousa 330-N3, 337, 423-Bn1—442—561-F4, 569, 570, 724—1334-F3
Clarinda Moniz 1235
Cláudio Maciel de Andrade 844
Cláudio Pereira da Silva 1312
Cláudio Teles de Menezes 937-F6
Clemência Dias 24-4n3, 1368

- Clemência Dória* 101, 1386-F1, 1387—113, 493-F5, 494-N1, 496—493, 496, 1386
- Clemência de Figueiredo Mascarenhas* 28-F5, 308-F2, 309
- Clemente da Costa* 1188-F2
- Clemente Pinto de Oliveira Mendes* 185-10n22
- Clemente da Rocha Barbosa* 87-N5, 328
- Clotilde Pires de Carvalho e Albuquerque* 1050-6n2
- Concórdia Barbosa* 438
- Conde de Atouguia* 665
- Conde de Castel-Melhor* 953, 1254
- Conde de Óbidos* 12, 341, 568, 932, 1317
- Conde da Torre* 10
- Condessa de Saint-Cyr* 811
- Constança de Mendonça de Vasconcelos* 1144
- Constança Perpétua da Cunha Meneses* 891
- Constança de Pina* 211-F1, 527, 609
- Constança de Sá* 519-F8
- Constança de Sousa* 416-N7, 418, 511-N2
- Constança de Sousa Bittencourt* 336, 513, 582-F4, 586, 587—699-F4
- Constantino Barradas (Bispo)* 137, 664, 1248
- Constantino de Barros Lôbo* 533-F1
- Constantino Gomes Vitória* 404-F4, 405, 1322
- Constantino Lins de Vasconcelos* 87-N3, 90, 150-Tn25, 159, 471-N1
- Constantino Menelau* 228-F4
- Constantino Moniz Barreto* 1322-F1
- Constantino Moniz Teles* 345-Bn22, 362, 622-N19
- Constantino Pereira de Lacerda* 1313
- Constantino Vieira* 406
- Cora Coutinho* 820-F1
- Cora Coutinho César* 182, 808-Tn7, 810, 817-F1, 821, 822
- Cora Coutinho Sodré* 810-4n3
- Cora Moniz Sodré de Aragão* 182-10n6, 813-5n9, 815
- Cora Pedreira* 179-9n6
- Cora Sodré Pereira* 813-5n11
- Cora Sodré de Sá* 814-6n2
- Córdula* 999A-N16
- Córdula de Sá Barreto* 83-F1, 84, 724-N2
- Cosma Barbalho* 484-4n10
- Cosma Barbalho Bezerra* 478-N4, 480, 491-F5
- Cosma de Barros Pimentel* 87-N2, 89, 278, 325-N5
- Cosma de Bulhões da Cunha* 275-Tn8, 280
- Cosma da Cunha Cavalcanti* 52-4n3
- Cosma Lins* 87-N4, 325-N11, 327—92-7n5
- Cosme de Araújo de Aragão* 634-Bn4
- Cosme Barbosa de Almeida* 241-N5, 258, 259—259-N2
- Cosme Dias da Fonseca* 50-Bn1, 55, 191-F8, 195, 274
- Cosme de Freitas de Sá* 1361-F1
- Cosme Gil* 29-F3
- Cosme de Médicis (Duque)* 48
- Cosme Moniz Teles* 137-Bn30
- Cosme de Moura Rolim* 199-N3
- Cosme Pereira de Mendonça* 329-F13, 335, 384-N3, 539
- Cosme de Sá Peixoto* 874—874-F5—987-F6, 994
- Cosme da Silveira* 48-F7, 55, 196
- Cristina de Almeida* 308-308—1016-N1
- Cristina Barbosa* 844-F6
- Cristina Coutinho* 132-N24, 140, 531, 601, 602, 622-N20, 680—1015-F1, 1016
- Cristina Freire Baracho* 1319
- Cristóvão de Aguiar* 379-N8
- Cristóvão de Aguiar Bittencourt* 1058-Bn1
- Cristóvão de Aguiar Daltro* 99, 372, 374, 561, 1055—370-F4, 1055-F2, 1057—373-N6—1060-N3, 1061, 1064-F1
- Cristóvão de Aguiar Espínola* 331, 333, 372-F5, 373, 380, 1337-F1
- Cristóvão Alberto de Castelo-Branco* 108-Tn19, 129
- Cristóvão de Albuquerque* 77
- Cristóvão de Albuquerque Melo* 63-N12, 77
- Cristóvão Barbosa Vilas-Boas* 598
- Cristóvão de Barros Cardoso* 1127
- Cristóvão de Barros Pimentel* 92-Tn5
- Cristóvão Botelho de Almeida* 323-F1
- Cristóvão Brandão* 1314
- Cristóvão de Burgos* 441-Bn20
- Cristóvão de Burgos Contreiras* 254A, 427-F12, 1124-F1, 1125
- Cristóvão Cassão* 526
- Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque* 62-N2, 66—67-Bn12, 71, 80, 81, 82, 476-F1, 632-N7, 638, 639, 767, 1196—71-Tn9
- Cristóvão Coelho de Azevedo* 628-F7
- Cristóvão da Costa Dória* 133-N19, 437, 493-F2, 494—438-Bn5, 443, 931—931-Bn4
- Cristóvão da Cunha de Sá Souto-Maior* 471-N5, 561-F1, 589-F1, 590
- Cristóvão da Cunha Trinchão* 1008-Bn6
- Cristóvão Dias de Figueiredo* 872-F2
- Cristóvão Gomes de Melo* 319-F5
- Cristóvão de Holanda Albuquerque* 66-Bn8
- Cristóvão de Holanda de Vasconcelos* 48-F8, 61-F1, 62
- Cristóvão Leão Camelo* 371-F1, 1165, 1167
- Cristóvão Lins* 61-F4, 85, 86, 323, 1172—89-Bn1, 92—92-Tn8
- Cristóvão Lins de Vasconcelos* 87-N1, 88, 325-N2
- Cristóvão Lins Salazar* 311
- Cristóvão de Melo de Vasconcelos* 101-Bn6, 106
- Cristóvão Pais Barreto* 319-F8
- Cristóvão Peixoto Carne* 290-F7
- Cristóvão Pereira de Aguiar* 333-N30, 344, 350, 1391-F1
- Cristóvão Rabelo de Azevedo* 133-N29, 669—669-F6
- Cristóvão Ravasco Cavalcanti de Albuquerque* 830-N2
- Cristóvão da Rocha Barbalho Moniz Barreto* 1156-Bn1
- Cristóvão da Rocha Pita* 766-F1—769-N2, 772, 778-F1
- Cristóvão de Sá de Bittencourt* 139, 225-F1, 699-F1, 699A
- Cristóvão de Santiago* 917
- Cristóvão de Sousa Dalte* 778

- Cristóvão Tavares de Moraes* 82-F2
Cristóvão Tavares de Moraes e Sá 71-Tn4, 82, 640
Cristóvão Vieira Ravasco 497, 501, 803, 829, 833
Custódia 718-F6
Custódia Barbosa 245-Bn9, 251, 375-N1
Custódia Barbosa de Vasconcelos 260A, 1142-F1
Custódia de Barros Lôbo 1139-F1, 1141
Custódia de Eça 1161-F4, 1163
Custódia de Faria 197, 219-F2, 427, 953—374
Custódia da Franca 954-N7
Custódia de Menezes 312, 329-F6, 530, 582-F1, 583—312 Bn5
Custódio de Aguiar de Vasconcelos 1111-Bn3, 1113
Custódio Alvares Barreto 1258-F3
Custódio Barreto 1258
Custódio Borges de Barros 1081-Bn5
Custódio Ferreira de Viana Bandeira 178-8n9—1215-6n27
Custódio Gonçalves 740-Tn4
Custódio de Meireles 1081
Custódio Nunes 372-F2, 1055, 1059, 1062
Custódio Nunes Daltro 147-Tn16, 1059-F1, 1060, 1065, 1069—1060-N6
Custódio Rodrigues Correia 1-F11, 19, 30
Custódio Valente 35
Dagmar da Rocha Barros 189-11n11
Dagoberto Tapioca 1235-F1
Damiana de Eça 257-F3
Damiana Francisca da Silva 656, 1169, 1171
Damião Dias de Menezes 1015
Damião Gonçalves de Carvalhosa 32-F4, 41
Damião de Lençóis de Andrade 561-F8, 568, 933-F1 938
Damião de Negreiros Soeiro 471-N4, 478-N1, 479
Damião Pinheiro de Mendonça 139-Bn41
Daniel Furtado 1382-F4
Davi dos Reis 942-N2
Davi Teles 356-Bn47
Déa de Argolo da Cruz Rios 1234-Bn4
Dejalмира da Costa 1227-F4, 1229
Didier do Rêgo Maciel 190-11n22
Diniz (D.) 287
Diniz Bravo 1192
Diniz Gonçalves Varjão 1130, 1284
Diogo 495-N3
Diogo Afonso 1343-F4
Diogo Afonso da Veiga 461
Diogo Alvares 1, 3, 6, 15 a 20, 28, 29—29-F4
Diogo Alvares de Brito 938
Diogo Alvares de Brito Mascarenhas 1326-F1, 1327
Diogo Alvares Campos 857-N3, 861, 1345—861-F1, 862—862-N1
Diogo de Amorim Soares 20-F7
Diogo Antonio de Sá Barreto 727-Tn1, 728, 734-F1
Diogo de Aragão Pereira 631-F3, 644, 848—644-F3, 647, 834, 952-F3
Diogo de Araújo Barbosa 946-N3, 948
Diogo Barbosa 747-N4, 748
Diogo Barreto Cea 669-F3
Diogo de Bittencourt de Sá 834-F9
Diogo Botelho (gov.) 10, 98, 572-F2
Diogo Coelho 1167
Diogo Correia de Sande 369-F1, 745, 1184—519-F4, 1185—1185-F3
Diogo da Costa Feio 723-F7, 728A—728A
Diogo da Cunha Melo 287
Diogo da Cunha Trinchão 232, 1006—977-Bn8—1007-N1, 1008
Diogo Dias 20-F1, 21, 95-F1, 96
Diogo Feio de Carvalho 556, 560
Diogo Furtado 1335-F3
Diogo Gomes Ferrão Castelo-Branco 657-Bn4
Diogo Gomes Vitória 404-F5
Diogo Gonçalves Laços 458, 460—458-F1
Diogo Lopes Chaves 642
Diogo Lopes Franco 132-N12, 664, 665—537A-Bn4, 666-N1, 667, 885, 1317-F1
Diogo Lopes de Lima 1335
Diogo Lopes Ulhoa 406, 1322
Diogo Luis 270-N2
Diogo Luis de Oliveira (gov.) 48, 505
Diogo Luis de Sousa 164-5n6, 170
Diogo Machado 1001-F1
Diogo Mascarenhas da Silveira 975-N4, 984
Diogo Mascarenhas de Vasconcelos 984-F1
Diogo Moniz Barreto 130-F4—138-Bn38, 152-Tn32, 153, 164, 601, 831, 884—155-Tn50—161-4n26, 167—285-Bn1, 704-Bn4
Diogo Moniz Barreto da Silveira 912-Tn4
Diogo Moniz Pereira 329-F14
Diogo Moniz de Sá 286-Bn6
Diogo Moniz da Silveira 883-Bn1, 911-Bn4, 914—908-F2, 910-N4, 911
Diogo Moniz Teles 132-N15, 137, 286, 404-F2, 664 666, 878, 1144—406-Bn1, 878-N2, 879—408-N3 —1144-F3, 1145
Diogo de Moraes 504
Diogo Pacheco de Castro 224, 284-N5, 745-F1, 746
Diogo Pereira Coutinho 330, 1001, 1248, 1325
Diogo Pereira do Lago 802
Diogo Pereira da Silva 999-N1, 1275-F4, 1276—1055-F4, 1062, 1275—1063-N1
Diogo Pereira Soares 330-N5
Diogo Pissarro de Vargas 1192-F2, 1193
Diogo Rabelo de Macedo 1103
Diogo da Rocha de Albuquerque 1309-F1
Diogo da Rocha de Sá 130-F5, 282, 407, 664—282-F1, 283, 700-F2—284-N2, 1342-N1—313, 703-Bn1, 705, 949
Diogo Rodrigues Aranha 1306
Diogo de Sá Barreto 595-F4, 724-N1, 726
Diogo de Sá Souto-Maior 562-N5, 723, 728A, 842, 1400
Diogo da Silva 48
Diogo Soares de Ataíde 737-N5, 742, 743
Diogo Varela de Macedo 216, 217, 1270—216-Tn2, 218, 1271-N1—218, 1181-F3, 1270-F1, 1271
Diogo Vas Escobar 213-F1

- Diogo Zorilla* 8, 1241, 1243
Dionísio de Araújo Góis 623A-Tn5
Dionísio de Lara Lobo 1381-F1
Dionísio Lourenço 695-4n4, 720
Diva Moniz de Aragão 189-11n16
Domiciano de Amorim Salgado 1021-N4
Domingas de Almeida 241-N2, 243, 267, 268, 702
Domingas de Eça 248-Tn1, 251-Tn15, 256
Domingas Gonçalves 733
Domingas Monteiro 1255
Domingas da Palma 520-N3, 521
Domingos 223-Bn5
Domingos Alpoim 1087-F2
Domingos Alvares Moreira 1101-F2
Domingos Alvares Serpa 420-N4, 1315, 1316
Domingos Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque
 1038-4n8—1046-5n22
Domingos Antunes da Costa 1015-F4, 1317
Domingos Aranha Pestana 859, 933, 1318
Domingos de Araújo 1167-F6
Domingos Barbalho Bezerra 492-N1
Domingos Barbosa de Araújo 221-F1, 222, 487, 572-
 F1, 536—537A-Bn1
Domingos Barbosa de Araújo 221-F1, 222, 487, 572-
 F4, 953, 954—225-F6, 226, 519-F3, 919—611-N3,
 619
Domingos Barbosa da Franca 314-Tn1. 918, 954-N2,
 956
Domingos de Barros 1193
Domingos Borges 1076
Domingos Borges de Barros 548-F1, 1076-F9, 1078
 —551-F1, 1078-N10, 1080, 1312— (Visconde da
 Pedra Branca) 1082-Tn1, 1084—1084-4n2
Domingos Casado 544-N3, 553, 554
Domingos Correia de Vasconcelos 1148-N3
Domingos da Costa de Almeida 767-F2, 779-F1,
 780, 1031
Domingos da Costa Rebouças 1263, 1383
Domingos Dias Coelho de Melo 844B-F1
Domingos Dias Machado 758-Bn1
Domingos Duarte de Abreu 1254
Domingos Fernandes 254
Domingos Fernandes do Couto 522-Bn2
Domingos Ferraz de Sousa 626-Bn8—1370
Domingos da Fonseca Saraiva 461, 463, 677-F1,
 1351—466-N14
Domingos Francisco de Pinho 1401-F4
Domingos Freire de Carvalho 183
Domingos Garcia de Aragão 649, 752-F2, 753, 755,
 1245-N2—756-N4
Domingos Garcia de Melo 631-F4, 646, 752, 759
Domingos Gomes Pimentel 405, 407
Domingos Jorge 1303
Domingos Lopes Falcato 472, 655, 1320
Domingos Maciel Teixeira 139-Bn39
Domingos Martins 543-F2, 544, 553
Domingos Martins Pereira 36, 72-Tn14, 83
Domingos Moniz Aranha 542-F2
Domingos Monteiro de Abreu 330-N2, 1254, 1255—
 1254-F4
Domingos Monteiro de Sá 161, 665, 895-F1, 896
Domingos da Mota 1162-F1
Domingos de Negreiros 470-F2, 477-F1, 478, 492
Domingos de Negreiros Soeiro 478-N2
Domingos dos Passos 555-F1
Domingos Pires 231
Domingos Pires de Carvalho 1028
Domingos Rodrigues 105-Tn7—870, 1066-F3, 1068,
 1348-F1
Domingos de S. Teresa 1081-Bn2
Domingos da Silva de Aragão 650-Bn4
Domingos da Silva Morro 650
Domingos Simões 956-Bn3
Domingos Soares Barbalho 481-Tn3, 483
Domingos Soares da Franca 486, 487-F1, 488, 489-N5
 —489-N6, 490
Domingos Teles de Menezes 332-N29, 343, 376-N4,
 1335-F5, 1362
Domingos Vale 1155-N1, 1155-N2
Domingos Varela 143
Domingos Vieira de Lima 995
Dora Sodré de Sá 814-6n5
Dorotéa Fernandes 477
Duarte de Albuquerque Coelho 34, 35, 49, 191
Duarte de Albuquerque da Silva 274-N2, 1321
Duarte Coelho 32, 61, 85, 191, 308
Duarte Correia Vasques 578
Duarte da Costa (gov.) 241, 257, 369, 430, 493, 1241
Duarte Lopes Soeiro 90, 420-N2, 470-F1, 471, 478,
 479, 841
Duarte Lopes Ulhoa 405-N1, 1322
Duarte Maciel de Andrade 528
Duarte de Melo 1018-F3, 1020
Duarte Moniz Barreto 48, 97, 97-F4, 130-F1 131, 397,
 427—134-Bn3, 144—135-Bn14—145-Tn7
Duarte Moniz Barreto de Aragão 190-11n20
Duarte Osquer 242-N14, 263
Duarte Sodré Pereira 827-F1—885-Bn9
Duarte Ximenes 866-N3, 920-F4, 921, 923A
Dulce Pires de Carvalho e Albuquerque 1051-6n13

Edgar de Araújo de Aragão Bulcão 1223-7n28
Edite Lippmann 1216-6n40
Edite Moniz de Aragão 189-Bn9
Edmundo Moniz de Aragão 189-11n17
Eduardo Ferreira França 1358
Eduardo Vas de Carvalho 819-N4
Egas Carlos Moniz de Aragão 189-11n11
Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão 179-9n3, 182,
 189, 815
Egas Carlos de Sousa Moniz Barreto de Menezes 164,
 Tn5, 169, 1005-Tn1
Egas Ferrão Moniz de Aragão 176-8n2
Egas Moniz Barreto 130, 282—133-N7, 138, 203,
 211-F6, 370-F3, 857—152-Tn31, 160, 562-N1,
 1004—157-4n5—160-4n23, 166, 725-N7, 726A-
 Bn2—166, 166-5n10—410-B7n—861-F6

Egas Moniz Barreto de Aragão 177-8n6, 180— (Barão de Moniz de Aragão) 180-9n8, 184-1186-10n23, 190—190-11n21
Egas Moniz Sodré de Aragão 182-10n25
Egídio Moreira de Castro e Silva 1050-6n9
Elias de Góis Coutinho 621-N21
Elias da Rocha 183-10n2
Elias de Sousa Salgado 361-Tn4
Elisa Augusta de Lacerda 190
Elisa Pires de Carvalho e Albuquerque 1037-4n6—1045-5n10
Elvira de Estéria 354-Bn39, 366
Elvira Pinho de Aragão Bulcão 1219-7n9
Elsa Santos 822-F2
Emerenciana Barbosa 859-F2, 860
Emília de Araújo de Aragão Bulcão 1215-6n22
Emília Augusta de Aragão Bulcão 1215-6n26
Emília Augusta Ferrão Moniz de Aragão 176-8n1, 1209-4n4, 1211, 1215
Emília Umbelina dos Santos 826
Emilina Gitaí 1044-5n5, 1050
Emilina Pires de Carvalho e Albuquerque 1050-6n3
Emílio Pires de Carvalho e Albuquerque 1051-6n14
Enoque Torres 821-F2, 826-F8
Escolástica Cabral 331-N17, 339
Escolástica de Sá 284-N3, 723—723-F8
Esperança da Silva 547-F3
Estácio de Sá Moniz Barreto 166-5n9, 171
Estefânia Pires de Carvalho e Albuquerque 1053-6n20
Ester de Seixas 826-F1
Estêvão de Aguiar 343, 374-F2, 376, 536-N2
Estêvão de Barros da Câmara 835-N1
Estêvão Borges de Barros 835, 836, 965, 1076-F4, 1077
Estêvão de Brito Freire 227-F3, 388—262-F1, 390-N2, 392, 1190—1190-F3, 1191
Estêvão Cabral 224-4n1, 1323
Estêvão da Costa Peixoto 216-Tn3
Estêvão Feio de Carvalho 506, 556-F1, 557
Estêvão Fernandes 373
Estêvão Fernandes Moreno 665
Estêvão Ferreira 436, 556-F2, 558-F2, 560, 567—560-N5
Estêvão Gomes de Escobar 622-N6, 627
Estêvão Gomes de Melo 319-F3
Estêvão Lastério 1256-F3, 1257
Estêvão Machado de Sá 793-F1, 941-F1, 942
Estêvão Pereira Bacelar 435-F1, 1324—1325-N3
Estêvão Rodrigues do Porto 866-N5, 870, 1068-F2, 1393-F5
Estêvão da Silva 223-Bn2—1136-F1
Estêvão da Silva de Aragão 506-Bn3
Estêvão da Soledade 1077-N6
Estêvão Teles 298-Bn5
Eudóxia Cândida Ferrão de Pina e Melo 661
Eufrásia Cabral 339-Bn9
Eufrásia Carvalho de Oliveira 1101
Eufrásia de Góis 1101-F2

Eugênia de Jesús 929-N8
Eugênia de Jesús Barbosa 835, 836, 965, 1076-F4, 1077
Eugênia de Sousa 565-Bn8
Eugênia Teresa de Menezes 155-Tn46, 1151, 1154
Eugênio Loureiro Maior 1250
Eugênio de Teive e Argolo 1230-N13
Eusébia Girão 216-Tn2, 218, 1271-N1
Eusébio Teles de Menezes 857-N5, 864, 1050
Eusébio 563-N13
Eusébio de Amorim Salgado 1019-N4
Eusébio Ferreira 421-N9, 500, 561, 568, 569—562-N6
Eusébio Pereira de Faria 518-Bn2, 539
Eusébio Pereira Freire 335-N45
Eusébio Teixeira 1165-F1, 1167, 1168
Eutímio Alves Bezerra 1221-7n17
Evandro Moniz Correia de Menezes 188-11n7
Evangelina Moniz de Aragão 190-11n19
Ezequiel da Costa Ferreira 1027-F7

Fabiano Lopes 1148
Fábio Tórres 826-F6
Faustina Pereira 339-Bn11
Faustino da Costa Peixoto 426-Bn1, 1326, 1327
Fé de Sousa 445-Tn6
Felícia Lôbo 201-F1, 202, 228-F4, 367, 596, 603—204, Bn4—453-F11
Felícia Lôbo de Barros 100-Bn2, 105, 128, 502-F3
Felícia de Vasconcelos 984-F3
Feliciano de Abreu 521
Feliciano Luís Castelo Branco 1170-N2
Feliciano de Melo 143-Tn3, 147-Tn13, 158, 1403
Feliciano de Oliveira 473-F5, 475
Feliciano de Sá 520-N8
Feliciano de Albuquerque 305-Bn3
Feliciano de Araújo de Brito 597-N6
Feliciano de Araújo Soares 597
Feliciano Coelho de Carvalho 302
Feliciano Dourado 44-F1
Feliciano de Sousa Aguiar 1054-6n26
Felipa 870-F4
Felipa de Albuquerque Coutinho 347
Felipa de Almeida 132-N15, 137—136-Bn21, 149, 894-F3—149-Tn23—897
Felipa Alvares 1-F5, 3, 4, 220—10-Bn1, 12, 634, 1334-F1—1258
Felipa de Andrade Soares Coutinho 846
Felipa de Araújo 916, 919-F1, 1385
Felipa de Brito 432, 433, 435-F2, 1350—680-Bn5, 688, 1325-N1
Felipa de Brito Freire 392-Bn2, 1190, 1349
Felipa de Cardiga 415-F2
Felipa Cavalcanti de Albuquerque 48-F9, 61-F2, 63 a 69-Bn20, 830
Felipa Cordeiro Aires 137, 416-N2
Felipa Correia 334-F41, 349
Felipa de Figueiredo Mascarenhas 28-F1
Felipa Henriques Serrão 312-Bn11

Felipa de Melo 101-Bn14—866-N1, 867—1383
Felipa de Menezes 397, 408-N4, 412
Felipa de Moura 50-Bn5, 1173-N1, 1176
Felipa Nunes 518-F4
Felipa Pimentel 358, 524-F2, 526, 927—526-N11
Felipa Pissarro de Vargas 195-F2, 197, 1192-F5
Felipa de Sá 101-Bn11—282-F3, 404, 407, 1306—1306-F1
Felipa Santiago 381, 408, 423, 865-F5 868—866-N5, 870
Felipa da Silva de Oliveira 503-N4, 506, 557-N3, 1371
Felipa Soares de Brito 786-N9, 788, 795
Felipe 16-F2
Felipe de Almeida 1306-F1
Felipe de Barros Lobo 229-N1, 231
Felipe Bulhão da Cunha 326-Bn7
Felipe Cardoso do Amaral 1328
Felipe de Castela (rei) 98
Felipe Cavalcanti 32-F1, 48, 55, 62, 191, 320
Felipe Cavalcanti de Albuquerque 48-F4—49-N4, 50, 58, 194-F2, 1176 a 1179—51-Tn2—62-N3, 67, 291, 470-F5—66-Bn6
Felipe Cavalcanti de Vasconcelos 68-Bn14
Felipe Correia 1087-F1
Felipe Dias do Amaral 1118-N6
Felipe Dias Vaz 64-N19
Felipe Ferreira de Araujo Pinho 210B
Felipe Garção de Oliva 384-N2
Felipe de Góis de Araújo 437-F8, 686-Bn30, 693
Felipe de Lemos 211-F5, 212, 225-F1, 909
Felipe Lopes Soeiro 470-F10
Felipe de Moura 32-F8, 48-F5, 191, 193 a 195
Felipe de Moura Acioli 274-N1, 275-N11, 277
Felipe de Moura Rolim 195-F2, 197, 427-F5, 1192-F5—199-N4
Felipe Pais Barreto 1373
Felipe Pereira 1329-F1
Felipe Pereira Campelo 970-N10
Felipe Pereira de Eça 1329
Felipe Rabelo de Andrade 881, 901
Felipe Rodrigues Campelo 968-F4—969-N4, 970
Felipe da Silva Bezerra de Almeida 881-N1, 902-F1, 903
Felipe Soares 1306-F4
Felipe Tomás de Almeida Calmon 883-Bn3, 903-N7, 904
Felipe Vanderley de Araújo Pinho 210 B-F3
Felipe Veloso 440
Felisbela Teles 858-Bn2
Félix de Araújo Góis 695-4n3—1048-N3
Félix de Bittencourt de Sá 647-N12, 834, 991, 1079—650-Bn6, 834-F5, 838—837-N7—839-Bn1
Félix de Itaparica 484-4n7
Félix José Brás Bezerra 962-Tn5
Félix José Machado Peçanha 1237-F5
Félix José Soure 166-5n17, 726A-Bn2
Félix Pereira 986-F4
Fernando de Barbuda 310-N4
Fernando de Barbuda de Menezes 312-Bn8

Fernando de Lemos Palhã 520-N3, 521
Fernando de Lemos Palha de Sá 522-Bn1
Fernando Luís de Sousa Dantas 824-F2
Fernando Pereira de Carvalho 1045-Bn10
Fernando Pires de Carvalho e Albuquerque 1045-5n11—1051-6n15
Fernando Ribeiro de Sousa 462, 701-N1, 703, 1009-Bn13
Fernando Teles de Carvalhal 110-Tn26, 118
Fernando Teles de Menezes 1310
Fernão Alvares 215-Bn1
Fernão Barbalho Bezerra 491-F3
Fernão Barbosa 258
Fernão Gomes de Quadros 305-Bn4, 1330
Fernão de Lemos 1295
Fernão Lobo 1311-F7
Fernão de Melo de Albuquerque 958-F2
Fernão Peixoto 874
Fernão Peixoto de Sá 874-F3
Fernão Pereira de Aragão 794-N1
Fernão Pereira do Lago 410, 1180-F4, 1183
Fernão Pereira de Macedo 645-N10, 793-F2, 794—719-N3, 795-Bn1, 796
Fernão Pinto do Casal 525—525-N4, 529, 1018-F7
Fernão Pôrto 870
Fernão Ribeiro de Sousa 1241-F4, 1243, 1247
Fernão Rodrigues Ribeiro 404-F3
Fernão Rodrigues Santiago 312-Bn5
Fernão de Sá 1-F4
Fernão Sodré Pereira 803, 827
Fernão de Sousa 1185-F7
Fernão Teles 336-N53
Fernão Teles de Menezes 334-N44
Fernão Vaz da Costa 493, 496
Fernão Vaz da Costa Dória 496-Bn1, 497, 829-F3
Fernão Vaz Sarraxe 540
Fernão Velho de Araújo 840
Firmina Joaquina de Aragão de Brito 1203-N2
Flaviano Imbaçá da Silva 1086-N2
Florência de Bittencourt 356-Bn49
Florência de Bittencourt e Aragão 839-Bn3
Florência de Jesús 1080, 1312
Florência Machado 1081
Florência Maria Madalena de Eça de Burgos Pa-checo 254A-4n13, 1199-F1, 1200
Florência Maria do Ó 1237-F1, 1238
Florência de Menezes 352-Bn31
Florência Moreira de Almeida 551-F1, 552, 1078-N10, 1080
Florência Rodrigues Campelo 968-F5
Florinda de Aragão 636-Tn6
Florinda de Freitas e Sousa de Eça 763-F1, 764, 765-F2
Francisca 427-F6—498-4n3—718-F5—805-N3—862-N7—870-F3, 1143-F3
Francisca de Abreu Calmon du Pin e Almeida 890
Francisca Acioli 275-N12
Francisca de Aguiar 228-F1, 229, 1133—332-N29, 343, 376-N4

Francisca de Aguiar Espínola 97-F2, 99, 372-F3, 680
 Francisca de Almeida Velória 134-Bn1, 142, 1372
 Francisca Antônia do Livramento 210A
 Francisca de Aragão 632-N5, 803
 Francisca de Araújo 283, 677-F3, 700, 946—408-N2,
 410, 1183-F1—592-F1, 593, 595-937-F10
 Francisca de Araújo de Aragão 1206-Bn2—1292
 Francisca de Assis Viana 174-7n6, 178
 Francisca de Assis Viana Moniz Barreto de Aragão
 178-8n9
 Francisca Barbalho de Sousa 562-N5, 723
 Francisca Barbosa 139, 211-F5, 212, 225-F1, 699-
 F1, 699 A, 909
 Francisca Barreto 727-F5
 Francisca de Barros 476-F3—962—962-Tn1
 Francisca de Bittencoudt e Aiala 834-F6
 Francisca de Brito 528-Bn4, 532
 Francisca Calmon du Pin e Almeida 883-Bn6
 Francisca de Cardiga 415
 Francisca Catarina da Conceição 849-N8
 Francisca Cavalcanti 51-Tn4, 60—55-F2, 195-F1,
 196, 200
 Francisca Clara de Aragão Bulcão 1216-6n39
 Francisca Clara Calmon de Araújo Bulcão 1210-
 5n12, 1213-6n11, 1216
 Francisca Clara Calmon du Pin e Almeida 889-
 4n15—893-5n13
 Francisca Clara de Queirós e Argolo 206-4n6
 Francisca Clara de Sande 35-Bn4, 36, 1095-F1
 Francisca Clara de Sousa Magalhães 866-Tn7, 889,
 906-F2, 1213
 Francisca Correia de Albuquerque 287-F1, 288
 Francisca Coutinho 140-Bn44, 601—622-N17—1008
 Bn4, 1011
 Francisca da Cunha 1070
 Francisca Dias 20-F8, 220, 1180 a 1183—24-4n2,
 1279—859, 933, 1318
 Francisca de Eça 241-N10, 289-F1, 290
 Francisca Fernandes 1302
 Francisca Ferreira 637
 Francisca de Figueiredo 871-F11
 Francisca da Fonseca de Góis 461-F4, 622, 1351
 Francisca de Freitas 673
 Francisca de Freitas Pimentel 531-Bn15, 608, 690-
 Tn5, 694
 Francisca Gaioso Xavier 791, 799-F1, 800
 Francisca da Gama 504—1298
 Francisca Garcês 241-N4, 245
 Francisca Garcia 764-N1
 Francisca Girão 395-F1
 Francisca de Góis 686-Bn36
 Francisca Inácia Campelo 969-N6, 973
 Francisca Isabel Barreto de Menezes 155-Tn44,
 1164—911-Bn3, 913, 1164-F3
 Francisca de Lacerda Coutinho 315-Tn5
 Francisca Lins de Vasconcelos 90-Bn5, 150, Tn24,
 159
 Francisca Maciel de Sá 844-F4, 844B
 Francisca Margarida Diniz Bandeira 971-Bn1
 Francisca Maria Calmon du Pin e Almeida 883-N13.

Francisca Maria Duarte Leite 847-F3 850, 853
 Francisca Maria de Magalhães 1026
 Francisca Maria Teles 864-F2
 Francisca de Matos 452
 Francisca de Melo de Vasconcelos Aguiar Daltro
 125-5n1
 Francisca de Menezes 102-Bn20, 584, 1259-F1, 1260
 —133-N20, 376, 535-F1, 536—139-N40, 461-F5,
 461A—154-Tn42—359, 603-F2, 604, 607, 1269—
 437-N2, 612-N9, 616, 787A—439-Bn9, 445, 787A-
 Bn1—607-F1—1269-N3
 Francisca Micaela 1026-F3
 Francisca de Miranda 784-F3, 792
 Francisca Moniz Barreto de Aragão 181-9n16
 Francisca Nunes 870, 1068-F2
 Francisca de Oliveira 270-N3
 Francisca de Oliveira Melo 110-Tn31
 Francisca de la Penha Deusdará 74, 709-F2, 710,
 768, 832-F2
 Francisca de Perada 97-F1, 98, 215, 384—215-Bn5,
 334-N35, 346, 395-F2, 396, 409, 564
 Francisca Pereira 568, 935-F1
 Francisca Pereira Pita 769-N5, 1150-F5, 1152
 Francisca Pereira Soares 330-N6
 Francisca Pinheiro 635-Bn16, 637, 764
 Francisca da Rocha Pita 773-Bn3
 Francisca da Rocha Queirós 719-N3, 795-Bn1, 796
 Francisca Rodrigues 21, 95, 96
 Francisca de Sá 493-F4, 495—723-F6, 1400
 Francisca do Salvador 1181-F1
 Francisca Sanches Delpogo 960-N1, 961, 963-F1,
 969
 Francisca de Sande 36, 751-F1, 849, 1095
 Francisca dos Santos França 64-N13
 Francisca da Silva 165, 606, 1062-F1, 1275—298-Bn3,
 301, 330-N9
 Francisca da Silva Metelo 1169
 Francisca da Silveira 388-F1, 389
 Francisca de Siqueira Cabral 98
 Francisca Soares Barbosa 144-Tn5, 156, 537-N11
 Francisca de Sousa 254A—561-F1, 589—586-F6—
 1315-F5
 Francisca de Távora 391
 Francisca Teles 537A-Bn4, 666-F1, 667
 Francisca Teles de Góis 715-F2, 722
 Francisca Teresa 943-Bn3
 Francisca Teresa de Jesus de Barros 969-N2, 971
 Francisca Teresa de Sande 1185-F4
 Francisca do Vale Maciel 844B-F1
 Francisca de Vargas Cirne 732-F3
 Francisca de Vasconcelos 414, 441-Bn22, 1060-N1,
 1065—622-N1, 623, 630, 680-Bn3, 686, 689, 831,
 963, 1097—1060-N10
 Francisca Xavier de Macedo 1090-B4, 1090A
 Francisca Xavier de Menezes Dória 1111-Bn4, 1261-
 F1, 1262
 Francisca Xavier de la Penha Deusdará 768-F4, 775
 Francisca Xavier Pereira 934-N4
 Francisca Xavier de S. José 166-5n9, 171
 Francisca Xavier da Silva 854

- Francisca Ximenes de Aragão* 667-Bn4
Francisco 318-Tn8—331-N20—373-N2—382-Tn4—503-N11—720-F1—862-N4—867-Bn1—915-Tn14—1239-N7—1393-F4
Francisco de Abreu da Costa Dória 497-Tn1, 498, 1015-F3, 1109
Francisco Acioli de Vasconcelos 275-N7, 279
Francisco de Aguiar 372-F1—1256
Francisco de Aguiar Daltra 1056-N8
Francisco de Aguiar 20-F8, 1180 a 1183
Francisco Aires Aguirre 459-N7
Francisco de Albuquerque Coelho 305-Bn1, 306
Francisco de Almeida Monteiro 902
Francisco de Almeida Rosa 1390-F1
Francisco de Almeida Sarmiento 670-N5
Francisco Alvares 1133-N13—1135-Tn1
Francisco Alvares Ferreira de Bittencourt 214, 383, 582, 699
Francisco Alvares Varjão 229-N2, 1130-F3, 1133, 1139, 1140
Francisco Alvaro Sodré Pereira 805-N2, 807—813-5n7
Francisco dos Anjos 603-F1
Francisco Antônio de Argolo e Queirós 206-4n3, 208, 773-Bn1
Francisco Antônio da Rocha Pita e Argolo (Visconde de Passé) 209-6n1, 210
Francisco de Aragão 506-Bn4
Francisco Aranha Barbosa 76-F4
Francisco de Araújo 20-F2, 227, 388, 631, 641, 759—110-Tn30, 1282-F2, 1283—227-F2—285-Bn1, 465-N4, 702-N3, 704, 976—592-F4
Francisco de Araújo de Aragão 71, 473-F2, 631-F1, 632, 645, 652, 754, 803—82-F6, 636-Tn5, 640, 1033—632-N2, 635, 1003-N2, 1206, 1207—635-Bn16, 637, 764—645-N4, 650, 837, 838, 1246
Francisco de Araújo de Aragão Bulcão 1206-Bn5—1214-6n15, 1218
Francisco de Araújo de Brito 591-F1, 592, 1116—593-N2
Francisco de Araújo Costa 936
Francisco de Araújo de Eça 246-Bn11
Francisco de Araújo Góis 679-N21
Francisco de Araújo de Sousa 1018-F1
Francisco de Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque 1054-6n25
Francisco de Azevedo 502-F5, 926, 932—1149—1399
Francisco Barbalho Bezerra 491-F6
Francisco Barbosa de Brito 841, 1253-F1
Francisco Barbosa de Eça 145-Tn10, 259-N1, 260—237-Tn4
Francisco Barbosa Leal 864-F3, 1049-Bn3, 1050
Francisco de Barbuda 48, 99, 103, 135, 284, 308, 1121—308-F5, 310, 1354-F2—310-N5—1383
Francisco Barreto 442—(gov.) 1157, 1317—1258-F4, 1400-F5
Francisco Barreto de Aragão 26, 40, 578-F3, 645-N1, 648, 1005
Francisco Barreto de Melo 131-N2, 135, 308-F4, 645
Francisco Barreto de Menezes 109, 138-Bn31, 152, 153, 641-F4, 882-N14—135-Bn13—153-Tn39—160-4n22, 165, 1275-F6
Francisco Barreto de Sá 410-Bn10
Francisco de Barros 28-F4, 856, 1250, 1251, 1253—453-F12
Francisco de Barros de Azevedo 387-Tn4
Francisco de Barros Cardoso 1193-N5
Francisco de Barros Cavalcanti de Albuquerque 1118-N9, 1120
Francisco de Barros Falcão 37, 50-Bn6, 1175-N4, 1179
Francisco de Barros Lôbo 138-Bn35, 161, 856-F1, 857, 861, 864—860-N2—861-F4—928-N3
Francisco de Barros Machado 1129, 1331
Francisco de Barros Magalhães 237-Tn3
Francisco de Barros Pimentel 326-Bn5
Francisco de Barros Soeiro 420-N7, 473-F3, 474
Francisco Bezerra Barriga 49-N6, 57
Francisco Bícudo 133, 141, 292, 369
Francisco de Bittencourt 98-N4, 214-N1, 215, 346, 396—215-Bn7—834—834-F10
Francisco de Bittencourt de Sá 216-Tn1—346-Bn26, 363—671-N15—834—837-N8—838-N14, 839
Francisco Borges de Barros 1077-N4—1080-Bn1, 1082, 1312—1086-N1
Francisco de Bra 680-Bn11, 988, 1157, 1159
Francisco de Bra da Rocha Moutinho 1147-F1, 1159-F1, 1160
Francisco Brandão 611-N2
Francisco Brandão Coelho 610-F4, 643, 689
Francisco Bras de Araújo 1119
Francisco de Brito de Araújo 435-F1
Francisco de Brito Barbosa 548-F1, 805, 1332
Francisco de Brito de Castro 851-N16
Francisco de Brito Freire 388-F2, 390—389-N1, 391—1369-F1
Francisco de Brito de Sampaio 847—847-F2, 849, 1095-F3—849-N3
Francisco Caldeira de Brito 880
Francisco Calmon du Pin e Almeida 880-F9, 882, 898-F1—882-N8, 884, 900-F1, 993—886-Tn1
Francisco de Camelo 78
Francisco de Camelo Valcácer 51, 68-Bn18, 78
Francisco Cardoso de Alpoim 1088-F1, 1089, 1363-F2
Francisco Cardoso de Melo 1090-Bn5, 1091
Francisco de Carvalhal de Oliveira 99-N6, 102, 329-F12, 1260
Francisco de Carvalho Pinheiro 500-F2—502-F6, 505, 1103, 1352-F2
Francisco Casado Dias Filgueiras 854-F1
Francisco de Castro 421-N10, 424, 537C
Francisco Cavalcanti de Albuquerque 66-Bn7—734-4n3
Francisco Chaves 609
Francisco Coelho de Carvalho 49-N5, 302-F1, 303
Francisco Coelho Negramonte 959-F2
Francisco Cordeiro 915-F9
Francisco Correia Filgueiras 1304-F2
Francisco Correia de Sande 1185-F2

- Francisco da Costa Dória* 113, 493-F5, 494-N1, 496—493-F4, 495
- Francisco de Couros Carneiro* 977-Bn3, 979
- Francisco da Cruz Arrais* 1333, 1348-F2
- Francisco Dias* 12, 1334—1334-F4
- Francisco Dias de Almeida* 309-N3, 583
- Francisco Dias do Amaral* 592-F2, 1116—1117-N1, 1119
- Francisco Dias de Avila* 21-N1, 22, 1247-F2—23-Tn1, 24, 785-N1, 1279, 1368—25-5n1, 26, 40, 648-Bn1, 787, 1032
- Francisco Dias Baião* 865-F2—866-N4
- Francisco Diniz* 1290
- Francisco Duarte de Azevedo* 516-F2, 517
- Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque* (1.º Barão de Jaguaripe) 1034-Tn8, 1035-Tn14, 1039—(2.º Barão de Jaguaripe) 1039-4n14, 1043-4n20, 1047
- Francisco Félix de Brito* 1190-F2
- Francisco Fernandes* 21-N4—745-F5, 751, 1095
- Francisco Fernandes Pacheco* 103, 1121-F2, 1122, 1355, 1378-F1—1122-N1
- Francisco da Fonseca* 466-N12—678-N3, 709, 987
- Francisco da Fonseca de Siqueira* 72-Tn13, 710-N1, 711
- Francisco da Fonseca Vilas-Boas* 683-Bn20, 770, 987-F3, 989—989-N2, 992
- Francisco da Franca* 572-F2
- Francisco Freire de Andrade* 138-Bn36
- Francisco de Freitas* 127-F1—230-N3—524
- Francisco de Freitas Barros* 524-F4, 527, 609-F1
- Francisco de Freitas Magalhães* 131-N8, 312, 329-F6, 334, 530, 582-F1, 583—298-Bn2
- Francisco de Freitas de Menezes* 162, 312-Bn4, 315, 622-N18, 1346—334-N40, 348
- Francisco Furtado* 136-Bn19, 343, 1335, 1362—533-F2
- Francisco Furtado de Mendonça* 242-N16—247-Bn15, 266
- Francisco Gil de Araújo* 428-N5, 759-F2, 760, 761
- Francisco Gil Garcia de Araújo* 637-Tn8, 763-F1, 764, 765-F2—764-N6
- Francisco Girão* 399-Bn7, 403, 689-Tn2
- Francisco de Góis de Araújo* 678-N10—680-Bn8
- Francisco de Góis Barbosa* 947-Bn1
- Francisco de Góis de Macedo* 946-N2, 947
- Francisco Gomes de Abreu Lima* 845
- Francisco Gomes de Abreu Lima Côrte-Real* 845-F1
- Francisco Gomes da Maia* 522-Bn4
- Francisco Gomes de Melo* 319-F2
- Francisco Gomes de Sá* 787A-Bn3, 1150, 1153
- Francisco Gomes de Sá de Araújo* 1150-F4, 1151, 1154-F2
- Francisco Gonçalves Martins* (Visconde de São Lourenço) 210
- Francisco Gonçalves Ribeiro* 995, 1307
- Francisco Inácio de Sousa* 421-N13
- Francisco de Jesus Maria* 1089-N2
- Francisco Joaquim da Silveira* 912-Tn1
- Francisco José Calmon de Sousa de Eça* 905-F2
- Francisco José de Lemos* 253-4n12, 980-Tn2, 981
- Francisco de Lacerda* 1313-F1
- Francisco de Lemos* 211
- Francisco de Lemos Landim* 519-F7
- Francisco de Lemos de Sá* 520-N2
- Francisco de Lima* 1067-F1, 1071, 1073
- Francisco Lopes Delgado* 917-N4, 1336
- Francisco Lopes Ferreira de Sousa* 886, 907
- Francisco Lopes Girão* 215-Bn5, 395-F2, 396, 409—384, 395
- Francisco Lopes de Paiva* 1399
- Francisco Lopes Soeiro* 472-N7
- Francisco de Lucena Vasconcelos* 746-N2
- Francisco Luís* 272-F2
- Francisco Luís Barbosa* 865-F3
- Francisco de Macedo* 1181-F2, 1270-F3, 1272
- Francisco Machado* 1130-F5
- Francisco Machado Peganha* 1236—1237-F4
- Francisco Machado da Silva* 748-Bn1
- Francisco Manuel de Abreu* 886-Tn2
- Francisco Manuel de Melo* (D.) 69-Bn21, 79, 1339
- Francisco Maria Sodré Pereira* 179, 807-Bn9, 808, 817, 818—810-4n1, 811, 822
- Francisco Marques de Araújo Góis* 891
- Francisco Marques de Góis Calmon* 891-5n6
- Francisco Martins de Lima* 1293-F1
- Francisco Martins Pereira* 884
- Francisco de Melo* 307
- Francisco de Melo de Carvalho* 97-F3
- Francisco de Melo Correia* 427-F3
- Francisco de Melo de Vasconcelos* 101-Bn8, 108, 129, 537-N9
- Francisco de Melo de Vasconcelos de Aguiar Daltro* 117-4n5, 125, 691-Tn14
- Francisco Mendes* 1343
- Francisco de Mendonça Furtado* 192-N1
- Francisco de Mesquita* 335
- Francisco Moniz* 148-Tn18
- Francisco Moniz de Aragão* 189-11n12
- Francisco Moniz Barreto* 134-Bn1, 142—155-Tn44, 1164—161-4n28—355-Bn45, 408-N2, 410, 1183-F1—607-F6, 608, 694-4n1
- Francisco Moniz Barreto de Aragão* (Visconde de Paraguaçu) 177-8n5—180-9n10, 186—186-10n25—1203-N3
- Francisco Moniz Barreto Côrte-Real* 467-Bn2, 1161-F6, 1164-F2, 1164A, 1203
- Francisco Moniz Barreto de Vasconcelos* 93-Tn9
- Francisco Moniz Coutinho* 362-Tn5
- Francisco Moniz Ferrão de Aragão* 179-9n5, 183
- Francisco Moniz Girão* 398-Bn1, 400
- Francisco Moniz de Menezes* 133-N26, 141, 455, 524-F3
- Francisco Moniz de Sousa* 455-Bn1, 457
- Francisco Moniz Teles* 329-F15, 336, 586-F1—336-N54, 355, 416-N3—1311-F4
- Francisco Monteiro de Abreu* 1254-F2
- Francisco Monteiro Freire* 293-F3, 295, 1056-N1
- Francisco de Moraes* 401
- Francisco Moreira* 436-F5

- Francisco Moreira de Pinho 1401-F3
Francisco Moreira Sodré de Aragão 822-F6
Francisco de Moura 191-F1, 195, 197
Francisco de Moura Acioli 277-Bn3
Francisco de Moura Rolim 326-Bn7
Francisco de Negreiros Côte-Real 439-Bn14, 481-Tn1, 482, 645-N7, 781
Francisco de Negreiros Soeiro 478-N4, 480, 491-F5
Francisco das Neves 113-4n1
Francisco Nunes de Freitas 420-N3, 1336A
Francisco Nunes do Rêgo 515-N2
Francisco de Oliva 127-F4
Francisco de Oliva de Melo 254
Francisco de Oliveira 984-F4
Francisco de Padilha 204-Bn2—370-F2
Francisco de Paiva 420-N5, 591, 592, 595
Francisco de Paula Argolo 1046-5n23
Francisco de Paula Pessoa 825-F6
Francisco Pereira de Abreu 425, 1300, 1353, 1378-F2, 1379
Francisco Pereira de Aguiar 138, 1165
Francisco Pereira de Aragão 503-N7
Francisco Pereira de Araújo 632-N8, 752-F4, 754
Francisco Pereira de Barros 1141-F1
Francisco Pereira Botelho 71-Tn2, 1195-F1, 1196, 1198—1196-N1, 1197-F1, 1198
Francisco Pereira de Castro 425-N1, 426, 1303, 1326
Francisco Pereira Ferraz 847-F4, 852
Francisco Pereira do Lago 568, 736-F2, 933, 938, 1318-F1—933-F3—934-N2
Francisco Pereira Pinto 356-Bn48
Francisco Pereira Pôrto 870-F7
Francisco Pereira Rabelo 795-Bn4
Francisco Pereira dos Santos 1340-N1
Francisco Pereira Soares 329-F2, 330, 1248-F2, 1254, 1393
Francisco Pereira Sodré 182, 808-Tn7, 810, 817-F1, 820, 821—812-5n6
Francisco Pimentel de Oliveira 285-Bn3, 721
Francisco de Pina 609-F4
Francisco Pinheiro Barreto 163
Francisco Pinheiro de Carvalho 515-N5
Francisco Pinheiro Coutinho 101
Francisco Pinheiro Favazo 1131-N4
Francisco Pinto de Faria 253-4n1, 269-F7, 1014, 1161, 1164A, 1308
Francisco Pinto da Fonseca de Eça 908, 1161-F1, 1162
Francisco Quaresma 458-F3
Francisco Rabelo de Macedo 618, 784-F4, 793, 942
Francisco Rebêlo de Barros 968
Francisco do Rêgo Barreto 76-F2
Francisco Ribeiro 373, 1337—1337-F2
Francisco da Rocha Lôbo 856
Francisco da Rocha Pita 768—768-F1, 769, 777, 778, 787-N16, 789-Bn5, 1152
Francisco da Rocha de Sá 137-Bn27, 284-N4, 286
Francisco Rodrigues 1-F8, 16—3-F1, 4
Francisco Rodrigues de Sousa 260A, 1142-F1
Francisco de Sá 941—1254-F6
Francisco de Sá Barreto de Menezes 437-N6, 440, 707
Francisco de Sá de Bittencourt 699A-N2
Francisco de Sá de Menezes 313-Bn14
Francisco de Sá Peixoto 874-F4, 875
Francisco de S. Teresa 686-Bn37
Francisco Saraiva Tourinho 269-F5
Francisco da Silva 1338
Francisco da Silva de Menezes 1387-N1
Francisco da Silva Pescador 1056-N1, 1338
Francisco da Silveira 656
Francisco de Siqueira de Góis 678-N17
Francisco Soares Brandão 437-N2, 612-N9, 616, 787A
Francisco Soares da Franca 489-N7
Francisco Sodré Pereira 806-Bn5
Francisco Soeiro da Gama 1315-F5
Francisco de Sousa 34, 50-Bn7, 58—(gov.) 98, 389—155, 561-F6
Francisco de Sousa Castelo-Branco 703-Bn3, 706
Francisco de Sousa Dormundo 420-N1
Francisco de Sousa de Eça 243-Bn1, 248, 256, 463-F1, 1008—248-Tn3, 253, 981, 1007-N6, 1164A-N2—253-4n3, 977-Bn10
Francisco de Sousa Falcão 1172-F4
Francisco de Sousa Freire 1264-N1
Francisco de Sousa Santos 915, 1239
Francisco de Sousa de Vasconcelos 258-F3
Francisco Sutil de Siqueira 207-N1, 603—604-N1, 605, 999, 999A, 1000-F1—999-N2
Francisco Tavares Bezerra 1269-N6
Francisco Tavares Cavalcanti 82-F5
Francisco Teixeira Soares 1165
Francisco Teles 370-F5—1346-F1
Francisco Teles Barreto, 112-Tn42, 412-F1, 413, 566—413-N1
Francisco Teles de Brito Correia 594-Bn2
Francisco Teles de Carvalho de Vasconcelos 124-4n10, 126
Francisco Teles de Menezes 111-Tn34, 122—142, 341, 342, 568, 851, 932—166-5n20—332-N27—414, 441-Bn2, 1060-N1, 1065
Francisco de Vasconcelos Cavalcanti 70-Bn23, 72, 83, 368-F1, 711, 1096
Francisco Vaz de Carvalho Sodré 318-F1, 819—819-N1
Francisco Vicente de Calmon Viana 1215-6n26
Francisco Vicente Viana (Barão do Rio das Contas) 177, 178—1054, 1210-5n13
Francisco Vieira de Lima 995-F1, 996, 999-N1
Francisco Xavier de Araújo 696-4n5, 697
Francisco Xavier de Argolo 447-Tn21
Francisco Xavier Borges de Barros 1081-Bn6
Francisco Xavier de Castilho 923A-N1, 924, 1069, N5
Francisco Xavier da Costa 1069-N3—1317-F2
Francisco Xavier Maldonado 939-N3
Francisco Xavier de Mendonça 266-F1
Francisco Xavier da Silva 1275-F3

Francisco Xavier de Vasconcelos 108-Tn17—158-4n18
—738-Bn2, 740—740-Tn3
Francisco Wahanann 1235-F2
Francisco Zorilla 1241-F1, 1242
Frederico Borges de Barros 1086-N4
Frutoso de Aragão Bulcão 189-11n14, 1218-7n7,
1225
Frutoso Moniz Barreto de Aragão 181-9n14
Frutoso Vicente Viana 176-8n3, 662, 1214—889-
4n15
Fulgêncio de Lemos 609-F5

Gabriel da Rocha Moutinho 1157-F3, 1159
Gabriel Rodrigues Pereira 393
Gabriel da Silva 270-N3
Gabriel Soares 8, 201-F3
Gabriel Vieira de Araújo 1254-F5, 1255
Garcia de Avila 1-F2, 21, 95, 96
Garcia de Avila Pereira 22-Bn1, 23, 785, 1247-F3—
24-4n1, 25, 787-N17
Garcia de Avila Pereira de Aragão 26-6n1, 27,
1630-Bn5
Garcia de Avila Pires de Carvalho e Albuquerque
1054-6n23
Garcia da Câmara 1311-F1
Garcia Dias de Avila Pires 1046-5n26
Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque
1038-4n9, 1046
Gaspar Acioli 273, 320-N1—273-F3, 276
Gaspar Acioli de Vasconcelos 275-N5
Gaspar Alvares 1-F1, 2
Gaspar de Amorim de Passos 145-Tn12
Gaspar de Aragão de Sousa 643-N2
Gaspar de Araújo 79-F1, 1339, 1340—461, 677, 700
Gaspar de Araújo de Azevedo 484, 786-N3, 798,
1150—1150-F3
Gaspar de Araújo Góis 140-Bn43, 501, 516-F3, 622-
N10, 623, 678-N2, 680, 712, 1157—680-Bn14—
691-Tn10
Gaspar de Armas de Brum 469, 700-F1, 701
Gaspar de Azevedo 501, 515-N1, 516, 622, 680—
516-F5
Gaspar Barbosa de Araújo 29-F1, 221, 745, 1404—
723-F5, 840-F2, 842, 844
Gaspar de Barros 230-N5, 233
Gaspar de Barros Lôbo 453-F2
Gaspar de Barros Magalhães 202, 228, 367, 368, 453,
524, 1311—228-F3, 230, 436-F4—232-Bn4, 237,
260, 1285-F1
Gaspar Borges Davi 676, 745-F4, 750
Gaspar de Brito Freire 388-F1, 389—391-Bn1—1018-
F3, 1020
Gaspar de Carvalho Novais 1273
Gaspar de Cerqueira Ribeiro 679-N25, 712
Gaspar Cordeiro 415-F8
Gaspar da Cunha Severim 437-N3, 1186, 1188—
1188-F3
Gaspar Dias 1-F9, 17
Gaspar Dias de Ataide 85

Gaspar Dias Barbosa 225-F3, 284-N2, 1341—284-N2—
1341-F1, 1342
Gaspar Dias Vidigueira 1343
Gaspar de Faria Bulcão 1204—1205-N3
Gaspar Feio de Carvalho 557-N1
Gaspar Fernandes da Fonseca 294, 308-F1, 1121,
1124
Gaspar de Freitas 586-F3
Gaspar de Freitas Magalhães 332, 511, 582, 586,
699-F3, 1280—511-N4, 513, 586-F4
Gaspar Furtado 1335-F2
Gaspar José de Matos Ferreira de Lucena 206-4n13
Gaspar Lôbo de Sousa 257-F6, 419-F3, 422
Gaspar Lopes 460
Gaspar Maciel 284-N3, 723
Gaspar Maciel de Araújo 844-F2
Gaspar Maciel de Sá 84, 569-F2, 723-F2, 724—726-
Bn1, 727—842-N6
Gaspar Maciel de Sá Barreto 728-4n1
Gaspar de Melo 16-F4
Gaspar Mendes Barbosa 922
Gaspar Monteiro Freire 294-N2, 299, 416-N9
Gaspar Moreira 543-F1, 549, 550
Gaspar Pacheco de Aguiar 1056-N9
Gaspar Pacheco de Burgos Contreiras 441, 1124-F3,
1126
Gaspar Pacheco de Castro 745-F2, 747
Gaspar Pacheco Freire 217-Tn5
Gaspar Pacheco de Menezes 441-Bn19
Gaspar Pereira 102, 132-N10, 133-N18, 329, 394,
396, 537
Gaspar Pereira de Albuquerque 347-Bn30, 365
Gaspar Pereira de Magalhães 332-N23, 340, 1268-F1
Gaspar Pereira de Menezes 134-Bn9, 219-F3, 329-F11,
334, 583-N1, 1142, 1282
Gaspar Pereira Soares 330-N4
Gaspar Pinto de Ega 253-4n4
Gaspar Pinto da Fonseca e Góis 252
Gaspar Pinto de Góis 1285
Gaspar Pires 383
Gaspar dos Reis Pinto 131-N5
Gaspar Rodrigues 6-F3, 9, 10, 11—1341
Gaspar Rodrigues Adorno 10-Bn1, 12, 634, 1334-F1
Gaspar Teles Barreto 331-N16, 338
Gaspar Teles de Carvalhal de Menezes 102-Bn19, 112,
384-N6, 413
Gaspar Tourinho Maciel 947-Bn2
Gaspar Vanderley 321-N6
Gaspar de Vargas Carneiro Barbosa 730-F2, 731, 733,
734, 975-N1
Genebra Alvares 1-F12, 20, 220, 225, 227, 1180
Genebra Cavalcanti de Albuquerque 48-F5, 191,
193 a 195
Genebra Martelli 48
Genebra de Menezes 1389-F3
Georgina Moniz de Aragão 189-11n8
Geraldo Baldes Leitão 140-Bn46, 601-F1, 602
Geraldo Dias Lima 183-10n13
Geraldo Simões de Castro 576-Bn1, 579, 580
Germano Botelho 139-Bn39

Gertrudes 249-Tn7

Gertrudes Amélia Pires 1037-4n7, 1045

Gertrudes Maria da Encarnação 738-Bn1, 739

Gertrudes Maria de Sampaio 672-Bn2, 674, 1188-F5

Gil Vicente de Vasconcelos 95-F1, 96

Gilberto Moniz de Aragão 189-11n15

Gomes de Aguiar Daltro 354, 373-N1, 378-N6, 380

Gonçalo 1123-N7—1393-F6

Gonçalo Alvares 367

Gonçalo de Amorim 143-Tn4

Gonçalo de Araújo de Aragão 634-Bn3

Gonçalo Barbosa de Mendonça 438-Bn8, 444, 508, 571-N1

Gonçalo Barreto 1258-F2

Gonçalo de Barros Machado 1331-F1

Gonçalo Bezerra de Mesquita 29-F2

Gonçalo Coelho de Araújo 798

Gonçalo Domingues do Paço 555-F5

Gonçalo Falcão Pereira 461-F3

Gonçalo de Faria 1130-F4—1131-N2

Gonçalo Ferreira Feio 559-N3

Gonçalo Ferreira de Sousa 565-Bn3

Gonçalo de Góis de Amorim 166-5n19

Gonçalo Gomes da Franca 845-F6

Gonçalo Homem de Almeida 150, 877

Gonçalo José Galas da Silveira 912-Tn2

Gonçalo José Gomes Castelo-Branco 656-N2, 658

Gonçalo José de Vasconcelos 1147-F7

Gonçalo Lins 92-Tn1

Gonçalo Manuel de Andrade 1256-F1

Gonçalo Marinho de Araújo Bulcão 1210-5n11

Gonçalo Marinho Falcão 787, 790-Bn14, 791, 800-N1—1210

Gonçalo Moniz Sodré de Aragão 182-10n2, 187, 825-F9

Gonçalo Monteiro de Abreu 1254-F1

Gonçalo Moreira Daltro 747

Gonçalo da Moça 1295-F2

Gonçalo Nunes Campo-Maior 404, 1296-F1

Gonçalo Pereira Coutinho 330-N14

Gonçalo Pereira de Menezes 334-F42

Gonçalo Rabelo de Macedo 1103-F2

Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque 153-Tn36, 623-Bn4, 830-N1, 831

Gonçalo da Rocha Serrão 692, 712-F2

Gonçalo Rodrigues de Araújo 618, 787, 859, 1318-F2, 1319

Gonçalo Rodrigues Bezerra 1147-F5, 1344

Gonçalo de Sá 1400-F4

Gonçalo de Sá Souto-Maior 166-5n5—723-F1

Gonçalo de S. Isabel 1206-Bn3

Gonçalo de S. Antônio 367-F4

Gonçalo da Silva Ferrão 1169

Gonçalo Soares da Franca 481-Tn5

Gonçalo Teles de Castelo-Branco 344-Bn18

Gonçalo Vaz 18-F1

Grácia Alvares 1-F14, 29, 221

Grácia Barbosa 221-F3, 1404

Grácia de Figueiredo Mascarenhas 28-F4, 856, 1250, 1251, 1254

Grácia Lopes 1333, 1348-F2

Grácia Maciel da Rocha 730

Grácia Maciel de Vargas 730-F5

Gregório de Castro Brandão 1102

Gregório da Cunha de Barbuda 310-N7, 313, 705-Tn1

Gregório de Matos 361, 781, 831, 1169, 1273

Gregório Mendes Pimentel 264-N1

Gregório Pereira de Almeida 880, 894-F1

Gregório Rabelo de Barros da Fonseca 897

Gregório Rodrigues Varela 595

Goegório Soares 438-Bn4

Gregório Telês de Barbuda 312-Bn11

Guilherme Artur Olivier 825-F2

Guilherme Barbalho Bezerra 478-N3, 491-F22, 492, 1377

Guilherme Moniz Barreto de Aragão 181-9n17

Guilhermina Cavalcanti Bulcão 1217-7n3

Guilhermina Josefa Pereira dos Santos 1217

Guiomar de Almeida 540

Guiomar de Ataíde de Useda 1223-7n22, 1226

Guiomar Bulcão Leal Veloso 1235-F4

Guiomar Cacilda de Jesús Maria 724-N5

Guiomar Calmon de Aragão 885-Bn10

Guiomar da Costa 1204

Guiomar Dória 493-F3

Guiomar de Freitas 520-N4, 522—522-Bn3

Guiomar de Góis 1134-Bn1, 1135

Guiomar Lôbo 1311-F4

Guiomar Lopes 458, 460

Guiomar de Melo 69, 1127-F1, 1128

Guiomar de Menezes 1392

Guiomar Nunes 1181

Guiomar da Rocha 723, 727, 728A, 842, 1400—844-F7

Guiomar Soares de Castro 156, 1397

Guiomar de Sousa 1108-F5, 1110

Guiomar Ximenes de Aragão 433-F1, 434, 498, 665-F1, 1015, 1017, 1317—667-Bn2, 882-N10, 885—1015-F4, 1317

Heitor Antunes 132, 213

Heitor de Carvalho 97

Heitor Ferrão Moniz de Aragão 188-11n4, 189-11n13

Heitor Furtado de Mendonça 97

Heitor Gonçalves de Lima 679-N23

Heitor Mendes de Vasconcelos 287

Heitor de Oliveira 97

Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque 1050-6n8

Helena 249-Tn8

Helena Alvares 1-F7, 15

Helena de Aragão 444-Tn4, 506-Bn1, 508

Helena de Argolo 282, 369-F2, 596

Helena de Atouguia 272-F2

Helena Barbosa Freire 298-Bn2

Helena de Barros 145-Tn11, 629

Helena de Castro 241-N5, 258, 259—242-N13

Helena da Cunha 232-Bn6, 1199

Helena do Espírito Santo 537C

Helena Gonçalves de Castro 240—269

- Helena de Lacerda Coutinho* 314-Tn1, 918, 954-N2, 956
Helena Leite 850
Helena Lins 92-Tn6
Helena Lôbo 234-Bn10
Helena Maria 446-Tn14
Helena Maria de Argolo Meneses 439-Bn14, 481-Tn1, 482, 1305
Helena de Melo 917, 1089, 1363
Helena de Melo de Vasconcelos 97-F4, 130-F1, 131, 137, 397, 427
Helena de Mendonça 713
Helena de Meneses 438-Bn4
Helena Moniz de Aragão 189-11n10
Helena Monteiro 334-N40, 348
Helena de Oliva 249-Tn4, 254
Helena Pacheco 293-F1, 294, 1121-F3
Helena Pinho de Aragão Bulcão 1219-7n10
Helena Rosa de Lacerda 1027-F8
Helena de Sá 519-F4, 1185—522-Bn2
Helena da Silva Pimentel 329-F8, 332, 427-F12, 1124-F1, 1125
Helena da Silva Pinto 573-F2, 574
Helena Teles de Meneses 409-Bn1, 411
Héllo Moniz Sodré Pereira 188-11n6, 815-6n6, 816
Henrique 16-F1
Henrique Conde 1218-7n6
Henrique da Cunha Barbosa 597-N8
Henrique da França de Oliveira Garcês 810-4n10, 821, 825-F1
Henrique da França Pinto de Oliveira Garcês 187, 817-F2, 820, 821, 825, 826
Henrique de Holanda 61
Henrique Lôbo 1311-F3
Henrique Luís de Espinha 240—241-N3, 244, 269—269-F2
Henrique de Matos Moreira 825-11
Henrique de Melo 100-Bn5—105-Tn6
Henrique Mendes 1343
Henrique Moniz 1335-F1
Henrique Moniz Barreto 130-F2, 132, 137, 213-F3, 329, 394, 664, 1389—132-N11, 136, 385, 394-F1, 1335—149-Tn21
Henrique Moniz Teles 137-Bn22—1389-F1
Henrique de Perada 98—98-N5
Henrique de Sousa de Eça 263-F1
Henrique de Valença 438-Bn3
Herculia Pires de Carvalho e Albuquerque 1053-6n19
Herman Schelsinger 1235-F2
Hermelinda Gouveia 1051-6n15
Hermógenes Viana 812-5n4, 823
Humberto Vicente Viana 189-11n10
Idalina Pires de Carvalho e Albuquerque 1045-5n13
Idefonsa Laura César 810, 817
Inácia 565-Bn7—924-Bn5
Inácia de Almeida Serrão 537A
Inácia de Araújo 25, 769, 784-F6, 787, 801, 1319-N1—764-N2
Inácia de Araújo Góis 117-4n5, 125, 691-Tn14
Inácia de Araújo Pereira 24-4n1, 25, 787-N17
Inácia de Azevedo Ravasco 496-Bn1, 497, 829-F3
Inácia Barbosa 547-F2
Inácia de Barros Rêgo 973-F6
Inácia Borges de Barros 1085-F5
Inácia Calmon du Pin e Almeida 881-N4, 905—889-4n14, 1210-5n5, 1213, 1216
Inácia Calmon de Aragão Bulcão 1213-6n6
Inácia Cardoso 546-N1
Inácia de Cerqueira 748-Bn1
Inácia de Figueiró 1064-F3, 1376
Inácia Francisca 1236-F6
Inácia Francisca do Coração de Maria 980-Tn7
Inácia Jesuina da Purificação Gonçalves 1034-Tn16, 1037
Inácia Josefa Brandão 1263
Inácia Lopes 920-F3
Inácia Maria de Almeida Pereira 880-F9, 882, 898-F1
Inácia Maria de Meneses Dória 1049-Bn1
Inácia Menezes Castro 498-4n2, 726, 1049, 1108-F1
Inácia de Nazaré Calmon de Almeida 886-Tn3
Inácia de Nazaré Moniz de Macedo 881-N3, 883, 904, 908-F1, 914, 990A
Inácia de Oliveira Espinha 270-N4
Inácia de Paredes 456-Bn6
Inácia Pereira 795-Bn6
Inácia Pereira Lôbo 101-Bn7, 107
Inácia Pereira de Macedo 208, 769-N3, 773, 943-Bn4, 1156
Inácia Pereira de Macedo Pita 773-Bn5
Inácia Pereira de Melo 1164
Inácia Ribeiro de Lemos 253-4n3, 975-N3, 977, 986, 1010, 1308-F1
Inácia Teles de Góis 716-F1
Inácia Vicência Calmon 903-N4
Inácia Vitória de Barros Vanderley 92-Tn4
Inácio 421-N13
Inácio de Araújo de Aragão Bulcão 1209-4n3—1214-6n21, 1215-6n28, 1223—1216-6n31—1223-7n27
Inácio de Araújo Góis 125, 680-Bn15, 690-Tn9, 691, 715, 716—678-N11
Inácio de Araújo de Sousa 464-N2
Inácio de Argolo de Meneses 447-Tn22
Inácio de Argolo Vargas Cirne 450-4n4, 452—452-4n12
Inácio Barbalho 484-4n5
Inácio Barbosa Machado 153-Tn38
Inácio Borges de Barros (Barão do Rio Fundo) 1085—1085-F2
Inácio de Bra de Araújo 1157-F6
Inácio de Brito 1237-F6
Inácio Caetano Maciel 1256-F5
Inácio Cardoso 1334-F3
Inácio Carneiro da Rocha Menezes 1112-Bn6, 1114
Inácio de Cerqueira Lima 861-F5, 1345
Inácio Correia de Sá 578-F5
Inácio da Cunha Trinchão 703, 1007-N2, 1009

- Inácio Dias* 479
Inácio Fernandes Moreno 665
Inácio Fernão de Azevedo 630
Inácio Ferreira de Sousa 360, 364, 409, 561-F7, 563, 878—565-Bn1, 566
Inácio de Freitas Teles de Menezes 738-Bn1, 739
Inácio Furtado de Mendonça 670-N6
Inácio Garcia 870-F1
Inácio Garcia de Góis 715-F1
Inácio de Góis 237-Tn6
Inácio de Matos Pinto de Carvalho 1103-F3, 1105
Inácio de Matos Teles de Menezes 1105-F2, 1106
Inácio de Melo de Vasconcelos 100-Bn2, 105, 128, 502-F3
Inácio Mendes de Castilho 923A-N2, 925
Inácio de Miranda 236—1133-N10, 1140—1140-F1
Inácio de Oliveira Mendes 1085
Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque 1034-Tn10, 1035-Tn15, 1043, 1047—1043-4n21
Inácio Pissarro de Vargas 1193-N1
Inácio dos Reis 523-F3
Inácio Rodrigues 1346-F3
Inácio Rodrigues Pereira Dutra 1266
Inácio Rodrigues Távora 315-Tn4, 1346
Inácio Sanches Delpoço 962-Tn7
Inácio de S. Antônio 544-N4
Inácio de Siqueira Vilas-Boas 834-F1, 988-N1, 991, 997, 1208
Inácio da Soledade 722-F1
Inácio da Soledade da Cruz 715-F2, 722
Inácio de Sousa 615-Bn1
Inácio Teixeira de Magalhães 1167-F3
Inácio Teles de Araújo Góis 712-F3
Inácio Teles Pinheiro 440-Bn18—505-N19
Inês 862-N5—1143-F2—1389-F5
Inês de Aguiar Daltro 377-N5
Inês de Aiala 344-F3, 647, 834, 952-F3
Inês de Almeida 321-N2, 322, 325-N6—326-Bn9
Inês Alvares de Faria 219, 374
Inês de Aragão 644-F4
Inês de Aragão de Menezes 152-Tn34
Inês de Araújo Góis 466-N5, 979
Inês de Argolo 201-F2, 1347
Inês de Argolo de Menezes 439-Bn16
Inês Barbalho Bezerra 152-Tn31, 160, 562-N1, 1004
Inês Barreto 723-F7, 728A
Inês Barreto de Albuquerque 45, 1373-F1
Inês de Barros 367, 841, 1250-F2, 1251, 1253—502-F10—1227-F1, 1129
Inês de Barros Lôbo 228-F8, 1311—926-F5
Inês de Barros de Oliveira 145-Tn12
Inês de Barros Rêgo 968
Inês de Brito 1306-F4
Inês de Castro 223-Bn1, 224, 746-N1—239, 500-F5, 680-Bn9, 690, 691—607-F6, 608, 694-4n1
Inês de Castro e Sousa 561-F8, 568
Inês da Costa 1204
Inês Coutinho 416-N6, 417, 622-N16
Inês de Eça 240-F1, 241, 246, 257-F1, 258, 261, 262, 290, 947—250-Tn10, 266-F2—258-F3
Inês Falcão 77
Inês Fernandes de Góis 54
Inês de Figueiredo 871-F4, 872
Inês Francisca da Câmara 86-F2, 863
Inês de Góis de Melo 322-Bn2
Inês de Góis de Vasconcelos 61-F6, 76, 304
Inês de Gusmão 204-Bn3, 205, 570-F2, 790A
Inês Lins de Vasconcelos 86-F2, 1172
Inês Lôbo 104-Tn1, 113—231-Bn2, 236, 1140-F3—329-F15, 336—453-F7
Inês Lôbo Pinheiro 505-N18
Inês Luís 15-F4
Inês Madalena Lôbo Maldonado 938-F1, 939
Inês Madeira da Trindade 519-F1
Inês Maria Coelho 303-N1, 304-N2, 305, 1330
Inês de Melo 101-Bn10
Inês de Melo de Vasconcelos 340-Bn13, 361—730-F2, 731, 733, 734, 975-N1
Inês de Menezes 132-N13, 563—404-F4, 1322—406-Bn2, 753-N1, 757
Inês Moniz Barreto 130-F5, 282, 407, 664—166-5n16
Inês de Novais 610-F1, 611, 619
Inês Peixoto de Eça 290-F7
Inês Pereira 1195, 1197
Inês de Queirós e Argolo 206-4n8
Inês Ribeiro 374-F5, 379, 459
Inês da Rocha Tenório 1309-F7
Inês de Sá 519
Inês da Silva 1028—1314
Inês da Silva de Aragão 650-Bn5, 834-F4, 837
Inês de Sousa 408-N1, 409, 563-N7—464-N3—586-F5—1018-F6, 1024—1287-F2
Inês Teles 410-Bn8
Inês Teles de Menezes 109-Tn25, 117—386-Bn7, 387, 594, 1143, 1264, 1364-F1—857-N3, 861, 864, 1345
Inês de Vasconcelos 58
Inocência de Barros 969-N5
Inocência de Barros Falcão 973-F9
Inocência de Brito Falcão 959-F1, 960—961-Bn2, 968-F3, 969, 973
Inocência Sanches 962-Tn3
Inocência Marques de Araújo Góis 890
Inocência 13 (Papa) 851
Iracina de Carvalho Fagundes 822-F5
Iria Barbosa 19-F2
Iria Francisca Garcia 764-N7
Iria de Melo 97, 287, 289
Iria Narcisa Ferreira Murici 1044-5n1, 1049
Iria de Vasconcelos 99-N10
Isabel 17-F1—28-F7—111-Tn40—225-F4—292-F2 e F3
Isabel de Aguilár 1180—1180-F1
Isabel de Albuquerque 32-F5, 191—191—287
Isabel de Almeida 137-Bn22—207, 485, 1281—329-F8, 332, 385, 582-F2, 686, 687, 1331—500—882, 897-F1, 899, 900—1144-F3, 1145—1328
Isabel de Almeida Vanderley 326-Bn2
Isabel de Almeida Velória 134-Bn3, 144
Isabel Alvares 1-F8, 16

Isabel de Aragão 67-Bn12, 71, 80, 81, 632-N7, 767, 1196—109—138-Bn31, 152, 153, 641-F4—444, 503-N2, 570-F1, 571—444-Tn5—631-F3, 644, 484—651-F1, 693—848-N2

Isabel de Aragão Pereira 503-N6

Isabel de Araújo 653—1120—1132-N7—1181-F2, 1270-F3, 1272

Isabel de Avila 20-F1, 21, 95-F1, 96

Isabel de Avila Marinho 785-N2, 797

Isabel de Azevedo 1134-Bn2

Isabel de Azevedo 114, 516-F4, 621-F1, 622, 627, 628, 671, 680—542-F1, 545, 547

Isabel de Azevedo Góis 680-Bn7 692, 712

Isabel de Azevedo Henriques 605, 1000

Isabel Bárbara de Menezes 104-Tn1, 113, 496-Bn2

Isabel Barbosa 535—784-F2, 786, 798, 799

Isabel Barbosa Pereira 484, 786-N3, 798, 1150

Isabel Barbosa de Sá 1252

Isabel de Barros 337-Bn2, 357

Isabel de Bittencourt 261-F1, 1394-F1

Isabel de Borba Ribeiro 481-Tn3, 483

Isabel de Bra de Araújo 1157-F5

Isabel Brandão 291, 610-F3, 766, 784, 792, 793—784-F4, 793, 942—787-N13, 801

Isabel de Brito 97—737-N6—1353-F2

Isabel de Brito Correia 1353, 1379-F1

Isabel Calmon 880-F1

Isabel da Câmara 33-N2, 35, 36, 42 a 47

Isabel da Câmara de Albuquerque 44-F1

Isabel Cavalcanti 65-Bn4—73-4n4—1339-F1, 1340

Isabel Cavalcanti de Albuquerque 49-N6, 56, 57

Isabel Cerqueira 747-N4, 748

Isabel Clara de Abreu Lima 845-F8

Isabel Cordeiro 100-Bn1, 104—415-F11

Isabel Correia 386-Bn9—511-N4, 513, 586-F4

Isabel Correia de Almeida 214, 383, 699

Isabel Correia de Melo 1087-F6, 1092

Isabel Côte-Real 1091

Isabel da Costa Madeira 470-F6, 472, 575, 578, 655, 730, 1320

Isabel do Couto 880

Isabel Dais 393

Isabel de Eça 241-N7, 247, 945-F2, 946—247-Bn15, 266—258-F4, 259

Isabel de Faria 236, 1133-N10, 1140—1372, 1393

Isabel Fernandes 1334-F2

Isabel Ferreira 506, 556-F1, 557

Isabel de Figueiró 99. 372. 1055—333-N31—1055-F4, 1059, 1062, 1275—1060-N9

Isabel Freire Baracho 787, 859, 1318-F2, 1319

Isabel de Freitas Lemos 739

Isabel de Freitas Lôbo 1199-F3

Isabel Garcês de Eça 244-Bn8, 269, 1161, 1382—269-F8, 1382—977, 1009-Bn12, 1014, 1161-F5, 1308—977-Bn4, 986—977-Bn9—980-Tn3

Isabel Garcia 336-N54, 355, 416-N3—752

Isabel Godinho Freire 622-N8, 626

Isabel de Góis 57-F1—399-Bn7, 403, 689-Tn2—623 A-Tn4—682-Bn18, 713

Isabel de Góis de Vasconcelos 48-F1, 49, 56, 57, 61-F5, 303

Isabel Gomes 575-N14

Isabel Guedes de Brito 432-F1

Isabel Jaques de Armas 588-F2, 589

Isabel Joaquina de Aragão 780-N1, 1029-N2, 1031

Isabel Jordão 258

Isabel de Lacerda Coutinho 312-Bn3, 314, 622-N15, 956, 1021—314-Tn2, 1020-F1, 1021, 1026, 1027

Isabel de Lemos 130-F3, 133, 211-F3, 669—139-Bn39

Isabel de Lemos de Sá 225-F6, 226, 519-F3, 919

Isabel de Lima 63-N9, 69, 1128-N1, 1129—1127

Isabel Lopes 920, 1297—1154

Isabel de Macedo 215-Bn6, 217, 347, 1270-F4

Isabel Maria de Aragão 160-4n25, 1003-N3, 1004

Isabel Maria de Azevedo 605-Bn2, 996, 998-F1, 999

Isabel Maria Guedes de Brito 428-N3, 431, 434-N1

Isabel Maria de Jesús 787A-Bn3, 1153

Isabel Maria de Oliveira 592-F1, 593

Isabel Maria de Sousa 937-F6

Isabel Maria de Vasconcelos 738-Bn4, 1202

Isabel de Mariz 410

Isabel de Melo 109-Tn21—217-Tn4, 347—319-F7—321-N7

Isabel de Menezes 119, 120, 1282—119-4n6—133-N21—334-N43—463-F4, 464, 949-Bn5—671-N10, 676, 750-F1

Isabel de Menezes e Aragão 73, 645-N3, 649, 752-F7, 756, 803

Isabel Moniz Barreto de Menezes 153-Tn37, 160-4n21, 164

Isabel Moniz Rangel 138-Bn36

Isabel de Moura 50—50-Bn3, 1173-N2, 1177—191-F7, 194

Isabel Nunes 404-F1

Isabel de Oliveira 35—427-F10—921-N2, 922

Isabel Pereira 331-N16, 338

Isabel Pereira de Magalhães 202-N3, 204, 371-F2, 439, 1305

Isabel Pimentel 136-Bn18

Isabel Quaresma 458-F4

Isabel de Reboredo 1311-F2

Isabel do Rêgo 299, 300, 355, 415-F1, 416, 510-F2, 512

Isabel Ribeiro 213-F4—1243

Isabel Ribeiro da Costa 1059

Isabel da Rocha 439-Bn12, 448

Isabel da Rocha Lôbo 1253

Isabel da Rocha Pinheiro 489-N6, 490

Isabel da Rocha Teles 857-N1, 858, 859

Isabel Rodrigues 19-F6

Isabel de Sá 522-Bn8—1252-N2

Isabel de S. Antônio 655-F4

Isabel Serrão 558-F1, 559, 612, 1313

Isabel da Silva 160-4n22, 165, 1275-F6—313, 703-Bn1, 705, 949—1165-F3—1348

Isabel Soares 108, 156, 329-F3, 535-F2, 537, 537A—788-Bn6, 794-N2, 795

Isabel Soares de Abreu 455-Bn1, 457

Isabel Teles 140-Bn43, 678-N2, 680—370-F4, 1005-F2, 1057
Isabel Teles Barreto 537A-Bn7, 537C
Isabel Teles Garcia 715-F7
Isabel Teles de Góis 691-Tn11, 715, 722
Isabel Teles de Magalhães 1165-F4
Isabel Teles de Menezes 109-Tn25, 117—1026-F1—1103-F4
Isabel Tenório de Molina 1309-F8
Isabel Teresa de Góis 623-Bn3, 623A, 679-N19, 686, 1048
Isabel de Vargas Cirne 537A-Bn8, 537B, 1186-F2, 1187
Isabel de Vasconcelos 106-Tn12—231-Bn1, 235, 1056-N5—1383
Isabel Violante de Menezes 1200-N1

Jacinta de Aguiar 374-F6, 1290
Jacinta Teles de Menezes 929-N4, 930
Jacinto de Campos Baíão 865-F1, 866, 869, 870, 921—866-N1, 867
Jacinto de Freitas da Silva 1321
Jácome Barbosa 108-Tn15
Jácome Barbosa de Amorim 108, 329-F3, 535-F2, 537
Jácome Coelho 617, 622-N13, 628, 1299
Jácome Duarte 1180
Jácome José da Seixas 1106
Jácome Pais 622-N8, 626
Jácome Próspero Ratton 181
Jácome Raimundo 201-F2, 1347
Jaime Tórres 826-F5
Januário Cardoso 876
Jerônima de Almeida 88, 89, 322, 323-F2, 324-F2, 325, 1175—322-Bn1, 326-Bn6
Jerônima de Barros 325-N9, 1133-N11, 1140-F4
Jerônima de Castro 222-N2, 223, 745-F3—746-N2
Jerônima Correia 397, 407-F2, 408, 412, 868-F1
Jerônima da Cunha 280
Jerônima Diniz 437-N6, 440, 770
Jerônima Garcês 232-Bn4, 237, 260, 1285-F1
Jerônima Guimarães 1306
Jerônima Lins 89-Bn2, 275-N4, 278
Jerônima de Menezes 136-Bn20, 384-N1, 385—312-Bn9—410-Bn7
Jerônima de Paiva 1396
Jerônima da Silva 499, 1108
Jerônima de Sousa 1287
Jerônima Teles Garcia 715-F3
Jerônima Teles de Menezes 335-Tn48, 351, 409-Bn3
Jerônimo Aires 415-F5
Jerônimo de Albuquerque 32, 41, 48, 85, 191
Jerônimo de Albuquerque Maranhão 32-F3, 33—33-N3—35-Bn11
Jerônimo de Araújo de Sousa de Eça 257-F4
Jerônimo de Azevedo Miranda 1315-F3
Jerônimo de Barros 228-F1, 229, 1133
Jerônimo de Burgos Contreiras 249, 1121-F5, 1124
Jerônimo de Burgos de Sousa de Eça 249-Tn4, 254
Jerônimo de Cardiga 415-F3

Jerônimo Carneiro de Freitas 1108-F3
Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque 48 F3—49-N1—65-Bn1
Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda 50-Bn2, 51, 59, 60, 78
Jerônimo Coelho de Azevedo 628-F3
Jerônimo da Costa de Almeida 1169-F1, 1171
Jerônimo da Costa Pinto 623-Bn6, 630
Jerônimo da Cruz 141-Bn47
Jerônimo Fragoso de Albuquerque 35
Jerônimo Girão 409-Bn4
Jerônimo José de Vasconcelos 1149-F2
Jerônimo Moniz Barreto 130-F3, 133, 211-F3, 139, 292-F1, 494, 536, 669—133-N27—140-Bn42, 154, 507, 685-Bn27—141-Bn48, 155, 455, 562-N2, 910, 990, 1154—156-An3—333-Tn33—334-N41, 349—507Bn7—536-N3, 537A, 537C, 667—675-F1—1154-F3
Jerônimo Moniz Ferrão 179-Nn6
Jerônimo Moniz Finsa Barreto 209, 773-Bn2, 1155-N3, 1156
Jerônimo Monteiro Freire 294-N6
Jerônimo de Moura (D.) 191-F3, 196
Jerônimo de Negreiros 477-F2, 478-N2
Jerônimo Peixoto da Silva 290-F1
Jerônimo Rodrigues 1068, 1333, 1348
Jerônimo Rodrigues Garcia 691-Tn11, 715, 722
Jerônimo da Silveira 1190-F4, 1349
Jerônimo Sodré Pereira 182-10n6, 813-5n9, 815—632-N5, 803, 827, 829-F6—756-N6, 803-F1, 804—805-N1, 806, 893-N1—806-Bn4—808-Tn5, 809—810-4n4, 812, 823, 824—812-5n3, 814
Jerônimo Sodré Viana 823-F1
Jerônimo de Sousa 561-F2
Jerônimo de Valençóis 920-F3
Jerônimo Vaz 18-F
Jerônimo Vieira Tavares 1366
Jesuina Ferras 1045-5n16
Joana 489-N8—611-N1—752-F10—837-N11—790A-Tn4—999A-N14—1170-N6—1239-N5
Joana de Abreu 307
Joana de Aguiar 1135
Joana de Albuquerque 334-N36, 347
Joana de Aragão 162-5n1, 168, 1267-Bn1
Joana de Araújo 199, 427-F8, 428, 646, 759-F3, 761—591-F3, 593, 595, 726, 937—595-F4, 724-N1, 726
Joana de Araújo Pereira 771, 937-F8, 1375
Joana de Araújo Pimentel 428-N5, 759-F2, 761
Joana de Argolo 202-N1, 596, 603, 847—1269-N2
Joaina de Argolo de Gusmão 205-Tn2, 787A-Bn2, 790A
Joana de Argolo de Menezes 604-N2, 607
Joana de Azevedo 547-F1, 548, 1078, 1332
Joana Barbosa 222-N5, 953—225-F2, 419-F1, 420, 471, 474, 591, 1253, 1315, 1336A—369-F1, 745, 1184—438, 672, 929—443-Tn1, 929-N5, 931—931-Bn6
Joana Barbosa Lôbo 201, 369, 1347
Joana Barbosa de Menezes 929-N10
Joana Barreto de Albuquerque 973

- Joana Barreto de Melo* 135-Bn12
Joana de Barros Soeiro 473-F6
Joana Bernardina de Almeida 718-F2, 719, 796, 944
Joana ãe Bittencourt 215-Bn3—386-Bn10
Joana de Bittencourt de Sá 101, 213-F6, 214, 383, 699-F2
Joana de Brito 571-N2
Joana de Brito de Castro 850-N14, 855
Joana de Bulhão 32
Joana Calmon du Pin e Almeida 883-Bn4
Joana da Câmara 44-F2
Joana da Câmara de Albuquerque 35-Bn7, 43
Joana de Carvalhal de Oliveira 1101-F3, 1102
Joana de Carvalho 87-N6, 91
Joana de Castro 847-F4, 852
Joana Catarina de Bittencourt d e Sá Menezes e Aragão 834-F1, 988-N1, 991, 997, 1208
Joana Cavalcanti 66-Bn9
Joana Cavalcanti de Albuquerque 27, 75-5n1, 1029-N1, 1030—48-F6—71-Tn2, 80, 81, 1195-F1, 1196, 1198
Joana Clara do Paraíso 1081-Bn8
Joana Correia 435-F4, 642
Joana da Cruz 849-N7
Joana da Cunha Trinchão 248-Tn3, 253, 1007-N6
Joana de Eça 250-Tn14
Joana de Faria 1133-N14
Joana da Fonseca 1401
Joana da Franca 954-N6
Joana Francisca de Barros 237-Tn4, 260
Joana Garcia 759
Joana de Góis 64-N17—686-Bn35, 1097-F1, 1098, 1101
Joana de Góis da Fonseca 714-F1
Joana de Góis e Vasconcelos 61
Joana Isabel de Vasconcelos 1117-N1, 1119
Joana Josefa do Amaral 1118-N8
Joana de Lacerda 50-Bn4, 1174-N3, 1178
Joana de Lacerda Cavalcanti 35-Bn5, 37, 1179-Bn1
Joana Leal 1067-F2, 1072, 1074
Joana de Lemos Barreto 133-N28
Joana Leopoldina de Pina e Melo 1231
Joana Lôbo de Barros 840-F1, 841, 1253-F1
Joana Luísa de Castelo-Branco 33-N1, 34, 1310
Joana Luísa de Menezes 605-Bn4, 998-F2, 999A
Joana Maciel 844-F8, 1277
Joana Maria de Araújo 734-F1, 735, 940
Joana Maria de Brito 426A—594-Bn3
Joana Maria de Jesus 696-4n6, 698—1091-Tn3
Joana Maria de Lacerda 1375-F2
Joana Maria da Luz 977-Bn6, 1008-Bn3, 1010
Joana Maria do Sacramento 1089-N3, 1090
Joana Maria do Socorro 964-F2, 965, 1077-N7
Joana Maria de Vasconcelos 361-Tn4
Joana de Melo 143-Tn2—289-F3, 427—992
Joana de Melo Coutinho 1116-F1
Joana de Mendonça 287-F1, 288
Joana de Menezes 131-N5—134-Bn10, 1356—286-Bn5 346-Bn28—669-F5—1282-F5
Joana Moreira de Gamboa 1188-F2
Joana Moreira de Menezes 437-N3, 1186, 1188
Joana de Oliveira 1346
Joana Peixoto 875-N3
Joana Pereira de Aguiar 133-N17, 138
Joana Pereira da Silva 940
Joana Pimentel 526—526-N9, 926-F1
Joana de Pina da Silveira 910-N2
Joana Pinheiro de Lemos 916-F1, 917, 1336, 1363-F1
Joana Rodrigues 16-F4
Joana de Sá 736-F2, 933
Joana de Sá Barreto 728-4n3
Joana de Sá de Bittencourt 133-N23, 139, 461A, 699A-N1—335-N50, 353, 1194
Joana de Sá Dória 1049-Bn2
Joana de Sá Menezes 166-5n20
Joana de Sá Peixoto 874
Joana Sanches Delgado 962-Tn8, 970-N9, 972
Joana Senhorinha de Menezes Corte-Real 912-Tn3
Joana da Silva 545-F1, 546
Joana da Silva Caldeira Pimentel Guedes de Brito 431-Bn3
Joana Soares 102-Bn17, 110, 317, 1259-F2, 1283
Joana Soares Barbosa 537-N8
Joana Soares Brandão 613-N12
Joana de Sousa 1315-F1
Joana de Sousa Barreto 84, 569-F2, 724, 732-F2—155-Tn45, 987-F4, 990
Joana de Sousa Brandão 613-N12
Joana de Sousa de Vasconcelos 285, 461-F6, 462, 703-Bn2
Joana Teles 132-N14, 1389—347-Bn30, 365—370-F2, 505, 1352—537A-Bn5—672-Bn3, 1395
Joana Teles de Magalhães 1165-F1, 1167, 1168—1167-F7
Joana Teles de Menezes 204-Bn7, 1305—387-Tn3—1021-N3
Joana Teles Pinheiro 505-N17
Joana Teles de Vasconcelos 666-N2, 982
Joana de Uzeda Aiala 526-N10, 531, 694, 696, 952-F2
Joana da Vega 920-F2
Joana Vieira de Lima 1307
João 17-F4—171-6n3—318-7n12—563-N12—720-F3—789-Bn11
João Afonso Telo de Menezes Albuquerque (Conde de Albuquerque) 287
João de Aguiar 379-N10
João de Aguiar Vilas-Boas 155-Tn45, 987-F4, 990—578, 709-F1, 987, 994—989-N3
João de Alencastro (gov.) 161
João Alexandre de Aragão 71-Tn5, 636-Tn3, 638
João de Almeida 110-Tn30
João Alvares 1-F4
João Alvares Barreto 1060-N7
João Alvares de Figueiró 1055-F3
João Alvares da Fonseca 435-F2, 1350
João Alvares do Rêgo 418, 510-F1, 511, 582-F3
João Alvares Soares 222-N4, 481, 487—306
João Alvares Soares Corte-Real 481-Tn2
João Alvares Soares da Franca 489-N3

- João Alvares de Vasconcelos* 585-Bn3, 1056-N3, 1058, 1111
João Alves de Carvalho 91
João Amarante 19-F6
João Américo Garcês Fróis 1223-7n26
João de Aragão 506-Bn5—632-N3—752-F1
João de Araújo 264-N3
João de Araújo de Aragão Bulcão 1206-Bn8—1210-5n8, 1211-5n15, 1215—1215-6n24—1215-6n30
João de Araújo Cabreira 438-Bn2, 1265
João de Araújo de Eça 243-Bn3, 247-Bn13, 250—263-F3, 264, 265
João de Araújo Góis 466-N8—678-N6
João de Araújo Pereira 168, 1266-N1, 1267
João de Araújo de Siqueira 112—678-N4, 681
João de Araújo de Sousa 241, 242, 257, 422—241-N4, 245
João de Araújo de Sousa de Eça 257-F2
João de Argolo 446-Tn11—448-Tn26—450-4n6
João de Argolo Bulcão 1221-7n16
João de Argolo de Menezes 445-Tn6
João de Assunção 1287-F3
João de Avila 95-F2
João Barbosa 108-Tn18
João Barbosa de Amorim 537-N6
João Barbosa de Barbuda 309-N1, 311, 871
João Barbosa Coutinho 461-F5, 622, 1351
João Barbosa de Góis 315-Tn3
João de Barros 1140-F2
João de Barros Aranha 604-N3
João de Barros de Araújo 145-Tn11, 622-N14, 629
João de Barros Cardoso 69-Bn22, 1128-N2, 1129
João de Barros da Franca 537-F1—574-N1
João de Barros Lôbo 231-Bn1, 235, 1056-N5—929-N7
João Batista 1089-N1
João Batista Acioli 89-Bn2, 275-N4, 278—273-F2, 275, 277, 321-N6, 326—277-Bn1, 326-Bn8
João Batista de Araújo 937-F3
João Batista Barreto de Vasconcelos 162-5n1—168, 1267-Bn1
João Batista de Brito 352-Bn31
João Batista Moniz 671-N12, 466A
João Batista Moreira 549-F3
João Batista Nigre 591-F3, 593, 595, 726, 937—595-F1
João Batista Pereira 275-N12
João Batista Santiago Robalo Pacheco da Silva 40-5n2
João Batista Serafim 1140-F5
João Bernardo Cardoso 1089-N4
João de Bittencourt 956-Bn3
João de Bittencourt de Sá 839-Bn2
João Borges de Barros 1076-F6—1077-N6—1078-N9, 1082—1081-Bn3—1082-Tn2
João Borges Davi 671-N10, 676, 750-F1
João Borges de Escobar 370-F2, 505, 1352—1352
João Borges de Macedo 1076
João Brandão Pereira 786-N4, 799
João de Brito 201-F3
João de Brito Correia 435-F5
João de Brito e Sousa 385-Bn4
João Calmon 880-F7, 885
João Calmon du Pin e Almeida 880, 895-F1—881-N3, 883, 904, 908-F1, 914, 990A—882-N6—889-4n10, 893, 1210-5n2—893-5n10
João Cardoso de Melo 1090-Bn3
João Cardoso Pissarro 1192-F1—1193-N3
João de Carvalhal de Oliveira 111-Tn33, 121
João de Carvalhal de Oliveira de Vasconcelos 102-Bn17, 110, 317, 1259-F2, 1283
João de Carvalhal de Vasconcelos 1021-N2
João de Cássares de Amorim 143-Tn2
João de Castilho 924-Bn3
João Cavalcanti 48—62-N5
João (ou Diogo) Cavalcanti de Albuquerque 48-F11—66-Bn5
João de Cea Marinho 1253
João Coelho 1087-F6, 1092
João Correia Arnan 1353, 1379-F1—1353-F1
João da Costa Ferreira 1021-N5, 1027—1027-F3
João da Costa Lima 772
João da Costa Pereira 735, 937-F9, 940
João de Couros Carneiro 253-4n3, 975-N3, 977, 986, 1010, 1308-F1—666-N2, 974, 982—806, 982-F1, 983
João da Cunha 147, 148, 310, 1354—147-Tn14—158-4n15
João Dias da Costa 1116-F1
João Dias Moniz de Macedo 883, 908, 911, 1162-N2
João Dias Ribeiro 333-N31
João Domingues do Paço 551-F1, 552
João do Espírito Santo 220-F1—1092-F1
João Felipe de Siqueira 991-Bn1
João Fernandes Maia 1136-F2
João Fernandes Perfeito 339
João Fernandes Vieira 35, 88, 275-N5
João Ferrão Castelo-Branco 1170-N3
João Ferreira de Araújo Pinho 210A-F1, 210B—210B-F1
João de Figueiredo Mascarenhas 1-F13, 28, 309, 435, 1250, 1378
João Fragoso da Fonseca 1122-N2, 1355
João Francisco Rodrigues 1059-F3
João Franco de Oliveira (Arcebispo) 255
João de Freitas 736, 741, 933
João de Freitas Madeira 736-F1, 737, 742, 743, 1306-F3
João de Frias Salazar 1405
João Furtado 270-N1
João Furtado de Mendonça 247-Bn14, 271—271-F2
João Furtado de Sousa 1382-F5
João Garção 1356-F1
João Garcês 101, 134-Bn10, 1356
João Garcês de Abreu 269-F4
João Garcia de Góis 715-F8
João de Góis de Araújo 154, 500-F3, 679-N18, 685, 714—154-Tn43—680-Bu13
João Gomes 575-N11

João Gomes de Melo 48-F7, 192, 273, 319-F1, 320—
 61-F7, 319—321-N2 322, 325-N6
João Gomes Pereira de Castro 897-F2, 899, 900
João Gomes da Silva 36
João Gonçalves Dormundo 419
João Gonçalves Pereira Sodré 827-F3
João Gonçalves de S. Tomé 1130
João Gonçalves de Sousa 1071-F1, 1073, 1075
João de Holanda 63-N11
João Homem 95-F3
João Homem Freire 768-F4, 775, 776
João de Jesus Maria José 780-N4
João Leitão 553-F3
João Leitão Arnoso 347
João Leitão de Faria 457
João de Lemos de Pina 520-N8
João de Lemos de Sá 377, 519-F2, 520
João de Lima Fiusa 1357, 1374-F1
João Lins Ferreira 901-F1
João Lins de Vasconcelos 326-Bn9
João Lôbo Marinho 138-Bn37, 858
João Lôbo de Mesquita 420-N5, 841, 856, 1250-F2,
 1253
João Lopes 667-Bn1
João Lopes Delgado 1336-F1
João Lopes Fiusa 155-Tn46, 1151, 1154
João Lopes Fiusa Barreto 1154-F1, 1155, 1380-F1
João Lopes de Paiva 100-Bn3
João Lopes Tição 1137-F1
João Luís 1-F7, 15
João Machado de Melo 1248-F4
João Machado de Miranda 545-F2, 547, 548
João Machado Peçanha 1236
João Maldonado de Azevedo 939
João Manuel Barbosa 580-F1, 581
João Manuel Barbosa da Franca 581-F1
João Martins de Assunção 1199-F3
João Mascarenhas 431-Bn3
João Mateus 223-Bn2
João Mauricio Vanderley (Barão de Cotegipe) 209-
 6n2, 210A, 210B—210A—210A-F2
João de Melo 113-4n4
João Mendes 1238
João Mendes Delgado 1144
João Mendes de Oliveira 97
João Mendes de Vasconcelos 137-Bn24, 1144, 1146
 —1144-F2
João de Miranda Henriques 215-Bn3
João Moniz 336-N52
João Moniz Barreto de Aragão 185-10n21
João Monteiro Freire 294-N1, 298, 348
João Monteiro Lôbo 297-N9
João Moreira da Fonseca 1401-F5
João Moreira de Pinho 1219—1358
João de Moura (D.) 191—191-F4
João Neves Pita 1144-F1, 1146
João de Novalthes y Urrêa 35-Bn7, 43
João Nunes 509-F3, 621—1066 a 1068
João Nunes da Cunha 1359, 1385-F1

João Nunes de Matos 241-N6, 261
João de Oliva 999-N5
João de Oliva Garcês 112-Tn41
João de Oliva de Góis 683-Bn19
João de Oliva de Melo 127-F6
João de Oliveira 958-F4
João de Oliveira Guimarães 1380
João Pacheco Freire 585
João Pais 622-N4—622-N7
João Pais Barreto 572-F3, 577—672-Bn2, 674, 1188-
 F5
João Pais Florian 222-N5, 427-F2, 953, 957—385-
 Bn2, 954-N1, 955
João Pais de Melo 279
João Pais de Sousa 626-Bn9
João de Paiva 1360
João de Paredes de Barros 454-N1
João Peçanha de Góis 716-F3
João Pedro Fiusa Barreto 1155-N2
João Pedroso Barbosa 949-Bn4, 951, 952-F4—1364-
 F2, 1365
João Peixoto da Silva 67-Bn13, 290-F3, 291, 784-F5
João Peixoto Viegas 874—874-F2—875-N1, 876
João Pereira 138-Bn33—1335-F5, 1362
João Pereira de Abreu 1379-F5
João Pereira Barbosa de Araújo 205-Tn2, 787 A-Bn2,
 790A
João Pereira Coronel 439-Bn15
João Pereira Coutinho 330-N15
João Pereira de Faria 217-Tn4, 334-N36, 347
João Pereira do Lago 38, 933-F4, 934—1015-F2
João Pereira de Sousa 697
João Pereira de Sousa Vale 844-F4, 844B
João Pereira Teles 331-N17, 339
João Pereira de Vasconcelos 484-4n8, 615-Bn2, 620
João Pereira de Vasconcelos Côte-Real 620
João Pinheiro de Lemos 917, 1089, 1363
João Pinto de Faria 670-N8
João Pinto da Fonseca e Góis 669-F5
João Pinto Velasco de Mollnã 905-F1
João Pinto Vieira 265-F1
João Pires 1302
João Pires de Carvalho 1028
João Pires Garcia 579-F1, 580, 581
João de Quevedo Vasconcelos 528-Bn3
João do Rêgo Barros 35
João Ribeiro de Araújo 651-F1, 653
João Ribeiro de Sousa 910
João Ribeiro Travassos 653
João da Rocha 1114
João da Rocha de Andrade 294, 684-Bn23, 691A, 717
João da Rocha Pita 769-N1, 771, 787, 1375-F1
João Rodrigues Adorno 7-N3—10-Bn3—12-Tn1, 14
João Rodrigues Campelo 968-F2
João Rodrigues de Figueiredo 871-F3—873-F2
João Rodrigues Palha 133, 138, 211, 519, 609
João Rodrigues da Silva 871
João de Sá 844-F7
João de Sá Souto-Maior 768-F3, 774

- João de Salazar de Vasconcelos* 1405-F1
João de Saldanha da Gama 431-Bn3
João de S. Florência 552-F1
João de S. Rosa 1236-F3
João de S. José Calmon 886-Tn5
João 2.º (rei) 35, 97
João de Seixas 387, 1364
João Serrão 211-F1, 527, 609
João da Silva Vieira 500-F4, 1366
João Soares Brandão 569-F3, 724A
João Soares de Brito 788, 799-F2
João Sodré Pereira 806-Bn1
João de Sousa (D.) 58—58-F1
João de Sousa de Eça 881-N4, 905
João de Sousa Pereira 1299
João de Teive e Argolo 205-Tn4, 207, 1281-F2—
 1212-6n1, 1227, 1234—1227-F1, 1228, 1232-N2—
 1228-N1
João de Teive e Argolo Queirós 1227
João Teixeira de Mendonça 916, 916-F1, 1385—917-
 N2, 918, 956-Bn2
João Teles de Menezes 163-5n3—171
João Tenório de Molina 1309
João Teodoro de Faria 1051-6n12
João 2.º (rei) 32, 97, 436
João de Teves 569-F4
João de Useda 1367
João Vaz de Carvalho 808-Tn4, 818—818
João Vaz de Carvalho Sodré 818-F2
João Vaz Serrão 404, 1296, 1343
João Velho Barreto 76-F1
João Velho Gondim 767
João Velho Maciel 729-F1, 842-N5, 844, 844B, 846,
 1277
João Vicente Bulcão Viana 1046-5n24
João Vieira 1255
João Vieira de Azevedo 1008-Bn9
João Vieira de Lima 24-Bn3, 1368
Joaquim Alves da Cruz Rios 1212-6n2, 1224, 1228,
 1231-F1, 1232—1227-F5, 1232-N1, 1234—1231—
 1234-Bn1
Joaquim Barreto de Melo 156-4n1
Joaquim Bernardino Falcão de Gouveia 206-4n12
Joaquim Cardoso de Andrade 825-F4
Joaquim Cardoso de Melo 1090-Bn1
Joaquim Coutinho 980-Tn5
Joaquim Egas Moniz de Aragão 181-9n18
Joaquim Egas Moniz Barreto de Aragão 174-7n4
Joaquim da Fonseca 1012
Joaquim da Fonseca e Góis 464-N3
*Joaquim Inácio de Aragão Bulcão (Barão de Ma-
 toim)* 176-8n1, 1209-4n4, 1211, 1215—1211-5n14
 —1215-6n23, 1221
Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão 889-4n14, 1210-
 5n5, 1213, 1216— (1.º Barão de São Francisco)
 1032-Tn3, 1208-Tn2, 1209—1213-6n5, 1217
Joaquim José Finsa Barreto 1155-N4
Joaquim José Rodrigues Campelo 971-Bn3
Joaquim de Melo de Vasconcelos 101-Bn15
Joaquim Pereira de Santana 1149-F4
Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque 208-5n3—
 —1034-Tn9, 1038, 1040—1046-5n27, 1054-6n22
Joaquim de Sousa de Eça 249-Tn6, 255—253-4n11
Joaquim Vanderley de Araújo Pinho 210B-F2
Joaquim Vitorio Pereira 125-5n1
Joaquina de Ataíde 1226
Joaquina Garcia 764-N8
Joaquina Maria de Lacerda 1027-F11
Joaquina Maurícia de S. Miguel e Aragão 1032-
 Tn3, 1208-Tn2, 1209
Joaquina Pires de Carvalho e Albuquerque 1036-4n4
Joaquina de Queirós 1045-5n15
Jordão Salazar de Almeida 242-N13
Jorge de Albuquerque 32
Jorge Alvares Correia 19-F5
Jorge Antunes 101, 213-F6 214, 699-F2
Jorge de Araújo Góis 332-N24, 679-N20, 687—677-
 F6, 679, 712, 964-N11, 950, 1249—946-N1—
 946-N8
Jorge Barreto de Melo 131-N1, 134, 334, 1356—144-
 Tn5, 156, 454-N4, 537-N11, 1397-F2
Jorge Barreto de Vasconcelos 93, 94, 150-Tn26—
 143-Tn3, 147-Tn13, 158, 1403
Jorge de Brito 647-N2
Jorge de Camelo Valcácer 53, 63
Jorge Cavalcanti de Albuquerque 280
Jorge Estêves 447
Jorge Fernandes 509, 515
Jorge Francisco de Sousa 1164
Jorge Gomes Lamego 393
Jorge Lopes da Costa 1287
Jorge de Melo de Vasconcelos 100-Bn1, 104—215-
 Bn4
Jorge Pereira do Lago 741-F1, 933-F5, 935
Jorge de Pina 609, 1295—609-F2
Jorge Teixeira 32-F4
José 166-5n15—1393-F2
José de Abreu Castelo-Branco 557-N2
José Alvares 1134-Bn1, 1135
José Alvaro Pereira Sodré 806-Bn2
José Alves Pinto 554-N1
José Antônio da Costa Ferreira 1027-F2
José Antônio Duarte 825-F8
José de Aragão Pereira 503-N8
José de Araújo de Aragão 71-Tn6, 636-Tn4, 639
José de Araújo de Aragão Bulcão 893—(2.º Barão
 de São Francisco) 1209-4n2, 1210—1210-5n4—
 1250-5n12, 1213-6n11, 1216—1213-6n12—1215-6n
 25, 1222—1216-6n32—1222-7n21
José de Araújo Góis 403, 613-N10, 680-Bn6, 689,
 1158—531-Bn15, 608, 690-Tn5, 694—716-F2
José de Argolo de Gusmão 205-Tn1
José de Argolo de Menezes 439-Bn9, 445, 967-N1,
 787A-Bn1, 1308A—445-Tn9—449-4n2
José Augusto de Cerqueira Mendes 889-4n13
José Augusto Vilar 822-F4
José de Azevedo 999-N4
José Barbalha Côrte-Real 481-Tn6
José Barbosa da Cunha 1069-N4

- José Barbosa da Franca* 956-Bn4
José de Barros 145-Tn8
José de Barros Cavalcanti 1120
José de Barros Lôbo 529-N7
José de Barros Pimentel 275-N10, 325-N1, 326—326-Bn2
José Batista de Carvalho 170
José Bernardo Cardoso 1091-Tn4
José Borges de Barros 1076-F1—1078-N12—1081-Bn4
José Borges de Siqueira 451
José de Brito Freire 1369
José Caetano Carneiro Leão 970-N8
José Caetano Vasco de Melo 1090-Bn4, 1090A
José Calmon da Gama 184-10n17
José Camelo Pessoa 51-Tn3, 59
José Cardoso de Melo 1087-F5—1089-N3, 1090
José Carlos 846-F2
José Carlos de Magalhães 1026-F5
José Carlos de Oliveira Mendes 1085-F6
José Carneiro Cavalcanti de Lacerda 52-4n2, 54
José Carneiro de Freitas 1108
José de Carvalho de Oliveira 111-Tn36, 124, 1388-F1—1204-4n7
José Coelho de Azevedo 628-F4
José Coelho Correia 1092-F2
José da Conceição 1094-F2
José Correia de Sousa Pinto 1049-6n1
José Correia de Vasconcelos 1148-N1
José Correia Ximenes 1141
José da Costa 1027
José da Costa Bulcão 635-Bn14, 1205-N1, 1206, 1292—1206-Bn3—1208-Tn1
José Coutinho de Góis 253-4n5
José da Cunha Trinchão 1007-N4
José Davi 1150-F6
José Diogo Gomes Castelo-Branco 176
José Diogo de Pina e Melo Rios 1212-6n3, 1231-F2—1234-Bn2
José Felipe de Bittencourt de Sá 836-N3
José Félix Machado Soares 1154-F2
José Félix de Vasconcelos 977-Bn9
José Ferreira de Moura 698
José Francisco de Bittencourt 834-F11
José Francisco Moniz 253-4n7
José Francisco de Pinho 811
José de Freitas Lôbo 528-Bn6
José Furtado de Mendonça 250-Tn10, 266-F2—271-F1
José Gabriel Calmon du Pin e Almeida 883-Bn7, 886, 907-F1—887-4n4, 890—889-4n12—890-5n2
José Gaioso de Peralta 727, 800
José Garcia de Aragão de Araújo 73, 645-N3, 649, 752-F7, 756, 804—756-N8
José Garcia Cavalcanti de Albuquerque 73-4n2
José Garcia Pimentel 761-N3
José Godinho 399-Bn8
José Godinho Freire 503-N1, 1370
José de Góis 686-Bn31
José de Góis de Araújo 332-N26, 623-Bn3, 623A, 679-N19, 686, 1098—680-Bn12—1084-N1
José de Góis Pinto 1161-F3
José de Góis de Siqueira 884-Bn8, 991-Bn3, 993
José de Góis de Siqueira Vilas-Boas 987-F2, 988, 1157-F4
José Gomes de Melo 322-Bn1, 326-Bn6
José Gonçalves Fiuza 636-Tn6
José Joaquim de Araújo de Aragão Bulcão 1214-6n18
José Joaquim de Argolo Bulcão 1221-7n14
José Joaquim de Argolo e Queirós 206-4n2
José Joaquim Moniz Barreto de Aragão (Barão de Itapororocas) 174-7n3, 176, 1211—179-9n4
José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque 1040-4n18, 1048—1046-5n25
José Joaquim de Teive e Argolo 206-4n7—1038-4n12, 1221
José Libório Bulcão 1217-7n1
José Lino Coutinho 808-Tn1, 810, 817, 825
José Lino Coutinho da Franca 825-F7
José Lino Coutinho Sodré Pereira 810-4n9, 813—813-5n8
José Lôbo de Barros 850-N14, 855
José Lopes 667-Bn3
José Luís de Espinha 269-F1, 270, 1093
José Luís da Rocha 444-Tn5
José Luís da Rocha Dória 111-Bn4, 1261-F1 1262
José Luís dos Santos 817
José Luís de Sousa 1093-N2
José Machado Peganha 1236-F1—1240 (nota)
José da Madre de Deus 1401-F6
José Manuel de Araújo Cavalcanti de Albuquerque 1217
José Manuel Barbosa da Franca 581-F2
José Manuel de Menezes Côte-Real 1164-F4
José Manuel Sodré Viana 823-F2
José Manuel Viana 823
José Martins Rosa 182-10n9
José de Melo 110-Tn27, 119, 1282-F3—113-4n2
José de Melo Correia 1200-N1
José de Melo Varjão 1013
José de Melo de Vasconcelos 506-Bn2, 1371—947-Bn3
José Mendes de Faria 1372
José Mendes da Silva Pais 971-Bn4
José de Mendonça de Barros 1381-F2
José de Menezes 157-4n7
José Miralles 932
José Moniz Barreto de Aragão 186-10n28
José Moniz Girão 398-Bn3, 402, 1019-N2
José Moniz de Paiva 1008-Bn8
José Moniz Teles 670-N3—930-Bn2
José Pacheco Freire 298-Bn1, 301, 585
José Pais 622-N9
José Peixoto de Menezes 290-F4
José Pereira 534
José Pereira de Albuquerque 1198-N1
José Pereira Barbosa 790A-Tn2
José Pereira Brandão 1101-F3, 1102
José Pereira da Cunha 1164
José Pereira Freire 861-F1

- José Pereira de Macedo* 795-Bn3
José Pereira de Mascarenhas 977-Bn4, 986
José Pereira Pinto 585-Tn1
José Pereira Pôrto 870-F6
José Pereira da Silva 1275-F5
José Pereira Sodré 803, 827
José Pereira de Sousa 565-Bn2
José Pinto Ribeiro 447-Tn18
José Pires de Carvalho 74-4n6, 1028-F1, 1029
José Pires de Carvalho e Albuquerque 26-6n2, 1030-Bn1, 1032, 1034, 1035, 1209—780-N1, 1029-N2, 1031—1031-Bn6, 1033—1031-Bn7, 1032-Tn1, 1034, 1042, 1043—1032-Tn5, 1036—1034-Tn6, 1037 — 1035 — Tn17 — 1036 — 4n1 — 1037 — 4n5, 1044, 1053 — 1038 — 4n10 — 1039 — 4n36 — 1044 — 5n8, 1050 — 6n4
José de Queiroz 712-F1
José dos Reis 873-F3
José da Rocha Pôrto 600-Tn1
José da Rocha Ribas 1217-7n3
José Rodrigues Campelo 969-N3
José Rodrigues Chaves 695
José Rodrigues Colago 968-F5
José Rodrigues de Figueiredo 174-7n1
José Rodrigues de Oliveira 871-F5, 873
José de Sá e Albuquerque 45, 1373
José de Sá Bezerra Peixoto 875-N2
José de Sá de Mendonça 71-Tn2, 80
José de Sá Peixoto 874-F1
José Sanches Delpoço 623-Bn5, 961, 963—961-Bn1, 962, 972
José de S. Bernardo 1090-Bn2
José de Siqueira Góis 678-N8
José Soares de Brito 938-F1, 939
José Soares Cavalcanti 64-N8
José Sodré Pereira 803-F2, 805, 848-N1, 1332-F1
José Sotero Dantas 166-5n18
José Sotero Maciel de Sá Barreto 724-N4, 727
José Sotero de Sá Moniz Barreto 166-5n11, 172
José de Sousa 1300-F2
José de Sousa 1300-F2
José de Sousa de Matos 452
José de Teive e Argolo 1227-F6, 1230
José Teles 399-Bn6
José Teles de Barbuda 312-Bn3, 314, 622-N15, 956, 1021
José Teles Barreto 398-Bn4, 666-N3, 668
José Teles de Carvalho 126-5n2
José Teles de Menezes 437-N5—438-Bn7, 671-N13, 672, 1395—861-F2, 863—862-N2
José Teles Moniz Barreto 911-Bn1
José Teles de Vasconcelos 1060-N8
José Vanderley de Araújo Pinho 210B-F4
José Vasques da Cunha 660
José Verdor 803-F3
José Vicente Barbosa Leal 1049-Bn6
Josefa 93-Tn10—720-F2—828-N1
Josefa Caetana Dória 673, 674, 1186-F1, 1188, 1189
Josefa da Câmara 44-F3
Josefa de Carvalho do Destêrro 1031-Bn11
Josefa da Costa Lima 769-N2, 772
Josefa da Gama 504-N14, 1298
Josefa Garcia 764-N3
Josefa de Góis 623-Bn2, 623-A, 686-Bn34
Josefa Joaquina Gomes Ferrão Castelo-Branco 174-Tn3, 176, 1211
Josefa Maria 446-Tn16
Josefa Maria do Carmo 1237-F7, 1239
Josefa Maria de Maria Girão 1115
Josefa Maria Peçanha 1236-F4, 1237, 1240
Josefa Maria Pita de Argolo e Queirós 208-5n3
Josefa Maria do Socorro 1061-Bn1, 1369-F2
Josefa de Melo 127-F3
Josefa de Menezes 756-N9
Josefa Rodrigues da Madre de Deus 237-Tn2, 238
Josefa de Seixas 1106
Josefa Teles de Góis 691-Tn12, 716
Josefa de Vasconcelos 984-F4
Josefina Murici 1044-5n5, 1050
Joviana Cřesciuma 188
Jucřlia Ferreira Santos 1086-N4
Jřlia de Carvalho Araújo 916-F3, 1359, 1385
Juliana de Almeida 161, 880, 895-F1, 896
Juliana Barbuda de Almeida 308-F7
Juliana Calmon du Pin e Almeida 881-N5
Juliana da Costa Pinto 630
Juliana Francisca Calmon 903-N3
Juliana Rangel 133-N17, 138, 370-F3, 857
Juliana Telr de Menezes 857-N2, 859
Julião da Costa de Aguiar 968-F6
Julietta de Aragão Bulcão 1223-7n25
Julietta Pinheiro 1051-6n14
Jřlio Mřximřliano de Oliveira 825-F10
Jřlio Pereira da Silva Lemos 1221-7n15
Justa Alvares 329
Justa da Costa 62-N1, 65
Justo Baldes 123, 600, 1388

Lancerote da Franca 572
Lancerote Pereira 787-N14
Laura Barreto 1250
Laura Lacerda 1046-5n28
Laura Sodré Viana 823-F3
Laurinda Augusta Freire de Carvalho 179-9n5, 183
Laurinda Cardoso 183
Laurinda Moniz de Aragão 183-10n13
Lřzaro Colbert 470
Lřzaro Lopes Soeiro 470-F6, 472, 730, 1320-F1
Lřzaro Nogueira 740
Lřzaro Teles de Menezes 354-Bp39, 366
Leandro de Argolo de Menezes 447-Tn23
Leandro Correia de Vasconcelos 1147—1147-F2, 1148
Leandro José de Castilho 923A-N7
Leandro Pacheco Falcão 1172-F2, 1174
Leandro Pereira 329
Leão Falcão de Eça 325-N7, 1172-F3, 1175
Leão Falcão de Melo 50-Bn3, 1173-N2, 1177
Leão Ferreira 421-N12
Lřlia Bulcão Leão Veloso 1235-F1
Leonarda 191

- Leonarda de Azevedo Ravasco* 825-F5, 832-F1, 833
Leonarda Cavalcanti 66-Bn10
Leonarda de Menezes 297-N9
Leonarda Rodrigues 1189-F2
Leonardo de Aragão Bulcão 1216-6n23
Leonardo de Sá Souto-Maior 282—723-F3, 724A
Leôncio Correia de Sande 1184-F4
Leonel Pires de Carvalho e Albuquerque 1045-5n15—
 1051-6n11
Leonor 574-N5—578-F2—748-Bn5—1239-N3—1389-F4
Leonor de Aguiar 1352
Leonor de Albuquerque 1309—1309
Leonor Antônia de Queirós 205-Tn3, 718-F1
Leonor Antônia Queirós e Argolo 206-4n9
Leonor Antunes 130-F2, 132, 137, 213-F3, 427, 664,
 1389
Leonor de Araújo de Aragão Bulcão 1210-5n10
Leonor Augusta de Assunção e Aragão 1034-Tn10,
 1035-Tn15, 1043, 1047
Leonor Baldes 111-Tn35, 123, 124—124, 1388
Leonor Barbosa 123, 600, 1388
Leonor Barreto 569
Leonor Baurepaire Rohan 181-9n17
Leonor de Brito 596—596-F1, 847, 852—737-N7
Leonor de Brito de Castro 428-N1, 429, 803-F2,
 805, 848-N1
Leonor de Brito de Melo 597-N8
Leonor Cabral 58—958-F3
Leonor Cordeiro 416-N5
Leonor Correia Peixoto 31-F1, 641-F1, 642
Leonor da Cunha 1008-Bn9
Leonor Dias 865, 868
Leonor da Franca 572-F1, 573, 578
Leonor Francisca Calmon de Aragão 885-Bn9
Leonor Francisca de Menezes 443-Tn2, 929-N6
Leonor de Freitas 736-F3, 741, 935—1360
Leonor Gomes 575-N9
Leonor Gomes Peixoto 30
Leonor Guardes 33
Leonor Josefa de Menezes 153-Tn36, 830-N1, 831
Leonor Josefa Sutil de Menezes 995-F1, 996, 999-
 N1, 1275-F4, 1276
Leonor de Lacerda 1128
Leonor Maria de Brito de Castro 850-N13, 853
Leonor Maria da Fé 923A-N4
Leonor Maria de la Penha Deusdará Pires e Aragão
 1938-4n12, 1221
Leonor Maria Pires de Aragão Bulcão 1212-6n1,
 1227, 1234
Leonor Maria do Sacramento 1237-F8
Leonor Maria da Silva Côrte-Real 912, 913, 1164
Leonor Martins 404
Leonor de Melo 335-N45—867
Leonor de Melo de Vasconcelos 538-Bn2, 539
Leonor de Menezes 150-Tn28—604-N4—1331-F2
Leonor de Oliveira 475—922
Leonor Pereira 22-Bn1, 23, 785, 1247-F3
Leonor Pereira Marinho 23-Tn1, 24, 785-N1—26-6n2,
 1030-Bn1, 1032, 1034, 1035, 1209—769,787-N11,
 789-Bn9, 790, 1152—790-Bn15
Leonor Pinto da Casal 529-Bn13
Leonor Pires de Carvalho e Albuquerque 1050-6n9
Leonor Pôrto-Carrero 1367
Leonor Rosa 404, 1296, 1343
Leonor de Siqueira 678-N5—679-N26, 949-Bn6, 950
Leonor Soares 241
Leonor de Sousa 264-N1—1114
Leonor de Sousa de Eça 243-Bn5, 267
Leonor Teles 137-Bn 24, 1144, 1146—505-N20—858-
 Bn3
Leonor Teles de Escobar 502-F6, 505, 1103, 1352-F1
Leonor Teles de Menezes 385-Bn4
Leonor Teles Pinheiro 1103-F1, 1104
Leonor Tenório de Albuquerque 1309-F5
Leonor Teresa da Franca Côrte-Real 917-N2, 918,
 956-Bn2
Leonor Varela 134-Bn2, 143
Leonor de Vasconcelos 158-4n10, 1403
Leonor Ximenes de Aragão 434, 665, 1015—666-N1,
 667, 885, 1317-F1
Leontina Teixeira 826-F3
Leopoldina Moniz Sodré de Aragão 182-10n9
Leopoldo João de Azevedo 537A
Levina Dias de Andrade 190-11n20
Lopo de Albuquerque 32, 191
Lopo de Albuquerque Câmara 35-Bn4, 36, 1095-F1,
 1096
Lopo Gago da Câmara 46
Lopo Gomes de Abreu Lima 843-Bn1, 845
Lopo Gomes de Abreu Lima Côrte-Real 845-F2
Lopo Rabelo 2-F1
Lopo Vaz de Sampaio 540
Lourença de Araújo Góis 605, 4n4, 720
Lourença Lôbo 453-N3, 456
Lourença de Melo 100-Bn3
Lourenço Abreu de Brito Sousa 1389-F3
Lourenço de Araújo Góis 678-N12
Lourenço Barbosa de Brito 538-Bn1
Lourenço Barbosa da Franca 222-N3—488-N1
Lourenço Barradas 29-F5
Lourenço de Barros Lôbo 1103-F1, 1104
Lourenço de Brito Correia 48, 435-F3, 562, 568,
 642, 932
Lourenço de Carvalho de Oliveira 111-Tn35, 123
Lourenço Cavalcanti de Albuquerque 48-F2, 69—
 48 (nota), 63-N9, 69, 79, 560-N4, 830, 1128-N1,
 1129—68-Bn16—973—973-F3
Lourenço Cavalcanti de Sá e Albuquerque 973-F9
Lourenço da Costa 254-A
Lourenço Dias 20-F3
Lourenço Ferraz Louçano 1397-F1
Lourenço de Figueiredo 28
Lourenço de Lemos 212-N2
Lourenço Lobo de Barros 928
Lourenço de Oliveira Pita 212-N4, 909
Lourenço Pereira 329-F4
Lourenço Ribeiro 1273
Lourenço Rodrigues Correia 19-F4
Lourenço dos Santos Oliveira 819-N3
Lourenço de Sousa 191-F6, 193, 198

- Lourenço de Sousa e Moura 193-F1
 Lourenço de Sousa Vieira 157
 Lourenço de Souto-Maior 58
 Lourenço Sutil de Siqueira 999A-N10
 Lucas de Araújo de Aragão 636-Tn7
 Lucas da Fonseca Castelo-Branco 270-N4
 Lucas da Fonseca Saraiva 248, 461-F1, 463, 702—
 463-F5, 465, 704, 706-Tn3—466-N7, 468, 975-N5,
 1007-N7
 Lucas Pinto Coelho 102-Bn20, 584, 1259-F1, 1260—
 301-Tn1, 584-Bn1, 585
 Lucas Tavares de Alvim 604-N5, 1268-F2, 1269
 Lucrécia Luís 523
 Lucrécia Nunes da Veiga 1385
 Ludovina de Vasconcelos 1256-F2, 1357, 1374
 Luís (D.) o infante 20, 61—421-N8
 Luís de Almeida (D.) 665
 Luís Alvares 1138-F2
 Luís Alvares da Costa 962
 Luís Alvares Franco 137-Bn25, 665-F2, 666, 982
 Luís Alves de Espinha 240-F1, 241, 246, 257-F1,
 258, 261, 262, 290, 946—261-F1, 1394-F1
 Luís Antônio Borges de Barros 1078-N11
 Luís Antônio Moniz da Silveira 911-Bn5, 915
 Luís Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-
 5n1, 1049
 Luís Antônio Simões Meireles (Barão do Açú da
 Torre) 819-N2
 Luís de Araújo de Aragão Bulcão 662-N1, 1214-6n19,
 1220
 Luís de Armas 370, 421, 588, 589
 Luís Barbalho Bezerra 480, 491, 562
 Luís Barbalho de Negreiros 480-Bn1, 481—484-4n6,
 —487-F5
 Luís Barbalho de Negreiros Côte-Real 482-4n2, 485,
 1281-F2
 Luís Barreto de Aragão Côte-Real 1203-N5
 Luís de Barros de Almeida 884, 898-F2, 899-F1, 900
 Luís de Barros Fajardo 441, 1251-F1, 1252
 Luís de Basto Saraiva 572-F5
 Luís de Bittencourt Berênguer César 206-4n14
 Luís de Bittencourt de Sá 836-N4
 Luís Bras Bezerra 58—958,959—959-F1, 960—960-
 N1, 961, 963-F1, 969—973-F1
 Luís de Brito e Almeida (gov.) 427
 Luís Carneiro de Menezes 1058-Bn2, 1109-N1, 1111,
 1115, 1262—1113-Tn1
 Luís Carneiro da Rocha 499, 1108—1108-F2
 Luís Cavalcanti 62-N4
 Luís César de Menezes 853-F1
 Luís Coelho Ferreira 174
 Luís Fernandes Fajardo 1250-F2, 1251
 Luís Ferreira de Araújo 547-F1, 548, 1078, 1332
 Luís Freire 853-F2
 Luís Gallotti 1054-6n29
 Luís de Góis 946-N13—1249-N1
 Luís de Góis da Fonseca 463-F4, 464, 949-Bn5
 Luís de Góis de Melo 1375
 Luís de Góis de Siqueira 684-Bn25
 Luís Gomes 1235-F1
 Luís Gomes da Gama 651
 Luís Gomes Viana 1256-F2, 1357, 1374
 Luís José de Teive e Argolo 1230-N14
 Luís de Lacerda de Góis 771, 937-F8, 1375
 Luís Lobo 230-N6, 234
 Luís Lopes de Peredes 145-Tn9
 Luís Maria de Oliveira Mendes 1085-F4
 Luís de Matos Coutinho 628-F5
 Luís de Melo 108-Tn16—1129-Bn1
 Luís de Melo de Vasconcelos 98-N2, 101, 214-N2,
 683, 1356-F2, 1387-N2—101-Bn12, 109, 127, 152-
 Tn33, 385-Bn1—109-Tn20—134-Bn2, 143
 Luís de Mesquita 984
 Luís de Miranda Henriques 391
 Luís Moniz Barreto 163-5n2
 Luís Moniz Barreto de Aragão 178-8n8
 Luís Moniz Sodré 187-1n1
 Luís Moniz de Sousa 457-Tn1
 Luís de Oliva Franca 605-Bn4, 998-F2, 999A
 Luís Pais-Florian 222-N6, 749, 953-F1, 954—956-
 Bn1
 Luís Paula de Araújo Basto (Visconde de Fiais) —
 1086
 Luís Pedroso 679-N26, 949-Bn6, 950
 Luís Pereira de Aguiar 992
 Luís Pereira de Aragão 503, 641-F3, 651, 653
 Luís Pereira de Mendonça 335-N46, 344-Bn19, 350
 Luís Pessoa de Vasconcelos 982-F2
 Luís do Rêgo Barreto 61-F6, 76, 304, 321-N4
 Luís da Rocha Pita 768-F2, 775
 Luís de Sá de Menezes 1322-F2
 Luís Sodré Pereira 806-Bn3
 Luís de Sousa (D.) 258-F2
 Luís de Sousa Aguiar 1054-6n28
 Luís de Sousa Furna 35-Bn6, 42
 Luís de Sousa Marques 1365
 Luís Teixeira de Mendonça 917-N1
 Luís Tenório de Molina 1309-F2
 Luís de Veras 264-N4, 265, 423-Bn2
 Luís Vieira de Lima 1368
 Luísa 305-Bn7—718-F3
 Luísa de Almeida 243
 Luísa Alvares, 1
 Luísa Antônia Calmon du Pin e Almeida 884-Bn8,
 991-Bn3, 993
 Luísa de Aragão 1371-F4
 Luísa Arcângela de Menezes Castro 1111-Bn1, 1115
 Luísa Barbosa 396-N1, 398, 668
 Luísa Barbosa Souseda 802
 Luísa de Barros 856, 1250-F3
 Luísa de Barros Pimentel 325-N4
 Luísa Brandão 790-Bn14, 791, 800-N1
 Luísa Carneiro 191
 Luísa Clara de Argolo e Queirós 206-4n5
 Luísa Clara de S. Rita 1080-Bn1, 1082
 Luísa Clementina Pires e Aragão 1034-Tn12, 1035-
 Tn16, 1041
 Luísa Dória 98-N2, 101, 1387-N2—1386, 1387
 Luísa Ferreira Feio 230, 368, 436, 560-N6
 Luísa de Figueiredo 792

- Luísa Flora de Aragão Bulcão* 1054, 1210-5n13
Luísa Florian 953-F3, 957
Luísa da Franca 954-N5
Luísa da Franca Côrte-Real 221-F1, 222, 487, 572-F4, 953, 954—482-4n1, 780-N2, 781—486, 487-F1, 488, 489-N5—487-F3
Luísa Francisca Severim 169-6n1, 174
Luísa Freire 1377
Luísa Girão 215-Bn2, 216, 1270-F2—216, 217, 1270—329-F13, 335, 384-N3
Luísa de Góis 145-Tn6, 157
Luísa Josefa de Menezes 155-Tn47, 909-F1, 910
Luísa Luchsinger 1215-6n30
Luísa Margarida Borges de Barros (Condessa da Pedra Branca, Condessa de Barral, Marquesa de Monferrat) 1084-4n3
Luísa Maria de Almeida Pereira de Castro 882-N8, 884, 900-F1, 993
Luísa Maria de Sousa 305-Bn1, 306
Luísa de Melo 101-Bn13, 678-N13, 683, 989—113-4n1—131-N6—1088-F1, 1089, 1363-F2
Luísa de Melo de Vasconcelos 97, 131, 287-F2, 393
Luísa de Mendonça 305-Bn2, 307
Luísa de Menezes 352-Bn32
Luísa Micaela de Vasconcelos 738-Bn6
Luísa Pacheco 99-7, 103, 1056, 1122-N2, 1355
Luísa Pereira 393-F2
Luísa Pires Bulcão de Teive e Argolo 1277-F2
Luísa de Queiroz Araújo 206, 692-Tn1, 718
Luísa Rosa de Gouveia 1084
Luísa de Sá 523-F6
Luísa de Sande 1184-F5
Luísa da Silva 1304-F1
Luísa de Siqueira 991-Bn5
Luísa Soares 130-F2, 132, 329, 394
Luísa Soares Côrte-Real 480-Bn1, 481
Luísa de Sousa 696-4n5, 697—1315-F2, 1316
Luísa Teles 864-F4
Luísa Teles de Menezes 409-Bn5, 563-N11, 565
Luísa Tenório de Molina 1309-F9
Luísa Teresa de Menezes 913-Tn9
Luísa Teresa de Santana 1154-F1, 1155, 1380-F1
Luísa Vicência da Ressurreição 450-4n5
Luísa Violante Barreto 565-Bn2
Luzia 354-Bn41—668-Bn5
Luzia de Assunção 1147-F7
Luzia de Azevedo 628-F5—841-N3
Luzia de Barros 232-Bn5, 1293, 1294
Luzia de Bra 1157-F7
Luzia de Brito 938-F2
Luzia de Burgos 1124-F4
Luzia Coutinho 622-N14, 629
Luzia Coutinho de Menezes Lacerda 158-4n11, 162, 315-Tn16
Luzia da Cruz de Azevedo 106-Tn8, 114, 622-N11
Luzia Dória de Sampaio 1188-F1
Luzia Espinola Ribeiro 329-F10, 333, 354, 373-N1, 378-N6, 380
Luzia de Freitas 533-F4
Luzia Girão Teles de Menezes 353-Bn33, 1193-N7, 1194
Luzia de Góis 689-Tn4, 1157-F1, 1158—946-N6—1325-N4
Luzia de Góis Barbosa 947-Bn3
Luzia de Góis de Mendonça 330, 1001, 1248, 1325
Luzia de Melo 597-N2
Luzia de Melo Falcão 43, 1173-N3
Luzia de Menezes 120-4n8—167, 437-N7, 1291—670-N5—672-Bn1, 673
Luzia de Oliveira 946-N3, 948
Luzia Pais Brandão 1300-F1, 1301
Luzia Pereira 298-Bn4—330-N1, 870, 1393—1149—1344
Luzia Pereira de Vargas Cirne 730-F4, 732
Luzia Pereira de Vasconcelos 1149-F5
Luzia da Silva Bezerra 902
Luzia de Sousa 471-N4, 478-N1, 479
Luzia de Sousa de Araújo 938
Luzia Teles de Menezes 385-Bn5, 975-N6, 978—387-Tn6—593-N1, 594
Luzia de Uzeda 949-Bn4, 951, 952-F4
Luzia de Vasconcelos 293-F3, 295, 1056-N1, 1338—623-Bn6, 630—1147-F1, 1159-F1, 1160
Madalena 441-Bn24
Madalena de Almeida 541-N1, 542, 545
Madalena Alvares 1-F6, 6, 9
Madalena de Barros 1311-F5
Madalena de Castro de Eça 241-N9, 262, 392, 1287
Madalena Clara Maria 36-Tn1, 38, 934-N1
Madalena Leal 1066 a 1068
Madalena de Menezes 139-Bn41
Madalena de Oliveira 1101-F5
Madalena Pereira 933-F2, 938
Madalena Pereira do Lago 939-N1
Madalena Pimentel 427-F4
Manuel 17-F3—173-6n5, 223-Bn4—227-F5—318-Tn14—331-N21—503-N13—1239-N8—1346-F14—1393-F3
Manuel Araújo Coutinho 1064-F3, 1376—1376
Manuel de Aguiar 380-Bn3
Manuel de Aguiar Daltro 374-F4, 378—378-N7
Manuel de Albuquerque 305-Bn5
Manuel de Almeida 1132-N6, 1138
Manuel de Almeida Lobato 137, 416-N2
Manuel de Almeida Maciel 555-F3
Manuel Alvares 1-F3—298-Bn4
Manuel Alvares Craveiro 1327-F1
Manuel Alvares Leitão 1327
Manuel Alvares de Moraes Navarro 92-Tn7
Manuel Alvares de la Penha Deusdará 710, 832—833-N1
Manuel Alves de Barros 858-Bn2
Manuel Alves Pinto 553-F1, 554
Manuel Alves da Silva 492-N2, 1377
Manuel Antunes de Almeida 228-F7
Manuel de Araújo 1282-F1, 1283-N2
Manuel de Araújo de Aragão 12-Tn2, 632-N1, 634—71-Tn8—634-Bn1, 636, 645-N8—635-Bn15—636-Tn1

- Manuel de Araújo Góis* 531-Bn16, 690-Tn7, 696—696-4n6, 698
- Manuel de Araújo Teles* 110-Tn29—1371
- Manuel de Azevedo Lôbo* 525-N2
- Manuel de Azevedo Negro* 605-Bn2, 996, 998-F1, 999—999-N3
- Manuel de Azevedo Teixeira* 329-F3, 537A
- Manuel Barbosa de Eça* 260-Bn2, 260A
- Manuel de Barbuda de Menezes* 312-Bn6, 316, 622-N22
- Manuel Barreto* 147-Tn15
- Manuel de Barros* 357—470-F4, 473, 476, 632
- Manuel de Barros Cardoso* 1193-N4
- Manuel de Barros da Franca* 573-F2, 574—574-N2
- Manuel de Barros Lôbo* 526-N9, 926-F1, 927
- Manuel de Barros Soeiro* 473-F5, 475
- Manuel Batista de Araújo* 595-F2
- Manuel Bernardo Calmon* 890-5n3
- Manuel Bernardo Calmon du Pin e Almeida* 887-4n5—891-5n7
- Manuel Borges de Barros* 1076-F7
- Manuel Botelho Cardoso* 1180-F3, 1182
- Manuel Botelho de Oliveira* 392-Bn2, 599, 1190, 1349
- Manuel Botelho de Sampaio* 673, 674, 1186-F1, 1188, 1189
- Manuel de Brito* 598-Bn1—1236-F4, 1237, 1240
- Manuel de Brito Lôbo* 596-F2, 597, 601—597-N5, 598
- Manuel Caetano de Araújo Corte-Real* 845-F3
- Manuel Campelo de Quirôga* 87-N5
- Manuel Cardoso do Amaral* 1328
- Manuel Cardoso de Negreiros* 502-F2
- Manuel Carneiro Cavalcanti de Lacerda* 52-4n1, 53
- Manuel Carneiro da Cunha* 52, 60
- Manuel Carneiro de Lacerda* 53-5n1
- Manuel Carneiro Leão* 962-Tn8, 970-N9, 972—970, 971
- Manuel de Carvalho de Oliveira de Vasconcelos* 110-Tn228, 120, 1282-F4
- Manuel Carvalho* 503-N9—1134-Bn2—1135
- Manuel Cavalcanti de Albuquerque* 49-N2—56-F3
- Manuel Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda* 51—Tn1, 52
- Manuel Coelho de Escobar* 937-F4
- Manuel Coelho Gato* 36
- Manuel da Conceição* 1080, 1312
- Manuel Correia de Brito* 28-F2, 1122, 1378, 1379—1379-F4
- Manuel Correia de Moraes* 1399
- Manuel da Costa Calheiros* 62, 65, 66
- Manuel do Couto* 243
- Manuel do Couto de Eça* 243-Bn2, 249, 1124-F2—249-Tn5, 254A, 1200
- Manuel da Cunha Fróis* 594-Bn3
- Manuel da Cunha Menezes* 313-Bn15
- Manuel Delgado Aires* 415-F4
- Manuel Dias* 980-Tn6
- Manuel Domingues Portugal* 1115—1115-F2
- Manuel Fagundes* 1400-F6
- Manuel de Faria* 219-F1
- Manuel Félix Fiusa Barreto* 1155-N1
- Manuel Fernandes* 844-F6
- Manuel Fernandes Cordeiro* 416-N6, 417, 622-N16
- Manuel Fernandes da Costa* 943-Bn2, 1155, 1380
- Manuel Fernandes Flores* 537C
- Manuel Ferreira* 69, 558—846-F1
- Manuel Ferreira de Sousa* 409-Bn5, 563-N11, 565
- Manuel de Figueiredo* 871-F2
- Manuel de Figueiredo Abreu* 426A
- Manuel da Fonseca* 466-N13
- Manuel da Fonseca Homem* 405
- Manuel Francisco de Freitas Barreto* 844-F1, 846
- Manuel de Freitas Amaral* 141, 228-F6, 524
- Manuel de Freitas Lôbo* 358, 524-F2, 526, 927
- Manuel Garcia* 752-F6
- Manuel Garcia de Moura Rolim* 200-Bn1
- Manuel Garcia Pimentel* 199-N5, 760, 761-N2, 762, 763—764-N5
- Manuel Girão* 131-N4, 395-F4, 397, 408-N4
- Manuel Girão de Carvalho* 386-Bn13
- Manuel de Góis* 680-Bn4
- Manuel Gomes* 438-Bn3—575-N12
- Manuel Gomes Dias* 1056-N4, 1061, 1064, 1261, 1376
- Manuel Gomes de Escobar* 312-Bn9
- Manuel Gomes Figueira* 226-N1, 916, 919
- Manuel Gomes de Melo* 275, 319-F4, 321, 323-F3, 1173, 1174—322-Bn2
- Manuel Gomes da Silva* 1093-N1, 1094—1094-F3
- Manuel Gomes Vanderley* 92, 325-N10
- Manuel Gomes Vitória* 137, 404, 407, 1296-F1—405-N2
- Manuel Gonçalves* 1300
- Manuel Gonçalves de Barros* 572-F1, 573, 578
- Manuel Gonçalves de Cerqueira* 49-N6, 56—56-F1
- Manuel Gonçalves Guimarães* 1075-F2
- Manuel de Holanda Calheiros* 62-N6
- Manuel Homem* 427-F4
- Manuel Homem de Almeida* 878-N3
- Manuel Homem Freire* 768-F5, 776
- Manuel Inácio Moniz Barreto de Aragão* 174-Tn6, 178
- Manuel Infante Guimarães* 1073-F1, 1075
- Manuel Jacinto Calmon da Gama* 184-10n19
- Manuel Jaques de Magalhães* 1101-F1
- Manuel Jaques de Paiva* 1101
- Manuel José de Albuquerque da Purificação* 40-5n1
- Manuel José de Bittencourt de Sá* 834-F3, 836, 1077-N2
- Manuel José Soares de Brito* 939-N2
- Manuel José de Sousa Dantas* 824-F1
- Manuel de Lara* 525-N3, 1381
- Manuel Leal* 1066-F1
- Manuel de Lemos* 520-N7
- Manuel de Lemos da Mota* 1295-F3
- Manuel de Lima* 1357
- Manuel de Lima Pereira* 769-N4, 777
- Manuel Lôbo* 856, 1250-F3
- Manuel Lôbo de Sousa* 242-N15
- Manuel Lopes Batista* 1365
- Manuel Lopes Caldeira* 372-F6

- Manuel Lopes da Mata** 1066-F2, 1067, 1071, 1072
Manuel Lopes Pereira Baía 888
Manuel Lourenço 1135-Tn2
Manuel Luís da Costa 522-Bn7
Manuel Luís de Freitas 764, 765-F1
Manuel Machado de Melo 1117
Manuel Machado Velho 1001
Manuel Maciel Aranha 857-N2, 859—859-F1—1319
Manuel Magalhães de Azevedo 728, 731-N2, 733, 734
Manuel Marinho Brandão 787-N13, 801
Manuel Martins 544-N1
Manuel Martins Brandão 1263, 1301
Manuel Martins de Sousa 854
Manuel Martins de Useda 1226
Manuel Mascarenhas Homem 33
Manuel de Matos Correia de Menezes 182-10n8
Manuel de Matos Pinto de Carvalho 1105-F3, 1107
Manuel de Matos Viveiros 165, 606, 1062-F1, 1275
Manuel de Medeiros Perdigão 269-F8, 1382
Manuel de Medeiros de Sousa 1382-F3
Manuel de Melo 334-N43—345-Bn24
Manuel de Melo, de Quadros 1192-F3
Manuel de Melo de Vasconcelos 97-F1, 98, 215, 384—107-Tn14—215-Bn2, 216, 1270-F2—1383
Manuel Mendes 1131-N5, 1136
Manuel Mendes Mesa 1372, 1393
Manuel Mendes de Vasconcelos 443
Manuel Messias Lopes de Leão 1037-4n6
Manuel Moniz Barreto 134-Bn5, 146, 375-N2—159-4n19, 163, 695-4n2—503-N10
Manuel Messias Girão 398-Bn2, 401—401-Tn3
Manuel Moniz Teles 363-Tn6—879-Bn3
Manuel Monteiro de Abreu 1254-F3—1255-F1
Manuel Monteiro Freire 294-N5
Manuel Monteiro Lôbo 297-N10
Manuel Moreira 549-F2
Manuel de Moura Rolim 195-F4, 199, 428-N4, 762
Manuel Nogueira de Carvalho 281
Manuel Nogueira Freire 258-F4, 259
Manuel Nunes de Azevedo 622-N2, 624
Manuel Nunes Leal 924, 1060-N2, 1068-F1, 1069—1069-N2
Manuel Nunes Lobato 864-F5
Manuel Nunes de Vasconcelos 173
Manuel Pacheco Freire 121, 122, 134-Bn9
Manuel Pais da Costa 785-N2, 797
Manuel Pais Florian 956-Bn5
Manuel de Paredes da Costa 223-F7, 293, 297, 453, 502
Manuel de Paredes Freire 454-N3, 456
Manuel de Passos 1258-F1
Manuel Peçanha 1384
Manuel Peixoto de Eça 290-F3
Manuel Pereira 337-Bn1—357-Tn1—759
Manuel Pereira de Aragão 788-Bn6, 794-N2, 795
Manuel Pereira de Azevedo 1147-F3, 1149—1149-F1
Manuel Pereira de Faria 215-Bn5, 334-N35, 346, 564
Manuel Pereira Gago 22, 23, 1243-F1, 1247
Manuel Pereira de Góis 635, 1001-F3, 1003, 1273-F1—679-N23, 1248-F1, 1249
Manuel Pereira do Lago 937-F1—940-F1
Manuel Pereira Pacheco 68-Bn19
Manuel Pereira Pinto 683-Bn20
Manuel Pereira da Silva 844-F6
Manuel Pereira da Silva Caldas 782-Bn1, 783
Manuel Pereira de Sousa 789-Bn8, 802
Manuel Pessoa de Vasconcelos 982-F3
Manuel Pimenta de Melo 35-Bn10, 47
Manuel Pinheiro de Carvalho 105, 453-F5, 500, 502, 926—105-Tn5—502-F4, 504, 1298
Manuel Pinto de Carvalho 1055
Manuel Pinto Rosa 1385
Manuel Pinto de Sousa Dantas 812
Manuel Pires de Carvalho e Albuquerque 1046-5n28
Manuel de Quadros Gregório 140-Bn45
Manuel de Queirós 712
Manuel Rangel 1293-F2, 1294
Manuel Ribeiro 1147-F7
Manuel Ribeiro de Carvalho 515-N5
Manuel Ribeiro de Lacerda 194—194-F1
Manuel da Rocha 953-F3, 957
Manuel da Rocha Dória 1064-F2, 1261
Manuel da Rocha Rêgo 610-F5, 618
Manuel Rodrigues de Almeida 920-F1
Manuel Rodrigues Brandão 446, 1289
Manuel Rodrigues Campelo 961-Bn2, 968-F3, 969, 973—973-F2
Manuel Rodrigues da Costa 1315-F1
Manuel Rodrigues da Cunha 254A-4n13, 1199-F1, 1200
Manuel Rodrigues de Figueiredo 872-F4
Manuel Rodrigues de Gusmão 730-F1
Manuel Rodrigues de Menezes 110-Tn32
Manuel Rodrigues Nunes 1019-N2, 1025
Manuel Rodrigues Sanches 427-F2
Manuel Rodrigues da Silva 311-Bn2, 871 a 873—873-F1
Manuel Rolim 553-F2
Manuel Rolim de Moura 58
Manuel Rollenberg 954-N4
Manuel de Sá Dória Ravasco 498-4n1, 499, 1108-F4, 1112
Manuel de Sá Souto-Maior 282, 369-F2, 596, 723
Manuel de Saldanha da Gama 431-Bn3
Manuel Serrão 1297-F2
Manuel da Silva 574
Manuel Soares Barreto 136-Bn21, 149, 894-F3
Manuel Soares de Brito 788-Bn5
Manuel Soares Homem 642, 1306-F4
Manuel Soares da Veiga 916-F3, 1359, 1385
Manuel de Sousa 264-N2
Manuel de Sousa de Abreu 377-N5
Manuel de Sousa Dormundo 265, 337, 420-N6, 423, 434, 868-F2
Manuel de Sousa de Eça 241-N1—242-N12, 247, 250, 256, 266, 271, 272, 946-N14—263-F2
Manuel de Sousa Freire 259-N3

- Manuel de Sousa de Menezes* 271-F3
Manuel de Sousa e Moura 193-F2
Manuel Teixeira de Mendonça 916-F1, 917, 1336, 1363—918-F1
Manuel Teles 137-Bn28—1167-F4—1267—1389-F7
Manuel Teles Barreto 90-Bn5, 150-Tn24, 159—151-Tn30, 333-N32, 345, 1103—158-4n11, 162, 315-Tn6—338-Bn3, 358, 526-N8—412-F4—537A-Bn3—664 (gov.)
Manuel Teles de Menezes 283-N1, 285, 462-N1, 467, 721—329-F7, 331, 373-N5—410—437-N9, 441, 1065, 1126-N1, 1252-N1—439-Bn12, 448—690-Tn9—930
Manuel de Tôrres 549-F1, 550, 551—550-F2
Manuel Tôrres Campelo 971-Bn1
Manuel Trinchão de Brum 985-F1, 1009-Bn10, 1012
Manuel Trinchão Pinto 252, 253, 468, 1006-F1, 1007—1008-Bn1
Manuel de Useda 1367
Manuel de Useda Aiala 466, 531, 647, 946-N9, 951, 952, 1367
Manuel de Vargas Cirne 472-N9, 537B, 730, 732, 967, 1187—732-F1
Manuel da Vêga 1315-F1
Manuel da Vera-Cruz Pimentel 92-Tn6
Manuel Vieira de Barros 1076-F5
Manuel Vieira de Lima 1307-F1
Manuel Vieira Pedrosa 692-Tn21
Manuel Xavier de Aragão Côrte-Real 1203-N4
Manuel Xavier do Nascimento 790A-Tn6
Manuela Acioli Lins 278-Bn5, 326-Bn3
Marçal Pacheco 293-F2, 1121-F4, 1123
Marçal Rodrigues Correia 19-F1
Marcela da Silva 446-Tn12, 450
Marcelina de Araújo de Vasconcelos 599-Bn3, 600
Marcelina de Sá 736
Marcelino Soares Ferreira 1157-F5
Marcos Alberto 129
Marcos Alvares 1-F2
Marcos de Armas de Brum 243-Bn6, 463-F3, 700-F3, 702
Marcos de Bittencourt 109, 136-Bn20, 332-N25, 384-N1, 385, 955, 978, 1058
Marcos de Bittencourt de Vasconcelos 109-Tn 22, 116, 409-Bn2
Marcos da Costa 664
Marcos Leão Veloso 1235
Marcos da Silva 400—400-Tn2
Margarida 565-Bn6—574-N7—1237-F12—1346-F7
Margarida Acioli 274-N1, 275-N11, 277
Margarida Adôrno 5-F1, 6-F1, 7
Margarida de Albuquerque 1309-F6
Margarida Alvares de Castro 279
Margarida Antônia Mendes 923
Margarida de Araújo 3380-Bn1, 382—596-F2, 597, 601—1132-N6, 1137, 1138
Margarida de Armas 282-F1, 283, 700-F2
Margarida Barbosa 396-N2, 399
Margarida Barbosa de Araújo 619
Margarida de Barbuda 308-F3
Margarida de Barros 502-F2—1311-F6
Margarida Calmon 880-F3
Margarida Câmara Pesqueira 1147
Margarida de Carvalho 383
Margarida Cavalcanti de Albuquerque 48-F7, 55, 192, 196, 273, 319-F1, 320
Margarida Cordeiro 294-N4, 300, 416-N10
Margarida da Cunha 230-N4, 232, 1006-F2, 1199, 1293
Margarida Diniz 197, 1192
Margarida de Eça 241-N8, 242-N11, 246
Margarida de Florença 61
Margarida da Franca Côrte-Real 573-F4, 578
Margarida Francisca de Menezes Côrte-Real 913-Tn7
Margarida de Freitas Lôbo 525-N5, 533
Margarida Garcês de Eça 269-F6
Margarida Girão 335, 383-F1, 384, 395-F3, 1270—386-Bn8
Margarida de Góis 102-Bn19, 112—330-N13
Margarida de Góis de Mendonça 1248-F4
Margarida Gomes 1236
Margarida Josefa Calmon du Pin e Almeida 883-Bn1, 911-Bn4, 914
Margarida de Lacerda Coutinho 162, 312-Bn4, 315, 622-N18, 1346
Margarida Maria Teles 1169-F2, 1170
Margarida de Melo 319-F8—1103
Margarida de Melo Matos 826-F7
Margarida de Menezes 360, 364, 409, 561-F7, 563, 878—669-F7—1193
Margarida Moniz de Aragão 189-11n14, 1218-7n7, 1225
Margarida Moniz Côrte-Real 248-Tn3, 253, 981, 1164A-N2
Margarida de Negreiros 1104
Margarida Nunes 869
Margarida de Oliveira 145-Tn10—259-N1, 260
Margarida Pereira de Andrade 880-F8, 881, 901-F1, 903, 905
Margarida Pereira de Castro 149, 894, 895, 899
Margarida Pinheiro 516-F2, 517
Margarida Pinheiro de Azevedo 926-F4, 1399
Margarida Ribeiro de Barros 402, 1018-F4, 1019, 1025
Margarida de S. José 1236-F5
Margarida da Silva 516-F6
Margarida Soares 329-F1—519-F7
Margarida de Sousa 87-N3, 90, 471-N1—285-Bn2, 464-N1, 467, 1164A—420-N3, 1336A—462-N2—701
Margarida Teles de Menezes 101-Bn12, 109, 385-Bn1
Margarida Trinchão 1008-Bn4, 1011
Maria 16-F3—17-F2—49-N7—111-Tn38—227-F4—353-Bn36—354-Bn42—382-Tn1—467-Bn1—489-N11—493-F6—612-N7—623A-Tn3—720-F4—752-F9—828-N2—862-N11—872-F5—924-Bn4—999A-N13—1102-F3—1170-N5—1239-N2—1262-N2—1275-F2—1346-F6—1357-F1—1371-F1

- Maria de Abreu* 706—936
Maria Acioli 275-N10, 325-N1, 326
Maria Adelaide de Carvalho Sodré 819-N2
Maria Adelaide da França 825-F6
Maria Adelaide Moniz Sodré de Aragão 182-10n1
Maria Adelaide Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n7
Maria Adelaide Sodré Pereira 176-8n4, 179, 808-Tn1, 817, 825
Maria Adorno 7-N2, 11—12-Tn2, 632-N1, 634
Maria de Aguiar 134-Bn5, 146, 375-N2—376-N3—379-N9, 458-F2, 459—736, 741, 933
Maria de Almeida 145-Tn6, 157—157-4n6—427-F9—541-N2, 543—550-F1, 551, 552, 555, 1080—880, 894-F2, 895, 896—897-F2, 899, 900—1002, 1390
Maria de Alpoim 1087, 1088, 1092—1087-F3, 1088
Maria Amália Ferrão Moniz de Aragão 176-8n3, 662, 1214
Maria Amália Pedreira do Couto Ferraz 890-5n3
Maria Amália Viana Bulcão 1214-6n16, 1235
Maria do Amparo Calmon 903-N5
Maria Ana de Araújo Bulcão 889-4n10, 893, 1210-5n2
Maria Ana Calmon 882-N7
Maria Ana Calmon du Pin e Almeida 893-5n11
Maria Ana da França 825-F11
Maria Ana de Menezes 808
Maria Ana Moniz Sodré de Aragão 182-10n7
Maria Ana de Pita Lima 810-4n9, 813
Maria Ana Sodré Pereira 810-4n5—813-5n10
Maria de Andrade 91
Maria Angélica Moniz de Aragão 186-10n24
Maria Angélica Sodré Pereira 810-4n10, 821, 825-F1
Maria dos Anjos Sodré Pereira 811-5n2
Maria Antônia de Abreu 1116-F3, 1118
Maria Antônia Caetana de Aragão 727-Tn1, 728, 734-F1
Maria Antonieta Pires de Carvalho e Albuquerque 1054-6n29
Maria de Aragão 429, 664-F5, 805, 847-F1, 848—502-F1, 503, 571, 651-F2, 1266, 1370—634-Bn1, 636, 645-N8—651
Maria de Aragão de Sousa 643-N1, 654
Maria de Aragão 225 — F-3, 284 — N2, 1341 — 254 — 272 — F1, 631, 644, 752, 759 — 428 — 847-F3, 850, 855 — 1130-F2 1132, 1137, 1138 — 1180-F2, 1181, 1271, 1272
Maria de Araújo de Aragão 631-F4, 646, 752—634-Bn7
Maria de Araújo de Azevedo 548-F1, 805, 1076-F9, 1078, 1332
Maria de Araújo Góis 578, 648, 987-F1
Maria de Araújo Pereira 786-N4, 799
Maria de Araújo de Sousa de Aragão 635-Bn14, 1205-N1, 1206, 1292
Maria de Argolo 201-F4, 282, 369, 1184—447-Tn19—451-4n10
Maria de Argolo Bulcão 1271-7n18
Maria de Assunção Góis 54
Maria Augusta 808-Tn2—820-F3
Maria Augusta de Aragão 822
Maria Augusta de Aragão Bulcão 1221-7n17
Maria Augusta de Castro 182-10n21
Maria Augusta Guimarães 1215-6n25, 1222
Maria Augusta Moreira Sodré de Aragão 822-F4
Maria Augusta das Neves 1216-6n33
Maria Augusta Sodré Pereira 810-4n8, 820, 825-F3
Maria Augusta Vas Sodré 819-N3
Maria Augusta Viana de Argolo Ferrão 662-N1, 1214-Bn19, 1220
Maria de Avila 1130-F7, 1284—1204
Maria de Azevedo 1133-N8, 1139, 1141
Maria de Azevedo 497, 501, 803, 829, 833—628-F2, 1299—803, 829-F6
Maria de Azevedo Teixeira 365, 536-N3, 537A, 537C
Maria Bárbara Coutinho Garcês 825-F4
Maria Barbosa 135, 284, 308—223-Bn2—234-Bn9—282-F2, 284, 308-F6, 746—318, 945—329-F11, 334, 583-N1, 1142, 1282—383—441, 1251-F1, 1252—540-F1, 541—543-F3—684-Bn25—1077
Maria Barbosa de Almeida 334, 582-F1, 583
Maria Barbosa de Amorim 672-Bn1, 673
Maria Barbosa de Araújo 226-N1, 916, 919
Maria Barbosa de Barbuda 309-N2
Maria Barbosa de Castro 258-F2
Maria Barbosa de Menezes 343, 347-F2, 376, 536-N2
Maria de Barros 67-Bn12, 71, 82, 476-F1, 638, 639—157-4n9—834-F2, 835, 1077-N1—1076—1076-F2—1311-F1—1399
Maria de Barros Almeida 325-N7, 1172-F3, 1175
Maria de Barros Lôbo 105, 453-F5, 502, 926—502-F5, 926
Maria de Barros Magalhães 134-Bn4, 145, 260-629
Maria de Barros Moura 280
Maria de Barros Negreiros 928
Maria de Barros Pereira 778
Maria de Barros Pimentel 326-Bn2
Maria de Barros Soeiro 71, 473-F1, 476
Maria Bernadete Uzeda de Aragão Bulcão 1226-8n2
Maria Bernarda do Coração de Jesus 980-Tn6
Maria Bernarda Pires de Argolo 1215-6n23, 1221
Maria Bernarda Vilhena 58-F1
Maria Bernardes 595
Maria Bernardina de Lima e Silva 181-9n12
Maria Bernardina de Mendonça 171
Maria Bezerra 964, 966
Maria de Bittencourt 386-Bn6
Maria Borba 357
Maria Borges 92-Tn2—110, 438, 1259—578
Maria Borges de Mendonça 438-Bn3
Maria de Bra de Araújo 987-F2, 988, 1157-F4
Maria Bras 524
Maria de Brito 737-N1, 742—1376
Maria de Brito Cassão 845
Maria de Brito Correia 592-F2, 1116—618
Maria de Brito Freire 1190-F4, 1349
Maria de Brito Soares 426-Bn2
Maria Bulcão 1207-Bn10

- Maria de Burgos* 243-Bn2, 249, 1124-F2
Maria de Burgos Contreiras 437-N9, 441, 1065, 1626-N1
Maria de Burgos de Menezes 413-N2, 414, 1065-F1
Maria Caetana 982-F5
Maria Caetana de Vasconcelos 111-Tn36, 124, 1388-F1
Maria Camelo de Aragão 1117
Maria Campelo 875
Maria Campina 799
Maria Campina Brandão 788, 799-F2
Maria de Campos Lomba 333-N30, 344, 350, 1391-1
Maria de Campos de Oliveira 866-N3, 920-F4, 921, 923A
Maria Capitulina de Argolo Pires 1046-5n20
Maria Capitulina Pires de Carvalho e Albuquerque 1054-6n24
Maria Capitulina de Teive e Argolo 1038-4n9, 1046
Maria Cardoso 468-Bn5
Maria Cardoso de Oliveira 656-F1, 657
Maria do Carmo 971-Bn3
Maria do Carmo de Gouveia Portugal 1082-Tn1, 1084
Maria do Carmo Sodré Viang 823-F4
Maria Carolina Cordeiro 1054-6n30
Maria Carolina do Espírito Santo 888
Maria Carolina Pereira 826-F2
Maria Carolina da Piedade Pereira Baía 886-Tn6, 888
Maria de Carvalho de Melo 110-Tn30, 312-Bn10, 317, 1282-F2, 1283
Maria de Carvalho 210B-F3
Maria de Carvalho do Destêrro 1031-Bn8
Maria do Casal 524-F1, 525, 533, 1381
Maria de Castro 259-N3—425-N1, 426, 1303, 1326—746-N3
Maria Cavalcanti 66-Bn11—69-Bn21, 79, 1339—275-N8, 280
Maria de Cerqueira 712
Maria Clara 970-N10
Maria Clara Calmon de Aragão e Bulcão 1213-6n8
Maria Clara Moniz Viana 1210-5n6, 1214
Maria Clara Pires de Carvalho e Albuquerque 1048-6n1
Maria Clara da Silva Tavares 1037-4n5, 1044, 1053
Maria Clara Viana Bulcão 1214-6n14
Maria Clementina 807-Bn10
Maria Clementina de Carvalho 818-F3
Maria Clementina da França 825-F8
Maria Clementina Moniz Sodré de Aragão 182-10n4, 183-10n11, 189, 1225
Maria Clementina Sodré 808-Tn4, 818
Maria Clementina Sodré Pereira 810-4n11
Maria da Conceição 263-F3, 264, 265
Maria da Conceição Cunha 134-Bn7, 147, 158, 1060, 1354-F1
Maria da Conceição Menezes 90-Bn3, 93, 158-4n12
Maria da Conceição Peçanha 210
Maria da Conceição Sodré 812-5n5, 824
Maria Constança Basto da França 821-F1
Maria Constança de Pinho 810-4n1, 811, 822—821
Maria Cordeiro 415-F7—416-N4
Maria Correia 19-F7, 30, 31—265, 337, 379-N11, 381, 420-N6, 423, 434, 868-F2—384,395—678-N7, 682, 713
Maria Correia Peixoto 30-F1, 31, 642, 643
Maria Correia de Sande 1184-F3, 1185—1185-F7
Maria Correia de Sousa 1093-N4
Maria de Côrtes 1288, 1329
Maria da Costa de Sousa 1326-F1, 1327
Maria da Cruz Correia 870
Maria da Cruz Diniz 440
Maria da Cunha de Eça 253-4n6
Maria da Cunha Trinchão 248-Tn2, 252, 1007-N5—701-N1, 703, 1009-Bn13
Maria Delfina Pires e Aragão 1034-Tn8, 1035-Tn14, 1039
Maria Dias 20-F2, 227, 388, 631, 641, 759—21-N3—152, 641, 651—1241-F1, 1242
Maria Dias de Sousa 7-N1, 10
Maria Dias do Vale 174
Maria Duarte 1322
Maria de Eça 242-N12, 247, 250, 256, 266, 271, 272, 946-N34—242-N15—247-Bn16, 272—257-F6, 419-F3, 422
Maria Elisa Lacerda Valente 186-10n23, 190
Maria da Encarnação 1365
Maria Epifânia Moniz de Aragão 185-10n22
Maria Epifânia Pires e Aragão 1034-Tn11, 1035-Tn13, 1042
Maria Espinola Ribeiro 329-F7, 331, 373-N5
Maria do Espírito Santo Arco-Verde 32, 41, 48, 85
Maria Estela de Góis Calmon 210B-F4
Maria Eugênia de Araújo Bulcão 1218-Tn6
Maria Eusébia Martins 553-F1, 554
Maria de Évora 748
Maria Falcão 290-F3, 291—766, 768, 784-F5
Maria de Faria 1130, 1284
Maria Feio do Amaral 69, 558
Maria Felícia de Albernaz 657-Bn1, 659
Maria Fernandes 12, 1334
Maria Ferraz Garcês 241-N3, 244, 269
Maria Ferreira 53
Maria de Figueiredo 871-F8—1300, 1379-F2
Maria de Figueiredo Mascarenhas 28-F3, 432, 435, 1324, 1350—311-Bn2, 871 a 873
Maria de Figueiró 372-F6
Maria da Fonseca 404-F4, 405
Maria da Fonseca Barbosa 45
Maria da Franca 489-N12
Maria Francisca 543-F2, 544, 553
Maria Francisca de Araújo de Aragão 640-4n1—1031-Bn6, 1033
Maria Francisca de Araújo Magalhães 886-Tn4, 887, 906-F1
Maria Francisca de Argolo 450-4n9
Maria Francisca de Bittencourt 387-Tn4
Maria Francisca Calmon 890-5n1
Maria Francisca Calmon Nogueira da Gama 180-9n8, 184
Maria Francisca da Câmara 861-F1, 862

- Maria Francisca Castelo-Branco* 655-F1, 656, 1169-F1, 1171
Maria Francisca da Conceição 164-5n5, 169, 1005-Tn1
Maria Francisca de Menezes 73-4n1, 780-N3, 782, 783, 854
Maria Francisca de Menezes Corte-Real 912-Tn5
Maria Francisca Moniz de Aragão 186-10n27
Maria Francisca Pereira 1196-N1, 1197-F1, 1198
Maria Francisca Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n2, 1045-5n17
Maria Francisca Portugal de Menezes 1115-F3
Maria Francisca da Silveira Cabral 184
Maria Francisca de Vasconcelos 1199-F2, 1201—1201
Maria Francisca Xavier Aranha 847-F2, 849, 1095-F3
Maria Freire 298-Bn6
Maria de Freitas 338-Bn3, 358, 526-N8
Maria Furtado de Mendonça 480, 491, 562
Maria Furtado de Sousa 562-N4, 1273-F2, 1274
Maria de Galegos 593
Maria da Gama 502-F4, 504, 1298
Maria da Gama de Araújo Melo 1155-N1, 1155-N2
Maria Garcês de Eça 253-4n1, 1161-F7—253-4n1, 269-F7, 1014, 1161, 1164A, 1308
Maria Garcia 764-N9
Maria Gaspar 923
Maria Germana Calmon du Pin e Almeida 889-4n13
Maria Germana du Pin e Almeida 887-4n2
Maria Germana de Sousa Magalhães 883-Bn7, 886, 907-F1
Maria Gertrudes 911-Bn6
Maria Gil 29-F2
Maria Girão 384-N2
Maria da Glória de Aragão Bulcão Rios 1218-Tn4, 1224, 1232-N3
Maria da Glória de Carvalho 1222-7n19
Maria de Góis 313-Bn16, 318, 1361—318, 678, 679, 700-F4, 945-F2, 946, 952—318-Tn7, 1360-F1, 1361—1135-Tn2—1325-N2
Maria de Góis de Mendonça 725-N8, 726A—1802-N1, 1204-F1, 1205
Maria de Góis de Menezes 670-N7
Maria de Góis de Siqueira 678-N3, 709, 987
Maria de Góis Vasconcelos 680-Bn2
Maria de Góis Vilas-Boas 987-F6, 994
Maria Gomes 573-F3, 575, 655-F3, 843
Maria Gomes Carneiro 1236
Maria Gomes de Vasconcelos 1056-N2—1060-N3, 1061, 1064-F1—1369-F1
Maria Gomes Vitória 404-F3
Maria Gonçalves 18-F3
Maria de Gouveia 370
Maria Guedes 432-F2, 433
Maria de Holanda 61-F8, 324—319-F10
Maria Isabel de Aragão Bulcão 1223-7n24
Maria Isabel da Costa 1045-5n12, 1051
Maria Isabel da Costa Pires 1051-6n16
Maria Isabel Loureiro Maior 1227-F6, 1230
Maria Isabel Viana Bulcão 1214-6n21, 1215-6n28, 1223
Maria de Jesús Oliveira 270-N5, 1092-F4, 1093, 1094
Maria Joana de Albuquerque 276
Maria Joana de Aragão Bulcão Rios 1227-F1, 1228, 1232-N2
Maria Joana Catarina do Sacramento 1027-F5
Maria Joana de Jesus de Aragão 991-Bn4, 1206-Bn1, 1208
Maria Joaquina 915-Tn11
Maria Joaquina de Aragão Bulcão 177-8n7, 181, 1210-5n9
Maria Joaquina Bulcão Viana 1046-5n19, 1054
Maria Joaquina Calmon de Aragão Bulcão 1213-6n13
Maria Joaquina Calmon du Pin e Almeida 883-Bn5
Maria Joaquina de Carvalho 210B
Maria Joaquina Pires de Aragão Bulcão 1212-6n2, 1224, 1228, 1231-F1, 1232
Maria Joaquina Pires de Carvalho e Albuquerque 1054-6n26
Maria José 820-F2
Maria José de Aragão Bulcão 1222-7n20—1223-7n26
Maria José de Argolo Pires 1046-5n23
Maria José Basto da França 821-F2, 826-F8
Maria José Cavalcanti Lins 1213-6n5, 1217
Maria José Coutinho Sodré 187, 817-F2, 820, 821, 825, 826
Maria José Lodi 179, 897-Bn9, 808, 817, 818
Maria José Martins 209-6n1, 210
Maria José Moniz Viana 181, 1210-5n6, 1214, 1223, 1235
Maria José Moreira 1229
Maria José de Oliveira Garcês 825-F2
Maria José Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n6, 1053—1045-5n18
Maria José Pita de Argolo e Queirós 208-5n4
Maria José Tourinho 1222
Maria José Tovar da Costa 825
Maria José Viana Bulcão 1214-6n20
Maria Josefa 546-N2—578-F6
Maria Josefa de Araújo 1155-N3, 1156
Maria Josefa Corte-Real 481-Tn7
Maria Josefa de Menezes 161-4n26, 167—1291-F1
Maria Josefa de Sá Barreto 724-N6
Maria Josefa Teodora de Ataíde 805-N2, 807
Maria Josefina Basto 1085-F3
Maria Josefina Borges de Barros 1086-N2
Maria Julieta Couto Maia 591-5n6
Maria Justa Dinis 1358
Maria de Lacerda 49-N4, 50, 58, 194-F2, 1176 a 1179—51-Tn3, 59
Maria de Lacerda Coutinho 314 a 316, 362, 417, 621-F1, 622, 629, 1351-F1—1021-N5, 1027
Maria de Lacerda de Góis 315-Tn4, 1346
Maria Leite 915, 1239
Maria de Lemos 212-N3—374-F3, 377, 520-N6
Maria de Lemos Landim 211-F4, 226, 519, 523, 1185, 1186, 1302, 1304

- Maria Leocádia de Brito* 1117-N4
Maria Leonor 808-Tn3
Maria Leonor de Argolo Bulcão 1221-7n15
Maria Leonor de Teive e Argolo 1229-N8
Maria Leopoldina 808-Tn6
Maria Leopoldina da França 825-F10
Maria Leopoldina Sodré Pereira 179-9n3, 182, 189, 10n3
Maria Leopoldina Sodré Pereira 179-9n3, 182, 189, 810-4n7, 815
Maria de Lima Barreto 167-5n22
Maria Lins 87-N5—328
Maria Lins de Albuquerque 63-N8, 68, 78, 85-F3
Maria de Lira 1256
Maria Lôbo 105-Tn3
Maria Lôbo de Mendonça 133-N26, 141, 455, 524-F3
Maria de Lomba 131-N1, 134, 334, 1356
Maria Lopes 1296, 1343
Maria de Loreto Navarro de Andrade 180-9n7
Maria de Lourdes de Aragão Bulcão Rios 1232-N4
Maria de Lourdes Pires de Carvalho e Albuquerque 1054-6n27
Maria de Lourdes Rios de Teive e Argolo 1228-N3
Maria de Lourdes Uzeda de Aragão Bulcão 1226-8n1
Maria Lucinda de Aragão 503-N10
Maria Lucinda de Brito 1117-N3
Maria Luísa de Aragão Bulcão 1216-6n34
Maria Luísa de Araújo Pinho 210B-F5
Maria Luísa de Argolo Pires 1046-5n24
Maria Luísa Bernarda 1237-F9
Maria Luísa Cavalcanti de Albuquerque 783-F1
Maria Luísa von Gabb de Massarelli 177-8n6, 180
Maria Luísa Garcês Fróis 1046-5n26
Maria Luísa Lúrio 181
Maria Luísa Moniz Barreto de Aragão 174-7n1
Maria Luísa Nunes 416, 510
Maria Luísa Pires Bulcão Viana 1054-6n25
Maria Luísa Pires de Carvalho e Albuquerque 1046-5n27, 1054-6n22
Maria Luísa de Queirós e Argolo 206-4n7
Maria Luísa da Rocha Pita Moniz Barreto 208-5n2, 209, 210A, 1156-Bn2
Maria Luísa de Teive e Argolo 1034-Tn9, 1038, 1040
Maria Luísa Vanderley 210A-F1, 210B
Maria Machado 941
Maria Maciel da Paz 551-F2, 555
Maria Madalena 39—598-Bn2
Maria Madalena de Barros 1129-Bn1
Maria Madalena da Cunha 1008-Bn8
Maria Madalena Gordilho 1218
Maria Madalena do Nascimento da Franca 579-F1, 580, 581
Maria Madalena de Sá Dória 724-N1, 726
Maria Madalena Tórres 826-F9
Maria Madalena de Valcácer 52-4n1, 53
Maria Máfera Possante 654
Maria de Magalhães 886, 907
Maria Malafaia de Brito 880
Maria de Melo 98-N3, 383-F1, 384—216-Tn3—273-F2, 275, 277, 321-N6, 326—466-N14—683-Bn21, 770, 987-F3, 989
Maria de Melo e Moura 192-N1
Maria de Melo de Vasconcelos 97-F5, 393, 1405
Maria de Mendonça Vasconcelos 249-Tn6, 255
Maria de Menezes 99-N6, 102, 329-F12, 395-F2, 396, 1260—110-Tn27, 119, 1282-F3—112—131-N7, 332, 427, 1125—132-N16—133-N19, 437, 493-F2, 494—135-Bn11, 645, 756—148-Tn20—153-Tn35, 161, 857-N4—332-N26, 679-N19, 686—410-Bn9—455-Bn3—604-N3—607-F2—645-N2, 649, 756-N5—669-F3 — 671-N16 — 675-F3 — 678-N4, 681 — 929-N9 — 1269-N8 — 1335-F4
Maria de Menezes Vasconcelos 404, 405, 407-F3
Maria Merias de Góis 947-Bn2
Maria Micaela de Queirós 684-Bn24, 692, 712-F2, 718
Maria de Miranda Henriques 215-Bn7
Maria Moniz 947-Bn1
Maria Moniz de Aragão 507-Bn6
Maria Moniz Barreto de Aragão 181-9n19
Maria Monteiro 293-F2, 1121-F4, 1123—302—1254-F6
Maria de Moraes 229-N1, 231
Maria Moreira 522—545-F2, 547, 548—549-F1, 550, 551
Maria de Moura 50-Bn1
Maria Murta de Argolo Pires 1046-5n29
Maria Murta de Pina e Melo 1046
Maria da Natividade de Seixas 826-F4
Maria Nazaré de Seixas 1086-N3
Maria Nazaré Sodré 811-5n1, 822
Maria Néri do Rêgo 622-N3, 625
Maria das Neves 1146
Maria Nogueira da Silva 1028
Maria de Novais 874
Maria Nunes 76—865-F1, 866—1067-F1, 1071, 1073
Maria Nunes do Rêgo 501, 515-N1, 516, 622, 680
Maria de Oliveira 1136-F1
Maria Pacheco 249, 1121-F5, 1124—1328
Maria Pais Barreto 58
Maria de Paiva 61-F3, 64—98-N1, 100, 1396-F1
Maria da Palma 520
Maria de Paredes 454-N5, 529, 1018, 1020, 1022 a 1024
Maria dos Passos 1001-F2, 1002, 1205, 1390-F2
Maria Peixoto 875-N4
Maria Peixoto de Eça 290-F6
Maria da Penha 1076
Maria Pepita Ferreira França 1219, 1358
Maria Pereira 295—393-F3
Maria Pereira Botelho 1195-F2, 1197
Maria Pereira de Cerqueira 727, 800
Maria Pereira Coutinho 194, 195
Maria Pereira da Cunha 703, 1007-N2, 1009
Maria Pereira Dutra 1210-5n12, 1216
Maria Pereira de Góis 329-F2, 330, 1248-F2, 1393—870, 1393-F5

Maria Pereira de Moura 45, 195-F5, 273-F1, 274, 1321
Maria Pereira Soeiro 470-F2, 477-F1, 478, 492
Maria Pestana 610, 784
Maria da Piedade Barbosa 1143
Maria Pimentel 195-F2, 197, 427-F5
Maria Pinto 574
Maria Pinto de Amorim 529-Bn12
Maria Pires 432
Maria do Prado Pimentel 844-F3, 844A, 1277
Maria dos Prazeres 849-N9
Maria dos Prazeres da Cunha Góis 887-4n6, 891
Maria da Purificação Calmon 890-5n4
Maria da Purificação da França 182-10n2, 187, 825-F9, 826
Maria da Purificação Martins 544-N3, 553,554
Maria Quaresma 871
Maria de Quevedo 528—528-Bn8
Maria Quitéria de Jesus Medeiros 1240
Maria Rabelo 1-F1, 2
Maria Rangel 138, 370, 371, 1057, 1352—138-Bn37—204, 370-F1, 371, 1165
Maria Rebouças 446, 1289
Maria Regina Pires de Carvalho e Albuquerque 1054-6n28
Maria do Rêgo 416-N11, 511-N3, 512—501, 622-N10, 678-N2, 680, 712, 1157—689-Tn3
Maria Ribeiro de Eça 977-Bn7, 980, 1163-N3
Maria Ribeiro de Lemos 253-4n3, 977-Bn10
Maria Rita da Cunha 659-Tn1, 660
Maria da Rocha de Avila 448
Maria da Rocha Barbosa 1398
Maria da Rocha Barros 968
Maria da Rocha Peixoto 31-F2, 641-F2, 643, 654
Maria da Rocha Pita 766-F2, 768—768-F5, 776—773-Bn4—1398
Maria Rodrigues 865-F1, 866, 869, 870, 921
Maria Romana Calmon Moniz de Aragão 194-10n14
Maria Rosa de Barros 1085
Maria Rosa Coutinho 817
Maria Rosa de Queiroz e Argolo 206-4n14
Maria do Rosário 908, 1161-F1, 1162—1094-F4
Maria de Sá 98-N2, 101, 127, 214-N2—150, 877—523-F7—723-F5, 840-F2, 842, 844
Maria de Sá Barbosa 729-F1, 842-N5, 844, 844B, 846, 1277
Maria de Sá Barreto 440-Bn18
Maria de Sá de Menezes 87-N3, 90, 150-Tn25, 159
Maria Sanches Delpoço 962-Tn2
Maria Sardinha Pereira 1148
Maria Sebastiana de Carvalho 52-4n4
Maria de Seixas 1105-F2, 1106
Maria Serrão de Almeida 1297-F5
Maria da Silva 319-F5—1166
Maria da Silva Feio 557-N2
Maria da Silva Machado 104-Tn1, 113
Maria da Silveira 130, 282—570
Maria de Siqueira 670, 677-F2, 678, 709, 946-N10—678-N14

Maria Soares 132-N10, 329, 537—132-N11, 136, 385, 394-F1, 1335—149-Tn22—330-N2, 1254, 1255—357-Tn3—1304
Maria Sofia Ferreira Ribeiro 176
Maria Sofia de Jesus Maciel 166-5n18
Maria da Soledade 1076-F8
Maria de Sousa 140-Bn42, 154, 507, 685-Bn27—205, 569-F3, 570, 724A—338-Bn6, 360, 563-N9—425, N12—438-Bn1, 442—474-N3—500, 561-F3, 685, 690, 1366—534—586-F2, 587—1299—1315-F3
Maria de Sousa de Amorim 398-Bn3, 402, 1019-N2, 1025
Maria de Sousa de Araújo 937-F5, 1265-F1, 1266
Maria de Sousa Bittencourt 582-F6—699-F5
Maria de Sousa Dormundo 90, 420-N2, 470-F1, 471, 478, 479, 841
Maria de Sousa de Góis 125, 680-Bn15, 690-Tn8, 691, 715, 716
Maria Tamirelo 266-F1
Maria de Teive e Argolo 182-10n10, 188, 816
Maria Teles 355-Bn45, 408-N2, 410—1167-F1—1330
Maria Teles de Brito 425-N2, 426A
Maria Teles de Menezes 140-Bn45, 526-N10, 531—385-Bn2, 954-N1, 955—409-Bn4—411-Tn3
Maria Teles de Padilha 371-F3
Maria Teles Pinheiro 505-N16, 1103, 1104
Maria Teodora de Barros 969-N4, 970
Maria Teodóssia Teles de Menezes 864-F5
Maria Teresa 36-Tn3, 39
Maria Teresa da Conceição de Brito 600-Tn1
Maria Teresa Moniz de Aragão 186-10n26
Maria Teresa Moniz Barreto de Aragão 180-9n11
Maria Teresa de Queirós e Argolo 206-4n13
Maria Tourinho 1051-6n11
Maria de Tovar 880
Maria de Ulhoa 879-Bn1
Maria Úrsula das Virgens Pires de Carvalho e Almeida 1036-4n2
Maria Valcácer 275-N9, 281—281
Maria Vanderley 326-Bn1
Maria de Vargas 1192-F3—1193-N2
Maria de Vargas Cirne 445 a 447, 730-F1, 966-F1, 967—445-Tn10, 1308A
Maria de Vasconcelos 99-N8, 623, 678-N2, 680—103-Bn21, 235, 295, 296, 1055-F1, 1056, 1064, 1338—329-F13, 335, 539—467-Bn1, 469, 701-N2—525-N1, 528, 534, 738, 1147, 1256—528-Bn1, 534—623-Bn5, 961, 963—975-N4, 984—1056-N4, 1061, 1064, 1261, 1376—1146-F1—1338-F3—1383
Maria de Vasconcelos Maciel 1147-F3, 1149
Maria de Vasconcelos de Menezes 112-Tn42, 412-F1, 413, 566
Maria Violante de Albuquerque 1105-F3, 1107
Maria Virginia Cardoso de Castro 1046-5n25
Maria Zorilla 1241-F3
Mariana 171-6n4—305-Bn8—354-Bn43—752-F11—1389-F6
Mariana Angélica de Araújo e Azevedo 728-4n1
Mariana de Araújo 457
Mariand de Araújo Góis 679-N23, 1248-F1, 1249

- Mariana de Araújo Pimentel* 428-N6, 644-F2, 646
Mariana de Argolo 447-Tn20
Mariana Barbalha 492-N2, 1377
Mariana de Barros Almeida 325-N8
Mariana de Bittencourt 336-N55, 356, 1278-F1
Mariana Cabral 339-Bn12
Mariana Calmon 880-F4
Mariana da Câmara de Albuquerque 35-Bn9, 45, 1373-F1
Mariana de Carvalho do Destêrro 1031-Bn9
Mariana Cavalcanti 273-F3, 276
Mariana Cecília Bezerra 166-5n19
Mariana Cecília Serra 166, 723-F4, 725
Mariana Côrte-Real 747-N5, 749, 954-N3
Mariana de Freitas 522-Bn5
Mariana de Góis 237, 1285—466-N10—677-F4—1048-N3
Mariana de Góis da Fonseca 461-F2
Mariana de Jesús 921-N1, 823-F1, 923A
Mariana de Lacerda 37, 50-Bn6, 1175-N4, 1179—50-Bn6
Mariana Leal 1066-F2, 1067, 1071, 1072—1071-F1, 1073, 1075
Mariana de Magalhães 916
Mariana de Melo 217-Tn5—321-N5—1172-F2, 1174
Mariana Mendes 1238
Mariana de Menezes 153-Tn38, 601—250-Tn11—285-Bn3, 721—286-Bn4—437-N8, 686-Bn30, 693—438-Bn7, 671-N13, 672, 1395—526-N6, 530—604-N5, 1268-F2, 1269—671-N14
Mariana Mexias 946-N2, 947
Mariana Monteiro 294-N8—333-N32, 345, 1103
Mariana de Paredes 456-Bn5
Mariana da Penha de França 882-N9
Mariana Pereira 204-F5—393-F4—789-Bn8, 802
Mariana Rita de Menezes 1210
Mariana da Rocha da Fonseca 498-4n1, 499, 1108-F4, 1112—1108
Mariana Serra 728A
Mariana da Silva 298-Bn1, 301, 585
Mariana de Sousa 346-Bn29, 364, 563-N8
Mariana Teixeira de Mendonça 916-F2
Mariana Teles 137-Bn25, 665-F2, 666, 982
Mariana Teles de Menezes 117—345-Bn25, 1103, 1105
Mariana Tenório de Molina 1309-F10
Mariana Teresa de Queirós e Argolo 206-4n13
Mariana Teresa do Salvador 1081-Bn7
Mariana Ulhoa 405-N3, 406, 757, 879
Mariana de Vasconcelos 583-N4, 584, 1260-N1
Mariana Xavier de Vasconcelos 982-F4
Marieta de Aragão Bulcão 1216-6n37
Mário 173-6n6
Mário Ferreira Barbosa 1051-6n13
Mário Tôrres 826-F1
Marquês das Minas (gov.) 937
Marquês de Montalvão (gov.) 458, 491
Marta 111-Tn39
Marta Barbosa 294-N1, 298, 348—678-N16, 684, 717-F1
Marta Côrtes 964-F1, 966
Marta de Cristo 578-F1
Marta Maria Gonçalves 923A-N2, 925
Marta Pereira 294, 684-Bn23, 691A, 717
Marta Rangel 371-F1, 1165, 1167
Marta Sodré de Sá 814-6n3
Marta de Sousa 420-N4, 1315, 1316—421-N10, 424, 537C—426-Bn1, 1303, 1326, 1327—615-Bn2, 620
Marta de Sousa Lôbo 419
Marta Vilela 370
Martim Afonso 929-N11
Martim Afonso de Mendonça 115, 437-N1, 438, 503-N3, 672, 929, 1259-F3, 1265—937-F5, 1265-F1, 1266
Martim Afonso Moreira 230, 368, 436, 560-N6—443-Tn2, 929-N6
Martim de Barros 474-N1
Martim de Barros Soeiro 473-F4
Martim Carvalho 1386, 1387
Martim de Freitas Couros Carneiro 385-Bn5, 975-Bn6, 978
Martim de Freitas de Oliva 101-Bn9, 127, 975—127-F5—714-F1
Martim Lopes Soeiro 67, 470, 473, 478—470-F7
Martim Moreira 436-F2
Martim de Sá Souto-Maior 1306-F2
Martim Soares Moreño 642
Martim Teles Pereira 335-N49, 352
Martinho Afonso de Melo 912, 913, 1164
Martinho de Aguiar de Vasconcelos 235-Tn1
Martinho Calmon 880-F6
Martinho Francisco de Menezes Côrte-Real 1164-F5
Martinho de Freitas de Eça 253-4n6
Martinho Moniz Barreto 911-Bn3, 913, 1164-F3
Martinho Pinto 1162-N1
Martinho Pinto de Eça 253-4n8
Martinho Ribeiro de Melo 880, 894-F2, 895, 896
Martinho Soares da Cunha 730-F4, 732
Martinho de Ugim 7-N2, 11
Mateus de Aguiar Daltro 103-Bn21, 235, 295, 296, 1055-F1, 1056, 1064, 1337
Mateus de Góis de Araújo 686-Bn29
Mateus Lins 87-N6, 91
Mateus Lopes Franco 434, 665, 1015
Mateus Marinho Falcão 714
Mateus Mendes de Oliva 998, 1000
Mateus Moniz Barreto 161-4n27
Mateus de Oliva da Franca 999A-N8
Mateus Pacheco de Azevedo 670-N2
Mateus Pereira 335-N48, 351, 409-Bn3—339-Bn8
Mateus Pereira de Azevedo 359, 669-F1, 670, 678-N1
Mateus Pereira de Menezes 329-F8, 332, 385, 427, 582-F2, 686, 687, 1331
Mateus Pereira de Sampaio 847
Mateus Pereira dos Santos 1340-N2
Matias de Aguiar 736
Matias de Albuquerque Câmara 36-Tn2
Matias de Albuquerque Maranhão 33-N2, 35, 36, 42 a 48
Matias Barbosa 124, 1388

Matias Barbosa Leal 1049-Bn5
Matias de Barros 234-Bn8
Matias Cardoso 876, 878
Matias Cardoso Pissarro 1193-N6
Matias da Cunha (gov.) 656
Matias Lopes Franco 664, 665
Matias Lopes Soeiro 470-F9
Matias Machado Palhares 1205-N4
Matias Pedroso de Góis 678-N7, 682, 713
Matias de Sousa Freire 1263
Matias Vieira de Lima 991-Bn6, 996-N1, 997
Matilde da Conceição 973-F8
Maurícia Moniz 977-Bn3, 979
Maurício Barbosa de Araújo 844-F3, 844A, 1277
Maurício de S. Francisco 1077-N4
Maurício Vanderley de Araújo Pinho 210 B-F6
Maximiano de Góis 687-Bn38
Mecia 329-F5—1123-N4
Mecia de Almeida Lins 92-Tn8
Mecia de Aragão de Menezes 138-Bn38, 152-Tn32, 153, 164, 601, 831
Mecia de Armas 370, 419-F2, 421, 424, 454, 561, 588-F1
Mecia Barbosa 87
Mecia de Barros 92
Mecia de Barros Pimentel 325-N10
Mecia Bezerra 958-F4
Mecia Dias 21-N2
Mecia de Figueiredo Mascarenhas 28-F2, 1122, 1378, 1379
Mecia de Lemos 133, 138, 211, 519, 609, 1295—519-F5, 523—524-F4, 527, 609-F1
Mecia Lôbo 1133-N9
Mecia Lôbo de Mendonça 130-F3, 133, 292-F1, 329, 494, 536—133, 292, 369—228-F5
Mecia Lopes de Almeida 920, 1297-F1
Mecia de Menezes 138-Bn32, 202-N2, 203—334-N39, 1142
Mecia de Moura 191-F8, 195, 274—196-N1, 199-N2, 200—199-N5, 761-N2, 762—274-N2, 1321
Mecia Pacheco de Barbuda 294, 308-F1, 1121, 1124
Mecia Rodrigues 95
Mecia da Silva Rocha 86-F1, 87, 327
Melícia de Barros 1192-F2, 1193
Melícia Gomes 1392
Mem de Sá (gov.) 1-F2 e F4—282-F2, 284, 308-F6, 746
Mem de Sá Barreto 727-Tn2
Mem de Sá Souto-Maior 166, 723-F4, 725
Micaela 787-N15
Micaela de Azevedo 249-Tn5, 254A, 1200
Micaela de Azevedo da Silva 398-Bn1, 400
Micaela Coelho Negramonte 92-Tn3
Micaela da Rocha Pita 769-N4, 777
Miguel 331-N22
Miguel Acioli de Vasconcelos 275-N9, 281
Miguel Alvares Campos 857-N5, 864, 1050
Miguel de Argolo Bulcão 1221-Tn18
Miguel Barbosa da França 222-N1
Miguel Bezerra 445 a 47, 730-F1, 966-F1, 967

Miguel Brandão Coelho 559-F1, 610-F2, 612
Miguel Bravo de Melo 867
Miguel Calmon du Pin e Almeida 880-F5—880-F8, 881, 901-F1, 903, 905—882-N11— 886-Tn6 (Marquês de Abrantes) 888—887-4n7, 892—889-4n9 — 889-4n11 — 891-5n8 — 892-5n9 — 903-N6 — 1213-6n7
Miguel Cardoso 1087-F3, 1088
Miguel Carneiro da Cunha 51-Tn4, 60
Miguel da Costa Ferreira 1027-F1
Miguel Coutinho de Castro 1011
Miguel da Cunha Severim 1188-F4
Miguel Fernandes de Barros 71, 473-F1, 476
Miguel Ferreira Brandão 424-F2, 612-N5, 615, 620
Miguel Ferreira Feio 558-F1, 559, 612, 1313
Miguel Ferreira de Melo 54
Miguel de Figueiredo Adorno 415-F7, 416-N9
Miguel Francisco Fernandes 1180-F2, 1181, 1271, 1272
Miguel de Freitas 1336A-F3
Miguel de Freitas Ferreira 764, 769
Miguel de Góis e Vasconcelos 623-Bn2, 623A, 686-Bn34
Miguel Gomes 655-F7
Miguel Homem de Almeida 878-F3
Miguel Jerônimo de Argolo e Queirós 206-4n1
Miguel Martins 541-N2, 543
Miguel Moniz Barreto 363, 461A, 622-N5, 669-F4, 671, 676—671-N11—672-Bn1, 673—1261
Miguel de Moura 1314
Miguel Nunes Peixoto 438
Miguel Pereira (Bispo) 67, 470
Miguel Pereira Soares 330-N3, 337, 423-Bn1
Miguel Ribeiro 370
Miguel Rodrigues de Gusmão 205, 569-F3, 570
Miguel de Sá 523-F1
Miguel de Sá da Palma 520-N1
Miguel Soares Brandão 613-N11, 617, 628-F1
Miguel de Teive e Argolo 188—1046
Miguel Teles Barreto 397, 407-F2, 408, 412, 868-F1 —409-Bn1, 411—412-F2—413-N2, 414, 1065-F1
Miguel Teles de Menezes 133-N23, 139, 461A, 699A-N1—444-Tn3
Miguel Tomás de Barros 1077-N5
Miguel Velho 552-F2
Miguel Vieira Monteiro 1255-F2
Mônica do Amaral 559-F1, 610-F2, 612, 1313
Mônica Corte-Real 469, 700-F1, 701
Mônica de Menezes 787A-Bn4
Mônica Serrão de Menezes 445, 616-Bn3, 786-N5, 787A, 1153
Murilo de Sousa Campos 1054-6n24

Natália 867-Bn2
Natália Guedes de Carvalho 356, 1278, 1394-F2
Natália Pinto de Faria 232, 1006
Natanael Lins 85-F1
Nasário da Rosa de Sá Souto-Maior 166-5n12, 173
Neda de Teive e Argolo 1229-N11
Nicolau 493-F1

- Nicolau Antônio Calmon da Gama* 184-10n15
Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama 184
Nicolau Aranha Pacheco 36, 751-F1, 849, 1018, 1095
 —36-Tn1, 38, 934-N1—849-N11
Nicolau Carneiro da Rocha 499-5n1, 1110-N3, 1112
Nicolau de Carvalho Pinheiro 154-Tn41, 503-N5,
 507—438-Bn6, 926-F3, 929—502-F1, 503, 571,
 651-F2, 1266, 1370—571-N2—931-Bn5
Nicolau Espinel 64-N16
Nicolau de Freitas Lôbo 437-N8
Nilocau Lopes Finsa 155-Tn44—160-4n25
Nicolau Mendes de Oliva 527-N2, 855—855-F1
Nicolau Mendes de Vasconcelos 1062-N2
Nicolau Pinheiro de Carvalho 500, 502
Nicolau de Sousa de Andrade 562-N4, 1273-F2,
 1274
Nicolau de Sousa de Eça 247-Bn12—248-Tn1—251-
 Tn15, 256
Nicolau Vargas 478
Nigia de Argolo Moniz Sodré 188-11n7
Niomar de Argolo Moniz Sodré 188-11n6, 815-6n6,
 816
Norma Moniz de Aragão 189-11n18
Nuno 1393-F8
Nuno Álvares Pereira 459-N6
Nuno de Amorim Salgado 314-Tn2, 1020-F1, 1021,
 1026, 1027—454-N5, 529, 1018, 1020, 10
 1024—1019-N1
Nuno de Barros 1250-F1
Nuno de Barros Lôbo 857-N1, 858, 859 203-N1
Nuno Darez 132-N14, 1389
Nuno Fernandes Antunes 213-F2
Nuno Pereira da Silva 75, 440-Bn17, 706-F1, 707
Nuno Pinhão 308-F7

Odília Ferreira da Luz 1050-6n4
Ofélia de Argolo Moniz Sodré 188-11n3
Olimpia Moreira Sodré de Aragão 822-F1
Olimpio Teixeira de Carvalho 1232-N4
Ordália Magalhães 1046-5n28
Orlando Moreira Sodré de Aragão 822-F3
Oscar Moreira Sodré de Aragão 822-F2
Oscar Pires de Carvalho e Albuquerque 1050-6n5
Oscar Tórres 826-F4
Osmar Moniz Sodré 815-6n7
Otávio de Aragão Bulcão 1223-7n30
Otávio Tórres 826-F2
Oto de Teive e Argolo 1229-N6
Oto von Wender 180-9n11

Paio de Araújo de Azevedo 471-N2, 789, 840-F1,
 841, 1253-F1—789-Bn7—841-N4
Paio de Araújo de Azevedo 471-N2, 789, 840-F1,
 841, 1253-
Pantaleão da Costa Rosa 1002, 1399
Pantaleão Freire Pôrto 682-Bn18, 713
Pásqua de Oliveira 1102
Pásqua da Ressurreição 916-F1, 917—982-F7
Pasqual Botelho 1195, 1197
Pasqual Bravo 1392

Pasqual de Freitas Pimentel 140-Bn45, 526-N10,
 531, 694, 696, 952-F2
Pasqual Rodrigues de Brito 1237—1237-F2
Pasqual Serrão 1297-F4
Paula 49-N9—489-N10—542-F4
Paula do Amaral 377, 519-F2, 520
Paula do Amaral de Lemos 522-Bn4
Paula de Barros 228-F7, 293, 297, 453, 502, 642—
 237-Tn7—1357, 1374-F1
Paulo de Barros Lôbo 528-Bn10, 1256, 1257, 1258,
 1374
Paulo de Castro 242-N16
Paula da Cunha de Eça 253-4n4
Paula Dornelas 143
Paula Lopes Finsa 1357
Paula de Magalhães 266, 268-F1
Paula Maria de S. Pedro 970-N11
Paula de Menezes 1306-F2
Paula de Mesquita 406
Paula de Pina 211-F7
Paula Vieira 1287-F1, 1288, 1329
Paulino Barbalho 485-5n1
Paulino Duarte Rodrigues 984-F3
Paulino da Mota 1295-F4
Paulo 1346-F5
Paulo de Amorim Salgado 275-N12
Paulo de Araújo da Fonseca 976-Bn1, 985, 1012
Paulo de Argolo 138-Bn32, 202-N2, 203—201-F1, 202,
 228-F4, 596, 603—204-Bn3, 205, 367-F3, 570-F2,
 790A—204-Bn8—205-Tn3, 206, 718-F1
Paulo de Argolo da Cruz Rios 1234-Bn5
Paulo de Argolo Freire 206-4n6
Paulo de Argolo e Queirós 206-4n4
Paulo de Argolo da Rocha Pita 208-5n1
Paulo Barbosa de Meireles 643-N1, 654
Paulo de Barros 633, 753
Paulo Cardoso Pissarro de Vargas 197, 1192
Paulo Cardoso de Vargas 353-Bn33, 1193-N7, 1194
Paulo de Carvalhal de Oliveira 102-Bn18, 111, 294-
 N7
Paulo de Carvalhal de Vasconcelos 97-F2, 99, 372-
 F3, 680
Paulo Cavalcanti de Albuquerque 49-N3—55-F1
Paulo Coelho de Vasconcelos 471-N1
Paulo Correia Barbosa 321-N7
Paulo da Cunha Trinchão 1007-N3
Paulo Dias Adorno 1-F5, 3, 4, 6
Paulo Dias do Couto 269
Paulo Inácio de Lemos 679-N23
Paulo de Lomba 151, 344, 1391
Paulo de Magalhães de Azevedo 731-N1, 733, 734
Paulo Mendes de Escobar 99-N10
Paulo de Moura (D.) 191-F5, 192
Paulo Nogueira 1028
Paulo Pereira de Melo 106-Tn9, 115, 438-Bn2
Paulo Pereira dos Santos 1339-F1, 1340
Paulo da Rocha 284-N2, 1342-N1
Paulo Rodrigues Correia 19-F3
Paulo de Sampaio 544-N2
Paulo de Teive e Argolo 207-4n15

- Paulo Trinchão* 468-Bn5
Paulo de Vargas Cirne 734-F2, 735, 940-F2
Pedro 35-Bn12—915-Tn13—924-Bn2
Pedro de Abreu e Lima 1129
Pedro de Aguiar Daltro 372, 374—1290
Pedro de Aguirre 459-N1
Pedro Aires de Aguirre 458, 460-F1
Pedro de Albuquerque Câmara 38-4n1, 40, 648
Pedro Alexandrino de Gouveia Portugal 1084
Pedro Alexandrino Portugal 1115-F1
Pedro Alvares de Faria 1130-F2, 1132, 1137, 1138
Pedro Alvares da Fonseca 862-N3
Pedro de Argolo de Menezes 446-Tn16
Pedro Baldes Barbosa 140-Bn44, 153-Tn38, 597-N1, 601
Pedro Barbosa 1388
Pedro Barbosa Leal 623-Bn4, 1097—1049-Bn7
Pedro Barbosa de Vasconcelos 334-N39, 1142—387-Tn2—1143
Pedro de Barros 1252
Pedro Borges de Barros 1086-N3
Pedro Borges de Sousa Vasconcelos 1252-N2
Pedro de Brito 1257-F7, 1239
Pedro Camelo de Aragão Pereira 135-Bn11, 482, 484, 632-N6, 636, 645, 756, 794, 1245—645-N6
Pedro de Campos 1180
Pedro Carneiro 70—560-N4, 567
Pedro Carneiro Brandão 680-Bn7
Pedro Cavalcanti de Albuquerque 56-F2
Pedro Cavalcânti de Sá 84-F1
Pedro Correia 619
Pedro Correia de Sande 1184-F6
Pedro Correia de Vasconcelos 528-Bn9, 1147, 1149, 1160, 1344
Pedro da Cunha de Andrade 319-F9
Pedro da Cunha de Freitas 1199-F2, 1201
Pedro Dias de Barros 233-Bn7
Pedro Dias de Figueiró 228-F4, 367—367-F3
Pedro Dias da Fonseca 195
Pedro Domingues do Paço 555-F4
Pedro Duarte 148-Tn20
Pedro Fernandes 1341-F1
Pedro Fernandes Aranha 72-Tn14, 1095-F2, 1096
Pedro Fernandes de Azevedo 1072-F1, 1074—1074-F1
Pedro Fernandes de Melo 752
Pedro Fernandes de Moura 404
Pedro Ferreira 1077
Pedro da Fonseca de Melo 862, 863
Pedro da Franca de Andrade 946-N5
Pedro Francelino de Aragão Bulcão 1218-Tn4, 1224, 1232-N3
Pedro Francelino Guimarães 1218
Pedro Francisco Crispim 1329
Pedro Freire de Bittencourt 184-10n14
Pedro de Freitas 1346-F2—1392
Pedro de Freitas Magalhães 512-Bn1—583-N4, 584, 1260-N1
Pedro Gago da Câmara 35
Pedro Garcia 227-F1, 428, 759
Pedro Garcia de Araújo 759-F1, 760, 762
Pedro Garcia de Melo 406-Bn2, 753-N1, 757—752-F3
Pedro Garcia Pimentel 428-N1, 429, 848-N1
Pedro de Góis 237-Tn2, 238
Pedro de Góis de Araújo 101-Bn13, 678-N13, 683, 989
Pedro Gomes 575, 578, 655, 1320-F1
Pedro Gomes Ferrão Castelo-Branco 657-Bn3—659-Tn1, 660
Pedro Gomes da Franca Côrte-Real 575-N8, 576, 579
Pedro Jaques de Almeida 679-N26
Pedro de Lomba 134
Pedro Lopes de Quadros 1330
Pedro Machado Palhares 706
Pedro Madeira 519
Pedro Marinho Falcão 43, 321-N3, 1172-F1, 1173—50-Bn5, 1173-N1, 1176—789-Bn10
Pedro Marinho de Sá 773, 942-N1, 943, 1150-F1, 1380
Pedro Marinho de Souto-Maior 426
Pedro de Melo 106-Tn11
Pedro Mendes de Escobar 333-N34
Pedro Mendes Mesa 330-N1, 870, 1393
Pedro Merelo de Cerqueira 507-Bn8
Pedro Moniz 438-Bn3
Pedro Moniz Barreto 134-Bn8, 148, 1354-F2—145-Mig, 157
Pedro Moniz Barreto de Aragão 177-8n7, 181, 1210—181-9n13
Pedro Moniz Leão Veloso 1214-6n16, 1235
Pedro Moniz Teles 286-Bn7
Pedro Moreira 542-F1, 545, 547—546-N1—1081-Bn7
Pedro Moreira Salgado 547-F3
Pedro Moreira Sodré de Aragão 822-F5
Pedro de Moura Pereira 55-F2, 195-F1, 196, 200
Pedro Nolasco Marinho de Sá 719-N2, 943-Bn1, 944
Pedro Pais Machado 645-N7, 753, 1244-F1, 1245—1242-N2, 1244
Pedro Pais Machado de Aragão 650-Bn3, 1245-N1, 1246
Pedro Pereira de Menezes 338-Bn6, 360, 563-N9
Pedro Pereira da Silva 1133-N8, 1139, 1141
Pedro Pinto de Magalhães 243-Bn7, 268
Pedro 1.º (Rei) 372
Pedro Rodrigues 1188-F6, 1189
Pedro de Sá Sodré 814-6n4
Pedro Sanche's Delpoço 962-Tn6
Pedro 2.º (Rei) 25—851—1277—1323
Pedro da Silva 547-F2— (Bispo) 562, 1165
Pedro da Silva Pimentel 428-N9
Pedro Tavares 217-Tn4
Pedro de Teive 910
Pedro Teles Barreto de Menezes 153-Tn40
Pedro de Teves 569
Pedro de Teves Barreto 569-F1
Pedro de Unhão Castelo-Branco 656, 1169, 1171—1170-N1
Pedro Vaz 372

Pedro Vaz Correia 381, 408, 423, 865-F5, 868
 Pedro Vaz de Melo 287
 Pedro Velho 551-F3
 Pedro Viana de Araújo Basto 821
 Pedro Vicente Viana 181-9n15
 Perpétua de Menezes 669-F2, 675
 Perpétua da Silva 645-N4, 650, 837, 838
 Perpétua da Silva Bittencourt 837-N9
 Petronila de Burgos 441, 1126
 Plácido de Azevedo Falcão 960
 Policena 354-Bn44
 Policena de Sousa 582, 699
 Policena de Sousa Bittencourt 332, 511, 582, 586,
 699-F3—511-N1
 Policena de Sousa Rabelo 329-F15, 336, 586-F1
 Presciliano Silva 187
 Prudente de Eça do Sacramento 1008-Bn2
 Quitéria Maria do Sacramento 1237-F13, 1240
 Rafael de Perada 642
 Rafael Pessoa da Gama 1165-F2
 Rafael dos Reis Patka 523-F5
 Rafael Soares da Franca 487-F2, 488, 489, 562-N3
 Rafael Teles 138, 370, 371, 588-F1, 1057, 1352
 Raimundo 171-6n2
 Raquel Ferreira Vilela 190-11n20
 Raul Fernandes de Leão 1219-7n11
 Regina Maria de Teive e Argolo 1230-N12
 Reginalda Maria da Purificação Corte-Real 1203-N1
 Renato de Teive e Argolo 1228-N2
 Ricardo Macedo de Melo 1190A-Tn1
 Ricardo de Azevedo 928-N2
 Rita 690-Tn20
 Rita Cardoso 875-N1, 876
 Rita de Cássia 93-Tn12
 Rita Josefa de Jesus 971-Bn2
 Rita Maria 87-F6
 Rita de Vasconcelos 1256-F3, 1257
 Roberto da Silva Henriques Baldes 410-Bn6
 Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas 824-F3
 Rodolfo de Sousa Dantas 812-5n5, 824
 Rodrigo Afonso de Melo (Conde de Oliveira) 287
 Rodrigo de Almeida 149, 894, 895, 899
 Rodrigo Alves da Cruz Rios 1234-Bn3
 Rodrigo Antônio de Araújo de Aragão Bulcão 1210-
 5n7
 Rodrigo de Araújo de Aragão Bulcão 1215-6n29
 Rodrigo de Argolo 201, 369, 1347—202-N3, 204,
 371-F2, 439, 1305—202-N3, 204, 371-F2, 439,
 1305—204-Bn1—439-Bn13
 Rodrigo de Argolo Vargas Cirne 446-Tn12, 450
 Rodrigo de Barros Pimentel 87-N4, 325-N11, 327—
 88, 89, 322, 323-F2, 324-F2, 325, 1175—278-
 Bn5, 326-Bn3—327-Bn11, 328
 Rodrigo Calmon du Pin e Almeida 882-N12
 Rodrigo da Costa (D.) 430—(vice-rei da Índia)
 882-N12
 Rodrigo da Costa de Almeida 73-4n1, 780-N3, 782,
 783, 854—779

Rodrigo Homem de Almeida 416-N4
 Rodrigo José Tavares 82-F3
 Rodrigo Martins 6-F2, 8, 9
 Rodrigo de Melo 723-F8
 Rodrigo Pedrosa 464, 705-Tn1, 946-N4, 949
 Rodrigo Sodré Pereira 806-Bn6—810-4n2
 Rodrigo de Uzeda 1367
 Romana Ferreira 1069-N1, 1070
 Romana de Sousa 525-N4, 529, 1018-F7
 Roque Antunes 1278
 Roque de Melo 1128
 Roque Moniz Barreto 166-5n8
 Roque Pereira de Faria 334-N38
 Rosa 173-6n9—623A-Tn1—837-N12—924-Bn6—1371-F3
 Rosa de Araújo de Aragão 481-Tn4, 484, 620, 645-N9
 Rosa de Argolo 446-Tn15
 Rosa Barreto de Sá 724-N3
 Rosa de Barros 834-F3, 836, 1077-N2
 Rosa Borges de Barros 1085-F4
 Rosa Calmon du Pin e Almeida 887-4n1
 Rosa Cavalcanti de Carvalho 52-4n5
 Rosa Coelho Sortes 82-F4
 Rosa Francisca de Barros 326-Bn7
 Rosa Gabriel da Franca 576-Bn1, 579, 580
 Rosa Maria 1269-N7
 Rosa Maria de Araújo 798-F2, 943, 1150
 Rosa Maria de Araújo Magalhães 887, 889, 906
 Rosa Maria de Barros 969-N7—970, 971—971-Bn4
 Rosa Maria Calmon du Pin e Almeida 887-4n3
 Rosa Maria Falcão 768-F1, 769, 777, 787-N16
 Rosa Maria Florentina Barbosa 166-5n12, 173
 Rosa Maria de Lima 1081-Bn9, 1402-N1—1083, 1401-
 F1, 1402
 Rosa Maria do Monte 698
 Rosa Maria Pereira de Moura 277-Bn4
 Rosa Maria de Sá 166-5n17, 726A-Bn2
 Rosa Maria de Sá Souto-Maior 160-4n23, 166, 725-
 N7, 726A-Bn2
 Rosa Maria do Sacramento 854
 Rosa de Mendonça 917-N3
 Rosa da Rocha Pita 769-N6
 Rosa de Sá 1400-F9
 Rosa de Sá Barreto 728-4n2
 Rosa Vieira 277-Bn3
 Rosária Pimentel 531-Bn16, 690-Tn7, 696
 Rui de Carvalho Pinheiro 500, 502, 515-N4 561-F3,
 685, 690, 1366—500-F1, 501, 516-F1, 680-Bn11,
 829-F4
 Rui Carvalho Pinheiro de Aragão 503-N4, 506, 557-
 N3, 1371
 Rui Dias de Menezes 498, 665-F1, 1015, 1017, 1317
 —1015-F1, 1016
 Rui Guedes 432
 Rui de Sousa Carvalho 1278, 1394
 Rui Teles de Menezes 341-Bn17
 Salvador 786-N8
 Salvador Antônio Moniz Barreto de Aragão 181,
 9n12
 Salvador Barros de Aguiar 1257-F1

Salvador Borges de Barros 1076-F3—1078-N14, 1181—1181-Bn9, 1402-N1—1085-F1
 Salvador Cardoso de Oliveira 657
 Salvador Correia de Sá 573-F4, 578, 648, 655-F2-981-F1
 Salvador da Encarnação 522-Bn9
 Salvador Fernandes do Rêgo 416, 510—416-N11, 511-N3, 512—500, 509-F1, 514-F1, 515, 516, 518
 Salvador Gomes Ferrão Castelo-Branco 657-Bn2
 Salvador Lôbo de Barros 672-Bn3, 1395
 Salvador Luís 15-F3
 Salvador da Maia 1343-F2
 Salvador Moniz Barreto de Aragão 180-9n7
 Salvador Moniz Barreto de Aragão de Sousa Menezes (1.º Barão de Paraguaçu) 147-7n5, 177
 Salvador Monteiro de Almeida 293-F5, 297, 453-F8
 Salvador de Oliveira Pinto da França 825-F5
 Salvador Pais 622-N12
 Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque 27, 75-5n1, 1029-N1, 1030—1030-Bn4—1032-Tn4—1034-Tn12, 1035-Tn16, 1041—1037-4n7, 1045—1044-5n3—1044-5n9, 1045-5n18, 1052, 1053—1044-5n6—1053-6n18
 Salvador Quaresma Dourado 35-Bn8, 44
 Salvador Vieira 1076
 Sátiro Teles de Menezes 286-Bn8
 Sebastiana de Albuquerque Melo 1321
 Sebastiana de Araújo 675-F1
 Sebastiana de Azevedo 1130-F7, 1284—1140-F6
 Sebastiana de Carvalho 51-Tn1, 52—52, 60—53-5n2
 Sebastiana Guedes de Brito 645-N4, 650
 Sebastiana de Queirós 410, 1180-F4, 1183
 Sebastião (rei) 32, 98—223-Bn3—318-Tn10
 Sebastião de Aguiar 374-F5, 379, 459
 Sebastião de Aguirre 459-N2
 Sebastião Álvares 219, 374
 Sebastião de Araújo de Aragão 634-Bn5
 Sebastião de Araújo Góis 680-Bn5, 688, 1325-N1—691-Tn13
 Sebastião Barbosa 1378-F1
 Sebastião Barbosa de Araújo 795-Bn5
 Sebastião Barbosa de Melo 864-F2
 Sebastião Barbosa Pereira 786-N9, 788, 795
 Sebastião de Barbosa 310-N6—313-Bn16, 318, 1361
 Sebastião Barreto 100—1396
 Sebastião Borges de Barros 834-F7, 1078-N8, 1079
 Sebastião Botelho 1182
 Sebastião de Bra 689-Tn4, 1157-F1, 1158
 Sebastião Brandão Coelho 610-F1, 611, 619
 Sebastião de Brito de Castro 429, 644-F5, 805, 847-F1, 848
 Sebastião de Brito Correia 28-F3, 432, 435, 1324, 1350
 Sebastião de Carvalho 64-N17
 Sebastião Cavalo de Carvalho 383, 699-F2—384-N5, 386—387-Tn5
 Sebastião da Costa 940
 Sebastião Duarte 850
 Sebastião de Faria 213-F5, 219, 334, 427
 Sebastião Faria Bulcão 1204

Sebastião Ferreira 493, 1386
 Sebastião Fiusa 1154
 Sebastião Gago da Câmara 834-F6
 Sebastião de Góis de Azevedo 628-F6
 Sebastião Lins 92-Tn4
 Sebastião Lôbo Pereira 106, 107
 Sebastião Luís 308
 Sebastião Martins Brandão 1146
 Sebastião de Melo 100-Bn4
 Sebastião de Mendonça Espínola 1132-N7
 Sebastião Moniz 438-Bn1, 442
 Sebastião Moniz Teles 929-N4, 930
 Sebastião Monteiro Davi (arcebispo) 853-F1
 Sebastião Pacheco de Castro 221-F2, 223, 745, 750, 751, 1184-F7
 Sebastião Pais 114, 314 a 316, 362, 417, 516-F4, 621-F1, 622, 627 a 629, 671, 680, 1351-F1
 Sebastião Parúl de Brito 202-N1, 282, 596, 847—597-N4—599-Bn3, 600
 Sebastião Pedroso 318, 945
 Sebastião Pedroso Barbosa 241-N7, 247, 318, 678, 679, 700-F4, 946, 952
 Sebastião Pedroso de Góis 946-N7, 1398
 Sebastião Pereira 338—986-F2
 Sebastião Pereira Bacelar 688, 726A, 1248-F3, 1324-F1, 1325
 Sebastião Pereira de Melo 106-Tn8, 114, 622-N11
 Sebastião Pires 523
 Sebastião Ribeiro 1019
 Sebastião da Rocha 746-N3
 Sebastião da Rocha Pita 71-Tn1, 767, 780—482-4n1, 780-N2, 781
 Sebastião Soares Pinto 110, 438, 1259
 Sebastião de Sousa Dormundo 1336A-F4
 Sebastião de Sousa de Eça 253-4n1, 1161-F1
 Sebastião Sutil 999-N7
 Sebastião Sutil de Siqueira 605-Bn3, 606, 1275-F1
 Sebastião Teles 338-Bn4
 Sebastião Tomé de Aguiar 379-N11, 381, 868-F2
 Sebastião Tôrres 408-N4, 412
 Sebastião do Vale Pontes 565
 Semeão de Araújo 1091
 Semeão de Araújo da Fonseca 285, 461-F6, 462, 703-Bn2
 Semeão de Araújo Góis 239, 500-F5, 680-Bn9, 690, 691—670, 677-F2, 678, 709, 946-N10—678-N16, 684, 717-F1
 Semeão de Queirós 682-Tn20
 Senhorinha Gonçalves 1303
 Serafim Ferreira 493, 1386
 Serafina de Góis 974
 Serafina de Melo de Vasconcelos 101-Bn9, 127
 Serafina de Oliveira 269-F1, 270, 1093
 Serafina de Sousa 265, 423-Bn2, 431, 434
 Serafina de Vasconcelos 106-Tn13
 Severina Barbosa 466-N8
 Severina de Barros 1130-F1, 1131, 1134, 1136
 Silvestre 870-F5
 Silvestre Cabral 1090A-Tn2
 Simão de Almeida 540-F1, 541

- Simão Alvares de la Penha Deusdará* 829-F5, 832-F1, 833
Simão Alvares do Rêgo 514
Simão de Avelar 1113
Simão Barbosa 415-F6—1388
Simão Borralho 523-F6, 1286
Simão Carneiro de Menezes 1113-Tn2
Simão Fernandes 1181
Simão Ferreira Louçano 156, 1397
Simão da Fonseca Pita 768-F6, 770, 778, 989-N4
Simão da Fonseca de Siqueira 74, 709-F2, 710, 768, 832-F2
Simão Gonçalves Ribeiro 277-Bn4
Simão Henriques 458-F4
Simão de Magalhães 733
Simão Manuel de Argolo de Menezes 445-Tn8, 449, 1289-F1
Simão Moreira 545-F1, 546
Simão de Oliveira 97
Simão de Oliveira Serpa 948
Simão de la Penha Deusdará 710
Simão Pinto de Faria 461-F2
Simão Pinto de Góis 1161-F2
Simão de Sá e Avelar 523-F7
Simão de Vasconcelos 74-4n7
Simão Vilas-Boas 1398
Simoa 353-Bn37
Simoa de Albuquerque 32-F4, 41
Simoa de Brito 1237
Simoa de Macedo 384-N5, 386
Simoa de Sá 812-5n3, 814
Sofia de Sá 812-5n3, 814
Sônia de Argolo Moniz Sodré 188-11n4, 189-11n13
Sotero Teles de Menezes 285-Bn5
Susana Barbosa 847
Susana de Góis 461-F3
Susana Lins 85-F5
Susana Pereira 111, 293-F1, 294, 298, 345, 684, 691A-Tn18, 717
Susana Pereira de Góis 684-Bn26
Susana de Vasconcelos 528-Bn5, 737-N4, 738, 744, 1202
Tecia Maria da Silva 839
Teodora de Moraes 398-Bn2, 401
Teodorico de Moraes 926-F4, 1399
Teodoro Domscke 1266-6n37
Teodoro de Lira de Aguiar 528-Bn10, 1256 a 1258, 1374
Teodósio de Sá Brandão 439-Bn16
Teodoro da Rocha Pita 658
Teodoro de Sá Souto-Maior 725-N8, 726A
Teodósio de Abreu 1118
Teodósio Cabral de Melo 1087
Teodósio Dias de Abreu 1118-N7
Teodósio de Sá Barreto 439-Bn16
Teotônia de Pádua 248-Tn2, 252
Teotônio da Cunha Trinchão 1009-Bn11, 1013
Teotônio Soares de Brito 933-F2, 938
Teotônio Teixeira 777
Teresa 623A-Tn2, 748-Bn4, 780-N5, 805-N4, 1346-F10, 1382-F2
Teresa de Albuquerque 287
Teresa Angélica de Meireles 1078-N14, 1081
Teresa Barbosa 554-F1
Teresa Borges de Abreu 597-N5, 598
Teresa de Brito 532—736-F1, 737, 742, 743, 1306-F3—738-Bn3, 744
Teresa Cabral 339-Bn10
Teresa Catarina de Sousa 154-Tn41, 503-N5, 507
Teresa Cavalcanti de Albuquerque 26-6n1, 27, 1030-Bn5—74-4n6, 1028-F1, 1029
Teresa Clara Viana 174-7n5, 177
Teresa Correia de Vasconcelos 844
Teresa Eugênia de Menezes 1150-F4, 1151, 1154-F2
Teresa de Figueiredo 871-F10
Teresa Garcês de Eça 986-F1
Teresa Girão 399-Bn8
Teresa Henriques Soares 1193-N1
Teresa Inácia de Menezes 597-N7, 599, 1190-F1
Teresa de Jesus 450—961-Bn1, 962, 972—1063-N3—1237-F11
Teresa de Jesus Barreto 159-4n20
Teresa de Jesus Lins 92-Tn7
Teresa de Jesus Maria 1155, 1380
Teresa de Jesus Pires de Carvalho e Albuquerque 180-9n9, 185, 1038-4n13
Teresa Joana de Menezes 990-N6
Teresa Josefa de Jesus 735, 937-F9, 940
Teresa Josefa Maria de Jesus 164-5n6, 170
Teresa de Lacerda Coutinho 345-Bn22, 362, 622-N19
Teresa Lôbo 1293-F2, 1294
Teresa Maciel 1256-F4, 1258
Teresa Maria de Brito 803-F2, 805, 1132-F1
Teresa Maria da Franca 845-F7
Teresa Maria de Jesus 159-4n19, 163, 695-4n2
Teresa de Melo 101-Bn16—210B
Teresa de Menezes 111-Tn34, 122—338-Bn5, 539—599-Bn4—670-N4—910-N3
Teresa Micaela de Jesus 1116-F2, 1117
Teresa Moniz Barreto de Aragão 181-9n15
Teresa Moniz Teles 140-Bn46, 601-F1, 602
Teresa Monteiro de Abreu 1254-F7
Teresa Nogueira 738-Bn2, 740
Teresa Nunes 1072-F1, 1074
Teresa Pereira Verdox 827-F2, 828
Teresa da Rocha Pita 767-F1
Teresa Sortes 82-F3
Teresa de Sousa 141-Bn48, 155, 562-N2, 910, 990, 1154—1336A-F2
Teresa de Távora 389-N1, 391
Teresa Teles de Menezes 861-F5, 1345
Teresa Ulhoa 406-Bn1, 878-N2, 879
Teresa de Vasconcelos 1119-Bn2
Teresa Vilas-Boas 834-F8
Timóteo Fagundes 723-F6, 1400
Tomás Antônio de Azevedo 795-Bn6
Tomás de Argolo de Menezes 449-4n1
Tomás da Costa Ferreira 1027-F4
Tomás da Cruz Arrais 1333-F2

- Tomás Feliciano de Albernaz* 659
Tomás Ferreira da Cunha 673
Tomás Lôbo de Barros 1395
Tomásia Barbosa 151, 344, 1391—151-Tn30, 333-N32, 345
Tomásia Batista 1364-F2, 1365
Tomásia de Menezes 335-N46, 344-Bn19, 350
Tomásia Pereira 870-F8
Tomé de Aguiar 380-Bn1, 382—459-N5
Tomé de Aguiar Daltro 374-F3, 377, 520-N6
Tomé de Aragão 645-N11
Tomé de Araújo 1138-F1
Tomé Barreto de Melo 156-4n2
Tomé Borges de Miranda 156-4n4
Tomé Fernandes Baão 865, 868
Tomé Fernandes de Bittencourt 272-F1
Tomé Girão 396-N2, 399
Tomé Lobato de Lamego 945
Tomé Lobato Pedroso 677-F5
Tomé Lôbo de Barros 532
Tomé Lopes de Magalhães 1015-F2, 1017
Tomé Lopes Soeiro 470-F8
Tomé Luis 15-F1
Tomé de Melo 344-Bn19
Tomé Moreira de Pinho 1083, 1401-F1, 1402—1401
Tomé de Paiva 318-Tn7, 1360-F1, 1361
Tomé Pedroso de Góis 1361-N2
Tomé Pereira 339-Bn7
Tomé Pereira Falcão 25, 769, 784-F6, 787, 801, 1319-N1—787-N11, 789-Bn9, 790
Tomé Pereira de Faria 346-Bn29, 364, 563-N8
Tomé Pereira de Menezes 340-Bn13, 361, 455-Bn2, 975-N1
Tomé Ribeiro 1067-F2, 1072, 1074
Tomé de Sousa (gov.) 1, 4, 95, 97, 372
Tomé Tavares de Alvim 340, 1268
Tomé Teles de Barbuda 110-Tn30, 312-Bn10, 317
Tranquilino Leovigildo Tôrres 825-F9, 826
Tristão Velho de Araújo 575-N10, 841-N1, 843, 845
Troilo de Vasconcelos 97, 287, 289

Ubalduino Pires de Carvalho e Albuquerque 1044-5n4
Urbano Pacheco 1400
Urbano Pacheco de Sá 1400-F1
Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque 1045-5n12, 1051—1051-6n17
Urbano Teles 356-Bn46
Úrsula 49-N8—270-N6—870-F2—1092-F3
Úrsula de Aragão 645-N2, 649, 752-F5, 753-N3, 755
Úrsula de Azevedo 12-Tn1, 14
Úrsula de Barros 836-N5
Úrsula de Barros Pimentel 325-N3
Úrsula Bezerra de Aragão 650-Bn6, 834-F5, 838
Úrsula Cavalcanti 50-Bn7, 58—71-Tn6, 636-Tn4, 639
Úrsula da Conceição 72-Tn16
Úrsula da Cruz 528-Bn3
Úrsula de Eça 290-F8
Úrsula Feio 436, 556-F2, 558-F2, 560, 567
Úrsula Feio do Amaral 63-N9, 69, 70, 79, 560-N4, 567, 830

Úrsula Feio Soares 380-Bn6, 403, 613-N10, 689
Úrsula da Fonseca 243-Bn1, 248, 256, 463-F1, 1008—1062-F3, 1063
Úrsula de Freitas 502-F7, 526-N7
Úrsula Isabel da Franca 580-F1, 581
Úrsula de Matos 1055
Úrsula de Melo 976-Bn1, 985, 1012
Úrsula de Melo de Vasconcelos 127-F2, 361, 731, 974-F1, 975, 984
Úrsula de Oliveira 1101-F4
Úrsula Pais de Azevedo 363, 461A, 622-N5, 669-F4, 671, 676
Úrsula do Rêgo 416-N8—590, 515-N4
Úrsula da Rocha 342, 398, 399
Úrsula da Rocha Barreto 398-Bn4, 666-N3, 668
Úrsula Serrão de Medeiros 461-F5, 461A
Úrsula da Silveira 46
Úrsula de Sousa 242-N17
Úrsula Teles 858-Bn4
Úrsula Teles de Menezes 109-Tn22, 116, 409-Bn2
Úrsula de Vargas 1192-F6
Úrsula das Virgens 1094-F5
Úrsula das Virgens Correia 1093-N1, 1094

Valentim de Barros 679-N24
Valentim de Faria de Vasconcelos 282-F3, 404, 407, 1306
Valentim da Fonseca 158-4n10, 1403
Valentim da Rocha Pita 766, 768, 784-F5
Valentim Rodrigues 238
Valentim Serrão 609-F3
Valéria Gomes 655-F6
Valério de Freitas de Brito 1280-F1
Valfrido Fróis 1219-7n9
Valter de Teive e Argolo 1229-N5
Vanda Maria Rios de Teive e Argolo 1228-N4
Vasco 166-5n14—382-Tn2—787-N12—789-Bn13
Vasco de Brito Freire 221-F3, 1404
Vasco de Brito de Sousa 592-F3—937-F7, 1116-F3, 1118, 1120
Vasco da Cunha 287
Vasco Fernandes César de Menezes (gov.) 1106
Vasco Marinho Falcão 23-Tn3, 24, 784-F1, 785, 797—50-Bn4, 1174-N3, 1178—86-F2, 1172
Vasco Marinho Pereira 769, 786-N10, 789, 790, 802, 841-N2
Vasco Martins de Melo 97, 287
Vasco de Melo de Vasconcelos 109-Tn25, 117—1103-F4
Vasco Moniz 1288-N1
Vasco Moniz Barreto 133-N22—241-N9, 262, 392, 1287
Vasco Pacheco de Aguiar Espinola 158-4n14
Vasco Pacheco de Castro 747-N5, 749, 954-N3
Vasco de Sousa Dormundo 141-Bn47, 361, 454-N2, 455
Ventura da Cruz Arrais 1333
Ventura de Frias Salazar 393-F1, 1000, 1405
Vespasiano Garcia Moreira 822

Vicência Pereira de Castro 884, 885, 898-F2, 899-F1, 900

Vicente 166-5n13

Vicente de Araújo de Aragão Bulcão 1206-Bn9

Vicente de Argolo de Menezes 439-Bn11, 447, 967-N3

Vicente Coelho 228-F4

Vicente Correia de Albuquerque 288

Vicente Correia de Sande 1185-F1

Vicente da Costa Cordeiro 1365

Vicente da Cunha Trinchão 1008-Bn4, 1011

Vicente Dias 1-F12, 20, 220, 225, 227, 1180—20-F5

Vicente Fernandes de Bittencourt 247-Bn16, 272

Vicente Fernandes Pereira 946-N15

Vicente Ferreira do Amaral 1118-N5

Vicente José do Prado 1277-F2

Vicente Luís Carneiro de Menezes 1111-Bn2

Vicente Moniz Barreto 133-N25

Vicente Palha de Lemos 212-N1

Vicente de Paredes 453-F1

Vicente Pereira do Lago 595-F3, 937, 940, 1118, 1266, 1375

Vicente Pereira de Melo 622-N17

Vicente Rangel de Macedo 371-F3

Vicente Rodrigues Palha 1, 211-F2

Vicente do Salvador 1, 211-F2

Vicente Antunes 213-F1

Violante de Araújo 103, 1121-F2, 1122, 1355, 1378-F1—227-F3, 388

Violante Brandão 332-N23, 340, 1268-F1

Violante da Costa 453—525—917

Violante de Eça 241, 242, 257, 422—242-N14, 263—265-F1

Violante de Eça de Castro 262-F1, 390-N2, 392, 1190

Violante de Eça de Menezes 258-F1

Violante de Faria 793

Violante de Gusmão 1269-N4

Violante de Horta 518-F1

Violante de Mendonça 525-N3, 1381

Violante Pinheiro 500-F4, 1366

Violante Rodrigues 1343

Violante de Sá 437-N9, 441, 1252-N1

Violante da Silva de Oliveira 556, 560

Virgílio Pires de Carvalho e Albuquerque 1045-5n16

Virgínia da Fonseca Deusdará 883, 908, 911, 1162-N2

Virgínia Francisca Calmon du Pin e Almeida 883-Bn2, 990-N5, 990A

Virgínia Ottoni Vieira 210B-F7

Virgínia Pontes 818-F2

Virgínio Rodrigues Campelo 969-N2, 971—970-N13—971-Bn2

Vital Correia de Sousa 270-F5, 1092-F4, 1093, 1094—1087, 1088, 1092

Vítor André de Argolo Ferrão 1216-6n38

Vitória 862-N9—1123-N5—1123-N8

Vitória de Araújo de Aragão 645-N10, 793-F2, 794

Vitória Barbosa 383

Vitória de Barros 113, 293, 453-F4, 1123—141, 228-F5, 524—476-F4—527-N12, 855

Vitória de Figueiredo 871-F5, 873

Vitória Josefa 795-Bn2

Vitória Maciel 729-F1, 844-F5

Vitória de Menezes 141-Bn47, 361, 454-N2, 455

Vitória de Oliva 101, 1356

Vitória Teixeira 1280

Vitorino de Argolo de Menezes 446-Tn17, 451

Vitorino Moniz Barreto da Silveira 912-Tn6

Vitório Cavalcanti de Albuquerque 71-Tn10

Zacarias de Bulhões 280

Zeneida Freire de Carvalho 190-11n21

Zeno Luís de Espinha 244-Bn8, 269, 1161, 1382

Zenóbio Acioli 45, 195-F5, 273-F1, 274, 1321

Zenóbio Acioli de Vasconcelos 275-N6—277-Bn2, 326-Bn10—326-Bn4

Zenóbio de Almeida 448

SIGNIFICADO CULTURAL DA HISTÓRIA

UTILIDADE DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DOS DIPLOMATAS (*)

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

Há, em toda parte, uma viva e intensa curiosidade pela História. Por circunstâncias várias, um movimento de idéias conspirou para fazer dela a corôa de todos os estudos. As próprias teorias políticas que, na atualidade, disputam a aceitação da humanidade — a democracia e o comunismo — repousam numa interpretação da história.

A democracia moderna firmou-se num ensaio lançado por volta de 1740, por Voltaire: *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*. Todos sentiam que ele inaugurava uma nova época. O grande serviço prestado por Voltaire à história foi o de demonstrar que todos os grandes ideais exigiam uma fundamentação histórica e que os adversários do novo deveriam também justificar seus ideais historicamente.

Na luta das ideologias, mantida por meios históricos, a verdade histórica não poderia nunca fugir ao perigo de ser obscurecida pelas tendências que derivam daquelas próprias ideologias. Mas podia consolar-se a encontrar refúgio em alguns espíritos independentes e avançar mediante a contraposição crítica das sucessivas interpretações da história. A visão voltaireana da história, sua filosofia da história — frase que ele mesmo inventou, pela sua própria dialética deveria ser superada algum dia.

O comunismo, de outro lado, firma-se em escrito lançado por Karl Marx em 1848, no qual os ideais políticos comunistas se fundamentam na interpretação materialista da história.

E' evidente que entre essas duas tendências, a democracia política liberal e o comunismo existem matizes diferentes, também, baseados em interpretação histórica variada. A interpretação espiritualista da história fundamenta a idéia da democracia cristã. A empresa de construir uma história universal do

cristianismo, que apareceu desde os últimos tempos da antiguidade, relembra S. Eusébio, S. Agostinho e, por último, Bossuet, com o seu *Discours sur l'histoire universelle*, escrito em 1681. A universalidade da Igreja Cristã criou a noção da história universal, realizada logo por Paulus Orosius, por sugestão de S. Agostinho, que na *Cidade de Deus* organizava um plano e um método para a interpretação da história.

O próprio fascismo pretendeu ser uma interpretação realista da história humana. Tendo nascido dos mais escuros cantos da reação e despedido dos valores morais e das virtudes espirituais do cristianismo, substituiu a Igreja pelo Estado como instrumento da revelação divina e pretendeu que o chefe tivesse a autoridade por direito divino. A raça escolhida, mito pré-cristão, ressurgiu no ariano.

Mas não só as doutrinas políticas, quase sempre baseadas numa interpretação histórica, que demonstram a validade universal do conhecimento histórico.

Um exemplo característico da significação cultural da história se encontra na debatida questão sobre o historicismo. O historicismo foi um movimento geral de idéias que apareceu no fim do século XVIII, como reação contra o naturalismo e o racionalismo da época das Luzes e da Revolução Francesa. Ele procurou libertar a história das idéias naturalistas, mecanicistas e matemáticas de Descartes, ou, em termos mais gerais, do Naturalismo.

O historicismo se contrapunha ao naturalismo e às aplicações das ciências naturais à história. Ele passou a "historizar" a vida humana, ou seja, a afirmar que só podemos compreender os homens, a sua cultura e seus valores de um ponto de vista fundamentalmente histórico. Na história estaria a medida de todas as coisas, e o homem deixava de constituir um ser social para constituir um ser histórico. Qualquer estudo social, econômico, político, religioso ou intelectual não poderia ser realizado sem a fundamentação histórica,

(*) Lição dada no Curso de História do Brasil, do Instituto Rio Branco.

pois as condições sociais, econômicas e religiosas de cada época estavam sempre impregnadas de suas origens históricas.

Esse pensamento era contra o naturalismo, exatamente porque negava que só a física e as ciências naturais fossem ciências, afirmando, pelo contrário, a existência das chamadas ciências sociais (culturais ou históricas). Fora da realidade natural existia, portanto, uma realidade histórica e humana, que devia ser estudada por processos próprios e independentes das ciências culturais, diferentes dos das ciências naturais.

Esse movimento de idéias não teve desde o seu início o nome de historicismo. Foi somente no fim do século XIX que assim o denominaram os seus opositores, aqueles que negavam ainda a história o caráter científico.

Podem-se citar entre estes, NIETSCHE, que negou qualquer utilidade e vantagem da história para a vida humana e, mais modernamente, o poeta PAUL VALERY, que se declarou a si mesmo inimigo da história.

A verdade é que estas foram vozes isoladas, enquanto que o historicismo foi progredindo até chegar a constituir um verdadeiro sistema filosófico de interpretação histórica da vida humana. Com WILHELM DILTHEY, o mais importante dos filósofos da história dos últimos tempos, a história chega a ser considerada como a teoria da concepção do mundo e o fundamento das chamadas ciências culturais ou sociais. Com ele e com RICKERT aparece a realidade histórica independente ao lado da realidade natural.

Mesmo aqueles que não querem reconhecer totalmente a justeza desse pensamento hão de concordar que o historicismo é o herdeiro espiritual do humanismo. Foi nesse sentido que FRIEDRICH MEINECKE, em seu livro sobre *o Historicismo e sua Gênese*, fez um exaustivo estudo sobre os principais historicistas, desde os precursores, como LEIBNITZ e VICO, até GOETHE e RANKE.

ERNST TROELTSCH, quem melhor estudou esse movimento de idéias, chega mesmo a dizer que o Historicismo se contrapõe ao Naturalismo, mas que ambos são as grandes criações científicas do mundo moderno. O mundo Antigo e a Idade Média os desconhecera com essa significação e as orgulhosas ciências que conheceram, a Metafísica, a Ética e a Lógica decaíram ou se enferrujaram num puro subjetivismo.

Vê-se, assim, que este problema, tão debatido no campo filosófico, só faz elevar a ciência histórica e mostrar a sua alta significação cultural, tal qual no mundo prático político e quotidiano teorias de interpretação histórica fundamentam as reivindicações sociais.

Independente dessa discussão, a ciência histórica seguiu o seu caminho e continuou demonstrando o seu eminente valor e seu caráter de matéria de primeira necessidade cultural. Continuou uma ciência florescente, ocupando um posto honroso na vida universal, encontrando reconhecimento geral, ciência para a qual se apela em busca de apoio.

A não ser as exceções que foram citadas, de modo geral todos reconhecem os proveitos que a sociedade e a cultura extraem da ciência histórica. O submergir na história é uma forma de contemplação no mundo. A história nos cura do egocentrismo, da exagerada importância histórica. O submergir na história é uma forma de contemplação no mundo. A história nos cura do egocentrismo, da exagerada importância que possamos atribuir aos que nos rodeiam. O homem pode sentir-se, então, ligado ao que foi e ao que será.

O estudo da história é, assim, não só um instrumento de cultura intelectual, mas um meio de nos prepararmos para compreender e tolerar a variedade dos usos e costumes, as transformações da sociedade, e para nos familiarizarmos com as diferentes formas do convívio social.

A ciência histórica continuou com sua tarefa imensa e infinitamente variável de estudar e descrever o passado da sociedade humana e a tradição desse passado, que vive nas formas presentes. Seu conhecimento conserva o caráter de uma compreensão, de um entendimento, de uma representação dos fatos particulares, vistos como acontecimentos.

A história seria, então, a descoberta da realidade passada, uma análise do nascimento das coisas. Se dela não podemos extrair sempre lições políticas, podemos, pelo menos, extrair a compreensão do presente segundo o passado.

Ela seria uma forma de verdade acerta do mundo e cultivá-la seria um modo de compreender o sentido de nossa experiência. No passado buscaremos não só o idêntico, que responde às nossas próprias soluções atuais, a nossa atualidade, como o contraste, o totalmente estranho, o novo, que é a contribuição do presente.

CROCE reconhece que nos grandes momentos decisivos, nas grandes crises da humanidade, o espírito, para poder progredir, rompe com o passado ou o repudia. Mas com que passado? Com aquele que a própria história descobriu ser uma realidade cheia de sofrimento e angústia para o homem. Foi a história que revelou que aquela forma de convívio social era agonia e foi ela, talvez, que sugeriu as novas formas de sociedade que pos-

sam ser consideradas melhores ou menos sofredoras.

Se se reconhece, assim, o valor cultural da história de um modo geral, é conseqüente e lógico exaltar a sua significação no preparo e formação dos diplomatas.

Todos sabem as relações da história com a política. Ambas se preocupam e se dedicam ao estudo do Estado. Mas enquanto a política se exaure nesse estudo, a história faz dêlé apenas uma parte de sua substância. A história não estuda sômente as formas políticas do passado; ela tem um campo mais largo e mais amplo. Ela comunica aos homens a consciência viva dos outros tempos e lugares, da totalidade do acontecimento social, econômico, religioso ou ideológico, em conjunto ou tomando cada um de per si. O laço interno entre os impulsos da vida prática e os problemas da história demonstra a capacidade da história de desenvolver a atitude para as situações reais, rebuscando a sua gênese e colocando-as em sua relação; ensina-nos não a ler os livros de história para povoar a memória ociosamente com datas e pequenos fatos e sim para procurar nêles uma orientação do mundo em que vivemos e no qual devemos cumprir nossa própria missão e nosso dever próprio.

São de alta monta os serviços que a história pode prestar à política e especialmente à política exterior. Para um diplomata, a história e a erudição são as armas de sua ação política e prática.

No Itamarati desde cedo se percebeu a conexão íntima entre a política e a história, tornando o diplomata uma consciência vigilante a serviço da causa do Brasil.

Para Rio Branco, o expoente máximo no Brasil da ação política inteiramente baseada num profundo conhecimento geográfico e histórico, a história foi um instrumento a serviço de um fim: a expansão pacífica da Pátria, ou a defesa dos nossos direitos historicamente comprovados.

Influenciado, talvez, por mestres ingleses e alemães, que vêm no estudo da história a escola dos estadistas e a universidade, o seminário dos políticos, Rio Branco prepara-se meticulosamente no estudo da história para, depois, com razões históricas, justificar os direitos do Brasil em questões de limites. Foi aos poucos acumulando uma multidão de textos, todos escolhidos, para o serviço da defesa nacional. E ainda mais: integrado no espírito constitucional, que rejeitava a guerra, afasta-se decisivamente das teorias ligadas à explicação histórica do imperialismo ou unidas ao nacionalismo agressor.

Foi o conhecimento histórico de Rio Branco que o capacitou para a grande obra de política

externa que realizou durante a sua passagem pelo Itamarati. O mesmo fizeram outros que, antes dêlé, não tendo ocupado um pósto de tanta responsabilidade na política externa brasileira, se dedicaram com afinho e amor às razões históricas de nossos direitos de fronteira.

Rio Branco é o melhor dos exemplos. Há na vida dêste grande historiador e diplomata duas singularidades que merecem um registro especial. Não só a sua obra de historiador se incorpora definitivamente na ciência histórica brasileira, como também a sua obra de Ministro das Relações Exteriores é de defensor de nossos direitos externos, baseada exclusivamente na história, se incorpora à história do Brasil. Seu nome é um motivo de estímulo e de incentivo e um exemplo da necessidade dos estudos históricos na formação dos que querem zelar pelo bom nome desta Casa.

Seria justo e lógico, nesta hora de sentida evocação de Rio Branco, lembrar algumas de suas obras mais importantes. Elas vêm sendo reeditadas últimamente, como, por exemplo: 1) *A Questão de Limites com a República Argentina*, onde se reproduz o texto da exposição apresentada ao Presidente Cleveland em 1894; 2) *A Questão de Limites — Guiana Britânica*; 3 e 4) *Questões de Limites com a Guiana Francesa*, contendo a primeira e a segunda Memórias submetidas ao Presidente da Confederação Suíça, aceito como árbitro, em 1899. Todas estas obras representam o triunfo da erudição e da análise histórica como base da atividade patriótica e da ação política de reconhecimento dos nossos direitos.

Mas houve precursores. Aquêles que, na sua obra puramente pessoal de investigadores e estudiosos da história, contribuíram com suas pesquisas e suas investigações para a melhor fundamentação dos interesses brasileiros. Assim o foram, por exemplo, Joaquim Caetano da Silva e Francisco Adolfo de Varnhagen.

A Joaquim Caetano da Silva se deve o livro *O Oiapoc e o Amazonas*, monumento de erudição e saber, que tanto serviu mais tarde para a defesa de nossos limites com a Guiana Francesa. Sua laboriosa investigação de erudito teve, pois, uma finalidade prática.

A Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro, sua carreira de diplomata ofereceu oportunidade para indagações em arquivos e bibliotecas da Europa, de que muito lucraria a ciência histórica no Brasil. Enquanto exercia suas funções diplomáticas em Portugal e Espanha, Varnhagen extraiu da Torre do Tombo e do Arquivo de Simancas documentos sem número e sem par. Foi especialmente durante essa sua estadia na Pe-

nínsula que Varnhagen escreveu as *Primeiras Negociações Diplomáticas relativas ao Brasil* e revelou alguns valiosos documentos que serviram mais tarde para o trato das questões de limites e de fronteiras do Brasil.

Assim, por exemplo, a *Memória sobre os trabalhos que se podem consultar nas negociações de limites do Império, com algumas lembranças para a demarcação destes. Escrita por ordem do Exmo. Sr. Conselheiro Paulino Soares de Sousa*. Assim, também, a *Relação em 25 classes de documentos existentes no Archivo Real de Simancas relativos aos limites meridionais do Brasil para deles se tirar copia*. Nesse trabalho, Varnhagen dizia que só em Simancas, sem contar Cadiz, Sevilha, Madri, Toledo, Segovia, Salamanca, Zamora, Leon, Burgos e Toros, havia mais de 10.000 documentos de interesse para as nossas questões de limites. A “Relação” dizia respeito aos limites com as possessões espanholas, enquanto que a “Memória” se referia aos documentos sobre limites em geral.

Sobre os limites com a Guiana Francesa, Varnhagen extraiu do Arquivo de Simancas alguns documentos considerados da maior importância para o estudo do Tratado de 1777. Sobre os limites com a Guiana Holandesa, escreveu alguns ofícios contendo esclarecimentos sobre a questão dos limites com os espanhóis pelo lado das Guianas, especialmente a Holandesa no terceiro quartel do século 18, e as “Informações sobre os mapas espanhóis das Guianas, tratando do mapa de D. Juan de la Cruz Caño y Ormedilla”, publicado em 1775, e o melhor dos estampados no século 18.

Sobre os limites com a Venezuela e as repúblicas do Pacífico, Varnhagen escreveu, ou pelo menos teve notável influência na sua redação, o opúsculo “Aun las questions de limites del Ecuador ó Sea Pedro Moncayo y su nuevo folheto”. A ele, pelo menos, pertence sobretudo a argumentação diplomática.

Vê-se, assim, que em todas as questões de limites disputadas ofereceu Varnhagen não só documentos autênticos e talvez decisivos como também uma argumentação esclarecedora.

Estas indicações bibliográficas não estão registadas na *Bibliografia de Varnhagen* preparada pelo Sr. Armando Ortega Fontes e editada pela Comissão de Textos de História do Brasil (Rio de Janeiro, 1945).

Com esses resultados oferecidos, ninguém se poderia queixar de que Varnhagen tivesse se ocupado mais nos cartórios do que nas chancelarias, ou mesmo que combinasse ou preferisse os estudos históricos aos diplomáticos.

Mais modernamente não devem ser esquecidos Oliveira Lima e Joaquim Nabuco. Se ao primeiro não coube, por circunstâncias que não cabe investigar no momento, nenhum trabalho de defesa de interesse nacional extraordinário, pôde, no entanto, com sua forte personalidade, de profundo conhecer de nossa vida e de nossa história, representar no estrangeiro a nossa cultura, pronunciar magníficas conferências sobre a formação da nacionalidade e discutir temas históricos e literários brasileiros, despertando curiosidade sobre as nossas origens e a nossa cultura.

OLIVEIRA LIMA soube honrar a inteligência, aproveitar as horas livres de seu trabalho profissional, pesquisando e estudando nos arquivos estrangeiros dos países onde representava o Brasil os documentos de nossa história. Sua contribuição de historiador pôde se fazer porque Oliveira Lima, na sua própria atividade particular, era dominado pelo anseio de conhecer melhor a nossa formação histórica.

Quando a Joaquim Nabuco, vale recordar sua grande figura como diplomata, escritor e negociador das questões de limites. A ele coube preparar e escrever a defesa dos nossos limites com a Guiana Britânica. Sua *Memória* sobre essa questão, apesar de não ter conseguido o resultado que dela se esperava — a vitória da causa brasileira — é peça de alto e digno valor. Sua reedição é uma necessidade inadiável. De há muito se encontra esgotada e é obra que muitos brasileiros desejam ler e estudar.

Como diplomata, Joaquim Nabuco teve oportunidade de provar a sua grande capacidade. Embaixador em Washington, conseguiu justamente uma grande renome para o nosso país. Foi ele quem, obedecendo às diretrizes dadas por Rio Branco, iniciou com os Estados Unidos uma política de maior aproximação pan-americana. Pronunciou várias conferências e discursos naquele país sobre assuntos brasileiros.

Vê-se, assim, que há uma tradição de cultura histórica no Itamarati, que deve e merece ser mantida.

É preciso não confundir a defesa de uma tradição com o tradicionalismo, que é sempre ou quase sempre o ingênuo conservadorismo de políticos reacionários. O tradicionalismo é o criador do complexo do nacionalismo e o estimulador das políticas externas agressivas. Caso típico é o da Alemanha, cuja política de agressão externa, depois da guerra de 1870, foi inteiramente baseada na consagração de um nacionalismo feroz, que se alimentava do tradicionalismo.

Já a tradição é sempre uma idéia que expressa um juízo de valor e que se transmite de geração em geração. Ninguém pode negar a função da tradição, por exemplo, na construção do patriotismo. Sem esse mecanismo da tradição seria difícil criar valores simbólicos e usá-los como elemento na defesa de certas ações evolutivas ou mesmo na resistência à agressão estrangeira.

Além disso, a tradição representa um grande papel na direção política de um país. Assim, por exemplo, é uma tradição inglesa a liberdade de palavra. A existência dessa tradição é incompatível com qualquer cerceamento e ela é suficiente para tornar improvável o estabelecimento ou duração de uma censura na Inglaterra.

Do mesmo modo, poderemos dizer que a existência dessa tradição de cultura histórica no Itamarati e de intransigente apelo à solução pacífica das nossas disputas com os vizinhos, é uma boa tradição, uma boa crença que nos foi transmitida pelos que nos antecederam. Os atuais diplomatas devem lutar pela sua manutenção.

Ninguém, com isso, vai exigir que todos queiram ser historiadores, mesmo porque não se pode esperar de todos tal vocação. O que se deve exigir e o que se quer é que um bom conhecimento histórico possa evitar que tal tradição se rompa ou que não se possa preservar esse valor. Se uma geração de diplomatas se descuidar desse conhecimento ou desleixar o estudo do direito internacional, dificilmente se poderá manter o mecanismo dessa tradição que vem desde a época em que Ministros do Exterior como Uruguai, Abrantes, Visconde do Rio Branco, gerações de homens de Estado de que Cotegipe foi o último grande representante do Império, procuraram solver as nossas questões de fronteiras e assegurar, depois de encerrados os ciclos de revolução, a hegemonia brasileira no Rio da Prata. Já não cuidamos também de hegemonia, pois os nossos vizinhos cresceram conosco e com eles devemos desenvolver uma política de boa vizinhança, como foi idealizada pelo Presidente Roosevelt.

Mas sempre é preciso não esquecer que em face de crises maiores ou menores, ou mesmo no simples trato de negociações diplomáticas é necessário um bom e amplo conhecimento dos nossos direitos. Ora, não se poderão defender os direitos brasileiros sem que

se saibam as razões históricas das nossas pretensões.

Muitos pensam que resolvidas, depois da gestão de Rio Branco, quase todas as questões de fronteiras, dificilmente elas reaparecerão, obrigando novamente os diplomatas brasileiros a recorrer às razões históricas.

Ora, poderia acontecer — o que não desejamos e não é de esperar — que essas questões consideradas definitivamente encerradas fôsem em parte reabertas, por circunstâncias imprevisíveis. Nessa hora, não seriam só os historiadores que teriam de ajudar na solução do conflito. Haveria de se recorrer do trato e da consciência vigilante dos diplomatas e, sem dúvida, só poderiam ser bons negociadores aqueles que tivessem, pelo menos, um bom conhecimento da história brasileira.

Só a proficiência nos conhecimentos de geografia, história e direito internacional torna apto um diplomata para o trato de questões desta natureza. O sucesso de um diplomata não se faz com fórmulas ôcas ou mundanas; faz-se com o tino e a segurança dos direitos que defende.

É necessário, ainda, recordar, aqui, a experiência desta última guerra. Nas épocas mais calmas e de lenta transformação social, é fácil perder o sentido da história. Mas nas fases agitadas, de conflito, ou nas fases revolucionárias, ou de guerra, é necessário despertar o sentimento consciente da história no povo. Então, procuram-se conhecer as origens e evolução da vida humana e de suas instituições. A história torna-se, então, história contemporânea, pois para combater é preciso ter confiança na causa que se defende, e essa confiança tem suas raízes no passado histórico.

Uma nação não é somente um grupo humano a defender um passado. É um grupo que participa de um futuro comum. É foi compreendendo o valor da história nessa fase de crise suprema nacional que os governos democráticos em guerra decidiram, a despeito da urgência da ação militar, estimular a consciência histórica.

Ora, porque haveremos de despertar esse sentimento apenas durante as fases de crise? Melhor fôra que essa consciência estivesse alerta mesmo nas fases de pura construção nacional. É lógico e conseqüente que se deve assim proceder com o povo, com muito mais razão devem soldados e diplomatas estar sempre e sempre conscientes dos direitos do seu país.

DIA PAN-AMERICANO (*)

E. LEITÃO DE CARVALHO

Senhor Presidente

Preclaros consócios.

Ao dirigir-me, pela primeira vez, a esta douta assembléa, constituída de brasileiros ilustres, a cujo zêlo patriótico, acurado estudo e paciente investigação está entregue a obra educativa de reviver os fastos de nossa história e de aprofundar o conhecimento da terra que os nossos maiores conquistaram e defenderam para o Brasil — sejam estas primeiras palavras a expressão de meus agradecimentos à honra que me conferistes, trazendo-me ao vosso convívio, desva-
necedor e proveitoso.

Solar da inteligência e do amor pátrio, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dedicado a estudar e explicar os acontecimentos da vida nacional, e a exaltar a obra dos nossos grandes homens, é o venerando guardião de nossas tradições, fonte de seguras diretrizes para a grandeza presente e futura do Brasil. Nenhuma outra instituição científica, em nosso país, o excede na benemerência dos serviços prestados à sociedade, nem o trabalho desenvolvido através de um século de existência profícua, durante o qual deram relêvo a seu quadro social brasileiros eminentes, de marcada atua-

ção pública, colaboradores extrênuos no estudo do passado e na construção do presente da nação brasileira.

Devo tão sòmente à vossa generosidade o privilégio de partilhar da vossa tarefa nobilitante. Aqui vos deixo o meu mais profundo reconhecimento.

Quis o ilustre presidente desta casa coubesse ao menos indicado de seus membros a grata incumbência de falar-vos sôbre o Dia Panamericano, hoje celebrado em tôdas as nações do Continente, onde se comemoram, em comum, como numa só família, as efemérides pátrias, glorificando por essa forma o triunfo de uma das mais elevadas aspirações humanas, nascida na América, para exemplo do mundo, e gradativamente concretizada, através de um século de porfiados esforços de seus estadistas, na realidade promissora do presente; a solidariedade continental, inspirada no desejo de promover a paz entre os estados americanos.

Porque era de paz, da paz fecunda em benefícios para os povos civilizados, que necessitavam as novas repúblicas, saídas do regime colonial, a fim de consolidar a independência e impulsionar o desenvolvimento de seus recursos naturais.

Essa aspiração, ou tendência, dos povos do Novo-Mundo para criar entre êles laços de união, — como já se definiu o panamericanismo — nasceu das circuns-

tâncias especiais que presidiram à formação das jovens republicas em que se transformaram as colônias européias implantadas no solo americano.

Ingressadas na vida independente depois de longa e cruenta luta contra o domínio das metrópoles, tiveram de ensaiar os primeiros passos, em suas relações recíprocas, sob o temor de ver perdas conquistadas tão duramente alcançadas. Só a união lhes daria força para enfrentarem as tentativas de recolonização, partidas dos impérios que arvoravam na Europa a bandeira da reação à liberdade dos povos, sob a invocação da caduca legitimidade do poder real, de origem divina. Unidas, suprimiriam, além disso, as causas de conflito provenientes de suas aspirações individuais, quando irreconciliáveis.

E assim o compreendeu Bolívar, ainda no fragor da luta pela emancipação das colônias espanholas, ao cogitar, em 1812, da formação com elas de uma confederação, logo que se completasse a libertação do Continente. Voltou a expressar esse propósito na carta que dirigiu ao Governador das Províncias Unidas do Rio da Prata, em 1818, ao prometer-lhe, para depois da vitória, e logo que as circunstâncias se tornassem mais favoráveis às comunicações freqüentes e ao estreitamento das relações, dedicar-se com igual afã ao estabelecimento de um pato, por meio do qual se uniriam todas as repúblicas americanas num só corpo político. Com a tenacidade que punha na prossecução de seus ideais, e aquela têmpera forte com que resistiu às duras vicissitudes de sua missão glo-

riosa, submeteu o projeto à decisão das nações livres da América, convocadas por ele, em 1824, a se reunirem em congresso no Panamá.

O exemplo do que poderia proporcionar, às nações recentemente libertadas, uma organização política destinada a promover a paz e a cooperação, oferecia-lhe a união das treze colônias anglo-saxônicas do norte, submetidas, por consentimento próprio, a uma lei comum, que, se bem lhes cerceasse a soberania, garantia-lhes, por outro lado, auxílio mútuo, e lhes resolvia pacificamente os litígios, graças a um engenhoso sistema de governo, dotado de órgãos destinados a atender aos interesses dos estados federados, evitando-lhes o recurso à guerra, quando êsses interesses se chocassem.

O exemplo da vida internacional européia não era menos sugestivo. Ruína o sistema político implantado por Napoleão, e montava a Santa Aliança o seu também baseado na força. As relações entre os estados, perturbadas constantemente pelo choque de suas ambições e dirigidas pela pressão diplomática ou pelas armas, não constituíam modelo a imitar na América. A força expansiva das nações colonizadoras, ameaçando reabrir o ciclo das conquistas no hemisfério ocidental, provocara já a reação de Monroe, preocupado com a segurança dos Estados Unidos, para os quais constituía permanente ameaça a presença de novas possessões européias na América.

A união das antigas colônias ibéricas, uma vez emancipadas, como pretendia o Libertador, salvaria o Continente tanto da cobiça européia como das lutas intes-

tinhas. O seu grande ideal não estava fadado, porém, a alcançar pronto êxito, mas a semente fecunda, lançada por êle no solo americano, haveria de germinar, despertando no Continente um espírito internacional, que imprimiria novos rumos à vida americana.

O Congresso do Panamá, reunido afinal em 1826, com a presença apenas dos representantes de quatro nações, assentou, nessa assembléia histórica, as bases de uma doutrina nunca mais abandonada pelos povos americanos. Mau grado as diferenças raciais, de língua, de forma de governo, que caracterizavam as variantes anglo-saxônica, portuguesa e espanhola dos estados americanos, recebendo influxo econômico e cultural de fontes diversas, o espírito de cooperação e o amor à liberdade, nascidos no Novo Mundo, sob a influência de condições sociais e políticas especiais, impulsionaram, através dos tempos, fortalecendo-lhe os princípios, a doutrina implantada pelo Libertador.

Quantos estorvos não embaraçariam, no entanto, sua marcha penosa para a concretização do generoso ideal! O conceito da soberania ilimitada haveria de ser na América, como alhures, o mais sério. Dentro dêle, cada nação pratica, com efeito, política de seus interesses, que variam, de estado a estado, com as condições geográficas do país. Vista do interior como defesa de direitos inalienáveis, mas do exterior como preterição de direitos alheios, a política internacional dos povos — projeção instintiva da política interna — no regime das nações-estados ou encontra uma instância

superior, que lhe appare os choques, coordene as aspirações e dirima os litígios, ou conduz à guerra; a *ultima ratio* tradicional.

A organização federativa pretendida por Bolívar corrigiria êsse mal e evitaria outro: o desenvolvimento do nacionalismo nas jovens nações americanas.

O grande problema com que deparara o Libertador, como deparariam seus sucessores no esforço de orientar, para a paz e a cooperação, as relações inter-americanas, era de natureza política e, por isso mesmo, teria sua solução retardada pelas resistências surgidas com as aspirações nacionais das jovens nações, só logrando ser pôsto em equação, e ainda assim em têrmos muito menos imperativos, depois que a trágica lição da primeira guerra mundial, e a perspectiva da segunda revelaram o destino reservado ao mundo se continuasse a guerra o meio corrente de pôr fim aos litígios entre os povos.

Sem enfrentar embora o fundo da questão, a não ser em casos particulares, para dar solução a situações regionais, continuaram todavia os estadistas americanos a impulsionar a aproximação dos povos do continente, mediante acôrdos que lhes estreitassem as relações e promovessem o entendimento geral, a que se chegaria afinal na base da independência de cada um.

Não obstante o insucesso do Congresso Panamericano, com tão profunda decepção para seu genial inspirador, o caminho estava aberto e traçado na direção que conduz à concórdia dos povos, não só americanos, mas de todo o mundo ci-

vilizado. O tratado de união dos estados e a convenção em que se fixaram contingentes militares destinados à defesa comum, aprovados no Panamá, antecipavam assim de mais de um século, na sua forma embrionária, a Organização das Nações Unidas, consubstanciadas nas Carta de São Francisco.

As bases em que se estreitariam as relações inter-americanas, com o fim de manter a paz e promover a cooperação, não as poderia assentar o Congresso, em que só se fizeram representar quatro nações do continente. Seria obra para quando a experiência da vida independente tivesse indicado as vantagens que a união oferece aos povos da América.

Provocados, ora pelo temor de novas tentativas colonizadoras, por parte da metrópole, ora pelo desejo de prevenir a guerra entre os povos irmãos, prosseguiram os esforços das nações hispânicas, em prol da realização do ideal de Bolívar, durante quase todo o século XIX. Tanto nos programas a que deveriam obedecer as assembléias continentais projetadas pelo govêrno do México, nos anos de 1833, 1838 e 1840, — malogradas por falta de ambiente favorável ao tentame como nos das conferências de Lima (1847), Santiago (1856) e, de novo, Lima (1864), encontravam-se as linhas gerais que definiriam depois a orientação do Continente nas assembléias panamericanas. A fôrça vital desenvolvida nas nações do Novo Mundo pelo exercício da soberania criara nelas uma personalidade política imprópria à união federativa. Faltava, além disso, o apoio de uma nação *leader*, de prestígio polí-

tico e econômico, só aparecido depois, para aglutinar tôdas as tendências e orientá-las no sentido da cooperação, em pé de igualdade, de tôdas as soberanias, aproveitando a obra já realizada, assente em princípios que só fariam reafirmar-se com o tempo.

Compreendiam êstes a supressão da guerra entre os estados do Continente, resolvidos os litígios, entre êles, pelo recurso ao arbitramento, à conciliação e aos bons ofícios; a regulamentação do comércio e da navegação, e a reunião de um congresso de plenipotenciários, em cuja assembléia, convocada regularmente, se desse solução aos assuntos de interesse comum.

A união de todos para a defesa mútua, no caso de ataque por potência extra-continental; coroamento do edifício reservado aos esforços, dos últimos anos da época presente, constituiu, também, na primeira fase do panamericanismo, matéria ventilada em mais de uma conferência, logrando mesmo tomar a forma de convenções.

• As desconfianças, algumas vezes fundadas, que entorpeceram, durante tantos anos, os esforços empregados em fundir, numa só, as tendências reveladas na política dos três grupos componentes da família internacional americana, iriam, porém, desaparecer, graças à abolição de suas supostas ou verdadeiras causas, e ao freqüente contato das correntes nacionais no seio das assembléias panamericanas, concretização de uma aspiração dos primeiros dias do incessante movimento iniciado por Bolívar.

O impulso, no sentido de chegar-se a um entendimento geral, quanto aos princípios a que se submeteriam as relações interamericanas, promovido por Blaine, ao convocar as nações do Continente para a reunião de Washington, em 1889, estava destinado a dar corpo, definitivamente, à solidariedade continental.

Pela primeira vez se reuniram em assembléia tôdas as repúblicas americanas, com o fim de discutir os meios de evitar a guerra entre elas, — segundo a expressão do ilustre Secretário de Estado norte-americano.

Ora, a guerra proviria do choque de interesses nacionais intransigentes, prosseguindo através dela os litigantes sua política por outros meios, que não os inspirados na razão. E a conciliação desses interesses seria obra tanto mais viável quanto mais ampla a superfície de contato dos povos, mais objetiva a compreensão de seus respectivos problemas mais estreitas as relações estabelecidas entre êles. Esse foi, sem dúvida, o pensamento orientador dos trabalhos, na primeira conferência panamericana, concretizado, com persistência e tato, nos últimos cinquentá anos que assinalam a marcha ascensional da união no Continente.

O reconhecimento de que as questões políticas são as mais difíceis de conciliar, melindrosas, nesse campo, as suscetibilidades nacionais, levou os grandes leaders do movimento panamericano a seguirem, nas conferências periódicas, em que se tem reunido o Continente, caminho mais seguro, procurando interessar os povos em múltiplas questões de ordem jurí-

dica, econômica e moral, reguladas pelo concurso de todos, com benefício das relações interamericanas. O exército dessas atividades, importantes, embora secundárias, prepararia os povos para enfrentarem e resolverem as questões políticas, geradoras dos dissídios que conduzem à guerra, o mal de efeitos irreparáveis de que se pretende libertar a América. Ir-se-ia criando, por essa forma, um conjunto de regras gerais, aplicáveis à solução dos litígios entre os estados, formuladas segundo as aspirações continentais.

A partir dessa primeira assembléia geral, em que se criou a 14 de abril de 1890, a União Internacional Americana, — a Liga anfictionica do Continente — as teses levadas a debates, nas conferências sucessivas em que se reuniram os povos do Hemisfério, visaram sempre promover, através de uma legislação comum, reguladora de seus interesses recíprocos, a solidariedade política do Continente.

Nas órbita das relações econômicas, traçaram-se normas para a solução das questões concernentes ao comércio, à indústria, à agricultura, às vias de comunicações, à navegação, ao trânsito de mercadorias e pessoas, definindo-se, por último, a política a seguir nas relações comerciais internacionais para corrigir os males provenientes do extremo nacionalismo econômico, reinante na Europa depois da crise de 1928- 1929.

No setor das atividades administrativas, firmaram-se princípios reguladores da defesa sanitária, da extradição, da cobrança coercitiva das dívidas entre na-

ções, do exercício das profissões liberais e das formalidades aduaneiras.

O Bureau das Repúblicas Americanas, de funções prudentemente limitadas no momento de sua criação, viu-as sucessivamente ampliadas, de maneira a desempenhar, com eficiência crescente, o seu grande papel de órgão de ligação entre os povos da América, até as faculdades atuais, que lhe dão responsabilidade política e autoridade para convocar as nações do Continente às suas reuniões periódicas.

Na esfera dos interesses sociais e humanitários, regularam-se questões de higiene e saúde pública, eugenia e homocultura, promovendo-se a aproximação das nações americanas mediante a difusão de conhecimentos científicos e literários, através de bibliotecas públicas, da criação do Instituto Americano de Cooperação Intelectual e do Instituto Panamericano de Geografia e História, do mesmo passo que se procurava ampliar a colaboração feminina à obra da civilização continental, com a Comissão Internacional de Mulheres, encarregada de reivindicar os direitos do sexo.

Encarando a solução dos litígios internacionais em seus aspectos menos graves, a comunidade americana começou por instituir o arbitramento obrigatório para as questões de limites, territórios, reclamações pecuniárias, navegação e validade, interpretação e execução de tratados, excetuando as que ameaçassem a independência e a honra nacionais, chegando afinal ao arbitramento compulsório para as divergências de caráter jurídico.

Tomando a obra iniciada nas Conferências da Haia, sobre o arbitramento, davam as nações americanas mais um passo, criando no Continente o instituto do arbitramento progressivo, engenhosa fórmula que tornaria cada vez mais amplo o imperativo e recurso à razão, em lugar da força.

Dêsse imenso trabalho, iam decorrendo, através dos anos, os princípios de direito que mais consultavam a vocação política dos povos americanos. Sua codificação dotaria o Continente com uma lei comum, reguladora das relações entre estados, instituições e indivíduos, com benefício para a conciliação de todos os interesses. E assim o compreenderam os representantes das repúblicas, desde a sua primeira reunião, em Washington, em 1889.

Subordinado à premissa de que as relações entre os estados americanos obedeciam às regras do direito geral, apenas influenciadas por circunstâncias especiais, teve início o demorado processo de sistematização dessa obra essencial à vida internacional do Continente, levada afinal a bom termo com a aprovação, na Conferência de Havana, das convenções sobre o Direito Internacional Público e do Código Bustamente, para o Direito Internacional Privado, grande passo para a unificação do direito internacional em toda a América.

Foi, porém, no campo das atividades políticas, de ação preponderante nas relações entre estados, que se concentraram os esforços dos governos americanos, com o fim de criar no Continente uma vida internacional baseada na igualdade

das soberanias e protegida contra a guerra por um regime de cooperação e justiça. Assim, com o propósito de abolir as vantagens propiciadas pela política de força, trataram de eliminar do Direito Público Americano o princípio de conquista e declararam nulas as cessões de territórios quando obtidas pela violência. Essas restrições à soberania em proveito da segurança geral, formuladas desde a primeira reunião panamericana e defendidas continuamente nas seguintes, estão hoje incorporadas à lei comum do Continente, como parte integrante da convenção sobre os Direitos e Deveres dos Estados, aprovada na VII Conferência, realizada em Montevideu, em 1933.

E, para evitar e prevenir os conflitos que podem provocar a luta armada, apelaram para vários institutos, cada qual reforçando o anterior, até se atingirem os solenes compromissos da atualidade, que formam o sistema jurídico-político destinado a manter a paz no Continente. Da Convenção Gondra, de 1923, que entregou o estudo das questões ameaçadas da paz a duas comissões diplomáticas, com sede em Wahington e Montevideu, passaram ao tratado sobre o emprêgo dos bons ofícios e da mediação, entendido o desempenho destas altas funções a individualidades eminentes dos países americanos.

Afinal, às vésperas da segunda guerra mundial e por iniciativa do grande apóstolo da concórdia humana, que foi Franklin Delano Roosevelt, para quem já não bastava a independência como garantia de paz entre as nações americanas, antes se tornando imprescindível o reconhe-

cimento da interdependência de seus interesses, chegou-se às decisões da Conferência de 1936, em Buenos Aires, substanciadas na Convenção para manutenção, salvaguarda e restabelecimento da paz e na Declaração de princípios sobre a solidariedade e a cooperação americanas.

No primeiro desses instrumentos, entrega-se às reuniões de consulta das nações americanas a indicação das medidas a pôr em prática para debelar os perigos provenientes de qualquer perturbação da paz no continente, ou de qualquer ameaça a essa paz decorrente de guerra externa — um esforço a mais e estreitar os laços da solidariedade americana.

No segundo, firma-se o compromisso formal de se manterem unidas as nações do continente e de se considerarem tôdas atingidas por qualquer ato que perturbe a paz de cada uma.

Toma, assim, forma definitiva o sistema político interamericano, justamente no momento em que surgem visíveis no horizonte os primeiros sinais da luta próxima, que ensagüentaria a Europa, envolvendo todo o mundo. Nações adultas assumiam graves responsabilidades ante a manutenção da paz nesta parte do globo. Suas relações recíprocas, baseadas em propósitos de cooperação e justiça, e modeladas por mais de meio século de esforços ininterruptos, tinham a regulá-las numerosos convênios e instrumentos internacionais, em que se proscreve a conquista territorial, se condena a intervenção de um estado nos assuntos internos ou externos de outros, se declara ilícita a cobrança compulsória das obriga-

ções pecuniárias entre estados e se impõe a resolução, por via de conciliação, de arbitramento amplo ou de justiça internacional, de toda controvérsia ou disputa entre as nações da América, qualquer que seja sua natureza ou origem.

Formam êsses convênios e instrumentos um sistema político elástico, através do qual as nações do Continente, guiadas pelo princípio da igualdade jurídica, evoluíram até a solidariedade na repulsa às perturbações da paz, provocadas por elas próprias ou pelas nações de outros continentes.

Estava assim garantida, mediante o processo das reuniões de consulta, a colaboração de todas na escolha de um procedimento uniforme para enfrentar o perigo de luta armada no Continente, quando a segunda guerra mundial atingiu a América, mobilizando todas as forças vivas das nações do Hemisfério para a salvação dos princípios democráticos de que alimentam suas intuições políticas internas e em que se inspiram suas relações recíprocas.

A declaração da Segunda Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, realizada em Havana, em 1940, segundo a qual todo atentado de um estado não-americano contra a integridade territorial, ou a inviolabilidade de território, contra a soberania ou a independência política de um estado americano, será considerado ato de agressão contra todos, uniu, num esforço comum, as nações americanas para o revide ao ataque a qualquer delas, por potência extra-continental.

O sistema, todavia, não estava completo. Apesar dos compromissos que a todos impõe solucionar pacificamente suas controvérsias ou disputas, uma nação americana poderia recorrer às armas e tentar solucionar pela violência o que está convencionado só o seria pela razão.

Neste caso, como procederem os estados fiéis às suas obrigações, com relação à vítima e ao agressor?

Uma resposta provisória a essa grave interrogação, que envolve os destinos do Continente, deram as repúblicas americanas, na Conferência sobre os problemas da guerra e da paz, reunida no México, em fevereiro de 1945, com a resolução VIII da Ata de Chapultepeque. Prometendo-se assistência recíproca enquanto durasse a guerra, decidiram que o atentado, por um estado americano a outro, seria considerado ato de agressão contra todos os demais. Foi o passo decisivo para a consolidação do sistema interamericano, baseado na solidariedade continental, na cooperação recíproca e nos auxílio mútuo.

Embora taxativo apenas enquanto subsistissem as perturbações produzidas pela segunda guerra mundial, a consciência dos povos americanos reclama a incorporação do acôrdo ao Direito Internacional do Continente. As conseqüências que dêle provirão, embora retardadas, momentaneamente, pelas circunstâncias lamentáveis a que se deve o adiamento da Conferência do Rio de Janeiro, serão ricas de proveito para a união panamericana, que atingirá apesar das imperfeições naturais, próprias da obra humana, a um estágio superior de organização

política, e para a Organização das Nações Unidas, cujo sistema ela integra, como exemplo de convivência pacífica, praticável entre os povos civilizados.

Essa concepção da vida internacional, orientada pela compreensão recíproca dos interesses nacionais e pelo propósito de atendê-los por meios pacíficos, obra de gênio americano despertado por Bolívar, é o agente animador do Panamericanismo, cuja evolução se vem processando, desde a criação da “União Internacional das Repúblicas Americanas”, a 14 de abril de 1890.

Neste período de sobressaltos para a vida internacional, em que vivemos, entre a guerra que findou e a paz se não restabeleceu, o concurso dos estados americanos à obra de redução das divergências ameaçadoras, suscitadas entre as nações vitoriosas por ambições nacionais incontidas, será tanto mais valioso quanto mais fiéis se conservarem aos princípios do panamericanismo as repúblicas do Continente.

“A América continua unida e vigilante nas salvaguardas dos nossos comuns interesses, na defesa da paz e no esforço de colaboração, para que se mantenham em todo o mundo os mesmos princípios em que se assenta a nossa fraterna política continental”, proclamou em Lima, na VIII Conferência Internacional Americana, o ilustre chanceler brasileiro Afrânio de Melo Franco.

E essa atitude de vigilância e colaboração é hoje um imperativo da cons-

ciência dos povos do Novo Mundo, revoltada ante o espetáculo de tantos sofrimentos provocados pela insânia criminosa daqueles que arrastaram grandes e prósperos estados a uma aventura sanguinária de que se envergonhará para sempre o gênero humano.

A obra de concórdia entre as nações — única salvação para este mundo atormentado — a colaboração do Brasil está de antemão assegurada, porque constitui uma tradição ininterrupta de nossa política externa, afirmada não só no Continente como no cenário universal, onde os representantes do Brasil têm sido fiéis intérpretes das aspirações de fraternidade e justiça do povo brasileiro. Nos congressos panamericanos, como na Conferência da Haia e na Liga das Nações, o sadio pacifismo da nossa política externa traduziu sempre os nobres anseios do Brasil pela felicidade dos povos de todo o mundo, anseios pelos quais temos dado não só o concurso intelectual dos nossos estadistas, mas também o sangue generoso dos nossos soldados.

Ao celebrar hoje o Dia Símbolo do Continente, que relembra a fundação em Washington, da União das Repúblicas Americanas, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemora mais do que os fastos gloriosos das nações irmãs: o triunfo do Panamericanismo, a cujos propugnadores, de todos os tempos e todos os países, rende a homenagem de sua admiração.

CENTENÁRIO DE RAMIZ GALVÃO

I — Ramiz Galvão no Instituto Histórico

J. C. DE MACEDO SOARES

Benjamim Franklin de Ramiz Galvão, Barão de Ramiz, entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 16 de agosto de 1872, apresentando uma monografia sobre a “Ordem Beneditina Brasileira”.

Nesse mesmo ano, tendo adoecido o orador oficial, Joaquim Manuel de Macedo, foi Ramiz Galvão designado para substituí-lo, pronunciando a 15 de dezembro o elogio dos sócios falecidos.

Em 1909 passou sucessivamente a sócio honorário e benemérito.

Comparecendo ao Instituto a 12 de outubro de 1909, depois de um afastamento de 26 anos, foi Ramiz Galvão saudado pelo Barão do Rio Branco, então Presidente do Instituto. Designado em 1912 para o cargo de orador oficial, foi, três anos mais tarde, eleito orador perpétuo.

Tão revelantes foram os serviços prestados pelo Barão de Ramiz no Instituto Histórico que, em 1917, foi elevado a categoria de sócio Grande Benemérito.

De 1912 a 1938, data de sua morte, foi Diretor da Revista do Instituto, onde publicou 105 trabalhos. Na qualidade de orador oficial saudou as mais eminentes personalidades nacionais e estrangei-

ras que visitaram o Instituto Histórico e pronunciou 186 necrológicos.

Presidiu a três Congressos de História organizados pelo Instituto em 1914, 1922 e 1931.

Várias homenagens prestou o nosso sodalício a Ramiz Galvão. A primeira quando da comemoração do seu jubileu científico a 3 de dezembro de 1918, tendo sido saudado pelo Sr. Basílio de Magalhães. A segunda, a 16 de agosto de 1922, ao completar 50 anos de sua admissão ao Instituto, foi então realizada uma sessão solene na qual o Presidente Conde de Afonso Celso entregou ao Barão de Ramiz um ramo de louros, sugestão do Sr. Afrânio Peixoto, que a seguir saudou o homenageado. A 16 de junho de 1936, completou Ramiz Galvão 90 anos e novamente se reuniu o Instituto para homenagear o seu orador perpétuo, falando nessa ocasião o Presidente Afonso Celso.

Faleceu Ramiz Galvão em 1938 e na sessão magna desse ano o Sr. Alfredo Valadão fez o seu elogio.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemora hoje o 1.º centenário do nascimento do seu saudoso consócio, Benjamim Franklin de Ramiz Galvão.

II — Palavras do Ministro Alfredo Valadão

Quando orador oficial do Instituto, já falei longamente sobre os méritos de Ramiz Galvão, ao fazer-lhe o elogio, na sessão magna de 21 de outubro de 1938.

Já falei dêsse vulto extraordinário, em quem madrugou a inteligência e madrugou a cultura, que sempre na frente na sua vida escolar, começada em tenra idade e cumulada de distinções que nunca cessam, recebe a láurea de bacharel em letras pelo Colégio Pedro II, nos tempos áureos dêsse estabelecimento, digno do nome de seu patrono, o “neto de Marco Aurélio”, e do nome do seu fundador, êsse Bernardo de Vasconcelos, que não foi apenas “o gigante parlamentar” de que fala Joaquim Nabuco, “o fundador do nosso parlamentarismo” de que fala Rio Branco, senão ainda uma das maiores expressões de nossa cultura; tão jovem recebendo essa láurea, que há de ficar detido nos umbrais dos Cursos Superiores esperando o implemento da idade legal: 16 anos; e que entrando afinal para a Faculdade de Medicina, é com igual brilho que faz estudos e exerce, depois, uma de suas cátedras, conquistada em concurso, no qual tem como contendores um Sousa Lima e um Domingos Freire. Dêsse vulto extraordinário do pedagogo, com a maior parte de sua longa vida consagrada à instrução da mocidade, e “desde os augustos filhos da Realeza, até os infelizes órfãos, nascidos e criados na triste penumbra da pobreza”, do que com justa causa se vangloriava; do humanista, versadíssimo nas letras latinas e nas letras gregas; do orador elegante

e de moldes clássicos; do filólogo, com obras publicadas; do universitário; do diretor da Biblioteca Nacional, determinando os maiores dias dessa casa; de historiador com trabalhos publicados, e que entra para o Instituto como um dos seus maiores colaboradores, e sobretudo como o seu por tanto tempo notável orador; do homem de letras, por tudo isso dos maiores de que se orgulha o nosso país, que se em 1897 se esquivava à honra de sócio fundador da Academia Brasileira de Letras, mais tarde, entretanto, tem afinal o ádito a êsse grêmio como quem não lhe podia faltar à sua glória. Por fim do trabalhador de sempre, de todo o dia, na sua tão longa existência, que só descansa com a morte, e no qual fundava a fé religiosa e os sentimentos culturais se irmanavam com os sentimentos cívicos.

Agora, e avivando nessa síntese o que então falei, quero, sobre a nobre e grande figura de Ramiz Galvão, exprimir um reconhecimento que lhe devo, e tão sensível ao meu coração.

Foi com a *Campanha da Princesa*, com a história de minha querida e gloriosa terra natal que, já vai tão longe, em 1912, entrei para o Instituto.

Constituí, porém, êsse trabalho apenas um opúsculo, uma síntese, de acontecimentos memoráveis ali ocorridos, ou fora dali por obra de campanhenses, aos quais alguns outros ainda acrescentei, da mesma forma, no discurso que tive a honra de pronunciar ao ser recebido.

E, encerrando-o, eu prometi escrever a História da Campanha, com o mesmo iniciada.

Era, por aquêl tempo, Ramiz Galvão o orador do Instituto; por êle tive a subida honra de ser recebido.

E sua oração, como sempre de molde clássico, elevada, do mestre consumado da tribuna, se foi para comigo de uma generosidade sem limites, nos títulos que me atribuiu, foi de lídima justiça para com a minha terra.

Com a largueza de suas vistas, por aquela síntese soube julgá-la, e tão alto que não teve dúvida em saudar nela, na Campanha, a própria Minas Gerais, em frases lapidares e luminosas, das mais brilhantes que até hoje se têm escrito sobre a *Terra da Inconfidência*.

Por isso naturalmente, mais do que pelos méritos que eu pudesse ter, foi que me estimulou, com generosidade sem limites, nos títulos que me atribuiu, repito, para prosseguir, naquela obra da História da Campanha.

E nenhum estímulo poderia ser maior nem mais honroso para mim do que êsse.

Entretanto, a vastidão da obra a realizar, os encargos funcionais, que eu de-

sempenhava, ministro do Tribunal de Contas, e, ao lado disso, depois de algum tempo, professor da Faculdade de Direito, bem como a elaboração jurídica em geral, a que desde aquela época me dediquei dentro e fora do Instituto, tudo isso determinou que só muito mais tarde eu pudesse levar a cabo tão grande e tão grata tarefa.

Embora não deixando jamais de fazer estudos e ir acumulando apontamentos, que pudessem aproveitar ao assunto, só há alguns anos, entretanto, depois que me aposentei naquele cargo de ministro do Tribunal de Contas, e me exonerei da cétedra da Faculdade de Direito, foi que pude intensificar meus trabalhos, realizar, afinal, aquela obra Histórica da Campanha, escrita em quatro volumes, e mantido aquêl título histórico — *Campanha da Princesa*.

À homenagem que presto, nesta hora, à memória do grande brasileiro, que foi Ramiz Galvão, quiz pois acrescentar a expressão dêsse meu reconhecimento, como bem posso expressar, o reconhecimento de minha gloriosa terra natal, e de tôda a gloriosa *Terra da Inconfidência*.

III — Oração do Dr. Braz do Amaral

As vidas beneméritas não podem ser as dos guerreiros, os grandes destruidores, nem as dos acumuladores de riquezas.

Admitido isto como verdade, elas só podem ser as dos que se dedicam a fazer o bem aos seres humanos pela saúde, ou pela extensão do saber. Distribuir o

haurido pela inteligência, promovendo obras da felicidade social, desenvolvendo os que já se acham conhecidos, mas que falta completar para utilidade do maior número, facilitar alimentação e espalhar conhecimentos, tal é a tarefa das vidas beneméritas, que são sempre excepcionais.

Ora, poucos homens de vulto, nestes últimos cem anos, têm mais direito à excelsa honra da benemerência do que Ramiz Galvão.

Foi um generoso distribuidor de saber.

Dotado de formosa inteligência, foi, desde os mais verdes anos, um estudioso.

A sua admirável faculdade de aprender pela visão e pelo ouvido fêz chamar para êle a atenção dos meninos, dos colegas de cursos escolares, tanto como de seus mestres, de onde resultaram as deferências de que foi alvo.

Obteve a gratuidade na aprendizagem ao Imperial Colégio Pedro II e depois foi promovido com exemplares notas distintas.

Isto, com certeza, o animou muito para a aprimoração.

O prêmio, que lhe foi conferido por Miguel de Frias, dos *Amantes da Instrução*, em 1864, pode contar-se como das mais estimulantes animações, quando contava apenas 18 anos.

Entrou assim já laureado no Colégio Pedro II, do qual saiu diplomado bacharel em Letras em 1861.

Matriculou-se então no curso médico, graduando-se com o título de doutor em 1868.

Já se distinguira entre os seus colegas pelos dotes de exposição oral, pois foi por êles escolhido para os representar na solenidade da colação de grau.

Já era considerado como muito valioso o seu talento na Faculdade, pois a consagração mandou imprimir o seu curso.

Formado médico, levantou-se em seu espírito a questão que a todos nos assalta em situação idêntica.

Como começar a vida prática?

Enveredou pela que lhe parecia mais fácil aos seus pendores, a do magistério.

Havia naquele tempo nas Faculdades de Medicina uma seção em que se aprendiam algumas matérias consideradas necessárias para compreender as agruras do curso e que se chamava das Ciências Acessórias, as quais passaram muito bem entendidamente para os preparatórios.

A tese que sustentara para o seu doutoramento foi sobre o Valor do Calomelanos no Tratamento das moléstias das Serodas, acompanhada das proposições sobre o Diagnóstico e Tratamento das Lesões dos orifícios esquerdos do coração.

Tuberculose Pulmonar .

Infanticídio por Omissão.

Inscrevendo-se para o concurso a Opositor, escreveu a sua tese sobre o Calor, Luz, Magnetismo e Eletricidade, considerados como agentes distintos.

Êle sustentou a opinião dos que pensavam serem elementos diferentes e como tais agentes de cura nos organismos, pelo que deveriam ser assim ensinados nos cursos médicos.

Nomeado opositor, teve de lecionar a cadeira de Botânica e Zoologia, que havia sido ocupada pelo ilustre Caminhoá, em 1880.

Leccionou também Literatura Nacional e Grego em 1869, Retórica e Poética no Colégio Pedro II, onde fizera as suas primeiras provas, na qualidade de aluno com tanto brilho ali ainda leccionou Latim.

Também exerceu o lugar de médico da Saúde do Pôrto e serviu em algumas enfermarias criadas no período trágico da Guerra do Paraguai.

Teria Ramiz Galvão o sentido vocativo, propriamente entendido, para a profissão médica, isto é, para a clínica?

Isto se passou há tanto tempo, rareiam tanto os amigos e companheiros daquela época, são de tal modo escassos os elementos de que podemos agora aproveitar para obter informes que se torna impossível fazer juízo seguro sobre tão delicado assunto.

As ciências acessórias são materiais, positivas, pouco adaptáveis aos espíritos propensos aos estudos das matérias em que há liberdade para librar-se no espaço infinito da literatura geral, pelo que a alguns talentos elas não se apresentam como as mais simpáticas ou atraentes.

Delas tôdas, as mais belas são a Botânica e a Zoologia, mas estas mesmo estão sujeitas a certos delineamentos, dos quais se não pode sair.

Acontece a todos que entremos no estudo de uma ciência o que se chama predileção, uma certa simpatia, como a que se sente por uma localidade, pelo trato com um indivíduo, por uma disposição das flores, das árvores e até do céu.

Ramiz Galvão enveredou pelo magistério das Ciências acessórias, mas o seu espírito pendeu para estudos de outra amplitude.

Professando grego, apaixonou-se naturalmente pelo helenismo e escreveu um trabalho sobre Vocabulário das palavras portuguesas derivadas do grego — 1870.

Possuía uma cultura geral tão variada que o imperador Pedro II, homem competente e que muito o apreciava e distinguia, o indicou para o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional quando se deu a vaga daquele lugar importante. Foi ali no ambiente dos livros, no meio dêles que Ramiz Galvão, como declarou depois, passou os melhores anos da sua vida, a partir de 1870 até que êle foi retirado.

Em 1873, foi enviado a Viena d'Austria para representar o país na Exposição que se realizou ali, o que constituiu uma distinção honrossíssima e, quando de lá voltou, apresentou um relatório importante sobre as Artes Gráficas.

Já então havia feito, e de há muito, sua importante obra "Apontamentos históricos sobre o mosteiro beneditino de Nossa Senhora do Monte Serrate", e uma outra sobre o "Púlpito no Brasil".

Era então muito moço ainda. Quando diretor da Biblioteca, redigiu os Anais da Biblioteca Nacional.

Teve de deixar sua querida casa dos livros para assumir as funções de preceptor dos príncipes, filhos da Princesa Isabel d'Eu, herdeira do Trono. O Imperador lhe tinha dado mais esta prova de confiança e aprêço. Ocupando um lugar de destaque na côrte imperial, foi agraciado com o título de Barão e recebeu grande número de condecorações e outras distinções honoríficas.

Os acontecimentos de 15 de novembro de 1889 desviaram a sua carreira no Paço Imperial que desapareceu com a proclamação da república.

Um dos homens influentes na crise política que dominou então, o erudito edu-

ador Benjamin Constant, fê-lo nomear para inspetor da Instrução Primária e Secundária do Município da capital e aí se distinguiu criando as primeiras escolas profissionais que o Rio de Janeiro teve.

Foi presidente do Conselho Superior de Ensino e reitor da Universidade do Rio de Janeiro (o primeiro reitor).

Tendo entrado para o Instituto Histórico em 1872, ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1928.

Os seus discursos no Instituto Histórico, como orador perpétuo, constituíram valiosos auxílios biográficos sobre as personagens notáveis do Brasil no século XIX.

Foram mais de 186.

Em 1900 foi *magna pars* na comissão incumbida do centenário do Descobrimento do Brasil de que nos ficou o *Livro do Centenário*.

Não cessou o seu esforço, pois o vemos agindo poderosamente no Congresso de História Nacional de 7 a 16 de setembro de 1914.

Foram imensos os seus serviços para esclarecimento da vida deste país o que se prova no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil.

Trabalhou também na Imprensa, na Gazeta de Notícias, que obedecia à orientação de Ferreira de Araújo.

Mereceu o título de *Nagister Brasiliensis* quem, começando aos 19 anos com o trabalho sobre o "*Pulpito no Brasil*", meio século depois ainda produziu o que é o Dicionário.

Havendo exercido tantos cargos, alguns dos quais de alta relevância, Ramiz Galvão viveu e morreu pobre.

Traduziu a *Retirada da Laguna* de Taunay.

Organizou o Catálogo da Exposição Nacional em 1875 e também o catálogo de História do Brasil que é uma obra utilíssima na Biblioteca Nacional, indispensável a quem estuda este importante assunto, e um outro catálogo da Biblioteca do Gabinete Português de Leitura.

Fêz a biografia de Frei Camilo do Monte Serrate, seu antecessor na Biblioteca Nacional.

Ramiz, ao mesmo tempo que se entregava a esses trabalhos, era diretor do Asilo Gonçalves de Araújo, que se destinava à instrução de crianças pobres.

Dois colegas desta casa já fizeram comovidas e brilhantes homenagens a Ramiz Galvão, por motivo do quinquagésimo ano de serviço ao Instituto, e por motivo do seu nonagésimo ano de existência, Afrânio Peixoto e Basílio de Magalhães.

Foram mais afortunados do que nós, porque falaram em sua presença. Mais afortunados do que nós, que estamos a falar perante a magnitude da morte, em forma de necrológio, para fazer-lhe este agradecimento e esta lembrança no seu centenário.

Foi, portanto, à vista das provas, uma longa e útil vida.

E como isto é excepcional! uma coisa tão bela.

IV — O aio dos Príncipes

por ALCINDO SODRÉ

Ramiz Galvão, escrevendo sobre O Imperador e a Instrução Pública” para o volume 152 dêste Instituto, em comemoração ao centenário do nascimento de Dom Pedro II, e editado em 1928, termina, entre outras apreciações, com estas palavras:

“Permita-se-me agora um testemunho individual. Em minha vida de estudante, vi o imperador assistindo a aulas no Colégio Pedro II; vi-o em 1861 assistindo a todos os meus exames do 7.º ano; vi-o ali mesmo depois, em 1870, sentado a meu lado, quando regi interinamente a cadeira de Retórica, Poética e Literatura Nacional; vi-o em 1868 na Faculdade de Medicina, assistindo à minha defesa de teses, e ainda em 1871, quando prestei provas no concurso para lente da mesma Faculdade”.

Em 1882, jubilado como professor da Faculdade e bibliotecario da Biblioteca Nacional, Benjamin Franklin Ramiz Galvão é escolhido pelo Imperador para a importante missão de preceptor de seus netos, os filhos da Princesa Isabel. Tinham então os Príncipes Dom Pedro, Dom Luís e Dom Antônio, respectivamente, seis anos, quatro anos e um ano de idade.

Apressava-se assim, Dom Pedro II, em preservar a educação dos netos, pela feliz escolha de um mestre, apontado na sua época como dois mais capazes para o desempenho do delicado papel.

Assim foi que o Decreto n.º 845, de 15 de setembro de 1882, constante dos Re-

gistros de decretos no Livro n.º 37 da Mordomia da Casa Imperial, hoje recolhido ao arquivo do Museu Imperial, dispõe:

“Atendendo ao merecimento e aos requisitos que concorre na pessoa do Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão:

Hei por bem nomeá-lo Aio dos Príncipes, filhos de minha prezada filha a Princesa Imperial Dona Isabel. O Barão de Nogueira da Gama, do meu Conselho de Gentil-Homem da Minha Imperial Câmara, assim o tenha entendido e faça executar. — Palácio da Boa Vista, em quinze de setembro de mil oitocentos oitenta e dois, sexagésimo-primeiro da Independência e do Império.

Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador. — *Barão de Nogueira da Gama*

Ramiz Galvão seria aio dos Príncipes durante sete anos e dois meses, isto é, até à proclamação da República, quando no Palácio de Petrópolis, com seus pupilos, recebendo um telegrama da Princesa, que lhe reclamava os filhos, levou-os para a Corte, onde de pronto se juntaram aos Pais e Avós, já embarcados para o exílio.

A 18 de junho de 1888, como fórmula de agradecimento a seus serviços, conferia-lhe o Imperador o Título com grandeza de Barão de Ramiz.

Um dos aspectos mais interessantes de seu trabalho como preceptor dos Príncipes foi a criação, nos últimos três anos de sua missão, dos jornaizinhos “Correio Mirim”, “Correio-Açu” e “Correio Imperial”, destinados ao exercício espiritu-

os Príncipes. A impressora desses pequenos periódicos, editou as

*

Poesias

(originais e traduções)

de

S. M. o Senhor D. Pedro II

*

Homenagem de seus Netos

*

Petrópolis

Tipografia do Correio Imperial

MDCCCLXXXIX

*

Nessa imprensa, apareciam ligeiras e adequadas colaborações dos Príncipes, fazendo as suas iniciais.

Eram, em geral, composições do sentimento efetivo, de saudação aos pais e avós, nas datas familiares, ou nos dias vícios, quando não exercícios sobre temas de estudo.

E também reproduziam originais de Ramiz Galvão e do Barão de Loreto, sob as iniciais R. G. e F. D. (Franklin Dória).

Ramiz Galvão ocupava-se de variado assunto: ora uma crônica sobre música, ora o resumo de um concerto em palácio, ora crítica literária, sobre um livro de história relativa à guerra do Paraguai, aos trabalhos do Imperial Observatório do Rio de Janeiro, lições de coisas, como seja a descrição do monjolo, ou então artigos exaltando as batalhas de flores, as querências e outras festas promovidas pela

Princesa, a fim de angariar fundos para a conseguida abolição de escravos em Petrópolis.

André Rebouças, em seu "Diário", registra que, às 16 horas de 15 de novembro de 1889, partia para Petrópolis, na barca "Príncipe do Grão-Pará", com o Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, e os três filhos do Conde d'Eu.

E, referente ao dia seguinte, 16 de novembro, assinala: "10 hs e meia — Conseguindo com dificuldade jornais do Rio; dêles concluiu partir para Europa com a Família Imperial, em lugar do Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, impossibilitado de partir pela numerosa família. 19 hs — O Dr. Franklin recebe, depois de 30 minutos de angústia, o telegrama da Princesa, pedindo seus filhos. Providenciamos para a partida".

No dia 17 de novembro, desciam os Príncipes com o seu preceptor.

Nos primeiros dias de dezembro, publicara "O País" um relato das ocorrências verificadas por ocasião do embarque da Família Imperial no cruzador *Parnaíba*, escrito pelo capitão-tenente Frederico Guilherme de Sousa Serrano, incumbido pelo Governo Provisório de acompanhar os exilados até ao transbordo para o paquete "Alagoas", na enseada da Ilha Grande.

Nesse relato, havia o seguinte trecho: "Às 9 horas e 15 minutos, atracou uma lancha com os pequenos príncipes filhos do Sr. Conde d'Eu, acompanhados do engenheiro Rebouças".

No dia seguinte, o mesmo jornal divulgava uma contestação do Barão de Ra-

miz, da qual se destacam os seguintes períodos:

“Peço-vos licença para retificar um ponto que me diz respeito, não só por amor à verdade histórica, mas ainda porque a narração adulterada dos acontecimentos poderia lançar sôbre o meu pro-

cedimento uma suspeita, que não consinto que prevaleça. A verdade é que nesse dia à hora indicada, conduzi *eu* para bordo do “*Parnaíba*” os pequenos príncipes confiados à minha guarda desde a manhã de 15. Cumpri desta sorte o último dever de meu cargo, com a lealdade e correção que tive sempre por normas”.

V — Palavras de Pedro Calmon

O Sr. Pedro Calmon diz que Benjamim Franklin de Ramiz Galvão foi um desses raros homens a quem a vocação intelectual orientou coerentemente pela vida afora, desde os alôres da mocidade — precoce e grande estudante — até a velhice conspícua — que todos lhe admiramos. Nada mais foi do que homem de ciência, abnegado e tranqüilo sábio, que pôs os profundos conhecimentos clássicos a serviço do País, professor de medicina, diretor — dos maiores que teve a casa de D. João VI! — da Biblioteca Nacional, mestre dos príncipes filhos do Conde d’Eu, administrador do ensino, humanista, acadêmico, orador perpétuo do Instituto Histórico e um dos esteios morais desta ilustre sociedade. Jamais nêle se atenuou o entusiasmo cívico. Ardia-lhe, persistente, a flama do otimismo patriótico, a fé nos destinos do Brasil, o vigilante amor à cultura que o eleva e defende. Parece que estamos a vê-lo, nos seus últimos anos, vibrante, na tribuna, rejuvenescido, esplêndido de energias exuberantes, a dar ao discurso proferido em voz clara, por vêzes trovejan-

te, o sentido magistral, profético ou sagrado da mensagem ao Espírito brasileiro, da advertência austera à juventude nacional!

Varão eminente, trabalhador dos mais perseverantes na seara das letras eruditas, intérprete virtuoso de épocas sucessivas da evolução brasileira, desde o apogeu do Império, de que foi ornamento e servidor, até bem perto de nós, contemporâneo, com isto, das gerações que por sete décadas assistiram ao desenvolvimento da Nação, a sua figura nobre e calma pertence às tradições do Instituto integrada nas suas glórias autênticas, incontestáveis e preciosas.

Lembrando-lhe o centenário, evocando-lhe a existência, restaurando-lhe, com as tintas novas do comentário histórico, o esmaecido retrato de grande personalidade de outrora, o Instituto lhe faz honra e a si próprio homenageia e comemora, pois o prestígio das associações desse porte, está, exatamente, na justiça que distribui aos seus excelsos operários, artistas ou arautos que foram da grande Pátria!

VIAGENS DE INSTRUÇÃO DE GUARDAS-MARINHAS

CARLOS CARNEIRO

1. *Os cursos.* Falar sobre os navios-escolas, ou melhor navios de instrução, é falar de quase tudo na Marinha, pois o oficial se instrui desde que pensa em seguir a carreira até conquistar os bordados de oficial-general se até lá chegar.

Estuda antes do concurso, e vejamos lá, talvez seja o mais árduo e enganador problema do jovem; antes de pertencer à classe está sentindo as dificuldades, as ansiedades, os desequilíbrios que o acompanharão durante toda a vida militar. Depois de vencer as provas e lograr classificação dentro do número de vagas, seguem-se quatro ou cinco anos de labuta escolar, de novas lutas, alegrias e desesperos, exercícios, viagens, e por fim o primeiro e o melhor de todos os galões, pois realmente arrancado através numerosos esforços e extensos anseios de glórias, conquistas, acessos, brilhanturas, que enchem o espírito e o coração dos moços. Todos o fomos e sabemos como, na alma de cada um, lateja e palpita incontinente desejo de tudo conseguir e confiar inquebrantável de vitória sobre quaisquer obstáculos, confiança que os anos vão minando como a gôta, de água, minuto a minuto tais os ponteiros do relógio vai minando os edifícios mais solidamente construídos, ou o verme carunchoso que destrói sem ruídos, na ação de duende que ninguém percebe, as mais ricas molduras ou as esquadrias da madeira mais opulenta e preciosa.

Como segundo-tenente tira outro curso, depois de um ano da viagem de instrução, em regra no navio-escola; esse novo curso pode ser chamado de som, ou de agulha, ou de spotagem, ou de tática anti-submarina, ou de caças, ou de motores, enfim, o galão de segundo-tenente não poderá passar em branca nuvem. Anima-o o já ilustrado oficial com as belas notas

que suas noites de vigília, estudando porfiadamente os postos do instrutor, lhe permitiram ostentar ou suportar com sobranceira os olhares dos colegas, e no novo posto, o de primeiro-tenente — a especialização, mediante longo e difícil curso, o está esperando, presenteira mas decidida, se não for levada a sério, a sepultar para toda a carreira a fama de oficial inteligente e culto que perseguia há quase oito anos, desde quando era ginasião. Especializa-se, luta, dedica-se, esquece os outros cursos para somente pensar no atual e sem saber-se é de fato ou não um especialista, está com a habilitação indispensável à ascensão na hierarquia; mas havia, não existe agora, o curso de revisão e aperfeiçoamento que era tirado no posto seguinte, o de capitão-tenente; seguia-se o de Comando da Escola de Guerra Naval, como capitão-de-corveta, alguns já avós queridos pelos interessastes netinhos, e finalmente como capitão-de-fragata ou capitão-de-mar-e-guerra, o último escalão na obrigatoriedade regulamentar: de revisão ou superior da Escola de Guerra.

Assim precisamos convir que o Brasil se esforça para que seus oficiais de Marinha recebam toda a instrução que se faz mister, e note-se que não há exagero nessa tenacidade governamental; os americanos do Norte prestam exame, cada vez mais difícil ou pelo menos sempre variado e com maior volume de matéria para se habilitar à promoção em qualquer posto.

Outras marinhas variam as exigências mas todas as fazem ao sabor das épocas e das evoluções da técnica naval. Falar portanto da instrução em navios-escola será tratar em geral da Marinha porque estão os assuntos indissolúvelmente ligados.

2. *A atração do mar* — E para falar das coisas navais, do mar e de suas múltiplas expressões de atividade, recordo-me desde logo de veementes palavras de um historiador frances, dos mais eminentes, na obra "*Histoire de la Marine de tous les peuples*" — por Bouvet de Cressé. Ele lembra Luciano de início, cujas palavras são a profissão de fé do historiador:

Se é preciso que um historiador tenha visto um exército, soldados dispostos para batalha, isto que se chama o flanco ou ala, a frente, batalhões, máquinas de guerra e que não se apóie nos olhos de outros; se é sobretudo necessário que seja livre, nada esperando e não temendo nada, a ninguém perdoando, juís equânime e indiferente, sem país e sem senhor, que diga as coisas como elas são, sem as carregar nem as disfarçar (porque não é um poeta, é narrador, e por consequência não é responsável pelo que conta); se é preciso, em uma palavra, que se sacrifique pela verdade única, e que não tenha ante os olhos esperanças maiores que as desta vida, mas a estima de toda a posteridade", concluía de Cressé" que "qualidades indispensáveis não se tem o direito de exigir daquele que, empunhando a pena sagrada ousa traçar os fastos da Marinha universal, tomá-la no seu berço, segui-la pelos longos e tardios desenvolvimentos e realizar enfim a idéia-mãe que lhe sugeriram dois navegadores célebres, honras da pátria, Bougainville e Villaret-Joyeuse".

E conclui apaixonado, o eminente escritor:

"Digamos com altivez: Que se condene ao mais rigoroso silêncio quem quiser falar do mar, sem lhe ter arrostado pessoalmente os perigos".

Sim, era entusiasta de Cressé; os dois volumes de sua obra o demonstram exuberantemente, tanto quanto suas palavras inflamadas.

Lembremos que viveu u século atrás quando a liberdade dos mares é tema universal tanto quanto a bomba atômica atualmente.

E' por isso veemente na condenação de Selden, o celebrado jurista inglês que guardava altivamente a autonomia de linguagem na corte de Jaques 1.º e de Carlos 1.º, o que lhe

valeu prisões e desgostos profundos, justamente porque adotara como divisa preferida "A liberdade sobre todas as coisas", e que no entanto escrevera o "Mare Clausum"!

Sim ele adorava a liberdade; sabia que esta mesma liberdade como se tem dito, é a primeira necessidade do homem; que seu exclusivo privilégio é não obedecer senão às leis e de nada temer além delas; que pode ser combatida, mas nunca destruída; que subsiste por toda parte onde vivem almas fortes; que se conserva nos grilhões; que vive nas prisões; que renasce sob o cutelo dos carrascos; que considera salva em continência as descargas dos pelotões de fuzilamento; e entretanto, diz ele, "vergonha, vergonha eterna à sua memória infamada, ele publicou o Mare Clausum".

Que vaga, respondi, que turbilhão imenso, igualando em altura as mais elevadas montanhas, submergiu o vaso de Oronto, o fiel companheiro de Enéias? Sobre que ponto fixo, temístocles, em Salamina, venceu os persas? Onde se travou a batalha do Actium, que decidiu a sorte do Universo? E mais tarde, sob que grau de latitude, e em que parte da Mancha se anularam a frota invencível de Felipe II e anátemas fulminados contra Isabel pelo papa Sixto V?

Defesa brilhante da história e ridicularíssima para os pretensos dominadores dos mares.

Senhor ou Senhora dos Mares! Que palavra ridícula! Senhor é Deus. Ele só tudo possui e tudo criou. E' o único a dominar os elementos, os impérios e as terras, traçando-lhes os limites. Quem domina os mares? Quem isto significa? O navio, a divisão, a frota, a esquadra? Saíam para o mar os dominadores. De repente "o horizonte se carrega de vapores ardentes e sombrios; o sol empalidece; a superfície das águas, unidas e sem movimento, cobre-se de cores lúgubres; o céu entesado e fechado por todos os lados, oferece aos olhos uma abóbada obscura cortada pelo relâmpago; o raio espanta, a rajadas redobradas, essas barreiras de trevas e de luas suspensos; nuvens espessas, em massas, rolam nos ares, caem em torrentes sobre o mar agitam até aos abismos; tudo ameaça, o trovão, os ventos, as on-

as; um ruído tenebroso se faz ouvir; as vagas espumantes se elevam até aos céus; frotas naufragam; equipagens parecem, corpos e ha-heres, e o “senhor dos mares” suporta que os elementos desenfreados perturbem impune a paz de seu império!.

Ninguém domina o mar. O mar é livre. Que patrão da lancha, que capitão de navio, que chefe-de-esquadra, que almirante ousaria a fatância de ter encadeado a onda sobre a qual acaba de ter lançado a âncora? Agitado incessantemente pelo vento, submetido à inevitável ação das marés, balançada pelo seu próprio pêso, esta mesma onda nunca fica no mesmo lugar; uma vaga brusca outra vaga. Eis aí o verdadeiro movimento perpétuo, este árduo objeto de procura de tantos sábios. Crescetariamos nós:

Tanto velaria dizer que seria alguém senhor ou senhora dos ares; o ar é tão livre como o mar, e pretender guardar apenas o tridente de Netuno é o mesmo que a águia se reservar a imensidade dos céus para seu vôo exclusivo ou qualquer nação o direito de sôzicha passear suas asas metálicas ostentando um direito pela força direito que seria então uma justiça!

Pode-se não admitir totalmente que só deva escrever sobre a história naval quem arrostou os perigos dos oceanos e com eles sobressaltou-se; mas sinceramente será preciso que admire o mar, se encante com os seus aspectos, não tenha antes se entusiasme com as suas cóleras, sintam o suave enlêvo de suas praias e recantos das enseadas. Vitor Hugo não poderia, apesar do gênio literário, produzir as descrições maravilhosas em “Os trabalhadores do mar” se não o amasse, e dêle não admirasse o ilimitado, as rochas escarpadas, os abismos indomados, ou como na sua expressão

“Ver o interior do mar é ver a imaginação do Ignoto”, a hipocrisia da vaga que como diz mata, rouba, sonega, ignora e sorri. Ruge, depois abrandam-se”.

A grandeza do mar se depara sob todos esses aspectos; na calma, como na tempestade, no branco dos furacões ou no espelhado das vagas, o lençol de esmeralda, único que convi-

nha a um Viking segundo a lenda de Rollon, o primeiro duque da Normandia, que nos conta Quinel e Montgon.

Compreende-se o entusiasmo que desperta; é indomável.

3. *Duas referências históricas* — Conta-se uma anedota sobre o grande rei Canuto, soberano da Inglaterra em 1031, talvez o único e senão, pelo menos o primeiro rei eleito pela Marinha, o qual estando em Southampton com toda a pompa real, colocou-se na praia assentado próximo das águas, e dirigiu-se ao mar com autoridade da seguinte forma, segundo nos diz Sir Nicholas Harris Nicholas, na sua “History of the Royal Navy”.

“Tu, ó mar! és, um meu súdito, como esta terra na qual estou assentado; nem existe dentro destes domínios quem ouse resistir a minhas ordens; agora eu ordeno, nem te aproximes desta terra nem julgues molhar os pés ou o vestuário do teu soberano”.

Mas a maré naturalmente subiu e depois de molhar-lhe os pés e a túnica, o rei exclamou:

“Que todo o habitante do planeta saiba que o poder dos reis é coisa vã e fútil, nem existe alguém digno do nome de Rei a não ser ele a sinal de cabeça os céus, a terra, e o mar, e tudo quanto sobre eles existe, obedece suas eternas leis”.

Desde então o rei Canuto não mais usou a coroa, depondo-a aos pés do Crucifixo e assim dando uma prova de humildade aos futuros reis. Essa anedota tem sido interpretada de diferentes maneiras, inclusive a que o rei quiz significar que o mar pertencia aos seus domínios.

De Xerxes conta-se coisa parecida com nos refere Van Tenac na sua “Histoire Generale de la Marine”.

O grande rei ameaçava a Grécia com seu exército de cinco milhões de homens e frota de 1.200 unidades. Dizia-se que a Grécia era muito pequena para conter o exército de terra, e o mar para conter o exército naval. Fêz avançar suas tropas para o Hellesponto, para atravessá-lo sobre dois pontões feitos com navios entre Abidos e Sestos. Um era ligado com cabos de cânhamo, fôra construído pelos

fenícios; e outro, firmado por cabos de cana, era trabalho dos egípcios.

A tempestade porém rompeu os pontões, estabelecendo a desordem geral.

Xerxes indignado com este primeiro obstáculo, sentiu violenta cólera dele se apoderar. Irritado loucamente contra o mar que se opunha a seus projetos, fêz-lhe das 300 chibatadas, como a um escravo rebelde; atirou-lhe ferros como os que se destinavam aos criminosos e, para significar que ele era seu cativo, mandou-o esbofetear, apostrofando-o:

“Ó mar! verdadeiramente amargo; teu Senhor te impõe este castigo, porque o insultaste sem razão, e éle que nunca te fêz mal algum”.

E para completar a extravagância cortou a cabeça de todos os trabalhadores dos pontões, como se fôsem garantias da inconstância do saldo elemento.

Também foi interpretada a anedota de Xerxes, que por metáfora, as 300 chibatadas seriam 300 âncoras que atirada para aguentar os pontões, havendo explicação adequada para os outros detalhes do caso, mas que não interessam a esta desenxabida palestra.

4. *A mística do mar* — Donde vem o entusiasmo pelo mar, por vêzes de populações que vivem longe das costas ninguém o sabe. Como se formam as vocações?

Maurice Loir atribui a atração do mar, às descrições das aventuras, às peripécias das descobertas marítimas, aos perigos das viagens e sobretudo ao instinto do desconhecido, surpresas, atividades, à impressão de vida de lutas sem a placidez cotidiana da maioria das profissões em terra, quando os dias mais se parecem com os outros.

M. de la Landelle acrescenta com muita verdade:

“A história dos naufrágios desperta interesse muito poderoso para deixar impressão de terror; não se conta o número de vítimas para se admirar aquêles que escaparam ao desastre, e ousa-se esperar, secretamente, ser um dia ator em um desses dramas horríveis de que o oceano é teatro.

A “Medusa” e sua jangada, o “Kent” incendiado no meio da tempestade, fizeram procelosidades para a Marinha e não acarretaram deserção de ninguém. Entra-se para a profissão do mar com a perspectiva de iguais catástrofes; elas se acham nas idéias do candidato à Escola Naval; nenhum marinheiro renunciou à carreira por que as tivesse encontrado”.

E’ isto fato verdadeiro, mesmo nos tempos das descobertas marítimas quando tão rudimentares as práticas a bordo, castigos drásticos, porque era preciso colocar meios ao alcance dos capitães para impor a sua autoridade e obter a fidelidade de guarnições recrutadas na escória das praias do litoral, nunca levaram aquêles marinheiros castigados pelos incríveis sacrifícios das tempestades, a desprezar o primeiro chamado de seu antigo capitão ou do corsário ousado.

O jovem que procura a carreira da marinha sente os eflúvios dessa mística especial, guarda-marinha, na viagem de instrução, quando não fêz outras de proporções razoáveis anteriormente, vai sorver, na sua plenitude, os huastos dessa vida característica, esquisita *sui generis* do nauta, nômade dos mares, dos corações, dos sentimentos leves e profundos que se emociona em cada pôrto, deixa um pedaço de coração em cada plaga, sente-se morrer em cada separação, mas prossegue a vida e, rante, com as sensações e as disillusiones também, porque nem sempre é ela de flores e de canções, de música e de festas.

5. *A marinha dos veleiros* — Os navios-escolas da nossa marinha foram geralmente vela, munidos de motores ou máquinas, pelas entradas e saídas de pôrtos. Os mais notáveis foram o “Benjamin Constant” e a atual galera-barca “Almirante Saldanha”. A parte primordial da instrução do jovem deveria ser a manobra da marinha a vela e tudo era feito digamos embora sob ásperos e algumas vèzes ríspidos aspectos, para que o futuro officiar adquirisse capacidade para dirigir por si esse complicado sistema do velame antigo. Não era fácil fazer-se um bom manobrista, pois a consecução se processava através de esforços contínuos, e alto sentimento de compreensão.

de deveres; sobretudo era necessário o gôsto da manobra.

Para os verdadeiros marinheiros, em navio bem organizado, sob comandantes dignos e officialidade briosa, nada mais atraente do que a arte de, sob qualquer tempo e ainda mais quando este ameaçador ou violento, orientar as vergas para o vento reinante, fazer evoluir o navio sob os esforços da brisa, diminuir ou aumentar a marcha pela compensação do pano. Nesse duelo entre o o homem e os elementos, como em todos entre o ser pensante que é o rei da criação e a natureza feroz ou bravia, existe algo elevado e poderoso a que o marinheiro não pode resistir. Virar de bordo com precisão, as velas harmoniosamente caçadas, os cabos claros a manobra, tudo limpo e a confiança de sua ação em quaisquer circunstâncias, constituem motivos de satisfação e de íntimo orgulho. Como o vapor ganhou a marinha a precisão matemática das travessias, as horas de chegada e de partida, o conforto, a segurança, o progresso indiscutível, vantagens consideráveis, mas a profissão do oficial de marinha parece ter perdido muito em poesia e no sugestivo antigamente cada quarto de serviço era uma possível interrogação, farto de episódios, fecundo em surpresas, hoje não variam essencialmente, está tudo previsto, cada coisa se passa sob forma regular, tabelada. E' esta a verdadeira monotonia do serviço, temperada apenas pelo amor à carreira e compensada pelo ardor profissional das guarnições.

Nos preparos de saída da frota a velas era espetáculo maravilhoso apreciar-se como os navios se cobriam de panos, manobram em fila nas passagens estreitas, uns atrás dos outros, e parecendo enorme serpente desenrolando seus anéis, compara brilhante escritor.

E durante a tempestade nada mais imponente que o navio diminuindo a superfície vélica, despiando-se de suas roupagens habituais sob o pulso vigoroso e a agilidade incomparável de seus ageiros e sotas, ferrando as velas altas, ou escorregando pela tralha, os cutelos entre os dentes, afrontando o perigo mortal com expressão prazenteira as faces, o orgulho nas feições, e uma displicência de exibição como se

tratasse de simples exercício ou de espetáculo para divertir curiosos.

A Humanidade está esquecendo inteiramente a marinha vela que entretanto durou 40 séculos. O vapor e a couraça, hoje o avião, triunfaram mas não se cobriram ainda da mesma glória que as naus de linhas, as graciosas fragatas e corvetas, os patachos e os bergantins do passado.

6. *A vida de bordo* — O guarda-marinha a bordo, na sua viagem de instrução, afronta inúmeros aspectos desagradáveis da carreira que escolheu. Temos o enjôo. E' um aborrecimento extraordinário. Quantos existem semelhantes pelos seus efeitos em outras carreiras que coisa alguma têm a ver com o mar? "Sòmente uma alma fraca, diz Landelle, um coração pusilânime, pode levar para o trágico *les petites misères intestines* inerentes à vida naval".

Os homens deparam em tôda a parte, em terra como sôbre o convés do navio, suas rivalidades, seus ódios, suas amizades, suas antipatias. Para suportar a vida em comum a bordo basta um pouco de filosofia e isto significa que cada um deve se julgar bastante para pensar e proceder, suficiente para si mesmo. Será pedir demasiado a um homem inteligente, que ensaie um pouco de reflexão ou de estudo para se colocar fora das competições que se lhe agitam em tórno? Todo oficial de marinha que assim proceder poderá atravessar sem desânimo os rigores da profissão. E' a opinião de Jurien de la Gravière, o qual recomendava aos marinheiros a prática da indulgência pois com esta virtude viveriam em boa harmonia.

Se não houver divórcio possível, será preciso não perturbar a vida do casal diz êle. Que se descubra cada dia uma imperfeição do vizinho que antes não se suspeitara, não é coisa que se deva admirar, mas com um pouco de clemência, de generosidade, de sabedoria cavalheiresca de uma e outra parte, pode-se perfeitamente percorrer, em doce intimidade, em agradável camaradagem, trajeto bastante longo.

E é tudo isto uma verdade. Cruzeiros demorados, longe de tudo em terra, passando-se

incríveis necessidades, a meia ração, sem água, as privações e os rigores do isolamento, o afastamento dos entes queridos, a ausência de notícias, acabam enfim por denegrecer dos caracteres.

Os espíritos, diz Maurice Loir, adquirem uma tensão significativa, emite-se as opiniões com singular azeduma. Surgem as discussões às vész pelos motivos mais fúteis. Parece que violentas disputas acabarão por penetrar a fundo nas consciências.

O quadro é sombrio. Aprontam porém as boas novas. Chega o Correio, notícias de casa, esperanças de regresso. Desaparece tudo, os espíritos se acalmam, cada um se torna conciliante. Na verdade, as palavras duras, ferinas, vinham nos lábios mas não haviam penetrado nos corações. E anos depois ao se encontrarem em outras comissões, que a carreira vária lhes seleciona, as recordações comuns os aproximam soridentes, camaradas, sem uma lembrança menos querida, porque a vida em comum e as dificuldades que se venceram com o auxílio mútuo, aproximaram suas almas e apenas esse sentimento admirável de companheirismo continua a subsistir, vívido e palpitante.

Outro aspecto da vida do guarda-marinha está nas suas relações com os subalternos; nos tempos que se se vão longe, poderia parecer que homens de educação assim inferior como a dos marinheiros, haveriam de receber com má vontade os jovens oficiais, inexperientes, sem o traquejo para lidar com muitos desabusados, alguns verdadeiras feras que suportavam inflexíveis, castigos tremendos de chibatás.

Nem um só guarda-marinha deixou de temer, para a dignidade de suas funções, esse primeiro contato com as guarnições, variando na mente de cada um como proceder na hipótese da desconsideração, da indisciplina, da desobediência.

Tudo engano; na verdade dedicações imensas surgiam dos velhos lobos do mar pelos seus jovens tenentes, elegantes, cheios de fé e de entusiasmo pela classe; êles, os marujos, sentiam a superioridade de inteligência e de maneiras dos novos graduados, e como que os sentimentos paternos que existem latentes em to-

dos os homens se despertavam nos corações daqueles impenitentes solteirões, assumindo aspectos de proteção cuja psicologia não é difícil de evidenciar.

Ten-se dito que a maior falta da vida de bordo é a monotonia. Não há dúvida que no mar, especialmente nos longos cruzeiros da marinha do século passado e do primeiro quartel ainda do atual, a variedade é pequena; não havia o rádio nem vitrolas, cujos primeiros tipos, ainda muito rudimentares, apareceram no crepúsculo do século passado, e eram deveras bisonhos no primeiro lustro do que vamos vivendo.

Mas não se sabe de nenhum oficial que por esse motivo, como pelo do enjão, tenha abandonado a profissão. Se na travessia muita coisa não foi interessante, as estadias nos portos vvão corpensar de muito as horas merendórias do alto mar, pois tudo passa a ser novidade, mexime nos portos estrangeiros ainda não conhecidos do oficial. E mesmo a bordo, os pequenos fatos tomam vulto, e aquêlê que ama verdadeiramente sua profissão encontra sempre tempo para estudos, observações, deveres, educação de seu pessoal e por fim o tempo passa a correr como em terra, com a mesma celeridade, e até algumas vész o oficial, ao terminar um cruzeiro de 30 dias, acaba esclarecendo: Como o tempo passou depressa!

7. O Guarda-Marinha e o casamento —

Os guardas-marinha, nas viagens de instrução, pensam no casamento, e muito nas suas noivas; quando algum se isola no tombadilho, à tarde, ou ao cair da noite, para fitar aéreo e melancólico determinada estrêla ou a lua dos namorados, certo de que ela, no mesmo instante, correu para a janela com o mesmo fim, os colegas acorrem e perturbam o devaneio. menos com o espírito de ridicularizar o companheiro do que retirá-lo das tristezas do isolamento e dessa palavra mirífica que se chama "saúde".

Alguns, entretanto, segundo velha teoria de que os oficiais de marinha não se dever casar para se dedicarem inteiramente à profissão, fazem planos de permanecerem solteiros. Lembro-me de um colega na viagem de instrução

tão contrário ao himeneu que foi colocado em último lugar na lista de casamento quando certo dia, com as brincadeiras próprias da idade, se apostava na praça d'armas quais os que se casariam primeiro. Esse colega após discussão muito viva quando amigável, apostava 10 contos de réis, grande quantia para a época, com o outro que não se casaria; a aposta tomou foros de solenidade; redigiu-se uma ata, muitos colegas assinaram como testemunhas. Pois bem, esse atualmente brilhante Capitão-de-mar-e-guerra, foi o primeiro a casar. Voltando da viagem viu certo dia uma moça em jardim da rua Mariz e Barros, onde também eu morava, isto é, na mesma rua, por isso estou a par das minúcias do caso dêste colega de turma. No fim de três dias passou a cumprimentá-la e no de três meses casavam-se, sendo até hoje felicíssimos. O colega levou-lhe como presente de casamento a ata, com discurso humorístico e a audiência dos signatários da mesma. Um dos bons presentes, por certo.

Algumas marinhas como a francesa até pouco tempo e a italiana exigiam doté da moça para que o oficial pudesse contrair casamento. Ainda no primeiro quartel dêste século na França o oficial precisava de licença do ministro para casar, e só lhe era concedida depois do exame de sua situação futura quanto aos meios de que poderia dispor o casal. Nada aliás impedia o casamento; são raros os oficiais solteiros. Em nossa Marinha atual a estatística é tódá favorável aos casados. Mais de 95%!

A que atribuir o fato? Penso que em grande parte, como faz Maurice Loir, à sedução da vida algo romanesca, cheia de peripécias do futuro marido. Quantas mães exclamam nas conversas de salão, quando as filhas são ainda muito jovens: "Eu, dar minha filha a um marinheiro, nunca!" E a verdade é que o faziam, porque o que quer a filha a mãe o quer. Há no coração de tódá a moça um pouco do sentimento que faz as irmãs de caridade, observa o mesmo autor, e a idéia do sacrifício, longe de parecer arriscada, mais seduz e atrai. Essa observação é mais verdadeira para os tempos da marinha a vela, mas ainda se applica nos dias que correm, apesar das vantagens do

progresso, da facilidade da família do oficial seguí-lo nas comissões demoradas.

A não ser esse sentimento, como explicar tantos casamentos? Não são em geral ricos, na maior parte afastam-se do lar, mil dificuldades se lhe antolham, e no entanto as espôsas, amantes e desinteressadas, suportam com resignação os rigores das longas ausências, arrostam com coragem as austeridades do isolamento; assumem a tarefa tremenda de educar os filhos, de regular os interesses materiais, pensando no ausente e dando o exemplo de raras e sólidas virtudes. As suas maiores alegrias são as da volta do marido e, então assumem as atitudes das outras, felizes no seu lar, vaidosas de seu espôso e de seus filhos, com o sabor da vitoriosa no porfiado combate.

Ainda agora os guardas-marinha vivem na esperança do galão de primeiro-tenente ou dos 25 anos de idade para contrair o matrimônio; os pedidos ao Ministro para dispensa de interstício são comuns; as noivas protestam contra o que chamam o racionamento do amor e elles mesmos se impacientam.

Há uma página de literatura interessante no romance "Sur la mer jolüe" de André Armandy.

Conversam dois jovens tenentes, de nomes Arnault e Loredan. Dizia o primeiro, na longa travessia para o Oriente que faziam:

"Não temos o direito de nos casar, meu velho; eis aí minha convicção".

"Contudo, muitos o fazem".

"Sim a Marinha se torna burguesa, e cria ligações que será preciso romper cada vez que vai viajar. Imaginas os desesperos que isto cria dos dois lados, quando se ama?"

"Mas se faz".

"Não, nunca; algumas vèzes se habitua, mas é pior. As fibras partidas não mais se unem, e isto faz uniões onde nada existe de comum e não ser o nome, e sem outro laço a não ser os filhos — quando êstes existem. Não, Lorenan, em nos tornando marinheiro, não foi uma profissão que escolhemos, foi uma vocação que seguimos. Seria belíssimo que ela não oferecesse senão alegrias. Somos nômades por definição. Não temos o direito de

criar um lar, sabendo que é para elle deixar um coração inquieto pelos nossos riscos, desolado pela nossa ausência”.

Lorendan escutava com um sorriso de visionário.

Eu não vejo a coisa assim”.

“Então é porque a vêz errada”.

“Não creio”.

Arnault parecia lutar contra uma surda irritação. “Poder-se-á ter uma visão do teu quadro?” disse elle com fria ironia.

“Eu imagino os dois seres diferentes. Cada um carrega consigo o complemento do outro. Eles se adaptam; ficam ajustados. Pode-se separá-los, mas não os desunir. A separação nada pode sobre elles porque existe o pensamento para ajuntá-los, as cartas para se amar. E quando os corpos se encontram, porque seus corações, elles, nunca se deixaram, é sempre com novo vigor, como se a ausência aumentasse os sentimentos de união. Não, Arnault, não, eu não vejo a coisa como tu”.

Eis o quadro.

8. *Imperial Marinheiro* — Se navios-escolas para instrução dos guardas-marinha e aspirantes só possuímos dois o “Benjamim Constant” e o actual “Almirante Saldanha”; é verdade que muitos outros, como navios de instrução, desempenharam o papel com maior ou menor brilhantismo. Tenho a impressão de que a primeira viagem desse tipo se verificou em 1828 com a fragata “D. Francisca”, era pequeno, 60 dias de mar, cruzeiro ao largo da costa brasileira, nas férias dos aspirantes, ou como chamavam então a Companhia dos Guarda-Marinha. Daí começaram a haver com mais regularidade, embora espaçadas.

Funcionava num ângulo do mosteiro de S. Bento e o ministro Conselheiro Miguel de Sousa Melo e Alvim propunha nos prédios em vista da deficiência de espaço no Mosteiro, ficando no andar térreo os Armazens Gerais, no 1.º andar a Academia e no 2.º andar as secretarias de Marinha, de Guerra e dos Negócios Estrangeiros. “O orçamento para esta dispendiosa mas necessária obra, vai incluindo no orçamento para as despesas da Repartição de Marinha.

Assim, no ano letivo de 45 faz a “Bertioga” a viagem de instrução de mês e meio; em 1854 é a corveta “Bahiana” durante um mês, e destinada depois a longas e interessantes viagens, a quase todos os mares do mundo; esteve no Pacífico, nas Índias, na Europa, na África sob o comando de officiais que se notabilizaram e atingiram os altos postos da Armada posteriormente.

Dentre as primeiras viagens com guarda-marinha e de longo itinerário, destaca-se o da bela corveta “Imperial-Marinheiro” à Europa sob o comando de Francisco Cordeiro Tôrres e Alvim.

Construída no Rio. Lançamento — 1851. Primeiro Comandante Francisco Manuel Barroso da Silva futuro Barão do Amazonas”.

Antes em 1853 em viagem de instrução essa corveta fizera visita ao arquipélago das Malvinas ou Falklands, dirigindo-se ao cabo de Horn na Terra do Fogo.

Em 1857, porém, ainda em viagem de instrução, partira para a Europa sob o comando do futuro barão de Iguatemi, ajudante General da Armada, bravo de Curupaiti e Humaitá. O fato mais importante dessa viagem que foi longamente falada na Marinha imperial se verificou na hospitaleira Lisboa, que se enche de júbilo sempre que recebe os vasos de guerra daquém Atlântico.

El-Rei D. Pedro V. o amigo e discípulo de Alexandre Herculano, o monarca que morre aos 24 anos com luto sincero de toda a nação, demonstrou desejo de visitar a “Imperial-Marinheiro”.

No dia 3 de abril teve a corveta a honra de contar a seu bordo D. Pedro V, o rei D. Fernando seu pai, o infante D. Luís que pouco depois substituiu o irmão por morte deste, subindo ao trono com o título de D. Luís I, e o Infante D. João que também teve morte prematura, que como tantas outras que atingiram a família real lusitana deram causa à série de tumultos políticos pela nação nos primeiros anos do reinado de D. Luís.

Diplomatas, ministros, nobres da corte dignificavam o cortejo de S. M.; o ministro do

Brasil com o Comandante faziam as honras de casa.

Suntuoso *lunch* foi servido na câmara aos príncipes e na praça de armas aos convidados. A banda do Corpo de Imperiais Marinheiros tocou o hino nacional quando D. Pedro V leu um brinde ao Imperador do Brasil, seu pai. Festa demorada e magnífica. O rei percorreu minuciosamente o navio, de tudo indagando, da artilharia, da disciplina, a todos elogiando.

A “Imperial-Marinheiro” prosseguiu viagem trazendo muitas saudades na donosa rainha do Tejo. Foi a Cadix, Gilbratar, muitos portos do Mediterrâneo, tornou a passar o estreito, parou-se em Cherburgo e só entrou no Rio de Janeiro com mais de 1 ano de ausência do Brasil.

Chegava para novas festas. Inaugurava, entrando para o primeiro dique da América do Sul, o “Imperial”, o novo e grande melhoramento da Marinha. Custou muito a se enditar para a entrada do dique, nem era cabível que fôsse tudo fácil para técnicos que pela primeira iriam docar um navio.

Esteva presente S. M. D. Pedro II e a alicia reinava em todos. S. M. demorou-se bastante, antes descendo ao dique ainda seco, depois assistindo ao enchimento, e por fim a docagem. O “lunch”, servido foi muito apreendido, não tendo sido poupados os tradicionais pratos da época, nesse dia, em maioria saudando a Marinha e seu futuro.

Ao se retirar S. M. foi muito aclamado pelos amigos da monarquia e pela massa popular.

Terminemos com a “Imperial-Marinheiro”, a corveta que obtinha inúmeras simpatias nos navais da época. Pela segunda vez foi enviada para a Europa em viagem de instrução, sob o comando agora de Joaquim Rodrigues da Costa. Continuava como era de praxe os aspirantes do ano da Marinha e nos portos do Brasil os alunos do Pará fizeram-se muitos trabalhos hidrográficos.

Deixando o Rio de Janeiro em 1862 somente em agosto, dia 27, entrou no Pôrto.

Alvorçou-se a simpática cidade com a presença dos dignos representantes do Brasil. Dia e noite estava cheio o navio das mais conceituadas famílias portuguesas, encantadas com a proverbial gentileza dos oficiais em portos estrangeiros.

Esplendido jantar foi dado a bordo em retribuição a tantas gentilezas recebidas. A música de marujos de 18 figuras, desembarcou para tocar no Jardim de S. Lázaro onde se realizava uma festa de caridade. Por certo foi a atração da noite, como se diria na linguagem de 83 anos depois. A partida da corveta das águas do Douro foi sentida: inúmeras embarcações acompanharam-na até fora da barra.

Muitos favores, muitas gratidão, saudade e vida errante a seguir!

A 6 de setembro estava a corveta no Tejo. A 24 era aniversário do falecimento de D. Pedro I do Brasil, o duque de Bragança e os oficiais com o comandante foram a S. Vicente de Fora depositar uma coroa no túmulo do imortal Defensor Perpétuo do Brasil. Aproximava-se a época dos festejos pelo consórcio real; D. Luísa casava-se com a augusta princesa da Itália, D. Maria de Saboia. O comandante fez demorar o navio, mais do que lhe permitiam as Instruções para homenagear o grande acontecimento.

Teria perdão para a sua falta? Deixou Lisboa, foi a Cadix, Madeira, Tenerife, S. Vicente e Brasil. Um ano de viagem e de sólida instrução recebida ao contato com o tempo, desafiando os temporais e as agruras de vida, tolerável apenas pelos que a exaltam e sentem verdadeiro amor por ela.

A “Imperial-Marinheiro” naufraga na restinga de Marambaia em 1865; seria substituída por outros mais modernos.

O nome não dava sorte.

9. *A corveta “Dona Isabel”* — O nome não dava sorte.

Menos feliz foi a “Dona-Isabel”, construída na Bahia e incorporada à esquadra em 1855. Tinha o nome em honra da ilustre filha de D. Pedro II, Isabel a Redentora, Condessa d’Eu. No mesmo ano de 1855 já

partia em dezembro para viagem de instrução ao cabo da Boa-Esperança e ilha de Santa Helena.

Para a sua última viagem, sob o comando do Capitão-Tenente de então Bento José de Carvalho, saiu para a Europa com os guardas-marinha no último dia de 1859. Bons auspícios lhe desejaram muitos que nela encontravam parentes queridos, pais, filhos, noivos. Os ventos, porém, foram contrários. Nada de grave aconteceu até alcançar Nova York.

Aí passaria sem grande destaque se o incêndio que começou a lavar na galera "Jacob A. Wasteruelt" não viesse a dar demonstração volumosa à capacidade e espírito de sacrifício de nossa gente ante à impetuosidade das chamas, e as decorrentes ações que valeram ao Comandante que chefiava sua turma de salvamento o título, por certo muito honroso de "Cidadão norte-americano".

Ficara a corveta popularíssima nos Estados-Unidos e no mês de maio pairava à altura do arquipélago dos Açores, visitando as ilhas mais importantes.

Chega a Plymouth, e os guardas-marinha sob a direção inteligente e hábil do tenente Caio Pinheiro de Vasconcellos, visitam os arsenais-modelos, as oficinas adiantadas, os artefactos de guerra que o gênio britânico acumulara para a grandeza de sua Pátria.

Dali deveriam partir para Antuérpia e Ostende, e terminar a comissão em Lisboa, quando foi o comandante chamado a Londres para falar ao representante diplomático do Brasil junto à Corte de S. James.

Recebido pelo ministro Carvalho Moreira, expôs este ao capitão de marinha, as dificuldades reinantes na corte de Nápoles ante o movimento unificador italiano e as tremendas manobras políticas de várias grandes nações interessadas.

Era a iminente destruição do reino pelas falanges garibaldinas e os partidários de Mazzini, a união dos "lazzaroni" e os adeptos de Vitor Manuel, e acossados por todos os lados, os amigos da família reinante, como o Conde

de Áquila, em breve estariam em situação melindrosa, podendo-se tudo esperar...

O nosso ministro em Londres pensou na corveta brasileira e dos entendimentos havidos reultou a partida da "Dona Isabel" para a baía de Nápoles, a tomar sua parte histórica no desenvolvimento de uma tragédia cujo palco era a Europa e não nos interessava senão pelo fato da princesa imperial, casada com o conde de Áquila, reinante nas Duas Sicílias ser D. Januária, irmã de Pedro II, imperador do Brasil.

A entrada da baía de Nápolis, à noite e sem prático, causou extranheza às embarcações de várias nacionalidades ali representadas. O almirante inglês, retribuindo a visita do comandante brasileiro, com a fidalguia peculiar às marinhas que se encontram, referiu-se elogiosamente ao fato.

No dia seguinte, 26 de julho desceu à terra o Comandante; ia beijar a mão da princesa que conhecera menina, passeando pelas ruas do Rio de Janeiro. Das conferências sucessivas com o nosso representante diplomático resultou que a situação da família d'Áquila tornara-se tão precária que era necessário salvar a princesa.

Uma força da corveta deveria ir buscá-la ao palácio, conduzi-la para bordo e levá-la ao porto que fôsse escolhido. O Comandante se desdobra em atividades para o preparo de aposentos condignos e tão ilustres hóspedes. Dispõe quantia vultosa, tirada de sua verba de representação e sem se servir da letra de £ 4000 que o ministro Carvalho Moreira lhe entregara para qualquer eventualidade.

A Marinha ainda é assim; cada um se despoja de comesinhos meios de conforto e de aparência para não ter que justificar as despesas ou desgostar os chefes, sempre prontos a julgar que foi gasto muito dinheiro e que se malbaratou os cofres públicos!

Chefará o momento de agir. No dia 12 de agosto, à calada da noite, houve ordem de guarnecer a lancha a remos e 60 praças se armarem, com alguns oficiais para o desempenho de uma comissão; o Comandante acompanha e com eles salta no cais de Chiaja.

Acompanha-os todos à habitação do Conde; O Comandante expõe lealmente e com a franqueza característica dos homens do mar, à princesa assustada, o ponto de vista sobre a situação difícil da família e que a viera buscar e conduzi-la para bordo com seus filhinhos e o marido, se este quisesse acompanhá-los.

Sua Alteza pergunta ao comandante se na opinião dele não havia alternativa e se o perigo era iminente. A resposta não podia deixar dúvida.

“Pois bem, respondeu a princesa, não hesito mais; entrego-me com meus filhos à sua guarda”.

Respondeu nobremente o digno oficial que podia Sua Alteza se tranqüilizar; enquanto houvesse sangue nas suas veias dos seus oficiais e dos valentes marinheiros que comanda, a irmã do Imperador do Brasil seria respeitada bem como a sua família.

“Não foi necessário qualquer sacrifício aliás previsto, pois se houvesse qualquer impecilho ao embarque, o contingente o cobriria, combatendo, e o comandante suspenderia com o navio durante a noite de modo a colocar em segurança a família principesca.

A filha de Pedro I atravessou com seus três filhinhos a força de imperiais marinheiros, firmes e silenciosos, que esperavam no jardim do palácio e também orgulhosos da missão que desempenhavam.

Recebidos com especial carinho, lia-se em todas as fisionomias a bordo o entusiasmo e a vaidade da sua corveta abrigar tão ilustres e queridos hóspedes.

Às 6 horas da tarde do di 14 o csonde de Áquila, depois de várias peripécias que não interessam à nossa narrativa, passou-se para bordo da “Dona Isabel” que subrepticamente, durante a noite, silenciosamente, para não despertar a atenção de outros navios presentes, recobada pelo vapor de guerra *Vesúvio*, seguiu para Marselha, pôrto escolhido pela família para desembarcar e onde tomariam o trem para Paris.

Durante os três dias de travessia não houve demonstrações de aprêço, de consideração e amizade que não recebessem os hóspedes de

todos os membros da guarnição, de tal sorte que ao se despedirem, saudosa e comovida aparentava a princesa, enquanto o Conde nos brindes e nas lembranças deixadas ao comandante, oficiais e guardas-marinha, não escondia o quanto ficara agradecido a todos.

Em Marselha ficou a corveta aguardando ordens, pois que se achava à disposição do Conde.

10. *A Dona Isabel e o Imperador Napoleão III* — Entre os franceses despertou extraordinário interesse, aumentando pelo seguinte episódio.

Napoleão III, Imperador, alguns dias depois entrada, da corveta, veio em visita a Marselha.

Chegando ao mar certa tarde, na sua galeota a vapor, ao passar pelo navio brasileiro, recebeu as horas protocolares, iguais a que se prestavam no Brasil ao monarca, e consistindo na distribuição dos marinheiros pelas vergas e pela borda, a espaços iguais e nos sete vivas da Ordenança.

Visivelmente despertou emoção nos presentes a forma da continência não só pelo entusiasmo como pelo modo perfeito do desempenho.

Mas, calculando o comandante que somente já noite regressaria o Imperador da excursão que fazia, imaginou uma saudação especial pelo seu navio; mandou aprontar tantas lanternas quantos eram os homens que deveriam ficar espalhados à vista, e mantê-las apagadas até segunda ordem.

Ensaíou a sua gente, grandemente excitada pela novidade, e quando despontou a galeota imperial, aproximando propositadamente da corveta pois era natural a curiosidade de quem tão bem se impressionara pela manhã, como passe de mágica, vislumbrou-se espetáculo emocionante: o navio se iluminara com centenas de lanternas, uma por homem, em linhas retas ou levante encurvadas das amuradas, vergas e enxárcias, passando-se a ouvir as aclamações do povo de Marselha ao vistoso cumprimento ao notável imperante.

No dia seguinte veio a bordo da nave imperial Napoleão III, e visitou-a demoradamente, fazendo muitas perguntas, especialmente sobre Pedro II e as coisas do Brasil.

Duas oportunidades teve ainda a corveta de se tornar benquista pelo povo marselhês; uma socorrendo em primeiro lugar o vapor “Marselha”, que açoitado pelo vendaval estava na iminência de perder-se e outra, o mesmo fato com uma polaca napolitana em risco de sosso-brar fora da barra.

O estado sanitário da corveta era bom, graças aos desvelos dos Drs. Cândido e Tanner; nada porém, conseguiu salvar o guarda-marinha José Carlos Pereira de Macedo, apesar do comandante ter entrado em entendimento com os melhores médicos de Marselha, um dos quais o visitava diariamente a bordo.

Houve grande acompanhamento ao enterro, tendo o comandante comprado a sepultura. Em fins de outubro recebe o navio comunicação do conde de Áquila, dispensando-o de qualquer compromisso com elle ou sua família. Estivera no porto de 18 de agosto a 30 de outubro. A saída foi de intenso movimento de visitas, e adeuses, o cais apinhado de espectadores, acenando seus lenços nos adeuses de despedida.

Fato curioso e quase de praxe na marinha antiga e hoje completamente abandonado. Na véspera da saída, anunciara o comandante que deveria se apresentar a bordo qualquer credor de praças, que seria imediatamente atendido. Nenhum se apresentou. Aliás a guarnição, a julgar pelos comentários dos jornais da cidade, só deixava admiração e saudades.

11. *O naufrágio da Dona Isabel* — Partia de Marselha porém, para trágico destino. No dia 10 de novembro à vista da ponta da Tarifa, onde fica a cidade mais meridional da Europa, no extremo de Gibraltar, o barômetro indica mudança de tempo, e o vento até então galermo, sopra rijamente, ronda para WSW e ameaça se transformar em tufão.

O céu cobre-se de nuvens. A princípio apenas ameaçadoras, depois densas e negras, enquanto as vagas começam a se encorpar e sua altitude a crescer de forma assustadora.

A noite passara-se em vigília, em ansiedade e preocupação. O estado do tempo pressagiava tempestade. Rizou-se o pano, limitado ao que as circunstâncias aconselhavam. Rompe, porém,

o furacão ao amanhecer de 11. As gáveas se despedaçam, deixando o navio à matroca.

Era a luta contra os elementos, o temporal desfeito, contra a natureza enraivecida. Vaga gigante alagava o navio, o tempo medonho, o sibilar do vento e o gemido rouco das articulações da nave, desvendava o domínio da força bruta.

O marinheiro ousado se bate contra a fúria. A guarnição era brava e o perigo mortal que corria redobrava-lhe o vigor. Eram reputados “safa-rascadas”. São em pleno temporal substituídas as gáveas que foram rizadas nos terceiros. O perigo aumentava com o furor do vendaval. Como diria Vitor Hugo:

“La tempête n'avait été que terrible, elle devint horrible. A “cet instant-là, disent les marins, le vent est fou furieux.”

A bordo é a desordem dos cabos, mesas e cadeiras arrancadas, louça quebrada, o bramir do vento em turbilhões. Com as rajadas, os trancos violentos, o navio como um raio se precipita no abismo cavado da vaga, querendo desconjuntar-se.

“Não há, como bem diz Martinek, profissão humana mais fatigante, mais debilitante, mais patogênica, mais consumidora enfim que a do rude e não natural mister do homem do mar”.

Nessas circunstâncias críticas, a própria Ordenação do Serviço da Armada se não determina, aponta ao comandante a conveniência de ouvir, em conselho, seus oficiais.

E' o que faz o comandante Bento de Carvalho; deveriam arribar a Gibraltar, ou a Barcelona, continuar a derrota para o mar largo, ou *por-a-capa*, qual a melhor solução?

Os oficiais, contra o opinião do comandante votaram para que se prosseguisse pelo estreito, alcançando o Oceano Atlântico para, à *capa* ou à *feição*, aguardar vento favorável.

Manobrando embora com suma perícia, as manobras da corveta se castigavam com o mar bravio. Suas condições náuticas diminuiam de instante a instante. Os oficiais, jovens, entusiastas, após a decisão que haviam tomado, iam compreendendo a insanidade do alvitre, e pedem novo conselho de oficiais. O comandante determina a reunião e a resolução é de

que se arribasse a Gibraltar, contra mais uma vez a opinião do comandante que *agora* julgava *muito tarde* a manobra que éle mesmo preconizara 5 horas antes. Então era possível a arribada; no momento quase impossível, com cerração crescente, correntes mais rápidas, a proximidade da costa cheia de recifes.

A noite se anuncia e tudo seria difícil durante ela.

Apenas dois oficiais concordaram com o comandante; os demais embrenharam-se em cálculos e probabilidades para concluir que o navio estava na direção do estreito de Gibraltar, e deviam demandá-lo.

Contra o voto do experimentado comandante duas vezes notarem os oficiais jovens do navio. O comandante combateu com veemência o parecer da maioria mas este foi mantido.

Era como se os jovens tenentes decretassem o naufrágio do barco! Dependesse a manobra de arribada, difícil de ser executada, da dedicação dos marujos pelo seu comandante ou do entusiasmo profissional, dos guardas-marinha tudo correria bem.

Mas o navio nesse dia estava com o seu destino traçado! Corria sobre as ondas impellido pelo furacão. Depois da manobra reinava silêncio a bordo, esse silêncio de maus presságios, de lúgubres pensamentos, de visões de fatos descomunais!

Ouve-se de repente um grito:

“Arrebentação pela proa! Terra a sotavento de proa!”.

Poucos minutos se seguem. Não houve esforços que conseguissem salvar a querida corveta. O fato é que o golpe seria demasiado rude para um lutador embora da ténpera dos que a guarneciam. Uma salvação seria a virada, talvez por davante em lugar de em roda.

Ouvem-se as vozes do comando, incesiva, enérgica:

“Leva rumor!... Silêncio!...”

Faz-se rápida a manobra; está no auge o perigo, mais 3 ou 5 minutos, girasse a corveta pela proa e estaria salva! Dois enormes vergalhões porém, arrebentam-lhe a bochecha, impedem-lhe o movimento de giro, a virada mentiu e acabou-se a luta!

A corveta é violentamente arremessada na costa da Barbária, em frente ao cabo Spartel.

A catástrofe era terrível; o navio se despedaçava, e desesperação tomara o pessoal, atirado às ondas sem tempo de arriar qualquer embarcação; os mastros tombam, o navio se parte em dois.

Depois de encalhada, tentaram arriar as embarcações, a lancha e os escaleres, mas depois de cheias de naufragos sossobraram; a violência do mar chegou a atirar um canhão á praia; tentou-se alar cabos para terra mas em vão.

O comandante se desdobra para salvar o maior número de vidas; a muitos que em torno dêle se reuniram num canto do tombadilho, aconselha se agarrarem a paus, remos e outros objetos flutuantes e assim tentarem alcançar a terra próxima.

Ao imediato Salgado diz:

“A vida do comandante do navio de guerra depois de naufragado é fardo que não se deve disputar às ondas”.

Cumpria-lhe ser o último a abandonar o navio, consoante ás leis navais, e provavelmente isto tornou-lhe impossível a salvação.

Sucumbiu juntamente com 2 primeiros-tenentes, 3 segundos-tenentes, 2 cirurgiões, 11 guardas-marinha, um escrivão, 1 farmacêutico e mais de 100 praças da guarnição; salvaram-se o imediato, mais 9 oficiais e guardas-marinha e 85 marinheiros que cerca de meia noite, aos gritos ou gemidos foram se reunindo na praia.

Internara-se um pouco para escapar a violência do tempo e ao romper da aurora, serenados um pouco os elementos, voltaram ao local deparando com um espetáculo horroroso, ante os destroços da bela corveta e os corpos de companheiros, inteiros ou mutilados, aqui e ali, ao longo das angras e dos recessos.

Ah, se o olhar descobrisse

Quanto esse lençol de águas e de espumas
Cobre, oculta, amortalha!... A alma dos

[homens

Apiedada entendera os teus rugidos,
Os teus gritos de cólera insubmissa,
Os bramidos da angústia e de revolta
De tanto brilho condenado à sombra.
De tanta vida condenada à morte!

Cavaram-se sepulturas. Mas os mouros começaram a aparecer e a semelhança que os náufragos e a língua tinham com os espanhóis que recentemente os derrotaram, poderia trazer nova chacina, se os nossos não fizessem compreender aos sanguinários kabilas que o navio pertencia à Inglaterra.

O temido nome inglês e também simpático às tribos daquelas paragens, produziu efeito desejado; foram levadas à presença de Muley-Abbas na sua tenda próxima onde tiveram que pernoitar a fim de melhorarem alguns feridos, entre os quais o imediato Salgado e por promessas de dinheiro do cônsul inglês conseguiram comer e beber.

Antes da meia noite chegava a resposta do Sr. Drumond-Hay, representante britânico junto ao governo de Marrocos, responsabilizando-se pelos náufragos e recomendando-os. Começaram providências então mais positivas e os brasileiros chegaram a Tanger, onde encontraram aposentos em hotel, preparados, ambulâncias e remédios para os feridos.

Três dias depois aparece o guarda-marinha Sousa Soares de Andrea que se extraviara dos companheiros, na companhia do cônsul português José Daniel Colaço, que procedeu com grande nobreza na emergência, pois sabendo que o navio era brasileiro, em lugar do primeiro boato que o davam como inglês, arranjou alguns soldados e partiu para o local; com a notícia que os náufragos já haviam partido para Tanger, mas que lamentavam o extravio do guarda-marinha Andrea, apesar de noite escura e chuvosa, prossegue as pesquisas e acercando-se de Ben Ahaol alcança a tenda do chefe, no qual reconhece velho salteador dos mais arrogantes.

Este não negou que tivesse recolhido o rapaz e que estava tratando; intimado a entregá-lo disse que só o faria se pudesse obter a cessação das perseguições de Muley-Abbas que o impedia de descansar. Prometido, entrega o guarda-marinha, já em trajes mouriscas e que pretendia vender a algum cherife. Não fôsse a energia desse português amigo e o neto do ilustre barão de Caçapava, falecido dois anos antes, teria fim bem triste.

Deixa de interessar agora a sorte dos sobreviventes porque foram acolhidos com simpatia em todos os setores; a 2.^a imperatriz do Brasil, viúva do duque de Bragança, D. Pedro I, em Lisboa mandou distribuir 2 contos de réis pelos marinheiros, visto os oficiais nobremente terem recusado auxílio pecuniário.

Depois de ofício fúnebre mandado rezar pela colônia imperial, e extraordinariamente concorrido, inclusive pelo nosso ministro Barão de Itamaracá, embarcaram-se no "Extremadura" e chegaram ao Rio de Janeiro, debaixo de geral consternação, a 19 de dezembro.

O mestre da corveta, Antônio Joaquim, procurou em casa Joaquim José Inácio, então Chefe-de-Divisão e irmão do comandante Bento de Carvalho, para lhe fazer entrega de 71 libras esterlinas, a caixa de ouro com 5 brilhantes, presente do Conde de Áquila, e a espada que cingia quando em Nápoles, ao serviço de D. Januária, tudo do Comandante e que conseguira salvar, antes da própria vida.

O futuro visconde de Inhauma comunica por ofício ao Chefe do Quartel General da Marinha, o almirante Barão de Tamandaré, o fato que foi registrado nos assentamentos do bravo marinheiro. O "Jornal do Comércio" deu uma notícia a respeito e houve côro geral de aprovação pelo ato tão meritório, que desde logo não passou despercebido ao generoso coração de Pedro II, o qual além de mandar abonar 3 meses de sôldo a todos os náufragos, enviou com 500\$000 ao mestre Antônio Joaquim um relógio de ouro e a inscrição: "Pedro II a Antônio Joaquim 11 de novembro de 1860".

Correu a notícia, veiculada aliás pelo Correio Mercantil" que o Almirante Grenfell iria ao local do desastre da corveta "Dona Izabel" não só para investigar as causas como recompensar os que se esforçaram pela salvação dos náufragos e também verificar a possibilidade da existência de ex-tripulantes, pois alguns poderiam estar vagando ou em poder dos mouros. A notícia desse jornal, em forma de matéria paga, acusa o governo de não ter suficientemente explicado à Nação o que se passara, mesmo depois da entrega do relatório do imediato Salgado, que não foi publicado. Ter-

mina dizendo: “O país é de publicidade e os ministros são responsáveis”. Assina um oficial de marinha.

12. *A vida nas galeras* — A “Dona Izabel” e a “Imperial Marinheiro”, os dois belos vasos que se prestavam à viagem de instrução, naufragaram. A “Imperial Marinheiro” em 24 de junho de 1865 na restinga de Marambaia. Aliás o nome bonito não deu sorte aos navios. O cruzador de igual nome, construído na Ponta da Areia, em Niterói, em 1882-83, teve como, primeiro comandante o C. T. José Vitor de Lamare e naufragou na barra do Rio Doce, em 7 de setembro de 1887, perecendo 14 pessoas, entre os quais um segundo-tenente e um guarda-marinha, sendo comandante o C. T. João Carlos da Fonseca Pereira Pinto.

Outra corveta celebrizada nas viagens de instrução foi a “Baiana”, construída no arsenal do Rio de Janeiro em 1849-50.

Sob o comando de Francisco Manuel Barroso da Silva fez viagem de instrução ao Pacífico pela vez primeira. Era bonita e veleira, forte, bem construída. Servia muito à instrução dos futuros oficiais, em longos cruzeiros, tendo percorrido todos os mares; na nossa Marinha o nome de “Baiana” lembra a viagem ao Pacífico, a viagem à Europa, a viagem às Índias, e assim por diante.

Como não fora construída para navio-escola não oferecia de fato acomodações razoáveis. Quando deveria partir, por exemplo, para a viagem de instrução de 1861, logo depois do naufrágio de “Dona Izabel”, até aos jornais chegou o murmúrio de que iriam mal acomodados os guardas-marinha, “em limitadíssimo espaço, sem ar e luz”.

A crítica achava mal traçado o itinerário, pois se a corveta precisava de consertos, deveria ir primeiramente à Europa realizá-los e depois aos Estados Unidos e não como estava programado.

A verdade entretanto está que os oficiais nunca reclamaram acomodações nos navios de instrução que iam para longas viagens ao estrangeiro. Era o meio de ganharem melhor e ver longas terras. Se alguém manifestasse o

desejo de não seguir, logo se apresentariam centenas prontos para o lugar, nas mais das vezes ocupados pelos que melhores padrinhos poderiam ter no Paço; ou nos membros dos Gabinetes Ministeriais, ou nas altas esferas da Marinha. Muito haveria aliás a falar das acomodações nos célebres navios de gáveas, do passado, da vida do guarda-marinha nas longas travessias. A questão da dormida prevalece em primeiro lugar: nos navios-escolas únicos da Marinha, o “Benjamim Costant” e o “Almirante Saldanha”, há alojamentos, com beliches, lavatórios, sala de fumar, rádio, geladeiras, biblioteca, elegâncias, armários especiais etc.

Quase um luxo, no último, muito satisfatório no primeiro!

Na “Imperial Marinheiro”, “Vital de Oliveira”, “Niterói”, “Baiana”, etc. nada disso; o espaço é estreito dorme-se de maca, no chão, por cima da mesa, em baixo desta, nos cantos, cada qual procurando se arranjar como melhor fora, sem direito à menor reclamação, porque nesse particular de conforto qualquer palavra amarga é logo tomada como índice de desamor à carreira, de falta de abnegação que sagrou Nélson, do espírito de sacrifício que elevou a Marinha à vela formadora de impérios, ou de negação da patescaria, privilégio do oficial do alçatraz e do lambás, campeão das safarascadas, sacerdotes do fogo-sagrado!

Os lugares menos horrorosos são disputados; quem dorme debaixo da mesa do rancho apresenta aos olhos de quem só conseguiu o corredor da praça de armas, um camarote de primeira classe, por que ninguém poderá passar por cima, cuspir em cima, pisar no cobertor, enquanto o privilegiado que se apoderou em primeiro lugar do direito de dormir em cima da mesa está em camarote de luxo.

O pior sucede quanto um colega, cuja cabeça coincide com os pés de outro, enjoa, ou fica resfiado, tossindo, escarrando ou vomitando, na dureza do incômodo, sem olhar para onde, e sem que hajam reclamações pois se trata de colegas e das agruras da vida do mar.

A alimentação é sempre difícil; não haviam frigoríficas, e os gêneros frescos, assim cha-

mados, duravam 3 dias; depois era a bolacha em vez de pão, o presunto defumado ou a lingua em vez de carne, certas conservas, pois durante 30, 40, 50, 60, 70 dias havia cruzeiros de mais de 70 dias, com alimentos já deteriorados, bolachas duríssimas, água raríssima, banho se chovesse, e outras, interessantes deficiências da vida de bordo da época.

Notícias nenhuma do mundo; não existia o rádio. Pouco se modificara a vida das galeras e fragatas do século 19 antes do surto do vapor, do que a do século 16: havia apenas mais disciplina, nem sempre boa, e mais ordem e limpeza, esta magnífica; os amarelos brilhavam, o navio era impecável.

Mas a vida ainda apresentava os aspectos que o bispo de Mondonêdo, Don Antônio de Guevera, pregador e cronista do imperador Carlos V. ao regressar da expedição de Tunis com seu soberano, contava em carta:

“La vida de la galera de la Dios e quien la quiera”.

Por mais importante Senhor que sejais, soldado, gentilhomem, eclesiástico, cavalheiro, se embarcais em um navio de guerra, sereis levado a chamar ao capitão de senhor, ao patrão, pai, ao cómitre amigo, aos creados irmãos, aos galerianos-companheiros.

Se vos vem a fantasia de querer se prevaler de vossa riqueza ou de vossa posição, de assumir atitude de dar ordens, o menor forçado não se acanhará de vos dizer que vá ordenar em sua casa. O passageiro deverá ser humilde nas suas falas, doce na linguagem, tolerante a toda hora, porque, subindo para bordo, fez o sacrifício de sua liberdade: o enjôo o torna o servo e o necessitado de todos.

A galera não é, aliás, um campo fechado onde se possa resolver as questões. É um navio longo e estreito, amontoado de remos e de cabos. Aí se aloja como se pode e não como se desejaria. Não encontrareis nem banco para se estender, nem janela para se apoiar, nem mesa para comer, nem barco para se assentar.

Comereis no chão como os marinheiros ou sobre os joelhos como as mulheres. Evitais cuidadosamente de derramar água no convés da pôpa, e menos ainda de cuspir, sob pena de

ser duramente advertido pelo capitão e pagar aos encarregados um real de multa. Os marinheiros poderão impunemente cuspir em nossas igrejas; eles se mostrarão ofendidos se por infelicidade isso nos chega de fazer sobre seus navios. São-os privilégios das galeras”.

E continua o alegre bispo depois de se referir à dormida em comum e às peripécias ocorrentes nesses casos, mas cuja linguagem, apesar de partida de um bispo, não me atrevo a referir aqui:

“Quem, por sua pouca sorte, se resolveu alguma vez a arriscar a viagem por mar deve renunciar de antemão à companhia das damas, às iguarias delicadas, aos bons vinhos, aos perfumes, a todos os mimos e delicadezas. Não ideo, ao jantar, pedir água clara, fresca e de bom gosto. Bebei, sem murmurar, uma água quente, turva lodosa, às mais das vezes fétidas. O capitão talvez vos permita se estiver de bom humor, de tapar o nariz com uma das mãos enquanto a outra levar o copo aos lábios. Contentai-vos como pão, de um biscoito negro e duro, cheio de vermes, coberto de teias de aranha, picado pelos ratos. A carne que vos será servida, bode, ovelha, vaca, búfalo, ou tocinho rançoso será mal cozida, mal guisada mais dura que o pau, mais salgada que pai a boca com a manga da camisa. Não será e sal, tão difícil a digerir como as pedras. Quanto ao vinho, achar-se-ia em terra bom para fazer a salada. Tendes acabado? Limpai a boca com a manga da camisa. Não será servido nem guardanapos nem toalhas”.

“E ainda aí não serão senão as misérias da navegação habitual. Vai-se engolfar, sobrevirá uma tempestade, todos os fogos em um momento se apagam; não será mais questão de jantar. Aguardareis o sinal de ir para a mesa; sois convidado a descer para a coberta. As circunstâncias exigem que o convés fique, nesses momentos, desembaraçado.

Os gritos dos marinheiros, o barulho dos passos precipitados acima de vossa cabeça, o tumulto que acompanha a manobra, causar-vos-ão mais medo do que tereis sentido à vista do mar espumante. Eis aí o momento, se se tem algum temor a Deus, de se recomendar aos

santos, de se arrepender de seus pecados, de se reconciliar com seus companheiros, de recitar suas orações, de fazer promessa de ir levar alguma oferta aos mais afamados santuários. Muitas vezes, aí! essas promessas arrancadas pelo terror são esquecidas logo que o navio chega à terra”...

“Deus te proteja contra um vento incerto e variável! Quando o vento varia, quando passa incessantemente de um bordo para outro, as antenas cada vez se arriam para serem içadas em seguida. Não perca de vista a verga, protege, quanto puderes, tua testa com as duas mãos. Fortalece também o coração. A tempestade está próxima. Ela chega; ela estoura. A cabeça te gira, a vista se turva, o estômago se revolta, teu coração se incha.

Está acabado; começa a tontear; debruçado sobre a borda, a náusea te sucumbe. Eu te vejo em breve se abater quase inanimado. Não esperes que te venham socorrer, que alguma mão caridosa venha te sustentar a cabeça. Todas as pessoas que te rodeiam nada farão senão rebentar de riso.

“Não é nada, dir-te-ão; é o mar que te experimenta”. E durante esse tempo parece que vás entregar a alma, morrer, não como cristão, mas endomoniado”.

13. *A luta pelo gato* — Corbière fala da vida dos aspirantes como “as privações e as fadigas do noviciado mais duro que se conhece no mundo.”

As dotações do rancho são mínimas e a mesa dos rapazes em consequência, era as mais das vezes, de uma austeridade lacedemônica. A ração do paiol completava os alimentos que a falta de dinheiro ou de crédito impediam de buscar em terra, mas durante os tempos dessa esterilidade gastronômica, era interessante ver-se o engenho com que se procurava substituir, pela profusão das coisas permitidas, a ausência das coisas proibidas. As galinhas e as pernas de carneiro que faltavam eram substituídas pela abundância de toucinho e carne de boi da dispensa. Os legumes frescos faltavam? Substituía-se a farta pelo feijão sêco e as favas apergaminhadas do Estado. Em lugar de uma doce rosée de mets delicats

et recherchés, observa-se cair dos barris e dos sacos do mestre d’armas uma chuva rumorosa de carne ou peixe salgado, os infelizes aspirantes, errandô nesse deserto de abstinência, consolavam-se da misérias atuais, aguardando o maná celeste que lhes augurava a nova muitas vezes anunciada e a muito tempo desejada, do pagamento de 2 ou 3 meses de vencimentos atrasados.

Quando este chegava, enfim, como todas as coisas que se tem razões para esperar, esse acontecimento afortunado levava a alegria em todos os corações, a sensualidade em todos os estômagos, e o delírio em todos os espíritos. As testas mais franzidas se desenrugavam, as fisionomias mais austeras se abriam risonhas, comprava-se do necessário, gratificava-se cozinheiros, convidava-se todo o mundo de outros navios a vir participar do monstro que ia ser abatido. E durante 8 dias comia-se à farta, vingava-se da abstinência, desafiava-se a economia, transpunha-se todas as barreiras erguidas pela fome. Um ou outro espírito, cauteloso, ousava elevar a voz. E quando acabar? Não é melhor poupar um pouco? Não era ouvido. Passaram 8 semanas de necessidades mas tiveram 8 dias de abundância.

Bem, as coisas melhoraram. No tempo da “Baiana” ou da “Imperial Marinheiro” havia muita coisa parecida. Entretanto prestaram muitos serviços.

Falando da Guerra do Paraguai e da ação da Marinha, Jaceguai afirmava: “Os comandantes mais modernos e toda a plêiade dos primeiros-tenentes que suportaram o maior peso da campanha, haviam-se formado homens do mar nas viagens de instrução de longo curso, nos freqüentes cruzeiros da nossa esquadra ao longo das costas do país, e na forte estação naval que desde a guerra da Cisplatina a nossa marinha manteve destacada no Rio da Prata”.

Com efeito os nossos oficiais possuíam então elevada técnica da profissão, o gosto pela carreira era enorme e o país respeitava e admirava os componentes de sua Armada. Tudo isto advinha da prática adquirida a bordo, lutando com os mares, em longas e penosas travessias. A esse respeito sempre foi muito dis-

cutido qual o melhor meio de preparar o oficial para o comando eficiente no mar. Nossa marinha tem seguido de perto o uso das outras adiantadas, especialmente a norteamericana. Nos dias correntes, à vista da complexidade de aparelhos e de problemas de tática e estratégia navais, o oficial de marinha precisa na Escola Naval adquirir sólidas bases científicas a fim de encetar, com todos os elementos, a técnica apurada dos instrumentos de direção, de tiro, de governo, de ataque torpédico e de manejo de minas. Mas sempre houve duas escolas antagonônicas a respeito do melhor critério; o das marinhas francesa, italiana e outras latinas, a que não estava longe a alemã do começo do século, demorando o cursoda Escola Naval, tornando-o altamente teórico, de forma a que o guarda-marinha, na viagem de instrução, possuisse sólido cabedal científico, que com a prática posterior da profissão se tornasse perfeito oficial e a escola inglesa, tôda nelsoniana, de preparar homens práticos no mar embora com deficiências de cultura geral, isto é, pouco tempo na escola, muito no mar.

Não freqüentaram escolas navais nem Jervis, nem Hood, nem Collingwood, nem Hawke, ou Rodney que possuíam, segundo palavra de Jean de la Poulaine, citado por Jaceguai, “a fundo, a ciência marítima de sua época”.

Era o senso prático dos ingleses.

O preparo literário ou científico de fato, nem sempre influiu para a consagração dos grandes heróis das descobertas, das navegações ou dos combates gloriosos; quase sempre predominou o conhecimento adquirido por longos anos de vida exclusivamente nos mares tempestuosos do Globo, muitas noites inteiras lutando com os temporais, jogando com as variações do tempo, com a solidez dos barcos, a habilidade das manobras. Daí motivo pelo qual muitos julgam ainda hoje, como os ingleses, que o tempo dedicado a maior do guarda-marinha na escola é empregado em letrimento de sua habilidade profissional que só o mar lhe poderá trazer.

Há um episódio na nossa história que exemplifica êsse espírito britânico e sucedeu com Tamandaré. Voltando em 1824 da persegui-

ção da esquadra fugitiva de Felix de Campos até o Tejo, na fragata “Niterói” de heróica memória, teve ordem Marques Lisboa de freqüentar a Academia de Marinha, pois que o decreto de 19 de janeiro de 1824 determinava que não fôsem aceitos voluntários que não tivessem o curso de Marinha.

Mas Lord Cochrane preparava então a expedição a Pernambuco para dominar acolá os surtos separatistas e lembrou-se do voluntário Marques Lisboa para embarcar na capitânea “Pedro I”.

Feito o pedido ao ministro da Marinha, Vilela Barbosa, respondeu êste, aproveitando a oportunidade de um decreto taxativo, que determinava só aceitar “voluntários com o curso de Marinha”, que não mais se admitisse quem não tivesse curso”.

Lord Cochrane respondeu à insinuação de forma positiva tanto quanto altiva:

“Fui honrado do officio de V. Excia, participando-me a vontade de S. Magestade Imperial que não admita pessoa alguma que não tenha o estudo da Academia e que Guardas-Marinha não tendo os estudos não se podem promover à graduação de oficiais, cujas ordens hei de obedecer como é do meu dever... Deveras, se não houvessem oficiais senão os que estudaram em qualquer Academia, eu também ficaria excluído e não creio que haja um só official inglês ao serviço de S. Magestade Imperial que assim fôsse educado.

“Permita em dar a minha opinião que a melhor Academia de Marinha é um navio de guerra, um respeitável e hábil lente onde se combina a teoria em a prática que aí se devem explicar” (Cochrane e Maranhão).

14. *Problemas de instrução* — Percorrendo as páginas dos escritores militares e especialmente dos relatórios da Marinha observa-se continuamente a preocupação de resolver êsse problema da instrução do pessoal.

No calor das discussões muitas afirmativas categóricas tiveram completo desmentido poucos anos depois. Jaceguai, por exemplo, em 1897, portanto a menos de 50 anos, tratando da “Ciência do Oficial de Marinha” comenta os dois sistemas de formação de oficiais, usado

nas marinhas acima citadas e ataca veementemente tímida afirmação feita nos Estados Unidos de que viria um tempo em que o maquinista haveria de tragar o marinheiro ou o marinheiro ao maquinista. Jamais acreditará êle que tal aconteça, e escreve:

“A extravagância do pedantismo técnico tem chegado ao ponto de pretender-se que, pelo fato de ser a moderna máquina de guerra marítima um produto complicado de todos os ramos da engenharia mecânica, o official de marinha deve, por seu turno, ser, maquinista”, e mais adiante: “E’ tanto uma utopia a idéia do official de marinha maquinista, como é a do maquinista official de marinha” e adiante:

“Já é por si mesma das mais complexas a esfera de ação do official de marinha; é absurdo pretender que êle absorva tôdas as aptidões da enciclopédia concreta, segundo a classificação das concepções humanas de A. Comte. Mesmo entre os heróis sobrenaturais de Homero o mais dextro em guiar o carro de guerra não era o que primava no manejo da lancha, nem êste o que mais certo brandia a seta...

Mas, entre o saber utilizar uma máquina e ter as habilitações especiais de um maquinista, há a mesma diferença que existe entre saber regular um cronômetro e a arte de montá-lo.

...Não! O official de marinha nunca há de absorver o maquinista pela mesma razão pela qual o médico não pode absorver o farmacêutico. A profissão do maquinista é subalterna a do official de marinha, como a do farmacêutico é subalternada do médico”.

Pois bem, senhores, menos de 20 anos depois, já na Marinha Brasileira, seguindo entre outros o exemplo dos Estados Unidos, realizava-se a fusão na Marinha, de modo que daí por diante só haveria uma classe de officiaes entre o de marinha e máquinas, e essa reforma, interrompida pelo almirante Gomes Pereira, foi novamente lançada pelo Almirante Alexandrino de Alencar quando Muniz Barreto e a minha pessoa estavam no Gabinete, e a impulsionaram.

Hoje é idéia absolutamente vitoriosa na nossa como em outras igualmente adiantadas, e por certo depois de longas discussões, nenhum

official de Marinha provavelmente defenderia no momento a hipótese de se voltar à separação dos cursos.

Não posso nem fêr cabimento nesta palestra explicar a questão que tanto absorveu a atenção de eminentes militares da fusão dos quadros de marinha e máquinas, ou do quadro único; muito tempo gastei também com ela nos relatórios do Ministro de 4 anos, mas o assunto é sobremodo empolgante.

Jaceguai no seu artigo tem tiradas interessantes:

“Como admitir a possibilidade (diz êle) de erguer-se o maquinista do antro das máquinas e das caldeiras até a eminência da tôrre do comando em um navio de guerra moderno”

A resposta é que isso hoje passou ao rol das coisas tão comuns que nem chega a despertar a atenção de ninguém.

Em outro ponto: “Há uma outra classe de reformadores que não se satisfaria com o official de marinha forrado de maquinista; são os que entendem que todo o pessoal naval deve constituir um único corpo de engenharia naval. E’ uma utopia de hibridação que só poderia produzir maus officiaes de marinha e péssimos engenheiros. Não é raro entre jovens officiaes de marinha manifestar-se uma vocação pronunciada para alguma especialidade de engenharia; mas, os que, dessa procedência, se tornaram engenheiros proficientes, só o conseguiram abandonando a carreira ativa de officiaes de marinha. Não foi outra a origem do corpo de engenheiros navais na marinha brasileira; e já nos Estados Unidos se manifesta uma corrente de opinião em favor da criação de um corpo de cientistas navais em organização análoga”.

O fato é que a marinha americana teve o seu quadro de engenheiros como a brasileira; mas antes da nossa, que só o fez no ano que corre, a menos de 3 meses, a americana terminou com o quadro de engenheiros, equiparando os existentes aos officiaes da Armada, e desde agora, tanto na nossa como na americana existe um quadro único, de officiaes de marinha, maquinistas e engenheiros, realizando-se a dupla utopia de que falava Jaceguai.

Ressalta além disso na preparação do oficial de marinha a questão da prática do mar.

Sob esse aspecto são unânimes hoje em dia as opiniões de que nada substitui o treinamento no mar e no local das atividades. Mais do que nunca o demonstrou a guerra atual; navios modernos e complicadíssimos norte-americanos, foram guarnecidos por mil a mil e quinhentos homens que dois meses antes nunca tinham sonhado entrar num navio de guerra, e sob a orientação de meia dúzia de oficiais de linha, da carreira, se tornavam capazes, no fim de 6 a 8 meses, de apresentarem tal conjunto harmonioso de técnica e preparo, que puderam enfrentar os aguerridos japoneses e derrotá-los fragorosamente como está no conhecimento de toda a humanidade.

Empregados de banco se transformaram em excelentes oficiais, caixeiros de casas comerciais, estudantes, atletas, todos embarcaram e como sub-oficiais, sargentos ou praças, de qualquer especialidade, surpreenderam os elementos da carreira com a presteza e a excelência do preparo adquirido em poucos meses de serviço. Também não possuíam longo curso na Escola Naval nem largo tirocínio nos embarques constantes e produtivos. No entanto venceram apoiados no senso prático do norte-americano, talvez não tão rigoroso como o britânico mas suficiente para atingir objetivos imediatos.

Tudo mudou ou está mudando.

Jacaguai, por exemplo, pertenceu a um tempo no qual certas asserções constituíam dogmas de tal poder que poucos ousariam iniciar uma dúvida sobre sua veracidade. Quando a Escola Naval francesa estava instalada no "Borda" tradicional, e já tão velho em certa época que arriscava aparentar a única arquitetura do tipo ainda existente, falava Napoleão e Decrès que lhe propunha a construção de uma escola em terra para os aspirantes:

"Sabeis um meio de educar esses moços sob a água?"

"Não, Sire".

"Está bem, até que o tenhais encontrado, contentai-vos de os educar acima dela".

E acrescentou:

"Uma Escola Naval em terra seria tão ridícula como uma escola de cavalaria a bordo de um navio".

No entanto, hoje, não há uma só escola naval de marinha de fato que não seja em terra. Isto pareceria a Napoleão a mesma utopia de Jacaguai.

Este, por exemplo foi instrutor em viagem de instrução de guarda-marinha e como sempre saiu-se esplendidamente do encargo, se destacarmos as circunstâncias da época em que tal se passou. Dá-nos relatório muito expressivo e muito comentado ao tempo de sua apresentação.

15. *Programa de História Naval* — Era instrutor ou professor de Hidrografia e História Naval na viagem de instrução da corveta "Baiana" no ano de 1864, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Segundino de Gomensoro, que deveria dois anos mais tarde, depois da batalha do Riachuelo em que tomou parte comandando uma das divisões, ter um fim inglório, caindo no profundo desagrado de Tamandaré que antes o distinguia, e em virtude disso talvez, conselho de guerra que lhe abreviou a vida ou antes a extinguiu em poucos meses tão apaixonadamente lhe foi a agonia desses tristes dias.

No relatório continua firme nas convicções da necessidade de sólida instrução científica do aspirante, critério que predomina até hoje. Algumas de suas asserções são positivas:

"Seria um erro aplicar entre nós o sistema de formar homens do mar da Inglaterra".

A única dúvida a esta afirmativa está nos sucessos ininterruptos, brilhantes, esmagadores dos capitães ingleses que construíram talvez esse império que tantos têm previsto o fim ao cabo dos grandes conflitos e ainda não os viram na realidade.

Cita, entretanto, muito a propósito, a opinião do grande Jurien de la Gravière, naturalmente partidário da escola francesa, ele que foi o maior escritor naval da França e um dos mais distintos de seus almirantes sob o ponto de vista profissional:

"Eu não desdenho uma marinha instruída mas eu quero antes de tudo uma marinha aguerida. Que marinha teve mais instrução do que a espanhola no fim do século último, e foi menos preparada para afrontar os azares dos combates ou a cólera dos elementos"

"Um verdadeiro homem do mar que pode gabar-se, mesmo no tempo de nossas provações mais rudes, de nunca ter encontrado uma fragata inimiga que não tivesse tomado, destruído ou obrigado a render-se, o comandante Bouvet, queria que a educação de nossos jovens oficiais se fizesse nas costas da Mancha e do Golfo da Gasconha, por serem estes os mares mais tempestuoso do Globo".

Isto significa que na marinha francesa os maiores espiritos se inclinavam para o treinamento no mar, escola inglesa, como o mais indicado para a formação do verdadeiro oficial.

Preconizava o jovem professor Jacéguai, ao tempo, que era preciso suprimir a História Naval do 4.º ano, passar a Hidrografia para o 2.º sem o que não era possível, com proveito, fazer a viagem de instrução em menos de dois anos.

As opiniões nos dias que correm, embora o acúmulo de serviço não permita equiparar situações, divergem. Para dar uma idéia da natureza dos programas há mais de 80 anos decorridos, consideremos o de História Naval. Eis alguns pontos:

"1.º período: Desde o Dilúvio até a invenção da bússula. Arca de Noé. Primeiros navios. Mundo conhecido dos antigos. Noções sobre a marinha nas primeiras monarquias. Marinha dos egípcios. Fenícios, Judeus, Gregos, Cartagineses, Romanos, Venezianos, Genovesses. Primeiras navegações. Mares conhecidos pelos povos primitivos... Primeiras conquistas. Invenção dos brulotes. Galera de Hieron. A nau de Cesar. Primeiros piratas. A rainha Teuta. O corsário Nicandro. Argonautas. Cérco de Troia. Primeiras guerras púnicas. Arquimedes, suas máquinas e seus espelhos. Invasão da Grã-Bretanha. Primeiros reis da Inglaterra. Revista geral sobre a marinha até a invenção da bússula. Invenção da bússula".

O segundo período vai desde essa invenção até Luís XIV. Há títulos curiosos. Mas passemos à terceira parte do programa.

"Desde o princípio do reinado de Luís XV até nossos dias. Expedição de Laperouse. Wancouver. O diretório. A frota holandesa tomada pela cavalaria francesa. Surcouf. Combate da Bayonnaise e da Ambuscade. Bonaparte no Egito. Golpe de Estado de 18 Brumário. O consulado. A Inglaterra. A França. Esquadra do almirante Ganteaume. A divisão Linois. Combates de Algeiras e do estreito de Gibraltar. Napoleão Imperador. Guerras marítimas entre a França, a Espanha e a Inglaterra. Conquista da Algéria. Bombardeamento de S. João de Ulhoa. Bombardeamento de Tanger pelo príncipe de Joinville. A marinha a vapor. A guerra da Criméia. História dos canhões raiados".

O que se nota em programa tão variado é, desculpem-me a crítica, mais uma preocupação de termos imponentes e algo deslumbradores do que verdadeira evolução de princípios, métodos e idéias, que formam a parte científica da História e seu único valor educativo.

Nada sobre a tática e a estratégia dos Antigos, da Idade Média e dos tempos modernos; nada de princípios que regulam a política naval, ou a evolução do material, dos métodos de instrução, das conseqüências políticas e internacionais das grandes guerras. Apenas enumeração de fatos, alguns sem o menor valor, sequer histórico.

Vejam os quatro pontos seguintes — Galera de Hieron. A nau de César. A rainha Teuta. O corsário Nicandro.

Da primeira há realmente algumas descrições interessantes, dentre as quais a de Jurien de la Gravière. A galera se chamou "Alexandrino" quando se verificou que somente no porto de Alexandria poderia ficar ancorada ante seu descomunal tamanho. Para fazê-la cair água celebrou-se Arquimedes com seu engenho, inventando, diz-se, apenas para isso, o instrumento conhecido pelo nome de "para-fuso de Arquimedes".

Ficou uma das maravilhas da ciência antiga. O navio tinha 20 fileiras de remos; se a mon-

tanha do Etna forneceu a madeira, sufficiente para a construção de 60 galeras, sòmente nas montanhas do Brutium achou-se árvore bastante volumosa para a confecção do mastro principal. Não devemos alongar a descrição transmitida pelo historiador de Marco Aurélio, Ateneu, sob a fé de Moschion.

Mas a nau de Cesar! Que importância terá isto. O que se sabe é que César mandou construir uma nau para transportar a Roma o obelisco construído no Egito e que destinava ao circo do Vaticano. O lastro do navio continha 120.000 medidas de lentilhas, muito apreciadas pelos romanos. E só.

O que há com a rainha Teuta? Sòmente que essa rainha dos Ilírios foi vencida pelos romanos sob o comando de Cneus Fulvius Centimanus, porque mandara decapitar os embaixadores romanos lá mandados para pedir justiça contra os piratas que infestavam o mar Adriático. E nada mais de importante.

O corsário Nicandro apenas uma referência. Famoso sim, e em três linhas de uma obra de quatro grandes volumes se diz que com cinco navios, desembarcou na ilha de Samos e atacou Pausistrato, o qual tendo-se a ver com forças superiores e a traição, foi completamente vencido.

Entre tantos assuntos de palpitante interesse e que nem merecem referência nesse programma, o que parece a inclusão de tais insignificância? Talvez deixar os alunos completamente desorientados como estudar a matéria, e acreditando no gênio do professor. Bem sabeis, ilustres ouvintes, que sempre houve assim preceptores. Os alunos bastantes vezes se deixaram trapacear por desconhecimento do assunto, mas outras vezes descobriram os compêndios e então elles é que adquiriam superioridade sobre o pedante mestre.

Não creio que Jaceguai, embora moço, como instrutor de Guardas-Marinha, fôsse dêsses prosaicos pescadores de águas turvas. Tanto que era um título de glória poder transmitir ao seu comandante que seus alunos estavam preparados. Afirma dêsse modo:

“as provas que os meus discípulos forem chamados a exhibir nos exames do 4.º ano, mos-

trarão que os esforços do mestre não foram de todo inúteis”.

E adiante:

“O que posso assegurar a V. S. é que foi esta a primeira viagem de instrução em que os guardas-marinha fizeram um curso completo de Hidrografia. A prova desta minha asserção é que nenhuma turma anterior tem feito exame desta matéria, a mais importante do 4.º ano; e eu peço a V. S. que não poupe os meus discípulos de pestarem provva cabal do aproveitamento que porventura tiverem nesta ciência”.

Nesse relatório preconiza que os exames dos guardas-marinha, pelo sistema mais curial na sua opinião, deveriam constar de exame prático de manobra, tática, artilharia, e noções de construção naval, por escrito e oral. Exame de História Naval vago, consistindo de inúmeras partes que constituem quase toda a história moderna.

Exame vago!! deixa pelo menos a impressão de que havia muito estudo naquela época. De fato houve exames, especialmente na Escola Politécnica, que se fizeram afamados. Seja como fôr ressalta também a vaidade do mestre em julgar preparados seus discípulos e solicitar que não fôsem poupados.

Hoje em dia, é comum verificar-se, mesmo nos meios da Marinha, 100 alunos entrarem em uma prova e saírem dois ou três aprovados, ou no caso de médias, meia dúzia de notas boas e mais de 90% de notas baixas, e nenhum professor se julga, por isso, incapaz de interessar seus alunos na matéria, ou de fazê-las compreender, bem ao contrário do que se passa em outros centros de cultura mais adiantados, nos quais o insucesso em massa da turma representa insucesso do professor.

16. *Navios tomados pela cavalaria* — Outro ponto capaz de despertar a atenção de quem acompanha a evolução das armas modernas é aquêlê com o título sugestivo de “A frota holandesa tomada pela cavalaria francesa”.

Imaginem, no último conflito, os possantes encouraçados, dominadores dos mares, apriacionados por cavalarianos! No entanto, o que

se passou não oferece senão o aspecto colorido ou pitoresco do acontecimento.

Era ao tempo que se seguira à Revolução Francesa e quando Pichegru atingia o auge da glória desenvolvendo essa formosa campanha do Exército do Norte em 1794, em que os franceses, os republicanos, depois de vencerem os prussianos, os australianos e os ingleses, prosseguiram seus brilhantes sucessos, colocando esse general como um dos mais notáveis em uma época de tantos elevados conquistas, vencendo o “rigor das aem em valores.

Os franceses avançam de conquista em conquista, vencendo o “rigor das estações, a insalubridade do clima, as fadigas e a miséria, causadas por uma campanha prolongada durante um dos mais rigorosos invernos” mas acumulando vitórias, umas sobre as outras, de tal forma que se podia dizer que nessa memorável trajetória tudo se fizera por encanto; mas um pelo menos dos episódios o foi.

Pichegru enviara para o Norte da Holanda cavalaria e artilharia ligeira com ordem de atravessarem o Texel e aproximando-se da frota holandesa, imobilizada sobre o gelo, dela se apoderar.

Já é notável que o eminente chefe se lembrassem de tal operação e ainda mais que se realizasse integralmente como fôra planejada. Os franceses atravessaram a galope as planícies do gelo, chegaram perto dos navios, intimaram-nos a render e fizeram, sem combate e sem efusão de sangue, essa coisa sensacional, uma esquadra aprisionada por uma cavalaria!

17. *O Guarda-Marinha embarcado* — Estamos falando de coisas pretéritas. O guarda-marinha de hoje difere bastante do seu colega de 80 anos passados; a carreira melhorou sob múltiplos aspectos, em conforto especialmente, o espírito do aspirante ou do guarda-marinha é o mesmo que de um século atrás; alteraram-se os hábitos, não a mentalidade. Todos que descreveram a vida do aspirante ou do guarda-marinha estão acordes de que é sempre necessária certa filosofia para levá-la sem grandes

incômodos. Um deles pergunta como algum espírito se sabem que o título de aspirante é democrático e porque! Recorda que o afirma um decreto francês de 1848 que diz:

“A denominação de aluno da marinha será substituída pelo título mais democrático de aspirante de marinha”.

Porque é mais democrático esse título deixa sem resposta o autor e confesso também que, para mim, é inexplicável. O mesmo autor porém acrescenta que, seja ou não democrático, esse título é caro aos que o levam, “porque é o primeiro na hierarquia que vai percorrer, que lhe dará o direito à saudação dos funcionários é o que ardentemente desejava desde o colégio” e que “se recebe na idade feliz onde a vida aparece risonha, cheia de sonhos sedutores, onde se ignora os compromissos de família e a febre da ambição” onde tudo se aceita com despreocupação e alegria.

Embarcado como aspirante ou guarda-marinha nas corvetas antigas a vida a bordo é feita em comum, uma sala acanhada que serve para tudo, de jantar, de leitura, de dormitório, de toilette e nunca cabem todos porque onde deveriam estar 6 em regra ficam 12 ou mais.

“Em promiscuidade de todos os instantes passa a vida de aspirante e de guarda-marinha a bordo, sem um recanto pessoal para se isolar, para se recolher, para escrever uma carta íntima; “sua vida pertence a todos que o rodeiam, dorme, pensa, trabalha, come, bebe, lava-se veste-se no meio deles”.

Às vezes o compartimento ficava ao lado da máquina e o calor e o cheiro de óleo penetravam o ambiente onde o ar não se renovava durante a viagem porque a única ou as duas únicas vigias teriam que ser fechadas contra o risco do compartimento se alagar; e quando com mar calmo, ainda assim tentavam abrir, como tantas vezes sucedia num navio relativamente moderno tal o “Benjamin Constant” era quase certa a corrida para salvar da água os uniformes e os pertences porque um golpe do mar brejeiro inundava o dormitório.

No meio de tôdas as misérias dessa vida de bordo, nos longos cruzeiros, raramente se

perdia a calma, antes o bom humor em regra se comunicava à turma e as coisas se passavam, até divertidamente. Raras eram as queixas e as recriminações, pelo menos talvez menores do que as dos tempos de agora onde está tudo melhorado. Quando, porém, algum guarda-marinha mal dormido, mal alimentado, mal lavado, deixava escapar perto de oficial antigo palavras de aborrecimento e até de certo desânimo, o consôlo que partia do superior era sempre de natureza irritante: “Deve-se dar por feliz... No meu tempo as coisas eram piores...”

E contava, como eram as coisas. Esse estribilho de oficial já com algumas dezenas de anos de serviço sobre as vantagens modernas comparadas com as que lhes couberam, acabava irritando pela continuidade, e assim quando se fazia a roda e surgia a frase: “No meu tempo.....” a debandada da tertúlia estava próxima.

Havia porém muita verve entre o pessoal, especialmente nas turmas grandes como a do Dídio Costa, cuja viagem de instrução nos é contada pelo ilustre consócio no belo livro: “Nas águas da Gasconha”.

Dessa viagem ainda se acham na ativa os Vice-Almirantes Mário Hecksher e José Maria Neiva, este Chefe do Estado Maior da Armada. Dos outros 53 guardas-marinha muitos morreram, mas outros continuam prestando relevantes serviços à Marinha, como o próprio Dídio Costa, Diretor do Serviço de Documentação da Marinha, Sussekind, Romeu Braga, Bustamante, Evandro Santos, professores da Escola, Azevedo Lima, Diretor da Imprensa Naval, Braz Dias de Aguiar, com brilhantíssima carreira de demarcador das linhas brasileiras, Francisco Xavier da Costa, na Marinha Mercante e outros.

Durante os anos de aspirante vão acariciando na angústia da expectativa a idéia da boa viagem de instrução. Para que partes do mundo?

Com que Comandante? Quais serão os instrutores? Que cidades visitarão?

18. *O dia da partida* — Poucos poderão avaliar, se no foram guardas-marinha, a emoção do dia da partida.

Os aprestos de bordo se fazem sob inolvidáveis e inesperadas impressões.

O navio, o aspecto, externo, a limpeza a bordo, desde a baldeação rigorosa do quarto d'alva, o brilho dos amarelos, e das corticinas, o apuro dos uniformes, a azáfama geral. Entre os numerosos guardas-marinha a mobilidade é impressionante, faltam colarinhos para uns, gravatas para outros, uns procuram as luvas, outros não encontram a graxa para escovar os sapatos, perdem-se os botões dourados dos uniformes, e no meio de todos, existe um modelar, que está calmo; esse é previdente, tem tudo a tempo e a hora, vive de agulha em punho e de chaves de cadeados, mas nada lhe falta, nem compreende que os outros não procedam da mesma forma; se é um bom colega, é o santo caído do céu por milagre, pois tem que emprestar tudo a todos, auxiliar a cada um e ser estranhado e ficar a pique de perder o conceito geral se num dado instante não estiver preparado para colocar à disposição do colega o colarinho duro ou a gravata de laço borboleta de sobressalente; muitos nem se impressionam quando algo lhes falta, pois contam com esse tipo admirável de colega, irmã de caridade.

Está tudo preparado para a partida; o navio é um brinco. O Chefe do Estado-Maior-General da Armada visita o navio e se demora, com tudo fiscalizando; em seguida o Ministro da Marinha e em certos casos o Presidente da República chega a bordo. Foi assim no “Benjamin Constant” nessa viagem com o presidente Rodrigues Alves.

Que emoção! Salvam os navios, embandeiraram nos topes ao brado de Presidente no mar. Os ouvidos se apuram para acompanhar a regularidade dos tiros e se algum falhou e quase sempre é assim. Sente-se em cada um a parcela que lhe cabe de responsabilidade na harmonia do conjunto.

Em navios de gáveas, como também o é o “Almirante Saldanha” a cerimônia é imponente, com os marinheiros estendidos pelas vergas dos mastros, parte da guarnição for-

mada pela borda, os oficiais irrepreensíveis junto ao portaló, o comandante no patim inferior da escada, como determinam as ordenanças.

Retiram-se os visitantes com as mesmas honras.

O imediato atento aos menores detalhes, aproxima-se solene do Comandante: "Navio pronto a suspender".

O comandante responde com um gesto de agrado e dá ordem: "Manda tocar postos de suspender".

Executa-o a banda marcial, com as cornetas e os tambores, o toque longo, bonito, primorosamente apresentado, mesmo porque mais de 300 pessoas estão ouvindo, como juizes, para elogiar ou reprovar depois.

No lais da verga de sinais está içado o pedido de licença para suspender ao almirante mais antigo no pôrto, e no tope do mastro principal, a longa flâmula de comando, usada apenas nas partidas e chegadas.

A extremidade toca na água quando o vento não é bastante forte para horizontalizá-la; é um luxo e uma tradição naval.

São muitas, de variada espécie e atraentes as tradições marítimas, cultuadas com verdadeiro sentimento de religiosidade através da marinhas do mundo. Essa flâmula colossal é uma delas; a bordo todos, do comandante ao mais humilde taifeiro, querem vê-la desfaldar-se, na extremidade uma estrela dourada, que quase toca no mar e outras vezes se eleva altaneira com as frescas brisas da tarde.

Iça o navio-escola o sinal de rotina mais emotivo: "Adeus", e em resposta os navios à vista içam: "Boa viagem".

A banda de música de bordo executa, sem parar, até à barra, diante da fortaleza de Santa Cruz, o dobrado "Saudades da minha terra" que ainda hoje, como música militar, talvez não encontre igual em beleza no repertório moderno.

Uma hora depois o mar alto, a visão majestosa do Rio ao longe, magnífico, esplêndido na sua muldura de morros, enseadas, picos e praias, e o Gigante de Pedra, dominante.

Em carta publicada no "Correio Mercantil" guarda-marinha Jaceguai, enviada de bordo

da corveta "Baiana", na sua viagem de instrução, (1862) entusiasmando-se com a natureza do Rio e com a partida para longo itinerário, diz que "parece ter sido o Sr. Gonçalves Dias o único poeta que admirou com entusiasmo o "Gigante da Pedra".

Com os braços no peito, cruzados, nervosos, Mais auto que as nuvens, o céu a encarar, Seu corpo se estende por montes frageiros, Seus pés sobranceiros se arrojam no mar.

19. *Em viagem* — Começa o cruzeiro..

A marinha à vela tem suas vitórias e seus encantos. Durou cinco mil anos. O "Benjamin Constant" não era um navio puramente à vela como não o é o "Almirante Saldanha"; o último navio apenas veleiro da Marinha foi o patacho "Caravelas" de que tive a honra de vser imediato e encarregado da navegação na sua derradeira viagem, aquela que fechou o ciclo das navegações desse tipo para a Marinha Militar do Brasil. Foi servir de barcafarol em Salinas, e só do Rio a Recife, na primeira singradura, gastou 49 dias e quatro horas. Mas isto é história moderna...

A bordo os guardas-marinha procuram se divertir como é possível. Os oficiais embora muito respeitados, o comandante e o imediato, recebem alcunhas, as anedotas e ditos correm no seio da turma, sem que alguém ouse demonstrar junto aos superiores a menor falta de consideração.

Na viagem que me refiro, o comandante era o Capitão-de-Mar e Guerra Afonso de Alencastro Graça, depois vice-almirante e se destinava a agradecer os governos amigos que se fizeram representar na posse do Dr. Rodrigues Alves, como presidente da República. Foram Teodoro Roosevelt, dos Estados Unidos, Eduardo VII, da Inglaterra, Emílio Loubet, da França e D. Carlos I, de Portugal.

O Comandante era idoso e tinha por apelido Juquinha. Porque? Não se sabe. Do nome nada consta que possa dar Juquinha. Talvez na época corresse pelo Rio o apelido como consequência de algum fato de relevo.

Os guardas-marinha tinham na turma seus poetas, os cantores prediletos (como o Paulo

Emílio), os tocadores de violão (como o Pinto Guimarães) e então se divertiam. Por exemplo, no primeiro pôrto estrangeiro, o Comandante que não possuía traje civil, arranhou um dolman, tirou os galões, disfarçou com um chapéu do 1.º tenente Luís Cirilo Fernandes Pinheiro, alijou as platinas e assim desceu à terra voltando com um chapéu duro comprado numa das lojas.

Aí está a quadra comemorativa do acontecimento insólito:

De dolman, sem galão e sem boné;
O Afonso uma vez desembarcou
E diante do pasmo universal
De chapéu duro êle voltou.

Ninguém acreditava na eficácia de seus conhecimentos de inglês, antes o modo de falar era motivo de comentários. Isto deu causa a outra quadra. Julgava o comandante que tinha a receber uma só pessoa, e começou uma frase que é a primeira da quadra, mas depois de verificar que fora ludibriado, sem perder a calma, compôs a segunda estrofe seguinte:

Between, between, disse êle,
Quando foi pelo Presidente visitado,
Among, among emendou logo,
Todo atrapalhado.

Creio que não há grande métrica mas asseguram os contemporâneos que era bem cantada e seguida em coro com imenso regosijo geral.

Gravaram os numerosos versos em uma espécie de fonógrafo primitivo, formado de cilindros rotativos, com tubos de borracha que permitiam quatro ou cinco pessoas ouvirem ao mesmo tempo. Uma maravilha de arte para a época. O Imediato Amyntas José Jorge, que se reformou como contra-almirante, apesar de sua sizudez, certa vez, quando o comandante estava em terra, quis ouvir as quadras e riu-se imensamente. Isto constituiu um dia de glória para os guardas-marinha, pois vamos concordar, não se ligava muita importância ao *quatô*, e um Imediato se dignar conceder atenção a brinquedos dos jovens era um fato excepcional.

Os comandantes sabiam de muita coisa, mas perdoavam e até se interessavam mais ou

menos pela verve dos guardas-marinha. Eles também o foram, e os compreendiam. Mostravam-se tolerantes para com essa mocidade cheia de vibração, que enceta a vida militar, prenhes de ilusões, dispostos aos pequenos prazeres como a tudo sacrificar, quando necessário, pela honra e pelo dever.

“Porque reprimir, pergunta um historiador naval, os arroubos da juventude? Acaba-se tão depressa de se ter vinte anos!”

20. A “Baiana” em 1861 — Voltemos à “Baiana”. Na viagem de 1861 partiu a 2 de março tendo visitado o navio antes da partida o Capitão-de-Fragata Segundino de Gomes-sô e o Capitão-Tenente Teotônio Raimundo. Os guardas-marinha ficaram agradecidos a êsses dois officias. Alguns episódios se conhecem das travessias.

No dia 9 de abril, por exemplo, pela primeira vez, com tambor e pífano tocaram a ladainha. O altar estava erguido na coberta. Chateaubriand referiu-se a essas cenas de bordo: “Quanto era tocante a reza dêsses homens, que, em um lenho frágil, em meio do oceano, contemplavam a queda do sol!”

Era a humilhação perante aquêlo que manda as tempestades e a bonança. No domingo, todos os marinheiros, ajoelhados em terra, atendiam à missão.

Muitos doentes, 20 a 30 por dia; as acomodações acanhadas são a causa. As verrinas dos jornais antes da partida se justificavam. Em Recife sabem da ascensão de Joaquim Inácio ao Ministério da Marinha. Grande entusiasmo entre os officias “com a esperança de que a classe há de ter algum impulso”.

Os officias oferecem um jantar ao comandante, capitão-de-mar e guerra, José Maria Rodrigues, severo mas estimado. Nota-se que em vida de 20 anos de gabinetes ministeriais, gabinetes que se constituíam e se dissolviam, nenhum membro da Marinha era chamado para ministro, o que justifica a subida de Joaquim José Inácio sem grandes exclamações assim como se a longa espera sôbre assunto vital para o progresso do país, acabasse desinteressando a opinião sensata da classe.

As emoções dos guardas-marinha são sempre as mesmas, dizia um deles em carta para o "Correio Mercantil" ao partir de Recife:

"O coração ia mergulhando no pesar e na tristeza; separavamo-nos da Pátria; Pátria é nossa mãe e nenhum filho separa-se daquela que lhe deu o ser sem um sentimento de profundo pesar ainda mesmo com a certeza de voltar a seus braços"

No caminho das Antilhas forte tufão arrumou partidos no convés os mastaréis do velacho, do joanete de proa e do joanete grande, e 13 dias depois novo temporal obrigou o navio a correr com o tempo durante 16 horas "com gáveas nos terceiros, vela de estais, punho traquete a barlavento, latino grande risado e mezena"!

Quase já não se entende essa linguagem tão familiar aos marinheiros de ainda meio século atrás.

Em Nova York se estariam com os aspectos de crescente progresso do colosso americano. Sempre bem recebidos. Uma carta diz:

"Não sei que predileção têm os norte-americanos para conosco e vice-versa; o que é certo é que contemplamos sua bandeira com vivo prazer, do mesmo modo que eles contemplam e saúdam a nossa".

"A respeito da casas acrescentarei que, além de três e mais andares acima do nível da rua, têm quase todas elas mais um andar abaixo desse nível". Isto era, como disse, escrito em 1861, há 84 anos. Os quatro andares de algumas casas chamavam a atenção dos visitantes.

Os guardas-marinha visitaram o museu. Um deles conta que viram um pequeno de sete anos de longos cabelos completamente brancos; uma mulher de suíças; um moleque metade macaco e metade gente, que anda com dois pés e grita, não fala; e o leão-marinho, com pelo muito limpo e bonito; é porém nauseabundo". Interessante o que faria o leão para tão bonito merecer classificação assim baixa.

Nessa mesma carta, notando os monumentos dos heróis da Independência americana e a falta de qualquer manifestação patriótica desse jeaz

no Rio de Janeiro, confia no Instituto Histórico e Geográfico e textualmente:

"nessa associação a quem a literatura pátria tanto deve, que tarde ou cedo fará alguma coisa a respeito. Será iludida a nossa confiança? O futuro o dirá"!

O futuro tem respondido à confiança do jovem guarda-marinha de 1861, no pôrto de Nova York, a bordo da corveta "Baiana"; se não ergueu muitos monumentos de bronze para perpetuarem a memória de nossos grandes homens, exhibe na opulência de suas obras escriptas imperecíveis testemunhas dessas glórias, pois que tantas vezes repetido, continua verdadeiro o conceito de Herculano de que "as relações dos historiadores são mais duradouras do que a mármore".

Algumas observações aqui e ali demonstram como o Brasil não era tão atrasado para a época ou os Estados Unidos não estavam tão adiantados. Em uma das cartas diz o guarda-marinha F:

"O arsenal de Brooklyn contém bons estaleiros e oficinas, mas não é muito superior ao do Rio de Janeiro. Tem também um dique. O dique, porém, é muito inferior ao da ilha das Cobras no Rio de Janeiro".

No entanto enquanto o Brasil fez mais um dique pequeno e outro grande, e adquiriu o flutuante "Afonso Pena" os Estados Unidos, em matéria de arsenais cresceram tanto que talvez somem suas oficinas quase tanto quantas as do resto do mundo reunidas.

A corveta fez bela viagem embora maus golpes de vento aqui eram de esperar em longa viagem. Na Inglaterra houve um baile em Queenstown onde passaram alguns dias; foi ao Clube local, e os guardas-marinha se prepararam cuidadosamente, no primeiro uniforme, a fim de honrarem a sociedade escolhida da simpática vila. Tiveram porém que se retirar logo, pois os sócios entraram a se esmurrar aos socos. Foi a melhor festa nas Ilhas Britânicas.

Em Lisboa tiveram magnífica recepção; no dia 24 de setembro, aniversário da morte do Primeiro Imperador, houve cerimonial a bordo

e mandada rezar missa na igreja de S. Vivente de Fora:

“por alma daquele que abdicou duas coroas para empunhar uma espada, que trocou dois cetros pelas dragonas de coronel”.

Daí foram visitar o túmulo do Fundador do Império, levando uma coroa de perpétuas, com o distico:

“Saudades eterna. Comandante e oficiais da Corveta “Baiana” 1861”.

No dia 7 de setembro o “Duque do Pôrto” navio de guerra português não saudou a data nem embandeirou em arco. O comandante da corveta imediatamente dirigiu-se ao ministro brasileiro sobre o assunto que também logo iniciou as providências adequadas; explicaram, porém, as autoridades que tal saudação relativa a navios estrangeiros era feita apenas por ocasião de aniversário de monarcas, e a explicação foi aceita. E’ também verdade que havia muito melindre latente ainda menos de 40 anos decorridos da libertação do Brasil para que os portugueses se movessem prazenteiramente para saudar o pavilhão brasileiro naquela data.

21. *A “Baiana” no Pacífico* — A “Baiana” foi um dos navios mais falados da marinha antiga e sempre empregada na instrução do pessoal. Francisco Manuel Barroso da Silva, que a comandou no primeiro cruzeiro feito ao Pacífico 1854 pela marinha de guerra brasileira muitos encômios recebeu por esse comando e sua reputação de marinheiro nela se firmou. O próprio nosso ministro plenipotenciário no Peru refere a intensa e agradável impressão que deixou o navio nos centros peruanos.

No dia 19 a 30 de janeiro navegou à vista da “Imperial Marinheiro” que demandava igualmente os mares do Sul. Ao subirem nas latitudes meridionais bandos de alcatrazes e de almas-de-mestre barulhentos seguem o navio.

Ao se aproximarem do cabo de Horn a tempestade os alcançou; o vento com uma violência açoitava os marujos nas vergas como o frio insensibilizava-lhes as mãos, descendo alguns acorbadados. Os oficiais se tornam enérgicos, anima-os; dois homens da guarnição são

atirados e morrem, tendo um desaparecido no mar; outros dois ficam gravemente feridos. Um consegue na queda embaraçar-se milagrosamente no amantillo do pau de surriola escapando da morte.

Os três guardas-marinha Antônio Carlos de Mariz e Barros, cuja fama de valente teria imorredoura auréola no episódio de que foi herói na guerra do Paraguai; Caio Pinheiro de Vasconcelos também depois ilustre oficial e Francisco Romano Stepple da Silva, cujos serviços na mesma guerra foram de alto relêvo especialmente na campanha de Manduvirá, subiram espontaneamente às géveas a fim de dar um exemplo, pelo que foram calorosamente elogiados.

A respeito do marinheiro que caiu e se embaraçou na rêde do pau de surriola conta-se anedota que ainda hoje corre os meios navais. Quando violentamente foi arrancado da verga e sentiu que se despenhava no espaço gritou: “Valha-me Nossa Senhora”!

Sentindo-se imediatamente depois seguro no amantillo, falou ainda com a mesma voz emocionadíssima: “Não precisa mais”.

O estado sanitário de bordo piorava como sucedia nessas longas travessias à vela; doentes principalmente de febre amarela, reumatismos, cólicas, constipações; clima úmido e frio, variações contínuas, deficiências de agasalho e de acomodações, alimentação saturada de água salgada, e também pouco nutritiva, ausência de gêneros secos, são as causas de sempre.

Os bandos de alcatrazes, agora no Pacífico, são substituídos pelos de albatrozes.

Prosegue a viagem. Com 58 dias de mar começam as alegrias do pôrto; avista-se terra, os altos de San Antônio e ao longe soberbo e dominante, o Aconcágua; no dia seguinte fundeia-se na hospitaleira Valparaíso e saudam-se os navios de guerra estrangeiros em número de oito, sendo muito cavalheirescas as relações entre o nosso pessoal e dos navios chilenos, franceses, americanos e ingleses que ali se encontravam.

A viagem daí em diante foi relativamente mais feliz. Os pequenos portos em que tocou antes de Calau demonstravam ainda profundo

atrás no meio do século passado. Em Coquimbo faltavam aguada e lenha. Em Caldera também não havia água potável, sendo distiladas cerca de 20 mil garrafas diárias para uso da população. Cobija visitada, único porto da Bolívia. População de 800 almas que bebiam água salobra do único depósito existente.

Visitou a corveta a cidade de Árica e deitou Calau, então cidade de 10.000 habitantes e com regular progresso; no porto uns 50 navios mercantes, o que atesta o excelente comércio daquela época.

Visitaram naturalmente Lima, a capital, em grande progresso com seus templos majestuosos e suas cinco portas de prata maciça, segundo a tradição local. A sua rua do Ouvidor, era a dos Mercadores e as limenhas se apresentaram com muito gosto, trajando à francesa, no baile que ofereceu aos oficiais da "Baiana" o cônsul brasileiro, isto é, o Ministro Cavalcanti.

Revela notar que as filhas do ministro se distinguiram na festa como as mais elegantes e educadas, pelo que muito se lisonjearam os oficiais.

Um destes, o tenente Francisco Pereira Dutra foi indicado pelo comandante para desempenhar a comissão solicitada pelo ministro, a mando do Governo Imperial, no sentido de colher todas as informações sobre a nossa fronteira com o Peru; foi voluntário para a espinhosa missão em zonas desconhecidas e sujeitas aos maiores perigos.

Conheceu-se Paita e depois Guayaquil. Observação curiosa: as casas de Guayaquil da época, quase todas de um só pavimento, construídas de madeiras e tabocas, tinham um revestimento de argamassa em cuja composição entrava o excremento do boi.

Boas relações se fizeram com o presidente Urbina, porque se ofereceram as oportunidades. Daí se procedeu ao regresso sem que corressem grandes novidades, a não ser a perda de dois homens em manobra ao passar o estreito de Magalhães.

Grandes cruzeiros até Valparaíso, depois a Montevideu e finalmente Rio. O maior suces-

so coroou a primeira apresentação de navio de guerra brasileiro ao Pacífico.

Muitos episódios interessantes ocuparam a atenção dos brasileiros nessas longas travessias e sempre recebidos com extremo prazer.

22. A "*Imperial Marinheiro*" — Na viagem da "*Imperial Marinheiro*" sob o comando de Tôres e Alvim a que nos referimos, de 1857 em Nápoles foram recebidos com grandes festas pelo conde de Áquila que cercou de gentilezas os oficiais brasileiros durante os 32 venturosos dias de permanência no admirável porto; por duas vezes veio a bordo o distinto aristocrata, a primeira vez vestindo o uniforme de almirante de nossa Armada, com todas as ordens honoríficas, almoçando com a oficialidade; no jantar oferecido aos brasileiros no seu palácio, presidiu-o Da. Januária, sua esposa e irmã de D. Pedro II. Oficiais em passeio a Pompéia encontraram Gonçalves Dias, o nosso maior poeta e a corveta do maviroso vate dos Timbiras. Em companhia deste houve visita ao Vesúvio, imponente em esplêndida moldura.

Em Palermo alimentaram, vestiram, calçaram, e agradaram muitas crianças que vinham a bordo esmolar; Em Argel visitaram as ruínas de Cartago, assistiram à execução de um mouro acusado de homicídio (sim, era preciso conhecer tudo, inclusive as sensações de uma execução pública).

Do Mediterrâneo trasladou-se a corveta para Cherburgo onde ofereceu um baile tão afamado que até o almirante Marques Lisboa, futuro Marquês de Tamandaré se trasladou de Paris onde fiscalizava a construção de navios nossos para assisti-la. Era uma honra na sociedade de Cherburgo ter recebido convite para o baile dos marujos brasileiros.

Para os homens do mar havia algo na corveta que a tornava idolatrada quase pelos seus tripulantes; refiro-me às qualidades veleiras.

Naqueles tempos que vão longe três ou quatro navios se emparelharem no oceano, com o mesmo destino, tendo que se servir do mesmo vento e aproveitá-lo com maior ou menor habilidade, era um delírio sobrepujá-los na marcha. Ao fim de poucas horas todos conhecem

os navios à vista, as nacionalidades, o tipo, as características especiais de velocidade, de volume de pano, de facilidade de manobra. Pois bem, pesadas as circunstâncias, o nosso navio vencer os demais na corrida, o que significa excelência de preparo, capacidade técnica, fibra marinheira, tudo quanto honrava, elevava, os marujos da época, era coisa de conduzir ao paroxismo de entusiasmo as almas rudes daquela gente, cujas alegrias, vitórias, desânimos, sucessos ou fracassos, glórias ou tristezas estavam sempre indissolúvelmente ligados ao seu barco, pelo qual todos os sacrifícios eram gozos, a franqueza de almas habituadas às emoções vigorosas, aos embates truculentos dos antagonismos.

No dia 4 de fevereiro de 1858 fundeava na Guanabara a "Imperial Marinheiro".

Da "Baiana" refere-se ainda uma viagem de bastante notoriedade às Índias com o fim de instruir oficiais marinheiros sob o comando de Wandenkolk.

Dentre os muitos oficiais da praça de armas deviam tornar seus nomes conhecidos além do comandante os primeiros-tenentes Belfort Vieira e Batista das Neves, por motivos muito ao conhecimento de todos.

A viagem correu sob múltiplas peripécias e para itinerário relativamente pequeno durou dois anos com diferença apenas de seis dias, pois deixou o Rio em 14 de janeiro de 1877 e a ele voltou em 8 do mesmo mês de 1879.

Com 29 dias de mar alcançou a corveta o primeiro pôrto de destino em Capetown, bastante avariada pelo mar, o que a fez demorar mais de três meses para reparar e ao sair ficou novamente tão castigada que ao fim de dois dias de luta voltou à enseada de Meza para continuar os reparos, devendo subir ao "patent-ship" despida de artilharia e praticamente de tudo que era móvel dentro do navio.

Deixou a cidade em 23 de setembro, perfazendo um total praticamente, de sete meses e meio para se desembaraçar da primeira etapa.

Daí em diante correram mais à feição os ventos. Fêz escalas em S. Diniz, na ilha Bourbon, em Bombaim, Diu, Colombo, Ba-

távia, Pôrto Luís, Cabo da Boa-Esperança novamente baía de Mesa e Rio de Janeiro.

23. A "Vital de Oliveira" — A corveta "Vital de Oliveira" fez também uma viagem de instrução ao Pacífico, no ano de 1876, sob o comando do Capitão-de-Fragata Luís Maria Piquet e sob a imediação de José Cândido Guillobel, cujo centenário já comemorou esta casa em homenagem a ilustre consócio.

Eram 24 guardar-marinha alunos sendo dois já confirmados, entre os quais João Batista das Neves, outro que se tornaria notável. Descreveu a viagem em cartas publicadas no "Jornal do Comércio", o Dr. Luís Agapito da Veiga, 2.º cirurgião de bordo. O exemplar da Biblioteca de Marinha traz a oferta de Gago Coutinho e Gastão Penálvia em junho de 1925.

Releva notar que Agapito está inscrito com y; estranhei a grafia e procurei esclarecer junto aos descendentes da família, obtendo como resposta que, se assim estava escrito atribuiu-se apenas a êrro de grafia.

Em uma semana atingiam as cercânias de Montevidéu; pela proa a ilha de Lobos e por boreste:

"uma coluna que parecia fincada no meio das águas. Era o farol de Maldonado. Continua no mesmo local e na missão de todos os faróis"

"E êle sempre ali, erguido como um braço da humanidade empunhando o facho que deve guiar os que navegarão e auxiliá-los a evitar os escolhos. Adeus amigo. Nós vamos nosso caminho; continua no teu pôsto, mergulha a luz de tua lâmpada nessas trevas que desnoçarão o navegante; tu és o anjo de pedra da entrada do rio-mar".

No tombadilho os oficiais conversam; anos a fio viajaram as águas do Atlântico Sul revêm pontos conhecidos.

Conta-nos Agapito:

"Atrás da ilha Gurríti que ali está, no pôrto de Maldonado, diz um, já nos abrigamos de um feio tempo de sueste". "Ali está mergulhada a Bombay, diz outro". "Destas ilhas diz ainda um, indicando as Flores, em tal rumo

e tantas milhas, está o banco inglês”. “Lá estão as rodas da Pedro II.

E’ a história que parece sempre ficará desconhecida das gerações; as rodas de um navio desarmado por violento temporal, a salvação de outro, batido pela tempestade, porque a tempo se abriga no pôrto salvador, o terrível naufrágio, com perda total, de alguma gentil corveta.

A vida prossegue para o nauta, mas em cada lugar que passa atira o olhar pensativo as paragens e o espirito lembra com simpatia as que ali também passaram, felizes ou não, mas de qualquer forma destemerosos, sadios de audácia e de vontade!

E’ sombria para Montevidéu a época em que a graciosa “Vital de Oliveira” a faz primeiro pôrto de escala”.

24. *Montevidéu em 1876.* — “Montevidéu está triste como quem têm mesmo a bolsa vazia e não tem crédito na praça. As nações não como os indivíduos. As ruas permanecem desertas, como se por elas transitasse em liberdade alguma onça bravia. Os teatros estão fechados; os recibos recolhem-se; tudo é muco, túbio, sorumbático, *No hay plata.* W

E ainda acrescenta o informante:

“Pois é pena, porque é uma bonita e risosa cidade”. Há coisas e muitas atraentes na bela cidade. Nas várias expressões de arte, Montevidéu não se sentirá diminuída mesmo pela época de 70 anos atrás; descreve usos e costumes que hoje trariam o riso em muitos casos.

Entusiasma-se muitas vezes:

“Não há essa concorrência de veículos que os atropelam nas nossas estreitas ruas, esse fluxo e refluxo de transeuntes que se encontra nas nossas calçadas; mas a impressão desse panorama é muito mais agradável, as ruas tão mais desertas, mais mudas, porém, mais bonitas. E’ muito mais pobre Montevidéu, mas veste-se com mais luxo e mais elegância. Em mesmo espírito mais progressivo de maneira a fazer sentir-se mais a sua pobreza do que admirar-se a riqueza do Rio de Janeiro.

Pois esta pequena República, que não alardea, como nós difundir a instrução, isenta de direitos de importação os materiais de instrução e de imprensa, semeia escolas e funda bibliotecas populares em suas populações mais afastadas!...

“E’ pobre, mas o que tem é com ordem, é regular”.

Todos os passeios são percorridos pelos jovens oficiais, que admiram o belo e gracioso edifício da “Bôlsa” os elegantes chalets e as encantadoras quintas do Passo del Molino, a rua Dezoito de Julho, a mais bela da cidade, até a praça de Cagancha e assentado num de ferro dessa praça apreciar as graciosas crianças e “ver-brincar os meninos e meninas que, vigiados por suas amas, saltam na corda e jogam a peteca em roda da estátua da Liberdade”.

Dançaram a habanera nas tertúlias montevideanas, mais com a cintura do que com os pés.

De Montevidéu singraram para as ilhas Falklands, não que fôsse este arquipélago um ponto obrigatório de escala, mas estando considerado como possível, tornou-se indispensável ante a situação da corveta após 30 dias de luta violenta com o mar e com os ventos contrários.

25. *Falklands.* — A bordo estava o práctico do estreito de Magalhães, Mr. John Georges Levy, já velho de mais de 70 anos mas quase tão antigo viajante de todos os mares, encaixado e angras de vários continentes. Era desses tipos característicos do homem que viveu na luta das ondas, que sempre se veste da mesma sorte, fuma o mesmo cachimbo, erra todos os vaticínios de mudanças de tempo, gosta de todas as bebidas, conta anedotas em quase todas as línguas; diverte, ajuda, se auxilia dos companheiros, presta pequenos favores, resmunga contra os menores aborrecimentos, exulta com qualquer reviravolta favorável, precioso, indispensável, dedicado, pouco honesto, muitas das virtudes dos lutadores pela vida, muitos dos defeitos, também que os outros lhe vai imprimindo, enérgica e sempre com o perigo sobre quem não vence o

dos vendavais nem as montanhas de ondas enfiadas, capaz por certo de sorrir com as jovens, e gargalhar no ambiente fumarento das tabernas.

Definia-se com uma frase incisiva:

"Iô só muto patife, vagabundo; pero ladrón, non!"

Visitaram Stanley pequena e única povoação das Falklands, para lá se abrigarem do temporal.

Ainda hoje a vila terá uns dois mil habitantes. No pequeno povoado em 1876 o pessoal da "Vital de Oliveira" assistiu um casamento. Quase todas as casas tinham pau de bandeira e todas a içaram. Içava-se bandeiras, por qualquer coisa em Stanley Harbour; quando a corveta ancorou assim fizeram. O noivo trazia ao peito um grande florão de fitas brancas e pontas flutuantes, ambos muito bem vestidos, sendo a noiva a mais linda do lugar.

Quando saíram da igreja uma turba de meninos fizeram contra o gentil par verdadeiro tiroteio de pedaços de terra gramada, no meio de ruidosa vaia. Os noivos haviam que suportar a sujeira porque era tal a moda embora bárbara, convenhamos.

Os pinguins lá existiam aos milhares. Os oficiais da praça d'armas faziam adivinhação a respeito — "Qual o animal que tem asas e não voa, tem pernas e não corre, nada e não é peixe, tem ventas e não se assoa?"

Viram o cabo das Virgens, com sua configuração de proa de encouraçado e onde habitam os patagões, de pés grandes e pele de llama, calçados.

26. *Punta Arenas.* — Chegaram a Punta Arenas, a então pequena povoação do estreito de Magalhães e escala obrigatória dos navios que o demandam. Era então um conjunto de pequenas casas, como Stanley, mas já o narrador vaticina que será mais tarde uma grande cidade pelo desenvolvimento que notava no comércio de peles de vários animais, guanaco, lobo, cisne, lontra, veado, avestruz, e a mineração do carvão de pedra, servida por trilhos de ferro. Com cerca de 1.000 habitantes, doze anos depois contava 3.000 e representa progresso muito ca-

racterístico. Assim com Custódio de Melo no cruzador "Almirante Barroso", Punta Arenas somava esse número, com Gomes Pereira, na viagem de circumnavegação do "Benjamin Constant" em 1908 a mesma cidade representava 10 mil almas e comércio sempre crescente.

Quando pela vez primeira a "Vital de Oliveira" ali esteve em 1876, houve como era natural da parte dos chilenos cujas homenagens aos brasileiros assumem tal vulto que Custódio afirmava não poder a pena descrever um banquete aos oficiais.

Desembarcaram em escaleres, e a pouca distância, encontrava-se o governador, com algumas convidadas, e uma banda de música militar. Os oficiais brasileiros e chilenos convidados incorporaram-se à comitiva e com a banda na frente, encaminharam-se para uma escola pública, onde seria servido o jantar, pois a sala era espaçosa. Estava bem enfeitada com bandeiras e ramos naturais, e na ocasião de estilo o governador fez um brinde aos brasileiros e ao monarca cidadão, imperador democrata que lhes rege os destinos.

Em seguida o guarda-marinha Monteiro com a palavra saudou a marinha chilena; depois o capelão brasileiro, padre Caruço, recitou uma poesia em italiano, saudando o Chile e o governador de Punta Arenas; coube ao guarda-marinha Malveiro saudar o presidente do Chile.

Pediú em seguida a palavra o segundo-tenente Lemos Bastos, pai do atual almirante Lemos Bastos, para saudar o Chile, cuja história magnífica bosquejou em largos traços entusiasmando o auditório. O Governador usou então novamente da palavra exaltando as glórias do Brasil, com vigor e incontido entusiasmo. O primeiro-tenente brasileiro Quaresma então saudou o povo chileno, ao qual se mostrava extremamente agradecido o Brasil pelas manifestações de simpatia e do reconhecimento que se achava possuído.

O primeiro-tenente Garcia, imediato da corveta chilena "O' Higgins" levantou um brinde à marinha brasileira e ao Brasil, usando da frase de que o seu país é irmão. O cirurgião Dr. Agapito saudou a hospitaleira

Punta Arenas, e seu povo fidalgo, onde, cansados das lides do mar, tinham encontrado abrigo, benevolência e carinhos, como se os recebessem braços de irmãos”.

Por fim o Sr. Comandante Piquet ergueu o brinde de honra ao Presidente da República do Chile, com o que se deu por finda a festa.

“Os Andes nos separam, mas nosso pensamento os transpõe” disse no seu brinde o oficial chileno. E acrescenta Agapito: “E assim acontece. E’ pelo pensamento que se tem criado essa simpatia. Sabemos que além da extensa cordilheira, banhando-se no Atlântico, há um país lindo, habitado por um povo de índole generosa e dócil, de caráter franco e leal, e de sentimentos elevados. Nunca o vimos, mas conhecêmo-lo; nunca lhe apertamos as mãos, mas as nossas almas, onde se aninham os mesmos sentimentos, já de há muito se abraçaram”.

PROGRAMA DE HISTÓRIA NAVAL DA ESCOLA NAVAL

- 1 — A história naval, sua importância como campo experimental da educação militar.
- 2 — Necessidade de constituição de uma doutrina militar.
- 3 — Noções da política naval, logística, estratégica e tática.
- 3 — Disputa entre gregos e persas pelo domínio do Oriente próximo.
- 5 — Campanha pelo domínio do Mediterrâneo entre Cristãos e Mussulmanos.
Batalha de Lepanto, Campanha para a conquista da Inglaterra.
- 6 — A invencível Armada.
- 7 — (1794) Howe e Villaret Joyeuse — Batalha Naval de 1.º de junho.
- 8 — Campanha naval durante o 1.º Diretório que terminou com a batalha de Aboukir.
- 9 — Campanha naval de 1805 que terminou com a batalha de Trafalgar.
- 10 — Campanha naval que terminou com a batalha de Lissa.
- 11 — Campanha que terminou com o contrôlo da bacia do Mississipe, na guerra da Secessão americana.

- 12 — Campanhas que terminaram com a batalha naval de Riachuelo; desembarque do exército brasileiro em Passo da Pátria; passagem de Humaitá.
- 13 — Campanha que terminou com a batalha de Tsushima.
- 14 — Campanha contra os corsários alemães na fase que terminou com a batalha das ilhas Falklands.
- 15 — Operações navais das esquadras principais inglesas e alemã (Almirantes Jelliecoe e Sheer na grande guerra de 1914, até a batalha da Jutlândia).
- 16 — Luta da independência. Campanha do Rio da Prata.

27. *O mundo visitado* — Os guardas-marinha brasileiros não tinham que se queixar; conheceram o Globo inteiro nos menores detalhes e tiveram horas, dias, meses e anos de felicidades inequívocas, de sensações eletrizantes e de passagens memoráveis. De tudo viram algo e um pouco de cada coisa souberam e guardaram os conhecimentos.

Aprenderam a dançar no Chile a cueca, dança nacional a habanera e também o “el castillo”. Conheceram os patagões, de capas de peles, robustos, altos, característicos, sem pouso certo, mas hospitaleiros nas choças errantes que constroem para ficarem alguns ou muitos dias.

Assistiram a suas rixas sangrentas sempre que se esquentaram com a aguardente a terrível bebida que os alvoroça. Repararam nos seus costumes, o papel subalterno da mulher, que é o papel que lhe cabe em tôdas as tribos selvagens, porque nas civilizadas é o maior, o mais nobre e o mais digno, o da representante do sexo fraco e belo.

Disseram sentidos e comoventes adeuses. No cais os amigos e as amigas, agitando os lenços, muitas lágrimas derramadas, os corações aos pulos, e enquanto se avistaram, ao longe, ainda se agitavam os lenços no amargo sabor da despedida, “o pungir da primeira saudade” de que nos fala o “príncipe” José de Alencar.

A neve algumas vezes os acompanhou e de tanta que era, gracejava o guarda-marinha “...que só com vê-la sente-se frio”.

Em Valparaíso, a pérola do Pacífico, como a chamavam, e lembremos, o vale do Paraíso sentiram a mesma efetuosidade de recepção.

Encontraram-na, em várias épocas, desde quando tinha 80 mil almas, e ruas mal calçadas, até quase o dôbro e lindas avenidas, sempre com o aspecto de empório comercial do grande país que é o Chile, desde que se tocava ao piano a célebre polca brasileira "As diabruras do Souto" até os modernísimos maxixes nas simbioses com o "fox-trot" e o "one-step", em rádio-vitrolas afamadas.

Muitos costumes primitivos repararam em todos os recantos do Globo.

Em S. Francisco da Califórnia vaticinaram, os guardas-marinha, que seria um dia uma das maiores cidades do mundo, e chegaram a vê-la assim tão grande como atualmente. Sim, porque a conheceram um arraial de caçadores, e depois o gigante do Pacífico com 300 mil almas e plethora de seiva progressista.

Viram a mimosa e bonita Montevideú; visitaram o Prado e a Quinta, a los Positos.

Lutaram com os pampeiros e cortejaram moças de lá, elegantes e coradas, muitas bonitas, quase tôdas atraentes e feiticeiras, bem o guarda-marinha reparou no luxo de Buenos Aires, passeiou na Calle Florida, extasiou-se com a opulência e a grandeza da vaidosa cidade, prendeu-se ao sorriso das gentis portenhas e conheceu na residência privada o general Mitre.

As formosas chilenas de Punta Arenas dançaram a samaqueca, com graça e elegância. Fieguinos nus e mulheres nuas também viram, com substância untada à pele e cheiro por assim característico que obrigava a fugir para longe. Mas haviam-nas na sociedade, jovens e ricas, decotadas e encantadoras!

Desceu à latitude em que o sol deitava-se às 9 horas menos 10 minuto e nascia às 3 horas e um quarto da madrugada.

Em tertúlias jurou afeição e amizade eterna, deixando, as hospitaleiras cidades, com gratidão emocionada e cheio de saudade.

Contemplaram, os guardas-marinha, os altíssimos montes da cordilheira dos Andes, de

alvos cumes e encostas negras, como negras e sombrias eram suas noites silenciosas. Sentiram frio de rachar as mãos e os pés, a morte rondando as cobertas dos marujos desabrigados, deficientemente alimentados e enfraquecidos pela luta com as vagas. Por vêzes até o incêndio ameaçava o navio enquanto o vento bramia, incessante e as vagas cresciam e se arrebetavam no costado.

Dançaram à vista de plantas tropicais e de folhagens espessas como das flores silvestres ao sopro das brisas marítimas, e delas guardaram perenes lembranças. Admiraram belos monumentos, o de Pratt, herói do Pacífico, na hospitaleira Valparaíso.

Tostaram as faces ao sol dos oceanos e visitaram-lhes as enseadas, as baías, os rochedos, em serenas manhãs, claras e amenas. Em terras longínguas, das bandas da Austrália e da Índia, do Japão e da Indochina, da Pérsia e do Egito, conheceram coisas maravilhosas, as amostras do Paraíso e como as proximidades inconstes do Inferno, lugares pitorescos, poéticos, e agradáveis, com todos os encantos, feitos por Deus, tendo anjos como operários, e paragens crestadas pelo sol ardente varadas pelas moléstias, dominadas pelos insetos venenosos, espreitados pela ceifadora implacável, a morte como diria Félix Pacheco.

Abanaram-se com ventarolas e leques, de todos os tamanhos, das mais variadas formas, artisticamente confeccionados, nas quentes noites de Iokoama, em verdadeiro e constante carnaval pela variedade de côres, vestes femininas caprichosas, lampeões aos milhares, sob formas de lanternas universalmente conhecidas e receberam muitos sorrisos, convites para chás, e foram crecados da amabilidade dos vendedores que tratam como Deus o comprador, contanto que êste pague os elevados juros pelas homenagens ao grã senhor.

Trouxeram jarros de bronze, pratos primorosos, porcelanas e painéis, quimonos e baralhos, enorme variedade de objetos de sêda, de bambu, de louça, denunciadores de progresso artístico, nem sempre corresponde a outras denúncias de atraso na civilização que ofereciam aos olhares curiosos dos ocidentais.

Visitaram pagodes opulentos e templos de incalculável riqueza, pois guardam as raridades do passado, vestes imperiais, coroas, mantos, colares e outras jóias de pedras preciosas.

E na dança da Junquina, representada com graciosidade, mudaram as vestes com a máxima naturalidade, deixando-se ver desnudas como em muitos pontos do Oriente tal fato se observa, nos recantos interessantes desses países de civilização especiosa.

Os mausoléus dos reis asiáticos, e as riquezas e antiguidades aí encontradas, elles viram, os guardas-marinha.

Casaram-se com japonêsas pelo prazo mínimo tolerado pelas leis nipônicas, de 15 dias legalmente estabelecidos.

Encontraram chineses sobrecarregados de receio e medo indomáveis, e visitaram mandarins que observaram curiosos em que pese o ridículo de muitas de suas atitudes.

Jogaram o "phantam" com os chineses, jogo de quatro números em que o ganhador recebe o triglo de sua aposta, jogo igual mas em que o banqueiro sempre ganha. Bebeu café em Java, e viu os sorongos bátavos, próprios para os dias cálidos da zona; achou lindos os bungalôs cingaleses e lindos os parsis com seus atraentes mantos saris, e os corpinhos justos e elegantes, próprios de sua pequena estatura e olhos lânguidos e andar gracioso.

Com generosidade nos "bakchiz" (gorjeta) conseguiram ver muitas coisas, que usualmente se escondem de olhos estranhos, de gente de fora. Em camelos tristes e pesadões mas entretanto agradáveis, visitaram velhas cidades árabes, apreciaram sua arte antiga, seus trabalhos e dificuldades; viram cisternas para alimentação de água nas cidades, porque se chove muito pouco, às vezes se passa o ano inteiro sem uma gôta de água provida do céu.

Não arriscaram o estrangulamento fatal, se nas lides amorosas se deixassem enleiar com aquelas mulheres trajadas de roxo, máscaras negras, prontas e atraíçoar o incauto.

Em Jiddah visitaram o suposto túmulo de Eva, a nossa primeira mãe e atravessaram o canal de Suez, a obra mirífica de Lesseps, e glória do gênio francês. As miragens os sur-

preenderam, os oásis e as traições dos desertos. Encontraram em tôdas as zonas do mundo bandeiras algo conhecidas, como a francesa, a inglesa a alemã e a italiana.

Não encontraram sempre moralidade. A celebrada Alexandria de todos os tempos foi apreciada e nela admiraram a coluna de Pompéia e as beldades egípcias, de olhar de fogo e máscaras que escondem ou a beleza, ou a vulgaridade ou a espôsa desonesta ou a donzela aventureira. Admiraram o labor dos egípcios e seus monumentos seculares, entre os quais as pirâmides dos faróis por elles mandadas construir. Visitando o poço onde esteve José prisioneiro, denunciado pela infiel mulher de Putiphar, respeitaram pelo menos a imponência das coisas antigas, de mais de dois mil anos. Em Nápoles e outras cidades da velha Itália meditaram sobre risos e costumes especiais que os anos por certo alterariam; lindas moças se beijavam como saudação em público e da mesma forma procediam entre si os rapazes, mesmo militares. Viram Roma e o Papa, a basilica de S. Pedro tão rica que nenhum dinheiro a pagaria e tão grande que poderia sepultar sob seus escombros 54.000 religiosos se desabasse em dia festivo.

Na terra do Sol Nascente se interessaram pelos saypans, os pequenos barcos japoneses, com suas tripulações de homens nus ou quase nus, mas risinhos e amáveis. Encontraram muito riso no Japão e com esse riso estendiam ao olhar dos freguêses curiosas um sem número de objetos de preciosa arte, tentadores pela habilidade e exotismo como pelo bom preço do custo.

Andaram nos carrinhos com seus djim-riki-san e observaram as ricas filhas da nobreza nipônica, com os pés maguadamentes voltados para dentro, em demonstração de supremo gosto de elegância. Percorreram ruas bonitas, templos onde se entrava descalços, bons hotéis, palácios e alamedas, sempre conduzidos pelo trote regular, rítmico e incansável do djim-riki-san. Nesse país de sonhos, de civilização esquisita e disforme, semi-bárbara em contraste, por vezes, avaliaram nas apetitosas casas de chá, toda a tragédia da surda e la-

tente exacerbação da raça amarela que um dia faria explosão, como aconteceu.

Conheceram em Sidney bondes a vapor, intenso movimento comercial, bars servidos por moças, tão jovens e tão lindas que para o fogo ardente do guarda-marinha brasileiro, mesmo de mais de 50 anos atrás, vontade indômita surgia de substituir-se a tão gentis representantes do sexo feito para o amor e a adoração, fazer-lhes o serviço enquanto elas se deleitassem com as coisas agradáveis da vida ou simplesmente se deixassem admirar, espargindo a felicidade do homem que dela depende. Ouviram serenata de pássaros na formosa Cocatu, onde a vaga bate em cheio e se desenrola nas alvas praias que o mar enamorado beija e acaricia. Sentiu os pruridos da autonomia australiana que em 1889 calculavam em dez anos pela voz do prático que os navios estrangeiros saurariam a bandeira libertadora em vez da inglesa.

O Coliseu e o Tanteon despertaram entusiasmo e admiração, como em Barcelona a coluna do mais célebre dos navegadores, o genovez Cristóvão Colombo.

Se dançaram o cotilhão que finaliza todos os bailes nas terras espanholas, viram também correr os touros com o espetáculo sangrento de 15 a 20 cavalos mortos e alguns cavaleiros às vêzes.

Na antiga Taprobana, que a tradição aponta como o berço da raça humana, o paraíso terrestre, segundo Júlio de Noronha, extasiaram-se com a luxuriosa vegetação, e passearam em estradas a beira-mar, marjeadas de esplêndidos coqueirais e da cabanas de ingleses.

Nem sempre foi possível distinguir entre os jovens habitantes qual o sevo, porque se vestem e penteiam do mesmo modo. Em compensação nas terras do mar Vermelho, desnudas, estéreis, calcinadas, nota Júlio de Noronha.

“E a paragem contristadora e digna, segundo a legenda popular, do túmulo do primeiro assassino da Humanidade”.

Tudo isto viram os guardas-marinha. Travaram conhecimento com toda a espécie de acontecimentos geográficos; os “temblores” do Chile, o Vesúvio, climas quentes e úmidos tais que o higrômetro permanecia sempre no máximo limite da graduação; viram o mar fosforecente e tão brilhante que o horizonte parecia, em chamas e não era o rastro luminoso da lua que cintilava; conheceram auroras boreais e as formas mais sugestivas das nuvens nas alturas; encontraram correntes oceânicas que lhes desviaram os navios, contraditórias nas suas direções, especiais nas suas cores, como a corrente negra, o Kuro-Sivo do Japão, e navegaram em intensos nevoeiros de duração de 15 a mais dias, tão espessos que coisa alguma poderia ser vista, além do navio e tão úmida que os móveis se descolavam, o mofo invadia tudo, gerando o béri béri com inenunciável violência, e nas altas latitudes encontraram tão repentinas mudanças de tempo quanto impetuosos eram os ventos e crescidas as vagas; ouviram com trovoadas longínquas o ruído surdo da terra que denota o tremor que apavora.

E depois de lutas tantas, de perigos e bonanças, de horas de felicidade e outras de tristeza, entra o homem do mar no sossegado porto e rememora os acontecimentos felizes, as boas aventuras, os passeios inesquecíveis, as passagens que perduram na sua memória inquebrantável. Mas os anos passam, chega um momento, já longe na idade, que as alegrias da juventude, do guarda-marinha se vão distante e o que poderá ele pensar? Talvez dizer como Vicente de Carvalho, o poeta do mar falando das trêmulas maretas que passam boiando “pela flor das ondas nos parais do mar”.

De tudo isto que resta? Ai, quase coisa alguma;

Em meu olhar distraído

A vaga impressão de alguns flocos de espuma

E o eco de um rumor cantando em meu ouvido.

AS BIBLIOTECAS BRASILEIRAS DOS TEMPOS COLONIAIS

(Apontamentos para um estudo histórico)

CLADO RIBEIRO DE LESSA

Com a chegada ao Brasil, em 1549, dos primeiros jesuítas, tiveram início, não só os trabalhos de catequese dos índios, como o cultivo das letras em nossa terra, nos colégios da Companhia, famosos em todos os tempos pela obra educacional em que a fundação de Inácio de Loyola se empenhava fervorosamente. No princípio os livros eram escassos, como se vê das cartas de Nóbrega (1), não indo além, provavelmente, dos breviários, bíblias e livros de teologia de que foram portadores na expedição de Tomé de Sousa. Daí a necessidade de copiarem os padres à mão, para os catecúmenos e discípulos, cartilhas para ensinar a ler e catecismos, primeiro material didático que possuíram os estudantes no Brasil. Com o tempo foram sendo atendidos os pedidos de livros feitos à Metrópole, e já ao findar do século possuía o Colégio da Baía sala especial para livraria, segundo nos informa Fernão Cardim em 1585 (2), cujo núcleo principal seria certamente o legado pelo 2.º bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, falecido em 1573 (3). É provável que nas demais casas e residências da Companhia também existissem embriões de bibliotecas, assim como nas casas dos beneditinos e franciscanos, que só começaram a aparecer na última década do século. Havia já também um certo movimento intelectual leigo na colônia, e a fatura da obra de Gabriel Soares, português há muito fixado no país quando escreveu seu "Tratado", pressupõe a existência de livros fora dos cenáculos religiosos. Bento Teixeira, cristão-novo, autor da "Protopopéa", exerceu em mais de uma capitania do norte a função de "mestre de ensinar moços o latim, ler, escrever e aritmética". Era "homem ladino, discreto, e de muito juízo e

saber", na opinião de um contemporâneo (4), versado em questões da Kabala, e dado a polemicas sobre matéria religiosa. Havendo-se nelas com pouca prudência, foi por isso denunciado como suspeito de heresia e interrogado a 21 de janeiro de 1594 pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça, por ocasião da primeira visita do Santo Ofício às partes do Brasil. Conhecia as obras de frei Luís de Granada, e do bispo D. Jerônimo Osório, que citava em suas controvérsias (5); lia também a "Diana" de Jorge de Montemor, incluída no "Index", e os "Lusiadas", além, certamente, do Talmud e da Bíblia que explicava "em linguagem".

Um bom método para conhecer-se o conteúdo de nossas bibliotecas coloniais seria o de examinar a substância das obras escritas por brasileiros, e as citações feitas a outros, e por elas deduzir quais os livros que tiveram à disposição. Capistrano de Abreu aplicou-o nos seus eruditos "prolegomenos" à obra de frei Vicente do Salvador. Esse processo, infelizmente, só raras vezes permitirá tirar conclusões positivas sobre a existência de tais livros no Brasil, por isso que quase todos os nossos escritores da época colonial estudaram ou viajaram por Portugal e outras nações da Europa, e lá poderiam ter lido as obras a que se referem, e tomado seus apontamentos, ou citá-las de memória quando escreviam. Frei Vicente do Salvador, por exemplo, serviu-se da magnífica biblioteca que possuía o erudito português Manuel Severim de Faria, chantre da Sé de Évora. Euzébio de Matos, ou frei Euzébio da Soledade, como se chamava na ordem carmelitana, irmão do satírico Gregório de Matos, jamais, pelo que consta, pôs os pés fora do

(1) Nóbrega, "Cartas do Brasil, 1886", pág. 60.

(2) "Narrativa Epistolar, 1847", pág. 10.

(3) Anchieta, "Informações e Fragmentos Históricos, 1886", pág. 9.

(4) "Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil — enunciações de Pernambuco, 1929", pág. 130.

(5) "Idem", pág. 161.

Brasil; o único de seus livros, porém, que conhecemos, o das "Práticas do Ecce Homo", apenas contém citações tiradas do Novo Testamento.

Uma biblioteca particular importante, constituida na primeira centuria de nossa história, foi a do administrador eclesiástico do Rio de Janeiro, com poderes de bispo para as capitâneas do sul, exceto o de conferir ordens.

Esse sacerdote, que se chamava Bartolomeu Simões Pereira, chegou ao Brasil em fins de 1577. Era homem de grandes virtudes e intransigente em matéria de costumes. Incompatibilizado, por isso, com seus pastoreados do Rio de Janeiro, passou a residir no Espírito Santo, na casa dos Jesuítas. Pronunciou a oração fúnebre nas exéquias de Anchieta em 1597. Faleceu em data indeterminada do biénio de 1602-1603, deixando para a Companhia, além dos livros de Direito Civil e Canônico, metade de sua biblioteca (6). É provável que fosse grande, e os livros se recolhessem ao Colégio do Rio de Janeiro, como casa principal, da qual dependia a residência de Vitória.

* * *

No século seguinte, com o constante aumento da população, da riqueza, e da importância do Brasil, é natural que também aumentassem os meios de ensino e cultura. Havia nas principais cidades, e ainda em outras menores, além das casas dos jesuítas, mosteiros de beneditinos e conventos de franciscanos e carmelitas, todos com noviciado aberto e ministrando instrução aos religiosos, e, às vezes, aos leigos. Tudo isso pressupõe a existência, a esse tempo, de boas bibliotecas de Teologia, Moral, Direito Canônico, e também de Filosofia, como então se denominava o conjunto das ciências profanas. Bastará dizer que foi no Seminário de Belém, em Cachoeira (Baía) que pelo fim do século o Pe. Bartolomeu Lourenço de Gusmão, inventor do primeiro aerostato, desenvolveu seu gosto pelas matemáticas e ciências físicas.

A atração pelos prazeres intellectuais estava bastante espalhada e não se compreende a existência de cronistas e de tantos poetas e oradores sacros, sem a presença, no país, de muitos livros em mãos de particulares.

Os habitantes de São Paulo, que no século de seiscentos realizaram a magnífica arran-

cada para o oeste, detendo o avanço dos espanhóis, e abraçaram com suas bandeiras o sertão das demais capitâneas, apesar de movidos principalmente pelo intuito de capturar índios para escravizá-los em suas lavouras, o que deu lugar a copiosa literatura panfletária de inspiração jesuítica; apesar, dizemos, de dominados pela preocupação de satisfazerem prementes necessidades materiais, nem por isso foram extranhos às exigências do espírito. O Dr. Afonso de E. Taunay, que, minuciosamente examinou os inventários seiscentistas de São Paulo, encontrou alguns poucos livros (quatro), de devoção e militância, no de Martim Rodrigues Tenório de Aguiar (1612), bandeirante espanhol passado à terra paulista, e tronco de numerosa e ilustre descendência; no de Inês Camacho (1623), mulher de João da Costa, um barbeiro, sangrador e applicador de bichas, um exemplar das *Ordenações* do Reino, avaliado em 4000 réis, quantia imensa para o tempo. No do marido, em 1630, figuravam três livros de leitura piedosa e ascética. No de Manuel Vandala, provavelmente flamengo, em 1627, um exemplar de *la Divina...* (um inseto papirófago roeu precisamente no texto do documento a palavra que se seguia a divina). Seria a *Divina Comédia* de Dante, pergunta o Dr. Taunay, ou alguma obra de devoção em língua espanhola? Pedro Fernandes, lavrador de assentos e espaldares de couro em cadeiras "de estado", possuia também um "tórno de emprensar livros", que figura no seu inventário que é de 1653. A existência de utensílios para encadernação em São Paulo, depõe eloquentemente a favor da existência ali de livros em quantidade não desprezível (7).

Na cidade do Salvador e na do Rio de Janeiro, cidade de El-Rei, certamente seria muito maior a quantidade de material livresco.

Na primeira, e mais importante, a esse tempo, séde do governo da colônia, do primeiro e único bispado, em 1676 elevado a arcebisado metropolitano das novas dioceses do Rio de Janeiro, Olinda e São Luís do Maranhão, na mesma data criadas, havia um núcleo suficientemente grande de pessoas instruídas, que, à modã da Metrópole, tomavam parte em torneios e justas literárias, nos quais largamente se sacrificava aos manes de Gongora e Marini. As condições intellectuais da população permitiam já o exercício da profissão de livreiro, segundo nos revelou Gregório de Matos numa de suas décimas satíricas.

(6) "Anua do biénio de 1602-1603", escrita pelo Pe. Luis Figueira. Publicada por Serafim Leite em "Luis Figueira, a sua vida heróica e a sua obra literária, Lisboa, MCMXL", pág. 101.

(7) Cf. "Bibliotecas seiscentistas particulares em São Paulo", na "Revista de Filologia e de História tomo II", págs. 17-23.

A UM LIVREIRO QUE COMEU UM CANTEIRO DE ALFACES COM VINAGRE

Levou um livreiro a dente,
De alfaces todo um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.
Porém eu digo, que mente,
A quem disse o quer taxar,
Antes é para notar,
Que trabalhou como um Mouro,
Pois meter folhas no couro
Também é encadernar (8).

No Rio de Janeiro simples particulares, como o advogado João Mendes da Silva, pai de Antônio José, o Judeu, possuíam livros em quantidade notável para o tempo. Segundo informação de J. Lúcio de Azevedo sua biblioteca se compunha de 250 volumes, dos quais 150 de Direito, e o resto de histórias e curiosidades, como o proprietário os designava (9).

As mais ricas, porém, de todas as bibliotecas, eram as da Companhia de Jesus. O núcleo principal da do Colégio do Maranhão constituiu-se, conforme o Dr. Serafim Leite, com a própria livraria particular do Padre Antônio Vieira, superior dessa Missão, que em carta ao Geral de 21 de março de 1661, para movê-lo a fundar estudos aí, alegava que "Livraria temos muito boa" e que, com poucos livros vindos de Lisboa, haveria todos os necessários (10).

Com o século XVIII o país expandiu-se em riqueza, força e cultura com a mesma intensidade com que, no anterior, repelira os invasores e dilatara as fronteiras. Havia já entre a população nativa, não só muitas pessoas de grande ilustração, que na maioria tinham feito estudos em Coimbra, como ainda a preocupação do intercâmbio literário. Foi a época das Academias à imitação das metropolitanas: dos *Esquecidos* (1724) e dos *Renascidos* (1759) na Baía; dos *Felizes* e dos *Seletos* (11) no

Rio de Janeiro, onde também houve mais tarde uma *Sociedade Científica*, fundada em 1771, e instalada a 18 de fevereiro de 1772 sob os auspícios do Vice-Rei Marquês de Lavradio, e uma *Sociedade Literária*, que se fundou no governo do seu sucessor D. Luís de Vasconcelos e Sousa, e começou a funcionar a 6 de junho de 1786. Esta última sociedade, transformação da científica, possuía biblioteca e museu. Foi dissolvida em 1794, no governo do Conde de Rezende, e seus membros, a gente de maior ilustração do Rio de Janeiro, perseguidos e encarcerados. Em Minas havia um núcleo bastante numeroso de homens de letras e saber, aos quais se atribui a fundação da Arcadia Ultramarina (12). Teriam sido seus componentes alguns nomes que posteriormente aparecem implicados na chamada Inconfidência Mineira.

A Academia dos Esquecidos, fundação do 4.º Vice-Rei do Brasil, Conde de Sabugosa, fôra constituída exclusivamente de baianos e moradores da cidade do Salvador. A dos Renascidos, porém, era já uma sociedade *brasileira* em toda a extensão da palavra. Basta dizer que diplomatas de sócios correspondentes (supranumerários) foram remetidos a fr. Gas-

passagem: "... Obras da Academia dos Seletos, que na Cidade do Rio de Janeiro "se celebrou", em obsequio, e aplauso do dito Excelentíssimo "Herói", etc."

(12) Com exceção das Academias dos Esquecidos e dos Renascidos e das Sociedades Científica e Literária, as demais não eram instituições permanentes, e sim congressos ocasionais de homens de letras, que se reuniam para celebrar algum acontecimento ou homenagear personagens importantes. São expressões correntes nos antigos escritos coloniais: "Reuniu-se uma academia", "fêz-se uma academia em Palácio". "A academia que se celebrou" e outras equivalentes, para designar êsses conclaves literários reunidos "ad hoc", cuja atividade consistia em discursos e recitativos bajulatórios aos homenageados do dia, via de regra governadores e capitães gerais, aos quais alguns dos poetas e oradores de emergência deviam proteção e favores.

A lenda da Arcádia Ultramarina, cuja existência nenhum documento comprova aqui fundada "ad instar" da de Roma, proveio de Cláudio Manuel da Costa se haver intitulado no frontispício de suas "Obras", impressas em 1768. "Arcade Ultramarino, chamado Glaucete Saturnio". O nome pastoril era da Arcádia Romana, de ue Cláudio era sócio correspondente, assim como José Basílio da Gama (Tormindo Sipílio). "Ultramarino" significava no caso "nascido" ou "assistente no Ultramar" e não membro de uma sociedade com esse nome. A publicação, em 1931, do "Parnaso Obsequioso" dêsse poeta, pelo Sr. Caio de Melo Franco, possuidor do manuscrito autógrafa, veio colocar a questão em seus devidos termos. Não existiu uma "Arcádia Ultramarina", mas um grupo de poetas que se davam coletivamente o nome de "Colônia Ultramarina", e dos quais Cláudio foi criado pela Arcádia de Roma, Vice-Custódio, com o nome pastoril já indicado. Essas declarações vêm no frontispício do "Parnaso Obsequioso".

(8) "Obras de Gregório de Matos, ed. da Academia — Satírica, vol. II", pág. 335.

(9) "Novas Epanáforas, 1932", pág. 154.

(10) "História da Companhia de Jesus no Brasil, t. IV", págs. 287-288.

(11) Mencionamos aqui esta última unicamente para nos conformarmos com o uso corrente. A Academia dos Seletos reuniu-se expressamente em 1752, numa única sessão, para homenagear o governador das capitanias do sul, Gomes Freire de Andrada, que acabava de ser nomeado comissário régio para a demarcação de limites estabelecida pelo Tratado de 1750. Os trabalhos da Academia, que foram impressos em 1754 sob o título de "Júbilos da América", não deixam dúvida sobre o caráter dessa reunião de letrados. Lê-se no frontispício esta

par da Madre de Deus, historiador santista, então assistente no mosteiro do Rio de Janeiro; parece que a Pedro Taques de Almeida Paes Leme (pelo menos fr. Gaspar o indicou para correspondente), de São Paulo; a Cláudio Manuel da Costa, de Vila Rica; a D. Domingos do Loreto Couto, beneditino de Pernambuco, o que prova como os nomes dos escritores coloniais já então ultrapassavam os limites das capitanias em que exerciam suas atividades, e se faziam conhecidos em todo o país. Eram os sócios supranumerários em número de 83, incluindo também os assistentes na Europa e na própria cidade sede da Academia, cujos estatutos não permitiam ultrapassassem o número de 40 os numerários ou efetivos (13).

Creada de improviso pelo Desembargador Mascarenhas, os membros da sociedade dos Renascidos não poderiam procurar os elementos para suas dissertações fora do material bibliográfico existente na própria cidade, e, pelas citações feitas, poder-se-á saber com segurança quais os livros de que se utilizaram.

O acadêmico José de Oliveira Bessa, cônego da Sé Primaz e Arcebispo, em suas alocuções citou com precisão de capítulos e páginas, as obras seguintes:

Pedro de Mariz, "Diálogos de Vária História" — Simão de Vasconcelos, "Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil" — Sebastião da Rocha Pita, "História da América Portuguesa" — Jorge Cardoso, "Agiologio Lusitano" — Diogo Barbosa Machado, "Biblioteca Luzitana" — Pe. Fr. Agostinho de Santa Maria, "Santuário Mariano" — Francisco de Brito Freire, "Nova Lusitania" — D. Sebastião Monteiro da Vide, "Constituições Sinodais do Arcebispado da Baía" — Hugo Grotius, "De Origine Gentium Americanum" — Spondanus, "Anais" — Baltazar Teles, "Crônica da Companhia de Jesus em Portugal", etc. — Padre Antônio Franco, "Imagem da Virtude". De muitos outros livros, inclusive inéditos, e outros até hoje extraviados ou perdidos, mostra conhecer a existência, mas não teve a mão para consultar. Estão no número das últimas as obras atribuídas a Bento Teixeira e ao Padre Cristóvão de Gouveia, as de Fr. Vicente do Salvador, Fr. Bartolomeu Pinto (autor de uma Descrição do Rio da Prata até o Pará), e Bernardo Vieira Ravasco (Descrição Topográfica, Eclesiástica, Civil e Natural do Brasil), e no das obras impressas, as de Gandavo, Fr. Rafael de Jesus, Fr. Manuel Caiado, Duarte de Albuquerque Coelho, Fr. João José de Santa Te-

resa (que por haver escrito em italiano supunha dessa nacionalidade), Gaspar Barleu e André Thevet (14).

Para a composição de suas "Memórias para a História da Capitania de S. Vicente", Fr. Gaspar da Madre de Deus, religioso beneditino, mostrou dispôr de algumas das obras citadas por Oliveira Bessa e mais as seguintes:

Charlevoix, "História do Paraguai" — D. Antônio Caetano de Sousa, "História Genealógica da Casa Real Portuguesa" — Frei Francisco de Santa Maria, "Ano Histórico" — Fr. Rafael de Jesus, "Castrioto Lusitano" — Gelasio, "Suplemento da História Cronológica" — Gandavo, "História da Província Santa Cruz, a que chamamos Brasil" (sic. Possuiria este livro, de tão grande raridade na edição de 1576, ou apenas alguma cópia manuscrita?) — Jaboatão, "Novo Orbe Seráfico" — Luís Serrão Pimentel, "Prática da Arte de Navegar" — Padre Manuel da Fonseca, "Vida do Padre Belchior de Pontes" — Pedro Taques de Almeida Paes Leme, "Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica" (ainda inédita) — Manuel Pimentel, "Roteiro do Brasil" — Vilas-Boas e Sampaio, "Nobiliarquia Portuguesa" — Simão de Vasconcelos, "Vida do Padre João de Almeida" e "Vida do Pe. José de Anchieta" — Dom Vaissette, "História Geográfica, Eclesiástica e Civil" — Vallemont, "Geografia". Esta lista de livros, organizada pelo brigadeiro Machado de Oliveira, acha-se à pág. 223 da 2.ª edição das "Memórias" de fr. Gaspar (1847) e foi reproduzida na 3.ª (S. Paulo, 1920).

Por ocasião do arrolamento, em 1760, dos bens da extinta Companhia de Jesus, é que foi possível fazer-se uma idéia de conjunto sobre a riqueza do espólio livresco de seus Colégios e Residências no Brasil e no Estado do Maranhão.

A biblioteca do Colégio da Baía, principal casa do Estado do Brasil, segundo o relatório, que em 12 de abril desse ano acompanhou a primeira remessa de bens apreendidos, foi avaliada, a preços baixos, em 5:499\$000, soma considerável para o tempo (15). Já em 1694, segundo Serafim Leite, possuía cerca de 3.000 livros "de todo o gênero de escritores que se podem desejar" (16), e com as aquisições subsequentes, quando do confisco, deveria andar, pelos cálculos do mesmo historiador, nuns 15.000 volumes.

(14) Cf. Alberto Lamego, "A Academia Brasileira dos Renascidos, 1923", págs. 63-90.

(15) J. Lúcio de Azevedo, "Op. cit.", pág. 56.

(16) "História da Companhia de Jesus", t. V, págs. 92-93.

(13) Cf. J. Lúcio de Azevedo, "Novas Epáforas", pág. 222.

A livraria do Colégio do Rio foi avaliada, em 1775, em 1:152\$590, e compunha-se, a essa data, de 5.434 livros, apesar dos furtos e desvios que sofrera durante os 15 anos decorridos desde a expulsão dos padres.

Na Vice-Província do Maranhão eram também ricas nesse particular as casas da Companhia.

Serafim Leite, de quem tanto nos temos valido para êsses informes, diz que seus irmãos de ordem adquiriam, com freqüência, livros a funcionários graduados, que de torna-viagem preferiam desfazer-se dêles a pagar fretes de navio no regresso, e sujeitar-se aos riscos da travessia marítima. No Pará, em 1720, 100 volumes foram comprados ao Ouvidor Geral, que se retirava para o Reino, por 600\$000. Deveriam ser obras preciosíssimas essas, para se pagarem em média a 6\$000 por volume, numa época em que eram os livros baratíssimos, e menos que não se trate de erro tipográfico. O produto da venda de medicamentos fabricados nos laboratórios da Companhia, ou colhidos "in-natura" em suas propriedades, era aplicado à compra de livros, provavelmente da especialidade, pois no inventário dos seus bens foram arrolados 35 tomos de obras de medicina e farmácia (18).

A biblioteca do Colégio do Maranhão continha em 1760 cerca de 5.000 volumes. Era naturalmente especializada em obras sobre as ciências e letras nêle professadas. Possuía, também, clássicos em abundância. Na casa da Madre de Deus, de retiro espiritual e descanso campestre, havia perto de 1.000 volumes (19).

Depois do confisco as três livrarias jesuíticas do Pará (Colégio de Santo Alexandre, Casa da Vigia e Seminário de Nossa Senhora das Missões), que reunidas somariam uns quatro mil volumes, deveriam passar, em virtude de decisão tomada em 1760, a constituir a Biblioteca Pública da Cidade, com exclusão das duplicatas, que seriam remetidas para Lisboa, onde, contra toda a verossimilhança, se supunha pudessem ser melhor vendidas que no Pará. Esse instituto nunca se fundou. O Colégio dos Nobres, análogo ao de Lisboa, organizado segundo os planos de Verney, para o qual, em sua falta passariam, também não foi por diante. Segundo Almeida Pinto (citado por Serafim Leite) dez caixões com livros procedentes do espólio dos jesuítas foram remetidos a seus confrades em Lisboa pelo prelado diocesano D. Fr. João de S. José Queirós,

que era beneditino. Entre as obras que pertenceram ao Colégio do Pará encontra-se o exemplar, hoje único conhecido no mundo, da edição *princeps da Arte da Lingua Brazilica* de Luís Figueira.

O acervo bibliográfico das casas do Maranhão (Colégio, Madre de Deus, Seminário e Alcântara) foi, por carta régia de 11 de junho de 1761, entregue ao prelado diocesano. Em pouco tempo tôdas essas obras andavam ao desbarato, informa no seu *Dicionário Histórico* César Augusto Marques.

Serafim Leite calcula em mais de 12.000 volumes o acervo em livros, de tôdas as casas da Companhia na Vice-Província do Maranhão. Versavam sobre teologia, Direito, Moral, Ascetismo, Hermenêutica das Escrituras, Apologética, Liturgia, Filosofia; e também ciências e letras profanas, como Engenharia, Medicina, Farmácia, Geografia, História, Matemática, e clássicos gregos, romanos e neo-latinos (20).

No século XVIII avultam entre as bibliotecas particulares, as de alguns dos conjurados de 1789, como Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Cônego Luís Vieira da Silva, cujos acervos se encontram discriminados, peça por peça, nos autos de apreensão, que todos se acham atualmente publicados nos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. A mais numerosa e rica de tôdas era a do cônego Luís da Silva, da Sé de Mariana, constante de 592 volumes, avaliados, salvo erro de conta nosso, em 670\$000. Essas bibliotecas compunham-se de obras de Direito Civil e Eclesiástico, ciências sagradas, e literatura profana francesa, espanhola, italiana, portuguesa e latina. Faltavam nelas quase completamente obras sobre o Brasil, mas continham alguns livros dos enciclopedistas franceses e economistas do século, cujas idéias tanto influíram na gênese do fracassado movimento.

A livraria diocesana de Mariana, iniciada por D. Manuel da Cruz, primeiro bispo, era também importante, compondo-se, segundo informação verbal de Luís Camilo de Oliveira Neto ao autor destas notas, se não lhe falha a memória, de cerca de 2.000 volumes.

Dela fazia parte a Bíblia ilustrada, em cuja iconografia o *Aleijadinho* auriu os elementos para suas criações artísticas de entalhador e escultor, segundo nos informa o Sr. Francisco Marques dos Santos (*).

(20) "Idem", págs. 289-290.

(*) Parece que o exemplar ainda se encontra em poder do atual Arcebispo de Mariana — D. Helvécio. Interessante seria obter-se cópia fotostática dessas gravuras, para confrontá-las com os trabalhos do Aleijadinho — e assim fazer com fundamento a análise da "originalidade" de algumas das suas criações artísticas (N. da R.).

(17) "Idem", pág. 94.

(18) "Op. cit.", pág. 288.

(19) "Idem", pág. 289.

Em fins do século fundou o então bispo de Olinda e Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, conhecido economista, o Seminário Episcopal de Olinda, destinado à educação secundária mista de leigos e de futuros sacerdotes, como era costume então, organizando-lhe os estatutos e programa de estudos, que foram na ocasião publicados. Obteve para instalar o novo instituto de ensino a Igreja e o Colégio que tinham sido dos Jesuítas. É mais que provável que a biblioteca dêles, se ainda existiu por esse tempo, fôsse também incorporada ao Seminário.

Entre as coleções de livros particulares do Rio de Janeiro temos conhecimento das de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, mestre de Retórica e Poética, incorporada depois de sua morte à Biblioteca Régia, e Mariano José Pereira da Fonseca, futuro Marquês de Maricá, que possuía em 1794, quando teve de responder à devassa mandada abrir pelo Conde de Rezende, 97 volumes sobre assuntos variados, incluindo literatura clássica portuguesa, francesa, italiana, Direito, Medicina, artes manuais, Geografia, História, memórias pessoais, dicionários, Heráldica, descrições de viagem, etc. (21).

Do interrogatório a que respondeu Silva Alvarenga, e que foi publicado por Joaquim Norberto em 1864, no vol. I das *Obras Poéticas* do poeta mineiro, e reimpresso nos autos da devassa (*Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, volume LXI), consta o empenho com que os indigitados conspiradores procuravam obter as publicações europeias recentes, principalmente francesas, dos viajantes que casualmente passavam pela Guanabara. Interessavam-lhes em particular obras de literatura e filosofia do século XVIII. A venda de livros, era, apesar de tudo, escassa. Os almanques do Rio de Janeiro, de 1792 e 1794, da autoria de Antônio Duarte Nunes, revelam a existência de uma única loja desse ramo de comércio. O de 1799, do mesmo autor, duas. O sistema de empréstimos, muito comum nos tempos coloniais, do que temos vários testemunhos, e que ainda hoje vigora nas localidades do interior, não favorecia as aquisições de livros, e tornava pouco rendoso o negócio.

Quanto a livrarias particulares na Baía temos conhecimento de diversas através dos autos de apreensão dos bens das pessoas comprometidas na conjuração de 1798. Parece ter

sido a mais importante a do padre Francisco Agostinho Gomes, segundo Afonso Rui, "homem riquíssimo e o espírito mais iluminado da cidade pelo saber", conhecedor do francês e do inglês, "ledor infatigável, e a par de todo o movimento científico do mundo". Esse sacerdote, que, como a maioria dos homens ilustrados do tempo, sympathizava com o enciclopedismo, possuía vasta e variada biblioteca (22).

Da mesma forma que em Minas e no Rio de Janeiro, na ex-capital da colônia se procurava ler com interesse tudo o que se relacionasse com o movimento político e social europeu, do qual constituía um eco apagado a vida americana. D. Fernando José de Portugal, futuro Marquês de Aguiar, explicando à côrte como agia em face da repercussão que no Brasil tinham os acontecimentos da França, revelava-se, não obstante, otimista quanto aos efeitos dessas leituras perniciosas no território que administrava. Não duvidava pudessem existir um ou outro mancebo mais impressionável pelos "papéis públicos, correios da Europa, gazetas inglesas e outras que excitam a curiosidade, e em que se descrevem os successos do mundo com reflexões bastantemente livres", mas supunha que uma leve admoestação ou reprimenda, como costumava fazer em Palácio às cabeças mais esquentadas que lhe eram denunciadas, cérebros "com menos instrução nos verdadeiros princípios da religião", seriam suficientes enquanto não se aventurassem a mais (23). No fundo o futuro tradutor dos *Ensaíos* de Alexandre Pope também sympathizava com as idéias que, pelos deveres do cargo, lhe cumpria combater e reprimir.

Também possuíam livros em quantidade apreciável Cipriano José Barata futuro batalador da época da Independência, em cuja casa foram encontrados setenta e quatro volumes sobre medicina, direito, matemáticas, química, física, geografia e história, sendo bem sintomático que a única obra pertencente a esta última categoria fôsse a *História das Revoluções acontecidas no Govêrno da República Romana*, em dois tomos (24), — e o tenente Hermógenes Francisco de Aguiar, que possuía vinte e seis volumes, oito dos quais em francês, quatro em latim e quatorze em português. Versavam especialmente sobre matemáticas, com exceção dos clássicos latinos,

(22) Cf. *A primeira revolução social brasileira* (1798), pág. 65.

(23) *Idem*, págs. 69-70.

(24) Cf. *A Inconfidência da Baía. Rio de Janeiro*, 1931, vol. I, pág. 106-107 (Separata dos *Anais da Biblioteca Nacional*).

(21) Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo LXIII, parte 1.ª", págs. 15-18, vem a relação dos livros pertencentes a este illustre compatriota cognominado o La Rochefoucauld Brasileiro.

das *Aventuras de Telêmaco* de Fenelon, e de dois ou três dicionários (25).

Pelo arrolamento e avaliação feitos em 14 de novembro de 1809, da biblioteca de Garcia d'Ávila Pereira de Aragão, falecido em 1805, mas que se constituiu durante o século anterior, verifica-se que possuía mais de trezentos volumes, avaliados, "no estado em que se acham", que não deveria ser bom, pois havia muitas obras truncadas, em 56\$240 réis. Devemos esta informação ao Dr. José Wanderley de Pinho, que tem em mãos os autos desse inventário.

* * *

No século XIX com a chegada em 1808 da Família Real, acompanhada de grande número de fidalgos, trazendo seus móveis, alfaias e bibliotecas; a liberdade de comércio imediatamente decretada, e a aparição das primeiras tipografias — a riqueza bibliográfica do nosso país deve ter crescido subitamente em proporções jamais vistas.

A fundação da Biblioteca Régia no Rio de Janeiro, em virtude do decreto de 29 de outubro de 1810, constituída com os livros da Biblioteca da Ajuda, pertença particular do Príncipe Regente, a riquíssima coleção Barboza Machado (mais de 5.000 volumes), e a da Casa do Infante, seguiu-se a aquisição, para enriquecê-la, dos livros e manuscritos do espólio de Fr. José Mariano da Conceição Veloso, o grande botânico, que deram entrada a 13 de novembro de 1811, além de diversas compras em menores porções, de forma que, já em 1814, elevava-se o número dos volumes nela conservados a 60.000. Depois disso foram-lhe incorporadas por compra, ainda em tempos de D. João, Príncipe Regente e Rei; em 1815, a livraria do Dr. Manuel Inácio da Silva Alvarenga, falecido no ano anterior; em 1818, os desenhos, estampas, camafeus, moldes, etc., e também livros impressos e manuscritos (estes últimos em italiano e por letra do astrônomo João Angelo Brunelli)

pertencentes ao arquiteto José da Costa e Silva; e em 1822, às vésperas da independência, a valiosa livraria do Conde da Barca (26), riquíssima em obras de literatura francesa, memórias, relações, viagens e estampas de grande valor, sendo que de algumas peças os exemplares nela existentes são os únicos conhecidos no mundo.

A fundação da biblioteca do Rio foi seguida da da Baía pelo governador Conde dos Arcos, menos de um ano depois, e aberta ao público a 13 de maio de 1811, aniversário do Príncipe Regente. Foi constituída por doações de particulares, e em 1816, quando a visitou o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, em viagem naturalística por nossa terra, contava 7.000 volumes (27).

Bibliotecas particulares deveriam ser já numerosas e abundantes nos quatro lustros iniciais do século, em consequência, como já dissemos acima, do comércio dos livros intensificado, e do incremento que tomou a instrução pública.

Poderemos arrolar, entre as mais importantes: — a da Arquiduquesa d'Áustria D. Leopoldina, depois nossa primeira Imperatriz, muito versada em ciências naturais que trouxe da Europa, em 1817, uma valiosa coleção de obras sobre as matérias de sua predileção; — as dos irmãos Andradas (José Bonifácio e Martim Francisco) e do Intendente Câmara, especializadas em Mineralogia, Química, Técnica metalúrgica e Matemáticas; — a de José da Silva Lisboa, mais tarde Barão e Visconde de Cairú, rica em obras sobre Direito, Moral, História, Economia e Finanças; — a do Conselheiro Baltazar da Silva Lisboa, seu irmão, especializada em Botânica, Direito e História; — a do Padre Januário da Cunha Barboza, etc. Chegamos, porém, aqui, à época da proclamação da Independência, e a matéria escapa, dêste ponto em diante, ao quadro destas despreziosas notas, quase desprovidas de revelações inéditas, e cujo único mérito consiste na compilação de dados esparsos, até agora não reunidos em estudo de conjunto.

(26) Cf. "Resumo Histórico da Biblioteca Nacional", no vol. XIX dos "Anais" dessa repartição, pags. 223-224.

(27) Serafim Leite, "Op. cit.", t. V, pág. 94.

(De "O Jornal" de 26-5-46, refundido pelo autor).

(25) *Idem*, págs. 118-119. Os informes a que se referem as notas 22 a 25 inclusive, devemos-os à gentileza do Prof. Leopoldo Feijó Bittencourt, que nos chamava a atenção para as publicações em que elas se encontram.

OS SÓCIOS DO INSTITUTO

MARIA CAROLINA MAX FLEIUSS

I — DANTAS (Júlio)

Nasceu em Lagos, Portugal, em 1876. Formou-se em medicina pela Escola Cirúrgica de Lisboa em 1900. Dois anos mais tarde foi nomeado oficial-médico do Exército.

Foi ministro da Instrução Pública, 1919; Ministro dos Negócios Estrangeiros, 1920-1923. Fêz parte da missão diplomática a Londres para liquidação da dívida de guerra à Grã Bretanha, 1926; Professor e Diretor do Conservatório Nacional; Comissário do Governo junto ao Teatro de D. Maria II. Foi várias vezes deputado e senador.

É atualmente Inspetor Superior das Bibliotecas e Arquivos, e procurador da Câmara Corporativa, como representante das Academias e Institutos de Alta Cultura. Pertence a várias instituições culturais, entre as quais o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras. Membro "Honoris causa" do Instituto dos Advogados Brasileiros. Atual Presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi presidente da Comissão Executiva dos Centenários de Portugal, 1940, e Presidente da Embaixada Cultural que visitou o Brasil em 1941.

Possui entre outras as seguintes condecorações:

Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, Portugal. Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, Portugal. Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, Brasil. Grande Oficial da Legião de Honra da França. Comendador da Ordem do Império Britânico.

É autor dos seguintes trabalhos:

TEATRO

- O que morreu de amor*, 1899, 5.^a ed.
- Viriato trágico*, 1900, 3.^a ed.
- A Severa*, 1901, 5.^a ed.
- Crucificados*, 1902, 3.^a ed.
- A Ceia dos Cardeais*, 1902, 27.^a ed.
- D. Belrão de Figueiroa*, 1902, 5.^a ed.
- Paço de Veiros*, 1903, 3.^a ed.

- Um serão nas Laranjeiras*, 1904, 4.^a ed.
- Rosas de todo ano*, 1907, 10.^a ed.
- Mater dolorosa*, 1908, 6.^a ed.
- Santa Inquisição*, 1910, 3.^a ed.
- O primeiro beijo*, 1911, 5.^a ed.
- O reposteiro verde*, 1912, 3.^a ed.
- D. Ramon de Capichuela* (sainete em verso) 1912, 3.^a ed.
- 1023 (em verso) 1914, 3.^a ed.
- Sóror Mariana* (em verso) 1915, 4.^a ed.
- Carlota Joaquina*, 1919, 3.^a ed.

PROSA

- Doentes*, 1897 (em colaboração com Manuel Penteadou).
- Pintores e poetas de Rilhafoles* (Tese médica) 1900.
- Outros tempos*, 1909, 3.^a ed.
- Estatística e dinâmica da fisionomia* (tese de concurso) 1900.
- Elogio de Raimundo A. de Bulhão Patro* 1913.
- Pátria Portuguesa*, 1914.
- Figuras de ontem e de hoje*, 1914.
- O amor em Portugal no século XVIII* 1915.
- Ao ouvido de Mme. X*, 1915.
- Mulheres*, 1916, 6.^a ed.
- Êles e Elas*, 4.^a ed.
- Espadas e rosas*, 1919, 5.^a ed.
- Como elas amam*, 1920, 4.^a ed.
- Abelhas douradas*, 1920, 3.^a ed.
- Os galos de Apolo*, 1921, 2.^a ed.
- Arte de amar*, 1922, 3.^a ed.
- O heroísmo; A elegância; O amor* (conferências realizadas no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, em 1923).
- Eva*, 1925.
- Cartas de Londres*, 1927, 2.^a ed.
- Diálogos*, 1928, 2.^a ed.
- Eterno feminino*, 1929.
- Contos*, 1930, 2.^a ed.
- Alta roda*, 1932.
- O síndrome Glosso-labiado do rei D. José* 1914.
- Novos Arquivos*, 1917 (Anais das Bibliotecas e Arquivos).

Discurso proferido na inauguração da Sala Brasil, 1943.

Discurso proferido na sessão de recepção do acadêmico Prof. D. Ramon Menendez Pidal, em 31 de maio de 1943.

Discurso proferido na solene entrega, à Academia das Ciências de Lisboa, das insígnias da Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, 1943.

Sousa Martins, orador, 1943.

Teófilo Braga, discurso, 1943.

O sábio e a Vida, 1943.

A Unidade da Cultura, 1944.

Assistência psiquiátrica, Parecer da Câmara Corporativa, de que foi relator, 1945.

A Língua portuguesa no Brasil, 1945.

VERSO

Nada, 1896, 3.^a ed.

Sonetos, 1916, 5.^a ed.

Traduziu e adaptou as seguintes obras:

Rei Lear, de Shakespeare, 1906, 6.^a ed.

Auto de el-rei Seleuco, de Camões, 1908, 2.^a ed.

O caminheiro, de Richépin.

D. João Tenório, de Zorilla.

A Castro, de Antônio Ferreira, 1920, 2.^a edição.

A Ceia dos Cardeais foi vertida para diversas línguas, inclusive dinamarquês, sueco e japonês.

Foram também traduzidas para diversos idiomas outras obras de Júlio Dantas, entre as quais: *Sóror Mariana, A Severa, Rosas de todo ano, Um serão nas Laranjeiras, Santa Inquisição, D. Beltrão de Figueiroa, O primeiro beijo, O reposteiro verde e Como elas namoram.*

Vários autores têm tratado da vida e da obra de Júlio Dantas; entre outros citamos Fideles de Figueiredo, em *Júlio Dantas, 1923*; Carlos Lopes de Mendonça em *Júlio Dantas, o homem e o perfil literário*; Medeiros e Albuquerque em *A obra de Júlio Dantas, 1932*; Carlos Malheiros Dias em *A verdade nua, 1919*; José Augusto de Vila Moura em *Vida literária e política*; Forjaz Sampaio em *Grilhetas e Homens de Letras*; Péricles Morais em *Figuras e sensações, 1932*; Luísa Ey, que coligiu um volume sobre o escritor; Wilhelm Giese em *Aspectos da obra literária de Júlio Dantas, 1937*; Pedro Calmon, saudação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Aloysio de Castro, saudação na Academia Nacional de Medicina; Leví Carneiro, saudação na Academia Brasileira de Letras.

II—CORREIA (Antônio Augusto Mendes)

Nasceu no Pôrto em 4 de abril de 1888.

Fêz o curso de Medicina da Faculdade do Pôrto, tendo-o concluído em 1911 com a classificação de distinto, e havendo obtido nos seus exames prêmios, accessits e distinções. A sua dissertação inaugural foi classificada com a nota de M.B. (19 valores), tendo como assunto "O gênio e o talento na patologia".

Em 1911 foi nomeado assistente na Faculdade de Ciências do Pôrto, tendo em 1912 iniciado ali o ensino da cadeira de Antropologia, então criada. Em 1919 foi nomeado professor de Geografia e Etnologia da Faculdade de Letras do Pôrto, lugar que exerceu até à extinção desta Faculdade em 1930. Em 1921 foi na Faculdade de Ciências promovido a professor catedrático de Antropologia, cargo em que se mantém. É, desde aquela data, diretor do Museu e Laboratório Antropológicos, que organizou, tendo sido criado um Instituto de Investigação Científica de Antropologia sob a sua direção. Foi diretor da Faculdade de Ciências de 1929 a 1935. Desde 1945 é diretor do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Foi médico-antropologista e juiz-adjunto na Tutoria da Infância do Pôrto, vogal da Junta de Educação Nacional, vogal da Junta de Excavações e Antiguidades, e de 1936 a 1942 presidente da Câmara Municipal do Pôrto e procurador à Câmara Corporativa. É vogal da Junta Nacional de Educação (2.^a subseção da 6.^a seção) e da direção do Centro de Estudos Demográficos.

No seu concurso de provas públicas em 1913 para o corpo docente da Faculdade de Ciências apresentou como dissertação "Os criminosos portugueses".

É membro honorário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, da Sociedade dos Antiquários de Londres, da Liga Brasileira de Higiene Mental e da Associação dos Arqueólogos Portugueses; sócio efetivo da Academia de Ciências de Lisboa, da Academia Portuguesa de História e da Academia Pontifícia das Ciências, sócio correspondente da Real Academia Galega, da Real Academia de Ciências, Nobles Letras Belas Artes de Córdoba, e da Sociedade Científica de Málaga, associado estrangeiro da Academia das Ciências, Inscrições e Belas Letras de Toulouse, sócio efetivo das Sociedades de Antropologia do Pôrto, Madrid e Barcelona, do Instituto Internacional de Antropologia, da Sociedade de Psicologia e Psicoterapia de Paris, da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugênicos, da Associação dos Anatômicos, do Instituto Co-

Jonial Internacional, sócio correspondente do Instituto Arqueológico do Reich, das Sociedades de Antropologia de Roma, Florença e Viena, da Associação para o ensino das Ciências Antropológicas de Paris, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Criminologia e Medicina Legal, de São Paulo, etc.

Tomou parte em numerosos Congressos científicos, tendo sido delegado de Portugal nos Congressos de Americanistas, de Roma, em 1926, de Antropologia em Amsterdam (1927) e Paris (1931), da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências em Santander (1938), etc. Tomou parte ainda nos Congressos Luso-Espanhóis de Ciências do Pôrto (1921), Coimbra (1925), Barcelona (1929) e Pôrto (1942), e Córdoba (1944) na sessão preparatória do Instituto Internacional de Antropologia em Paris (1920), no Congresso de Identificação do Rio de Janeiro em 1934, no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica de 1930, em Coimbra e Pôrto, no Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa em 1935, etc., etc. Pertenceu à Comissão Organizadora de vários Congressos, especialmente do Pôrto de 1921 e 1942, já referidos, do de Coimbra e Pôrto, de 1930, também já mencionado, e presidiu ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, no Pôrto, em 1934, e ao I Congresso do Mundo Português (Pré e Proto-História) e Congresso Nacional de Ciências da População, realizados no Pôrto em 1940 por ocasião dos Centenários. É também presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia que fundou em 1918 com os Profs. Aarão de Lacerda e Luís Viegas, e vice-presidente da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.

Tem feito numerosas conferências no país e estrangeiro, mencionando-se as que realizou em 1919 na Universidade de Madrid, as que, por designação da Junta de Educação Nacional, fez em 1931 nas Universidades de Toulouse, Lyon, Grenoble, Paris e Lille, na Escola de Antropologia de Paris, no Palácio da Justiça de Bruxelas e na Harnack-Haus da Sociedade Imperador Guilherme de Berlim, e enfim as séries que realizou em 1934 e em 1937 no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1941 fez uma conferência no Centro Universitário Mediterrâneo, em Nice.

É doutor *honoris causa* pela Universidade de Lyon, onde recebeu as insígnias em 1931, e pela de Montpellier, onde aquelas lhe foram entregues, em 1941.

Possui as seguintes condecorações: Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública, grande oficial das Ordens de Cristo e do Cruzeiro do

Sul, do Brasil, Comendador das Ordens Afonso o Sábio de Espanha, da Coroa da Borgonha e da Coroa da Itália, Oficial da Legião de Honra e da Instrução Pública de França e cavaleiro da Ordem de Afonso XII de Espanha.

III — EGAS (Eugênio de Andrada)

Nasceu em Iguape, Estado de São Paulo a 15 de maio de 1863. Fêz seus estudos primários em sua cidade natal de 1872 a 1878 e o curso secundário no Colégio Ipiranga, capital de São Paulo, 1876-1880, quando ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo onde colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais a 15 de novembro de 1884.

Promotor público, vereador e intendente municipal de São Carlos do Pinhal; deputado estadual por São Paulo, em três legislaturas (1895-1903); Fiscal federal junto a estabelecimentos de ensino secundário; membro de comissões revisoras e reorganizadoras dos Arquivos Público e do Tesouro de São Paulo; representante do governo de São Paulo junto à Exposição Internacional de Turim em 1911 encarregado de estudar na Europa a organização penitenciária de Portugal, Espanha, França e Itália; delegado federal do Abasamento em São Paulo, durante a Grande Guerra 1914-1918); Diretor atualmente aposentado do Patronato Agrícola do Estado de São Paulo (1912-1931); representante no Exército do governo do Estado de São Paulo junto ao Congresso de História de 1922.

Pertence às seguintes instituições: Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Sociedade de Geografia de Lisboa; Société de Géographie de Paris; Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas; Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Academia Paulista de Letras; Ateneu Hispano-Americano de Buenos Aires; Junta de História e Geográfico del Uruguay; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Comendador da Ordem da Coroa da Itália.

PUBLICAÇÕES DO AUTOR

- É autor dos seguintes trabalhos:
- Relatório* apresentado à Câmara Municipal de São Carlos do Pinhal, 1893.
- Lei n.º 12* da Câmara Municipal de São Carlos do Pinhal, 1894.
- Manual de Audiência*, Processo e Comarca, 1898.
- Braz Cubas*, 1907.
- Guia Eleitoral* (Legislação Federal), 1909.
- Independência ou Morte*, 1909, 1.ª edição.

outras posteriores (2.^a e 3.^a), sob o título: *Grito do Ipiranga*.

Discursos proferido no Ginásio. Anglo-americano, em 25 de novembro, São Paulo, 1909.

Comissão Executiva da Estátua ao Padre Feijó, 1910.

Portugal-Brasil (A iniciativa Consiglieri de outra vista de lá para cá), Lisboa, 1910.

Itália e Brasile (studio critico e di storia), Roma, 1910.

France et Brésil (de la influence française sur le milieu brésilien), Paris, 1910.

Os cedros do Bussaco, São Paulo, 1910.

Congresso de Instrução Secundária — discurso inaugural (15 de fevereiro), São Paulo, 1910.

Os portugueses no Brasil (sua ação política e civilizadora) São Paulo, 1911.

Discursos — 1.^o em Piracicaba, 23 de abril de 1912 — 2.^o na residência do Sr. Doul Pádua Sales, 4 de junho de 1912 — 3.^o Ipiranga, 7 de setembro de 1912.

Diogo Feijó (2 vols., 1912.

O monumento de Diogo Feijó — Sua história — Sua execução — Festas inaugurais. São Paulo, 1913.

História do Brasil, por João Armitage, edição brasileira integral, São Paulo, 1914.

Discurso proferido no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 28 de agosto de 1915.

Brasil Histórico — Estudos — Documentos — Reimpressões — Volume I — S. Paulo, 1916.

O Sorocabano Visconde de Pôrto Seguro São Paulo, 1916.

Novos Discursos — São Paulo, 1917.

Notas explicativas sobre a nomenclatura das ruas da cidade de São Paulo, 1918.

Necrológicos (1916-1918), São Paulo, 1918.

Quarto Centenário do Estreito de Magalhães — 1520-1920 (27 de novembro), São Paulo, 1921.

Necrológicos (1919-20), São Paulo, 1921.

Necrológicos (1921), São Paulo, 1922.

Cordialidade (Discurso), São Paulo, 1922.

Discurso — inauguração do monumento aos Andradas em Santos (7 de setembro de 1922), São Paulo, 1922.

Convenção de Itu, estudo, 1923.

Quadro Histórico da Província de São Paulo, pelo marechal D.P. Muller (reedição) São Paulo, 1923.

Quadriênio Presidencial do Dr. Washington Luís, São Paulo, 1924.

Organização do Estado de São Paulo, São Paulo, 1924.

Os Municípios Paulistas, 2 vols., S. Paulo, 1925.

Galeria dos Presidentes de São Paulo — 3 vols., São Paulo, 1926.

Impostos e Taxas de São Paulo, São Paulo, 1926.

Dicionário Geográfico do Estado de São Paulo, São Paulo, 1926.

Auxiliar Administrativo, São Paulo, 1930.

Anais da Assembléia Legislativa da Província de São Paulo, 1836-1865, (36 vols. dactilografados. Alguns já publicados), S. Paulo.

Estudos — Badaró — Japiáçu — Regências — São Paulo, 1932.

IV — SOUZA (Bernardino José de)

Nascido no Engenho Murta, município de Vila Cristina, Estado de Sergipe, a 8 de fevereiro de 1885. Filho de Otávio de Sousa Leite e de D. Filomena Maciel de Faria. Estudou humanidades no Colégio Carneiro Ribeiro sobre a orientação do grande educador baiano Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro. Matriculou-se na Faculdade de Direito da Bahia em março de 1900, formando-se em 8 de dezembro de 1904. Foi orador da sua turma na solenidade da colação de grau. Iniciou sua vida pública no magistério como professor de geografia no Ginásio Carneiro Ribeiro, 1905. Foi depois professor de Geografia e História no Instituto de Ciências e Letras, 1906; do Ginásio Ipiranga; do Educandário dos Perdões — Escola Normal Equiparada, 1911; do Colégio D. Pedro II; do Colégio Figueiredo, 1919; de História Universal no Colégio Alemão, 1910; de Geografia e História do Brasil no Liceu de Artes e Ofícios; lecionou ainda no Instituto Baiano de Ensino, 1929 e na Escola Remington Oficial, 1931. Prof. contratado do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1937, Prof. de Geografia da Escola Superior de Comércio do Rio de Janeiro, 1938.

Em 22 de setembro de 1915, foi nomeado Catedrático de História Universal do Ginásio da Bahia, Instituto Oficial, onde regeu também as cadeiras de Geografia, História do Brasil, Gramática Histórica, Literatura e Pedagogia.

Em 1908 fez concurso para substituto da 2.^a Seção da Faculdade de Direito da Bahia. Nomeado Catedrático de Direito Internacional Público, em 6 de abril de 1915, tendo regido as cadeiras de Economia Política e Finanças, Direito Constitucional, Direito Privado Inter-

nacional, Direito Civil, Direito Administrativo e Ciência da Administração.

Tendo sido nomeado Ministro do Tribunal de Contas, cargo que tomou posse em 1 de abril de 1937, deixou a Faculdade de Direito da Bahia, que em sessão da congregação de 27 de outubro do mesmo ano, conferiu-lhe o título de Professor Emérito e Benemérito, mandando colocar seu busto, em bronze, na entrada da Faculdade.

Deputado Federal em 2 legislaturas (1905-1906 e 1907-1908); Secretário Perpétuo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1911; Diretor do Ginásio da Bahia, para o qual foi nomeado em 30 de maio, tomou posse a 2 de junho e pediu demissão a 18 de outubro do mesmo ano de 1925; Diretor da Faculdade de Direito da Bahia, 1929, reeleito em 1930, 1931 e 1932, e por mais dois anos em 1933; Secretário do Interior, Justiça, Instrução, Saúde e Assistência Pública no governo da Interventoria do Dr. Artur Neiva, de 18 de fevereiro a 15 de agosto de 1931, quando o acompanhou em sua renúncia. Substituiu interinamente o seu colega da Agricultura, Indústria, Comércio, Viação e Obras Públicas durante o seu impedimento.

Inspecionou, em comissão, os exames do Ateneu Pedro II de Aracaju, Sergipe, 1926.

Nomeado Membro da Câmara de Reajustamento Econômico com sede no Rio de Janeiro por Decreto de 9 de março de 1934, foi eleito Presidente da mesma Câmara em 27 de junho de 1934.

Nomeado Ministro do Tribunal de Contas em 1937, despediu-se de seus colegas da Câmara de Reajustamento Econômico, que lhe conferiram o título de Presidente Honorário da Câmara.

Presidente do Tiro de Guerra 284, 1921.

Auditor de Guerra *ad-hoc* por designação do general Abílio de Noronha, 1921 e 1922.

Secretário da Comissão Censitária Municipal de Salvador, Bahia, no recenseamento de 1920.

Entrou para o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em 29 de abril de 1909, foi eleito Bibliotecário-arquivista em 14 de julho de 1912, 1.º secretário em 11 de maio de 1913 e considerado Secretário Perpétuo em 14 de março de 1917.

Ao lado de outros devotados ao progresso da Bahia, lançou a idéia da construção, por subscrição pública dos seguintes edifícios:

Reconstrução do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, situado na Praça 15 de Novembro (Terreiro de Jesus), que fôra des-

truído por incêndio em 14 de setembro de 1913 (1913-1914). O novo edifício foi inaugurado em 15 de novembro de 1914;

Pavilhão 2 de Julho, onde se guardam símbolos da Independência da Bahia, 1911; Inauguração em 2 de julho de 1918;

Construção da "Casa da Bahia", nova sede do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, à Avenida 7 de Setembro (1921-1928). Inauguração em 2 de julho de 1923;

Construção da nova sede da Faculdade de Direito da Bahia, iniciada em 1 de outubro de 1929 e inaugurada em abril de 1931.

Foi representante do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia no 1.º Congresso Brasileiro de Geografia no Rio de Janeiro em setembro de 1909.

Representante oficial do Estado da Bahia no 4.º Congresso Brasileiro de Geografia em Recife, em setembro de 1915.

Representante oficial do Estado da Bahia na 2.ª Conferência Nacional de Educação em Belo Horizonte, em novembro de 1928.

Presidente da Comissão Organizadora do 9.º Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em 1940 na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, e Presidente, por aclamação geral, do mesmo congresso.

Sócio Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Membro da Academia Carioca de Letras, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da qual foi 2.º vice-presidente; Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia na parte referente a Nomenclatura Geográfica, 1938; Vice-Presidente do Tribunal de Contas em 1941 e atual presidente desde 1 de fevereiro de 1942.

Sócio Honorário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; da Universidade de Manaus; do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia; da Associação dos Viajantes do Comércio da Bahia; Sócio Correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco; do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí; do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; do Instituto Histórico e Geográfico de Santos; do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará; do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; do Centro de Ciências e Letras e Artes de Campinas, São Paulo; da Academia Maranhense de Letras; da Academia Alagoana de Letras; do Gabinete de Estudos de Geografia e História da Paraíba, do Arquivo Público do Maranhão; Sócio do Instituto Histórico

de Ouro Preto; Membro da Academia de Letras da Bahia, desde a sua fundação, ocupando a cadeira do Visconde de S. Lourenço; Membro titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional.

É autor dos seguintes trabalhos:

Nomenclatura Geográfica Peculiar ao Brasil. Memória apresentada ao Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia realizado na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1909. Lit.-Tip. e Encad. Reis & Cia. Rua Dr. Manuel Vitorino n.º 3 e 25 — Bahia, 1910 (18 págs.).

Limites do Brasil. Opúsculo editado por Tristão & Pinto. Livraria Econômica — Bahia, 1911 (19 págs.).

Barão do Rio Branco. Elogio histórico pronunciado em sessão solene do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia em 3 de maio de 1912 — Lito-Tipografia Almeida. Rua dos Albigebes, 15 — Bahia, 1912 (19 págs.).

Geografia do Estado do Piauí. Mandada imprimir pela Intendência Municipal de Parnaíba — Tip. Bastos. Parnaíba — Piauí, 1913 (54 págs.).

Por Mares e Terras (Leituras Geográficas) com Prefácio do Dr. Teodoro Sampaio. Livraria Catilina de Romualdo dos Santos. Livreiro Editor. Rua Santos Dumont, 6, Bahia, 1913 (304 págs.).

A Ciência Geográfica — Seu conceito e suas divisões — Memória apresentada ao 3.º Congresso Brasileiro de Instrução reunido na Bahia, em 2 de julho de 1913 — Tip. de Cincinnati Melchides. Rua Lopes Cardoso, 69, Bahia, 1914 (20 págs.).

A Bahia. Conferência realizada em Recife, Estado de Pernambuco, em homenagem ao 4.º Congresso Brasileiro de Geografia em 13 de setembro de 1915. Imprensa Oficial do Estado. Bahia, 1916 (27 págs.).

Nomenclatura Geográfica Peculiar ao Brasil. 2.ª edição aumentada. Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1917 (35 págs.).

O Município de Abadia. Esboço Corográfico apresentado ao Primeiro Congresso de Intendentes da Bahia em março de 1921 — Imprensa Oficial do Estado. Bahia, 1922 (22 págs.).

Joana Angélica. A primeira heroína da Independência do Brasil. Na comemoração do Primeiro Centenário de seu Sacrifício. Imprensa Oficial do Estado. Bahia, 1922 (22 págs.).

Onomástica Geral da Geografia Brasileira. Com prefácio de Afrânio Peixoto. Seção Gráfica de Aprendiz Artífices da Bahia, 1927 (319 págs.).

A Bahia. Palestra sobre o Estado da Bahia realizada em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, em novembro de 1918. Imprensa Oficial do Estado. Bahia, 1928 (31 págs.). *Heroínas Baianas.* Joana Angélica, Maria Quitéria e Ana Nery. 151 págs. Liv. José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1936.

O Pau-Brasil na História Nacional. Edição Ilustrada da Editora Nacional. Vol. 162 da Brasileira com 267 págs. Com parecer de Oliveira Viana e um capítulo de Artur Neiva. 1939.

Dicionário da Terra e da Gente do Brasil. 4.ª Edição da “Onomástica Geral da Geografia Brasileira” — Editora Nacional S. Paulo — Vol. 164 da Brasileira.

Luís Barbalho (1601-1644). Edição da Agência das Colônias de Portugal, comemorativa do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal — Lisboa, 1940 — 64 páginas.

NOTA — Além desses trabalhos publicados em volume tem o Ministro Bernardino José de Sousa publicado vários trabalhos em revistas de vários Institutos Históricos e Geográficos do Brasil e em outras publicações periódicas de História, Geografia, Literatura e Direito.

Na qualidade de Secretário Geral do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, organizou e publicou os seus “Anais”, dois volumes com 1875 páginas, acompanhadas de fotografias, mapas e quadros (1917).

Como Presidente do Nono Congresso Brasileiro de Geografia e da Comissão de seus Anais, dirigiu a publicação de 5 volumes que somam o total de 3.309 páginas.

Como Secretário Perpétuo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e Diretor da Faculdade de Direito da Bahia, dirigiu a publicação de suas Revistas de 1914 a 1939 e de 1929 a 1934, respectivamente.

NO PRELO

Ciclo do Carro-de-Bois no Brasil. 1 volume de mais de 800 páginas, com centenas de fotografias, desenhos e mapas.

V — MELO (Mário Carneiro do Rêgo)

Nasceu na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, a 5 de fevereiro de 1884.

Filho do Dr. Manuel do Rêgo Melo e D. Maria da Conceição Carneiro de Melo.

Fêz o curso primário na cidade do Paudalho e o curso secundário no Colégio Salesiano do Recife e no Ginásio Pernambucano,

hoje Colégio Pernambucano. Realizou os estudos superiores na Faculdade de Direito de Recife, onde recebeu o grau de Bacharel em 1907.

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco. Funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos desde 1904; Diretor do Recenseamento Nacional, em Pernambuco (1940-1941; Técnico do Conselho Nacional de Geografia.

Membro da Associação de Imprensa de Pernambuco; da Ordem dos Advogados, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Pernambucana de Letras (secretário perpétuo); do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (secretário perpétuo); dos Institutos Históricos do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; das Sociedades de Geografia do Rio de Janeiro, de Lisboa, de Paris, de Lima (Peru) e da Argentina; da Academia de Belas Artes e Ciências Históricas de Toledo (Espanha); da Société Académique d'Histoire Internationale de Paris; do Instituto Heráldico Genealógico de São Paulo e de Pernambuco; da Sociedade Colombista Panamericana de Havana; da American Society of Heraldry, Califórnia; Vice-presidente do Conselho Administrativo do Estado de Pernambuco.

Possui a medalha de prata do Cinquentenário da Proclamação da República no Brasil.

Publicou as seguintes obras:

A Maçonaria no Brasil — Recife, 1909.

A Maçonaria e a Revolução de 1817 — Recife, 1912.

A Fazenda Modêlo — Recife, 1913.

As Academias Secretas de Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XVII, 1915.

Um Patriota de 1817 — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XVII, 1915.

Arquipélago de Fernando de Noronha — Recife, 1916.

O Padre Vieira e a Restauração Pernambucana — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XVIII, 1916.

Pau d'Alho (Geografia e História) — Recife, 1916.

O Canhão Histórico de Pau d'Alho — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XX, 1918.

A Imprensa Pernambucana — Recife, 1918.

Rios de Pernambuco — Recife, 1919.

Minerais de Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXI, 1919.

Ruas de Recife — Recife, 1920.

A Guerra dos Maribondos — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXII, 1920.

Oliveira Lima íntimo — Buenos Aires, 1920.

Terremotos em Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXII, 1920.

História da Loja Maçônica Seis de Março de 1817 — Recife, 1921.

Pernambuco e a Independência do Brasil — Revista do Instituto Arqueológico, volume XXIII, 1921.

O Recife — Corografia de Pernambuco — Recife, 1922.

A Bandeira de Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXIV, 1922.

Esboço da Literatura Pernambucana — Revista do Instituto Ciências e Letras, vol. II, 1922.

O Monte das Tabocas — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXV, 1923.

Um Miraquitã Pernambucano — Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas, vol. I, 1924.

O Suplício de Frei Caneca — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXVI, 1924.

Os Manuscritos do Instituto Arqueológico — Revista Instituto Arqueológico, vol. XXVII, 1925.

O Pitoresco da Revolução de 1824 — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXVII, 1925.

Origens de algumas Famílias Pernambucanas — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXVIII, 1927.

Exposições Pernambucanas — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXVIII, 1927.

O Brasão de Recife — Revista do Instituto Arqueológico, XXVIII, 1927.

Topônimos Pernambucanos — Revista do Instituto Arqueológico, vols. XXVIII, XXIX.

As Heroínas de Tejuco-papo — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXVIII, 1927.

A origem da máquina de escrever — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXVIII, 1927.

Arqueologia Pernambucana — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXIX, 1928.

A Igreja mais antiga do Brasil — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXIX, 1928.

Antiguidade do açúcar no Brasil — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXIX, 1928.

Limites Pernambuco-Paraíba — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXIX, 1928.

Os Carnijós das Águas Belas — S. Paulo, 1929.

A Ilha de Itamaracá — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXX, 1930.

A Casa da Moeda em Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXX, 1930.

A Torre Malakoff — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXX, 1930.

O Escudo de Armas de Jaboatão — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXX, 1930.

Os Pelourinhos de Recife — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXXI, 1931.

Toponímia Pernambucana — Recife, 1931.

Dentro da História — São Paulo, 1931.

Genealogia Municipal de Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXXII, 1932.

João Fernandes Vieira não era bastardo — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXII, 1932.

Genealogia Luso-Tupi — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXII, 1932.

A Família Carneiro da Cunha — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXII, 1932.

O Brasão de Duarte Coelho — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXII, 1932.

A República dos Palmares — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXII, 1932.

Frei Caneca — Recife, 1932.

A Cidade do Recife e sua evolução — Pôrto de Pernambuco, vol. I, 1933.

Aspectos da História — Recife, 1935.

A Primeira Feitoria de Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXIII, 1935.

Etnografia Pernambucana — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXIII, 1935.

Adornos Indígenas — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXIII, 1935.

O Primeiro Médico Brasileiro — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXIII, 1935.

A Origem Brasileira da Família Drummond — Revista do Instituto Arqueológico, vol. XXXIII, 1935.

O Forte dos Marcos — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, volume XXXIII, 1935.

Elementos de História do Brasil para o curso comercial — São Paulo, 1936.

Reminiscências da Revolução Federalista — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXV, 1938.

Um machado de Âncora dos Tapuias pernambucanos — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXV, 1938.

O Primeiro Vigário de Pernambuco — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXV, 1938.

Aspectos de Etnografia Brasileira — Recife, 1938.

Como vi Portugal — Recife, 1938.

A Guerra dos Mascates como afirmação nacionalista — Recife, 1941.

José de Barros Falcão de Lacerda — Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, vol. XXXVII, 1942.

Síntese Cronológica de Pernambuco — Recife, 1943.

Onomástica Pernambucana — Recife, 1944.

ECONOMIA E FINANÇAS DO BRASIL

— Por JOSÉ NASCIMENTO BRITO.

O Sr. Nascimento Brito, em livro a que se não pode negar o valor que tem incontestavelmente, historiou os empréstimos que se fizeram na Monarquia e na República. Como homem de finanças, que é, expôs e apreciou os dados históricos de que é um pesquisador de mérito.

Não há dúvida que no assunto em que é versado, o Sr. Nascimento Brito escreveu o que se ler. Mas transpondo-se o que êle tem escrito para o seio da História, quer dizer, pondo-se as suas afirmações em confronto com os verdadeiros motivos da formação dos povos, talvez elas mereçam comentário.

Escreveu Montesquieu que os nomes históricos talvez nada tenham feito de decisivo, porquanto a tendência da ocasião é que encaminha as nações no sentido que elas enveredam. Não é pois um César que faz a Roma imperial, é a própria Roma que tinha de ser o que foi. E a História descobre as razões disso.

O Sr. Nascimento Brito, fechando-se nos horizontes financeiros, ficou um pouco pessimista. E' preciso que espanquemos essa nuvem negra desses horizontes que êle tem tão largos diante da sua visão, a qual ninguém nega ser penetrante, haja em vista a documentação com que êle joga.

Diz êle que "sem sábia economia e sem boas finanças nenhuma nação progride, e a nossa, desde a sua emancipação, trabalhou muito, gastou de mais, e' sacou imprevidentemente sôbre o futuro, daí as frequentes crises e a atual de gravidade sem par".

Há pois umas idéias emitidas pelo escritor, que é amigo a quem muito estimo, que me levarão a conversar com êle. Primeiro: o destino dos povos não vem a ser ditado pelas suas finanças. E' a posição geográfica, as relações em que um país fica em relação aos outros, à circulação das riquezas no mundo (porque essa circulação é fenômeno universal), que faz as nações mudarem de condições da noite para o dia. Não me demoro em

exemplos para não melindrar povo nenhum, mesmo porque os citados seriam os poderosos que não convém estar aborrecendo.

Outra afirmação a considerar: Boas Finanças, boa política.

Sei que as más finanças pesam sôbre o povo a pagar pelos desmandos. Mas às vezes sem desmandos, há crises e há queda nas finanças de um país.

Não direi isso por exemplo em relação a uma Inglaterra que tem os negócios do mundo nas mãos, e que, assim mesmo, no dizer do Sr. Withers saca do Banco da Inglaterra para ficar a descoberto. Entretanto, com as guerras atravessadas por ela ultimamente, as suas finanças não se conservaram boas. A meu ver, êste é, muitas das vêzes, o caso do Brasil.

País de crises graves tendo que se manter com as nomenclaturas que lhe permitiram se desenvolver, para que delas não falemos mal, mas país sem conjunto próprio de atividades econômicas para se bastar a si mesmo e não sofrer os males que lhe vem de fora: eis o nosso caso.

Empréstimos feitos pelo Brasil, creio em que o foram quase todos para salvar-se o país de alguma das suas crises e as tivemos como todo povo ou todo homem que é remediado. Estas as nossas condições gerais.

O livro do Sr. Nascimento Brito é sobremaneira impressionante. Capaz de virar a cabeça de muita gente. Eu mesmo de mim digo que, terminada a sua leitura, tive de me firmar nos pés para não tontear de todo e ver que êste livro alarmante é para provocar um estudo meticoloso acêrca dos empréstimos que fizemos, e da situação em que estávamos para os fazermos.

Não éramos um país de vida intensa e grande desenvolvimento industrial, como o tiveram a Inglaterra e os Estados Unidos, para o dinheiro afluir dando curso a um impetuoso movimento de progresso. Mas, em todo caso, éramos nação acreditada, a quem não se fechavam as portas dos Bancos europeus.

Felicito o escritor pelo livro que escreveu. Sei das suas intenções patrióticas, sobremaneira respeitáveis. Mas sou dos que sempre procuram ressaltar o passado, porque na consciência que o povo tem do seu passado, está a convicção que ele tem no próprio sangue, e a confiança que ele conserva em si mesmo. Lendo as páginas tão vivas que o Sr. Nascimento Brito escreveu com muito mérito, precisei de retomar as minhas convicções. E' o que eu faço quando leio principalmente os que sabem escrever.

FEIJÓ BITTENCOURT

O padre Carlos Borromeu C. PP. S. e duas publicações suas: *Apostolado de um missionário do Preciosíssimo Sangue e Cura de Almas e Sacramento*:

O padre Carlos Borromeu C. PP. S. vigário paroquial em Barcarema, no Estado do Pará, trouxe ao Instituto Histórico duas publicações que merecem ficar mencionadas e arquivadas, como documento para os que cogitam das missões religiosas no Brasil. Esse documento é valioso porque nele afflora a cada passo a contacto directo com a terra, com o povo, pelo que se lê: "1.º de janeiro — assisti a um agonizante, vítima das mordeduras de um rato, na margem do Rio Acará. Há muito rato nestas paragens. São transmissores de doenças graves e provocadoras da Morte". Esta é pois a miséria física, a miséria de ordem material. Mas além dela, há a miséria moral, com que o missionário luta desolado. Não precisamos desesperar na cura de almas se encontrarmos muitos incorrigíveis".

A impressão que tem um missionário em um mundo assim, é a da morte, como que única a redimir naquele precário estado de coisas; e então é ver como o religioso insiste neste ponto:

— "Muitos têm de passar na escola da doença e da dor para compreender o valor imenso da sua alma... Administrei hoje sete Extrema-Unções em casas de pobres lavradores na margem de um igarapé seco".

— "Não posso contar as lágrimas nas horas de consolação para um agonizante".

— "Passamos o dia inteiro de cama. Administrei seis Extrema-Unções".

Quer dizer que a morte tem um sentido especial nessas desobrigas de um missionário, e as duas publicações do padre Carlos Borromeu que são muito variadas pelo que incluem, ora são o relatório dos feitos missionários

ou o diário de um missionário a trazer as suas impressões íntimas, ora as reflexões pessoais de uma alma religiosa, em que há trechos como estes, aliás compreendidos como —
Boas respostas:

— Não tenho religião, passo muito bem.

— O meu cachorro também é assim.

— Como poudes Jonas ficar três dias vivo no ventre da baleia?

— Há muitas pessoas que ficam vivas muito mais tempo, na pele de um imbecil.

— Só acredito no que compreendo.

— Então não acredita em coisa alguma.

Não é este trecho do padre Carlos Borromeu o mesmo que "Os 5 três", — em que na graça do título, o autor recolhe dizeres da sabedoria popular. A linguagem ali é outra que não é aqui. Ali, o sarcasmo. A sutileza. O imprevisto. A força com que se encontram reflexões de um missionário, que afinal de contas é um homem que tem de viver na sociedade moderna. Sei porque há força de expressão no que ele diz. Leu ele Nietzsche, porque se refere ao escritor. E' um homem culto, que escreve.

Não há nenhuma instituição mais atacada do que a confissão. O grande e afamado vigário e escritor Hansjacob escreveu: "Nada é mais desagradável no homem do que a confissão. E' o sacramento desconhecido, perseguido e caçado. A confissão é uma ordem de Deus, é um desejo da nossa razão, é uma exigência do nosso coração, é uma necessidade da nossa consciência na vida quotidiana e em favor da qual se encontram as melhores testemunhas".

"Eis o que diz o exilado de Santa Helena sobre a confissão: E' na verdade uma bela idéia, essa da remissão dos pecados... Ninguém pode dizer que não acredita nisso, e que jamais acreditará... Somente um louco poderá dizer que morrerá sem confissão. Há tanta coisa que não se sabe, que não se saberia exprimir"...

"No pecado há anarquia".

"Na confissão revela-se a consolação".

Penso eu que o escritor quisesse dizer: há a restauração da grande ordem a que deve o mundo voltar sempre.

No que escreve o padre Carlos Borromeu, há um vigor de linguagem actual. Ele fala para o seu tempo. E há nas suas palavras, uma reflexão que ele faz de si para si. E assim que ele diz com liberdade de expressão: "A dita desenrola-se diante do nosso ôlho espiritual; Rosalino, (sec. XI) Occam, Buridan, Lecke, Hume, Cohen (escola filosófica de Marburg), Naporp, Kinkel, Cassirer".

O espírito enérgico, que é o padre Carlos Borromeu, é então um colecionador de estatísticas a respeito da vida religiosa. E' um construtor de igrejas. Mas igrejas com uma biblioteca e escola ao lado. Faz o que é da tradição dos Jesuítas. E diz êle: "Já instalamos sete bibliotecas, registradas no Instituto Nacional do Livro. Faltam ainda mais 27 Bibliotecas para atender os pedidos dos últimos paroquianos e leitores.

E a respeito dos leitores diz o missionário.

— "18 setembro — Passamos a noite inteira na cama. Fiquei satisfeito com a nossa modesta Biblioteca Paroquial. O romance sobre o Sacerdote: "As chaves do Reino", impressionou muitos paroquianos, e o romance "Josefina", foi consolador para muitas almas jovens".

Não sei dizer que sejam as publicações do padre Carlos Borromeu. Impressionantes pelo que são espontâneas, e falam de quem as escreveu. Nelas faz êle o pedido de livros para as bibliotecas que organizou. Mas também informa a respeito da instrução infantil, falando de um concurso realizado nas escolas do município de Barcarema, em que, a respeito do tema — A casa do meu pai — há respostas como estas.

— "Meu pai não tem mais casa porque êle morreu. Minha mãe mora na casa do Digo"...

— "A casa do meu pai é uma grande barraca no agupé-Açu, o caminho para lá é longe".

Eis um teste realizado com êsses temas para as crianças escreverem. O que está escrito não é literatura. E' a criança brasileira que fala. E' uma expressão comovente do Brasil.

Prolonguei-me na apreciação dessas publicações do padre Carlos Borromeu, publicações talvez destinadas ao desaparecimento, mas que merecem registro e serem guardadas em arquivo.

FEIJÓ BITTENCOURT

HOMENS QUE ILUMINAM — por CRISTINO CASTELO BRANCO.

Não preciso dizer que o Sr. CRISTINO CASTELO BRANCO, autor de "Homens que iluminam...", fazendo história nas conferências que escreveu a respeito de Rui Barbosa, Pedro Lessa, Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, De Costa e Silva, Salvador e Lúcio de Mendonça, Tobias Barreto, Silvio Romero, Bilac, e Clóvis Bevilacqua, é principalmente um jurista, porque atinge, no que escreveu, aquilo que o Direito tem de mais alto, o senso histórico da vida jurídica de um povo.

Retratou êle a Rui Barbosa, como havia de retratar. Diz foi um homem que ilumina usando eu de expressão mais concreta para o que se afirmar, acrescento que Rui foi homem a dar forma real ao caráter do brasileiro. A paixão, o ímpeto de Rui, estão pois no que o Sr. CRISTINO CASTELO BRANCO disse de Rui Barbosa quando afirmou: "Na advocacia e na imprensa as duas profissões que amou sobre todas as outras, deu expressão ao seu temperamento..."

Concordando ou discordando de Rui político, ninguém lhe pode negar que êle foi um temperamento; e, com o temperamento que teve, Rui Barbosa revelou uma energia que cedo aponta solitária em uma mocidade toda especial, quase a se dirigir para o cláustro, em que divisamos a Rui, só, consigo, nas provações da doença: Rui foi aquêle que se preparou cedo na energia de viver. Discordar dele, é reconhecer o homem cuja vida enche uma época, se extravasa na política, na reação constante, na vontade de transformar homens, caracteres, o país, o povo. Esse ímpeto que precisou de criar uma linguagem, quase que bíblica na força de expressão, tem qualquer coisa da cólera, da veemência das palavras dos profetas.

Mas passando a Pedro Lessa, o Sr. Cristino Castelo Branco como que se encontra consigo. Tudo nele é explicar uma construção do passado em que o jurista compreende a estrutura por vêzes magistral e aliás obra de todo dia.

Pedro Lessa é, para o Sr. Castelo Branco, uma tradição que êle compreende como ninguém, e que êle vai encontrar no que conta:

— "Ramalho, autor da *Praxe Brasileira*, e que durante cerca de meio século ensinou teoria e prática do processo a milhares de estudantes da Faculdade de São Paulo, dizia-lhe com seu sotaque de velho paulista e com o seu especial e exagerado aprêço pelos auto-

res de livros: — “Dr. Pedro, é preciso escrever um livro; a advocacia é excelente meio de ganhar dinheiro; pode dar-nos mesmo muito dinheiro, e assim acontece não raras vezes, mas a consideração social, a verdadeira estima dos nossos semelhantes, o renome que fica, só do livro pode vir-nos.”

Estou de acôrdo com o que disse o mestre de tantas gerações. No livro é que se ajusta a mentalidade de quem escreve, é onde o homem sente-se a si mesmo completamente, e é onde completamente os outros o sentem para melhor compreender a quem admiram. Pedro Lessa (e acusa-o claramente o sr. Castelo Branco) foi o homem de um livro: *O Poder Judiciário*. Sente-se como o conferencista se refere a esta obra, no que disse de Pedro Lessa. De fato: Pedro Lessa se tornou precisamente o que era em um livro; tudo na sua vida concorreu para isso. O mesmo não direi de Rui: dá-me êsse polígrafo genial a idéia de que a sua vida é sempre um campo aberto de lutas. O que doutrinou, foi nêle luta. O que escreveu foi combate. A vida de Pedro Lessa se passou doutra maneira.

Com o conselho que lhe deu um erudito e grande escritor jurídico, Lessa procurou reunir, na sua vida, o que formasse um livro. Mostra o Sr. Castelo Branco que Pedro Lessa deu o primeiro balanço nas suas idéias, e, na apologia, que faz, do chamado século das luzes, assinala o mestre haver sido, na sua última metade, que filósofos como Spencer, Stuart, Mill, Shaffle, arrimados no método positivo aplicado por conta ao estudo de todas as ciências, inclusive as sociais, e jurisconsulto como Carle, D'Agüano, Cogliolo e outros ergueram a filosofia do Direito, isto é, a doutrina que investiga os princípios fundamentais dêste, à dignidade de ciência”.

Sim, é esta fase um epílogo na vida de Pedro Lessa, em que êle foi solicitado a compreender o ambiente universal em que lhe prodigavam os olhares, mas ainda não é Pedro Lessa.

Lembra o Sr. Castelo Branco que o Sr. Pedro Lessa via, no Direito, uma ciência e uma arte. Começa êle, no estudo da personalidade tão marcada, a compreender o que Lessa tinha como sendo arte, no Direito. “Mas o direito prático”, a arte (comenta) é indispensável a todos os juristas.

“Pensava (continua dizendo o Sr. Castelo Branco, de Pedro Lessa), acertadamente que ela (a arte) é que imprime, é que pode imprimir aos estudos jurídicos um cunho científico”. Direi eu que pela arte o jurista chega a criar estruturação social. E Pedro Lessa

representa no Brasil uma mudança de doutrina, de orientação política da jurisprudência, igual a que Marchall realizou nos Estados Unidos. O seu nome é assim de uma grande projeção nacional. A sua doutrina acêrca do *habeas corpus*, é uma prática jurídica de um alcance incalculável. E o seu livro a respeito do Poder Judiciário, êsse poder onde êle dominou, êsse poder a que êle deu feição, é que concretizou em um livro, cujo nome não é preciso repetir. Eis pois um livro, escreve o Sr. Castelo Branco, “notável, saído dos prelos quase clássico, como o disse Rui, no qual se comentam, com maestria, os dispositivos da carta de 24 de fevereiro referentes àquele dos três poderes políticos da República, e onde se ostenta, mais uma vez, a superioridade dos estudos jurídicos de Lessa”.

Estudos jurídicos que são o traço do gênio jurídico que produziu Lessa. O Sr. Castelo Branco diz tão claramente que êsse gênio vem a ser “a compreensão exata do fenômeno jurídico, complexo como é, em todo o seu desdobramento nos meandros da vida social”. No seio da vida social eu compreendo que êsse gênio jurídico seja uma paixão superior de justiça, de ordem social superior, paixão de que todos não são capazes, dizendo o Sr. Castelo Branco que êsses ficam “no terra-terra das formas tabelioas, nos textos lidos e mal compreendidos dos incapazes de se baterem e de se apaixonarem por um ideal de verdadeira justiça”.

Um vulto que aparece com as grandes qualidades excepcionais, precisava de quem lhe medisse a estatura, e é pois o que faz o Sr. Castelo Branco no grande retrato, que traça de Pedro Lessa.

Nós somos o que compreendemos, ou antes valem pelo que compreendemos. O que compreendemos nos define, nos dá expressão em face da humanidade. É o que podemos dizer do Sr. Castelo Branco, principalmente no analisar os seus outros estudos compilados.

Em Tobias Barreto se agrada do poeta. Falando de Bilac, medita a respeito do que é a vida de um poeta. Referindo-se a Sílvia Romero, mostra como é extensa a vida de um sociólogo através os assuntos que versa.

Pode ser que de outra maneira compreendam os vultos a que se refere o Sr. Castelo Branco; mas dizer eu que dessa maneira eu os compreenda, é ver eu neles o que estou dizendo, é receber com muito aprêço o trabalho do Sr. Castelo Branco que nos dá obra de historiador.

FEIJÓ BITTENCOURT.

SÉRGIO CORREIA DA COSTA — *A Diplomacia do Marechal* (Intervenção Estrangeira na Revolta da Armada). Prefácio de João Filipe Pereira. — Livraria Editora Zélio Valverde. Rio de Janeiro, 1946. 308 págs. Ilustrado.

Autor, já, de diversos trabalhos ligados à história da diplomacia luso-brasileira, mais um do mesmo gênero publicou, há pouco, o Sr. Sérgio Correia da Costa, valendo-se, principalmente, de arquivos públicos e particulares. *A Diplomacia do Marechal* (Intervenção Estrangeira na Revolta da Armada) é como se intitula a nova obra do jovem pesquisador, relativa a um dos mais agitados e menos conhecidos períodos do início da República.

As figuras, tão atrativas, de Floriano Peixoto e Saldanha da Gama, em suas relações com a revolta da esquadra, ocupam as duas primeiras partes do livro. Nelas, como na terceira, o problema da intervenção estrangeira durante o movimento revolucionário aparece constantemente apresentando sob novos aspectos, graças à ampla documentação de que se serviu o autor. Várias são, a propósito, as retificações contidas em *A Diplomacia do Marechal*, todas suficientemente comprovadas e fidedignas.

Dando maior autoridade ao magnífico ensaio, prefaciou-o, comentando-o devidamente, o Sr. João Filipe Pereira, último ministro de Floriano ainda vivo.

HÉLIO VIANNA

DAVID CARNEIRO — *História da Guerra Cisplatina*. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5.^a. Brasileira. Vol. 246. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1946. 284 págs. Ilustrado.

Faltava à nossa bibliografia uma obra de síntese sobre a campanha da Cisplatina, de que resultou a formação da República Oriental do Uruguai. Realizou-a, agora, o Sr. David Carneiro, diretor do notável museu histórico existente em Curitiba e devotado estudioso de nossos fastos militares.

A *História da Guerra Cisplatina*, incluída na conhecida coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, não pretende esgotar o assunto. Coordena, apenas, os dados esparsos em centenas de volumes escritos por autores brasileiros, argentinos, uruguaios e mesmo europeus, além de servir-se, também, da documentação oficial e particular guardada nos arquivos dos países interessados.

Divide-se o volume em três partes: a primeira é dedicada à rebelião da Cisplatina; a segunda à guerra entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, que visavam a incorporação do território uruguaio; a terceira à campanha naval; e a quarta, afinal, à paz e à questão dos falsos troféus exibidos em Buenos Aires como conquistados na luta.

Não omitindo alguns explicáveis insucessos das armas imperiais, o autor põe em justos termos tanto as nossas vitórias como as argentinas, tendo em vista rever os exageros que a respeito têm aparecido.

Alguns boletins e proclamações dos comandantes brasileiros, além de notas sobre o folclore e a bibliografia da campanha completam o volume, ilustrado com retratos e croquis.

HÉLIO VIANNA

CÔNEGO RAIMUNDO TRINDADE — *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana* — Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publicação n.º 13 — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1945. 380 págs. Ilustrado.

Comemorando o bicentenário da criação da diocese marianense, incluiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Educação e Saúde, entre as suas úteis *Publicações*, o volume intitulado *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*, cuja elaboração foi confiada à reconhecida competência do cônego Raimundo Trindade, atual diretor do Museu da Inconfidência, de Ouro Preto.

Interessa simultaneamente à evolução artística do Brasil e ao povoamento das Minas Gerais o trabalho do acatado mestre de nossa história eclesiástica. Porque muitos dos templos cuja fundação agora documentadamente se esclarece, são exatamente aqueles que contém as peças mais interessantes de nossa arte colonial. E é através da criação de freguesias que se verifica a considerável afluência de povoadores que se seguiu ao descobrimento das jazidas auríferas e diamantíferas nas terras montanhosas.

Comemorações desse gênero — documentos apresentados ou aproveitados por quem pode e sabe fazê-lo — constituem a melhor maneira de se marcar uma efeméride.

HÉLIO VIANNA

REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA.
Publicação do Instituto Genealógico Brasileiro. Redator-chefe: Salvador de Moya — Ano VII. 1.º semestre de 1946. N.º 13 — São Paulo. 1946. 364 págs. Ilustrada.

Mantendo em dia a publicação de seu órgão principal, a *Revista Genealógica Brasileira*, vem o Instituto Genealógico Brasileiro, com sede em São Paulo porém com filiais em todo o país, eficazmente contribuindo para a manutenção do interesse que atualmente se nota, entre nós, pelos estudos que constituem sua especialidade. Acrescenta-lhes, ainda, outros paralelos, tais como a biografia, a heráldica, e até mesmo mantém uma seção permanente, dedicada às coleções de *ex-libris*. Deve-se essa constância aos esforços de seus dirigentes e principais colaboradores, sobretudo à incansável atividade do redator-chefe da *Revista*, Cel. Salvador de Moya.

O décimo-terceiro número da *Revista Genealógica Brasileira*, correspondente ao primeiro semestre de 1946, contém trabalhos de real valor, entre os quais os seguintes: "Senador João Antônio Rodrigues de Carvalho", biografia, pelo Cel. Laurêncio Lago; "Carta de Brazão de Armas" (do Barão de Mauá), pelo Major Adolfo Dourado, do Pará; "Famílias da Diocese de Sobral" (Ceará), por Monseñhor Vicente Martins da Costa; "Genealogia da Família Sousa Leão", reprodução de antigo e raro folheto, publicado em 1881, de autoria do Dr. Manuel de Sousa Leão Rego Barros, e que muito merece ser continuado, como, há pouco, tentou, embora indiretamente, o Dr. Guilherme Auler, do Recife; trecho do prefácio ao *Livro Velho do Tombo da Bahia*, publicado pelo Mosteiro de São Bento da Cidade do Salvador, de autoria do historiador Sr. Wanderley Pinho; "Genealogia Fluminense", pelo Sr. Francisco Klors Werneck; "Achêgas a um Brasonário Paulista", eruditas notas histórico-genealógicas do Sr. F. A. Carvalho Franco e heráldicas do Sr. Roberto Thut; "*Ex-libris*", reprodução de interessante artigo do Príncipe Igor N. P. Dolgorukij; "Fichas pessoais (para os genealogistas)", pelo Sr. C. Fouquet; "A Família Cerqueira Leite", pelo Sr. Fausto Teixeira; "Furtado de Mendonça — Subsídios para a genealogia desta família", pelo Cônego Raimundo Trindade; "A Família Viotti", pelo Sr. Manuel Nogueira Viotti; "Subsídios genealógicos — Alencastro, Hutim e Leal", pelo Sr. João Francisco de Oliveira Godói, de Goiás; "Subsídios para a Genealogia Goiana — Família Sousa Rego", pelo Sr. Jarbas Jayme; "Notas para futuros linha-

gistas" (matogrossenses), pelo desembargador José de Mesquita; "O Bravo das Tijucas" (biografia do coronel Teodorico Gonçalves Guimarães, combatente de 1893-1894), pelo Sr. Adir Guimarães; "Eliezer dos Santos Saraiva (Traços biográficos)", pelo Sr. Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, de Santa Catarina; "Achêgos genealógicos aos titulares do Império", pelo Sr. Jorge Godofredo Felizardo, do Rio Grande do Sul; "Os primeiros povoadores da Barra do Ribeiro" (no mesmo Estado), pelo Sr. José de Araújo Fabrício; "Genealogia", reprodução de interessante artigo do Sr. Lellis Vieira; "Biografias femininas", pelo Cel. Salvador de Moya; "Porcelana de Titulares no Brasil (Período da Companhia das Índias)", pelo Sr. Eldino Fonseca Brancante; "Gens Lorenensis", continuação de minucioso trabalho do Dr. Gama Rodrigues; "Biografias de Sócios", pela Redação da *Revista*; "Peuenas Biografias" (de brasileiros ilustres), compiladas pela mesma; Noticiário do Instituto Genealógico Brasileiro, etc.

Várias colaborações estrangeiras, procedentes do México, Peru, Chile e Argentina enriqueceram o n.º 13 da *Revista Genealógica Brasileira*, que, como sempre, está abundantemente ilustrado.

HÉLIO VIANNA

RUI BARBOSA — *A Constituição de 1891*. Obras Completas de Rui Barbosa. Vol. XVII. 1890. Tomo I. Prefácio do professor Pedro Calmon. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro. Editora *A Noite*. 1946. 381 págs. Ilustrações e *fac-similes*.

Com grande oportunidade, exatamente na mesma ocasião em que se ultimava a elaboração da quinta Constituição Brasileira, publicou a Casa de Rui Barbosa, museu e biblioteca dedicados ao grande brasileiro, o volume XVII, tomo I, de 1890, das *Obras Completas* de seu patrono, contendo a matéria referente à *Constituição de 1891*.

Através do prefácio devido ao professor Pedro Calmon, do texto e dos *fac-similes* de originais guardados naquela Casa e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ficou exteiramente provado o quanto deve a primeira Constituição republicana federal do Brasil a Rui Barbosa. Sem ser o seu autor exclusivo, pois muito foi aproveitado do *Projeto* elaborado pela Comissão nomeada pelo Governo Provisório, bem como das emendas aprovadas pelo plenário, pode, com justiça, ser considerado o seu principal autor, tão marcantes são

os traços de sua personalidade, cultura e idéias, que soube imprimir ao estatuto de 24 de fevereiro.

Depois do erudito Prefácio e da inserção, cotejada, dos textos do *Projeto* e da Constituição definitiva, contém o tomo os discursos a propósito pronunciados por Rui Barbosa no Congresso Constituinte. Em apêndices aparecem suas emendas ao *Projeto*: o texto original, todo da mão de Rui, do que à Comissão apresentou o Governo Provisório; um discurso por ele feito a 13 de novembro de 1890, e, afinal, um artigo do Sr. Tobias Monteiro, em que é defendida aquela autoria de Rui Barbosa.

Com a primorosa publicação desse sexto tomo das *Obras Completas de Rui Barbosa*, agora a cargo da Editora *A Noite*, maiores encômios merece o Dr. Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa de Rui Barbosa, verdadeiro realizador desse empreendimento cultural que honra a nossa época.

HÉLIO VIANNA

ANAIIS DO MUSEU PAULISTA. Diretor: Affonso de E. Taunay. Tomo duodécimo. Comemorativo do primeiro cinquentenário da fundação do Museu — Universidade de São Paulo. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. 1945. 191, 293, 53, 51 e 23 págs. Ilustrado.

Como de costume em tantos volumes anteriores, também o tomo décimo-segundo dos *Anais do Museu Paulista* contém quase exclusivamente matéria de autoria do ilustre ex-diretor desse órgão da Universidade paulista — o Dr. Affonso de E. Taunay.

“Assuntos de três séculos coloniais” é a coletânea de seus artigos, traduções e ensaios históricos que abre o volume. Viajantes e cientistas, principalmente, aí se encontram comentados, ao lado de estudos como “As primeiras escolas do Brasil” e revelações como “Boatos sobre os inconfidentes mineiros”, curioso documento de 1790.

Viagens na Capitania das Minas Gerais” (1811-1821) constituem a parte maior do tomo, compreendendo resumos das excursões nesse período realizadas no território montanhês pelo alemão Eschwege, pelo austríaco Pohl e pelo inglês Caldecleugh.

Seguem-se a biografia de Augusto Carlos da Silva Teles (“Um paulista eminente e benemérito”), o noticiário da “Comemoração do cinquentenário da solene instituição do Museu Paulista no Palácio do Ipiranga” e a tradução,

pelo professor Dr. Alexandre Correia, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, comentada pelo Dr. Affonso de E. Taunay, de “Um cimélio do Museu Paulista”, isto é, de *De Saluberrima Potione Cahue, seu Café Nuncupata Discursus*, obra de Antônio Fausto Naironi, primeiro livro impresso da bibliografia cafeeira (1671).

HÉLIO VIANNA

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL. Diretor: Alcindo Sodré. Vol. IV. 1943. Petrópolis — Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. s.d. (1946). 292 páginas. Ilustrado.

A História do Brasil, notadamente a do período monárquico, bem como a Museologia Brasileira, acham-se fartamente representadas nas páginas dos quatro tomos já aparecidos do *Anuário do Museu Imperial*, de Petrópolis, dirigido pela competência sempre reconhecida do Dr. Alcindo Sodré.

O último, referente ao ano de 1943, inicia-se por escolhida colaboração. Do eminente historiador Sr. Rodolfo Garcia é um pequeno mas erudito trabalho bibliográfico sobre “Dom Pedro II e a língua Tupi”; do Sr. Levi Carneiro uma sólida conferência sobre “Rio-Branco e a sempre tão limpa e generosa política internacional do Brasil”; do falecido historiador Alberto Rangel um capítulo de seu último livro *A Educação do Príncipe*, relativo à preparação intelectual e política do segundo Imperador do Brasil; do Sr. Afrânio Peixoto um delicado “Brinde à Segunda Imperatriz do Brasil”, intitulado “Rosa Amélia”; do Sr. Guilherme Auler, jovem e autorizado historiador pernambucano, aparece a reedição, ampliada e comentada, de antigo estudo genealógico sobre a família Sousa Leão; do heraldista Sr. José Heitgen ilustradas “Achegas ao Armorial Brasileiro”, ricas de novidades.

Da parte propriamente de Museologia Histórica constam os trabalhos: “Louças Imperiais”, do Dr. Alcindo Sodré; “Vidros e Cristais”, da Sra. Fortunée Levy; “Contribuição para o Estudo da Ourivesaria no Brasil”, pela Srta. Haydée Di Tommaso Bastos, conservadora de Museu, como a anterior.

Na seção dedicada ao Arquivo do Museu Imperial, aparece, com uma nota do Sr. Lourenço Luís Lacombe, o texto do contrato do primeiro casamento de D. Pedro I com a Arquiduquesa d’Áustria Dona Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo-Lorena.

HÉLIO VIANNA

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ.
Diretor: Th. Pompeu Sobrinho. To-
mo LVIII. Ano LVIII. 1944. Edi-
tôra Instituto do Ceará. Fortaleza.
s.d. (1946). 272, LVII págs.

Mantém o mais que cincoentenário Insti-
tuto do Ceará, dignamente, a tradição de tra-
balho científico que lhe legaram seus funda-
dores, dentre os quais o sempre lembrado Ba-
rão de Studart.

Prova disto encontramos no tomo LVIII
de sua *Revista*, relativo ao ano de 1944. Aí
se continha a importante obra de autoria de
seu ilustre diretor e presidente da instituição,
Sr. Thomaz Pompeu Sobrinho, intitulada "Pro-
priedade histórica cearense". O longo terceiro capítu-
lo, dedicado à "costa do Ceará na carto-
grafia quinhentista", demonstra a erudição e o
alto espírito interpretativo que já têm sido
conhecidos naquele conterrâneo de Capis-
trano de Abreu.

Depois de outras colaborações, devidas aos
sócios Srs. Ábner C. L. de Vasconcelos, Júlio
de Abreu, Antônio Martins Filho e Dolor Bar-
bosa, e depois de alguns discursos de recepção
de novos sócios, encerra o volume, em anexo,
o "Índice geral da *Revista do Insti-
tuto do Ceará*", organizado pelo dedicado 2.º
secretário da associação, Sr. Raimundo Girão.

HÉLIO VIANNA

REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓ-
GICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PER-
NAMBUCANO. Diretor: Mário Melo.
Vol. XL. 1945. Pernambuco. Im-
prensa Oficial. 1946. 423 págs.

Contém matéria relativa à história nacio-
nal e regional, além da que se prende à ar-
queologia e à geografia, o quadragésimo volu-
me da *Revista do Instituto Arqueológico, His-
tórico e Geográfico Pernambucano*, relativo ao
ano de 1945.

Vários são os trabalhos, antes aparecidos
na imprensa do país, que aí mais duradoura-
mente se reproduzem. É o que acontece com
os artigos em que os Srs. Eládio dos Santos
Amorim e João Peretti tentaram repudiar a
hipótese sobre a autoria dos preciosos *Diálo-
gos das Grandezas do Brasil* sustentada por
Barão Capistrano de Abreu e pelo Sr. Rodolfo
Araújo.

Dentre os artigos originais salienta-se "O
Brasil no Brasil, antes das donatárias", do
Sr. Gil de Metódio Maranhão, que também
conseguiu a cópia, para a *Revista*, de curiosa
"Descrição das Capitanias do Brasil em 1545",
encontrada na Biblioteca Nacional do Rio de Ja-

neiro, graças a outra cópia, feita na Espanha
pelo falecido paleógrafo e etnólogo Rodolfo
Schuller.

Trabalhos de Affonso de E. Taunay, Bue-
no de Azevedo Filho, Carlos Xavier Pais Bar-
reto, Charles Lyon Chandler, Coelho da Sil-
veira, Duarte Leite, Francisco R. Clerot, Ge-
túlio César, Guilherme Araújo, João Neves
da Fontoura, Joel Presídio, José Aragão, Mário
Melo, Octavio Pinto, Pedro Moniz de Aragão,
Raja Gabaglia, Vicente Themudo Lessa e do
autor desta nota, também se encontram no
vol. XL da *Revista do Instituto Arqueológico,
Histórico e Geográfico Pernambucano*, diri-
gida pelo Sr. Mário Melo.

HÉLIO VIANNA

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS. ANO
II. Vol. II. (1945) — Redator-chefe:
Salomão de Vasconcelos. Diretor-Sec-
retário: Copérnico Pinto Coelho —
Belo Horizonte. Imprensa Oficial do
Estado de Minas Gerais. 1946. 293
páginas. Ilustrada.

O segundo volume da *Revista do Insti-
tuto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*,
relativo ao ano de 1945, contém matéria que
amplamente demonstra as atividades da asso-
ciação cultural mineira e dos respectivos só-
cios. Vasta é, em suas páginas, a parte con-
cedida às sessões especiais motivadas pelo ce-
ntenário do nascimento do Barão do Rio Branco,
pelo cinquentenário da fundação do Arquivo
Público Mineiro, e em homenagem a ilustres
membros do Instituto falecidos recentemente.

Na parte reservada às colaborações, salien-
tam-se as de autoria de Elmar G. Queiroga
("História do Arquivo Público Mineiro"),
João Dornas Filho, Salomão de Vasconcelos
("Bicentenário de Mariana", "Velhas Matri-
zes mineiras", "Origem e fundação do Saba-
rá"), Cônego R. Trindade, Copérnico Pinto
Coelho, Joaquim Martins Fagundes e outros.

HÉLIO VIANNA

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL.
N.º 101. I trimestre de 1946 — Porto
Alegre. Imprensa Oficial do Estado.
1946. 158 págs.

Entrando na segunda centena de seus to-
mos, continua a *Revista do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Sul* a publi-

car matéria de interesse da história e da geografia regional e nacional.

Assim, no tomo n.º 101, relativo ao primeiro trimestre de 1946, aparece, de início, com uma apresentação do padre Luís Gonzaga Jaeger, S.J., o trabalho intitulado "Aquidaban perante a História", referente ao episódio final da guerra com o Paraguai, de autoria do coronel Reinaldo Pereira da Câmara, neto do vencedor de Cerro Corá, o general Câmara, 2.º Visconde de Pelotas.

Continua-se, a seguir, a reedição da antiga *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro*, de 1861, quando a instituição era presidida pelo então Barão de Pôrto Alegre, outro grande general gaúcho de nossas guerras externas.

Ainda uma reedição mereceu figurar nas páginas da *Revista*: "Notas sobre o Rio Grande do Sul", contidas na *Síntese ou Dedução Cronológica dos fatos mais notáveis da História do Brasil*, do general José Inácio de Abreu e Lima, obra publicada em Pernambuco, em 1845.

Discursos do Sr. Gastão Hasslocher Mazeron (sobre Aquiles Pôrto Alegre) e do professor Dante de Laytano, recebendo novos sócios do Instituto, antecedem o estudo genealógico do capitão H.O. Wiederspahn relativo aos "descendentes do vicentista Pedro Leme que foram povoar a sesmaria onde se ergueria Pôrto Alegre".

HÉLIO VIANNA

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO. Diretor Jordão Emerenciano. 1.º Semestre. Secretaria do Interior e Justiça. Recife. Imprensa Oficial. 1946. 31 páginas.

A criação do Arquivo Público Estadual de Pernambuco veio possibilitar, recentemente, a retomada da publicação dos *Documentos do Arquivo*, antes iniciada pela Secretaria do Governo, ao mesmo tempo que dá começo a uma revista histórica digna dos foros culturais do Estado nordestino. Confiada a sua direção a Sr. Jordão Emerenciano, jovem historiador que se distingue pela seriedade da obra já realizada, muito podemos esperar da *Revista do Arquivo Público*, cujo primeiro número está presente.

Além da legislação e noticiário referente à repartição há pouco reformada, contém esse volume a continuação da correspondência do governo pernambucano com os do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Baía, durante o ano de 1819. Reflexos da revolução de 1817, providências administrativas, dados úteis à respectiva história econômica aí se encontram em grande número suscetíveis de aproveitamento pelos historiadores do curto mas interessante período do Brasil Reino.

HÉLIO VIANNA

LIVROS RECEBIDOS

Em abril de 1946

Regimento do Departamento de Administração — Ministério da Viação e Obras Públicas — Rio de Janeiro — 1946.

Documentos Históricos — Cartas Régias 1681-1690 — Volume LXVIII — Portarias 1720-1721, volumes LXX e LXIX — Ministério da Educação e Saúde — Tipografia Batista de Sousa — Rio — 1945.

Humanidades — Volumes 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8 — Jornal do Comércio — Rio de Janeiro — 1939.

Tipografia Estética — Por Ernani Correia — Oficinas Gráficas da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1945.

I Congresso Brasileiro de Engenharia e Indústria (Programa) — Gráficos Block — Rio.

Historia de la Nacion Argentina — Desde los origenes hasta la organizacion definitiva em 1862 — Ricardo Levene — Imprenta de la Universidad — Buenos Aires — 1946.

Cartas do Brigadeiro José da Silva Paes para Martinho Mendonça de P. Pina — Governador de Minas Gerais (1735-1738).

Museus para o Povo — Um Estudo sobre Museus Americanos — Publicação do Museu da Bahia — Por José Valadares — Publicações do Museu da Bahia — Bahia — 1946.

Extensão Cultural dos Museus — Por Edgar Sussekind Mendonça — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.

Programa do Ensino Secundário — Folhetos 19, 20 e 23 — Ministério da Educação e Saúde — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.

Notas para a História da Vila de Pati de Alferees Compilada — Por Frei Aurélio Stulzer — Lito Tipo Guanabara Limitada — Rio — 1944.

Cursos e Conferências (Serviço de Comunicações do Ministério da Educação e Saúde — Imprensa Nacional — Rio — 1946.

Total Amerindia — Coleção Brasileira de Divulgação do Ministério da Educação e Saúde — Por Heitor Marçal — Imprensa Nacional — Rio — 1946.

Enrique B. Moreno — Um Gran Diplomático Argentino — Por Fermin V. Arenas Luque — Editorial "La Facultad" — Buenos Aires — 1945.

Problemas Brasileiros — Por Ari Machado Guimarães — Jornal do Comércio — Rio de Janeiro — 1946.

Cervantes y el Quijote — José de Armas y Cordenas — Por José Maria Chacony Calvo — P. Fernandes y Cia. — La Habana — 1945.

Perfil de un Estadista da República — Antônio Carlos Vilaça — Estabelecimento Gráfico Muniz — Rio de Janeiro — 1945.

Exame Pré-Nupcial — Publicação do Ministério da Educação e Saúde — Marialzira Perestrelo — Gráfica Barbedo — Rio — 1944.

Etnografia de los Indios Guaraunos (3.^a conferencia Interamericana de Agricultura — Por Monsenhor Fray Angel Turrado Moreno — Litografia e Tipografia Vargas — Caracas — 1945.

Divisão Territorial do Brasil — Quadro da divisão administrativa regional decretada, nos termos da lei número 311, de 2 de março de 1938, para vigorar de 44 a 48 — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Serviço Gráfico do I. B. G. E. — Rio de Janeiro — 1945.

Palestra proferida pelo Major Omar Emir Chaves na sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico do Pará em 6-3-945 (Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará).

The National Archives of Latin America — Edited for the joint committee on Latin American Studies of the National Research Council of Learned Societies and the social Science Research Council by Roscoe R. Hill.

Em maio de 1946

Histórico da Construção do Hipódromo Brasileiro — 1920-1926 — Por Mário de Azevedo Ribeiro — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1944.

Hidráulica Agrícola — Cadernos de Ressurgimento Nacional — Edições do S.N.I. — Portugal — 1945.

Palmáceas do Brasil — Por Cláudio Cecil Poland — Estabelecimento de Artes Gráficas C. Mendes Júnior — Rio — 1945.

Obras Completas de Rui Barbosa — Volume XI tomo 1 — 1884 — Discursos Parlamentares — Emancipação dos Escravos — Imprensa Oficial do Estado de São Paulo — 1943.

A Liberdade dos Povos — Conferência realizada no 2.º Batalhão da Força Pública em 14 de julho de 1915 pelo Tenente Salvador de Mota — Imprensa da Força Pública de São Paulo — São Paulo — 1943.

Cidade de Fortaleza (Filmagem Histórica) por Raimundo Girão — Departamento Est. de Imprensa e Propaganda — Fortaleza — Ceará — 1945.

A Cerâmica da Tribo Uaboi dos Rio Trombetas e Jamundá — Publicação número 89 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios — João Barbosa de Faria — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.

Expedição ao Rio Branco — Publicação número 90 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios — Capitão Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1945.

Exploração e levantamento dos rios Amari e Machadinho — Publicação n.º 48 anexo n.º 2 do Conselho de Proteção aos Índios — Imprensa Nacional — 1945.

A Comissão Rondon e o Museu Nacional — Conferência realizada pelo Professor Alípio de Miranda Ribeiro — 2.ª edição mandada executar pelo C. N. P. I. em 1945 — Rio de Janeiro — 1945.

Himenópteros — Enumeração dos Espécimes coligidos pela Comissão e Revisão das Espécies de Abelhas do Brasil — 2.ª edição autorizada pelo C.N.P.I. por Adolfo Ducke — Rio de Janeiro — 1945.

Economia Rural Brasileira — Parte 1.ª produção mineral — Volume 1.º Mineração, por Itagiba Barçante — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.

Bibliografia Numismática Brasileira — Por Álvaro de Sales Oliveira — Tipografia Ideal Irmãos Canton — São Paulo — 1946.

Os Problemas da Pesca no Brasil — O que eu vi na Comissão Executiva de Pesca —

Por Frederico Vilar — Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil — Rio de Janeiro — 1945.

Cronica de la Escuela de Estudios Hispánicos de la Universidad de Sevilla — 1945. — Talleres de Imprensa Lit. I.G.A.S.A. — Sevilla — 1945.

Resoluciones sobre documentos de la Guerra de la Independência relacionadas com Sa Martin, Bolivar y Sucre — Advertência de Ricardo Levene — Presidente de la Academia Nacional de la História — Talleres Gráficos Didot — Buenos Aires — 1945.

Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral (Separata do Jornal Médico).

Primeiros aldeamentos na Bahia — Joseph de Anchieta — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.

Programas do Ensino Secundário números 30, 31, 28 e 28 — Ministério da Educação e Saúde — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1945.

Os nossos interesses de Nação (Discurso na Reunião das Comissões dirigentes da União Nacional em 23-2-1946 — Edição do S. N. I. — Lisboa — 1946).

Primeiros acordes (Poesias) por Ione G. Veloso — I.N.P. — Curitiba — 1945.

Monografia de Rio Bonito — Por ocasião do primeiro centenário pelo professor Roberto Pereira dos Santos — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.

Duas Epígrafes Latinas — Estudo Filológico e Histórico pelo Professor Francisco Isoldo — Elvino Pocai — São Paulo — 1945.

Notas sobre os trocamos — Carlos Drummond de Andrade — Empresa Gráfica Revista dos Tribunaes — São Paulo — 1946.

O Poeta suíço Salomão Gessner em Portugal (Notas Bibliográficas) por Henrique de Campos Ferreira Lima — Coimbra Editora Limitada — Coimbra — 1946.

O Conde Palatino Antônio Jacinto Xavier Cabral — Calígrafo e Gravador Henrique de Campos Ferreira Lima — Gráfica Coimbra Ltda. — Coimbra — 1946.

A Paz Mundial e a Organização das Nações Unidas — Por Hildebrando Acioli — Industrial Gráfica Siqueira — São Paulo — 1946.

Bibliografia da História do Brasil — 1.º Semestre de 1945 — Ministério das Relações Exteriores — 1945.

- ções Exteriores — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.
- Bibliografia de Varnhagen* — Com. de Estudo dos Textos da História do Brasil — Por Armando Ortega Fontes — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1945.
- Princípios de Papel* — Grandes Periodistas Cubanos — Por José Martí — Por A. Fernandes y Cia. — La Habana — 1945.
- Programas do Ensino Secundário* — Programas de Latim dos cursos ginasial e clássico do Ministério da Educação e Saúde — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- Grande Sacramento* (Carta Pastoral) sobre o Matrimônio Cristão — Por Dom F. de Aquino Correia S.S. — Gráfica da Escola Salesiana — São Paulo — 1945.
- Problemas de Base no Brasil* — I.B.G.E. — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Financial Problems Arising from changes in School District Boundaries* Neil Ford Garvey — University of Illinois — Illinois — 1946.
- História Politico-Territorial de los Estados Lara y Jaracuy* — Por Ambrósio Pereira — C. A. Artes Gráficas Scra — Caracas — 1946.
- Revolução de 93 nos Estados de Santa Catarina e Paraná (Memórias)* — Pelo General José Cândido da Silva Murici — Companhia Americana — Rio.
- Vitor Meireles — sua vida e sua obra* — Carlos Rubens — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1945.
-
- Em junho de 1946**
- Audillos Entrerrianos* — Lopez Jordan por Aníbal S. Vasquez — Talleres de la S. A. Casa Jacobo Peuser — Rosário — 1940.
- José de Anchieta* (Coleção Brasileira de Divulgação — Série I — Biografia n.º 2) — Quirício Caxa — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.
- Dados Bio-Bibliográficos até 1945* — Por Romário Martins — Seção Gráfica da Editora Guaira Limitada — Curitiba — 1945.
- El Archivo de Indias* — Por José Torre Revello — Publicação do Museu de Entre Ríos — Paraná — Argentina — 1939.
- Estudios de la História de Entre Ríos* — Tomo II — Dr. Mariano G. Calvanto — Imprenta de la Provincia de Entre Ríos — Paraná — Argentina — 1940.
- El Primer poeta Criolo del Rio de La Plata, 1788-1822* — Martiniano Leguizamón — Nueva Impresora — Paraná — 1944.
- Disertacion pronunciada* — Por S. E. El Sr. Ministro de Relaciones Exteriores y Culto, em homenagem al Ex. Presidente de los Estados Unidos de America, D. Franklin D. Roosevelt con motivo de cumplirse el Primer Aniversário de su falecimiento — Buenos Aires — 1946.
- Seleção de pessoal: seus objetivos e seus problemas* — Por Murilo Braga — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1945.
- Caxias e a Feb por Damião Mendonça de Santana* — Livraria Regina Ltda. — Aracaju — 1945.
- A Luta pela Liberdade nas Américas* — Por Olímpio Guilherme — Livraria José Olímpio Editora — Rio de Janeiro — 1945.
- Urbanismo e Indústria em São Paulo* — Por Henrique Dumont Villares — Gráfica da Revista dos Tribunais — São Paulo — 1946.
- La República Argentina ante El "Libro Azul"* — Graf, de la Penitenciaria Nacional — Buenos Aires — 1946.
- A Província do Brasil (1585)* — Joseph de Anchieta — S. D. do Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — 1946.
- Primeiro Congresso Nacional de Educação* — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.
- Cursos e Conferências* (Serviço de Documentação do M.E. e S. (ns. 12 e 14 — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.
- Programas do Ensino Secundário* — M.E.S. — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1946.
- Junta de Vigilância e Disposição final da Propriedade inimiga* (Conferência por José Manuel de Ilano — 1946.
- Memória del Ministerio de Hacienda, Justicia e Instrucción Publica* (1940-1941) — Imprenta de la Provincia — Paraná — 1940 e 1941.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Em abril de 1946

Boletim Informativo del Ministerio das Relaciones Exteriores, diciembre de 1945. Rio de Janeiro.

A Biblioteca, vol. 2, ns. 11 e 12, novembro e dezembro de 1945. Rio de Janeiro.

Revista do Serviço Público, ano IX, vol. 1, n.º 2, fevereiro de 1946. Rio.

The National Geographic Magazine, march 1946. Washington.

Arquivo José Martí, ano V, enero-junio 1945, n.º 1, Habana.

The Geographical Journal, vol. CVI, ns. 1 e 2, july-august, 1945. London.

Catalogo General de Libros Zig-Zag, 1945. Rio de Janeiro.

Lista Diplomática, março de 1946. Rio de Janeiro.

News Bulletin, january 1, n.º 4, twenty-first vol. New York.

Reference Books. London.

Argentina Brasil, ano 1, n.º 2, febrero de 1946. Buenos Aires.

Correio de Uberlândia, ns. 1.851, 1.857 e 1.877, 22 de fevereiro, 1 de março e 29 de março de 1946. Minas Gerais.

Borda do Campo, n.º 646, 17 de fevereiro de 1946, ano IX. São Paulo.

A Informação, ns. 216, 218, 222, 223 e 226 respectivamente de 20, 22, 27, 27, 28 e 31 de março de 1946, ano XIV. Rio de Janeiro.

A Defesa Nacional, n.º 381, fevereiro de 1946, ano XXXIII. Rio de Janeiro.

Lista Diplomática, agosto de 1945. Rio de Janeiro.

Science Digest, april 1945, vol. 19, number 4. Chicago.

Boletim da União Panamericana, fevereiro de 1946, vol. XLVIII, n.º 2. Washington.

Bulletin of The New York Public Library, february 1946, vol. 50, number 2. N. Y.

The Mc. Graw Hill Book Company-Inc.

Boletim Indigenista, vol. 5, n.º 4, diciembre de 1946. México.

Revista das Academias de Letras, n.º 59, setembro e outubro de 1945. Rio de Janeiro.

A grã Bretanha de Hoje, n.º 94, setembro de 1945. Dondres.

Orientacion, marzo de 1946. Uruguai.

Boletín del Archivo General de La Nación, n.º 129, julio-agosto de 1945, setiembre y octubre, n.º 130. Venezuela.

Revista Roraria, febrero de 1946, tomo XXV, n.º 2. Chicago.

Boletín de Historia y Antigüedades, ns. 3 y 370, volumen XXXII, julio-agosto 1946. Bogotá.

Engenharia, março de 1946, n.º 43, ano I, vol. LV., São Paulo.

Boletim Bibliográfico Mexicano, 30 de novembro de 1945, ns. 71 e 72, ano VI, México.

Boletim da Superintendência dos Serviços Café, ano XX, n.º 223, setembro de 1946. Rio de Janeiro.

Correio de Uberlândia, ns. 1.862, 1.863, 1.826, 1.871, 1.880 e 1.876, respectivamente de 11, 12, 22 e 28 de março, 24 de abril, e 24 de janeiro de 1946, ano IX. Minas.

A Informação, ns. 227, 228, 229, 231, 234, 330 respectivamente de 2, 3, 4, 5, 6, e 11, 12 de abril de 1946, ano XIV. Rio de Janeiro.

Vozes de Petrópolis, janeiro e fevereiro de 1946, vol. 4, fasc. 1. Petrópolis.

A Informação, ns. 232 e 236 respectivamente de 7 e 12 de abril de 1946, ano XIV. Rio de Janeiro.

Boletim do Instituto Brasil Estados Unidos, ano IV, n.º 34, abril de 1946. Rio.

Boletim Informativo (Clube de Engenharia), ano IV, n.º 33, janeiro de 1946. Rio.

A Defesa Nacional, março de 1946, n.º 380, ano XXXIII. Rio de Janeiro.

Salubridad y Asistencia, n.º 11, tomo IV, setiembre y octubre de 1945. México.

Revista Duperial do Brasil, janeiro-fevereiro de 1946, n.º 29. Rio de Janeiro.

A Catalogue of Rare And Choice Books, number 247.

América Indígena, vol. VI, n.º 1, enero de 1946. México.

Catalogue of Canadiana and Americana.

Biologia Médica, ano VIII, vol. 31, n.º 3, outubro de 1945. Niterói.

International Conciliation, february de 1946, n.º 418.

Fôlhas Avulsas, ano II, n.º 2, março de 1946.

O Livro Americano (Índice de autores) 1946, tomo VIII, ns. 11 e 12 novembro-deze

- bro, janeiro de 1946, n.º 1, tomo IX, Washington.
- Revista Rotaria*, março de 1946, tomo XXVI, n.º 3, Chicago.
- Revista da Engenharia*, ano IV, n.º 44, abril de 1946. São Paulo.
- The American Society Legion of Honor Magazine*, Spring 1946, number 1, vol. 17. New York.
- Revista da América*, 1946 (Publicação preparada para a comemoração anual do dia Panamericano, 14 de abril. Washington.
- Correio de Uberlândia*, n.º 1.878, de 30 de março de 1946, ano IX. Minas Gerais.
- Boletim Indigenista*, n.º 4, vol. V, diciembre de 1946. México.
- Revista da Educação*, ano X, vol. IX, fascículo II, n.º 54, fevereiro de 1946. Recife.
- Boletim Bibliográfico Argentino*, diciembre-enero de 1946, ns. 17 e 18. B. Aires.
- Revista da Guarda*, n.º 12, ano 4.
- Catalogue*, n.º 676, Books of All Ages on Varied Subjects.
- Bulletin of The New York Public Library*, vol. 50, number 3, march 1946. New York.
- Revista Mensal das Observações Meteorológicas feitas nas postas da Colônia*, ano XII, abril a junho de 1945, ns. 4 e 6. Lourenço Marques.
- Revista da Rodovia*, ano IX, março de 1946, n.º 74.
- Revista Nacional de Cultura*, n.º 53, novembro-diciembre de 1945, ano VII. Venezuela.
- Revista da Companhia* (7.º Anuário eclesiástico da diocese) 1945-1946. Sul de Minas.
- Revista de los Escritores*, n.º 3, ano XX, agosto, diciembre de 1945. Habana.
- Boletim de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística*, marzo-abril de 1946, tomo LXI, n.º 2, México.
- Correio Paulistano*, n.º 274604, ano XCII, de 24 de março de 1946. São Paulo.
- Revista da Manhã*, n.º 6.725, ano XXI, 1.º de março de 1946. São Paulo.
- Revista do Açambique*, n.º 44, dezembro de 1945, Lourenço Marques.
- Revista del Banco de la Republica*, enero de 1946, n.º 119, vol. XIX. Colombia.
- Revista de la Tierra y Pueblo*, enero-febrero de 1945, ano II, n.º 1.
- Revista do Campo*, ns. 653 e 654 de 7 e 14 de abril de 1946, ano XV. São Paulo.
- Fôlha do Povo*, ano XII, n.º 2.881, de 18 de abril de 1946. São Paulo.
- Correio de Uberlândia*, ns. 1.891 e 1.892 e 1.889 respectivamente de 12, 15 e 16 de abril de 1946, ano XI. Minas Gerais.
- O Puritano*, n.º 1.872, de 10 de abril de 1946, ano 47. Rio de Janeiro.
- Catalogo-Selección de Juicios Criticos acerca de las obras de Rodolfo Baron Castro*.
- O Livro Americano*, tomo IX, n.º 2, fevereiro de 1946. Washington.
- Boletim da Superintendência dos Serviços de Café*, ano XX, outubro de 1945, n.º 224. São Paulo.
- Nação Brasileira*, n.º 271, ano XXIV, março de 1945. Rio de Janeiro.
- Book News*, vol. 1, number 2, february 1946. U.S.A.
- A Informação*, ns. 237, 238, 239 e 240 respectivamente de 13, 14, 15, 16 e 17 de abril de 1946, ano XIV. Rio de Janeiro.
- Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*, n.º 135, ano XII, novembro de 1945. Rio de Janeiro.

Em maio de 1946

- O Puritano*, 25 de abril de 1946, n.º 1.873, ano 47, Rio de Janeiro.
- Correio de Uberlândia*, 23, 26 e 27 de abril de 1946, ns. 1.896, 1.899 e 1.900, ano IX. Minas Gerais.
- Britânia*, Janeiro, outubro, novembro e Dezembro de 1945 e 1946, ns. 4, 5, 6 e 7, vol. II. Rio de Janeiro.
- Books News*, february de 1946, number 2 vol. I. New York.
- Boletim do Ministério da Agricultura*, fevereiro, julho e setembro de 1944, ns. 2, 7 e 9, ano 33. Rio de Janeiro.
- Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, tomos 42 e 43, fascículos 1 e 3, ano 1945.
- The Geographical Review*, vol. XXXV, 1945. New York.
- Legislação do Ministério da Educação e Saúde*, março de 1944. Rio de Janeiro.
- Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 15.º volume, 1945. Lisboa.
- Endeavour*, vol. IV, n.º 16, outubro. Londres.
- Riquezas de Nossa Terra*, n.º 21, maio-junho de 1945. Rio de Janeiro.
- A Informação*, ns. 249, 250 e 252, de 30 de abril, 1 e 4 de maio de 1946, ano XIV. Rio de Janeiro.

- Annual Report of the Board of The Smithsonian Institution*, 1944. United States. Government Printing Office. Washington. 1945.
- Annual Report of the American Historical Association*, 1944. United States. Government Printing Office, Washington. 1945. Vols. I, II, III.
- Museu Nacional de Belas Artes*, folheto número 22. Rio de Janeiro.
- Sociedade de Geografia de Lisboa* (Boletim) Janeiro-fevereiro de 1941, 59.^a série, números 1 e 2, março e abril de 1941, 59.^a série, ns. 3 e 4; maio e junho de 1941, 59.^a série, números 5 e 6; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro; 60.^a série, ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12; 1943, janeiro e fevereiro ns. 1 e 2; março e abril, ns. 3 e 4; maio, junho julho e agosto, ns. 5, 6, 7 e 8 de setembro a dezembro ns. 9, 10, 11 e 12; 61.^a série; 1944, janeiro e fevereiro, ns. 1 e 2; 62.^a série; 1940, dezembro, 58.^a série, ns. 11 e 12. Lisboa.
- Salubridad-y-Asistencia*, novembre y diciembre de 1945, n.º 12, tomo IV.
- Boletim da União Panamericana*, março de 1946, vol. XLVIII, n.º 3. Washington.
- Boletim do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros*, vol. XIV, trabalhos de 1937, publicado em outubro de 1938. Rio de Janeiro.
- Boletim da Academia Nacional de Medicina*, ano 114.º, n.º 1, julho de 1942.
- The Geographical Review*, vol. XXXV, 1945, New York.
- El Economista*, Febrero de 1946, tomo XIII, ano 8, n.º 152. México.
- Sinopese Estatística do Território do Acre*, n.º 4, do Estado do Pará e do Amazonas. Rio de Janeiro.
- The Inter American*, April de 1946, n.º 4, volume V. Washington.
- Revista do Museu Nacional*, agosto de 1945, n.º 4, ano II. Rio de Janeiro.
- Arquivos do Museu Nacional*, vol. XL.
- Revista do Clube de Engenharia*, n.º 115, março de 1946, vol. XIV. Rio de Janeiro.
- Boletim do Museu Nacional* (Zoologia) números 55, 56, 57, 58, respectivamente de 14, 15, 16 de fevereiro e 20 de março de 1946, e (Geologia) de 24 de Janeiro de 1946, n.º 6. Rio de Janeiro.
- Catálogo da Seção de Mineralogia*, do Museu "Júlio de Castilhos" (História Natural) 1945. Rio Grande do Sul.
- Anais do Ministério da Educação e Saúde*, junho de 1945. Rio de Janeiro.
- Correio de Uberlândia*, 3 de maio de 1946, número 1904, ano IX. Minas Gerais.
- A Informação*, 5 de maio de 1946, n.º 1, ano XIV. Rio de Janeiro.
- Boletim de Informacion*, 16 de abril de 1946, Embajada de Espanaen. Rio de Janeiro.
- O Terraceamento e a Tração Animal no Cerrado à Erosão*, por Mário Borgomonte. São Paulo.
- Correio de Uberlândia*, 22 de abril de 1946, n.º 1.895, ano IX. Minas.
- Revista do Serviço Público*, ano IX, vol. 1, n.º 3 março de 1946. Rio de Janeiro.
- A Catalogue of Books and Periodicales*. Aérosul, março de 1946, n.º 13, ano 3. de Janeiro.
- Boletim de la Academia Chilena de la Historia*, segundo semestre de 1945, n.º 1, ano XII. Santiago de Chile.
- O Livro Americano*, tomo IX, n.º 4, abril de 1946. Washington.
- Boletim Municipal*, vol, VIII, n.º 22, ano 1, outubro a dezembro de 1945. Pôrto Alegre.
- A Lâmpada*, n.º 50, ano XVI, março de 1946. Paraná.
- Boletim do Clube Naval*, n.º 104, 4.º trimestre de 1945, ano XXV. Rio de Janeiro.
- A Grã Bretanha de Hoje*, outubro e novembro de 1945, ns. 95 e 96. Londres.
- A Defesa Nacional*, abril de 1946, n.º 1, ano XXXIII. Rio de Janeiro.
- Bulletin of The New York Public Library*, abril 1946, n.º 4, vol. 50 N. Y.
- Boletín de la Academia Nacional de la Historia*, julio-setiembre de 1945. n.º 1, tomo XXVIII. Venezuela.
- Boletín de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística*, marzo-ab de 1946, número 2, tomo LXI. México.
- Letra y Pueblo*, enero-febrero de 1945 n.º 1, año II. México.
- Summa Brasiliensis Biologie*, fasc. 3, ano 1, março de 1946, vol. 1. Rio.
- Voyages and Travels*, vol. 3, part 1, catalogue n.º 751, London. W

- Boletín Bibliográfico Mexicano*, 31 de enero de 1946, n.º 73, ano VII, México.
- Boletín del Centro Larense*, n.º XVI, año IV, cuarte trimestre, octubre-noviembre diciembre 1945. Venezuela.
- Boletim do Instituto Brasil Estados Unidos*, ano IV, n.º 35, maio de 1946. Rio de Janeiro.
- The Geographical Journal*, vol. CVI, ns. 3 e 4, sept. oct. 1945. London.
- Arquive de Direiro Militar*, ano IV, setembro de 1945, n. 2. Rio de Janeiro.
- Boletim da União Panamericana*, abril de 1946, vol. XLVIII, n.º 4, Washington.
- Anais da Academia Brasileira de Ciências* 31 de março de 1946, n.º 1, tomo XVIII. Rio de Janeiro.
- Geologia e Metalurgia*, boletim n.º 2, fevereiro de 1946. São Paulo.
- Engenharia*, maio de 1946, n.º 45, ano IV, volume IV. São Paulo.
- Correio de Uberlândia*, n.º 1.910, 11 de maio de 1946, ano IX. Minas Gerais.
- Revista del Ateneo Paraguai*, n.º 9, ano 3. Paraguai.
- O Livro Americano*, n.º 3, tomo IX, março de 1946. Washington.
- O Puritano*, 10 de maio de 1946, n.º 1.874, ano 47. Rio de Janeiro.
- Revista Numismática*, ns. 1 e 4, ano XIII, 1945. São Paulo.
- Vozes de Petrópolis*, março-abril de 1946, volume 4, fasc. 2, Petrópolis.
- Boletín de Informacion*, n.º 13, 17 de mayo de 1946. Embajada de España. Rio.
- Boletim do Trabalho, Indústria e Comércio*, dezembro de 1945, ano XII, n.º 136. Rio de Janeiro.
- Nação Brasileiro*, maio de 1946, n.º 273, ano XXIV. Rio de Janeiro.
- Britânia*, fevereiro de 1946, vol. II, n.º 8. Rio de Janeiro.
- Boletín de Informacion*, 15 e 23 de mayo de 1946, ns. 12 e 13. Embajada de España. Rio de Janeiro.
- Boletim Indigenista*, vol. VI, n.º 1, marzo de 1946. México.
- The National Geographic Magazine*, number five, vol. LXXXIX, may 1946. Washington.
- Educacion*, n.º 40, diciembre 1945, enero 1946, ano 6. Caracas.
- Revista do Serviço Público*, ano IX, vol. II, n.º 1, abril 1946. Rio de Janeiro.
- Revista da Faculdade de Letras*, tomo XI, 2.ª série, ns. 1 e 2. Lisboa.
- Revista Numismática*, ano XIII, ns. 1 e 4. 1945. São Paulo.
- Voluntad*, enero-febrero 1946, n.º 49, segunda época. Bogotá.
- Correio de Uberlândia*, 15 de maio de 1946, n.º 1.913, ano IX. Minas.
- Universidad de Chile*, (Anales de 1.ª) números 53 e 54, ano CII, 4.ª série, 1.º e 2.º trimestre de 1944. Chile de Santiago.
- Revue pour l'étude des Calamités*, tomo VIII, n.º 23, juillet-décembre 1945. Genève.
- Informaciones Argentinas*, ns. 8 e 12, agosto e dezembro de 1945. Buenos Aires.
- Correio de Uberlândia*, 20 de maio, 1 e 3 de junho de 1946, ns. 1.916, 1.926 e 1.927, ano IX. Minas Gearis.
- Ocidente*, abril e maio de 1946, ns. 96 e 97, vol. XXIX. Lisboa.
- Moçambique*, julho, agosto e setembro de 1945, n.º 43. Lourenço Marques.
- Boletim da União Panamericana*, maio de 1946, vol. XLVII, n.º 5. Washington.
- Boletín Informativo del Ministério das Relaciones Exteriores*, enero de 1946. Santiago de Chile.
- Boletín dela Academia Nacional de Historia*, julis-diciembre de 1945, n.º 66, volume XXV. Quito.

Em junho de 1946

- Boletín informativo*, noviembre-diciembre de 1945, ano I, n.º 6, Chile.
- Revista Genealógica Brasileira*, 1.º semestre de 1946, n.º 13, ano VII. São Paulo.
- Arquivos de Angola*, 2.ª série, vol. 2, ns. 9 e 10, janeiro e abril de 1946.
- Douro Litoral*, 2.ª série IV, Pôrto.
- Lista Diplomática*, maio de 1946.
- A Grã Bretanha de Hoje*, outubro e novembro de 1945, ns. 95 e 96. Rio de Janeiro.

Science Digest, june 1946, vol. 19, number 6. Chicago.

Boletim do Conselho Federal de Comércio Exterior, ano IX, n.º 3, março de 1946. Rio de Janeiro.

Bolatin Informativ, n.º 11, 3 de maio de 1946. Embajada de España. Rio.

Quarterly Journal (The Library of Congress) vol. 3, february 1946, n.º 2.

Revista Duperial do Brasil, março-abril de 1946, n.º 30. São Paulo.

Revista del Banco de la Republica, marzo de 1945, n.º 209, vol. XVIII. Colômbia.

State Geological Survey, Report of Investigations, ns. 109 e 110. Urbana.

El Impulser Bibliográfico, año 7.º, 28 de febrero de 1946, n.º 1. México.

The Artur H. Clark Company.

Boletim Informativo, n.º 15, 29 de maio de 1946. Embajada de España. Rio.

State Geological Survey, bulletin n.º 69. Urbana.

The Catolic Historical Review, n.º 1, april 1946, vol. XXXII. Washington.

Boletín de la Sociedad Geográfica de la Paz, diciembre de 1945, n.º 68, año LVI. Bolivia.

Ordem Econômica e Social, vol. 6, n.º 1, abril de 1946 e vol. 5, n.º 3, fevereiro de 1946. São Paulo.

Boletín Bibliográfico Argentino, diciembre-enero de 1944, ns. 17 e 18 de Buenos Aires.

El Agricultor Venezolano, diciembre e enero de 1945-1946, n.º 112, ano 10. Venezuela.

Aérosul, abril de 1946, n.º 14, ano III.

Afroamerica, enero y julio de 1945, vol. 1, ns. 1 e 2. México.

Correio de Uberlândia, 27, 29 e 31 de maio de 1946, e 8 de junho, ns. 1.922, 1.924, 1.925 e 1.932, ano IX. Minas.

Nação Brasileira, maio de 1946, n.º 273, ano XXIV. Rio de Janeiro.

O Puritano, 25 de maio de 1946, n.º 1.875, ano 47. Rio de Janeiro.

Belgique Amerique Latine, nouvelle série número 7, de 20 de abril de 1945. Bruxelles.

Revista del Banco de la Republica, marzo de 1946, n.º 221, volumen XIX, com um boletim de marzo de 1945, n.º 15. Bogotá.

O Livro Americano, maio de 1946, n.º 5, tomo IX.

Lecturas, marzo de 1946, n.º 4, segunda época. Santiago de Chile.

Revista de Imigração e Colonização, ns. 1, 2 e 3 de março, maio e setembro de 1945. Rio de Janeiro.

Boletim Geográfico, junho e julho de 1945, ns. 27 e 28, ano III. Rio de Janeiro.

Revista Brasileira de Geografia, abril-junho de 1945, n.º 2, ano VII. Rio.

Geographical Review, april de 1946, number 2, vol. XXXVI. New York.

Boletim Geográfico, agosto e setembro de 1945, ns. 29 e 30, ano III. Rio de Janeiro.

Revista de Arqueologia e Etnologia, enero de 1946, año I, segunda época. La Habana.

Boletim da União Panamericana, maio de 1946, n.º 5, vol. XLVIII. Washington.

Letras del Ecuador, diciembre de 1945, n.º 9, año I. Quito.

The Catolic Historical Review, april de 1946, n.º 1. vol. XXXII. Washington.

Digesto Econômico, maio de 1946, ano II, n.º 18. São Paulo.

The United States Quarterly Book List, march 1946, number 1, vol. 2. Washington.

Boletim Especial de Informacion, 10 de junho de 1946. Embajada de España. Rio de Janeiro.

Bulletin of The New York Public Library, may 1946, number 5, vol. 50. New York.

Stoehert's Periodica 1946. Catalogue n.º 163. New York.

Correio de Uberlândia, n.º 1.928, 4 de junho de 1946, ano IX. Minas.

Em Guarda, n.º 12, ano 4. Rio de Janeiro.

Boletim da Superintendência dos Serviços de Café, novembro de 1945, n.º 225, ano XX. Rio de Janeiro.

The United States Quarterly Books List, number 1, vol. 2, março de 1946. Washington.

Revista Nacional de Cultura, enero-febrero de 1946, n.º 54, ano VII. Venezuela.

Boletín de la Academia Nacional de la Historia, julio-diciembre de 1945, n.º 66, volume XXV. Quito.

Revista de História de América, n.º 20, diciembre de 1945, com um indice. México.

Boletín Bibliográfico, año XVIII, diciembre de 1945, ns. 3-4. Lima.

Revista Histórica, año XXXVIII (2.ª época), tomo XV, diciembre de 1944, ns. 43 e 45. Montevideú.

Índice de la Revista de História da América, ns. 19 e 20, junho e diciembre de 1945.

Science Digest, december 1945, vol. 18, number 6.

Anais do Arquivo da Marinha, dezembro de 1945, n.º 8, ano IV. Rio de Janeiro.

Digesto Econômico, abril de 1946, n.º 17, ano I. São Paulo.

Britânia, fevereiro de 1946, n.º 8, vol. II. Rio de Janeiro.

MEDALHA RIO BRANCO

Em virtude do Decreto-lei n.º 7.547, de 14-5-1945, foram conferidas condecorações "Rio Branco" (medalha de prata), por ato de 1 de dezembro de 1945 da Secretaria de Estado das Relações Exteriores, aos seguintes sócios do Instituto Histórico que cooperaram para a celebração do Centenário do ex-Chanceler do Brasil: Embaixador J. C. de Macedo Soares; Ministro Tavares de Lira, 1.º Vice-Presidente; Dr. Alfredo Nascimento, 2.º Vice-Presidente; Dr. Wanderley Pinho, 3.º Vice-Presidente; Dr. Virgílio Corrêa Filho, 1.º Secretário; Dr. Feijó Bittencourt, 2.º Secretário; Dr. Pedro Calmon, orador oficial e Comandante Radler de Aquino, Tesoureiro; Dr. Cláudio Ganns, Diretor da Revista e Sta. Maria Carolina Max Fleiuss, secretária do presidente.

Igualmente foram agraciados pelo Itamarati, com a mesma condecoração, os sócios Srs. General Sousa Docca, Aurélio Pôrto (falecidos) e Hildebrando Acioli, Rodolfo Garcia e Alcindo Sodré, por serviços diretamente prestados na edição das "Obras completas" do Barão do Rio Branco ou outras valiosas contribuições para o centenário do saudoso Chanceler brasileiro.

TRANSFERÊNCIA

Com o falecimento do Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, sócio efetivo do Instituto, tendo passado a residir no Rio, o sócio correspondente Artur César Ferreira Reis, requereu este, conforme permitem os Estatutos, a sua transferência desta última classe para aquela.

O pedido foi deferido pelo Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto, em data de 5 de abril último.

PROPOSTA DE SÓCIOS

Acham-se entregues na secretaria do Instituto Histórico, devidamente assinadas pelo número regulamentar de sócios, as propostas para sócios efetivos dos Srs. Renato Almeida, com data de 8-XII-44; Lisias Rodrigues, com data de 26-12-44; L. Oliveira Belo, com data de 6-6-45; Paranhos Antunes, com data

de 18-8-45; Afonso Costa, com data de 22-10-45; F. A. Raja Gabaglia, com data de 22-11-45 e Haroldo Valadão, com data de 17-12-45.

Encontram-se igualmente na Secretaria, devidamente subscritas, propostas para sócios correspondentes, dos Srs. Osvaldo Cabral, de Santa Catarina, com data de 21-5-45; J. P. Leite Cordeiro, de São Paulo, com data de 18-12-45; Renato de Mendonça, atualmente no Pôrto e Ataliba Nogueira, de São Paulo, com data, ambas, de 13-4-46; e para sócio honorário, a proposta de Frei Basílio Rower, com data de 2-2-46.

Tôdas essas propostas ficam aguardando vaga, nas respectivas classes, para o correspondente encaminhamento.

SÓCIOS FALECIDOS

No correr do 2.º trimestre de 1946 o Instituto teve o desprazer de ver, de novo, as suas fileiras desfalcadas com o desaparecimento de dois ilustres sócios: D. Domingos Amunategui Solar, falecido em 4-5-46 e Doutor Álvaro de Sales Oliveira, morto em 19-5-46.

I. D. Domingos Amunategui Solar, sócio correspondente do Instituto falecido em Santiago, era historiador completo e notável homem público. Foi um dos fundadores da "Sociedad Chilena de História y Geografía", criada em 1911, com o objetivo de fomentar os estudos e publicações relativas à história do seu país natal, a cuja frente se conservou até 1917. Em 1935 sucedeu a Agustin Edwards na presidência dessa importante instituição cultural — aí permanecendo até 1938.

Colaborador assíduo da "Revista Chilena de História y Geografía" deixa ainda inúmeros e importantes trabalhos em livros, dentre os quais se destacam: "História do Chile" (em 2 volumes edição didática) "A Sociedad de Santiago no século XVII", "Personagens da Colônia", "Recordações biográficas".

Foi proposto para sócio correspondente do Instituto em 7-10-1938, em documento assinado pelos Srs. Max Fleiuss, Feijó Bittencourt, Afonso de Taunay, Carlos Carneiro, Sousa Docca, Leão Teixeira Filho e Rodrigo Otávio Filho. A proposta encarecia os seus

ritos, notadamente: "Las letras chilenas", "La emancipación de hispano-américa", "Los ceres de la independencia de Chile", "Los omiendas de indígenas en Chile" (2 volumes).

Teve parecer favorável da respectiva comissão de história, datado de 10-10-38, da qual relator o Sr. H. Canabarro Reichardt, e subscrito pelos Srs. Max Fleiuss e Basílio Magalhães.

O parecer da comissão de admissão de sócios está datado de 25-5-939 e traz as assinaturas, além do relator Sr. Braz do Amaral, as dos Srs. Tavares de Lyra e Epitácio Pessoa.

Foram ambos aprovados pela assembléia em 31-5-1939 sendo nessa data, em consequência eleito e proclamado sócio do Instituto.

Além de historiador culto — D. Dominus Amunategui Solar era advogado e professor universitário, tendo exercido no seus outros cargos de relêvo, tanto políticos como administrativos, Ministro da Justiça e Instrução Pública, Ministro do Interior, Reitor da Universidade do Chile durante vários annos, até à sua jubilação. Faleceu aos 80 annos de idade, nascido como era em 1860.

II. Dr. Álvaro Sales de Oliveira.

Este illustre engenheiro paulista, industrial e numismata, dedicou-se por estudos especialização de matéria econômica, financeira e numismática. Colecionador infatigável, possuidor de uns dos mais ricos acervos medalhísticos do Brasil, em exemplos raros, tanto em cobre, como em ouro e prata, abrangendo todos os períodos da história do país; a Colômbia, o 1.º Reinado, a Regência, o 2.º Reinado e a República (desde 1695 até os nossos dias), o Doutor Álvaro Sales, espírito curioso e investigador, enveredou pelos estudos históricos da numismática. Fundou em São Paulo, com outros dedicados companheiros a "Sociedade Numismática Brasileira" da qual foi presidente desde 1933, e em cujo órgão técnico, a excelente "Revista de Numismática", dirigida pelo nosso consócio Dr. Afonso Taunay, publicou suas eruditas monografias, no campo da numismática, como sejam: "Bibliographia numismática brasileira" (1945), "Contribuição à enciclopédia de legislação numismática brasileira" (1936), "Ensaio de um dicionário numismático brasileiro" (1936) e "Um tratado de moedas raras do Brasil" (1933-34). Divulgou ainda, na Revista do Instituto Histórico de São Paulo — "A proeza do ouro no Brasil" (1939).

Incentivou e promoveu o 1.º Congresso Brasileiro de Numismática, realizado com êxito em São Paulo em 1936. Na publicação dos respectivos "Anais" (2 volumes 1937-1940) appareceram outras importantes contribuições de Álvaro Sales de Oliveira: "Moedas de ouro luso-brasileiras" e "Moedas do sistema nacional português".

A sua proposta para sócio correspondente do Instituto foi apresentada em 15-4-1936 colhendo as assinaturas dos Srs. Manuel Cícero, Max Fleiuss, Leão Teixeira, Nélson de Sena, Virgílio Corrêa Filho, Sousa Docca, Alexandre Somier e Levi Carneiro.

A sua entrada foi justificada pelo trabalho, já então em paciente elaboração: "A Moeda do Brasil", de que publicára excertos, conforme se lê do parecer da comissão de história, datado de 25-6-1936, assinado pelos Srs. Max Fleiuss (relator) e subscrito pelos Srs. Sousa Docca, Hélio Lôbo e Basílio Magalhães. A Comissão de admissão de sócios em data de 26-11-36, relator Sr. Manuel Cícero, e mais os Srs. Tavares de Lira e Ramiz Galvão também opinou pela sua admissão.

Lidos e aprovados os ditos pareceres em 4-12-1936, foi então o Sr. Álvaro Sales de Oliveira eleito e proclamado sócio correspondente do Instituto. Além da valiosíssima coleção numismática acima alludida, obra de acendrado labor, em muitos annos de pesquisa, apesar da cegueira que lhe atormentou os últimos annos de vida útil, deixou ainda o Doutor Álvaro Sales de Oliveira, pronto para o prelo, com prefácio de Afonso de Taunay, o seu esplêndido estudo sobre as "Moedas do Brasil", que será editado em São Paulo, em 4 volumes, acompanhados de inúmeras e preciosas gravuras.

O Dr. Álvaro Sales de Oliveira que nasceu em São Paulo, a 22 de fevereiro de 1893, ali faleceu em 19 de maio último.

COLABORAÇÃO

O presente número reúne vária colaboração tanto de sócios, como de outras figuras nacionais.

Entre a dêsses illustres brasileiros — é de se assinalar a dos Srs. Afonso Costa, culto polígrafo baiano, José Honório Rodrigues, estudioso vice-diretor da Biblioteca Nacional, e Clado Ribeiro de Lessa, brilhante biógrafo de Varnhagen, cuja edição em livro agora ultima, quase todos elles já propostos para sócios do Instituto.

CONFERÊNCIAS

No 2.º trimestre do ano, a tribuna do Instituto foi abrilhantada com diversas comemorações: a 15 de abril, celebrando o “Dia Panamericano”, que ocorrera na véspera (domingo), falou o Gal. Leitão de Carvalho, sócio honorário; a 20 de maio, celebrando o Centenário do falecimento de Januário da Cunha Barbosa, 1.º Secretário do Instituto e do poeta Dutra e Melo, falou o sócio efetivo Sr. Vieira Souto; a 28 de junho, festejando o centenário natalício do barão de Ramiz Galvão, ocorrido em 16-6-1946 — celebraram a efemérides os Srs. J. C. de Macedo Soares, Alfredo Valadão, Braz do Amaral, Alcindo Sodré e Pedro Calmon.

Algumas dessas valiosas contribuições saem no presente número da “Revista”; demais editar-se-ão no próximo.

TERTÚLIA

A 27 de maio, continuando a série de palestras promovidas, entre os sócios, na sala Varnhagen, o Sr. Rodolfo Garcia sócio bemérito, entreteu os seus pares com erudita comunicação sobre “As Órfãs da Rainha” as primeiras mães de famílias bahianas, videntes: brasileiras.

Na sua documentada dissertação o illustre conferencista fez oralmente referências ao trabalho do Sr. Afonso Costa, publicado no “Jornal do Comercio” e reeditado no número anterior desta “Revista”.

ESTATÍSTICA DO INSTITUTO

2.º Trimestre:

	Abril	Maio	Junho	Total
Obras oferecidas	22	41	32	95
Revistas nacionais e estrangeiras	72	65	80	217
Catálogos recebidos	5	4	—	9
Mapas consultados	15	42	42	99

ARQUIVO

Documentos consultados	195	931	141	1.267
Museu — Visitantes	31	22	18	71

SALA PÚBLICA DE LEITURA

Consultas	492	695	720	1.907
Jornais e revistas	158	67	1.238	1.463

SECRETARIA

Offícios, cartas e telegramas recebidos	138	270	220	628
Offícios, cartas e telegramas expedidos	180	380	347	907

EXPEDIENTE

Os originais de trabalhos destinados à publicação na “Revista” devem vir dactilografados; e toda a correspondência relativa à colaboração, bem como a referente ao serviço de

assinaturas, permutas, etc., deve ser dirigida à sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como o seguinte endereço: “Revista” rua Augusto Severo n.º 4 — 1.º andar Lapa — Rio de Janeiro”.

ÍNDICE DO VOL. 191

	Págs.
TRABALHOS ORIGINAIS	
1 — <i>Genealogia baiana</i> — por Afonso Costa.....	3
2 — <i>Significação cultural da História</i> — por José Honório Rodrigues.....	280
II CONFERÊNCIAS	
3 — <i>Dia-Panamericano</i> — pelo Gal. E. Leitão de Carvalho	285
III DISCURSOS	
4 — <i>Ramiz Galvão no Instituto Histórico</i> — por J. C. de Macedo Soares	294
5 — Palavras do Ministro Alfredo Valadão	295
6 — Oração do Prof. Braz do Amaral	296
7 — <i>O aio dos príncipes</i> — por Alcindo Sodrê	300
8 — Palavras do Dr. Pedro Calmon	302
V PALESTRAS	
9 — <i>Viagens de instrução de guardas-marinhas</i> — pelo Comandante Carlos Carneiro	303
VII TRANSCRIÇÕES	
10 — <i>As bibliotecas brasileiras dos tempos colonias</i> — por Clado Ribeiro de Lessa	339
VI BIO-BIBLIOGRAFIA	
11 — <i>Os socios do Instituto</i> — por Maria Carolina Max-Fleius	346
a) Julio Dantas	
b) Mendes Correia	
c) Eugenio Egas	
d) Bernardino de Souza	
e) Mario Mello	
VII CRÍTICA DE LETRAS	
12 — <i>Notas</i> — de Feijó Bitencourt	354
13 — <i>Notas</i> — de Helio Vianna	358
VIII PUBLICAÇÕES	
	363
X NOTICIÁRIO	
	372

1947

IMPrensa NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL